



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/PPGL - PPGL

KEYLE SAMARA FERREIRA DE SOUZA

**ALBA VALDEZ: A PALAVRA DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA LITERATURA
E DA IMPRENSA CEARENSE**

JOÃO PESSOA – PB

2019

KEYLE SAMARA FERREIRA DE SOUZA

**ALBA VALDEZ: A PALAVRA DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA LITERATURA
E DA IMPRENSA CEARENSE**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL – da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Doutor em Letras, sob a orientação da professora doutora **Socorro de Fátima Pacífico Barbosa**.

Área de concentração: Literatura, Cultura e Tradução

Linha de Pesquisa: Estudos Literários da Idade Média ao século XIX

JOÃO PESSOA – PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729a Souza, Keyle Samara Ferreira de.

Alba Valdez: a palavra das mulheres na história da
Literatura e da Imprensa no Ceará / Keyle Samara
Ferreira de Souza. - João Pessoa, 2019.

427f. : il.

Orientação: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Mulheres escritoras do século XIX e XX. 2. Alba
Valdez. 3. Literatura e Imprensa feminina no Ceará. I.
Barbosa, Socorro de Fátima Pacífico. II. Título.

UFPB/CCHLA

**ALBA VALDEZ: A PALAVRA DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA LITERATURA
E DA IMPRENSA CEARENSE**

Keyle Samara Ferreira de Souza

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Doutor em Letras, na área de concentração em Literatura, Cultura e Tradução

Tese de Doutorado avaliada em: 30/04/2019

BANCA EXAMINADORA

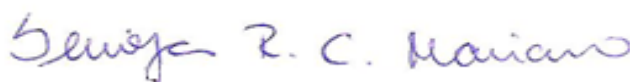


Profª. Drª. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
Universidade Federal da Paraíba
Orientadora



Profª. Drª. Ana Claudia Félix Gualberto
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora

Profª. Drª. Algemira de Macêdo Mendes
Universidade Estadual do Piauí
Examinadora



Profª. Drª. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora



Profª. Drª. Virna Lúcia Cunha de Farias
Instituto Federal da Paraíba
Examinadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ATA DE DEFESA DE TESE DE DOUTORADO DO(A) ALUNO(A)
KEYLE SAMARA FERREIRA DE SOUZA

Aos trinta dias do mês de abril do ano de dois mil e dezenove, às quatorze horas, realizou-se na Sala 404B, do CCHLA, a sessão pública de defesa de Tese intitulada: “ALBA VALDEZ: A PALAVRA DAS MULHERES NA HISTORIA DA LITERATURA E DA IMPRENSA CEARENSE”, apresentada pelo(a) aluno(a) **Keyle Samara Ferreira de Souza**, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de DOUTOR EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento da Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(a) professor(a) Doutor(a) Socorro de Fátima Pacifico Barbosa (PPGL/UFPB), na qualidade de Orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os Professores Doutores Ana Claudia Felix Gualberto (PPGL/UFPB) (UFPB), Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano (UFPB), Algemira de Macedo Mendes (UESPI), Virna Lúcia Cunha de Farias (IFPI). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente Socorro de Fátima Pacifico Barbosa convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida foi concedida a palavra ao(a) doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguido pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, o qual foi atribuído o seguinte conceito: Aprovado. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Socorro de Fátima Pacifico Barbosa, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Socorro de Fátima Pacifico Barbosa (Secretário ad hoc), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 30 de abril de 2019.

Parecer:

A banca recomenda a banca revisar a linguagem e de aspectos relacionados a ABNT. Reconhece o importante trabalho de pesquisa e a contribuição da tese para a historiografia literária.

P/Ana Cristina Marinho
Prof.(a) Dr.(a) Socorro de Fátima Pacifico
Barbosa
(Presidente da Banca)

Prof.(a) Dr.(a). Algemira de Macedo Mendes
(Examinadora)

Serioja R. C. Mariano
Prof.(a) Dr.(a). Serioja Rodrigues Cordeiro
Mariano (Examinadora)

Prof.(a) Dr.(a). Virna Lúcia Cunha de Farias
(Examinadora)

Virna Lúcia C. Farias

Prof.(a) Dr.(a) Ana Claudia Felix
Gualberto (Orientadora)

Ana Claudia Felix

Keyle Samara Ferreira de Souza
Keyle Samara Ferreira de Souza
(Doutoranda)

À minha família, pelo amor, compreensão
e incentivo.

À minha Orientadora Socorro de Fátima
Pacífico Barbosa, referência na pesquisa
dos e nos periódicos.

Às mulheres escritoras.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre comigo, iluminando meu caminho, guiando meus passos, acompanhando-me por todos os lugares e em todos os momentos, mantendo a minha fé, levantando-me todas as vezes que fraquejei, fortalecendo-me a cada instante com a esperança de que posso recomeçar e fazer o melhor a cada dia.

À minha mãe, Maria Vilanir Ferreira de Souza, por acreditar na minha capacidade, por me dar suporte nos momentos mais difíceis, pelas horas ditando os textos de Alba Valdez para que eu os transcrevesse.

À minha filha Emilly, pela escuta atenta, pelas opiniões, pelo apoio nas transcrições dos textos, pelo amor e compreensão.

Ao meu filho Sávio, pelo companheirismo, amor, compreensão e incentivo.

Ao meu esposo, Antônio Junior, pelo apoio e companheirismo, escutando e compartilhando de minhas frustrações e alegrias durante a pesquisa.

Ao meu sobrinho Kaio Erik, pelo amor e incentivo.

Ao meu cunhado e amigo, doutorando em Sociologia Felipe Alves, pelo apoio e incentivo, bem como pela escuta e opiniões inspiradoras.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, pela orientação competente, por ter me guiado pelas trilhas das pesquisas dos e nos periódicos, proporcionando-me uma aprendizagem significativa e valiosa que me transformou.

À CAPES, pelo financiamento de bolsa de estudo que viabilizou a realização de minha pesquisa.

À Prof.^a Dr.^a Luciana Calado, ao Prof. Dr. Eduardo da Cruz pelas valiosas contribuições e sugestões durante a banca examinadora de Qualificação.

A Sra. Madalena Maria Monteiro Figueiredo, bibliotecária da Academia Cearense de Letras, também responsável pelo setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel, pelas colaborações valiosas para pesquisa documental que embasou minha tese.

Ao Sr. Antônio Galeno, diretor da Casa Juvenal Galeno, pela gentileza e colaboração, sobretudo no acesso ao arquivo de Mozart Monteiro.

A Sra. Fabiana Barroso, neta de Sra. Olga Monte Barroso, pela doação do livro de autoria de sua avó, intitulado *Quem são elas?*, que norteou o início de minha pesquisa.

Ao meu amigo Prof. Fábio Barbosa, pela escuta interessada e correção linguística de minha tese.

A Sra. Rose Marafom, secretária da PPGL, pelo atendimento eficaz e eficiente, sempre pronta para colaborar com a resolução de qualquer dificuldade.

À Prof.^a Dr.^a Algemira de Macêdo Mendes, pesquisadora que admiro, pessoa que estimo, referência acadêmica no estudo de gênero, pela contribuição como examinadora na banca de defesa de minha tese.

À Prof.^a Dr.^a Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano, pela participação e contribuição como examinadora na banca de defesa de minha tese.

À Prof.^a Dr.^a Virna Lúcia Cunha de Farias, pela participação e colaboração como examinadora na banca de defesa de minha tese.

À Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Félix Gualberto, pela participação e colaboração como examinadora na banca de defesa de minha tese.

*Proclamo isto com orgulho.
Escrevi.*

.....

*A pena agarrava-se me nos dedos
inteiriçados. Não caiu. Não cairá! Morrerá
comigo a fiel companheira. Força
invencível a do amor.*

*Vivi. Louvei a ideia que alimenta e purifica.
A obra que salva. Associei-me, por meio do
pensamento escrito, a tudo que denotava
cunho de utilidade e interesse coletivo
dentro da órbita em que me agitava.*

(Alba Valdez, 1930)

*É pouco, é quase nada! – opinarão alguns.
E eu replicarei: - É movimento. É vibração.*

(Alba Valdez, 1937)

RESUMO

O presente trabalho objetivou rastrear o processo de inclusão da escritora, jornalista e professora Alba Valdez na história da Literatura e da Imprensa no Ceará. Analisamos a escrita literária e jornalística da mulher no Ceará, durante o século XIX e XX. Para tanto, propusemo-nos a revisitar a história das mulheres através de Perrot (1991;1998; 2005), Käppeli (1991), Falci (2011), D'incao (2011), fazendo um paralelo com a realidade das mulheres no Ceará, sobretudo, no mesmo recorte temporal, remontando ao processo de conquista do espaço público por essas mulheres através da escrita literária nos periódicos cearenses, bem como, reconhecendo a imprensa como lugar da palavra das mulheres no Ceará, fundamentando-nos para isso em Ketterer (1996), Cunha (2008), Duarte (2016), e nos discursos e memórias da própria Valdez (1907; 1937), assim, como nos jornais dos séculos XIX e XX. Isso nos conduziu a revisitar a história da imprensa feminina nesse Estado, o que nos possibilitou ir além da organização de uma lista de periódicos editados e, ou destinados ao público feminino, mas investigar a participação e atuação das mulheres em toda a imprensa entre o final dos anos oitocentistas e meados do século XX. Nessa empreitada, priorizamos a busca nas fontes primárias, periódicos e documentos. Desse modo, primeiro contextualizamos a escrita das mulheres no Ceará, para assim entendermos o lugar social de Alba Valdez na história da literatura e da Imprensa cearense amparados pelas teorias de Certeau (2011). Isso posto, a partir de recortes de jornais e produções memorialistas, considerando-os como fontes documentais, restauramos a história de vida de Alba Valdez, em um processo análogo ao descrito por Chartier (1990; 2011) e Lacerda (2003). Por conseguinte, deduzimos que na trajetória bibliográfica de Alba Valdez predominou a publicação nos periódicos, que se converteram em importantes redes de sociabilidades, em conformidade com Sirinelli (1996), Teixeira (2011), Schueler (2018), como também podemos conceituar as associações literárias e intelectuais que proporcionaram às mulheres de letras, como Alba Valdez, publicar o que escreveram, expressando seus pensamentos, sentimentos e suas opiniões. Nessa perspectiva, o cotejamento dos jornais, das revistas e dos almanaques nos permitiu identificar, reunir e reorganizar a obra de Alba Valdez, refazendo sua travessia através de seus escritos, de tal modo que encontramos produções inéditas da autora, que nos viabilizaram a construir uma nova trajetória biobibliográfica dessa escritora, reconhecendo que os periódicos foram bem mais que suportes textuais, como preconizaram Barbosa (2007) e Luca (2014; 2015), se constituindo como determinantes na produção da escrita literária e meios de sociabilidade para a literatura de autoria feminina.

Palavras-chaves: Alba Valdez, Mulheres escritoras do século XIX e XX, Literatura e Imprensa feminina no Ceará.

ABSTRACT

The actual research aimed to track back the process of inclusion of the writer, journalist and teacher Alba Valdez in the history of Literature and Press in Ceará. We analyzed the literary and journalistic writing of women in Ceará during the 19th and 20th centuries. For this, we proposed to revisit the history of women through Perrot (1991, 1998, 2005), Käppeli (1991), Falci (2011), D'incao (2011), paralleling the reality of women in Ceará, above all in the same time frame, going back to the process of conquering the public space by these women through the literary writing in the Ceará newspapers, as well as recognizing the press as a place of women's words in Ceará, based in Ketterer (1996), Cunha (2008), Duarte (2016), and in Valdez's own speeches and memoirs (1907, 1937), as well as in the nineteenth and twentieth-century newspapers. This led us to revisit the history of the women's press in that state, which enabled us to go beyond organizing a list of edited periodicals and / or intended for the female audience, but to investigate the participation and performance of women throughout the press between the end of the eighteenth and mid-twentieth centuries. In this endeavor, we prioritize the search of primary sources, periodicals and documents. In this way, we first contextualize the writing of women in Ceará, in order to understand the social place of Alba Valdez in the history of literature and the press supported by the theories of Certeau (2011). This, starting with newspaper clippings and memorialist productions, considering them as documentary sources, restored the life story of Alba Valdez, in a process similar to that described by Chartier (1990; 2011) and Lacerda (2003). Therefore, we deduce that in the bibliographical trajectory of Alba Valdez the publication in the periodicals, that became important networks of sociabilities, in accordance with Sirinelli (1996), Teixeira (2011), Schueler (2018) predominated, as well as we can conceptualize the associations literary and intellectual writings that enabled women of letters, such as Alba Valdez, to publish what they wrote, expressing their thoughts, feelings and opinions. From this perspective, the comparison of newspapers, magazines and almanacs allowed us to identify, reunite and reorganize the work of Alba Valdez, reworking her work through her writings, in such a way that we find unpublished works by the author, which enabled us to build a new biographical trajectory of this writer, recognizing that the periodicals were much more than textual supports, as advocated by Barbosa (2007) and Luca (2014, 2015), being constituted as determinants in the production of literary writing and means of sociability for literature of feminine authorship.

Keywords: Alba Valdez, Women writers of the nineteenth and twentieth centuries, Literature and Women's Press in Ceará.

Lista de Ilustrações

Figura 1 -	Artigo “A População do Ceará” de Thomaz Pompeu, publicada na <i>Revista do Instituto do Ceará</i> (1889)	46
Figura 2 -	Jornal <i>Cearense</i> , edição de 30 de janeiro de 1881, sessão de Literatura.....	49
Figura 3 -	Artigo do jornal <i>Libertador</i> intitulado “As senhoras cearenses”, publicado em 01 de janeiro de 1881.....	52
Figura 4 -	Poema intitulado “Joia”, publicado em 20 de outubro de 1905.....	58
Figura 5 -	Composição intitulada <i>A infância, a mocidade e a velhice</i> , publicado em 20 de outubro de 1891.....	61
Figura 6 -	Poema “A vida” de Úrsula Garcia, publicado na revista mensal <i>O Lírio</i> , edição de 10 de dezembro de 1902.....	66
Figura 7 -	Poema “Vita Nueva” de Ana Nogueira Batista.....	69
Figura 8 -	Carta de um grupo de mulheres de Quixeramobim ao Redator do jornal <i>Diário do Governo do Ceará</i> , publicada em 22 de maio de 1824.....	76
Figura 9 -	Carta de um grupo de senhoras de Icó ao Redator do jornal <i>Diário do Governo do Ceará</i> , publicada em 30 de junho de 1824.....	77
Figura 10 -	Jornal <i>O Comercial</i> (1853/1854)	82
Figura 11 -	Jornal <i>O Lírio</i> publicado em 06 de junho de 1875.....	84
Figura 12 -	Revista <i>A Quinzena</i> publicada durante 1887-1888	86
Figura 13 -	Jornal <i>O Orvalho</i> publicado em Fortaleza, em 19 de agosto de 1888	87
Figura 14 -	Jornal <i>A Evolução</i> publicado em 26 de julho de 1888	89
Figura 15 -	Jornal <i>Libertador</i> publicado em 14 de fevereiro de 1891.....	91
Figura 16 -	Jornal <i>A República</i> publicada em 09 de novembro de 1898...	94
Figura 17 -	Jornal <i>A República</i> publicado em 12 de novembro de 1898...	95
Figura 18 -	Jornal <i>A República</i> publicado em 19 de novembro de 1898...	96
Figura 19 -	Poema de Emília de Freitas no Jornal <i>A República</i> publicada em 19 de novembro de 1898.....	97
Figura 20 -	Jornal <i>O Astro</i> publicado em dezembro de 1902.....	100

Figura 21 -	Revista <i>A Estrela</i> , publicada de 1906 a 1921.....	102
Figura 22 -	Jornal O Sol (23/03/1910)	104
Figura 23 -	“Jornal do Lar” suplemento do jornal <i>Estado</i> (7/04/1946)	106
Figura 24 -	Coluna “Poetisas da Ala” no jornal <i>Correio do Ceará</i> (19/02/1962)	107
Figura 25 -	Capa da 1ª Edição (1896), Folha de Rosto e Índice da edição de 1940 da <i>Revista da Academia Cearense de Letras</i>	111
Figura 26 -	Figura 26 - Nota do jornal <i>Libertador</i> com a aprovação de Alba Valdez na Escola Primária	119
Figura 27 -	Notícia do jornal <i>Libertador</i> sobre festa do padroeiro São Sebastião, da qual Alba Valdez fora uma das organizadoras da 9ª noite do novenário, a “noite das moças”	123
Figura 28 -	Biografia de Alba Valdez no jornal cearense <i>A Razão</i> (1929).....	127
Figura 29 -	Nota que divulgava os resultados da Escola Normal do Ceará no jornal <i>Gazeta do Norte</i> , edições de abril de 1888.....	129
Figura 30 -	Publicação da transferência da Professora Maria Rodrigues (Alba Valdez) de Aracatiaçu para Conceição, na serra de Baturité, no jornal <i>Libertador</i> , de 30 de outubro de 1889	130
Figura 31 -	Mosaico com recortes de publicações sobre a Professora Maria Rodrigues (Alba Valdez) que circularam no jornal <i>A República</i> (1892-1896)	133
Figura 32 -	Nota do <i>Jornal do Comércio</i> de Manaus que noticia vitória de Alba Valdez em um concurso da mais inteligente beletrista no Ceará	134
Figura 33 -	Nota sobre Alba Valdez no <i>Jornal do Brasil</i> (1903)	136
Figura 34 -	Nota sobre a formação da Liga Feminista Cearense, publicada no <i>Jornal do Ceará</i> de 24 de junho de 1904	138
Figura 35 -	Artigo na <i>Revista da Semana</i> (02/10/1904) sobre a Liga Feminista Cearense	141
Figura 36 -	Foto da Diretoria da Liga Feminista Cearense publicada na <i>Revista da Semana</i> (02/10/1904)	142

Figura 37 -	Foto da Academia Cearense de Letras, reorganização de 1922	146
Figura 38 -	Nota divulgando Conferência de Alba Valdez na Associação dos Merceeiros, intitulada “Instrução e Educação”, publicada no jornal <i>A Razão</i> (12/03/1929)	147
Figura 39 -	Ata da Sessão do dia 5 de abril, em que Alba Valdez foi introduzida como sócia efetiva no Instituto do Ceará	152
Figura 40 -	Notícia sobre a candidatura de Alba Valdez à Academia Cearense de Letras no jornal <i>A Nação</i> (16/05/1937)	157
Figura 41 -	Mosaico de recortes de jornais cearenses que noticiaram a morte e homenagens póstumas à Alba Valdez; Convite para enterro e missa de 7º dia de Alba Valdez	159
Figura 42 -	Fotos do Túmulo de Alba Valdez	160
Figura 43 -	Nota satírica sobre o sobrenome “Peixe” de Alba Valdez, publicada em <i>O Malho</i> (19/03/1921)	162
Figura 44 -	Homenagem póstuma à Alba Valdez escrita por Pantaleão Damasceno, publicada pelo jornal <i>Unitário</i> (11/02/1962)	163
Figura 45 -	Folhas de rosto dos Dicionários Espanhol-Português (1864) de Manuel do Mascarenhas Valdez e do Dicionário de Português e Inglês (1884) de João Fernandes Canto Castro Valdez	164
Figura 46 -	Imagem de Alba Valdez publicada em edição da revista <i>O Lírio</i> (novembro-dezembro de 1903)	171
Figura 47 -	Jornal <i>Diário Carioca</i> , publicado no dia 25 de junho de 1931..	181
Figura 48 -	Manuscrito “Palavras ao Luar” parte do corpo 10 do Arquivo de Mozart Monteiro	183
Figura 49 -	Manuscrito “Fantasia do verão” parte do corpo 10 do Arquivo de Mozart Monteiro	188
Figura 50 -	Nota da Redação que consta no final do Manuscrito “Fantasia do verão” parte do corpo 10 do Arquivo de Mozart Monteiro...	190
Figura 51 -	Jornal das alunas da Escola Normal, <i>O Orvalho</i> , nº 1, ano 1, edição de 19 de agosto de 1888	204

Figura 52 -	“A Saudade”, publicação na primeira edição do jornal <i>O Orvalho</i> , de 19 de agosto de 1888	206
Figura 53 -	Poema “Os Sonhos”, publicação no jornal <i>Constituição</i> , edição de 02 de fevereiro de 1889	209
Figura 54 -	Jornal <i>Diário do Ceará</i> , edição de 04 de junho de 1896	211
Figura 55 -	“Noturno”, publicação no jornal do Pará <i>Diário de Notícias</i> , edição de 31 de outubro de 1897	214
Figura 56 -	“Folha Solta: página cearense”, publicação no jornal <i>A Capital</i> , edição de 6 de agosto de 1903	217
Figura 57 -	“Folha Solta: página cearense”, publicação no jornal <i>Gazeta de Petrópolis</i> , edição de 5 de setembro de 1903	220
Figura 58 -	“A utilidade do jornal”, publicação no jornal <i>A Cidade</i> , edição de 8 de fevereiro de 1904	223
Figura 59 -	“Coração” (parte 1), publicação no jornal <i>A Cidade</i> , edição de 16 de junho de 1904	226
Figura 60 -	“Coração” (parte 2), publicação no jornal <i>A Cidade</i> , edição de 18 de junho de 1904	227
Figura 61 -	Continuação de “Coração” (parte 2), publicação no jornal <i>A Cidade</i> , edição de 18 de junho de 1904	228
Figura 62 -	Publicação no jornal <i>Diário do Ceará</i> , edição de 03 de abril de 1924	234
Figura 63 -	Nota publicada no jornal <i>A Ordem</i> , edição de 19 de abril de 1917	236
Figura 64 -	Mosaico de páginas da publicação no jornal <i>Correio do Ceará</i> , edição de 02 de março de 1928	238
Figura 65 -	Publicação de “A beleza errante da luz” no jornal <i>Correio do Ceará</i> , edição de 02 de março de 1928	239
Figura 66 -	Jornal <i>O Nordeste</i> , edição de 7 de julho de 1923	242
Figura 67 -	Carta de Rodolfo Teófilo a Alba Valdez no jornal <i>O Nordeste</i> , edição de 5 de julho de 1923	244
Figura 68 -	Publicação de “A Verdade Histórica” no jornal <i>O Nordeste</i> , edição de 7 de julho de 1923	246

Figura 69 -	Publicação de “O jangadeiro Nascimento” no jornal <i>O Nordeste</i> , edição de 24 de julho de 1923	248
Figura 70 -	Publicação de “O Dragão do Mar” no jornal <i>O Nordeste</i> , edição de 28 de julho de 1923	250
Figura 71 -	Publicação de “O horrível morbus” no jornal <i>O Nordeste</i> , edição de 7 de abril de 1927	252
Figura 72 -	Publicação de “O horrível morbus” no jornal <i>O Nordeste</i> , edição de 12 de abril de 1927	253
Figura 73 -	Publicação de “O <i>ethos</i> brasileiro” no jornal <i>A Razão</i> , edição de 12 de maio de 1929	256
Figura 74 -	Publicação de “Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana” no jornal de Recife <i>Diário da Manhã</i> , edição de 23 de junho de 1935	260
Figura 75 -	Nota” no jornal <i>O Jornal</i> (1932)	263
Figura 76 -	Conto publicado no jornal <i>Correio da Manhã</i> , do Rio de Janeiro, na edição 4 de fevereiro de 1945	266
Figura 77 -	Publicação no jornal <i>Unitário</i> , de Fortaleza, na edição de janeiro de 1962	270
Figura 78 -	“A saudade”, publicação na revista <i>A Quinzena</i> , de Fortaleza, na edição de 10 de junho de 1888	275
Figura 79 -	“O natal”, publicação na revista <i>A Quinzena</i> , de Fortaleza, na edição de 28 de março de 1888	277
Figura 80 -	“Roubo de 9 contos”, publicação na revista <i>A Quinzena</i> , de Fortaleza, na edição de 10 de abril de 1888	278
Figura 81 -	Nota publicada na revista <i>A Quinzena</i> , de Fortaleza, na edição de 10 de abril de 1888	280
Figura 82 -	Lista de correspondentes da revista <i>O Lyrio</i> , publicada na edição de 5 de junho de 1903	284
Figura 83 -	“A boda”, publicação na revista <i>O Lyrio</i> , de Recife, na edição de 1 de março de 1903	285
Figura 84 -	Descrição cearense”, publicação na revista <i>O Lyrio</i> , de Recife, na edição de 5 de maio de 1903	288

Figura 85 -	“Visão do crepúsculo”, publicação na revista <i>O Lyrio</i> , de Recife, na edição de 5 de julho de 1903	290
Figura 86 -	“Coração” Publicação na revista <i>O Lyrio</i> , de Recife, na edição de 3 de janeiro de 1904	291
Figura 87 -	“O beija-flor”, publicação na revista <i>O Lyrio</i> , de Recife, na edição de 3 de março de 1904	293
Figura 88 -	“Fragmentos”, publicação na <i>Revista da Semana</i> , de Recife, na edição de 2 de outubro de 1904	295
Figura 89 -	Capa e índice da revista <i>Ceará Intelectual: extrato do Ano Escolar</i> , Fortaleza, edição de 1910	298
Figura 90 -	Publicação “Uma data cearense” na revista <i>Ceará Intelectual: extrato do Ano Escolar</i> , Fortaleza, edição de 1910	299
Figura 91 -	Revista <i>Os Anais: revista mensal do Congresso Maranhense de Letras</i> , São Luís, edição de setembro de 1911	301
Figura 92 -	Publicação “Carta a uma poetisa” na <i>Revista Escolar</i> , Fortaleza, edição de fevereiro de 1911	303
Figura 93 -	Publicação “Os anos da Revista” na <i>Revista Escolar</i> , Fortaleza, edição 14 de julho de 1911	305
Figura 94 -	Publicação “A sempre nova questão do ensino” na revista <i>Ano Escolar</i> , Fortaleza, edição de 1921	308
Figura 95 -	Capa da revista <i>Nação Brasileira</i> em que foi publicado “De pé”, edição de agosto de 1930	311
Figura 96 -	Publicação Do artigo “De pé” na revista <i>Nação Brasileira</i> , edição de agosto de 1930	312
Figura 97 -	Publicação de “Discurso”, por ocasião de ser recebida sócia efetiva na <i>Revista do Instituto do Ceará</i> , edição de 1936	316
Figura 98 -	Publicação de “Discurso em homenagem ao Quinquagenário do Instituto do Ceará” na <i>Revista do Instituto do Ceará</i> (1937)	318
Figura 99 -	Publicação de “Uma Conversa no Café Art-Nouveau” na <i>Revista da Academia Cearense de Letras</i> , edição de 1938 ...	321
Figura 100-	Publicação de “Barão de Studart: a sua operosidade intelectual” na <i>Revista do Instituto do Ceará</i> , edição de 1938..	323

Figura 101 -	Publicação de “Um tumulto (excerto)” na <i>Revista do Instituto do Ceará</i> , edição de 1939	325
Figura 102 -	Publicação de “Três poemas de Machado de Assis” na <i>Revista da Academia Cearense de Letras</i> , edição de 1939	327
Figura 103-	Publicação de “Nosso lar, nossa escola” na <i>Revista da Academia Cearense de Letras</i> , edição de 1940	329
Figura 104 -	Publicação de “O Ceará na poesia de Antônio Sales” na <i>Revista da Academia Cearense de Letras</i> , edição de 1941.....	330
Figura 105 -	Publicação de “João Nogueira” na <i>Revista do Instituto do Ceará</i> , edição de 1947	332
Figura 106 -	Publicação de “Uma grande figura da história educacional cearense” na <i>Revista do Instituto do Ceará</i> , edição de 1948 e 1949	334
Figura 107 -	Publicação de “Justiniano de Serpa e Leiria de Andrade” na <i>Revista da Academia Cearense de Letras</i> , edição de 1953	337
Figura 108 -	Publicação de “Carlos Gondim, poeta de mísero destino” na <i>Revista da Academia Cearense de Letras</i> , edição de 1956.....	338
Figura 109 -	Publicação de “Auta de Sousa” no <i>Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro</i> (1903)	342
Figura 110 -	Publicação de “Paisagem Polar” no <i>Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro</i> (1905)	343
Figura 111 -	Publicação de “Esperança” no <i>Almanaque da Comarca do Amparo</i> (1905)	345
Figura 112 -	Publicação de “Esperança” no <i>Almanaque da Comarca do Amparo</i> (1905)	346
Figura 113 -	Publicação de “Carta à Redação” no <i>Almanaque da Comarca do Amparo</i> (1905)	347
Figura 114 -	Publicação de “Fauce do Abismo” no <i>Almanaque da Comarca do Amparo</i> (1914)	349
Figura 115 -	Publicação de “O espírito popular cearense” no <i>Almanaque do Ceará</i> (1922)	351

SUMÁRIO

Introdução	19
1 Escrita literária e jornalística da mulher no Ceará entre os séculos XIX e XX	27
1.1 A conquista do espaço público pela mulher através da escrita literária e jornalística no Ceará	27
1.2 O lugar da palavra das mulheres no Ceará	43
1.3 A História da Imprensa Feminina no Ceará	75
2 Alba Valdez: uma mulher de letras no Ceará	108
2.1 Revisitando a história de uma “Mulher de Papel”	108
2.2 Trajetória bibliográfica de Alba Valdez	161
2.2.1. Manuscritos inéditos de Alba Valdez	182
2.3 As redes de sociabilidade da jornalista, escritora, feminista	191
3 Travessias das publicações de Alba Valdez na imprensa brasileira	200
3.1 A presença de Alba Valdez nos Jornais	201
3.2 Alba Valdez em Revista	273
3.3 A obra de Alba Valdez nos Almanques	339
4 Considerações Finais	354
Referências Bibliográficas	359
Apêndice	375
Anexos	379

INTRODUÇÃO

Dois motes no campo de pesquisa de Letras sempre aguçaram nosso desejo de aprender mais: a escrita de mulheres e a literatura cearense, temáticas ainda pouco exploradas pelas pesquisas acadêmicas se considerarmos a exclusão das produções femininas da historiografia da Literatura, assim como a predominância dos estudos literários no século XIX e XX a partir do eixo Rio-São Paulo.

Os estudos de pós-graduação me permitiram conhecer trabalhos de pesquisadores sobre a autoria feminina, como também construir um novo olhar para Literatura Brasileira, em que se estabelecem a perspectivas dos excluídos, dos vencidos, as pluralidades de histórias, partindo de vários centros, como preconizam os estudos culturais e as teorias da Nova História. Isso que me permitiu entrelaçar os dois temas de meu interesse científico e investigar as produções femininas no Ceará. Para saber quem eram essas mulheres, como, quando e de que lugar social elas escreveram e publicaram foi necessário que estabelecêssemos outras conexões, como a literatura e a imprensa, a história e a ficção. Logo, entendemos que para uma pesquisa sobre a inclusão da escrita de mulheres na história da Literatura era essencial partirmos do estudo da literatura nos periódicos dos séculos XIX e XX.

Na prosa literária brasileira, como também na cearense, as mulheres foram, primeiramente, personagens de obras escritas pelos homens, como podemos verificar as diversas mulheres nos enredos de José de Alencar, de Machado de Assis, entre outros anteriores e posteriores a eles. Na maioria das vezes, as personagens femininas foram reduzidas aos estereótipos de moças prendadas e casamenteiras, recatadas e submissas, esposas e mães zelosas ou em papéis desvalorizados pela sociedade, por exemplo, como a prostituta Lucíola do romance homônimo de José de Alencar, que funciona como contraponto às “mulheres virtuosas” de suas épocas. Como também temos as mulheres que por não se encaixarem nos padrões impostos à mulher como “sexo frágil” foram masculinizadas, como Luzia-Homem de Domingos Olímpio e Maria Moura de Rachel de Queiroz.

Contudo, algumas foram além do casamento, como a personagem Conceição também de Raquel de Queiroz, que escolheu viver a maternidade por uma forma não convencional, mas adotando o afilhado, que era flagelado da seca de 1915. Nesse contexto, há também, na ficção e na realidade, mulheres que romperam os paradigmas sociais impostos a elas, conforme as pesquisas sobre a escrita de

mulheres de Muzart (1999; 2004), Coelho (2002), Telles (2011), Mendes (2007), entre outros que escreveram sobre a história das escritoras brasileiras dos séculos XIX e XX. Nesse mesmo patamar, temos Cunha (2008) e Keterrer (1996) que apresentaram um estudo sobre as escritoras cearenses do século XIX, entre outras (os), nos quais encontramos breves apontamentos sobre Alba Valdez, o suficiente para alimentar nossa curiosidade, que, logo, se transformou em objeto de nossa pesquisa.

Alba Valdez, era o pseudônimo utilizado por Maria Rodrigues Peixe, natural de São Francisco de Uruburetama, hoje Itapagé, interior do Ceará. Nasceu em 12 de dezembro de 1874, e mudou-se com a família para Fortaleza, foram retirantes da grande seca de 1877-1879. Na capital cearense estudou, formou-se professora, escreveu e publicou em periódicos, livros e revistas, como também participou de importantes instituições intelectuais e literárias, sendo a primeira mulher a conquistar uma cadeira na Academia Cearense de Letras.

Desse modo, nossa pesquisa se inicia no século XIX em que averiguamos que a educação das mulheres e a criação de escolas femininas e mistas possibilitaram a existência de uma produção escrita de mulheres, primeiro no espaço privado e depois no espaço público, principalmente, através da imprensa, que se instalara no Brasil nos anos oitocentistas¹.

A partir de Duarte (2016, p.14), sintetizamos como esses acontecimentos contribuíram para o surgimento das primeiras escritoras no Brasil, visto que essa autora evidencia que a escrita e a crítica de autoria feminina são consequência do acesso ao letramento e da prática da leitura pelas mulheres, e ela ainda destaca que os periódicos foram os principais suportes para a produção literária feminina.

No Ceará, verificamos que o processo descrito por Duarte (2016) se repetiu, o percurso das investigações sobre a história da escrita literária das mulheres inicia-se nos anos oitocentistas, porque foi nesse período que se localizaram os primeiros

¹ Com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1808, por conta do Bloqueio Continental da França, a colônia foi elevada a categoria de Reino Unido, e entre as melhorias econômicas, sociais e culturais, surgiu a Imprensa Régia. Assim, Imprensa foi instalada oficialmente no Brasil em 13 de maio de 1808, quando registra-se o surgimento da *Gazeta do Rio de Janeiro* em 10 de setembro do mesmo ano, uma “espécie de diário oficial, com tarefa de difundir as ações e documentos da administração do Estado lusitano estabelecido no Brasil”, consoante Zilberman (2007, p. 11). Os periódicos literários só apareceram nos anos seguintes, destacando-se: o primeiro e único número de *As Variedades ou Ensaio de Literatura*, em 1812, fruto dos esforços do degredado Diogo Soares da Silva e Bivar; e *O Patriota*, que circulou de janeiro de 1813 e dezembro de 1814. No Ceará a imprensa surge oficialmente em abril de 1824, a partir da Confederação do Equador que proporcionou a vinda de um prelo, oriundo de Pernambuco, às terras cearenses.

vestígios das belas letras das “mimosas filhas de Moema”, termo utilizado pelo jornal *O Libertador* (1881) para se referir às senhoras cearenses.

Seguimos estes rastros principalmente nos jornais, revistas e almanaques, suportes e práticas de escrita que evidenciaram o grupo de mulheres pioneiras na literatura cearense: Francisca Clotilde, Serafina Pontes, Emília Freitas, Ana Nogueira, Ana Facó, Úrsula Garcia, Adília Luna de Freitas, Alba Valdez, entre outras. As leituras de jornais nos revelaram que elas participaram de diversas sociedades literárias que viveram no Ceará nos séculos XIX e XX, que colaboraram com a imprensa e publicaram alguns livros, embora sejam tão pouco mencionadas pela historiografia literária. Assim, cabendo as pesquisas literárias como esta trazê-las à cena.

A revista *A Quinzena* (1887-1888), órgão de imprensa de propriedade do Clube Literário², depois que Abel Garcia (1887) estampou em sua segunda edição um ensaio intitulado “A mulher cearense” - em que evidenciou uma aproximação “mental e moral” entre o homem e a mulher na sociedade, referindo-se à evolução feminina a partir de acúmulos de “capacidades hereditárias” e o desenvolvimento, do que o ensaísta chamou de “organização psicológica” – publicou também produções de autoria feminina que tratam sobre a mulher, sendo pioneiros os escritos de Francisca Clotilde, única mulher sócia do Clube.

No artigo “A Mulher na família”, Francisca Clotilde, que fora jornalista, escritora e professora da Escola Normal do Ceará, ressaltou a missão da mulher de cuidar da família, de educar os filhos, mas também incentivou determinadas reflexões através de questionamentos ao público leitor, sobre o que era melhor para a vida da mulher, manter-se no espaço privado, sob a proteção da família, ou a política e os bancos de academias. Perguntas essas que ela mesma respondeu, fazendo uma comparação da condição da mulher aos escravos, concluindo que a mulher é como um “objeto de luxo do homem”. Francisca Clotilde considera ainda que a educação era um instrumento de redenção das mulheres, entretanto, a escritora/jornalista reforça que a existência da mulher deve ser também devotada aos cuidados com a família e à preparação dos filhos para a vida. A descrição da mulher, no final do decênio de 1880, pelas palavras de Francisca Clotilde revelavam a consciência da importância da educação para mulheres, afinal ela, como as outras pioneiras da literatura cearense,

² Associação literária fundada em 15 de novembro de 1886, segundo notícia publicada no jornal *O Libertador*, edição de 16 de novembro de 1886, que objetivava o progresso dos homens de letras do Ceará, que teria como órgão de imprensa a revista *A Quinzena*.

era professora, porém, também reafirmava o compromisso da mulher com a felicidade familiar, e o lar como seu lugar. É provável que esses posicionamentos sobre as mulheres, como defensoras da família, de acordo com os paradigmas sociais vigentes em seu tempo, tenham permitido a Francisca Clotilde se expressar publicamente através dos periódicos, confirmando que a transgressão estava muito mais no ato de escrever e publicar do que no conteúdo de suas produções, como observou Almeida (2006).

Nesse mesmo contexto, estão inseridas as demais escritoras cearenses, dentre as quais Alba Valdez, que se destacou em seu tempo por publicar em jornais do Ceará e de outros estados, bem como no exterior. Essa escritora tornou-se alvo dessa pesquisa por ter atraído nossa atenção durante a leitura do *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, de Coelho (2002), o fato de ter adentrado espaços tão tradicionalmente masculinos como o Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras nos capturou, precisávamos conhecer essa mulher e sua escrita.

Seu primeiro livro, *Em Sonho...Fantasias*, lançado em 1901, trata-se de uma coletânea do que ela publicou nas páginas da imprensa do século XIX, sobretudo no jornal *Diário do Ceará*, entre os anos de 1895 e 1896. Algumas dessas produções foram traduzidas e publicadas na Suécia e na França, o que deu notoriedade a essa escritora no estrangeiro e também no Brasil. Ela publicou ainda uma segunda obra, o romance de memórias *Dias de Luz* (1907) e seguiu estampando seus artigos, contos, cartas, críticas, ensaios, discursos e outros tantos gêneros pelos periódicos.

Entre os dicionários de escritoras brasileiras pesquisados, encontramos em apenas dois menção ao nome e à obra de Alba Valdez, tratando-se de curtas biografias e resumidas bibliografias, o que consideramos contraditório ao ponderarmos a importância dessa escritora na literatura feminina no Ceará, mas compreensível quando pensamos nas consequências da exclusão das mulheres dos cânones literários e acadêmicos.

Tão conhecida no seu tempo, Alba Valdez foi condenada ao ostracismo a partir da segunda metade do século XX, após sua morte em 1962. Portanto, encontrar vestígios da vida dessa escritora exige uma minuciosa busca nos arquivos de jornais e revistas do século XIX e meados do XX. Consolidada como uma das mais relevantes mulheres de letras, podemos considerá-la como uma das precursoras de muitas outras escritoras, como Antonieta Clotilde, Susana de Alencar Guimarães, Rachel de Queiroz, Tércia Montenegro, Ana Miranda, Ângela Gutiérrez, Natércia Campos, entre

outras que continuaram escrevendo pelos periódicos e livros publicados no Ceará e pelo Brasil.

Essa pesquisa confirma que, nos últimos anos oitocentistas e na primeira metade do século XX, Alba Valdez tinha presença marcante na educação e literatura cearense, como é possível constatar a partir de notas, artigos e ensaios publicados nos jornais desse período no Ceará (*Diário do Ceará, A República, A Cidade, Correio do Ceará, O Nordeste, A Razão, Unitário, O Estado* e outros); de suas publicações literárias em periódicos de prestígio, como as revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras; e sua participação em diversas associações literárias. Isso fortalece a noção de relação íntima entre o jornal e a literatura nos anos oitocentistas e por várias décadas do século XX, como asseverou Barbosa (2007).

Nesse ponto, definimos o cerne da presente tese: rastrear o processo de inclusão da escritora/jornalista Alba Valdez na história da Literatura e da Imprensa no Ceará. De acordo com a noção de rastro de Ricoeur (2012), os vestígios das pessoas do passado são sinais deixados por elas por onde passaram, mas são também produtos de suas atividades, suas obras, coisas maneáveis, como ferramentas, moradias, templos, sepulturas e escritos, que podem indicar no espaço e no tempo presente a passagem delas, orientando a caça, a busca, a pesquisa e a investigação.

Desse modo, buscamos reconstruir a trajetória literária da escritora Alba Valdez, pressupondo que os estudos acerca da História da Literatura, atualmente, vislumbram construir não mais uma história singular, a partir de um centro, entretanto, em conformidade com uma perspectiva plural, se pode construir diferentes histórias a partir de vários centros e com diversas nuances.

A busca dos vestígios em jornais e periódicos nos permitiram (re)conhecer o perfil literário de Alba Valdez, assim como, a partir de sua presença na literatura e na imprensa, construirmos uma nova biografia, ampliando a trajetória bibliográfica dela. As memórias, tão presentes nas produções escritas dela também indiciam sua história, possibilitando ao leitor mergulhar no universo de uma mulher do século XIX no Ceará, que decidiu seguir sua vocação literária, se julgou com “forças para as lutas da inteligência” do século XX, como falou Alba Valdez pela voz de “Orminda de Castilho”, normalista, personagem de seu romance de memórias, *Dias de Luz* (1907).

De tal modo, no capítulo inicial “Escrita literária e jornalística da mulher no Ceará entre os séculos XIX e XX”, objetivamos situar a escritora Alba Valdez e sua

obra no contexto histórico-social e literário do final dos anos oitocentistas e no decorrer do século XX, para compreendermos as práticas de escrita por ela utilizadas.

Seguimos os rastros da escrita das mulheres no Ceará pelos periódicos de forma a percebermos a relevância da presença e de Alba Valdez nesse contexto. Para tanto, descrevemos “a conquista do espaço público pela mulher através da escrita literária e jornalística no Ceará; como também averiguamos “o lugar da palavra da mulher no século XIX e XX no Ceará.

Mediante a constatação da predominância e relevância da publicação e circulação da escrita de autoria feminina nos periódicos, foi necessário reorganizar a história da imprensa feminina no Ceará, no final do século XIX, e no decorrer do XX. No estudo sobre a imprensa feminina e a escrita de mulheres recorremos a Buitoni (1990; 2009), Coelho (1993; 2002), Del Priore (2011), Falci (2011), Telles (2011) e Duarte (2016) e outros pesquisadores que abordam essas temáticas, como esquadrihamos os arquivos de periódicos pelas hemerotecas físicas e digitais.

Esse período também corresponde a um momento histórico importante para o desenvolvimento econômico, social, urbanístico, político, cultural e intelectual do Ceará, principalmente, na capital Fortaleza, onde também residia Alba Valdez desde seus três anos de idade. A partir de Pontes (2014) nos apropriamos das principais transformações ocorridas, dentre essas podemos ressaltar o aparecimento de novos jornais, dos primeiros núcleos de saber (Academia Francesa, O Instituto Histórico e Geográfico, a Academia Cearense, a Biblioteca Pública) e de algumas agremiações literárias, que desencadearam, de forma emergencial, o surgimento de uma elite intelectual formada por profissionais liberais e letrados, das quais Alba Valdez fez parte.

No segundo capítulo, intitulado “Alba Valdez: uma mulher de letras cearense”, revisitamos sua trajetória biográfica e bibliográfica, reconhecendo seu pioneirismo como professora, jornalista, escritora e feminista. A história de Alba Valdez se conta a partir de sua própria obra, a escrita de si e as memórias são traços de sua escritura. Isso fez dela uma “mulher de papel”, expressão utilizada por Lacerda (2003) para tratar das imagens de mulheres que se constroem sobre o papel.

Com o auxílio das pesquisas de Sousa (1937), Barreira (1948; 1951; 1954; 1962), Ketterer (1996), Almeida (2006), Maia (2007), Cunha (2008), Almeida (2012), e Silva (2019); assim como, as publicações da própria escritora, como o romance *Dias de Luz* (1907), o texto memorialístico “Nosso lar, nossa escola” publicado na *Revista*

da *Academia Cearense de Letras* em 1940, o discurso de posse da escritora na Academia Cearense de Letras publicado em 1953, bem como notas em diversos periódicos do Ceará, do Rio de Janeiro e de outras partes do país foi possível restaurar a vida e reorganizar a trajetória bibliográfica de Alba Valdez, seu discurso e seu perfil literário. Destacamos nesse capítulo os manuscritos inéditos desta escritora que encontramos no arquivo de seu sobrinho, o também literato Mozart Monteiro, e que concorre para uma nova construção da obra dessa escritora cearense. Dessa maneira, construímos um quadro-síntese das publicações de Alba Valdez nos periódicos, um levantamento que organiza diacronicamente a obra da escritora e que disponibilizamos em apêndice.

Enfatizamos também as redes de sociabilidade, em conformidade com Teixeira (2011), Sirineli (1996) e Schuerler (2018), que se constituíam nas instituições educacionais, associações literárias e intelectuais, e, sobretudo a imprensa, maior espaço/meio de sociabilidade intelectual, das quais Alba Valdez participou como estudante, professora, depois jornalista, intelectual e escritora, e que possibilitaram que ela e outros homens e mulheres de letras publicassem seus escritos em periódicos e em livros.

No terceiro capítulo, considerando que a obra de Alba Valdez se encontrava espalhada pela imprensa do país inteiro, buscamos reconstituir as travessias das publicações dessa mulher escritora, enfatizando a presença dela nos jornais, nas revistas e almanaques. Destarte, nesse capítulo, apresentaremos os textos inéditos, publicados somente nos periódicos, como também, produções da autora que nunca haviam sido elencadas em sua bibliografia.

Nessa perspectiva, ofertaremos em anexo as transcrições dessas obras, organizadas pela seguinte nomenclatura: no “Anexo A” estão transcritos os textos publicados em jornais; no “Anexo B” as publicações da autora em revistas; no “Anexo C” transcrevemos publicações de Alba Valdez nos almanaques; no “Anexo D” transcrevemos publicações de alguns autores sobre ou com referência à escritora alvo desse trabalho.

Por conseguinte, esclarecemos que nessas transcrições seguimos as normas para transcrição em formato digital, que se referem aos títulos e subtítulos, aos tipos e tamanhos das fontes, aos recuos dos parágrafos, diálogos, e grafia de poemas (disposição de estrofes e versos), entre outros. Ademais, utilizamos a fonte Arial, como fizemos em todo a produção desse trabalho, respeitando obviamente, conforme a

ABNT, as recomendações de tamanhos diversos para citações e notas, porém, nos anexos, devido a extensão dos textos, optamos pela fonte tamanho 11 e espaçamento simples. Advertimos, pois, que não conservamos na íntegra o uso do destaque em itálico ou negrito das publicações originais da autora, e quando o fizemos indicamos conforme normatização vigente, isso porque observamos não haver uma sistematização para os grifos. Entretanto preservamos o uso de palavras estrangeiras, como também alguns termos arcaicos, ou regionalismos, para evitar a desconstrução do texto. Uniformizamos a apresentação dos títulos e subtítulos e indicamos o local de publicação em notas de rodapé, e organizamos os textos conforme suporte de publicação na imprensa, seguindo uma ordem diacrônica dentro desse critério.

Ainda em relação ao vocabulário e à sintaxe procuramos não realizar alterações, para tanto explicamos em notas de rodapé os sentidos de alguns termos, conforme pesquisas realizadas. Quanto à pontuação, mantivemos a utilizada pela autora, visto que, este aspecto linguístico é característico de cada época, do próprio estilo da escritora, que a partir dela define o ritmo e também o sentido de sua produção. Porém, advertimos, que alteramos apenas erros que avaliamos como mecânicos, oriundos do processo tipográfico, visto que, quando isso ocorreu indicamos a correção em nota.

Ressaltamos, porém, que fizemos a atualização ortográfica nas transcrições, tanto no corpo do texto, quanto nos anexos, conforme o Novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990. Também informamos que na ocorrência de mutilações ou ilegibilidades do texto, devido a deterioração do tempo ou da forma de conservação dos periódicos, usamos a marca [*****].

Isso posto, inferimos a partir do cotejamento dos periódicos que Alba Valdez não produziu nenhum periódico de sua propriedade, não assinou nenhuma coluna fixa de um periódico específico, mas como professora, escritora e jornalista escreveu e publicou na imprensa literária e não-literária, como também teve algumas de suas produções literárias publicadas no estrangeiro, o que lhe permitiu assumir um papel de referência na escrita feminina em seu tempo. Assim, é necessário contextualizar esse período em que Alba Valdez escreveu, publicou e conquistou reconhecimento para entendermos seu processo de inclusão na Literatura e na Imprensa no Ceará, como também o posterior apagamento de sua vida e obra, que neste trabalho nos propomos a reverter, colocando Alba Valdez em cena, oportunizando o conhecimento de sua história e a leitura de sua obra.

1 ESCRITA LITERÁRIA E JORNALÍSTICA DA MULHER NO CEARÁ ENTRE OS SÉCULO XIX E XX

A primeira necessidade que se impõe para reconhecer a relevância da escritora e jornalista Alba Valdez na Literatura e Imprensa Cearense é situá-la na história dessas práticas de escrita, e isso demanda que se evidencie a participação das mulheres na história de seu tempo. Para tanto é imprescindível que registremos o silêncio e o confinamento das mulheres na privacidade dos lares para realçar a importância da transgressão de adentrar o espaço público no final do século XIX e início do XX.

Nesse capítulo, em um primeiro momento, ocupamo-nos da contextualização histórica e caracterização da mulher dos últimos anos oitocentistas e das primeiras décadas do século XX, reconhecendo a escrita como prática essencial para a conquista do espaço público pelas mulheres, especificamente expondo as vivências femininas no Ceará.

Na segunda parte do capítulo, descrevemos o lugar da palavra das mulheres no Ceará do final século XIX e no decorrer do século XX, evidenciando a relevância da publicação em periódicos para a Literatura Feminina no estado cearense.

Esse primeiro capítulo se encerra com o registro da História da Imprensa Feminina no Ceará, tendo como referência toda e qualquer participação da mulher em periódicos, seja como autora ou apenas como público alvo, seja exclusivamente dedicado a uma audiência feminina ou não.

1.1 A conquista do espaço público pela mulher através da escrita literária e jornalística no Ceará

[...] já pelos anos 1880, aparecem inúmeros escritos femininos nos diversos periódicos do Estado, e alguns anos mais tarde, surgem os primeiros romances e livros de poesia assinados por mulheres. Professoras e solteiras, de classe média, católicas, essas mulheres não publicaram só aqueles textos ou poemas românticos - cheios de devaneios, fora do tempo e da realidade - em conformidade com a tradicional, recatada, passiva e doméstica figura da mulher do século XIX; elas não se limitaram também a escritos pedagógicos. Algumas, mais ativas e ousadas, defenderam ideias pessoais e

participaram até dos principais movimentos culturais e políticos da época. Assim, vemo-las aparecer no espaço público, tanto na arena literária quanto no debate político e social: elas fundam jornais, pertencem a grêmios, lutam pelos ideais liberais e modernos - como a abolição da escravidão ou o combate contra as oligarquias (KETTERER, 1996, p. 102)

As leituras que fazemos de pesquisas sobre a história das mulheres no mundo e no Brasil através de Michelle Perrot (1998; 2005), Mary del Priore (2011), Coelho (1993; 2002), Duarte (2013; 2016), Lobo (2006), Muzart (2017), Zinani (2006; 2010), Mendes (2009) destacam a importância da apropriação da leitura e da escrita na luta pela emancipação do sexo feminino. Estas pesquisadoras instigaram-nos na busca pelo conhecimento de produções científicas sobre a escrita de autoria de mulheres no Ceará, e deparamo-nos com alguns estudos sobre essa temática.

Nesse contexto, o artigo de Valerie Ketterer (1996) “Mulheres de Letras no Ceará (1880-1925): dos escritos a cena pública”, publicado na *Revista de Letras* da Universidade Federal do Ceará; como também, o livro de Cecília Maria Cunha *Além do Amor e das flores: primeiras escritoras cearenses*, publicado em 2008, fruto de sua dissertação de Mestrado em Letras na Universidade Federal da Paraíba; nos colocaram diante de nomes de mulheres pioneiras na escrita em terras cearenses: dentre as quais citamos Francisca Clotilde, Serafina Pontes, Ana Nogueira Batista, Emília de Freitas, Ana Facó, Alba Valdez, entre outras, que mais adiante tomarão lugar nos relatos da história da Literatura e da Imprensa.

Tendo essas leituras como bússola encontramos outros pesquisadores que também se propuseram a resgatar a vida e a obra dessas mulheres escritoras que haviam caído no ostracismo e sido apagadas da história da Literatura do Ceará. Podemos salientar Olga Barroso, que publicou o livro *Quem são elas?*, composto de um conjunto de breves ensaios biográficos de mulheres que se destacaram na história do Ceará; Otacílio Colares, que redescobriu o romance de Emília de Freitas, *A Rainha do Ignoto* (1899), publicando uma segunda edição em 1980; Luciana Andrade de Almeida que desenvolveu importantes pesquisas sobre as produções de Francisca Clotilde, como também de sua filha Antonieta Clotilde que também foi artífice da palavra, inclusive como redatora de revista, *A Estrela*.

Estes e outros trabalhos sobre a escrita de autoria de mulheres no Ceará, seja nas mais aprofundadas investigações ou nas mais superficiais, coligiam na relevância da função da escrita na luta pela alforria social e intelectual das mulheres. Outro ponto que se evidencia no Ceará, como em outras partes do Brasil, é a recorrente ligação entre o magistério e a escrita literária das mulheres.

Nesse contexto, entre essas mulheres, professoras e escritoras, Alba Valdez atraiu nossa atenção, os pequenos apontamentos biográficos sobre ela denotavam sua importância e notoriedade na sua época, constatamos também um ínfimo número de trabalhos exclusivos sobre sua vida e produção, e estes sempre estavam focados em seus dois livros publicados, *Em sonho...fantasias* (1901) e *Dias de Luz* (1907), deixando a margem suas publicações em periódicos, o que representava outro traço comum à época: a supervalorização de livros em detrimento a outros suportes ou formas de publicação, como os periódicos.

Apenas a monografia de Janine Caracas de Sousa Maia, apresentada ao curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza, escrutinava a produção de Alba Valdez na imprensa, analisando seu discurso na imprensa dos séculos XIX e XX como feminista. Diante disso, foram as lacunas e “o não dito” sobre Alba Valdez que nos seduziram, estimulando-nos a buscar mais do que já estava posto sobre ela, detalhes de sua trajetória biobibliográfica, e sobretudo as publicações inéditas da escritora que a investigação de periódicos poderia nos revelar.

A investigação nos periódicos, norteadas pelos estudos de Luca (2014) sobre a imprensa e literatura, nos possibilita refazer os caminhos de outros pesquisadores como Velloso³ e Sevcenko⁴, e esquadrihar a situação de Alba Valdez no ambiente social em que viva, permitindo a reconstituição da atmosfera intelectual e cultural do Ceará entre 1889 a 1962, período que abrange a publicação da produção da escritora. Esse processo nos levará a indução da situação das mulheres que escreviam no Ceará.

Destarte, consideramos que podemos ilustrar o papel da escrita na vida das mulheres no Ceará, no final do século XIX e no decorrer do século XX, a partir da

³ Mônica Velloso desenvolveu pesquisa sobre a trajetória de um grupo de intelectuais no Rio de Janeiro na transição entre os séculos XIX e XX, composto por Bastos Tigre, Emílio Menezes, Lima Barreto, José do Patrocínio Filho, Raul Pederneiras, Kalixto, J. Carlos, Storn Yantok e Julião Machado.

⁴ Nicolau Sevcenko pesquisou o ambiente social, intelectual e cultural do Rio de Janeiro também na virada dos séculos XIX e XX com foco na produção de Euclides da Cunha e Lima Barreto.

história da escritora cearense Alba Valdez, visto que ela protagoniza um processo de inclusão da palavra da mulher na história da Literatura e da Imprensa no Estado.

Nessa perspectiva, é nítido que para conquistar um lugar no espaço público as mulheres cearenses se aventuraram a publicar o que escreviam, como já faziam as europeias e as de outras partes do Brasil. No entanto, é preciso ressaltarmos que isso se tornou possível em decorrência do contexto histórico do que se denominou, principalmente na imprensa, de “*Belle Époque*”, em Fortaleza período em que se desenvolveu o que Pontes (2014) definiu como cultura cosmopolita, de euforia diante das novidades advindas da revolução científico-tecnológica e urbanística vivenciadas na Europa. Porém, temos que registrar que este foi também um tempo paradoxal, que não se restringiu ao progresso social e cultural e ao *glamour* do eixo Paris-Londres, pois foi marcado igualmente por golpes e contra-golpes de Estado, crise econômica, frequentes insurreições populares, censura à imprensa, movimentos messiânicos (Canudos e Contestado), sem falar das primeiras greves operárias (GUIMARÃES, 2012).

A busca pela caracterização do meio social de Alba Valdez, exige um caminhar por este universo espaço-temporal da “*Belle Époque*” na capital do Ceará, o que fazemos a partir da leitura de Pontes (2014) e de pesquisa em jornais que circulavam nesse período, em que salienta-se a forte influência europeia na segunda metade do século XIX, intensificando-se no período de 1889 até 1930, uma vez que foi viabilizada a partir do advento do algodão, que patrocinou as melhorias urbanas, culturais na cidade. Logo, reconhecemos que as características dessa época marcaram o cenário em que Alba Valdez viveu e escreveu suas primeiras produções, publicando em jornais locais, como as demais mulheres escritoras nas terras cearenses.

Nas edições do mês de novembro de 1898 do jornal *A República*, analisada em uma edição fac-similar publicada em 1989⁵, fundado em 1892 a partir da fusão de outros dois jornais, o *Libertador* e o *Estado do Ceará*, encontramos várias evidências da influência européia, desde o modelo de imprensa francesa, os artigos sobre a moda na Europa, como “Uso da Bengala”⁶, que trata do uso desse acessório tipicamente masculino por mulheres na Inglaterra; a terceira página de publicidade, em que se anuncia as importações de produtos do Velho Continente como forma de agregar valor e atrair mais compradores; também temos as frequentes notícias sobre

⁵ Disponível no acervo do Museu Jaguaribano, localizado em Aracati-CE.

⁶ Edição de 08 de novembro de 1898, na segunda página do jornal.

os países europeus, como “Ministério francês”, logo na primeira página da edição de 10 de novembro; e sobretudo destacamos as publicações de folhetins de escritores europeus, como o “Saltimbanco!” de Henrique Germain⁷.

Também verificamos no Ceará da *Belle Époque* a reprodução do que ocorrera no restante do mundo, conforme descrição de Hobsbawn (2016): a dominação da cultura e do cotidiano pelo que ele considera como as “três inovações desse período”: a indústria publicitária, os jornais e revistas de circulação de massa e a fotografia em movimento ou filme. Para esse historiador as “inovações” perduram até a atualidade em versões mais modernas, pois, segundo ele, muito do século XX foi uma continuidade do século XIX, mais especificamente do período que ele denominou “A Era dos Impérios” (1875 -1914).

Ainda nesse aspecto, consideramos importante acrescentar que Hobsbawn (2016) sublinha que as relações entre o século XIX e os séculos que se seguem estão pontuadas pela análise da continuidade e descontinuidade, já que, em um contexto político-social-cultural e emocional, ainda há relevantes ligações com essa parte do passado histórico.

Um dos exemplos de “continuidade” que enxergamos no contexto dessa pesquisa se dá com a imprensa, uma vez que percebemos que sua importância prevaleceu no decorrer do século XX. No Ceará, como se pode atestar conforme a publicação de “A Imprensa no Ceará: notas de João Baptista Perdigão de Oliveira⁸”, na *Revista do Instituto do Ceará* em 1897, quando tratou da História da Imprensa ao redor do mundo: “Com relação à imprensa Inglesa existem os seguintes livros: o *Quarto poder*, devido a pena de F. Knight Hunt; [...]” (OLIVEIRA, 1897, p.76). Essa referência ao poder da imprensa denota que já se tinha consciência do alcance da imprensa e de sua influência na opinião pública, como podemos ver até hoje.

Nesse período marcado por paradoxos no cenário mundial, podemos caracterizar o panorama do Brasil e do Ceará como um tempo marcado por transformações históricas, políticas, sociais e econômicas, que foram desencadeadas pela abolição da escravidão negra, implantação do trabalho assalariado e

⁷ Edições de novembro de 1898, na quarta página do jornal, em que predominavam as publicações literárias.

⁸ As notas de Oliveira, no periódico supracitado, demonstram o poder da imprensa e também relatam a censura sofrida por vários jornais em diversas partes do mundo, como o *The Publick Occurrences* (1690), primeiro jornal norte americano, de Boston, que foi fechado por ordens da Inglaterra, o colonizador, logo depois da publicação do primeiro número. A resistência e proibição das Metrôpoles à instalação da imprensa nas colônias fortalecem a concepção do poder que atribuíam à imprensa.

proclamação da República, que por sua vez eclodiram a partir do surgimento de novas forças e valores sociais e das imposições do capitalismo que se universalizava (PONTES, 2014).

Por conseguinte, salientamos que as mulheres deste tempo e espaço geográfico e sociocultural cearense enfrentavam muitas dificuldades em relação ao acesso à educação e outros bens culturais, ao trabalho e aos direitos das mulheres, uma vez que o estado cearense era lugar de reconhecida pobreza e atraso sociocultural.

Nesse contexto, localizamos Alba Valdez social e economicamente, como filha de um pequeno comerciante que se retirara de seu interior por conta da seca de 1877-1879. A residência da família da autora na capital do Estado possibilitou o acesso dela à escola primária e formação secundária pública (Escola Normal de Fortaleza). Assim, colocamo-la dentro de um modelo estereotipado de mulher educada para o casamento e maternidade, porém, Alba Valdez não seguiu por este caminho comum a maioria das mulheres de sua classe e lugar, como fizera sua própria irmã Júlia Rodrigues, que se casou e constituiu família.

Percebemos também que a escolha pela instrução acarretou a muitas mulheres a solidão, Ana Facó e Alba Valdez são exemplos disso, ficaram solteiras, “coroas”, “para titias”, ou “solteironas”, como comumente se diz no Ceará. Podemos verificar a representação dessa situação da mulher no romance *O Quinze* de Rachel de Queiroz, publicada em 1929, quando a protagonista Conceição, uma professora, mulher instruída, opta pela solteirice.

Agregando essas constatações as pesquisas de Falci (2011) sobre as mulheres nordestinas, podemos visualizar que, independente da categoria social, de serem ricas ou pobres, cultas ou analfabetas, livres ou escravas, elas foram submetidas aos padrões de comportamento predeterminados.

Ao nascerem, são chamadas “mininu fêmea”. A elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos, mas também viveram o seu tempo e o carregaram dentro delas (FALCI, 2011, p.241).

Nessa construção de um perfil para a mulher do século XIX e primeiras décadas do XX, reforçamos a caracterização da mulher no Ceará, situamos Alba Valdez, reiterando sua origem: nascida no sertão, educada em uma família de costumes

sertanejos, embora vivendo em um ambiente urbano, foram os valores patriarcais que fundamentaram as relações e cotidiano familiar.

Apesar disso, reconhecemos que as características do período, que Pontes (2014) chamou de *Belle Époque*, permitiram as mulheres como Alba Valdez, ultrapassarem certos paradigmas que lhes foram impelidos: tiveram acesso à educação, mesmo com restrições e limitações, se comparada ao processo educativo dos homens; também puderam trabalhar fora de casa, ainda que em funções pré-determinadas pela sociedade, como a docência. Assim, a obra *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* de Louro (2011, p. 447) contribui para que fizéssemos uma ilustração da condição feminina do final do século XIX e primeiros anos do XX:

As últimas décadas do século XIX, apontam, pois, para a necessidade de educação para mulher, vinculando-a à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens. A preocupação em afastar do conceito de trabalho toda a carga de degradação que lhe era associada por causa da escravidão e em vinculá-lo à *ordem e progresso* levou os condutores da sociedade a arregimentar as mulheres das camadas populares. Elas deveriam ser diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberia controlar seus homens e formar novos trabalhadores e trabalhadoras do país; àquelas que seriam as mães dos líderes também se atribuía a tarefa de orientação dos filhos e filhas, a manutenção de um lar afastado dos distúrbios e perturbações do mundo exterior.

Inferimos dessa maneira que, a educação feminina aliada a uma rígida formação cristã colaborava com a preparação de mulheres capazes de manter os valores sociais da sua época. Em consequência, também constatamos que a abertura de um espaço público para mulheres estava condicionada ao atendimento de um projeto de sociedade já delineado.

Por esse ângulo, analisamos que, em Fortaleza, a educação e formação profissional da maioria das mulheres das camadas populares, que se configurou a partir da Escola Normal do Ceará, ofereceu as moças de menor poder aquisitivo o ensino secundário e formação para o exercício do magistério. Alba Valdez foi aluna dessa escola, ela ensinou tanto no interior quanto na capital cearense, sendo essa instituição fundamental para a construção de redes de sociabilidade que possibilitaram a ela tornar-se escritora. A leitura de Louro (2011, p.453) também nos auxilia a entender o cotidiano das professoras no século XIX:

[...] o magistério era próprio para mulheres porque era um trabalho de “um só turno”, o que permitia que elas atendessem suas “obrigações domésticas” no outro período. Tal característica se constituiria em mais um argumento para justificar o salário reduzido – supostamente um “salário complementar”.

Esse relato fortalece nossa percepção de que o trabalho para as mulheres não pode ser considerado somente como uma conquista de um espaço público, afinal, mesmo quando foi obrigada a trabalhar, diante da necessidade de ajudar ou prover o sustento da família, por conta das revoluções ou guerras, ou ainda, da solteirice e condição social, as mulheres pobres foram discriminadas, com salários mais baixos e difíceis condições laborais. A partir disso compreendemos que Alba Valdez foi trabalhar no interior, morar sozinha até conseguir uma vaga em Fortaleza para retornar para junto de sua família por necessitar trabalhar para sustentar-se, e mais tarde também contribuir com a subsistência da mãe que viúva passa a também depender do trabalho da filha.

Esse panorama representava a condição das professoras cearenses no século XIX, que Cunha (2008) sintetizou como atividade condizente com os estereótipos que determinavam a “missão da mulher”: educar, cuidar e zelar. Cunha (2008) também destacou que nesse período houve uma redução da demanda de docentes no Ceará, e as mulheres que permaneceram na profissão ainda sofreram de discriminação salarial⁹ e social.

Além das dificuldades supracitadas que caracterizavam as atividades laborais femininas, havia também a voz da maioria dos homens do final do século XIX, que em coro reafirmavam ser o lar o lugar da mulher, considerando as atividades domésticas e a maternidade suas principais funções.

Entretanto, precisamos registrar que em meio a esse coro machista haviam as dissidências, que temos acesso a partir dos periódicos da época, em que é possível notar que uma nova mentalidade social emergia, como podemos perceber no artigo de Abel Garcia, intitulado “A mulher cearense”, publicado na revista *A Quinzena* (1887, p.1-2), na primeira página:

⁹ A mulher professora recebia um salário cem mil-réis a menos que os professores, pois ela não precisava de dinheiro, os homens deviam ser os provedores da família, e ganhar dinheiro evidenciava para as mulheres uma transgressão do seu papel tradicional (CUNHA, 2008).

A aproximação mental entre o homem e a mulher na sociedade moderna é um facto excepcional. No Ceará, onde a mulher revela uma privilegiada organização psicológica, isso verifica-se de modo admirável.

Nesse cenário de final de século XIX, encontramos no Ceará alguns periódicos que reconheciam a capacidade intelectual da mulher, como se percebe na análise do artigo de Abel Garcia e, nos demais números da revista *A Quinzena*, que abriu espaço a publicações de autoria de mulheres, como a escritora, jornalista e professora Francisca Clotilde, que era também membro da associação literária da qual essa revista fora órgão de imprensa. Muito embora, reconheçamos que ocorre na sociedade cearense um “movimento pendular”, semelhante ao descrito por Fraisse e Perrot (1991), quando tratamos do cotidiano da mulher no século XIX:

Pelo que diz respeito às mulheres poderá, no entanto, notar-se que sua revolução, tal como uma guerra, pode chamá-las a executar certas tarefas, sabendo, porém, de seguida, dispensá-las, com maior ou menor rapidez. Voltaremos a esse jogo subtil por parte dos homens, entre o convite e a rejeição, a exclusão e a participação das mulheres nos assuntos que dizem respeito ao Estado e à nação.

Nesse contexto, podemos afirmar que no século XIX aconteceram alterações na vida das mulheres, ou na perspectiva de vida destas, visto que as características desse momento histórico foram favoráveis para que elas tivessem a possibilidade de lutar para assumir a posição de sujeito, agentes de suas histórias. Mesmo que, o homem quisesse retroceder a mulher à sua condição de objeto, a fissura aberta não se fechava totalmente, uma fresta de luz que escapava podia guiar a mulher ao espaço público, em que poderia ser protagonista política e futuramente uma cidadã.

Logo, também se faz necessário sublinharmos que o trabalho fora do lar, que passou a fazer parte da rotina das mulheres, foi, além de sexualmente e financeiramente diferenciado, como já reconhecemos, agregado às funções familiares e domésticas, que por convenção social e cultural era de total responsabilidade feminina. Hobsbawn (2016, p. 303) condensa e esclarece o lugar da mulher e de sua dupla jornada laboral na história do século XIX:

Na medida em que o grosso das mulheres do mundo continuava a viver desse modo, agrilhoadas pelo duplo trabalho e pela sua

inferioridade em relação ao homem, pouco há para dizer sobre elas que não se dissesse igualmente nos tempos de Confúcio, de Maomé ou do Velho Testamento. Elas não estavam fora da História, mas estavam fora da história da sociedade do século XIX.

Como as mulheres do restante do mundo e dos grandes centros urbanos brasileiros, no século XIX as mulheres no Ceará também permaneciam prisioneiras de uma cultura social patriarcalista. As mulheres do sertão nordestino eram educadas e treinadas para desempenhar as funções de esposa e mãe prendada. As sertanejas ricas ou pobres tinham o lar como destino. No entanto, carecemos de ressaltar as peculiaridades das vidas das mulheres menos abastadas nesse território:

Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto essas atividades, além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem vistas socialmente. Tornavam-se facilmente alvo de maledicência por parte de homens e mulheres que acusavam a incapacidade do homem da casa, ou observavam sua decadência econômica. Por isso, muitas vendiam o produto de suas atividades através de outras pessoas por não querer aparecer. Na época, era voz comum que a mulher não precisava, e não deveria ganhar dinheiro (FALCI, 2011, p. 249).

Assim, seja na Europa, ou no Brasil, no litoral ou no sertão, nas cidades ou na zona rural, no século XIX, havia unanimidade em deixar a mulher no interior dos lares, presa as culpas e responsabilidades domésticas, no espaço privado, a fazer trabalhos não-remunerados, ou em dupla jornada, fora da História, como podemos afirmar a partir dos estudos de Sorj (2004, p.107):

O trabalho remunerado e o trabalho não-remunerado, realizado comumente por mulheres na esfera privada, são duas dimensões do trabalho social que se encontram intimamente ligadas. [...] prevalecia a noção de que a produção para o mercado e o trabalho doméstico seriam regidos por diferentes princípios, isto é, as regras do mercado se aplicariam à produção enquanto o trabalho doméstico seria, por assim dizer, um dote natural que as mulheres aportam ao casamento em troca do seu sustento. Por essa razão, o trabalho doméstico ficou por muito tempo invisível.

As contribuições de Falci (2011), de Sorj (2004), Hobsbawn (2016) entre outros pesquisadores nos levam a reconhecer que o conceito de Girola (2013) de “ideologia da domesticidade” - que relega ao masculino o espaço público e o privado ao feminino

- foi reproduzido na literatura, sobretudo como ocorre em obras que pertencem ao gênero do romance sentimental e moralizante, pois nessas obras temos a tendência de reprodução dos valores vigentes na sociedade, pois estes buscam a garantia de sua circulação e aceitação.

Assim, nesse contexto, a vida e as produções de muitas mulheres seguiram por esse preceito. Podemos perceber isso em algumas obras de Alba Valdez, através da adoção de temáticas consideradas adequadas a escrita de mulheres, como o sonho, a beleza da natureza. Porém, há em outras produções da autora, como no livro *Dias de Luz* (1907) e em vários de seus discursos nas sociedades literárias e intelectuais das quais participou, representações da extrusão desse enclausuramento e silenciamento da mulher.

Romper com essa redoma, que aprisionava as mulheres amordaçadas ao interior do ambiente doméstico, para que ela pudesse ter voz e comandar a própria vida, não foi fácil no contexto do século XIX e início do XX. Mas, muitas mulheres tentaram no decurso da História ultrapassar as fronteiras que limitavam seu espaço de vida, ousaram trabalhar, lutar pelo direito de igualdade, uma participação ativa na construção da sociedade, indo além da esfera privada, alcançando o espaço público. Não foram muitas as transgressoras, a maioria desta minoria ficou anônima ou foi propositalmente apagada das versões da história, o que suscita a necessidade de resgate.

Desse modo, um estudo da história da Literatura sob a ótica de Abreu (2003) reforça a ideia de que a instrução da mulher foi um fator relevante para que esta adentrasse o espaço público, visto que, o domínio da leitura e da escrita foi fundamental para ruptura do silenciamento feminino. Porém, ainda considerando Abreu (2003), compreendemos que permitir a alfabetização de mulheres não objetivava beneficiar o gênero em nenhum aspecto, haviam outros interesses envolvidos, como o político, o religioso e até econômicos/editoriais, as mulheres seriam um público certo para consumir o que era considerado adequado à elas: folhetins, romances, periódicos escritos para mulheres lerem, através dos quais se poderia tentar controlá-las e doutriná-las.

Nossas pesquisas bibliográficas avigoram o poder que se atribuía a palavra no processo de controle e persuasão social. De acordo com Abreu (2003, p.14), na França, desde o século XVII, “o poder político buscou nas letras uma de suas formas de sustentação, não apenas como instrumento de propaganda, mas como argumento

de legitimidade”. A autora ainda relata que nos Estados Unidos homens e mulheres foram alfabetizados por motivos religiosos, uma vez que o alargamento do número de leitores objetivava a leitura da bíblia.

Enquanto Cunha (2008), ao tratar das primeiras escritoras cearenses, ressalta que a chegada da corte portuguesa no Brasil no início dos anos oitocentistas e as transformações que esse fato desencadeou, exigiram a educação e requinte das mulheres da elite, pois elas precisavam aprender a portar-se nos salões políticos e sociais que a nova realidade impunha. Os costumes europeus eram um padrão a ser seguido, e nestes as mulheres estudavam, eram boas leitoras e escreviam, como exemplos podemos citar Jane Austen, Madame de Staël entre outras. Essas tendências e lutas sociais eram veiculadas principalmente pela imprensa, jornais e revistas que disseminavam costumes, ideologias e comportamentos europeus, logo desejáveis.

Portanto, apesar de termos a compreensão de que a instrução feminina no século XIX não tinha como objetivo a emancipação das mulheres, asseveramos sua relevância, porque a apropriação da leitura e da escrita possibilitou o acesso delas ao espaço público, como afirma Moreira (2003, p. 31):

Foi o acesso à educação que instrumentalizou as mulheres americanas para a luta pelo seu lugar e as tornou críticas imbatíveis na formação de uma consciência que rompeu com paradigmas da cultura androcêntrica e com o silêncio que lhe fora imposto durante séculos.

Resumindo, a educação das mulheres contribuiu para o alargamento “da fissura” que o controle da natalidade, o adiamento do casamento e o trabalho da mulher fora de casa - porque os homens foram para os campos de batalha – ocorridos no último quartel do século XIX (HOBSEBORN, 2016), possibilitou a mulher transitar entre espaço privado e o público.

Contudo, os problemas com a educação das mulheres iam além dos reais objetivos de sua promoção, também temos necessidade de lançar uma visão crítica sobre a qualidade dessa instrução, especialmente no Brasil. A pesquisa bibliográfica das várias investigações dá conta de que os estudos para as mulheres não exigiam cientificidade e ou aprofundamento, visto que aos homens pertenciam o espaço e o saber acadêmico. Conforme Moreira (2003), entendemos que o pensamento

dominante na época era que mulher não cabia criar, reservava-se a ela apenas a reprodução do conhecimento.

Destarte, podemos assegurar que a tardia produção literária de autoria de mulheres no Brasil advém da exclusão delas do universo criativo e acadêmico, visto que isso as afastavam sobretudo da escrita literária, restringindo-lhes ao uso da escrita ao ambiente familiar, íntimo e doméstico.

De tal modo, ficamos diante da escrita das listas de compras para as mercearias, bodegas e empórios, dos bilhetes e correspondências, dos diários, das autobiografias e das memórias. Esses, segundo Lacerda (2003), eram os usos mais comuns permitidos às penas femininas, foram a esses gêneros do espaço privado que os homens imaginaram poder reduzir o mundo da palavra escrita para as mulheres, tão banais e utilitários que seriam descartados após cumprirem seu papel; ou tão cheios de intimidade que deviam ficar fechados nas gavetas das escritoras. Porém, as memórias e sentimentos, o cotidiano e as lembranças foram publicados nas produções das mulheres, que decidiram falar de si, já que, como explica Lacerda (2003, p. 31):

A escrita sobre o passado reservou às mulheres pouco espaço de cena e de atuação. Os grandes feitos, as guerras e a política são privilegiados, na escrita da história oficial, como temas centrais e fora do alcance das mulheres. Nessa perspectiva, é recorrente, notadamente nos depoimentos mais antigos, a reconstrução de memórias mais ligadas aos afazeres domésticos, às relações no mundo privado e aos temas que especulam sobre educação familiar, moral e religiosa.

Nessa descrição de Lacerda (2003) encaixamos Alba Valdez e suas primeiras produções, assim como percebemos ser comum à maioria das escritoras cearenses e brasileiras do século XIX e primeiras décadas do XX. Constatamos com facilidade, a partir de leituras de obras de pesquisadoras como Perrot (2005), Rago (2004) entre tantos outros teóricos, que a sociedade desta época limitava os direitos e espaços das mulheres, que eram mantidas à margem das discussões sociais e políticas.

Poucas mulheres conseguiram driblar as barreiras como fez Alba Valdez, que por algumas vezes, utilizou do respaldo de seu lugar de professora, depois de membro do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, para ultrapassar os limites dos temas intimistas e discutir a literatura de autoria de mulheres. Alba Valdez (1937, p. 425) caracterizou a vida das mulheres cearenses do final do século XIX e primeiros

anos do XX em um discurso na tribuna do Instituto do Ceará, por ocasião das comemorações do cinquentenário da instituição:

Estreitamente ligada ao lar por efeito do rigorismo educacional, sem maiores responsabilidades que as decorrentes dos afazeres domésticos, dos estudos feitos com certa limitação, a mulher visionava a vida menos pelo que possuía de real do que pelas aparências. O preparo intelectual ressentia-se do senso das realidades, convindo-lhe bem a terminologia de abstrato que os gramáticos conferem a determinados nomes.

Percebemos que Alba Valdez possuía consciência da condição da mulher de seu tempo, o que se tornou possível porque ela tivera acesso à escola e não se limitara a instrução restrita que lhe fora destinada, mas é essencial entendermos que ela fora parte de uma minoria que conseguiu irromper a ordem sociocultural vigente, e isso era uma característica de seu tempo: um grupo de mulheres que reivindicavam um lugar público.

Embora, a escrita e publicação da palavra das mulheres tenham sido imprescindíveis para a emancipação feminina, e que estabelecamos o século XIX como marco fulcral para a conquista do espaço público por elas no Ceará, a ocupação desse lugar público, foi desencadeada a partir das lutas de outras tantas mulheres pelo mundo em séculos anteriores e contemporâneo, como podemos averiguar na pesquisa de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne sobre Christine de Pizan, escritora francesa da Idade Média. A história e as pesquisas no campo das Letras podem nos mostrar que desde a Era Medieval houveram esforços que possibilitaram determinados avanços nas árduas batalhas contra a clausura, a discriminação, as violências contra a mulher, que ainda perduraram, que conviveram e convivem lado a lado com os frutos da liberdade, da igualdade e do feminismo, como podemos observar no registro de Rago (2004, p.31):

Ser mulher, até aproximadamente o final dos anos de 1960, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se as atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental.

Essa concepção construída a partir do estudo da história das mulheres reforça o distanciamento destas do mundo público, das esferas do poder político, das artes e da construção do conhecimento. Logo, até 1960, podemos identificar que posturas

transgressoras não eram comuns a todas as mulheres, haviam as exceções que agiam em favor da emancipação da mulher, como podemos classificar Alba Valdez. Nessa conjuntura, podemos reforçar que foram as práticas da leitura e da escrita as principais vias que possibilitaram às mulheres o acesso ao espaço público que foi definido por Perrot (1998, p.7-8):

“Público” tem aqui dois sentidos que parcialmente se recobrem. A “esfera pública”, por oposição à “esfera privada”, designa o conjunto, jurídico ou consuetudinário, dos direitos e dos deveres que delineiam uma cidadania; mas também os laços que tecem e fazem a opinião pública. Mais concreto e material, o “espaço público”, amplamente equivalente à cidade, é um espaço sexuado em que os homens e as mulheres se encontram, se evitam ou se procuram.

Ressaltamos essa dualidade de espaços porque é necessário para compreensão do lugar da mulher, assim como, do lugar da palavra da mulher, uma vez que, segundo a análise de Perrot (1998, p.8): “o espaço ao mesmo tempo a regula e a exprime, a torna visível”.

Dessa maneira, a escrita pública de mulheres, além dos diários, das receitas culinárias e listas de compras, representa a transgressão do lugar imposto à mulher, como também, foi seu atestado de existência como sujeito social e político. De tal modo, a afirmação de Käppeli (1991, p. 541) acrescenta as nossas observações a importância da organização das mulheres em grupos: “No século XIX, uma minoria de mulheres criou para si mesma uma identidade pública por meio do feminismo, quer pela sua escrita, quer pelos seus talentos organizativos”.

Através das associações organizadas por mulheres, e principalmente pela imprensa feminina é que elas adentraram o espaço público, forçando passagem pela fissura que os homens lhe abrem na “Era das Revoluções¹⁰”. Os salões literários europeus de mulheres burguesas, os movimentos antiescravagistas das mulheres americanas, repercutiram no mundo inteiro, eram formas de discussão e luta pelos direitos das mulheres de ter voz nas sociedades da época. Estas foram referências importantes para as mulheres brasileiras.

As Mulheres no Ceará, como as matriarcas Bárbara Pereira de Alencar e Fideralina Augusto Lima; abolicionistas como Maria Tomázia Figueira Lima, segundo Barroso (1992), conquistaram espaço público, respectivamente, a primeira e a

¹⁰ Denominação dada por Hobsbawn (2016) para o período da História correspondente aos anos de 1789 a 1848.

segunda na política regional e estadual, cada uma em seu tempo, nos seus espaços; assim como a terceira na luta contra a escravidão na Província cearense. Maria Tomázia, chamada de “A Libertadora”, colaborou para formação de associações abolicionistas em Fortaleza, sobretudo para a “Sociedade das Senhoras Libertadoras”. O exemplo de Maria Tomázia se proliferou por várias províncias do interior, colaborando com a expansão do movimento abolicionista cearense, o estado libertou seus escravos em 1884, quatro anos antes do que o restante do Brasil (BARROSO, 1992).

A causa abolicionista mobilizou muitas mulheres no Ceará, elas se uniram, se organizaram, discutiram, escreveram em jornais, o que foi possível às alfabetizadas, ou seja, que tiveram acesso à educação. É importante ressaltarmos que, como no resto do mundo, no Ceará as mulheres alfabetizadas eram uma minoria, e estavam na capital da província ou próximos a ela, ou, ainda, em vilas/cidades de maior porte, como Aracati, Baturité, Crato, Sobral e Acarape (atual Redenção), entre outras poucas localidades. Através de Telles (2011, p.415) é possível evidenciarmos e recapitularmos esses relevantes acontecimentos na história das mulheres:

O surgimento de sociedades e clubes femininos abolicionistas demonstra um tipo de iniciativa pública organizada que substituíra para algumas mulheres das classes altas, as anteriores atividades filantrópicas. Eles tinham apoio de homens engajados na mesma vertente política. Na imprensa, na década de 1870, vão se tornando comuns libelos e comentários de mulheres. Algumas discursavam em praça pública e outras artistas davam espetáculos visando a emancipação dos escravos. Mulheres de origem humilde também ficaram conhecidas por oferecerem abrigo a escravos fugidos.

Diante dessas mulheres que ultrapassarem a fronteira do espaço privado e do silenciamento, buscando expressar em espaços públicos suas ideias, elas tiveram a palavra como uma das principais ferramentas para as conquistas femininas, indo além, lutando por isso através do acesso à educação, do direito à cidadania, evidenciarmos a importância da escrita na conquista do espaço público pelas mulheres e levantamos outras questões: de qual lugar as mulheres escreveram e publicaram no Ceará? O que e como escreveram e publicaram?

Se a revisão literária sobre a história das mulheres norteou nossas reflexões até a formulação desses questionamentos, a análise dos periódicos será ainda mais necessária para orientar o percurso para definição do lugar social da autoria das escritoras no Ceará.

1.2 O lugar da palavra das mulheres no Ceará

Ao considerarmos a escrita como parte da realidade da vida das mulheres estabelecemos relações entre essa prática e a história de suas autoras, como também definimos o lugar social de onde elas escreveram e publicaram. Estabelecemos essa conexão embasados no conceito de autoria construído por Foucault (2013) em que ele mostra que não podemos restringir a autoria ao indivíduo que fala ou escreve um texto, visto que o autor ou autora deve ser analisado como “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (p.25).

Por esse ângulo, analisamos a palavra das mulheres como uma fusão dos discursos da sociedade na qual elas estavam inseridas, reconhecemos também que isso ocorre através do que Foucault (2013) chama de “jogo de diferenças”, que é regulado pela função do autor, que por sua vez é determinada dentro e pelo seu tempo, que pode até mesmo incentivar e promover transgressões. Nesse contexto, reverberamos sobre a importância da autoria na ordem do discurso literário, porque ainda conforme as ponderações de Foucault (2013, p.25), evidencia-se que:

[...] todas as narrativas, todos os poemas, todos os dramas ou comédias que se deixava circular na Idade Média no anonimato ao menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta (e exigem que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que o articule com a sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá a inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real.

Desse modo, reconhecemos a ligação entre a escrita e a identidade da autoria, que segundo Foucault (2013) funciona como um “jogo de uma identidade” que age também como limitador ou uma forma de interdição do acaso do discurso sob a forma da “individualidade e do eu”.

Isso nos conduziu a refletir sobre as identidades das autoras, norteando-nos também por Hall (2006), analisamos as mulheres a partir de suas “identidades culturais”, de seu “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e sobretudo nacionais, e até regionais, uma vez que o Brasil é um país de proporções

continentais que reúne múltiplas e variadas culturas. Essa apreciação nos direciona para o reconhecimento do lugar social da palavra das mulheres.

Nessa empreitada, ainda precisamos ressaltar que as mulheres ao se assumirem como autoras se apropriam da condição de sujeitos sociais e autorais. Partindo desse raciocínio, e ainda considerando Foucault (2013), entendemos que o lugar do sujeito autoral corresponde ao momento decisivo de entrar na ordem do discurso, tomar a palavra e constituir uma autoria.

Destarte, retomamos os estudos de Hall (2006) para reforçar a relação da identidade da autoria com o lugar social de sua produção, ponderando que, em uma concepção sociológica, a identidade ocupa o espaço entre mundo privado e o mundo público, o que nos leva a análise das ligações entre o sujeito autoral e o sujeito social a partir de sua identidade cultural:

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2006, p. 12).

De tal modo, asseveremos a necessidade da compreensão desse jogo de identidade e discurso de autores e autoras para verificar o lugar social de suas produções. Optamos por seguir pela rota metodológica definida por Certeau (2011, p.47) ao afirmar que toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural”, porque entendemos que a escrita das mulheres está intimamente imbricada com suas histórias e suas identidades.

Pela perspectiva de Certeau (2011), para averiguarmos o lugar social da palavra das mulheres no período que essa pesquisa abrange (1889-1962) implica um meio de elaboração balizado por determinações próprias: etnia, classe social, lugar de nascimento, escolaridade, profissão, posto de observação, categoria de letrado ou intelectual, condições de submissão a imposições, privilégios, interesses, lugar discursivo (pessoal, social e econômico) e ainda as vozes constitutivas do discurso autoral.

Com base nesses elementos estruturantes do lugar social podemos identificar a posição da palavra das mulheres no todo social no Ceará. Para tanto, nesse momento da investigação recorreremos aos periódicos porque, conforme Barbosa (2007), estas fontes permitem a restauração de práticas discursivas da época, de

acontecimentos triviais ou até esquecidos, eventos mínimos do cotidiano que nos permitem capturar os elementos que interagem com os discursos das mulheres, auxiliando na definição do lugar social da escrita delas.

Já reconhecemos anteriormente a relevância da imprensa para a escrita de mulheres, portanto, avaliamos que, nessa parte da investigação, eles se configuram em um manancial de pesquisa dos modos de vida, identidades, linguagens, sociabilidades do século XIX e boa parte do século XX, configurando-se como importante alicerce para apuração dos determinantes imediatos do lugar social da autoria de mulheres.

Isto posto, nos valem da *Revista do Instituto do Ceará*, na edição de 1889, para analisarmos alguns dos elementos que nos auxiliem na verificação do lugar social da escrita das mulheres no Ceará. A partir do artigo do senador Thomaz Pompeu¹¹ (1889) sobre os estudos demográficos do Estado, desde o século XVIII até no século XIX, apesar das falhas na coleta de dados apontadas pelo próprio Pompeu em seu artigo, pudemos constatar informações de grande relevância para nossa empreitada.

Pompeu (1889) embasou-se nos recenseamentos de paróquias e outras instituições para tratar do século XVIII, subsídios que ele mesmo classificou como “levantamentos parciais”, contudo também asseverou serem os únicos registros demográficos que existiam a respeito da população cearense. Identificamos que os dados sobre os anos oitocentistas, que mais são necessários à nossa pesquisa, foram coletados por Pompeu no primeiro censo ocorrido no Ceará, que data de 1872, antes da abolição dos escravos, o que justifica a decomposição da população no artigo em homens e mulheres livres e escravos.

Segundo esse artigo de Pompeu (1889) traçamos o seguinte perfil das mulheres do século XIX: haviam 355.839 mulheres, o que representava 49,29% da população cearense da época; a maioria das mulheres eram livres, apenas 4,75% das mulheres eram escravas, entretanto haviam mais mulheres escravizadas do que homens escravizados, o que nos possibilita inferir que a manutenção das mulheres

¹¹ Pompeu (1889) apresenta um estudo demográfico do Ceará, mas salienta que estes dados anteriores ao Censo de 01 de agosto 1872 são apenas conjecturas, então com base neste documento decompõe a população cearense em homens e mulheres, e estas em várias categorias, e partir delas é possível verificar um perfil da população que sabia ler e da porção que era analfabeta no século XIX.

Conforme os dados de Pompeu (1889), das 355.739 mulheres que viviam no Ceará apenas 20.915 sabiam ler, desse modo, se eram poucas as alfabetizadas, as privilegiadas com uma formação secundária eram ainda menos; constatamos também que a maioria das mulheres alfabetizadas eram livres, representando somente 5,84% da população feminina; enquanto apenas 12 escravas eram alfabetizadas, correspondendo a 0,003% das mulheres no Ceará.

Ainda encontramos outra informação de valor para nosso esquadramento no artigo “A população Cearense” de Pompeu (1889): o número de meninos e meninas, na faixa etária de seis a quinze anos, que frequentavam a escola. Verificamos que apenas 5.399 meninas livres tinham acesso à escolaridade, enquanto 85.087 não iam à escola. Ao compararmos com o número de meninos, percebemos que esse número se aproxima do dobro, 10.021 meninos estavam na escola, enquanto 83.808 não tiveram direito à instrução escolar. Registramos que não haviam no artigo de Pompeu (1889) dados sobre as crianças e jovens escravizados, o que nos leva a conjecturar a inexistência ou números ínfimos sobre essa parcela da população.

Nesse contexto, enfatizamos que o alto índice de analfabetismo era um traço comum em todo o Brasil no século XIX, e este número era ainda maior quando se considerava a população feminina. Portanto, com base no artigo de Pompeu (1889) inferimos que as mulheres que escreviam no Ceará oitocentista, eram predominantemente brancas e ou pardas e livres, consideração que também é válida para delinear o perfil das leitoras. Neste perfil situamos Alba Valdez, branca e livre.

Entretanto, com relação a etnia das escritoras no Ceará do século XIX, identificamos a partir da obra de Cunha (2007) sobre as primeiras escritoras cearenses uma alusão a um texto que pode ter sido escrito por uma mulher negra. Norteados nesses indícios encontramos o poema, publicado no jornal *O Cearense*, na página 2, na seção intitulada de “Literatura”, no início da quarta coluna, com um título longo: “Poesia oferecida à Sociedade Cearense Libertadora, em memória do dia 27 de janeiro de 1881”, publicado em 30 de janeiro do mesmo ano. Assinado por “Uma Cearense Abolicionista”, o poema tem eu lírico em primeira pessoa do plural, colocando-se numa posição de pertencimento, falando como uma mulher negra que vivia no Ceará.

O poema faz referência à uma data, 27 de janeiro de 1881, dia célebre na história do Ceará, visto que, trata-se do marco final do tráfico de negros nesse estado.

Segundo outro periódico da época, *O Libertador* (1881, p. 1-3), no dia 27 iniciou-se um protesto de jangadeiros que se recusaram a transportar escravos para os navios negreiros que estavam na costa cearense, e foram apoiados por toda a sociedade cearense, que tomou parte na manifestação em que o povo bradava: “- No porto do Ceará não se embarcam mais escravos!”

O jornal *O Libertador* (1881) explica que jangadeiros e demais manifestantes enfrentaram os negreiros e o próprio governo que determinou intervenção da polícia, porém, a resistência dos protestantes venceu, impedindo o embarque de escravos no porto cearense, como também desembarcando os negros que já haviam sido embarcados antes da manifestação, como a escrava Luzia, e pessoas negras de outros estados que nos navios se encontravam cativos e seriam vendidos na região, como uma mãe e suas quatro filhas, que embora livres foram capturadas no Maranhão por um negreiro sem índole e seriam postas à venda (O LIBERTADOR, 1881). O poema então louva esse feito popular, que ganha força com a organização de uma associação abolicionista Sociedade Cearense Libertadora, proprietária do jornal.

Figura 2 - Jornal Cearense, edição de 30 de janeiro de 1881, sessão de Literatura.

CEARENSE — FOLHA DE 30 DE JANEIRO DE 1881.

LITTERATURA

Poeia oferecida á Sociedade Cearense Libertadora, em memoria do dia 27 de janeiro de 1881.

Quem ha, que hoje não sinta
Palpitar-lhe o coração?
Da justiça ouvindo a voz
Bradar: — Emancipação.

Se o silencio e o balcão,
Se a calma e a tempestade,
Se até o pó que se eleva,
Hoje nos diz—Liberdade.

Que nobre e sublime ideia
Rompeu as brumas do nada!
Foi a propria natureza
Que sentiu-se indignada!

E o acoragade cabin
Da bruxa nã do feitor;
Ergueu a fronte o escravo,
Bateu a vista o senhor!

Infame! esclama elle, ironico,
Quem foi que assim abusou
Da ignorancia e fraqueza
Que em nossa raça se achou?

Nascemos outr'ora livres
Em nossa patria querida;
Foi bem vasto o nosso berço
Da palmeira a sombra amiga:

—Mas, nossa sorte mudou,
Depois que a louca ambigão
Fez do homem a mercador
Do sangue do seu irmão!

—E nem corava ao receber
Moeda que o deshonrava!
Tinha surda a consciencia
Pra dor da mãe que chorava?

—Alegre guardava os lucros
Da vil especulação;
Depois os boiaes, jantares...
Brilhantes, em profusão!

—Tremei, barbaros acabou se
Da tyrannia o reinado;
Tendo obreiros do progresso
Nossa causa advogado,

—Engrandecida e louvada
Seja vossa associação
Que, por decreto divino,
Nos estende agora a mão.

—E vos, virgens cearenses,
Vede nossos defensores,
Amma! eis a seguir
Na senda, espilhando—flores.

Uma Cearense Abolicionista.

ILLEGIVEL

Fonte: Acervo do Instituto do Ceará

**Poesia oferecida à Sociedade Cearense
Libertadora, em memória do dia 27 de
Janeiro de 1881.**

Quem há que hoje não sinta
Palpitar-lhe o coração?
Da justiça ouvindo a voz
Bradar: - Emancipação.

Se o silêncio e o balbucio,
Se a calma e a tempestade,
Se até o pó que se eleva,
Hoje, nos diz – Liberdade.

Que nobre e sublime ideia
Rompeu as brumas do nada!
Foi a própria natureza
Que se sentiu indignada!

E o azorrague caiu
Da brusca mão do feitor:
Ergueu a fronte o escravo,
Baixou a vista o senhor!

Infame! exclama ele, irônico,
Quem foi que assim abusou
Da ignorância e fraqueza
Que nossa raça se achou?
Nascemos outrora livres
Em nossa pátria querida:
Foi bem vasto o nosso berço
Da palmeira a sombra amiga:

-Mas, nossa sorte mudou,
Depois que a louca ambição
Fez do homem o mercador
Do sangue de seu irmão!

E nem corava ao receber
Moeda que o desonrava!
Tinha surda a consciência
Pra dor da mãe que chorava?

- Alegre guardava os lucros
Da vil especulação;
Depois os bailes...jantares...
Brilhantes, em profusão!

- Tremei, bárbaros acabou-se
Da tirania o reinado
Tendo obreiros do progresso
Nossa causa advogado.

- Engrandecida e louvada

Seja vossa associação
Que, por decreto divino,
Nos estende agora a mão.

- E vós, virgens cearenses,
Vede nossos defensores,
Amai-vos a seguir
Na senda, espalhando – flores.

Uma Cearense Abolicionista. (O CEARENSE, 1881, p.2)

Esse poema é um dos poucos registros que supomos ser de autoria de mulher negra no Ceará de que tivemos conhecimento, podendo a autora ser uma das escravas alfabetizadas apontadas no artigo de Pompeu (1889). Ainda ressaltamos que algumas mulheres faziam parte da Sociedade Cearense Libertadora, elas desenvolviam principalmente ações para arrecadação de fundos que patrocinavam a compra e a alforria de escravos no Ceará, de toda forma é também perceptível que os homens tentam minimizar a participação das mulheres, colocando-as sempre como adornos.

A maioria das mulheres, na parca e limitada educação que recebiam, eram sempre criaturas passivas, eram produzidas pela família, que era fruto de uma sociedade patriarcal, pelos rituais religiosos, pelos preconceitos estabelecidos por estas instituições que a moldavam e a determinavam. Em um de seus discursos Alba Valdez (1937, p. 426) resumiu a condição das mulheres: “O mundo, o verdadeiro mundo, contemplavam-no de longe. Os rumores do espetáculo extramuros chegavam-lhes em notas confusas, desfalcadas em acento e quantidade”.

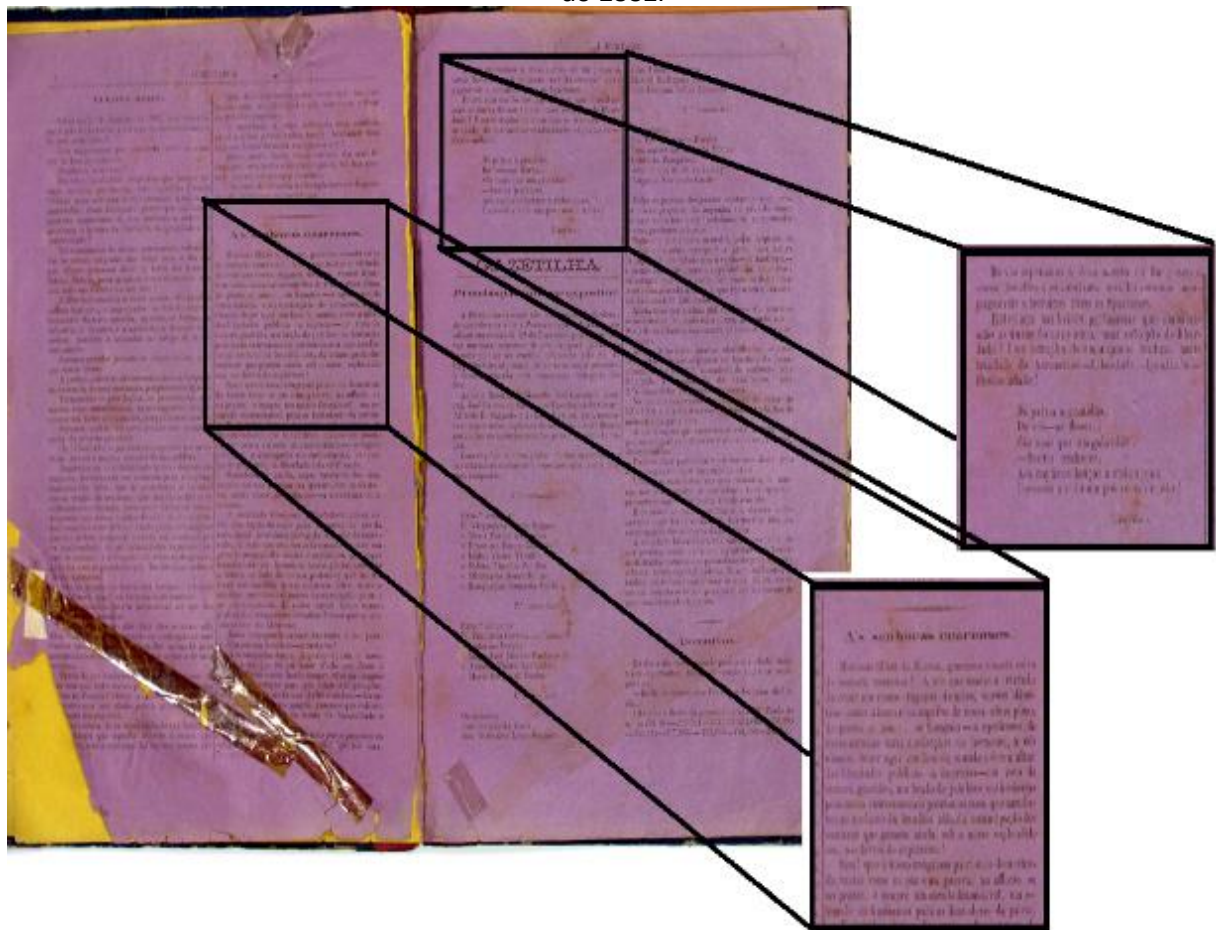
Isso ocorre porque mesmo existindo mulheres que contrariaram essa perspectiva e se fizeram agentes ativas na sua formação, como a própria Alba Valdez, procurando se produzir ao invés de serem produzidas, assumindo a posição de criadoras modificaram intensamente o processo educativo nos séculos XIX e XX, elas foram a minoria, visto que a grande maioria era analfabeta. Como consequência elas também interviam na formação social, incentivando outras mulheres a se construírem, como fez Bárbara Pereira de Alencar, através de sua ativa participação na Confederação do Equador no Ceará (1817-1824).

Apesar de referências de luta pela liberdade e coragem, mulheres como Bárbara Pereira de Alencar e Jovita Feitosa – esta foi uma cearense que se travestiu de homem para tentar participar da Guerra do Paraguai, como relatou Barroso (1992) - foram posteriormente enclausuradas e reconduzidas ao espaço privado. Bárbara

Pereira de Alencar foi presa e depois obrigada a refugiar-se no sertão até sua morte; e Jovita foi proibida de ir à guerra, mesmo depois da travessia que fez do Ceará para Teresina-Piauí e daí para o Rio de Janeiro. Jovita Feitosa foi silenciada pela frustração de não ter concretizado seu desejo de luta, ela morreu aos dezenove anos na capital fluminense, longe da família e de sua terra natal (BARROSO, 1992).

Essa recondução da mulher ao lar e aos afazeres domésticos, uma espécie de despesa do seu direito de participação social é nítida nesse artigo do jornal *Libertador*¹², edição de 01 de janeiro de 1881:

Figura 3 - Artigo do jornal *Libertador* intitulado “As senhoras cearenses”, publicado em 01 de janeiro de 1881.



Fonte: Jornal *Libertador* (01/01/1881)

¹² O jornal *Libertador* era uma publicação da Sociedade Cearense Libertadora, destinada a divulgar os interesses e as propagandas abolicionistas. Esse periódico apresentou publicação irregular, do número 1 ao 7 circulou quinzenalmente com uma média de 08 páginas, do número 8 ao 18, saíam com média de 04 páginas, com periodicidade semanal. A Sociedade Cearense Libertadora utilizou a imprensa como principal instrumento para formar a opinião pública a favor de seus ideais políticos, sociais e econômicos, através de discursos de ordem moral e progressista, recodificando os princípios burgueses oriundos do Romantismo, Positivismo e Iluminismo, como liberdade política e econômica, desenvolvimento industrial, tecnológico e progresso científico.

As senhoras cearenses

Mimosas filhas de Moema, generosa e santa seiva do coração cearense! A voz que tendes a virtude de criar em vossas regaças de mães, varões ilustres como Alencar – o espelho de vossa alma plena de poesia e amor; ou Sampaio – a apoteose do vosso coração viril e esforçado de heroísmo, a vós viemos depor aqui em face do mundo sobre o altar das liberdades públicas – a Imprensa – um voto de sincera gratidão, um brado de jubiloso entusiasmo pelo modo extremamente patriótico com que acudistes ao reclame da bendita ideia da emancipação dos escravos que gemem ainda sob o nosso esplendido céu, nos ferros do cativeiro! Sim! Que o vosso congresso patriótico demonstrado tantas vezes na paz e na guerra, na aflição ou no prazer, é sempre o escudo formidável, um estímulo entusiástico para os lutadores da pátria. [...] De vós esperamos o doce alento do lar; com o vosso benéfico e estimulante auxilio seremos inexpugnáveis e heroicos como Espartanos. Entrelaçai nas brisas perfumosas que embalsamam as auras do novo ano, uma estrofe de liberdade! Uma estrofe de amor que se traduza nessa trindade de harmonias – Liberdade – Igualdade – Fraternidade!

Da pátria a gratidão

De vós - as flores...

São mais que um galardão

- Santos penhores.

Aos cativos lançai a redenção

Torne-se a vida um povo nosso irmão!

(LYCURDO, 1881, p.2-3)

Esse artigo, publicado no primeiro número do jornal *Libertador* (1881), aparece como uma exaltação as mulheres que tomaram parte nas lutas abolicionistas no final do século XIX, mas deixa claro que o lugar destas mulheres é o lar; seu principal papel de conceber os heróis, homens de sucesso na literatura ou na política; e sua função nas lutas sociais é de auxiliar o homem, ser musa das lutas, reforçando a ideia da mulher como objeto decorativo. Assim, a mulher cearense é reconduzida ao espaço privado após ousar adentrar o espaço público, como fez em diversos momentos da história do Ceará, seja de paz ou de conflitos.

A Confederação do Equador, movimento revolucionário e republicano no Ceará datado de 1824, teve Bárbara Pereira de Alencar como uma de suas mentoras, além de suscitar ideais de liberdade na terra cearense e revelar a força das mulheres que podem também ocupar o espaço público, é também responsável pela chegada oficial da imprensa no Ceará, quando o presidente da República do Ceará, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, filho de Dona Bárbara, recebe o primeiro prelo, montando a “Tipografia Nacional do Ceará” que produziu o primeiro jornal do estado: o *Diário do Governo do Ceará*. (LIMA, 2014).

Embora, Oliveira (1907) tenha apresentado outra versão¹³ sobre o início da história da imprensa cearense, em que assegurava poder comprovar suas convicções através de documento que registra que já em 1817 existia um prelo em Fortaleza. Como também, ele registrou e transcreveu em suas notas históricas sobre a imprensa cearense outros documentos que comprovam sua tese, datados de 1823:

[...] asseguro que no começo deste último ano (1824) e antes mesmo da chegada daquela tipografia, existia e se achava funcionando nesta capital uma imprensa, talvez aquela mesma Imprensa livre, cuja criação fora resolvida pela Junta Provisória do Governo da Província, na sessão realizada em 22 de março de 1823. (OLIVEIRA, 1907, p. 354).

A presença da invenção de Gutemberg em solo cearense antes do indicado na versão histórica, conhecida oficialmente, reforça a importância da imprensa no século XIX, seus usos para difundir ideias e influenciar a opinião pública, utilizada mesmo diante de uma população quase que totalmente analfabeta. No entanto, o Barão de Studart insistiu:

O que vou dizendo do *Diário*, não significa que já não existisse imprensa em Fortaleza; conhecem-se Proclamações, Avisos, Editais, etc., a ele anteriores, mas se jornal implica a existência de uma tipografia, a inversa não é verdadeira e há dúzias de exemplos (STUDART, 1924, p. 12).

As polêmicas entre os historiadores da imprensa cearense, sócios fundadores do Instituto do Ceará¹⁴, Oliveira e Studart, foram além do marco inicial do jornalismo do Ceará, eles divergiam também nos catálogos de periódicos do século XIX, publicados neste território. Contudo, ambos concordavam com a relevância da imprensa e efervescência das letras no Ceará, pois tinham consciência de que os

¹³ É preciso ressaltar que Oliveira (1907) relatou fatos, apresentou documentos em suas notas sobre a imprensa no Ceará, na *Revista do Instituto do Ceará*, que são fortes indícios de que existia imprensa nesta Província antes de 1824. O historiador expôs um ofício do governador do Ceará, Manoel Ignacio de Sampaio, datado de 20 de abril de 1817, que tinha como destinatário o Conde da Barca, na época Ministro e Secretário português, que era Encarregado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, em que ele detalha as estratégias e esforços dele para fidelizar o povo aos interesses da dinastia de Bragança. Sampaio destacou que um dos meios que ele utilizou foi a publicação e distribuição por toda a capitania cearense de uma Gazeta impressa.

¹⁴ O Instituto do Ceará foi fundado em 4 de março de 1887, sendo a mais antiga instituição cultural do nosso estado e uma das mais antigas do Brasil. A instituição tem como finalidade o estudo e a difusão da História, da Geografia, da Antropologia e ciências afins, especialmente no que se refere ao Ceará.

jornais e periódicos eram valiosos documentos históricos, principalmente em uma terra pobre também em outros tipos de fontes históricas.

Durante o século mencionado [século XIX] e mesmo nas primeiras décadas do atual [século XX], as limitações da indústria editorial no País e, notadamente no Ceará, convertiam os jornais na possibilidade quase única de expressão do pensamento e de criação literária. Por isso, Dolor Barreira, para escrever sua “História da Literatura Cearense”, teve que se socorrer das hemerotecas, na tentativa de localizar grande parte da produção intelectual, dispersa nas folhas impressas há muito recolhidas aos arquivos (NOBRE, 2006, p.9).

A escrita e a publicação impressa foram, nos anos oitocentistas, ferramentas ainda mais poderosas para comunicação, mobilização social e divulgação artístico-cultural, política e econômica. Em território cearense isso se potencializou, visto que os jornais foram o meio mais acessível para prática da leitura e escrita.

A importância do jornalismo no Ceará foi ainda maior para as mulheres do século XIX, pois, somente através da escrita as mulheres romperam com o silêncio imposto. Essa passagem entre a ocultação e a visibilidade que a mulher ousou fazer, foi um percurso comum no mundo todo, como sintetiza Perrot:

Restritas ao espaço privado, no melhor dos casos aos espaços dos salões mundanos, as mulheres permanecem durante muito tempo excluídas da palavra pública. [...] Sem o poder, como as mulheres ganharam influência nas redes durante tanto tempo dominadas por homens? Primeiro pela correspondência, depois pela literatura e, por fim, pela imprensa. Ainda que permaneçam restritas a tarefas subalternas, elas se inseriram em todas as formas de escritos (1998, p.59).

Porém, somente por volta da década de 1880 registra-se a produção letrada pública de mulheres cearenses: Francisca Clotilde, Emília Freitas, Serafina Rosa Pontes, Alba Valdez e Ana Facó são consideradas pioneiras na autoria feminina do Ceará (SILVA, 2011, p. 10). Com suas penas e pela profissão do magistério elas foram contribuindo com a construção de novos papéis para suas contemporâneas.

A mulher de letras do Ceará teve princípios ásperezos, concorrendo para isso, como já foi dito, o isolamento da terra, sem o contato direto da civilização, a rigorosa educação familiar e os conceitos desairosos, que sobre o cérebro feminino atiraram certos filósofos (VALDEZ, 1937, p. 428).

Para ratificar as dificuldades das mulheres de letras do Ceará, podemos citar a própria Alba Valdez, a escritora faz uma comparação com as dificuldades dos homens de letras cearenses, ela salienta que a maioria deles “se fez longe da terra natal” por conta da seca e da distância dos maiores centros da civilização; entretanto a palavra das mulheres cearenses se fez em solo e sob o sol do Ceará, enfrentando tanto as intempéries climáticas, quanto o que Valdez chama de “seca moral”, que flagelava a vida do XIX: “O desestímulo, a conspiração do silêncio, a crítica derrotista das igrejinhas, não será uma seca que abate e definha o espírito?” (VALDEZ, 1937, p. 423).

A situação da palavra pública da mulher que Alba Valdez ilustra a partir da imagem da seca, permite inferirmos a falta de estímulo e as dificuldades para que a mulher publicasse o que escrevia, isso se pode verificar a partir do baixo número de publicações de livros de autoria feminina no Ceará, tal qual ocorria por todo Brasil.

Nos anos oitocentistas foram apenas cinco livros de autoria feminina publicados no Ceará, conforme os estudos de Barreira (1948; 1951; 1954; 1962), em que este historiador descreve em quatro tomos a História da Literatura Cearense; de Girão (2001), *Bibliografia Cearense: Século XIX e XX*, no qual a autora mapeia as obras de escritores cearenses publicadas entre os anos de 1825 e 1930; como também, de Lima (2014), pesquisadora que realizou estudo sobre os livros publicados em Fortaleza na última década oitocentista; de Macedo (2012), que escreveu um ensaio intitulado *Literatura Feminina Cearense- Introdução*¹⁵ que surgiu de uma pesquisa que tem referência em estudos realizados em 1984; de Colares (1975); uma série de cinco livros publicados sobre literatura com o título *Lembrados e Esquecidos*; a tese *Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935*, de Gildênia Moura de Araújo Almeida (2012); assim como, foram verificados arquivos das bibliotecas da Academia Cearense de Letras, da Casa Juvenal Galeno, e do Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Menezes Pimentel e do Instituto do Ceará.

Após esses estudos bibliográficos, pesquisas e levantamentos nessas instituições é possível listar essas obras: *Livro d’Alma* (1894), de Serafina Pontes; duas obras de Francisca Clotilde, *Noções de Aritmética* (1889) e *Coleções de Contos*

¹⁵ Publicado em um blog do pesquisador. Disponível em: <http://dimasmacedo.blogspot.com/2012/08/literatura-feminina-cearense-introducao.html>. Acesso em jul. 2015.

(1897); dois livros de Emília Freitas, *Canções do lar* (1891), *A Rainha do Ignoto* (1899). Livros de versos, coletâneas de contos, obras didáticas, e um romance foram os gêneros em que essas autoras publicaram.

Porém, se poucos livros foram publicados por mulheres no Ceará, no período entre o final do século XIX e a primeira metade do XX, temos que reiterar que essa produção escrita das mulheres se amplia nos periódicos, que nos revelam autoras e obras que caíram no ostracismo.

Assim, é fulcral conhecermos as histórias dessas pioneiras, das donas da palavra no Ceará. Apresentamos a seguir as escritoras que publicaram em livros e periódicos, em uma ordem cronológica de seus nascimentos, ressaltando as relações que se constituíram entre elas e a relevância disso para estabelecer o lugar social da produção escrita de mulheres.

A partir de Colares (1975) e Almeida (2012), conhecemos um pouco de Serafina Pontes, que nasceu em 07 de outubro de 1850 no Rio de Janeiro, mas considerada cearense, pois foi adotada com apenas três meses de vida por a família do médico cearense Dr. Francisco Alves Pontes, e com eles retornou, cresceu e morreu no Ceará. Viveu os primeiros anos em Sobral, terra natal do pai, depois mudou-se para Fortaleza, onde faleceu em 11 de outubro de 1923, aos setenta e três anos de idade, ainda solteira.

Ainda registramos uma peculiaridade sobre Serafina Pontes, muito jovem ela ficou cega, e seus poemas eram ditados por ela aos amigos que os grafavam. Mesmo diante dessa e de outras dificuldades que se agravaram com a morte do pai em 1880, ela publicou vários poemas em jornais, um livro de título *Livro da Alma* (1894), este que foi prefaciado por Francisca Clotilde, as duas tinham grande amizade (COLARES, 1975). A crítica literária de Colares (1975, p. 185) considerava que Serafina Pontes era uma expressão do Romantismo no Ceará:

[...] legítima, embora singela expressão do ultrarromantismo em terras do Ceará. Sua lembrança hoje demora apenas no seio de uma família modesta, que soube amá-la e venerar-lhe a memória. Está sepultada no Cemitério de São João Batista, no jazigo da família de Francisco Otônio Colares, segundo plano, lado esquerdo de quem penetra pelo portão principal da necrópole. Seu nome, data e local de nascimento e morte constam de uma placa em mármore encimada por uma lira.

Reforçando essa classificação da poesia de Serafina Pontes como ultrarromântica, ressaltamos a crítica de Guedes e Votre (2012) que compararam os poemas de Serafina Pontes com as produções de poetas trovadorescos, segundo eles: “As poetisas expõem a sua impossibilidade social de perpetuarem seu amor ou a angústia diante do amor solitário e seu sofrimento”. A subjetividade exacerba-se na escrita de si, Serafina Pontes produzia poemas que falavam de suas próprias vivências, contava sua história, falava do pai adotivo. Encontramos um poema no *Jornal do Ceará*, na edição de 20 de Outubro de 1905, na “Seção de Todos”, seção em que eram publicados os mais diversos comunicados de interesse dos leitores, que varia sua localização jornal de quatro páginas entre a segunda e a terceira, um poema em que ela homenageava sua amiga e confidente Francisca Clotilde, por ocasião do aniversário desta, prática comum na época:

Figura 4 - Poema intitulado “Joia”, publicado em 20 de outubro de 1905.



Fonte: Jornal do Ceará (20/10/1905)

O poema é um atestado da amizade de Serafina Pontes e Francisca Clotilde, o que nos permite considerar a existência de uma rede de sororidade que havia entre

as escritoras no Ceará e de outras regiões. Além disso, nos possibilitou reconhecer o que o jornal também foi um espaço de sociabilidade para as mulheres no Ceará.

Nesse cenário literário cearense entre séculos XIX e XX, também destacamos Emília Freitas, nascida em 15 de janeiro de 1855, em Aracati, em uma localidade chamada Vila da União (hoje Jaguaruana). Encontramos registros dessa escritora e sua produção em dicionários antológicos que tratam de escritoras brasileiras, como o de Muzart (1999) e Coelho (2002), diferente de Serafina Pontes que não foi citada nestas obras referenciais.

Há uma obra de Alcilene Cavalcante que trata da vida e obra de Emília Freitas, publicada pela Editora Mulheres, importante instituição para o resgate de escritoras e obras de autoria feminina que caíram no esquecimento. Esta pesquisadora considerou Emília Freitas uma escritora de periferia no império, pertencente ao grupo que transitava entre o romantismo e o realismo (CAVALCANTE, 2008).

A leitura da obra de Cavalcante (2008) nos auxilia a escrever um resumo biográfico de Emília Freitas. Em 1869, em sua terra natal, a escritora perdeu o pai e passou por dificuldades financeiras junto com sua família, perseguições políticas os levaram a mudar para Fortaleza, onde, apesar das dificuldades, ela estudou inglês, francês e geografia. Formou-se professora na Escola Normal em 1885, registramos que nesta escola foi aluna de Francisca Clotilde, e neste mesmo ano, ocorreu a morte da mãe. Ela e o irmão Alfredo de Freitas, na busca de uma vida melhor, mudaram-se para Manaus em 1892, onde exerceu o magistério no Instituto Benjamin Constant e casou-se com o jornalista Antônio Vieira que acompanhou em seu retorno para o Ceará em 1900.

Emília Freitas reuniu seus poemas e publicou-os em um livro intitulado *Canções do lar*, em 1891, ela foi “a primeira mulher escritora cearense a publicar um livro de poesia e, também, romance” (COELHO, 2002, p. 194), este com o título *A rainha do ignoto*.

Na coletânea de poemas a autora explorou sua infância, sua vida cotidiana e suas descendências, as observações sobre o meio familiar e social em que vivia também foram inspiração para suas produções poéticas. Emília Freitas publicou muitos poemas também nos jornais, tanto na região norte onde morou, quanto em periódicos cearenses:

Foi colaboradora em inúmeros jornais literários da região – como *Libertador*, *Cearense*, *O Lírio*, *A Brisa*, de Fortaleza, e o *Amazonas Comercial e Revolução*, de Belém do Pará, dentre outros – onde deixou inspirados poemas e textos instigantes. Muito lúcida, foi membro atuante da Sociedade das Cearenses Libertadoras de Fortaleza e defendeu ideias abolicionistas (DUARTE, 2008, p. 16).

Desde a apresentação da pesquisa de Cavalcante (2008), feita por Constância Lima Duarte, até a antologia poética que finaliza o livro, somos instigados a perceber a necessidade e o valor do resgate das histórias de vida e as obras de autoria feminina, tarefa que também nos propomos com Alba Valdez. Assim, a leitura da investigação de Cavalcante (2008) nos coloca diante de informações relevantes como o fato de haver um romance desaparecido de Emília Freitas, denominado *O renegado*, como também verificamos no primeiro volume do Dicionário Bibliográfico Cearense do Barão de Studart (1910); há também menção à escrita de uma peça de teatro, cujo título era *Nossa Senhora da Penha*, que fora encenada em 1901 na cidade de Maranguape-CE.

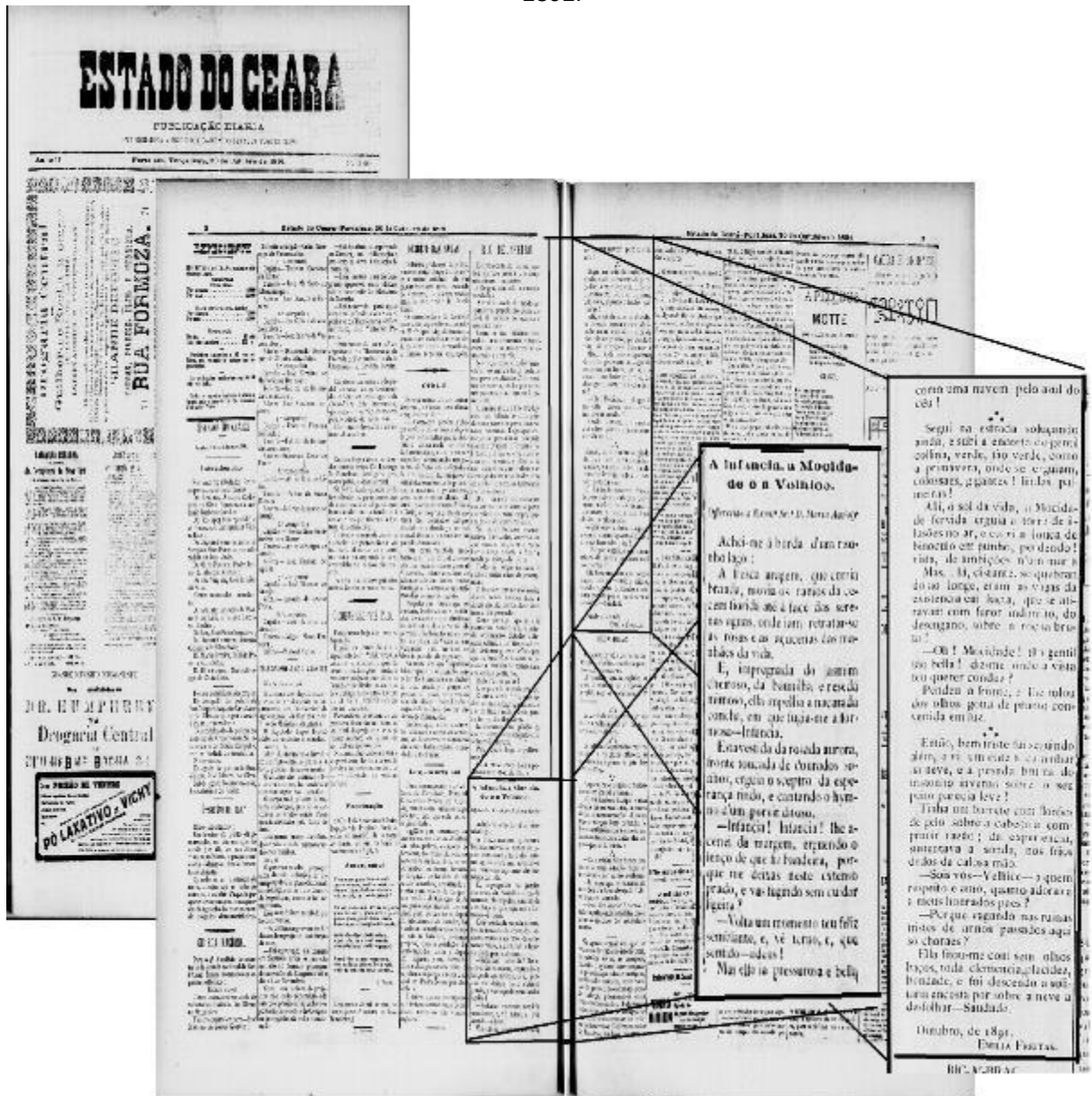
Percebemos que o desaparecimento de obras mencionadas em biografias antigas das autoras que foram esquecidas pela crítica, é fato comum, pois identificamos também essa situação na vida de Alba Valdez, o que exploraremos no segundo capítulo em que nos dedicaremos a trajetória biobibliográfica desta escritora.

Outro fato que atribuímos importância na biografia de Emília Freitas foi seu retorno ao Ceará, que de acordo com Cavalcante (2008), ocorreu porque seu marido assumiria a redação do *Jornal de Fortaleza*. Inferimos que o exercício do jornalismo do marido de Emília Freitas contribuiu para facilitar a publicação das obras da autora, que ocorreram em sua maioria posteriormente ao seu casamento.

Ainda identificamos na pesquisa de Cavalcante (2008) sobre a escritora de *A rainha do ignoto*, o registro da volta dela para Manaus, o que aconteceu após o falecimento de seu marido, onde permaneceu até sua morte em 18 de outubro de 1908.

Encontramos durante nossas pesquisas nos periódicos várias publicações de Emília de Freitas, como essa no jornal *O Estado do Ceará*, na edição de 20 de outubro de 1891:

Figura 5 - Composição intitulada *A infância, a mocidade e a velhice*, publicado em 20 de outubro de 1891.



Fonte: Jornal O Estado do Ceará (20/10/1891)

Observamos que na primeira página desse jornal predomina nessa edição os anúncios publicitários, e um artigo sobre a varíola, doença que assolava a população da época e que veio a vitimar a escritora cearense Úrsula Garcia em 1905 no Recife.

Salientamos que essa publicação de Emília Freitas se remete as três fases da vida: a infância, descrita como tempo de “fresca aragem” impregnada de doces aromas; a mocidade foi caracterizada como o “sol da vida”; finalizando com velhice, etapa marcada pela solidão e saudade. Constatamos ser a saudade uma temática recorrente na obra da autora, como nos poemas do livro *Canções do lar* (1891) e outras publicações em periódicos.

Na edição de 16 de junho de 1891 (p.2) do jornal diário *O Estado do Ceará*, localizamos a publicação de uma crítica negativa, carregada de desdém e ironia ao livro *Canções do Lar* (1891), assinada por A. Cunha Mendes, que apontava e transcrevia alguns erros gramaticais, considerados pelo crítico como grosseiros para época, em que a correção gramatical era valorizada. Também achamos no *Jornal do Recife*, exemplar de 27 de agosto de 1891, outra crítica que consideramos negativa à obra, uma vez que apesar de reconhecer o talento da escritora, ressaltou e valorizou as imperfeições, concluindo a nota curta, não assinada, publicada na primeira coluna da terceira página desejando que a autora estudasse e progredisse.

Entretanto, a crítica contemporânea enxerga a autora de outro modo, Coelho (2002) evidencia a primazia de Emília Freitas no romance fantástico publicado no Brasil, que a própria autora rotulou de romance psicológico, mas, o fato é que notamos que se afastou dos moldes da época, numa fusão entre o real e o inverossímil, trazendo uma obra que mistura a lenda das mulheres Amazonas com um mundo encantado governado por mulheres, à margem do rio Jaguaribe, e criticava a sociedade de seu tempo. Por isso, ela pode ser considerada como uma precursora desse novo romance, o que lhe dá projeção nacional.

Ao lado de Emília Freitas e Serafina Pontes situamos Ana Facó, que conforme Coelho (2002, p. 55), “está incluída no grupo romântico-realista do Ceará”.

Ana Facó era natural de Beberibe, na época comarca de Cascavel, nasceu em 10 de abril de 1855, em um sítio chamado Bom Jardim.

A leitura da tese de Almeida (2012) aborda sobre a vida de várias mulheres professoras no Ceará, destacando as que escreviam, entre elas está um ensaio biográfico sobre Ana Facó. A partir de Almeida (2012) elencamos detalhes sobre a educação de Ana Facó: ela aprendeu a ler com seu irmão mais velho, José Baltasar Facó; realizou seus estudos primários com a professora Maria Carolina Pereira Ibiapina, no município de Cascavel; porém, só frequentou a escola em 1869, com 14 anos, pois além da escassez de escolas na sua região, ela tinha um problema na visão, alto grau de miopia; estudou na Escola normal de Fortaleza em 1887.

Depois da morte de seus pais, Maria Adelaide de Queiroz Facó e Francisco Baltazar Ferreira Facó, em 1871 e 1875, respectivamente, Ana Facó foi viver com parentes que residiam em Fortaleza, tendo, assim, a possibilidade de formar-se professora. Na Escola Normal foi aluna de Francisca Clotilde e foi também

contemporânea de Alba Valdez, que entrara para esta Escola um ano antes de Ana Facó, ambas depois da formação docente se dedicaram ao magistério e a literatura.

Em relação a produção literária de Ana Facó destacamos: *Páginas Íntimas* (1938); os romances *Rapto Jocosos* (1937) e *Nuvens* (1938), assinados pelo pseudônimo “Nítio Abá”, foram publicados primeiramente no *Jornal do Ceará* em 1907 e, postumamente, a publicação em formato de livro foi patrocinada por seu irmão Antônio Carlos de Queiroz Facó; obras infantis *Minha palmatória*, coletânea de contos, e *Comédias e canções*, peças teatrais (ALMEIDA, 2012); e, em verso, publicou *Alniral* (s.d.).

No *Jornal do Ceará* encontramos o *Rapto Jocosos* distribuído em capítulos em edições do ano de 1907, na seção de “Folhetim”, no rodapé da segunda página do jornal, dividindo espaço com seções de notícias, anúncios, críticas culturais e com o “Boletim Mensal” escrito por Rodolpho Teófilo¹⁶. Percebemos também que Ana Facó não era a única da família com talento literário, localizamos no *Jornal do Ceará* (1907) vários poemas de seu irmão Américo Facó¹⁷, que circulavam na primeira página desse periódico, além de artigos políticos em que criticava a Oligarquia Aciolina.

A obra *Páginas Íntimas*, publicada após dez anos da morte de Ana Facó, trata das memórias dessa escritora, sua infância, vida em família, vivências docentes, e da condição feminina em uma sociedade patriarcalista e materialista, que reificava a mulher, que era tratada como propriedade do pai e depois do marido. Essa coletânea de poemas memorialistas é, por conseguinte, uma fonte para resgatarmos a história de vida de Ana Facó, como também ocorreu com Emília de Freitas e outras escritoras, inclusive com a própria Alba Valdez, autora sobre a qual nos debruçamos e discorreremos nos capítulos seguintes.

A partir da análise de Perrot (1989) e de Rago (2013) que, em perspectivas, tempos e metodologias diferentes, abordam a escrita de si na autoria de mulheres, inferimos que essa prática de “falar de si” ocorreu devido ao pouco espaço disponível

¹⁶ Rodolpho Teófilo foi um autor prestigiado no Ceará, escreveu várias obras, entre elas o romance introdutório do Naturalismo no Ceará, *A fome*, também publicou *Os Brilhantes* nas páginas do *Jornal do Ceará*. Nesse periódico ele escrevia a seção “Boletim Mensal”, em que publicava as mortes das vítimas da varíola, visto que, lutou contra a epidemia dessa doença nas terras cearenses.

¹⁷ Américo Facó, (1885-1953) irmão mais novo de Ana Facó que veio residir em Fortaleza-CE, na sua casa após a percepção de suas elevadas capacidades intelectuais; ele foi redator, e colaborador do *Jornal do Ceará*, por conta de seus artigos políticos oposicionistas à família Acióli, que governavam o Ceará, ele foi surrado por policiais, o que o levou a mudar-se para o Rio de Janeiro, onde deu continuidade ao seu trabalho. No Rio de Janeiro tornou-se muito amigo de Carlos Drummond de Andrade que, inclusive, lhe dedicou o livro *Claro Enigma* (1951). Disponível em:

para a palavra das mulheres na narrativa histórica tradicional, que tratava de cenas públicas que excluía as mulheres, como guerras e política, desse modo, elas concentraram sua escrita sobretudo no espaço privado; logo, reconhecemos a escrita de si como uma forma de autonomia e afirmação das subjetividades.

Também identificamos que essa marca da “escrita de si” está presente na produção de outras autoras, como Francisca Clotilde, professora e relevante figura na Literatura de autoria feminina no Ceará. Ela nasceu em Tauá, interior cearense, no sertão dos Inhamuns, em 19 de outubro de 1862 e faleceu em 1935, na cidade de Aracati. Foi também jornalista, romancista, contista, teatróloga. Ainda jovem viveu em Baturité, onde estudou as primeiras letras, filha de família abastada fez o curso normal na Escola Imaculada Conceição. Casou-se em Baturité, uma união por conveniência de seu pai, que morreu quinze dias depois do casamento, contudo o matrimônio também não durou muito (ALMEIDA, 2006).

Os pesquisadores de Francisca Clotilde, Colares (1975), Cunha (2008), Almeida (2006), Almeida (2012), nos colocam diante da história de vida e da obra dessa escritora, o que nos permitiu também perceber que a sua obra *A Divorciada* (1902) traz vivências da escritora, que foi abandonada pelo marido. Francisco Assis Barbosa de Lima, primeiro marido de Francisca Clotilde, sumiu e, diante disso, em Fortaleza, ela estabeleceu uma relação com o capitão Antônio Duarte Bezerra, professor do Liceu, diretor do jornal *O Combate*, e fundador do jornal *A Evolução* junto com Francisca Clotilde. Corroboramos com Almeida (2012, p.140) quando afirmou ser este “seu livro de memórias”.

Foi professora da Escola Normal de Fortaleza, onde lecionou para muitas das escritoras cearenses que, mais tarde se tornaram suas amigas, companheiras no ofício da literatura. Desse modo, consideramos a Escola Normal de Fortaleza um espaço que estabelece relevante rede de sociabilidade. O magistério e seu exímio talento para escrita permitiu a Francisca Clotilde publicar assiduamente em diversos periódicos no Ceará e de outras partes do Brasil e do exterior. Almeida (2012) registra que desde os quatorze anos, ainda aluna do Colégio Imaculada Conceição, Francisca Clotilde já publicava em jornais. Usou diversas alcunhas, como “F. Clotilde”, “Clotilde Barbosa”, “F.C. Lima” assim como, pseudônimo “Jane Davy”. Participou ativamente de movimentos, grupos e associações literárias (ALMEIDA, 2006; ALMEIDA, 2012).

O fato de ser uma mulher “separada, desquitada”, pois não havia na época a lei do divórcio, e sua relação com o capitão Duarte são, hipoteticamente, considerados

por Almeida (2012) e outros historiadores, os motivos que desencadearam a exoneração do cargo de professora da Escola Normal, a fundação e rápido fechamento do Externato Santa Clotilde em Fortaleza e seu retorno a Baturité, cidade de origem de sua família materna, onde reabrirá o Externato Santa Clotilde novamente. Em seguida, ocorreu a mudança para Aracati, onde abre nova escola. Isso denota os preconceitos e pressões sociais que Francisca Clotilde deve ter sofrido.

Francisca Clotilde publicou em diversos periódicos no Ceará, no restante do país, como na revista *O Lyrio* (Recife), e até fora do Brasil, como *Almanaque de Senhoras* e no *Almanaque de Lembranças luso-brasileiras*, de Portugal. Ela colaborou como fundadora do jornal *Evolução*, da revista *Estrela*, de sua filha Antonieta Clotilde. Contribuiu também com a imprensa de Aracati.

Consideramos que também se sobressaiu na Literatura de autoria feminina nesse entre séculos (XIX – XX) outra filha do Aracati, a escritora Úrsula Garcia, que nasceu em 1864, no dia 03 de março. Filha de um importante juiz e político da região, Dr. Francisco Amintas da Costa Barros, que dá nome a rua da cidade até hoje, e de Rita Garcia da Costa Barros, a Dona Bela, como era conhecida.

Úrsula Garcia cursou as primeiras letras em Aracati, mas ainda adolescente mudou-se com a família para o vizinho estado do Rio Grande do Norte, onde concluiu sua educação, casou-se em 1887 com Dr. José Alexandre de Amorim Garcia, seu primo. (DUARTE; MACÊDO, 2013).

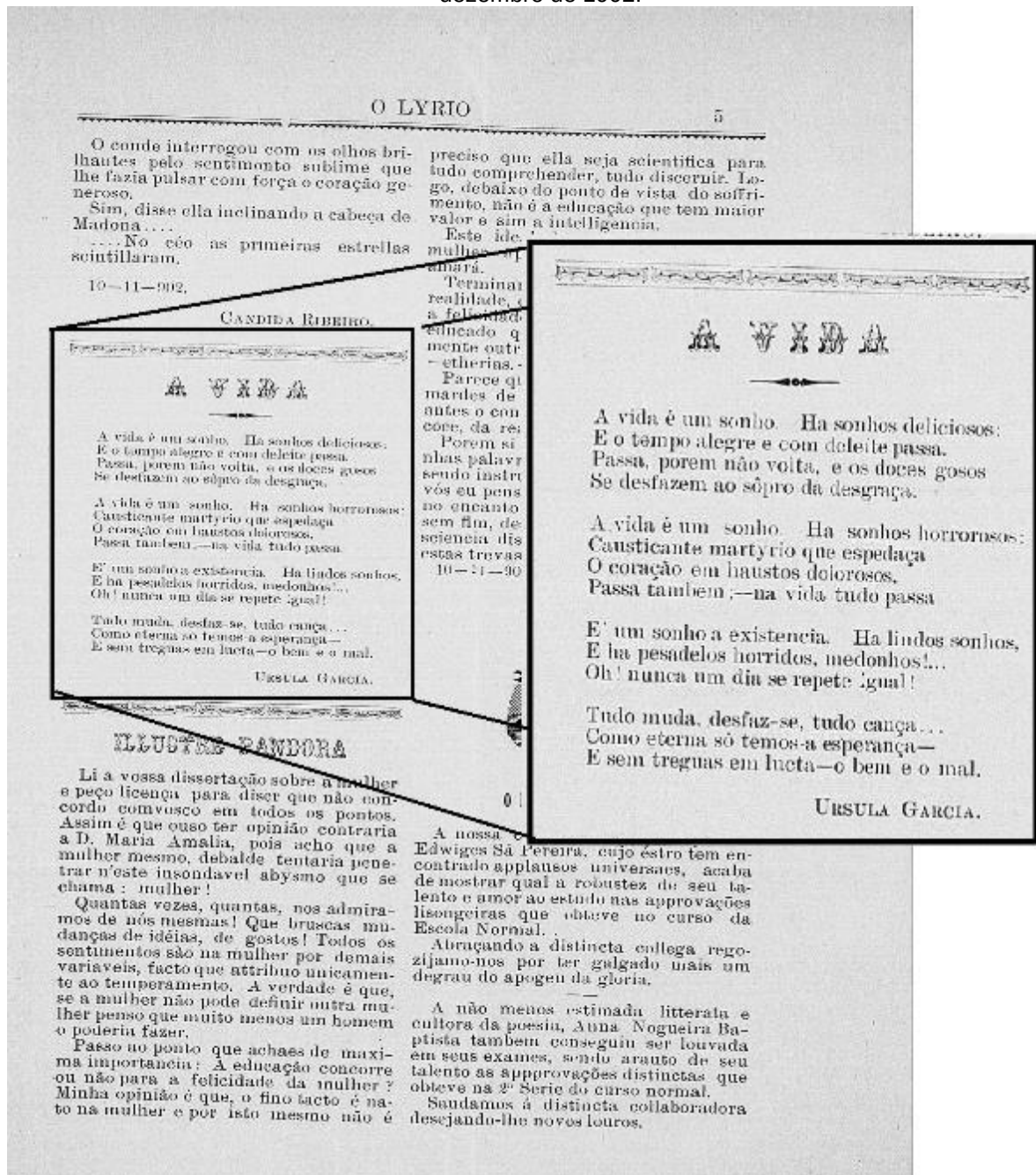
Suas curtas biografias ressaltam que Úrsula Garcia colaborou com vários periódicos, citando uma carta¹⁸ da escritora pernambucana Edwirges de Sá Pereira a Câmara Cascudo, importante historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro, ressaltamos o talento, a delicadeza de estilo, a correção e elegância na escrita, a inteligência e persuasão na formulação de argumentos, mas também a tristeza que a assolou depois da viuvez, em 1890 (DUARTE; MACÊDO, 2013; ALMEIDA, 2012).

Apesar de não ter conviado fisicamente com Alba Valdez, Francisca Clotilde, e outras escritoras cearenses, Úrsula Garcia dividiu com elas o espaço de publicação de *O Lyrio*, revista com a qual colaborou desde a fundação - uma vez que, após a morte do marido, passou a morar em Recife - junto com Amélia de Freitas Beviláqua,

¹⁸ Carta publicada no segundo volume da obra *Mulheres do Brasil* (1971, p. 510), publicada pela editora Henriqueta Galeno.

Edwirges de Sá Pereira, Ana Nogueira Batista e outras mulheres que também publicaram nesse periódico feminino.

Figura 6 - Poema "A vida" de Úrsula Garcia, publicado na revista mensal *O Lyrio*, edição de 10 de dezembro de 1902.



Fonte: Revista *O Lyrio* – Arquivo Público de Pernambuco.

As publicações de Úrsula Garcia estão por todos os números da revista *O Lyrio*, às vezes há mais de uma produção por edição. Nesse poema "A Vida", publicado na página 5, do segundo número do ano 1 dessa revista, a poeta exacerba toda a sua tristeza pelas perdas que sofreu, pela solidão.

Também acreditamos, conforme Duarte e Macêdo (2013) e Almeida (2012) que a maior parte da produção literária de Úrsula Garcia está espalhada por periódicos do Rio Grande do Norte e Pernambuco, permanecendo desconhecida e suscitando pesquisas. Ela publicou também o *Livro de Bela* (1901), uma homenagem a uma sobrinha que ela amava maternalmente, pois não teve filhos, e que morreu cedo; e *O romance de Áurea* (1904).

Assim, salientamos a contribuição de Úrsula Garcia nos periódicos: jornal *Rio Grande do Norte* (1890) e *O Prelio*, de Natal; *Gazeta do Café*, *A Província*, *Potiguarana*, *Almanaque de Pernambuco*, *O Fanal*, *A Vitória* e *O Lyrio*, de Pernambuco. Úrsula Garcia foi mais uma escritora que caiu no ostracismo, apesar de sua participação efetiva na revista *O Lyrio*.

Evidenciamos também, nesse grupo de mulheres que escrevem no e/ou do Ceará, Ana Nogueira Batista, nascida em Icó, interior do Ceará, em 22 de outubro de 1870, sua latente história, portanto, necessita de pesquisa. Mesmo que não seja o escopo de nossa pesquisa destacamos sua produção literária no Ceará. Ana Nogueira Batista ficou órfã de mãe aos dois anos de idade, e sua madrastra foi quem a inseriu no mundo da literatura, colocando-a em contato com a leitura e outras línguas, principalmente com a literatura francesa. Com nove anos ela já lia e traduzia textos do francês para o português. Aos dez anos há relatos de sua participação em saraus, inclusive declamando poemas abolicionistas em Fortaleza, onde veio morar com a família (ALMEIDA, 2012).

Ana Nogueira casou-se com um dos poetas da Padaria Espiritual, o paraibano Sabino Batista. Foi das poucas mulheres a participar dessa relevante associação literária cearense, junto com Francisca Clotilde e Alba Valdez (BARREIRA, 1948), porém somente ela publicou no periódico *O Pão*¹⁹. Na “fornada”, edição do jornal do dia 30 de setembro de 1896, Ana Nogueira, ainda assinava com nome de solteira, a primeira publicação n’*O Pão*, na página 6, o poema “No Templo”, que se assemelha a uma oração à Nossa Senhora, a composição pede o auxílio da santa para as “mães ternas” e “noivas amorosas”:

¹⁹ O jornal *O Pão* está disponível em edição fac-similar na página da Academia Cearense de Letras, na aba de Publicações da Academia, sob organização do Professor Sânzio de Azevedo, publicada em 1982. Está digitalizada em 15 partes, sendo que o poema de Ana Nogueira Batista está no final da 14ª parte. Disponível em <http://www.academiacearensedelettras.org.br/publicacoes.php>. Acesso em 12 jan. 2018.

No templo

Nesta suave hora de sol posto
Nossa Senhora, a boa Mãe Clemente
Sorri pra nós do trono seu fulgente
Cheia de amor e de inefável gosto.

Ela, consolação, arrimo, encosto
Dos que na vida lutam tristemente.
Abre o seu coração bondosamente
E carinhosa inclina o meigo rosto.
Recebe as orações dos desgraçados.
As mansas preces dos afortunados,
De onde resumam doces contrições...

Ouve as sentidas queixas piedosas
Das ternas mães e noivas amorosas
Que põem nela os frágeis corações...
Ana Nogueira (1896)

Na edição de 31 de outubro de 1896, em que seu marido era o secretário da instituição, na oitava página, a última do jornal da Padaria Espiritual, era a única publicação de autoria feminina. Tratava-se de um poema intitulado “Vita Nuova”, datado de março de 1893, que continha uma indicação de que já havia sido publicado no *Álbum de Dr. Mello Resende*. A natureza foi a temática eleita por Ana Nogueira Batista, como musa, como amenizadora de suas dores, escrito na Fazenda da família onde nascera, em Icó.

Figura 7 - Poema "Vita Nuova" de Ana Nogueira Batista.

O PÃO
Da Padaria Espiritual

Director: *Antonia Salles*
Secretaria: *Salles Baptista*
Anno III - Fortaleza, 31 de Outubro de 1935. - NUM. 36

EXPEDIENTE
Revista de Literatura e Arte.
Publica-se duas vezes por mês.

ASSINATURAS
Por um anno: (1935) \$500,00
Por um semestre: \$250,00
Número avulso: \$50,00

SUMARIO - Os quinze dias, Alcinéa Bandeira; - Mito, J. C.; - Epitafio, M.; - De João de Deus, Avelar Filho; - O retrato, Gabriel de Alencar; - A Ana, Antonio Salles; - A Babilônia, M. J.; - Pão, Anna Nogueira Batista; - Archivo, Carmine Saperstein, Carreira.

OS QUINZE DIAS
Foi convulso pelo homem que muito bem diz o registo desta reflexão: "quando se da convulso aquilo em que se tem um mesmo valor do ardor, a vida se torna um jogo de cartas, e a vida se torna um jogo de cartas, e a vida se torna um jogo de cartas..."

VITA NUOVA
(No Álbum do Dr. Mello Rezende)

Eis-me longe da cidade,
Estou no campo, afinal!
De lá só trouxe saudade
Das flores de meu quintal.

Archivo
O livro de Ana Nogueira Batista, "Vita Nuova", é um livro de poemas, de poemas de amor, de poemas de amor, de poemas de amor...

Cancioneiro popular
Este livro de poemas, de poemas de amor, de poemas de amor, de poemas de amor...

VITA NUOVA
(No Álbum do Dr. Mello Rezende)

Eis-me longe da cidade,
Estou no campo, afinal!
De lá só trouxe saudade
Das flores de meu quintal.

Fonte: Academia Cearense de Letras, Edição Fac-similar de O Pão.

VITA NUOVA (No Álbum do Dr. Mello Rezende)

Eis-me longe da cidade.
Estou no campo, afinal!
De lá só trouxe saudade
Das flores de meu quintal.

Há muito já que eu queria
Fugir de lá, e a Natura
Vir confiar a sombria
Tristeza que me tortura.

Trago a minh'alma doente,
Cheia de fel e tristeza,
A gemer dolentemente
Como geme uma ave presa.

Venho esquecer meus pesares.
As minhas profundas mágoas:
- Espalha-los nestes ares.
- Dilui-las nestas águas;

Venho atrás de medicina
Aos males do coração...
Talvez a luz matutina
Possa curar-me a aflição.

Venho gozar das sadias
Emanações das manhãs.
Saturar-me destas sãs
Campesinas alegrias;

Venho procurar descanso
A sombra dos arvoredos,
Surpreender os segredos
Da brisa ao passar de manso;

Ouvir o doce lamento
Feito de queixas, de ais.
Que geme saudoso o vento
Nos verdes carnaubais;

Rever enfim lugares
Onde brinquei noutros anos:
- O coração sem pesares,
- A alma sem desenganos...

*

* *

Vida nova! Eu quero agora
Fazer canções maviosas!
Há de inspirar mais a aurora.
Ou as estrelas radiosas.

Quero rimas diamantinas
Com clarões da manhã,
Alegres e purpurinas
Como os bagos da romã;

Quero estrofes cintilantes
Como do sol os fulgores,
Recendendo os penetrantes

Acres perfumes das flores;

Quero canções aljofradas
Como as relvas matinais;
Sonoras como as baladas
Dos passarinhos joviais...

*

* *

Minha Musa! oh! doce amiga.
Tu, que conheces de perto
O desconforto, a fadiga
De meu coração deserto;

Tu, que cantastes as doçuras
Dos róseos dias de amor.
E que sofreste as agruras
Da desventura e da dor!

Minha Musa! Ressuscita,
Revive com a Natureza!
- Vamos vencer a desdita.
-Vamos vencer a tristeza!

Lutemos contra esses dias
Cheios de amargas traições;
Acima das vilanias
Ponhamos os corações!

Tenhamos crenças por lanças;
Nas lutas sejamos nós
Alegres como as crianças.
E fortes como os heróis!

Lutemos até que ressurja
Toda luz da Mocidade;
A dor é como a coruja.
Não gosta de claridade.

Ana Nogueira Batista
Santo Antônio, março de 1893.

Além deste poema publicado n' *O Pão*, Ana Nogueira Batista já havia publicado em outras edições do jornal da Padaria Espiritual, mesmo antes de casar-se com Sabino Batista, ela também estampou seus poemas, contos e crônicas em vários jornais e revistas do final século XIX e primeiros anos do XX, como nos periódicos cearenses *A Quinzena*, no *Almanaque do Ceará*, nos jornais *O Libertador*, *Constituição*, *A República*, *O Domingo*, *O Repórter* e *Evolução*. Como também se destacou na imprensa de outros estados brasileiros: *Diário de Pernambuco* (Recife), *O Rio Negro* (Manaus), *Província do Pará* (Belém), *A Gazeta de Notícias* (Rio de

Janeiro), *A Cidade de Campinas* (São Paulo), conforme afirmou Almeida (2012). Precisamos também ressaltar que Ana Nogueira Batista teve sua obra compilada e publicada por familiares, no Rio de Janeiro, em 1964, com o título de *Versos* (AZEVEDO, 2016), o que realizara um sonho antigo da mocidade da escritora, quando sonhara em publicar seu livro de poemas com o título de “Carmes”.

Salientamos ainda que Ana Nogueira Batista foi assídua colaboradora d’*O Lyrio*, revista de grande relevância para literatura de autoria feminina no Nordeste, visto que, coadunou escritoras da região e de todo Brasil, funcionando como um espaço de evidência para a palavra das mulheres, constituindo-se em uma rede de sociabilidade feminina, em que interagiam entre si e com o restante do país.

Realçamos pois, que a imprensa documentou a relação amistosa entre as autoras através de homenagens e dedicatórias, rito comum pelas páginas dos periódicos, como podemos citar poema “Homenagem” de Francisca Clotilde, que ela assinou como “Jane Davy” e dedicou a Ana Nogueira Batista, publicado na revista *A Quinzena*, órgão do Centro Literário, na edição de 16 de abril de 1888.

Ainda nos cumpre acrescentar sobre Ana Nogueira Batista que, após ficar viúva em 1899, tornou-se professora em escolas Fortaleza para sustentar seus três filhos; depois da morte de sua filha mais nova, com muitas dificuldades financeiras mudou-se para o Recife a convite de sua irmã, lá lecionava em colégios particulares e estudava à noite na Escola Programadora da Instrução, onde concluiu o curso Normal em 1903; ingressou no magistério público em 1912 e aposentou-se em 1929; após a morte do filho Olavo mudou-se novamente, foi para Niterói-RJ, onde faleceu com noventa e seis anos, em 22 de maio de 1967²⁰.

Também nascida em Icó, como Ana Nogueira Batista, Adília de Luna Freire (com o primeiro casamento), ou Adília de Albuquerque Moraes (com o segundo casamento), nasceu em 12 de dezembro de 1874, mesma data em que nasceu também Alba Valdez. Casou-se muito jovem e foi morar com o marido em Recife, o casamento prematuro era uma situação comum para as mulheres do século XIX e que permaneceu durante várias décadas do XX. Enviuvou aos 19 anos e retornou para o Ceará, passando a residir na capital ela decidiu estudar e entrou para Escola Normal, formando-se professora em 1902. Foi professora da Escola Normal, aposentando-se

²⁰ Localizamos um ensaio biográfico sobre Ana Nogueira Batista no Blog Retrospectivas. Disponível em: <http://carlacastraliteraturacearense.blogspot.com/2017/02/a-vida-e-poesia-de-ana-nogueira-baptista.html>. Acesso em: 02 jul. 2018.

em 1924. Participou do Partido Liberal Evolucionista do Ceará. Adília casa-se novamente com o jornalista e advogado Tancredo de Moraes, redator-chefe da *Ceará Ilustrado*²¹, uma revista semanal, e passou a se chamar Adília de Albuquerque Moraes. Há várias publicações dessa escritora nos periódicos, destacamos que, no final da década de 1920, ela publicava frequentemente no jornal *A Razão*, no o suplemento “A ‘A Razão’ literária”, como também escrevia uma coluna que saía na edição de domingo deste mesmo jornal, que se intitulava “A Moda”.

Consideramos que essas mulheres de letras formam o grupo pioneiro de escritoras no Ceará, no qual também situamos Alba Valdez, que seguindo a ordem preestabelecida seria a próxima biobibliografia a ser descrita, mas a vida e obra de Alba Valdez detalharemos no segundo capítulo. Ressaltamos, contudo, que ela iniciara sua produção literária no século XIX, publicando nos periódicos no Ceará, depois isso também ocorre em outros estados brasileiros e no início do século XX ocorre em periódicos de outros estados brasileiros, como também em outros países.

Nesse contexto, a partir de 1900, ainda do lugar de mestras, podemos registrar a publicação dos livros de autoria dessas mulheres, como Alba Valdez que publicou *Em Sonho...Fantasias* (1901), coletânea de contos que, segundo alguns críticos da época, foram selecionados a partir de publicações realizadas no jornal *Diário do Ceará*, entre 1895 e 1896, e também publicou *Dias de Luz* (1907), livro de memórias da adolescência, livros que serão vistos posteriormente; Francisca Clotilde publica mais duas obras, um romance *A Divorciada* (1902) e *Pelo Ceará* (1911).

As obras das professoras escritoras as representam como mulheres de seu tempo, que transitavam entre a educação tradicional que receberam e as possibilidades que a entrada no espaço público lhes permitiu.

Destarte, essas mulheres contribuíram pioneiramente para que outras autoras cearenses pudessem publicar sua palavra nos anos que se seguiram, como as irmãs Abigail e Maria Sampaio e Olga e Amélia Alencar. A partir de Girão (2001) ainda elencamos Ignácia Matos Dias, Antonieta Clotilde, a filha de Francisca Clotilde, as irmãs Galeno, filhas do poeta Juvenal Galeno, Susana de Alencar Guimarães, Rachel de Queiroz e tantas outras.

²¹ Encontramos apenas os números do ano de 1925, digitalizados e disponíveis para consulta no setor de microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, que atualmente por conta de reforma está instalado em prédio público na Praça da Estação, no centro de Fortaleza, ou podemos utilizar a página da SECULT. Disponível em: <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/equipamentoscultrais/biblioteca-publica/ceara-ilustrado?start=40>. Acesso em 10 fev. 2018.

No entanto, o foco desse trabalho está em um dado período que compreende o início e a inclusão publicação da obra de Alba Valdez, 1895 a 1962, e isso ocorre nos periódicos, como se constata no decorrer dos estudos da autoria feminina deste tempo. Desse modo, citar as publicações de mulheres nesse período é necessário para situarmos Alba Valdez no grupo de pioneiras da literatura e da imprensa no Ceará. Essa íntima relação da produção literária feminina com a imprensa é imprescindível quando se objetiva buscar os rastros das escritoras do século XIX, como ressaltou Cunha (2008, p. 211):

No Ceará, como nos demais estados brasileiros, foi por meio da imprensa que as mulheres começaram a participar da cultura na esfera pública e as condições e possibilidades para sua escrita foram materializadas. Se existia espaço para publicar em jornais e revistas, elas estavam lá. Publicar livros demandava recursos financeiros e, às vezes, entender de mercado e de suas injunções medialógicas (escreve-se para ser lido!). Acrescente-se a possibilidade de ser incompreendida ou desprezada pelos leitores (homens e mulheres). Mesmo assim, essas mulheres pioneiras foram buscar maneiras de gestar e tornar públicos seus escritos artesanais. Considero que principalmente os livros carregam marcas de gestão de seu contexto. Assim devem ser levados em conta o momento, o lugar e os modos de elaboração do texto literário, buscando percebê-lo dentro da perspectiva cultural das mulheres, de suas condições de enunciação e relação com o cenário literário da época.

A escrita literária tinha no século XIX como principal suporte os jornais e revistas, sejam aqueles pertencentes as sociedades literárias ou os que não tivessem filiação alguma com os grupos de beletristas. E isso se potencializava com relação a escrita de mulheres. Os periódicos, além de publicar o literário, ainda foram, principalmente no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, um meio eficaz de divulgar a produção de homens e mulheres de letras, como detalharemos no decorrer deste trabalho, anúncios, notas, críticas literárias e até as polêmicas cumprindo o papel de dar notoriedade aos autores, mas principalmente as suas obras, estratégia utilizada por Alba Valdez.

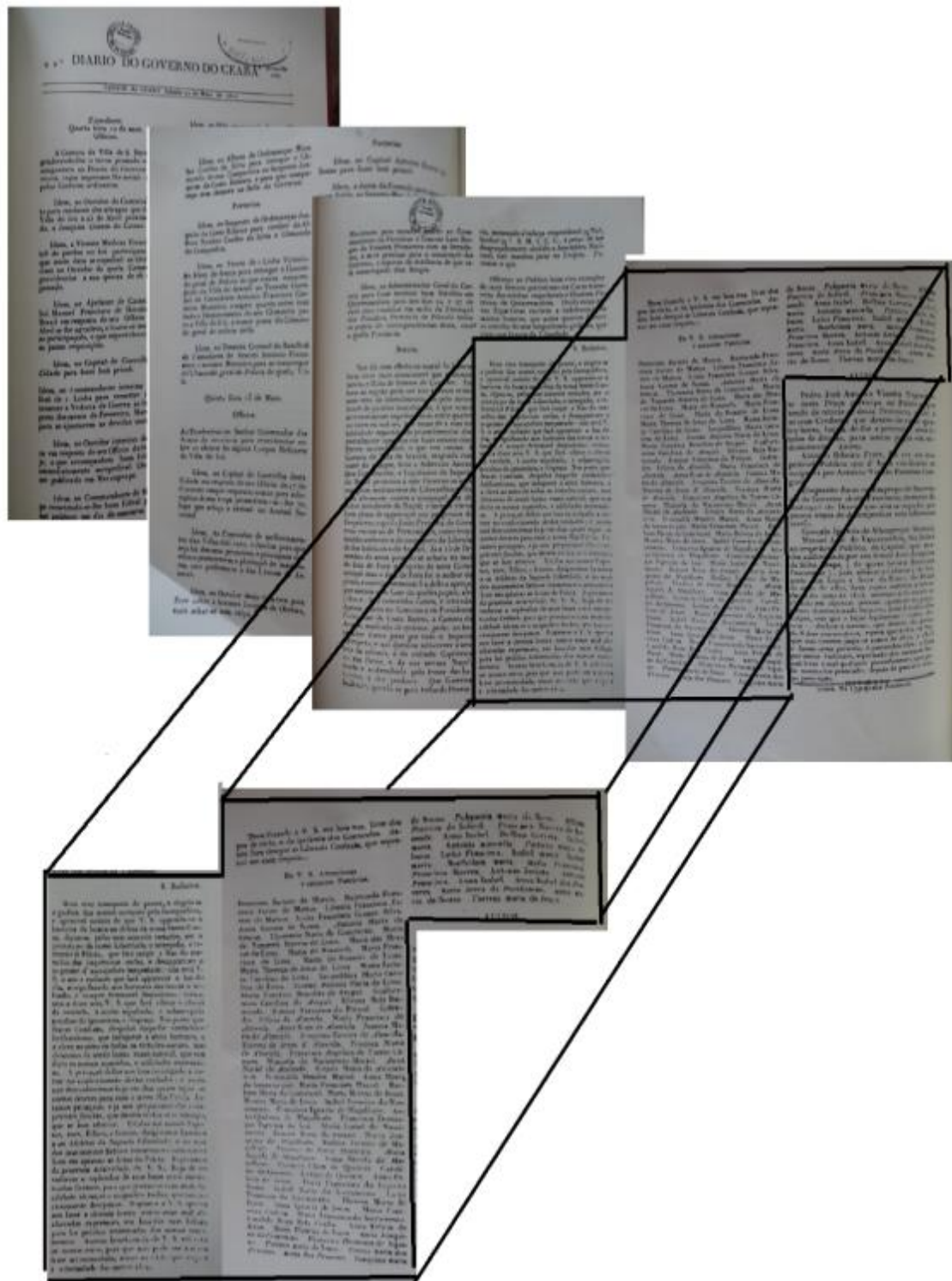
Dessa forma, é pela produção feminina nos jornais e periódicos do Ceará que devemos seguir, entre as escritas de mulheres em jornais e revistas, ou nos periódicos escritos e dirigidos por mulheres, são os caminhos a serem trilhados para que se possa conhecer de fato a produção das escritoras. Isso nos possibilita nos conduzir a

necessidade de (re)organizar a imprensa feminina, analisando a presença da escrita de autoria de mulheres nos periódicos no Ceará.

1.3 Uma história da Imprensa Feminina no Ceará

Cotejando os jornais do século XIX publicados no Ceará, nos deparamos com poucas colaborações femininas nas primeiras sete décadas do século XIX. Depois da instalação oficial do primeiro prelo, em 1824, iniciou-se a publicação do *Diário do Governo do Ceará*, primeiro jornal cearense, podendo ser considerado o pioneiro também na publicação da palavra feminina no referido estado. Em meio à Confederação do Equador, em que a província cearense se declarou independente de Portugal, apoiando o movimento revolucionário iniciado em Pernambuco em 1817, e aclamando Tristão Gonçalves de Alencar Araripe como presidente do Ceará, o jornal desse governo revolucionário publicou, em suas edições de 22 de maio e 30 de julho de 1824, cartas de mulheres, respectivamente, de Quixeramobim e de Icó. As “patrícias” escreveram para apoiar o redator do periódico, o padre Mororó, ou seja, a causa da Confederação no Ceará.

Figura 8 - Carta de um grupo de mulheres de Quixeramobim ao Redator do jornal *Diário do Governo do Ceará*, publicada em 22 de maio de 1824.



Fonte: *Diário do Governo do Ceará* (22/05/1824), Edição Fac-Similar (BRITO, 2006).

A primeira missiva, das mulheres de Quixeramobim, que se localiza no sertão central, local apontado como berço da Confederação do Equador no Ceará, terra natal do Padre Mororó, foi publicada na terceira e na quarta páginas desse jornal e foi

assinada por oitenta e nove mulheres. A segunda carta de autoria de mulheres foi publicada no *Diário do Governo do Ceará*, tinha como remetente 73 mulheres da província de Icô.

Figura 9 - Carta de um grupo de senhoras de Icô ao Redator do jornal *Diário do Governo do Ceará*, publicada em 30 de junho de 1824.



Fonte: *Diário do Governo do Ceará* (30/07/1824), Edição Fac-Similar (BRITO, 2006).

O apoio à causa da Confederação do Equador no Ceará, em ambas as cartas, era considerado pelas autoras como amor à pátria. Os dois grupos de senhoras

usavam o gênero da correspondência, tendo como destinatário da mensagem o padre, o que possibilitou a publicação de sua escrita em um espaço disputado desse jornal, visto que, o periódico tinha apenas quatro páginas e nele se fazia toda a publicação oficial do governo do Ceará e das províncias cearenses, como: ofícios, proclamações, notícias e avisos. Os discursos assumidos pelas cearenses, nas duas cartas, são semelhantes, e no jornal, além de informar a posição favorável de suas províncias em relação à revolução, também contribuíram persuasivamente no contexto de conflito político que se vivia, o que, para Tin (2005, p 22) é característico da narração epistolar: “está orientada não só para informar, mas também para persuadir, podendo supor-se também que o destinatário tenha já alguma informação sobre os fatos”.

Na primeira carta, os argumentos das autoras pró-Confederação do Equador se constituíram a partir da defesa de suas famílias e definiam a revolução como uma “Santa Causa”, afinal tinha um padre como um dos mentores. Dessa forma, faziam, para reforçar sua ideia, as associações como liberdade-luz e os revolucionários como “atletas sagrados da liberdade”, assim como, o despotismo como trevas, desgraças e tempestades. A carta das senhoras de Icó menciona a família, elas oram pelo sucesso da revolução, mas as locutoras foram mais agressivas na defesa da liberdade:

Nos conhecemos Sr. Redator, que não temos aquela tática e destreza militar, adquiridas nos Campos de Marte, mas cheias de valor e de resignação, quais outras Espartanas, no meio dos perigos bradai outros: Matai os tiranos/ Nossos agressores/ E tereis da Pátria/ Vivas e louvores/ Morrer pela Pátria/ Salvar a Nação/ É dos brasileiros / Honroso Brasão (*DIÁRIO DO CEARÁ*, 1824, p.4).

Havia um modelo convencional da época que era seguido, o que se verifica nas várias cartas publicadas nesse periódico pioneiro no Ceará, porque apesar do gênero epistolar ser regrado, quando eram publicadas em jornais, as cartas rompiam o protocolo da privacidade entre remetente e destinatário. Tais epístolas circulavam nos periódicos e objetivavam bem mais que o destinatário expresse, aplicando-se a outros usos, como observa Barbosa (2011, p. 332):

[...] a escrita da carta no jornal não se constituía como prática privada de escrita, mas como atividade socialmente extensa, cuja leitura era partilhada não pelos ausentes, mas por aqueles que se presentificavam na partilha que faziam da comunidade de leitores de determinado periódico.

As “Senhoras de Icó” ao assinarem a carta apropriaram-se de outro paradigma do século XIX utilizado pelos revolucionários, assim como, Tristão Gonçalves, então Presidente da Confederação do Equador no Ceará agregou o Araripe, fazendo referência à Chapada do Araripe, onde se localiza o Crato, sua terra natal. Portanto, cada uma delas assinou incorporando um sobrenome que consistia em um nome de ave, flor ou outro elemento da natureza característico do Ceará. Essa prática também foi muito utilizada pelos participantes da Padaria Espiritual, movimento literário do século XIX no Ceará.

Assim, como Pécora (2001) e Hansen (1989) apontam a epístola como um dos gêneros fundadores da escrita em jornais e periódicos, é possível também considerá-la, a partir dessas duas cartas publicadas no *Diário do Governo do Ceará* (1824), com esta função em relação à presença da palavra da mulher nos periódicos no Ceará.

Depois dessa primeira manifestação da palavra feminina no jornal cearense, pode-se organizar uma síntese histórica da imprensa feminina no Ceará, para isso é necessário definirmos “imprensa feminina”. Para Buitoni (1990), esse conceito é sexuado, pois implica que a mulher faz parte dessa caracterização, seja como receptora ou como produtora, como também sublinha que desde o século XVII há registros de um jornal com destinação à mulher, o que fica nítido a partir do título – *Lady’s Mercury*.

Na imprensa feminina oitocentista no Brasil, como aponta Buitoni (1990), a destinação à mulher predomina desde o título, não havendo distinção entre os periódicos que elas eram redatoras ou simplesmente as leitoras, como Duarte (2016) as denominou. Isso se confirma no Dicionário Ilustrado da *Imprensa Feminina e Feminista – no Século XIX* - que elenca e descreve os periódicos brasileiros do século XIX em uma ordem cronológica de autoria de Duarte (2016).

Além dessa caracterização, ainda precisamos considerar que a mulher também colaborou com jornais que não se restringiam somente ao público feminino, como explica Muzart (2003, p. 226): “[...] embora a margem, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens, quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias”.

Segundo Duarte (2016), as primeiras publicações da imprensa feminina foram o *Espelho Diamantino* (Rio de Janeiro, 1827-1828); *O Mentor das Brasileiras* (São João Del-Rei-MG, 1829-1832); *Manual das Brasileiras* (São Paulo, 1830); O

Despertador das Brasileiras (Salvador, 1830-1831). Entretanto, Cunha (2008) ao tratar dos periódicos de autoria feminina acrescenta a esta lista o Jornal de Variedades (Recife, 1827).

No Ceará, somente vinte dois anos depois foi publicado em Fortaleza o primeiro jornal dedicado exclusivamente ao “belo sexo”, *Sempreviva*, cujo primeiro número é de 26 de novembro de 1849, pioneiramente, era dedicado exclusivamente à literatura. Escreveram nesse periódico Juvenal Galeno²² e Gustavo Gurgulino de Souza²³ (STUDART, 1924). A respeito desse jornal em 1849, na edição de 28 de novembro, o jornal *Pedro II*, publicou:

Recreio e Instrução – Segunda-feira, 26 do corrente, saiu a luz nesta tipografia o 1º nº da “Sempre Viva”, periódico destinado a deleitar e instruir o belo sexo. E como não só o sexo amável, como toda sorte de leitores podem tirar proveito de sua leitura porque nela achamos um desenfado e desfastio à essa luta constante dos partidos, com que quase unicamente se ocupam as folhas da nossa terra; esperamos que todas as pessoas de bom gosto concorram a comprar a “Sempre Viva”, que se vende a preço de 40 réis cada nº nesta mesma tipografia. Bastante hábil nos parece a pena, que mimoseou a nossa imprensa com aquela publicação, e por isso mais um motivo achamos para que os leitores contribuam para sua continuação, quando não guiados pelo desejo de recreio e instrução, ao menos pelo de animar o talento do redator, que sem isto pode arrefecer e desistir da empresa.

Esse anúncio do jornal *Sempreviva* no jornal *Pedro II* (1849) comprova a existência desse jornal e apresenta características da imprensa que se propunha feminina no Ceará, contrapondo-o à imprensa cearense das primeiras décadas do século XIX, que era voltada para discussões e debates políticos, assuntos atribuídos aos homens, enquanto a “recreação” e as amenidades foram destinadas às mulheres.

Sempreviva era um jornal para o público feminino feito por homens, e que também objetivava “instruir”. Desse modo, como ressaltou Duarte (2016), corroborando com Buitoni (1990, p.14-15), independentemente da direção que tinha

²² Juvenal Galeno é um importante poeta, dramaturgo, escritor e jornalista cearense, com volumosa produção literária, fundador do primeiro jornal literário do estado, autor de *a Machadada*, o primeiro livro impresso no Ceará, escreveu também *Prelúdios Poéticos* (1856), coletânea de poemas que foram anteriormente publicados no jornal *Marmota Fluminense*, esta obra é considerada obra inaugural do Romantismo no Ceará (SECULT).

Disponível em: <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/equipamentos-culturais/casa-juvenal-galeno/> 43506. Acesso em 18 jul. 2017.

²³ Gustavo Gurgulino de Sousa publicou também o jornal *O Furão* (1852), um dos primeiros jornais recreativos do Ceará. Disponível em:

<http://www.ceara.pro.br/fatos/MenuHistoriaVerbete.php?pageNum_leituraslecao=57&totalRows_leituraslecao=31963&totalRows_leit.>. Acesso em: 18 jul. 2017.

o periódico, se ele era pensado para o público feminino, sendo feminista ou não, é preciso reconhecer que essa imprensa tem “participação decisiva na formação intelectual da mulher e na construção cultural e discursiva de sua identidade [...]”. Isso reforça o relevante papel educacional da imprensa no século XIX, principalmente, para as mulheres que tinham limitado acesso ao conhecimento.

Quanto à designação do termo “literário” atribuído pioneiramente ao jornal *Sempreviva*, associava-se à “Recreação e Instrução” uma vez que remetem à definição de Literatura nesses anos oitocentistas já observadas Barbosa (2007, p. 30):

A rigor, até o fim do século XIX o que parece ser Literatura são textos que mantêm a perspectiva horaciana de instruir e deleitar. Nesta concepção, o termo englobava a eloquência, a poesia, a história, a crítica e também as ciências.

Nessa perspectiva, podemos asseverar que a imprensa feminina no Ceará, embora tardia, não destoava dos paradigmas da imprensa brasileira oitocentista. Após o *Sempreviva* (1849), também é preciso registrar a participação da mulher no jornal *O Comercial*, órgão dos interesses comerciais, agrícolas e industriais, que foi publicado em 1853, e era de propriedade de Francisco Luiz de Vasconcelos. Studart (1924) ressaltou que durante o período em que os tipógrafos encarregados desse jornal estavam recrutados, foram a mulher e a cunhada de Vasconcelos que realizaram o serviço d’*O Comercial*. Isso mostra a presença da mulher no ambiente das tipografias e redações dos jornais e ilustrou como as guerras e os conflitos obrigavam a mulher a trabalhar.

Figura 10 - Jornal O Comercial (1853/1854).



Fonte: Hemeroteca do Instituto do Ceará (19/05/1853 e 17/10/1854)

Percebe-se nesse jornal cearense que, durante sua publicação entre 1853 e 1854, sua pauta sofre modificações como a inserção da seção do Folhetim, como também espaçadamente a publicação de coluna com o título Literatura, em que foram publicados textos ficcionais, como “Lembranças do Cairo”. Isso denota que o periódico intencionava diversificar seu público para ganhar também leitoras, que de início ficou restrito aos homens, que eram os interessados em comércio, agricultura e indústria. Depois da leitura dos homens, havia no jornal seções que permitiriam a “recreação” para as moças e senhoras.

O Folhetim, que ocupava espaço na maioria dos jornais oitocentistas, foi um gênero que surgiu nos periódicos do século XIX, desse modo, Barbosa (2007), em sua pesquisa sobre o periodismo no mesmo século, traz à tona informações importantes a respeito da leitura oral dos jornais, descrita como uma prática corriqueira, o que para ela explicaria o sucesso dos romances-folhetins e dos textos ficcionais, “fartamente presentes nos periódicos, como uma reivindicação dos leitores, desde as primeiras décadas do século” (BARBOSA, 2007, p. 16).

A exigência dos leitores, segundo Mackensie (2004), pode ser responsável pelo surgimento de gêneros novos, como também por formas tipográficas diferentes para informar-lhes. Isso explica as mudanças observadas em vários jornais, análoga as

que citamos em *O Comercial* nas primeiras edições de 1854. Ademais, a educação de mulheres consolidava outro público leitor para os periódicos e era preciso alcançá-lo e satisfazê-lo.

Somente vinte anos depois do aparecimento do jornal *Sempreviva* (1854) é que se registra o surgimento no Ceará de outro jornal destinado as mulheres, em 1874, *O Pirilampo*, um periódico literário, noticioso e crítico. Tanto o jornal *Sempreviva*, quanto *O Pirilampo*, constam no inventário dos periódicos cearenses do Barão de Studart²⁴, publicado nas revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras e depois reunido em um livro, *Para a História do Jornalismo Cearense*, publicado em 1924, em comemoração ao centenário da imprensa no Ceará. No entanto, não são citados no Dicionário Ilustrado *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: Século XIX*, de Duarte (2016), neste o primeiro representante da imprensa feminina cearense é *O Lírio* (1875).

Os catálogos do Barão de Studart são referências fundamentais para as pesquisas sobre a imprensa no Ceará no século XIX. Studart (1924) mantém a estrutura dos catálogos publicados nas revistas, lista e descreve os periódicos, com a diferença de que na imprensa organizou os catálogos em ordem alfabética e fez breves caracterizações de cada um; no livro o historiador dispõe os jornais e revistas em ordem cronológica. Studart detém-se mais nas descrições, apresentando inclusive algumas imagens fac-similares dos periódicos. Muitos dos jornais listados, como *O Pirilampo* (1874), não se encontram mais pelas hemerotecas e arquivos, sendo os registros de Studart (1924) o único vestígio da existência de muitos periódicos cearenses como este.

Conforme este levantamento de Studart (1924), a estreia da mulher como colaboradora na redação de um periódico no Ceará ocorre em 1875, com a publicação de *O Lírio*, que segundo consulta ao único exemplar que se tem conhecimento e acesso no acervo da hemeroteca da Biblioteca Nacional, se definia como “Publicação Recreativa”, destinando-se ao belo sexo cearense.

²⁴ Barão de Studart lista aproximadamente a publicação de 507 jornais entre 1824 e 1898 (STUDART, 1898). Cinco anos depois, Sturdatt (1904) publicou novo levantamento também na Revista do Instituto do Ceará, esta do período de 1824 – 1904, contendo 834 jornais.

Figura 11 - Jornal O Lirio publicado em 06 de junho de 1875.



Esta edição do jornal *O Lírio*, datada de 06 de junho de 1875, permite conhecer como era a organização deste periódico: apresentava um editorial, em que tratou sobre o progresso intelectual da mocidade da época, na primeira página também estavam as sessões “Revista”, em que aborda as festas religiosas do mês Mariano, a coluna “Aniversário” homenageando o aniversário da Escola Popular, e “Variedades” em que publica a conclusão de um folhetim “Enoê”. Ainda se encontram nessa edição a publicação de poesia e de notas sobre moda feminina, em seção intitulada “Neblina”. Entretanto, o que mais se destaca n’*O Lírio* (1875) era a influência do marianismo, como menciona Cunha (2008, p.83) ao analisar este jornal:

Aqui é preciso lembrar a instalação do marianismo do século XIX com a instituição do Dogma da Imaculada Conceição, assinado por Pio IX. Mediante esta recuperação mítico religiosa da Virgem Maria, todas as mulheres foram postas no pedestal.

As observações de jornais oitocentistas disponíveis para consulta nos permitem destacar as relações dos periódicos com a política, a religião, a economia (agricultura, comércio e indústria) e a Literatura, entre outros, como Recreação, Instrução, foram fatores decisivos para criação de diversos órgãos da imprensa no século XIX, as notícias ficavam sempre em segundo plano, predominando na imprensa feminina cearense as temáticas religiosas, literárias, e domésticas com finalidades recreativas, ou para instruir e controlar o “belo sexo”, formar moças recatadas, prenyadas, tementes a Deus, boas esposas e mães zelosas, ao modelo da Virgem Maria.

Nessa sequência histórica, também é de relevância registrar a participação feminina no Clube Literário, associação literária de Fortaleza, da qual Francisca Clotilde era sócia e, portanto, colaborava com o órgão de imprensa desse Clube, a revista *A Quinzena*, que circulou durante o período de 13 de janeiro de 1887 a 10 de junho de 1888. No acervo dessa revista, digitalizado e disponível na página da Academia Cearense de Letras, é possível encontrar diversas produções de Francisca Clotilde, como também assinadas pelo pseudônimo “Jane Davy”, utilizado por essa escritora.

Outras escritoras colaboraram também com a *Quinzena*: Ana Nogueira Batista, Iza²⁵ e o pseudônimo “Mademoiselle***”, elas publicaram nos mais variados gêneros:

²⁵ O nome Iza aparece em uma publicação do jornal *Libertador* (1888), assina crônicas que se intitulam “Páginas Soltas” com subtítulos “Duas irmãs” e “Contemplação”, também publicada na Revista *A*

artigos, como “A mulher na família” de Francisca Clotilde, em 15 de março de 1887; poemas, como “Teu olhar” de Ana Nogueira Batista, em 16 de abril de 1888; contos, como “Roubo de nove contos” de “Mademoiselle***”, em 28 de março de 1888); crônicas, como “Páginas Soltas: contemplação” de Iza, em 16 de abril de 1888.

Figura 12 - Revista *A Quinzena* publicada durante 1887-1888.

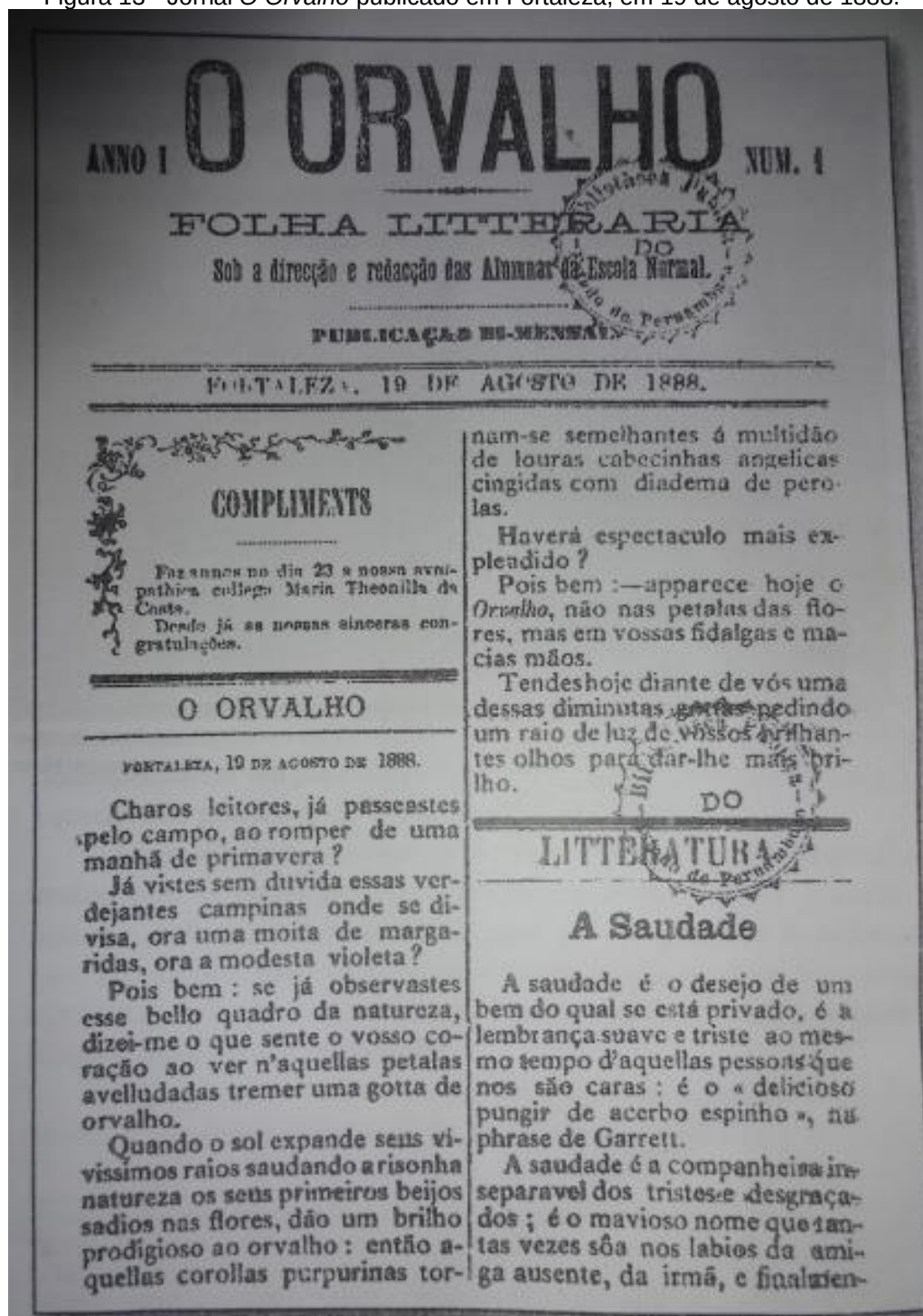


Fonte: Academia Cearense de Letras.

Quinzena (1888). Os poetas Álvaro Martins e Antônio Martins dedicam à Iza poemas e crônicas, ela também dedica o texto à Peri, que segundo o Índice por Autores da revista *A Quinzena* (1887-1888), organizado por Maria da Conceição Sousa, é um pseudônimo de Antônio Martins.

Depois de treze anos da publicação de *O Lírio* (1875) para o aparecimento de outro representante da imprensa feminina no Ceará, tendo como redatoras as alunas da Escola Normal do Ceará, surge *O Orvalho* em 1888. Neste período, Alba Valdez, era aluna e Francisca Clotilde já era professora desse estabelecimento de ensino secundário.

Figura 13 - Jornal *O Orvalho* publicado em Fortaleza, em 19 de agosto de 1888.



As alunas da Escola Normal do Ceará produzem um jornal que versava sobre sentimentos como saudade, amor, caridade, assim como, também, as normalistas trataram de flores e outros elementos da natureza, utilizaram uma linguagem rebuscada e floreada, sendo essas temáticas, a modéstia e o recato marcados no periódico balizas para o comportamento da mulher no século XIX:

Quando o sol expande seus vivíssimos raios saudando a risonha natureza os seus primeiros beijos sadios nas flores, dão um brilho prodigioso ao orvalho: então aquelas corolas purpurinas tornam-se semelhantes a multidão de louras cabecinhas com diadema de pérolas. Haverá espetáculo mais esplêndido? Pois bem: - aparece hoje *O Orvalho*, não nas pétalas das flores, mas em vossas fidalgas e macias mãos. Tendes hoje diante de vós uma dessas diminutas gotas pedindo um raio de luz de vossos brilhantes olhos para dar-lhe mais brilho (*O ORVALHO*, 1888, p. 1).

Além desse editorial que apresenta o jornal, as redatoras parabenizaram a colega Maria Teonilla da Costa, a seção de aniversariantes aparece na maioria dos jornais do século XIX, falaram também de saudade, caridade, amor, assim como, publicaram charadas, outro gênero de recorrência em muitos periódicos “recreativos”. O conhecimento que as normalistas adquiriam dava a elas também a condição de lançar mão de recursos linguísticos, como as metáforas e comparações e até uma certa ironia, para reproduzir o lugar da mulher na sociedade patriarcal da época, no artigo “A Gramática das mulheres”:

A mulher é um adjetivo que precisa concordar com o substantivo homem, para está colocada gramaticalmente na sociedade. [...] O namoro é advérbio de tempo, com um complemento alternativo – o casamento. [...] Quando alguns pensam em tomar esposa, procura logo a oração principal, o dote. [...] O verbo amar é de todos os verbos da língua o mais irregular. Há mulheres que não sabem absolutamente conjuga-lo, porque lhes esquecem o tempo e as pessoas. Quantas vezes um rapaz deixa de casar, porque a preposição pede depois de si um complemento transitivo – a carruagem? Uma solteirona bem conservada é um pretérito perfeito; se for encontrada em anos e acabada, é pretérito imperfeito. [...] (*O ORVALHO*, 1888, p. 2).

Esse jornalzinho bimestral, seguiu sendo publicado por vários anos, há na hemeroteca do Instituto do Ceará uma edição de 31 de setembro de 1894. *O Orvalho* não possuía crítica tão mordaz quanto à apresentada no jornal do Liceu Cearense, escola de rapazes, reduto da intelectualidade masculina do Ceará no século XIX, o

periódico das normalistas não fugiu dos padrões da linguagem da mulher daquele tempo.

Os inventários históricos da imprensa cearense ainda identificaram a circulação em Fortaleza de *A Evolução*, jornal científico e literário que era publicado por Antônio Duarte Bezerra, Francisca Clotilde e Joaquim Fabrício, a partir de 19 de julho de 1888 (STUDART, 1924). Consultas a esse jornal através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, mostram que a professora, escritora e jornalista Francisca Clotilde além de redatora, publicava utilizando o pseudônimo Jane Davy.

Antônio Duarte Bezerra, professor e companheiro de Francisca Clotilde, aparecia como redator principal do jornal, porém a consulta ao periódico mostra que era Francisca Clotilde que traduzia os folhetins, escrevia a maioria dos artigos, homenagens, e ainda publicava poemas e contos como Jane Davy. Isso mostra que a escrita dessa mulher era predominante no jornal.

Figura 14 - Jornal *A Evolução* publicado em 26 de julho de 1888.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Outro jornal também de nome *Orvalho* é sublinhado por Cunha (2008) no levantamento da imprensa feminina no Ceará no século XIX, um periódico de confecção caseira, manuscrito de mulheres fortalezenses. As redatoras eram Luiza Amélia de Paula Rodrigues e Ana Letícia de Frota Pessoa. Os dois jornais de nome *Orvalho*, acabaram por causar um equívoco no registro de *O Orvalho* (1888), das alunas da Escola Normal do Ceará, no dicionário de Duarte (2016), em que se misturaram as informações dos dois periódicos, apresentando as redatoras de *Orvalho* (manuscrito) como se o fossem do jornal das normalistas.

Em 1889, destacamos a colaboração de mulheres no jornal *Constituição*, que publicou um poema de Alba Valdez, quando ela tinha apenas quinze anos, com o título “Os Sonhos”, esta foi a primeira das publicações da escritora que podemos conhecer e acessar.

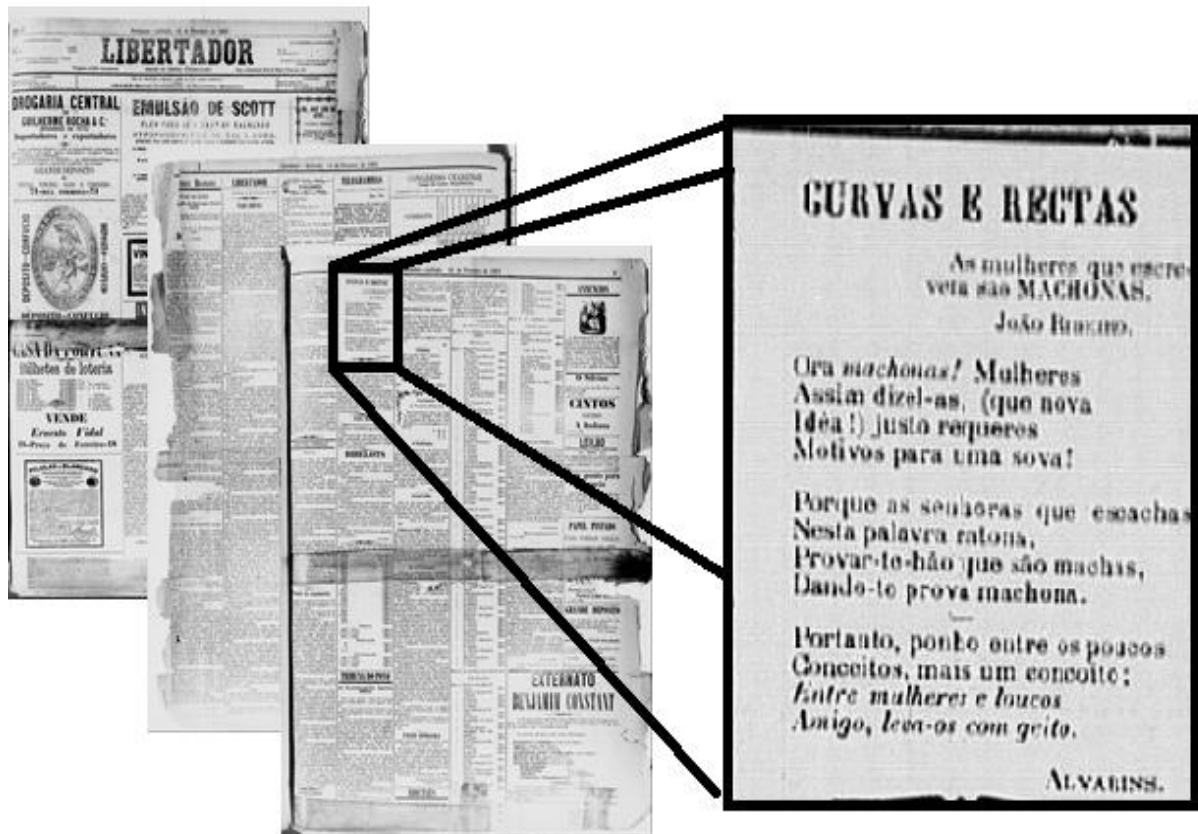
Conforme Studart (1924), foi publicado por crianças de Baturité, município serrano do Ceará, na tipografia Cruzeiro, o jornalzinho *O Grillo* (1891), que se destinava ao belo sexo. Cunha (2008) cita também o jornal *A Escola*, que segundo ela era feito à mão por meninas menores de 12 anos, que ela nomeia como Joana Rodrigues, Maria de Mello, Josefa Freire, Estela Castro, Sara Rossas, Raimunda Abreu e Alexandrina Machado²⁶.

Ainda em 1891, o levantamento de Studart (1924) destaca um jornal fortalezense, satírico, que se dizia órgão do belo sexo, que apresentava como endereço da redação o “Oco do Mundo” e denominava seu redator como “Mané Cornim” (p.101). Nesse mesmo ano, Studart (1924) também enumera outros jornais de títulos satíricos: *Bacalhau* e *A Vaca*, ambos se auto definiam como jornaizinhos críticos, mas não se destinavam ao público feminino. Nesse mesmo contexto de escárnio, à medida que se coteja os jornais cearenses de 1891, é possível identificar a dificuldade da escrita pública para mulheres. Isso se destaca quando se lê a publicação do jornal *Libertador*²⁷ (1891, p. 3):

²⁶ Essas meninas de Baturité, redatoras do jornal manuscrito *A Escola*,

²⁷ Conforme Studart (1924), o Órgão da Sociedade Cearense Libertadora, de Fortaleza, foi fundado em 01 de janeiro de 1881. Usava a epígrafe “Ama ao próximo como a ti mesmo”. Mas, em 1891, no número Avulso de Sábado, 14 de fevereiro, o jornal já se considerava um órgão do Centro Republicano, já não utiliza a epígrafe de outrora e o fragmento que se extraiu sobre as mulheres mostra que não se respeitava o outro, especificamente a mulher. Isso é um flagrante da visão que sociedade do século XIX tinha das mulheres.

Figura 15 - Jornal *Libertador* publicado em 14 de fevereiro de 1891.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CURVAS E RETAS

As mulheres que escrevem são MACHONAS. João Ribeiro.

Ora *machonas*! Mulheres/ Assim dizê-las, (que nova/ Ideia!) justo requeres/ Motivos para uma sova! Porque as senhoras que escachas/ Nesta palavra ratona,/ Provar-te-ão que são machas,/ Dando-te prova machona. - / Portanto, ponho entre os poucos/ conceitos, mais um conceito: / *Entre mulheres e loucos/ Amigo, leva-os com jeito.* ALVARINS.

A publicação mostra a nítida delimitação do espaço da palavra escrita e publicada como pertencente ao homem, as mulheres que invadiram esse espaço eram “Machonas”. A escrita não era para as mulheres do século XIX, era privilégio para os “homens de letras”, quando estas ousaram escrever foram desqualificadas, adentraram o ambiente masculino, usurparam até a macheza, agregando essa característica, qualidade nos homens, mas aberração nas mulheres, contribuindo para sua ridicularização.

Alvarins (1891) aproveita para satirizar essas “mulheres macho”, alcunha que recebiam porque estavam com a pena na mão, um instrumento de poder masculino, advertindo seu amigo João Ribeiro de que essa afirmação pode lhe render uma surra dessas “criaturas andrógenas” que ele criou. Para arrematar a crítica corrosiva as

mulheres escritoras ele as coloca na condição desabonadora dos loucos, ou seja, atribuiu total descrédito as suas palavras. Situações como essa traduziam o cotidiano da sociedade cearense, pois, apesar das publicações de autoria feminina estarem presentes nos jornais, observamos como são espaçadas e feitas por um número tão reduzido de mulheres durante o século XIX e primeiros anos do XX.

Essa dificuldade da escrita e de publicação da palavra da mulher entre o final dos anos oitocentistas e as primeiras décadas do século XX, portanto, estava nas páginas dos jornais da época. Na edição de 15 de novembro de 1906 do jornal *O Pagão*, logo na primeira página há uma crítica dura a educação de mulheres, intitulada “Normalistas”, o que também reforça a íntima relação entre o magistério, a religião e a autoria feminina no Ceará:

Quanto mais professores se fabricam é pior. Não há ninguém mais que aprenda a ler por causa do pedantismo delas. Levam o tempo a dar beliscões nas crianças e puxar as orelhas e pedir livros aos pais das mesmas. É um progresso sem nome! Tem meninas que não conhecem vinte e cinco letras e fazem artigos de fundo para jornal! (PAGÃO, 1906, p.1)

O desprezo e a inferiorização das mulheres de letras, não coincidentemente também professoras, era muito comum, mas não foi suficiente para inibir a todas de publicar suas produções. No *Diário do Ceará*, jornal publicado em Fortaleza a partir de 1894, pode-se perceber contribuições para ruptura desses paradigmas patriarcais que Alvarins (1891) sintetizou na coluna Curvas e Retas do jornal *Libertador*, considerando que abriu espaço para publicações de mulheres, como Alba Valdez, que colaborou nesse periódico a convite de Justiniano de Serpa, um dos redatores, durante os dois anos finais de circulação (1895-1896). Desse modo, as produções de Alba Valdez para este jornal foram cinco anos mais tarde compiladas no primeiro livro publicado pela escritora.

Há também registros da participação das mulheres na *Padaria Espiritual*, uma das mais importantes sociedades literárias cearenses, mas somente Francisca Clotilde e Ana Nogueira conseguiram publicar no jornal dessa agremiação, *O Pão*, que circulou de 1892 a 1898.

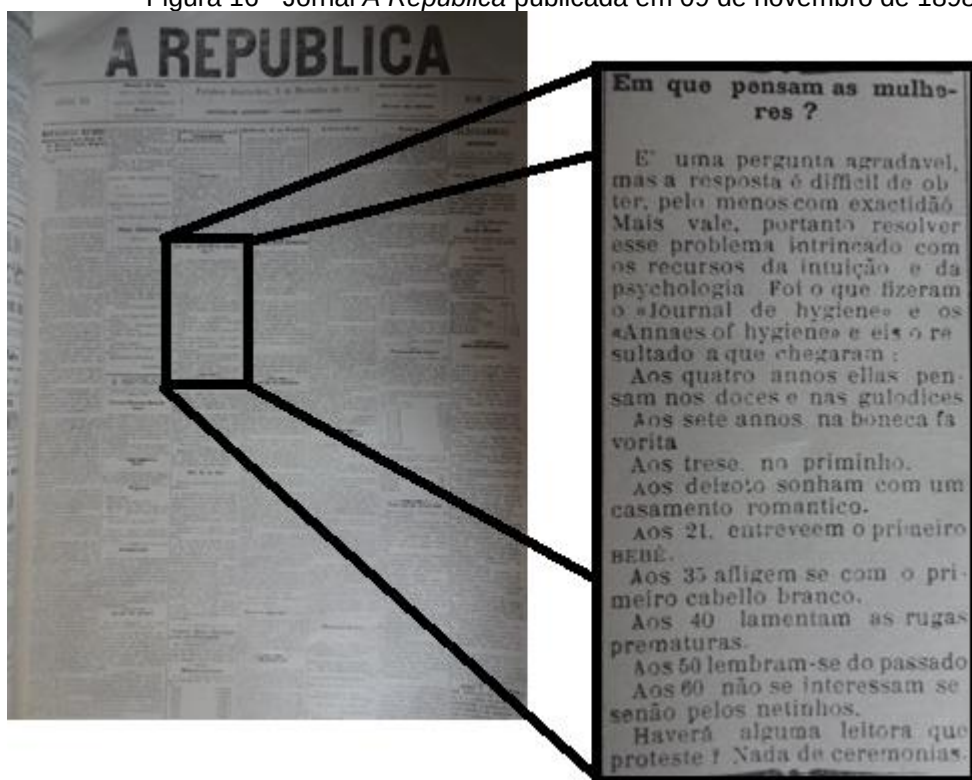
Antônio Bezerra quando publicou a obra *O Ceará e os Cearenses*, que se tratava de uma coletânea de artigos escritos para o jornal amazonense *Pátria*, em que o jornalista e escritor cearense, a partir de 01 de janeiro de 1898, publicou crônicas

sobre sua terra natal - visando atingir a colônia de seus conterrâneos erradicados no Norte do Brasil - registrou a visão que os homens de letras tinham da mulher cearense, e reconhece que elas escreveram e que publicaram, principalmente em jornais:

Habitadas ao trabalho de casa desde a infância, tanto as filhas das famílias abastadas, como as das classes pobres, não estranham os mais pesados encargos que lhes possa trazer o casamento. Depois do ensino doméstico, são em geral educadas com esmero nas letras e belas artes. Há ali senhoras que têm nome feito como poetisas e escritoras. São bem conhecidas as Exmas. Sras. Anna Nogueira, Francisca Clotilde, Ignácia de Matos Dias, Emília de Freitas, Francisca de Mello Cezar, Luiza Amélia de Paula Rodrigues, Anna Leticia da Frota Pessoa, Luiza Justa, Anna Facó, Anna Bilhar, Adília de Albuquerque Luna Freire, Maria Salazar, Maria Rodrigues, (Alba Valdez), Maria Amélia Torres Portugal, Aurelinda Simões, Olga de Alencar, Amélia de Alencar e Júlia Moura, estas seis últimas, diretoras da *Liga Feminista Cearense*, fundada pelas mesmas em 26 de julho de 1904, e muitas outras, que ornaram os jornais com seus escritos (BEZERRA, 2001, p. 74-75).

A escrita e publicação da mulher no Ceará do século XIX segue nos padrões do que já ocorrera no país, confirmando o que Duarte (2016, p.14) concluíra a partir de suas investigações sobre a imprensa feminina desse tempo: “Mais do que os livros, foram os jornais e revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência”. Escrever e publicar já poderia ser considerada uma resistência, porque para mulher exprimir seu pensamento foi sempre uma tarefa árdua, como podemos analisar em artigo publicado na primeira página d’*A República* (1898):

Figura 16 - Jornal *A República* publicada em 09 de novembro de 1898.



Fonte: Jornal *A República*, edição fac-similar, BNB (1989).

[Em que pensam as mulheres?

É uma pergunta agradável, mas a resposta é difícil de obter, pelo menos com exatidão. Mais vale, portanto, resolver esse problema intrincado com os recursos da intuição e da psicologia. Foi o que fizeram o “Jornal de higiene” e os “Annaes of hygiene” e eis o resultado a que chegaram:

Aos quatro anos elas pensam nos doces e nas gulodices.

Aos sete anos na boneca favorita.

Aos treze, no priminho.

Aos dezoito sonham com um casamento romântico.

Aos 21, entreveem o primeiro BEBÊ.

Aos 35 afligem-se com o primeiro cabelo branco.

Aos 40 lamentam as rugas prematuras.

Aos 50 lembram-se do passado.

Aos 60 não se interessam-se senão pelos netinhos.

Haverá alguma leitora que proteste? Nada de cerimônias.]

(*A REPÚBLICA*, 1898, p. 1)

No final dessa publicação de *A República* (1898), é preciso ressaltar, a provocação do jornal às leitoras que estivessem insatisfeitas com as ideias ali transcritas, fundamentadas nos periódicos higienistas. Isso documenta que haviam leitoras em meio ao público desse jornal. O que explica as publicações que tratam da moda inglesa, tratando do “inovador” uso de bengalas por mulheres no século XIX; os folhetins românticos, em que elas eram as principais leitoras; os poemas em que elas

são musas; assim como as propagandas de mamadeiras, remédios para crianças, venda de acessórios femininos, como espartilhos e meias de seda.

Figura 17 - Jornal *A República* publicado em 12 de novembro de 1898.

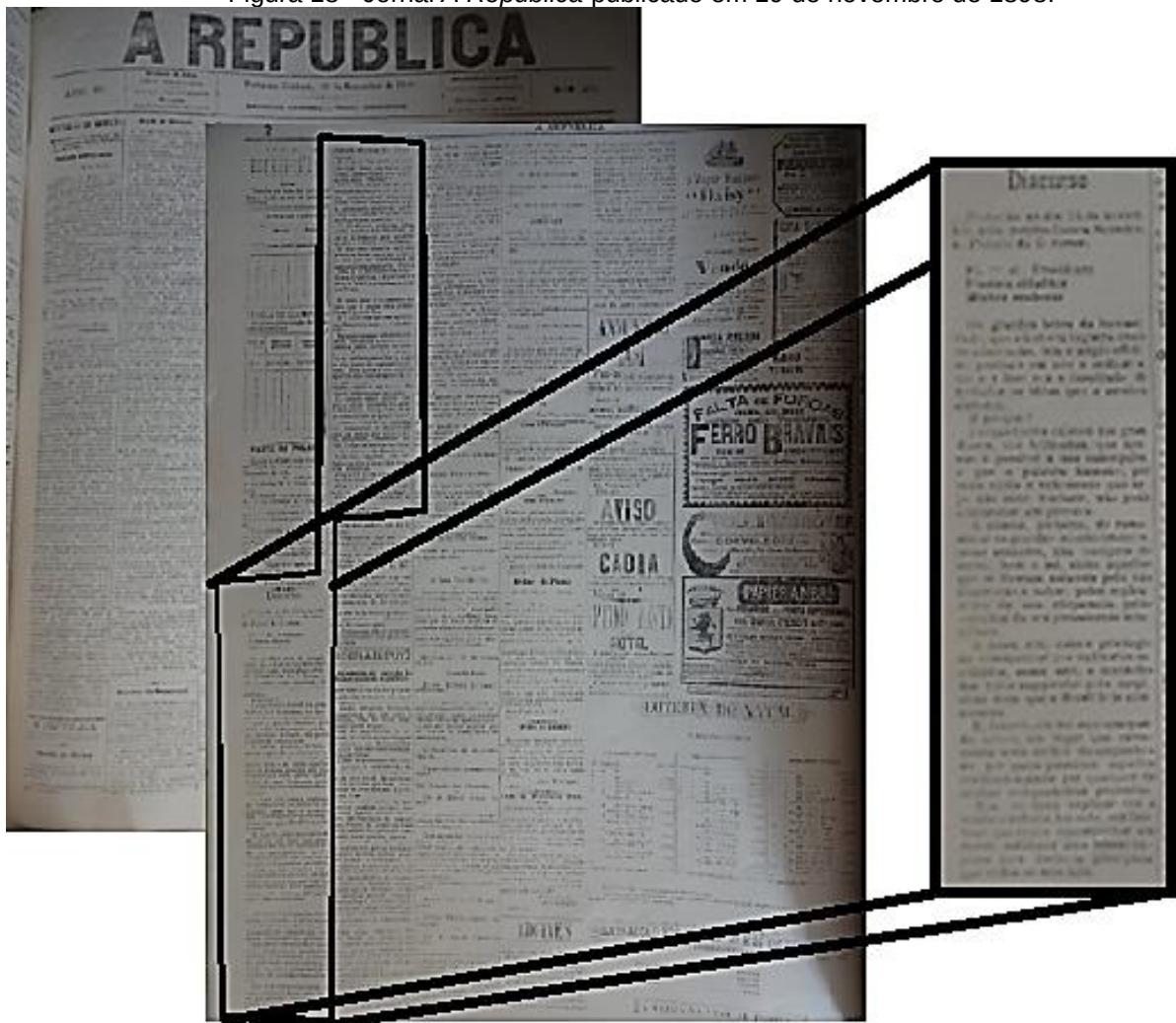


Fonte: Jornal *A República*, edição fac-similar, BNB (1989).

Entretanto, predominavam neste periódico publicações políticas do governo do Estado e de alguns municípios, inclusive do interior do Ceará. *A República* era um jornal para homens, no entanto, com pitadas de leituras para mulheres, que com certeza não tinha o direito de ler antes de seu pai, e mais tarde, também não poderia anteceder a leitura de seu marido.

Todavia, nem o jornal *A República* (1898) pôde ignorar a palavra da mulher e, algumas vezes, abriu espaço à escrita feminina, publicando o discurso da “menina Isaura Sobreira”, proferido no Palácio do Governo, por ocasião do aniversário da Proclamação da República no Brasil, publicação em que ficou claro a marginalização social da palavra da mulher:

Figura 18 - Jornal *A República* publicado em 19 de novembro de 1898.



Fonte: Jornal *A República*, edição fac-similar, BNB (1989).

Exmo. Sr. Presidente
Ilustres cidadãos
Minhas senhoras

Os grandes feitos da humanidade, que a história registra cheia de admiração, tem amplo efeito de produzir em nós o entusiasmo e tolher-nos a faculdade de formular as ideias que o cérebro elaborou.

E por que? Porque factos existem tão grandiosos, tão brilhantes, que apenas é possível a sua concepção e que a palavra humana, por mais fútil e veemente que já não sabe traduzir, não pode concatenar em frases.

A missão, portanto, de rememorar os grandes acontecimentos, meus senhores, não compete de certo, bem o sei, senão aqueles que se fizeram notáveis pela sua ilustração e saber, pelos esplendores de sua eloquência, pelos arroubos de seu pensamento cintilante.

A esses, sim, cabe o privilégio de comunicar aos auditórios escolhidos, como este, a centelha das ideias sugeridas pela auspiciosa data que o Brasil comemora.

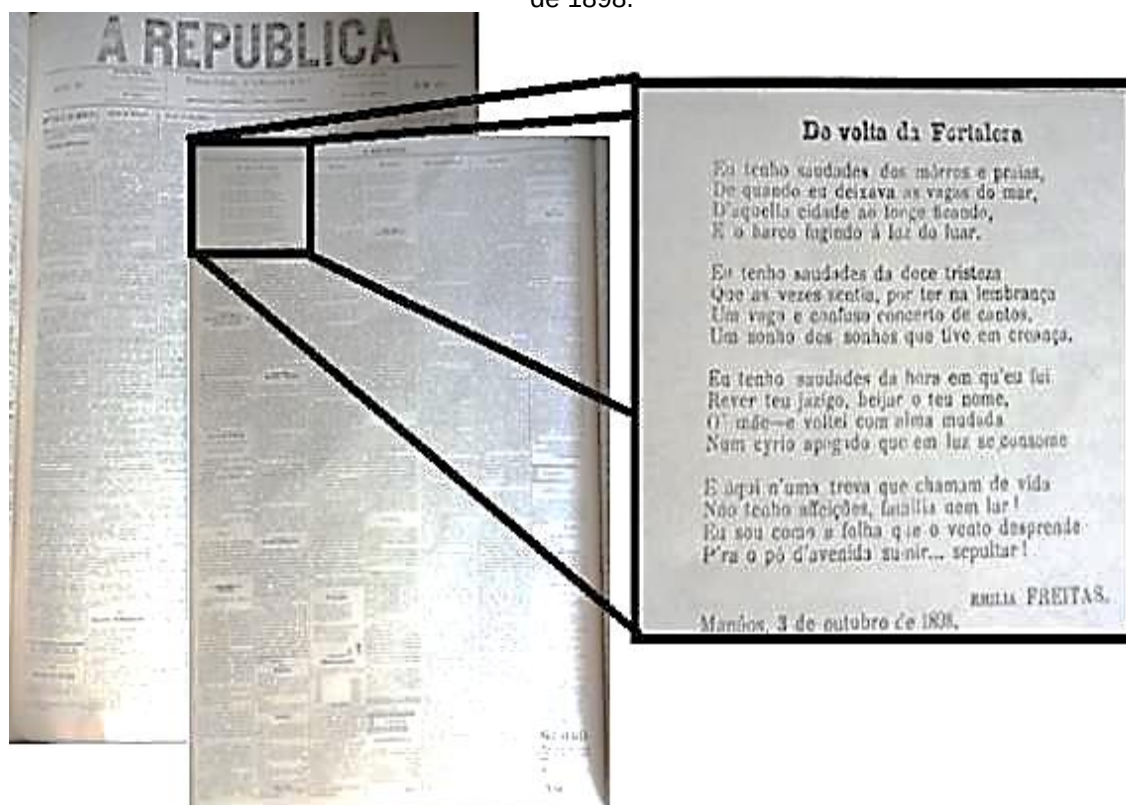
E, todavia, eis me aqui usurpando, talvez, um lugar que certamente seria melhor desempenhado por quem possuísse aqueles predicados, se não por qualquer de minhas companheiras presentes.

Mas, eu devo explicar-vos a minha conduta, fazendo vos lembrar que venho desempenhar um dever, satisfazer uma missão imposta pela distinta preceptora que vedes ao meu lado. (*A República*, 1898a, p. 2)

Após cumprimentar a autoridade maior e os demais presentes, momento em que já se pode deduzir que a cidadania da mulher não era reconhecida, a menina afirma na tribuna que a palavra pública não lhe pertence, porque não era das mulheres, reproduzindo o que a sociedade dos últimos anos oitocentistas pensava.

Isaura Sobreira se colocou como a usurpadora da palavra e daquele lugar público, utilizou de uma modéstia exagerada para se diminuir e inferiorizar a capacidade da mulher, falou e o jornal publicou a palavra da menina do lugar de boa aluna, assistida por sua preceptora, do lugar de boa moça que amava a pátria. A jovem Sobreira ainda tentou justificar sua “conduta” como uma “missão imposta” por sua preceptora, que ali se encontrava ao seu lado, avaliando suas competências de escrita e leitura. Na mesma edição d’*A República*, de 19 de novembro de 1898, em que foi publicado o discurso da Isabel Sobreira, também foi impresso um poema de Emília Freitas, uma das pioneiras da Literatura Cearense de autoria feminina:

Figura 19 - Poema de Emília de Freitas no Jornal *A República* publicada em 19 de novembro de 1898.



Fonte: Jornal *A República*, edição fac-similar, BNB (1989).

De volta da Fortaleza

Eu tenho saudades dos morros e praias,
De quando eu deixava as vagas do mar,
D'aquela cidade ao longe ficando,
E o barco fugindo à luz do luar.

Eu tenho saudades da doce triste
za
Que as vezes sentia, por ter na lembrança
Um vago e confuso concerto de cantos,
Um sonho dos sonhos que tive em criança.

Eu tenho saudades da hora em que eu fui
Rever teu jazigo, beijar o teu nome,
Ó mãe – e voltei com alma mudada
Num círio apagado que em luz se consome.

E aqui n'uma treva que chamam de vida
Não tenho afeições, família nem lar!
Eu sou como a folha que o vento desprende
Pra o pó d'avenida sumir...sepultar!

Emília FREITAS.

Manaus, 3 de outubro de 1898. (FREITAS, 1898, p. 4)

A composição poética de Emília Freitas ressaltava as características comuns da produção escrita das mulheres de letras cearenses: a subjetividade, o telurismo, uma escrita rebuscada, onírica com características românticas, tanto nos poemas quanto na prosa.

A escrita de Alba Valdez nos jornais também assume por vezes estas características. A subjetividade, a temática do amor platônico, a linguagem rebuscada com características românticas, movimento literário da primeira metade dos oitocentos, marcaram a composição de Valdez. Muito dessa subjetividade e introspecção feminina é considerada por Lakoff (2010, p. 17) como traços da “linguagem da mulher”, que ocorre como consequência da sociedade patriarcal e que tem seus efeitos:

[...] o efeito geral da “linguagem das mulheres” – que significa tanto a linguagem restrita ao uso das mulheres quanto a linguagem descritiva das mulheres simplesmente – é este: ela submerge a identidade pessoal da mulher, por negar a ela os meios de expressar-se fortemente, por um lado, e por encorajar expressões que sugerem trivialidade do assunto e incerteza sobre ele; e, quando se está falando sobre uma mulher, por trata-la como um objeto – sexual ou outro – mas nunca como uma pessoa com posições individuais. É claro, outras formas de comportamento nesta sociedade têm o mesmo propósito; mas o fenômeno parece especialmente claro do ponto de vista linguístico.

Manter as mulheres presas dentro de si mesmas, mesmo quando elas tentam se expressar funcionou como uma estratégia para que elas se mantivessem à margem das discussões sociais, políticas e culturais: se não foi possível calá-las permanentemente, então que elas falassem ou escrevessem sobre o mundo que lhes foi imposto, sobre suas emoções, sobre a maternidade, a moda, e outras trivialidades, características que se mantêm na escrita da mulher nos primeiros anos do século XX.

Em primeiro de março de 1902, em Baturité, é publicado o primeiro número de *O Astro*, jornal bimestral que tinha como proprietárias e redatoras as irmãs Amélia Alencar e Olga Alencar²⁸. Esse jornal depois passa a ser publicado em Fortaleza, a partir da mudança de suas redatoras, que junto Alba Valdez fundaram a “Liga Feminista Cearense”, sociedade feminina que tinha como um de seus principais objetivos a formação intelectual da mulher, que será analisada posteriormente.

Na edição de *O Astro* de dezembro de 1902, podemos verificar a permanência das características da linguagem feminina dos últimos anos do século XIX no Editorial deste jornal, que tinha como título “O Natal”: “Ecoa de todos os âmbitos uma alegria alvissareira e doce, comunicativa de sonhos festivos na tua noite, oh, doce Natal! Bailam os arvoredos uma cantilena encantadora, cintilam as estrelas mais brilhantes, [...]” (*O ASTRO*, 1902, p.1).

²⁸ Redatoras do jornal *O Astro*, nasceram em Baturité-CE, onde iniciaram a publicação desse jornal bimestral e depois se mudaram para Fortaleza, na capital continuaram a publicar o periódico que enviavam para todo país, sendo divulgado em jornais do Pernambuco, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outros, como se comprova a partir de notas nos jornais *A Província* : Órgão do Partido Liberal (PE) - 1872 a 1919; *Diário do Maranhão* (MA) - 1855 a 1911; *O Comércio de São Paulo* (SP) - 1893 a 1909; e *A Imprensa* (RJ) - 1898 a 1914. Elas foram também sócias fundadoras da Liga Feminista Cearense, junto com Alba Valdez, Júlia Moura e outras mulheres. Ambas ocupavam cargos na diretoria desta Liga: Olga Alencar era secretária e Amélia Alencar era tesoureira. No *Jornal do Ceará* foram publicados vários anúncios da abertura de uma Escola de ensino primário, secundário e de artes.

Figura 20 - Jornal O Astro publicado em dezembro de 1902.



Fonte: Arquivo Público do Estado de Pernambuco.

A periodicidade deste jornal, assim como de *O Orvalho* (1888), jornal das normalistas, era bimestral, o que possibilita mais uma vez inferir que as dificuldades de publicação para imprensa feminina ainda se mantem, mesmo com o término dos anos oitocentistas. Os jornais e as revistas assumiram importantes funções sociais, culturais, econômicas, educacionais, documentais e também de entretenimento no século XIX e XX. Apesar disso, a vida dos letrados não era fácil, e nem sempre a escrita literária era sua única ocupação, na maioria dos casos o exercício do jornalismo garantiu o sustento de escritores e de escritoras, que escreviam em vários gêneros para diversas publicações (SODRÉ, 1983; ABREU, 2003).

Há vários casos de escritores conhecidos, como Machado de Assis, relatados por Sodré (1983) na *História da Imprensa no Brasil*, eles tinham que se dividir entre a Literatura e o Jornalismo, exemplo também que se adequa a Francisca Clotilde, que escrevia para jornais para ajudar na sobrevivência da família. Aliás, a vida das

mulheres de letras era de dificuldades, todas eram professoras, portanto, como registra Cunha (2008) tinham ínfimos salários, e sua produção escrita também não tinha o mesmo reconhecimento do qual gozavam os produtos das penas masculinas.

Em meio aos 1435 periódicos registrados no catálogo histórico da imprensa cearense, elaborado pelo Barão de Studart, em um intervalo de cem anos, publicado em 1924, dezessete se destinavam às leitoras ou eram dirigidos por mulheres. Entre 1895 e 1914, primeiros anos de publicação da obra de Alba Valdez, é possível identificar que 10 periódicos foram fundados, ou eram dirigidos, ou ainda, tinham como redatoras mulheres.

Todavia, a palavra das mulheres também continua a figurar nos jornais, como o próprio Studart (1924) documentou a colaboração de Alba Valdez no jornal *Primeiro de Maio* (1904), órgão do Centro Artístico Cearense, publicado em Fortaleza, era único nome feminino em meio a inúmeros homens de letras.

Além da capital Fortaleza, outras cidades do interior do Ceará também contribuíram com a história da Imprensa Cearense, depois da já citada Baturité, em 1906, em Guaramiranga, circulou *O Riso*, que tinha como redatora Margarida Alves, que de forma artesanal publicou três números do periódico, porém cada um só possuiu um exemplar.

Neste mesmo ano, Baturité foi palco de uma nova publicação *A Estrela* (1906), pelo qual eram responsáveis as redatoras e diretoras Antonieta Clotilde e Carmen Thaumaturgo. Como aconteceu com *O Astro* (1904), a revista *A Estrela* (1906), também acompanhara sua proprietária, que se muda com a mãe e os irmãos para Aracati em março de 1908, onde o periódico tem continuidade (Almeida, 2006).

Quando surgiu em Baturité em 1906, segundo Almeida (2006), a revista era a produção manuscrita de duas meninas, em uma folha de papel almaço, que se transforma em jornalzinho, e através de muito esforço das “Clotildes”, mãe e filha, na luta pela divulgação das letras no Ceará, principalmente das mulheres, esse periódico vai se estruturar e circular por vários anos, apesar das dificuldades.

A revista *A Estrela* (1906-1921), teve 200 edições, em que se publicava além de produções de mais de cem colaboradoras e colaboradores, por mais que houvessem dificuldades a persistência de suas redatoras possibilitaram a regularidade e pontualidade de cada edição, com exceção de setembro de 1910.

Figura 21 - Revista *A Estrela*, publicada de 1906 a 1921.



Fonte: Acervo Solar das Clotildes.

Esse problema foi explicado pela redatora no periódico, em publicação intitulada “Entre risos e flores”, de outubro de 1910:

Apesar dos bons desejos que nos assistem com relação à pontualidade da saída da “Estrela”, afim de agradar aos nossos amáveis assinantes, não foi possível ela ser publicada no mês de setembro. Para compensar a falta involuntária de que pedimos desculpa, damos a nossa edição comemorativa com maior número de páginas e em ótimo papel (*ESTRELLA*, 1910, p. 2).

As dificuldades de publicação eram um traço da imprensa feminina no Ceará, que continuou nos anos de 1900, se periódicos com o porte da *Estrela* enfrentavam a dificuldade de publicação, os periódicos de menor alcance ficavam presos a publicação artesanal, manuscrita, muitas vezes de número único, ou com tiragem bem reduzida.

Há mais flores pela trajetória da Imprensa Feminina Cearense: *A Violeta* (1907), publicada em Camocim se dizia um órgão literário e recreativo dedicado ao belo sexo; *O Lírio* (1908), com o mesmo nome da primeiro jornal cearense com redação de mulheres, este jornal foi publicado em Maranguape, era manuscrito, tinha como redatoras as meninas Inah Montezuma, Icléa Brasil e Bebella Rodrigues, alunas da professora Maria Leonesse; em Aracati, também foi publicado em 1908 *O Rosário*, um hebdomadário católico fundado por dona Maria Felismina, mas com redatores e gerência de homens, circulou com tiragens de início de 300 exemplares, e chegou a 12000 jornais por edição (Studart, 1924).

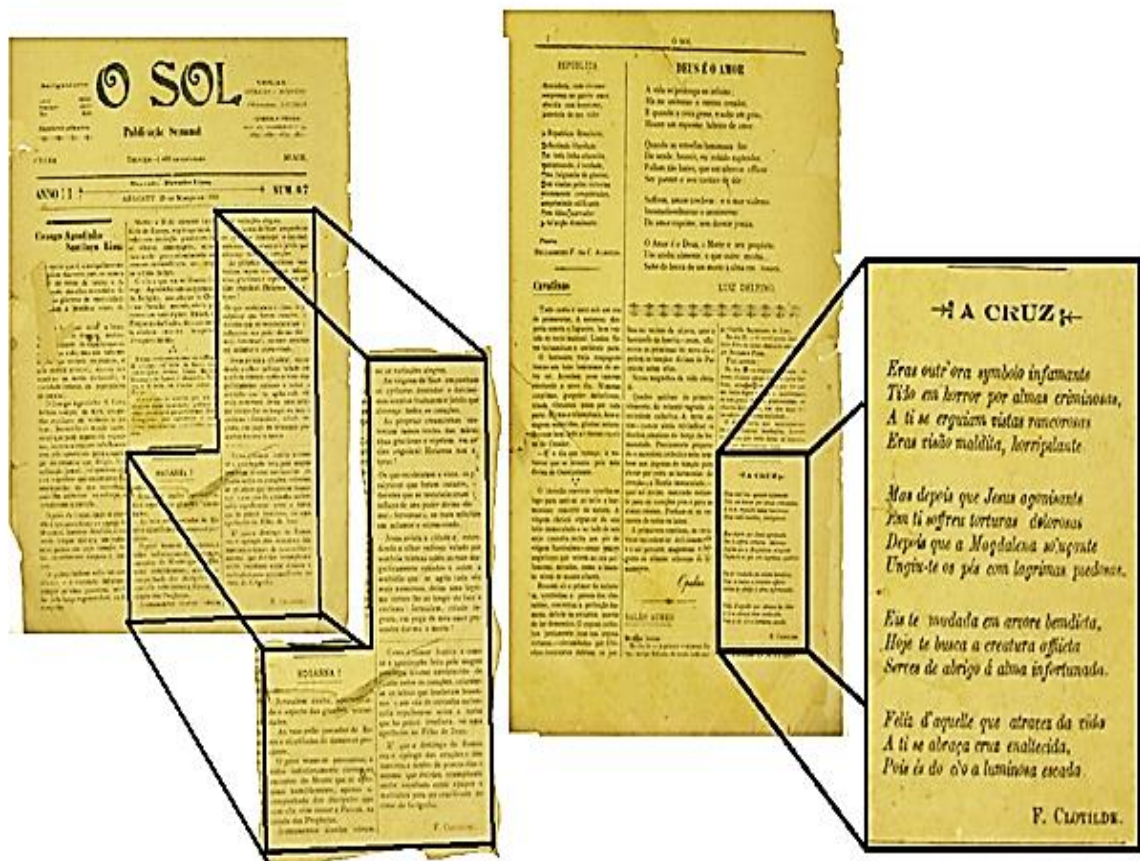
A imprensa feminina no interior também continuou a publicar periódicos, em Baturité ocorre a publicação manuscrita de *Inocência* (1909), sob a redação de Maria Luiza Campelo e Eulália Magalhães. Em Camocim, surgiu em 1909 *A Maliarosa*, um jornal domingueiro destinado ao belo sexo. Sobral também tem seu representante na imprensa feminina, o jornal *O Corimbó* (1910), que se denominava “jornalzinho do belo sexo”, e era dirigido por Stenio da Luz.

Além disso, é possível registrar outras colaborações de mulheres cearenses para a imprensa do interior do Ceará. Uma das referências pode ser Francisca Clotilde, que tinha o jornalismo e o magistério como fonte de sobrevivência. Ela publicava com grande regularidade, um exemplo de suas colaborações para imprensa registra-se no ano de 1910, no jornal *O Sol* de Aracati, município do Ceará em que ela residiu até o dia de sua morte.

No número 67, edição de 20 de março de 1910, do jornal semanal, *O Sol*, que se dizia um órgão literário e noticioso, Francisca Clotilde escreveu um artigo na primeira página sobre a chegada de Jesus à Jerusalém, quando este se preparava para a Páscoa, para sua morte e ressurreição, com o título de “Hosana!”, analogia a festa com a qual o Cristo foi recebido e depois, por este mesmo povo, condenado e crucificado; na segunda página deste mesmo jornal, ela colabora com um soneto intitulado “A Cruz”, um símbolo do Cristianismo, abordou o tema através da mesma estrutura discursiva ancorada nas contradições humanas.

A escrita de Francisca Clotilde estava sempre pontuada pela sua crença religiosa, o que se explica pela sua formação do ensino secundário e magistério no Colégio Imaculada Conceição, além da predominância dos valores e dogmas católicos na sociedade.

Figura 22 - Jornal O Sol (23/03/1910).



Fonte: Hemeroteca do portal de História do Ceará.

. Em Granja, município do interior cearense, também surgiu outro periódico destinado ao belo sexo, foi publicado *O Colibri* (1912), tinha a redação e direção ocupada por homens, as mulheres foram mantidas no lugar de expectadoras. No grupo dos jornais confeccionados artesanalmente, manuscritos podemos citar também *A Notícia*, (1913), que tinha como redatora F. Eulália (STUDART, 1924).

Como Francisca Clotilde e Alba Valdez, algumas mulheres cearenses estiveram, no século XIX e em princípio do XX, imersas em um meio social tão limitado, educadas com tantas restrições e obrigações, que muito poucas se dedicaram às atividades intelectuais, visto que, para a maioria isto implicava em acumular mais uma responsabilidade além dos afazeres domésticos e a maternidade, assim como, a escrita não era considerada um ofício para mulheres por grande parte da sociedade que se mantinha agarrada ao patriarcalismo.

No entanto, as mulheres transgrediram mais uma vez essa fronteira e discutiram desde sua própria condição como os assuntos que autoritariamente foram

limitados aos homens, elas ousaram adentrar o universo público, leram e foram lidas, discursaram nas tribunas, fizeram literatura e jornalismo, escreveram e publicaram. Ketterer (1996, p. 103) questiona e reflete:

Já no final do século XIX, numa Fortaleza de 50.000 habitantes, em pleno processo de modernização e em grande ebulição intelectual, houve um espaço para a expressão feminina fora do lar? De fato, embora seus nomes sejam hoje esquecidos - viraram meros nomes de ruas-, encontramos duas gerações de mulheres - nascidas pelos anos 1860-70 ou 1880-90- que, entre 1883 e 1925, deixaram escritos espalhados pelos periódicos da época, publicaram alguns volumes e participaram da vida literária, cultural e até social e política do Ceará.

Desse modo, ratifica-se a imprensa periódica foi o principal veículo de circulação da palavra da mulher no Ceará durante o século XIX, mas foi além de um simples suporte para os escritos, contribuindo de maneira significativa para formação de novos gêneros literários (BARBOSA LIMA SOBRINHO, 1960; MEYER, 1996; BARBOSA, 2007). Para Barbosa (2007, p. 27), “em relação ao século 19, entre os papéis assumidos pelo jornalista estava o de educador, haja vista o fato de o jornal instituir-se com ‘a missão de suprir a falta de escolas e de livros através de seus escritos jornalísticos’”.

Os periódicos foram suportes fundamentais para o desenvolvimento das Belas Letras cearenses, e são essenciais para se (re)conhecer as produções das mulheres de letras no século XIX do Ceará. Os jornais, desse modo, influenciaram na constituição da linguagem feminina oral e escrita, assim como foi para a masculina; na definição e até criação de gêneros de escrita, como o folhetim, o romance, a crônica, entre outros; se configuram também como fontes de pesquisa indispensáveis para conhecermos a vida e a obra de escritores e escritoras que foram excluídos da historiografia da Literatura e da Imprensa. Nesse contexto, a organização de uma história da participação da mulher na imprensa cearense exige o cotejamento dos jornais e revistas dos períodos em que se dedicaram ao exercício da escrita.

Assim, encontramos o suplemento que saía aos domingos no jornal *Estado*, publicado pela Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, como este na edição de 7 de abril de 1946:

Figura 23 - “Jornal do Lar” suplemento do jornal *Estado* (7/04/1946).



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel.

Eram publicados nesse suplemento dominical intitulado “Jornal do lar” poemas, cartas, contos, artigos, anúncios com foco na mulher, porém nem tudo que saía na página estava sobre a decisão das mulheres da Ala Feminina da Casa Juvenil Galeno, observamos que a publicidade tinha responsabilidade da redação do jornal.

Ainda podemos destacar as colunas de literatura feminina que eram publicados pela Ala Feminina da Casa Juvenil Galeno, a coluna diária intitulada “Poetisas da ‘ALA’”, no jornal *Correio do Ceará* (1962):

Percebemos a efervescência da Ala, seu intercâmbio com correspondentes com mulheres de outros estados brasileiros, que mesmo de forma conservadora procurava movimentar o meio intelectual feminino no Ceará.

Figura 24 – Coluna “Poetisas da Ala” no jornal *Correio do Ceará* (19/02/1962).



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel.

Desse modo, com base nessa narrativa histórica sobre a imprensa feminina no Ceará, deduzimos que para rastrear as publicações de Alba Valdez na história da Literatura e da Imprensa, é fulcral que se conheça a trajetória biográfica e bibliográfica dela.

2 ALBA VALDEZ: UMA MULHER DE LETRAS CEARENSE

Nesse capítulo, nos dedicaremos a reconstruir a história de Alba Valdez, considerando além do já dito sobre a autora novas evidências que surgiram a partir da consulta aos periódicos que circularam no período vivido por Alba Valdez (1874-1962).

Considerando as informações biobibliográficas de Sousa (1937), Barreira (1948;1962), Andrade (1976), Barroso (1992), Cunha (2002), Maia (2007), Almeida (2012), mesmo o recente estudo de Silva (2019), buscaremos nas fontes primárias o preenchimento das lacunas e a ampliação da bibliografia de Alba Valdez, uma vez que sabemos de quanto ela publicou nos mais diversos periódicos, apesar de após sua morte ter sido esquecida.

Na primeira seção, abordaremos a história de vida da escritora baseando-se nas memórias e escritas de si que Alba Valdez produziu para contar sua história. Na segunda parte, abordaremos a trajetória bibliográfica da autora, evidenciando os manuscritos inéditos que encontramos a partir do cotejamento do arquivo de Mozart Monteiro, sobrinho da escritora. E na última parte desse capítulo, descreveremos as redes de sociabilidade que permitiram a Alba Valdez publicar suas produções.

2.1 Revisitando a história de uma “Mulher de Papel”

Que animação! E que vontade que nós
tínhamos de abandonar as cadeiras, saltar
para a areia, misturar-nos com o pessoalzinho
que se divertia, rodar com ele, cantar com ele
a cantiga da “Senhora Dona Cândida”:
Senhora dona Cândida,
Coberta de ouro e prata,
Descubra o seu rosto,
Que queremos ver-lhe a cara.
(VALDEZ, 1940, p. 47).

A cantiga de roda marcou a infância de Alba Valdez e o imaginário de muitas pessoas ao recordarem-se do tempo de meninice. A autora a partir dessa reminiscência retomou um momento de sua infância quando ela e os irmãos sentavam na calçada acompanhados pelos pais (VALDEZ, 1940), mas não podiam brincar de roda com as outras crianças da rua onde moravam, como desejavam.

Essa cantiga pode funcionar como uma analogia ao anseio de quem pesquisa a autoria feminina no século XIX e início do XX: descobrir o rosto de mulheres que a história da literatura omitiu, encontrar seus escritos de “ouro e prata” em meio às publicações, aos periódicos da época, e então, apresentar uma nova “cara” à história da literatura.

Como também, “Abandonar as cadeiras” (VALDEZ, 1940, p. 47) pode ser uma boa metáfora para nos referirmos ao processo de resgate da escrita pública de autoras cearenses do século XIX, em que a expressão significaria deixar o conforto de uma versão única da história da literatura, que no Ceará, como em todo Brasil, excluiu ou omitiu a maior parte da produção de escritoras como Alba Valdez.

Nessa perspectiva, é a senhora Alba Valdez que queremos conhecer, descobrir e ler o que sua pena produziu, a história de uma mulher de letras que se encaixa na definição de “mulher de papel” que Lacerda (2003, p. 355) construiu a partir da busca das histórias de outras mulheres que se utilizaram do recurso da escrita de si:

Mulheres de papel? Sim, já que suas histórias são, hoje, imagens construídas sobre papéis. Suas experiências de vida foram atravessadas por muitos papéis; suas relações de meninas a mulheres estiveram submetidas à força e imposição de certos papéis sociais; seus desejos, intimidades e fantasias... escamoteados nas linhas dos papéis que produziram sobre si mesmas; a feminilidade e a identidade feminina de cada memorialista escondem-se por detrás dos papéis, tanto o de seus registros pessoais, como aqueles que dizem respeito às relações sociais. Mulheres de papel porque, enfim, minhas aventuras e encontros, no passado, com essas mulheres só foram possíveis através de seus papéis...

Alba Valdez pode ser considerada então uma mulher de papel, pois são os seus papéis que nos permitem encontrá-la, conhecê-la e reconhecê-la em seus artigos publicados na imprensa e em seus livros - *Em Sonho... Fantasias* (1901) e *Dias de Luz* (1907).

Também temos que considerar as notas sobre sua biografia e sobre sua obra que circularam em jornais e revistas e que hoje nos permitem compreender como ocorreu sua inclusão nas belas letras no Ceará. Através de uma escrita memorialística, Alba Valdez “descobre seu rosto”, possibilitando que a partir dela se conheça a vida de outras mulheres do seu tempo, suas contemporâneas dos últimos anos do século XIX e primeiras seis décadas do XX, como também do Ceará e de sua gente a partir das representações que autora construiu em sua produção.

Alba Valdez viveu no Ceará até o final da década de 1930, quando por questões de saúde mudou-se para o Rio de Janeiro (A RAZÃO, 1937), porém ressalta-se que ela retornava a terra sempre que podia.

Desse modo, a partir das leituras de sua obra publicada nos periódicos e em livros, mas também dos poucos estudos realizados por Sousa (1937), Barreira (1948;1962), Andrade (1976), Barroso (1992), Cunha (2008), Maia (2007), Almeida (2012) e o recente estudo de Silva (2019), inferimos que a maioria das informações sobre Alba Valdez estão no cerne de sua própria obra. Assim, foi ela quem decidiu o que devemos saber, o que podemos conhecer, ou o que ela queria que o mundo soubesse sobre ela.

Para habitar o mundo público, ela escolheu o pseudônimo de Alba Valdez, pois seu nome de batismo era Maria Rodrigues Peixe. Usar um pseudônimo era comum para as escritoras e escritores do século XIX que desejavam encobrir sua identidade e terem a aceitabilidade social nos anos oitocentistas.

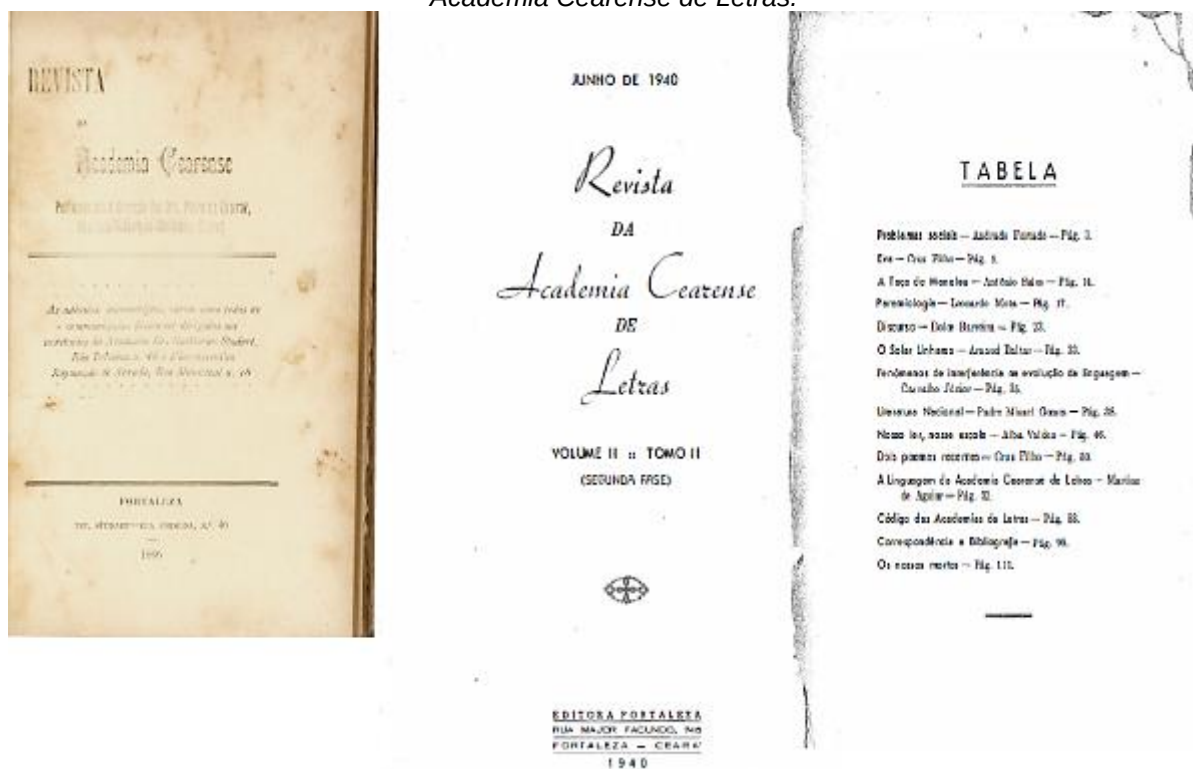
Todavia, embasados em Telles (2011, p. 431) ressaltamos que, nas últimas décadas oitocentistas, agregou-se outra conotação à adoção dos pseudônimos: “[...] começa a ser usado como palavra de poder, marca um batismo privado para o nascimento de um eu, um nascimento para a primazia da linguagem que assinala o surgimento da escritora”. Nesse contexto, inserimos Alba Valdez, porque seu pseudônimo não serviu apenas como camuflagem, mas como o marco inicial de seu nascimento como escritora no espaço público.

O fragmento das reminiscências da infância de Alba Valdez, epígrafe deste capítulo, é parte de um artigo publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras*²⁹ de 1940, intitulado “Nosso lar, nossa escola”. Portanto, enfatizamos que essa narrativa tratava da infância de “Maria Rodrigues”, nome com o qual Alba Valdez foi registrada pelos pais. Ela foi uma Maria entre tantas no Ceará do século XIX, criada aos moldes

²⁹ A *Revista da Academia Cearense de Letras*, periódico anual, publicado desde 1896, que o Barão de Studart (1924, p. 118) descreve como “órgão da Associação desse mesmo nome, publicada em Fortaleza [...]”, que saía anualmente com a produção dos acadêmicos. Em 1940 a revista estava sob a redação de Dolor Barreira, Clodoaldo Pinto, Ermínio Araújo e Martinz de Aguiar, sob a direção de Tomaz Pompeu Sobrinho. Nessa edição, volume II, Tomo II, segunda fase, que saiu no mês junho, com 14 artigos, entre esses as sessões de “Correspondências e Biografias”, “Código das Academias de Letras” e “Nossos Mortos”. O artigo de Alba Valdez “Nosso lar, nossa Escola” (p. 46-49) foi publicado junto a onze outros assinados pelos demais acadêmicos, e era o nono artigo do índice e único de autoria feminina.

patriarcais, entretanto, apesar disso, essa Maria ousou escrever e publicar em jornais, revistas e livros.

Figura 25 - Capa da 1ª Edição (1896), Folha de Rosto e Índice da edição de 1940 da *Revista da Academia Cearense de Letras*.



Fonte: Publicações da Academia Cearense de Letras

Nessa publicação, Alba Valdez nos permitiu conhecer sobre sua família, sua educação e sua meninice, ela exercitou a arte de contar-se. Uma mulher escrever sobre si própria, e ter espaço para publicar em uma revista que se compõe da elite intelectual do Estado, comprova que ela conseguiu adentrar no espaço público e ser reconhecida pela arte da sua pena.

Falar de si, ou a escrita de si, foi considerado um dos possíveis caminhos para a escrita das mulheres do final do século XIX e início do XX, quando estas ousaram “descobrir o rosto e mostrar a cara” no mundo público. O sociólogo Georg Simmel (2006), em 1902, no artigo “Cultura Feminina”, refletiu sobre o fenômeno da modernização e dos efeitos da inserção da mulher no espaço público, ressaltando as dificuldades que as mulheres enfrentariam para se expressar em um mundo de formas de interação social, profissional e cultural moldado pelos homens e para os homens.

Ao referir-se à produção literária feminina, Simmel (2006) tratou da mulher escritora e destacou, principalmente, como seria difícil para ela exteriorizar sua

singularidade diante de um processo de criação poética que a excluía, e, assim, apontou dois possíveis caminhos para escrita da mulher: o primeiro, seria a reprodução, ou continuidade, das formas criadas pelos homens, conservando os mesmos jogos de poder e de convivência social; o segundo, que ele considerava mais positivo, pressupunha que as mulheres transformariam a cultura objetiva e racional dos homens - complementando, melhorando e inovando a ordem do mundo - através de ferramentas, como a sensibilidade, a subjetividade, a emoção, a afetividade e os sentimentos, deixando isso marcado em toda a sua produção.

Destarte, na leitura do artigo “Nosso lar, nossa escola”, em que Alba Valdez rememorou o cotidiano de sua infância com sua família e sua educação na escola primária, permite-nos perceber que a arte literária se transformou na direção apontada por Simmel em 1902, a mulher que escrevia representava seu universo e sua própria história, como fez Alba Valdez, apresentando uma nova possibilidade de escrita.

Há uma série de estudos que tratam da prática de escrever sobre si, falar de si, ou ainda do arquivamento do eu, como nos explicou Artières (1998, p. 11): “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Já Foucault (2012, p. 145) estudou a escrita de si desde os gregos e afirma: “Escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”.

Esse tipo de produção, que pode ser considerada autobiográfica assume, segundo Rago (2013), grande importância para as mulheres, diante da condição de anonimato que lhe foi imposta durante muito tempo. A própria Alba Valdez ao finalizar seu artigo “Nosso lar, nossa escola” registra ‘(Do livro inédito “*Alguns registros da minha vida*”)', sinalizando a intenção autobiográfica, como também permitiu outras ilações: de que ela pretendia publicar outro livro que envolveria suas memórias, frutos de arquivamentos de sua própria vida; ela lançaria mais uma coletânea de seus escritos publicados anteriormente na imprensa, que poderia ser acatada como uma escrita de si nos jornais e revistas.

A capacidade da mulher de sensibilizar-se, a necessidade de expressar suas ideias e sentimentos, durante tanto tempo sufocados dentro dos moldes patriarcais, possibilita considerar a escrita de autoria feminina como um fator de intervenção nos modelos masculinos de criação literária vigentes no século XIX e XX, ressignificando e valorizando o cotidiano e os espaços. Mas também, incita-nos a pensar sobre esse

processo de transformação contínuo, trazendo à tona dentro dessa dinâmica outros aspectos como os suportes textuais e os gêneros que dão materialidade a esta produção literária.

Alba Valdez nos trouxe em sua escrita a vida de sua família, lembranças de sua escola primária, das brincadeiras de crianças nos terreiros, da escola para moças, ou seja, as vivências do povo cearense, sobretudo das mulheres.

Em várias publicações vemos Alba Valdez rememorar sua vida, o que consequentemente ficcionalizou sua própria história, possibilitando ao leitor preencher algumas das lacunas e equívocos deixados em suas biografias. Quando a escritora em “Nosso lar, nossa escola” retratou sua própria instrução, estas memórias remeteram à instrução da maioria das meninas do século XIX que tiveram direito à educação. Nesse contexto de conhecer o itinerário de vida das mulheres por narrativas de memórias, Lacerda (2003, p. 31) explicou:

Refiro-me, em primeiro lugar, à possibilidade de retomar a trajetória de algumas leitoras pela escritura memorialística, não somente pela natureza dessa literatura, mas também pelo contexto que marcou sua produção e publicação. A escritura memorialística dessas escritoras trouxe a público formas, estilos e conteúdos sobre a vida de mulheres.

Trabalhamos nessa perspectiva, devido à exiguidade de fontes de pesquisa sobre a vida das mulheres, e sobre Alba Valdez, uma escritora cearense que publicou predominantemente em periódicos. Dessa maneira, utilizamos a mesma linha de investigação adotada por Lacerda (2003, p.32): “A literatura memorialística vem sendo considerada tanto como objeto de análise como fonte documental”.

Assim, deter-nos-emos nas memórias de Alba Valdez como objeto de análise no terceiro capítulo, no qual buscaremos compreender a obra da autora quanto ao processo de produção e editoração; enquanto neste momento, as memórias dessa escritora serão esquadrihadas como fonte documental, porque a partir delas procuraremos os rastros, vestígios e indícios para reconstituição da história de vida de Alba Valdez.

Isso posto, iniciamos nossa revisitação à história de Alba Valdez. Esta autora nasceu em 12 de dezembro de 1874 e se chamava Maria Rodrigues Peixe. A família dela era formada por seis pessoas: os pais João Rodrigues Peixe e Isabel Alves Rodrigues Peixe e quatro filhos, como constatamos em suas memórias: “Eu e meus

irmãos (éramos quatro, um menino e três meninas) fomos nascidos e criados em um regime patriarcal severo” (VALDEZ, 1940, p.46).

Em 1877, fugindo da grande seca³⁰, que se estendeu até 1879, mudaram-se de sua fazenda Espírito Santo, em São Francisco de Uruburetama³¹, atual Itapagé, para Fortaleza. Sobre essa mudança, Silva (2019, p.19-20) fez a seguinte inferência:

Maria e seus pais, quando deixaram o seu lugar de origem – Vila de São Francisco de Uruburetama, Itapagé -, com a direção do norte, a Amazônia, encontraram no caminho duas intervenções que mudariam seus planos. A primeira, foi a passada em Soure, de cultura portuguesa, que a mando do marquês de Pombal, em 1750, através da expulsão dos jesuítas, reabilitou os índios potiguaras como seus legítimos donos. A segunda, que durante este pouso em Soure, hoje Caucaia, a família, sem recursos, pois falira e tendo perdido todos os bens em razão de duríssima seca que assolara a zona rural, recebeu ajuda de um colono português que tendo constatado esforços honestos de João Rodrigues Peixe, pai de Maria, empresta-lhe a quantia de 50\$, à época bem expressiva, aconselhando-o a dirigir-se a Fortaleza para reiniciar a vida. Este episódio, o do “filantropo português”, está ficcionalizado em *Dias de Luz* (1907). Alba Valdez criou uma narradora, Inês, para organizar as lembranças e Antônio Oliveira, personagem, como o pai da retirante [...].

Semelhante a Silva (2019), nós também utilizamos o livro de memórias de Alba Valdez como fonte documental. Na obra *Dias de Luz* (1907) também apreendemos que Alba Valdez misturou sua história à ficção, como ela própria afirma na dedicatória da obra à mãe: “Sabes que nesta narrativa nem tudo é ficção, abstraindo do ideal a que se apegas tento memorar ligeiramente os fatos típicos da nossa terra, costumes pitorescos, lembranças encantadoras e, por vezes, evoco figuras com quem convivemos”.

A escritora deu voz a Inês, a personagem que reviveu sua adolescência com as amigas na Escola Normal. Filha de um casal de retirantes expulsos de sua terra natal pela seca, “Inês de Oliveira”, narra uma saga análoga a do pai da autora, que escapou da “grande seca” de 1877-1879 e se tornou um pequeno comerciante em Fortaleza. O pai da protagonista de *Dias de Luz* (1907) se sacrificou pela educação da menina, tal qual o pai de Alba Valdez sacrificara-se para garantir a instrução dela e dos irmãos.

³⁰ A grande seca é uma referência ao período de estiagem. Tem muito mais dados importantes sobre esta seca. A primeira a ser registrada em livro. Tem os retirantes de José do Patrocínio.

³¹ Hoje município de Itapagé, que se localiza no Vale do Curú, há 125 Km de Fortaleza.

Não há nenhuma coincidência, Alba Valdez usou suas próprias memórias para alimentar sua narrativa, se reinventando e ressignificando a história das mulheres do século XIX, no Ceará, como comprovamos ao confrontar a narrativa de *Dias de Luz* (1907) com a descrição que a autora fez de seu pai no artigo “Nosso lar, nossa escola” (1940):

[...] a existência decorria sossegada, que realmente se tornava monótona. Principalmente para nós, eu e meus irmãos, filhos do maior negociante da redondeza, o qual nutria ideias especiais sobre a educação doméstica. Uma dessas ideias era que a família devia viver dentro de casa, afastada o quanto possível do balbucio exterior, de certas vizinhanças em que ele assinalava desgostos e perigos. [...] Homem do campo, apesar da longa permanência, manifestou-se sempre desambientado na metrópole de sua província, apostrofando a seca de 77, que o tangeu para fora do ar livre e oxigenado das suas lavras e da sua fazenda de gados em S. Francisco da Uruburetama. E se para lá não regressou, ao cair das chuvas de 1880, foi porque pensou inteligentemente nos filhos a educar. (VALDEZ, 1940, p.46-47).

Nessa conjectura, as vivências de Alba Valdez nos proporcionam fazer a caracterização do processo de educação tanto no seio familiar quanto nas escolas primárias e secundárias das derradeiras décadas oitocentistas. Logo, a reclusão da família em casa, revela que, além da ideia de clausura e recato para as meninas, havia também a preocupação social por parte do patriarca, as pessoas de melhor condição social não deviam “se misturar” com as de baixo poder aquisitivo. A obra revela que se seguia o estereótipo patriarcal nas relações familiares: o homem era o chefe da casa, que pensava e decidia por todos, que deviam obedecê-lo sem questionar.

Desse modo, constituímos “Nosso lar, nossa escola” (1940) como uma ilustração da vida em família no século XIX, que se organizava sob um regime patriarcal. Esse nosso entendimento se fortalece ao nos apropriarmos da caracterização que D’Incao (2011) fez ao tratar da família burguesa do século XIX: “A chamada família patriarcal brasileira, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes”. Na descrição do cotidiano da família de Alba Valdez, percebemos também que a autora construiu com sua escrita determinados pontos de crítica e ironia à condição da mulher e aos preconceitos sociais enraizados na sociedade da época.

Podemos verificar indícios de ironia de Alba Valdez quando descreve seu pai como o maior negociante da região, enquanto nos parágrafos anteriores havia

caracterizado o endereço onde residia, Rua Santa-Isabel: “O maior número de suas construções constava de casuchas de taipa [...] habitadas por trabalhadores e operários [...]”. (VALDEZ, 1940, p. 46). Ser o maior comerciante em meio a tanta pobreza não fazia dele um homem de grandes posses, mas isso o levava a sentir-se melhor que o povo “das areias”³². A partir de D’Incao (2011) compreendemos que essa situação, originada na estratificação social e no estilo de vida influenciado pelo imaginário da aristocracia portuguesa e pelo sistema escravista, eram características comuns às famílias e ao ambiente urbano do século XIX.

Apesar do “pauperismo” descrito pela escritora em suas memórias, aquela rua fascinava a menina Maria Rodrigues (Alba Valdez), o espaço público, onde as outras crianças tomavam banhos de chuva, brincavam de roda ao anoitecer, de onde vinham exclamações e gritos de alegria. Ela queria brincar e cantarolar na areia. Inferimos que a ousadia da transgressão já habitava a pequena Maria Rodrigues, que anos depois se tornaria Alba Valdez nesse excerto:

Para o nosso irmão, meu pai mandou armar no quintal, num cajueiro frondoso, de galhos que varriam o chão arenoso, um trapézio, de que nós, as meninas, nos utilizávamos às escondidas, dando cada balanço que fazia medo (VALDEZ, 1940, p. 47).

Concluimos que se balançar às escondidas na infância foi uma preparação ingênua para se utilizar de outros recursos para transgredir alguns anos depois. Maria Rodrigues (Alba Valdez) também se escondeu do pai para escrever e publicar em jornais, ela ficou atrás do pseudônimo Alba Valdez. Fazer o que o irmão fazia, mesmo diante da orientação paterna de que aquilo não era para meninas, pode ser visto como algo simples e comum na meninice, mas constituímos esse episódio como um importante passo para que a pequena Maria se tornasse Alba Valdez e invadisse o espaço masculino, se reconhecendo capaz de “balançar” tão alto quanto o irmão. A

³² Expressão utilizada em livros e jornais do século XIX e XX para referir-se as pessoas pobres, das periferias da cidade de Fortaleza (pessoas que viviam em ruas não pavimentadas). A própria Alba Valdez se utiliza dessa expressão, como por exemplo quando definiu a periferia, opondo ao espaço do centro da cidade, em que a personagem Genoveva via com a família: “Geralmente as casas das areias são de taipa, [...]” (VALDEZ, 1907, p.80). É possível também verificar a ocorrência dessa expressão em vários jornais cearenses como: *A República* (1892-1897), na edição de 19 de maio de 1892, entre os “Anúncios” (p. 2): “Taverna: Vende-se uma a rua da Boa Vista nas areias, bem afreguesada. O motivo da venda é o proprietário querer retirar-se do estado”. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=801399&pesq=Areias&pasta=ano%20189>. Acesso em 10 mai. 2017.

divisão entre o universo feminino e masculino era nítida até nas brincadeiras de criança:

O nosso tempo de meninos repartia-se entre a escola e o lar. Brincar? Brincávamos conforme as instruções paternas, dentro de casa, com as nossas bonecas, lendo livros de histórias, depois de estudadas as lições do dia seguinte (VALDEZ, 1940, p.47)

Enxergamos a mesma atitude de desafiar a determinação patriarcal do pai e balançar “tão alto de dar medo”, na transgressão às convenções sociais rompidas por Alba Valdez na escrita e publicação em jornais. Desse modo, acreditamos que essa coragem de transgredir levou Alba Valdez a ser uma das primeiras escritoras no Ceará, visto que, apesar de outras mulheres já escreverem e publicarem na imprensa do Ceará e do Brasil, para o pai de Maria Rodrigues (Alba Valdez) escrever não era coisa para mulher. Na publicação em homenagem ao seu centenário, na Revista da Academia Cearense de Letras foi relatado:

Chamava-se, em família, Maria Rodrigues, provavelmente descendente dos Rodrigues Martins, fundadores da antiga povoação de Santa Cruz da Serra da Uruburetama. Usou sempre o pseudônimo de Alba Valdez. De início, para ocultar-se da censura dos seus venerandos pais que, acompanhando a tônica da austeridade patriarcal, julgavam que escrever não era ofício de mulher. Confessou em vida esta particularidade a Maria da Conceição Souza, bibloteconomista da Academia Cearense de Letras. (ANDRADE, 1976, p.142)

Tanto em *Dias de Luz* (1907), seu segundo livro publicado, quanto em “Nosso lar, nossa escola” (1940), a escritora deixou claro, além do patriarcalismo que imperava em sua casa, o valor que os pais davam à educação dos filhos, como forma de oportunizar a eles uma vida melhor³³. Isso atendia ao que se considerava também

³³ Hobsbawm (2016), quando descreve o século XIX como o grande século, e trata das mudanças que ocorrem no final deste (1875-1914)- que ela chama de “A Era dos Impérios” explica que há uma mudança na composição das famílias, há a criação de uma “Nova Mulher” que casará mais tarde, terá menos filhos, poderá ir a escolas, algumas, poucas, chegaram até a Universidade, mesmo tendo como parâmetro a mulher europeia, pode ser percebido no Brasil, e até mesmo no Ceará, província tão distante da corte (RJ), mesmo que com anos de atraso em relação ao Velho Mundo, resquícios dessas mudanças histórico-sociais e culturais pontuadas por Hobsbawm. Há também, segundo este historiador uma nova mentalidade dos pais que almejavam para os filhos uma vida melhor que a sua: “Se os filhos deviam ser mais bem-sucedidos que seus pais [...] era preciso que tivessem melhores oportunidades na vida; e famílias menores dedicavam mais tempo, mais cuidados e mais recursos a cada um dos filhos. Assim como, sob um aspecto, um mundo de mudanças e de progresso abriria oportunidades de melhora social e profissional de uma geração para a seguinte, poderia, igualmente, ensinar a homens e mulheres que sua vida não estava limitada a ser uma réplica da de seus pais” (HOBSBAWM, 2016, p.301-302).

parte do ideal da vida burguesa, que D’Incao (2011, p. 225) utilizou como legenda para uma imagem que ressaltava as famílias do século XIX: “A vida burguesa reorganiza as vivências domésticas. Um sólido ambiente familiar, lar acolhedor, filhos educados e a esposa dedicada ao marido e sua companheira na vida social são considerados um verdadeiro tesouro”.

Nesse cenário, consideramos a família Rodrigues Peixe como uma representação desse modelo familiar ideal, em que o pai valorizava e se sacrificou pela educação dos filhos. Segundo as memórias de Alba Valdez, ela e seus três irmãos frequentaram a escola primária de Dona Isabel Vieira Teófilo, em que as aulas eram ministradas na casa da própria professora, a partir de 1879.

Em conformidade com a narrativa memorialística da escritora, ressaltamos que os filhos do Sr. João Rodrigues deviam estudar as lições em casa, e a qualidade de sua aprendizagem era avaliada tanto pela professora na escola, quanto em casa pelo pai:

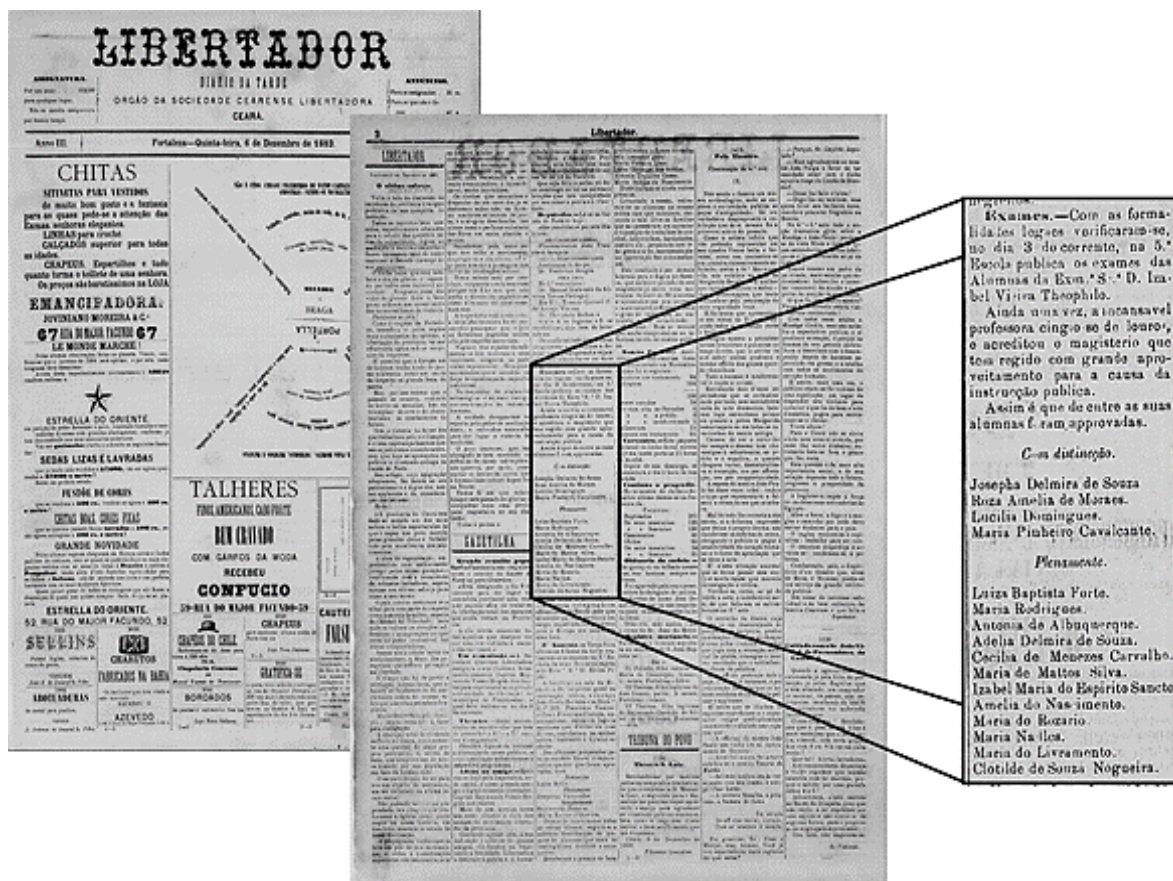
Um dia em que não houve aula meu pai mandou-nos chamar à loja e, assim que nos apresentamos, explicou-nos que desejava saber qual de nós lia mais corrente. [...] E foi-nos indicando os letreiros de garrafas, caixas, latas, sacos e pacotes (VALDEZ, 1940, p. 48).

Ainda apreendemos nas memórias de Alba Valdez que ela fora aluna dedicada, informação também ressaltada por Barroso (1992), a escritora relatou que lograr êxito nas provas da escola e receber bons conceitos da professora era importante: “esforçando-nos porque as nossas escritas não fossem desvalorizadas nem por M, nem por P (Mau, Péssimo)”. Como também, verificamos que Alba Valdez queria os elogios do pai, que lhe tomava a leitura, entre um atendimento e outro dos fregueses da loja, e o fazia a partir dos rótulos dos produtos de diversas origens estrangeiras que eram vendidos no estabelecimento comercial da família. A escritora considerou que essa “estratégia de leitura” utilizada pelo pai estimulou o seu desejo, desde cedo, de aprender outras línguas.

O bom desempenho de Alba Valdez na escola primária foi atestado por seus biógrafos nas curtas e objetivas narrativas sobre a vida dessa autora. Embora Barroso (1992), saliente que Alba Valdez sempre se destacava na classe, o resultado dos

exames publicados no jornal *Libertador*³⁴ (1883), na edição dia 06 de dezembro, mostra sua aprovação plena e não por distinção, mesmo que ainda em tenra idade:

Figura 26 - Nota do jornal *Libertador* com a aprovação de Alba Valdez na Escola Primária.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Exames: - com a formalidades legais verificaram-se no dia 03 do corrente, na 5ª Escola pública os exames das Alunas da Exm.^a Sra. D. Izabel Vieira Teófilo. Ainda uma vez, a incansável professora cingiu-se de louro, e acreditou no magistério que tem regido com grande aproveitamento para a causa da instrução pública. Assim é que de entre as suas alunas foram aprovadas:

³⁴ Jornal *Libertador*: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora, circulou no período de 1881-1890 em Fortaleza. Em sua primeira edição (ano I, número 1), de 1º de janeiro de 1881, foi publicado o programa daquele periódico, antes deste, o editor deixa claro os objetivos daquele órgão da imprensa cearense do século XIX: "Publicação quinzenal, este jornal é destinado à propaganda e interesses abolicionistas. Órgão da sociedade CEARENSE LIBERTADORA, ele aceita qualquer publicação concebida nos termos do seu programa". Ainda nessa edição circula um artigo que homenageia as mulheres cearenses empenhadas na libertação dos escravos no Ceará; em um anúncio denuncia um Senhor que negou donativos as mulheres que participam ativamente da campanha abolicionista no Ceará, ridicularizando o sujeito e felicitando-se de não ser ele um cearense, mas alagoano. Também faz diversos anúncios comerciais, tem uma seção intitulada Literatura e publica na primeira página um folhetim. Segundo Studart (1924), O *Libertador* e o jornal *Estado do Ceará*, através de um acordo de fusão entre o Centro Republicano e a União Republicana, desapareceram em 09 de abril de 1892, dando lugar ao jornal *A República*.

Com distinção: Josefa Delmira de Souza, Rita Amélia de Moraes, Lucília Domingues, Maria Pinheiro Cavalcante. Plenamente: Luiza Batista Forte, Maria Rodrigues, [...] (LIBERTADOR, 1883, p.2).

Esta nota³⁵ do jornal *Libertador* (1883) nos possibilitou estabelecer uma provável data da conclusão do ensino primário de Maria Rodrigues (Alba Valdez): a publicação de sua aprovação foi datada de 03 de dezembro de 1883, e publicada na edição do dia seguinte. Assim, consideramos isso como rastro que contribuiu para recompormos a história de Alba Valdez, em que o jornal é compreendido como fonte de pesquisa documental. Precisamos reiterar que cada rastro é muito relevante, devido à carência de informações.

Vemos que essa mesma problemática também foi sentida pela ensaísta Olga Barroso, que escreveu um livro sobre a vida de várias mulheres cearenses de destaque na história do Ceará, entre as quais encontramos Alba Valdez. Barroso (1992, p. 55) registrou a precariedade dos dados sobre essa autora cearense, em sua narrativa biográfica registrou a escassez de informações:

Ao defrontar-me com a vida e a obra de Alba Valdez, para exaltar-lhe a memória, sinto não poder levantar o perfil completo de sua marcante personalidade, contando com a inspiração que as Tágides deram a Camões, refletida num estilo grandiloquo e corrente, como desejaria fazer ao nível do seu grande merecimento.

Entendemos que as palavras de frustração de Olga Barroso são reforçadas pelas também curtas biografias de Alba Valdez escritas pelas pesquisadoras Cecília Maria Cunha, Janine Caracas de Souza Maia e Odalice de Castro Silva, que pouco acrescentaram ao que o Barão de Studart relatou em seu dicionário biobibliográfico, publicado em 1915, ou que Sousa (1937) e Barreira (1948;1962) escreveram sobre a vida e obra desta autora. Atestamos e reconhecemos a competência das

³⁵ Podemos verificar a publicação dos resultados dos exames escolares em jornais, há vários registros semelhantes a esse em diversos periódicos do Estado, afinal os jornais e revistas eram meios de relevante função social, por serem de mais fácil acesso à sociedade e portadores de diversos tipos de informações utilitárias (anúncios, comércio, obituários, vida social, eventos e etc.), de literatura, de política, assim como dos relatórios do governo, das notas e relatórios de instituições. Isso nos leva a reconhecer essa característica multifacetada dos jornais, pois nos periódicos circulavam poemas, contos, crônicas, folhetins, ensaios e artigos científicos, entre outras publicações, como sintetizou Barbosa (2007, p. 31): “Dessa forma, não há nada que traduza melhor o que era um jornal no século XIX do que as palavras *Variedade* e *Miscelânea*”. A diversidade de informações nos jornais do século XIX contribuiu para que buscássemos a revisão da história da Literatura, seja local, regional ou nacional, pois possibilita-nos olhar a historiografia literária sob o prisma da inclusão de autores e, principalmente autoras, que foram condenados ao esquecimento.

pesquisadoras supracitadas, o que queremos evidenciar é a dificuldade de encontrar informações sobre Alba Valdez.

Isso amplia ainda mais o nosso desafio de garimpar mais informações sobre Alba Valdez e sua produção, para tanto transformamos os periódicos em fontes para reconstituir a história dessa escritora. Foi fundamental o cotejamento de jornais para coleta de dados, porque, como orienta Luca (2014), o uso dessa fonte possibilita analisar também múltiplos aspectos da vida social, política, econômica e cultural de cada tempo – estando ciente de que, como pesquisadores, não podemos ir buscar no periódico o que desejamos, desvinculando palavras, ou frases do todo, da “realidade” e do contexto de produção daquele jornal ou revista para confirmar nossas hipóteses. Luca (2014) ainda afirma que a pesquisa nos periódicos pode garantir a obtenção de resultados originais e reduzir os riscos de posturas ingênuas diante do objeto de pesquisa.

Foram nos periódicos do século XIX e XX que nos permitiram encontrar informações e, principalmente, as produções de Alba Valdez, possibilitando uma análise do lugar de escrita dessa autora, para buscarmos compreender o que permitiu que ela publicasse na imprensa e adentrasse espaços tipicamente masculinos. Assim, como também, pelas pistas da escrita de si de Alba Valdez, do que ela nos permite saber ou inferir sobre ela e sua obra, é possível identificar sua vocação para docência:

- Já era tempo de dizermos qual a nossa vocação -insinuou meu pai, deitando significativo olhar para minha mãe.
O primeiro a ser auscultado foi o menino, que ficou indeciso, olhar parado sem responder. Assaltá-lo-ia o pressentimento que desapareceria cedo? Eu respondi logo que desejava ser professora. Meu pai aprovou calorosamente a ideia:
- Sim, senhora! Ótima ocupação para mulher. Não via outra que se lhe avantajasse. E vocês?
Minhas irmãs, sorrindo manhosamente, baixaram os olhos.
Muitos anos depois, evocando esse, entre outros fatos da nossa infância, elas explicaram o seu silêncio naquele momento. Se não temessem faltar com respeito a meu pai, ter-lhe-iam respondido que a sua vocação era o casamento...E não brincavam. Eu também falava sério, [...] (VALDEZ, 1940, p. 49).

Nesta narrativa da conversa de sua família, a escritora revelou-nos muito e permitiu-nos fazer inferências sobre sua vida e obra, como a determinação de Alba Valdez desde a infância, quando decidiu seguir a carreira intelectual da docência, que era permitida às mulheres. Explicitamente, ela cita a morte prematura do irmão, e em contraponto as suas posições feministas que são pontuadas em várias partes do

artigo “Nosso lar, nossa escola”, há a posição de suas irmãs, que queriam casar-se, ser donas de seus lares, como era sua mãe.

A mãe de Alba Valdez, Dona Isabel Alves Rodrigues Peixe, também representa uma posição diversa a da escritora, denotando importante característica da sua prosa: a polifonia, diferentes vozes que dialogam na tessitura de sua escrita. Nesse contexto, corroboramos com Cunha (2008, p. 186) quando ela trata da relação de Alba Valdez com a mãe: “[...] quem mais esteve ao lado e foi cúmplice de sua formação. A experiência de menina, até chegar à autoria, é dividida com aquela presença sempre obscurecida, dentro do lar”. A mãe é a mulher do lar, dedicada à família, silenciosa companheira do marido, é o pai quem dita as regras na família, e Alba Valdez, sem confrontá-lo, as infringe, nem que seja às escondidas.

A mãe de Alba Valdez foi também sua companheira na despedida da infância e entrada na adolescência, a cumplicidade que a pesquisadora Cunha percebeu, apareceu em vários contos, ou crônicas de *Em Sonho... Fantasias* (1901) e em *Dias de Luz* (1907), e se evidencia na dedicatória da obra:

Minha Mãe

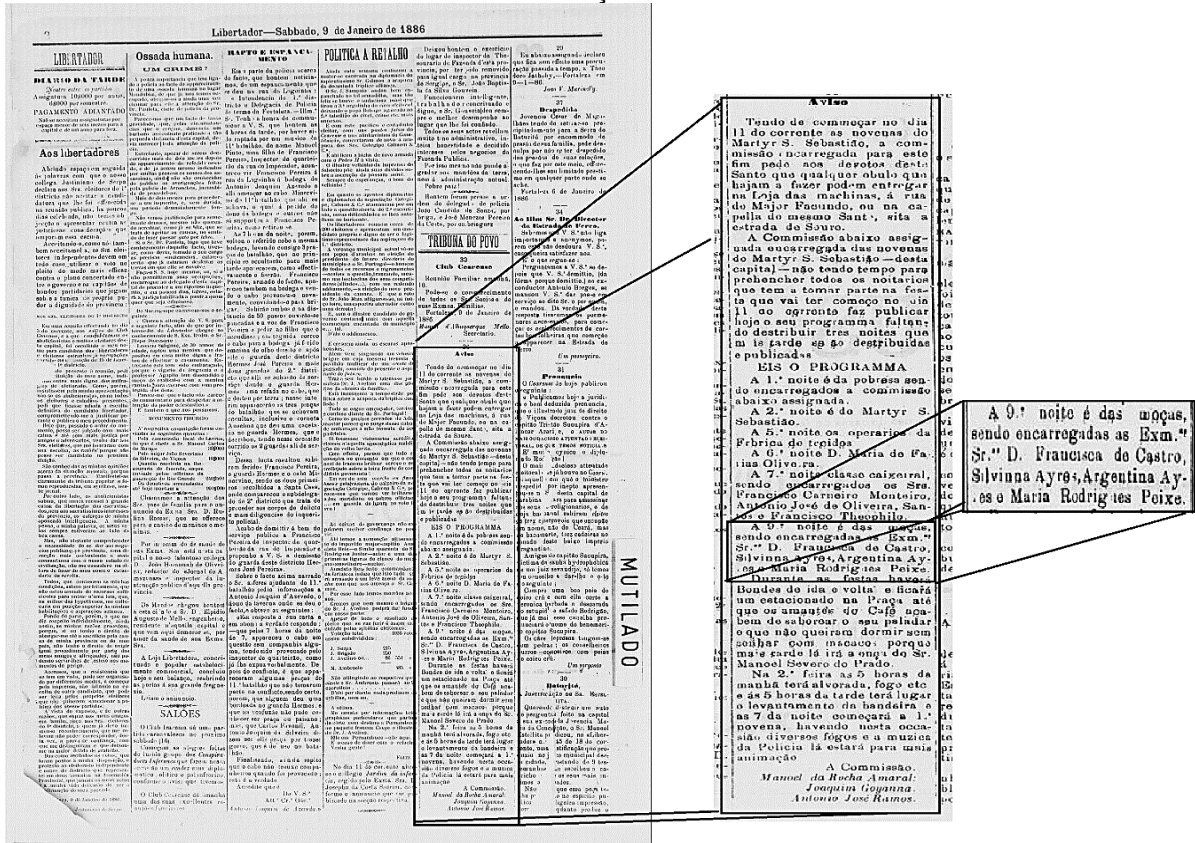
Nestas páginas que deponho em teu regaço há com que um perfume emanado dos jardins etéreos. A maior parte foi escrita logo após nossos serões povoados de reminiscências e imagens; [...]. Pensando em ti escrevi-a no silêncio augusto da noite, bafejada pela tua respiração que cantava e envolta no manto resplandecente do teu amor. Possam estas ingênuas e simples páginas do amanhecer da vida suavizar a melancolia dolorosa que te invade refluindo o teu sorriso e reviver em tua alma a meiga esperança tão cintilante como o astro que guiou os seus magos a Bethlem (VALDEZ, 1907, p.5-6).

Embora Alba Valdez tenha publicado *Dias de Luz* em 1907, notamos que o livro se encaixa perfeitamente como continuação do artigo “Nosso lar, nossa escola” publicado trinta e três anos depois, isso nos possibilitou pensar que a intenção da escritora poderia ser o preenchimento de uma lacuna que se formou a partir do relato das memórias da adolescência dela, sem que tivesse feito referência a sua infância e sua escola primária.

Outro vestígio que salientamos foi a “precocidade” que Barroso (1992) considerou como “uma tônica” na vida de Alba Valdez, o que para biógrafa antecipou tudo em sua vida- o talento literário, a entrada na Escola Normal e o desempenho da docência – corrobora com os registros que encontramos no jornal *Libertador*, edição do dia 09 de janeiro de 1886, da participação de Maria Rodrigues Peixe (Alba Valdez)

na organização de uma festa religiosa dedicada ao santo São Sebastião: “A 9ª noite é das moças sendo encarregadas as Exm.^{as} Sra.^{as} D. Francisca de Castro, Silvina Aires, Argentina Aires e Maria Rodrigues Peixe” (*LIBERTADOR*, 1886, 3) .

Figura 27 - Notícia do jornal *Libertador* sobre organização da festa de santo padroeiro São Sebastião, da qual Alba Valdez participava como uma das organizadoras da 9ª noite do novenário, a “noite das moças”.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Essa divulgação da programação de Festa da Igreja Católica nos possibilita fazer várias ilações: de que ela assumiu muito cedo as responsabilidades participando ativamente de eventos da sociedade fortalezense, e que isso ocorre porque já era aluna da Escola Normal, porém, apesar de tratar-se de uma ocupação do espaço público, ainda estava sob o controle dos moldes patriarcais.

Destarte, vemos que esse exemplo de Alba Valdez ilustra o que é comum na história das mulheres: relatos de que elas saíram dos lares, porém ainda permaneceriam apenas os lugares permitidos considerados “adequados” a elas. Logo, atribuímos a ruptura do espaço doméstico por Alba Valdez à prática religiosa e ao seu acesso à educação, pois naquela época, era um privilégio para poucas, sobretudo, no Ceará, em que a população apresentava altos índices de analfabetismo no século XIX.

Assim, podemos situar Alba Valdez em um universo letrado, com apenas 11 anos e três meses, ela iniciou os estudos para realizar seu objetivo de ser professora, uma profissão “aceitável” para mulheres no século XIX, conforme Cunha (2008, p. 24) relatou:

O magistério vai se apresentar como uma alternativa profissional para as mulheres, mas de certa forma predeterminada. Primeiro, porque era uma atividade que não feria os estereótipos criados sobre a “missão da mulher”; segundo, pela necessidade inadiável de docente devido a intensa demanda; terceiro, pelos baixos salários pagos as mestras, dispostas a se sujeitar à depreciação pela ânsia de trilhar novos rumos – uma tentação para os gestores de escolas públicas e privadas. A discriminação salarial era evidente, pautada no discurso de que ganhar dinheiro era transgredir o papel feminino tradicional. As professoras ganhavam cem mil-réis a menos que os homens.

Nesse cenário, ratificamos que a formação docente de Alba Valdez ocorreu durante os anos de 1886 a 1889 na Escola Normal. Observamos que a narrativa de *Dias de Luz* (1907) começa no mesmo dia de chuva de março de 1886 em que a autora terminou “Nosso lar, nossa escola”: “[...] terminado o curso primário, entrei para a Escola Normal. Era um chuvoso dia do princípio de março” (VALDEZ, 1940, p. 49).

Reconhecemos que a Escola Normal do Ceará, criada em 1884, foi um espaço de significativa relevância para história de Alba Valdez e de muitas mulheres no Ceará. Esta escola abrigou, junto com o Internato Imaculada Conceição, as meninas que queriam fazer seu ensino secundário, integrando-o à formação técnica para o magistério. Percebemos também que, além de espaços físicos diferentes, essas escolas eram divididas pelas classes sociais.

Em discurso proferido por ocasião do aniversário de 50 anos do Instituto do Ceará, e publicado na Revista desta instituição, Alba Valdez (1937, p. 425), ao historiar a vida das mulheres de letras no Ceará, a escritora evidenciou os abismos sociais que separavam as mulheres no século XIX nestas escolas secundárias:

Se tinha posses, estudava como interna no Colégio da Imaculada Conceição ou noutro estabelecimento particular de ensino secundário de Fortaleza. Não se compreendia uma menina rica, da sociedade, a instruir-se gratuitamente, nivelando-se com as pobres das areias e dos subúrbios. Naquele tempo era assim. Hoje [1937], o *chic* é estudar fora, cursar o colégio do Sacré-Coeur ou de Sion, no Rio. Na Escola Normal, estudavam as pobres, que se habilitavam para o cargo de professora, indo depois lecionar honestamente o que aprenderam durante o curso. Muita vez, estratificavam-se-lhes nos cérebros os conhecimentos adquiridos em virtude do isolamento da terra, distanciada da corrente civilizadora.

Nesse contexto, averiguamos que a família de Alba Valdez não possuía grandes posses, viviam modestamente e, desse modo, poderíamos considerar que era uma grande conquista poder encaminhar a filha para ser professora no século XIX. Assim, destacamos que o curso na Escola Normal a habilitou para além do exercício da profissão de professora, visto que, identificamos ser neste espaço que a autora começa a escrever e publicar, consideramos este período como marco inicial de sua história como escritora.

Na leitura da narrativa de *Dias de Luz* (1907), percebemos que Alba Valdez esforçou-se para comprovar a qualidade do ensino, a competência dos professores da Escola Normal, como também, para mostrar o compromisso e amor pelos estudos que as alunas desta instituição cultivaram. Os argumentos que ela construiu e utilizou durante a tessitura da obra vão desde as exigentes atividades avaliativas propostas pelos mestres daquela escola, quanto à prática de estudo e ao empenho das normalistas, que acabaram reforçando a tese que escritora defende em *Dias de Luz* (1907): a mulher tem capacidade para desenvolver atividades intelectuais ou qualquer outra que seja da sua vontade e “vocação”.

Ressaltamos também que estudaram nas duas escolas para moças, Escola Normal do Ceará e Colégio da Imaculada Conceição, escritoras de referência para as Letras Cearenses, como Alba Valdez e Ana Facó na primeira; e Francisca Clotilde e Rachel de Queiroz na segunda. Essa informação acaba por aludir a situação financeira das famílias dessas mulheres de letras, assim como, as histórias das personagens “Celeste” e “Genoveva” da obra *Dias de Luz* (1907) serviram para Alba Valdez ilustrar as dificuldades financeiras, sociais e familiares que as mulheres pobres tinham que enfrentar para estudar no século XIX e a necessidade de ter uma profissão para ajudar no sustento da casa e até para própria sobrevivência.

Salientamos ainda que poucas moças do Colégio Imaculada Conceição seguiam a carreira do magistério, como fez Francisca Clotilde e Rachel de Queiroz, esta última por um curto espaço de tempo, aquela por toda a vida. Porém, a maioria das discentes da Escola Normal lecionavam em escolas públicas, que muitas vezes funcionavam em suas casas, como mencionou Alba Valdez em suas memórias.

Assim, consideramos que a educação que Alba Valdez teve acesso, o convívio com as colegas e professores renomados de Fortaleza, contribuíram para o

desenvolvimento do talento da escrita, a sociabilidade e a participação no meio intelectual durante os anos de formação (1886-1889).

Nessa reconstrução da história da escritora encontramos no *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905), nos jornais *A Razão* (1929), *Correio do Ceará* (1962) e *A Tribuna* (1962) biografias de Alba Valdez. Esses órgãos de imprensa destacaram sempre a relevância da educação das mulheres para a literatura feminina. Faz-se então necessário para trabalharmos com esses textos como fontes documentais que reflitamos sobre o gênero da biografia, para tanto recorremos a Barbosa (2007). Esta pesquisadora explica que a biografia era um tipo bastante presente nos jornais do século XIX e das primeiras décadas do século XX, que mantinha “um certo tom exemplar, próprios as antigas hagiografias ao mesmo tempo em que se reportava ao instruir” (BARBOSA, 2007, p.31).

Também encontramos nas diversas notas biográficas de Alba Valdez publicadas em jornais, revistas e almanaques de sua época alguns equívocos a respeito da vida dessa escritora, como a data em que emigrou com a família para Fortaleza, por conta da seca, ou divergências nos anos de publicação de seus livros. A publicação do *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905) traz uma foto da escritora Alba Valdez legendada com a frase “ilustre cultora das letras, professora, jornalista e escritora de mérito”. Isso se justificava pela eloquência que se verificava em suas composições escritas, uma característica comum na Literatura do século XIX, inclusive cultivada pelos escritores nas publicações literárias nos jornais, como observou Barbosa (2007).

No jornal *A Razão*³⁶ (1929, p. 3) também é publicada uma biografia de Alba Valdez:

³⁶ Jornal *A Razão*: jornal independente, político e noticioso, publicado em Fortaleza – CE. Um Diário matutino publicado de 1929 a 1938, dirigido por Alfeu Aboim e gerenciado por Godofredo Alencar. A coluna escrita por Euclides César, “Florilégio”, na terceira das oito páginas do periódico, publica diariamente biografias de grandes figuras cearenses.

Figura 28 - Biografia de Alba Valdez no jornal cearense *A Razão* (1929).

Quinta-feira, 25 de Junho de 1929 38

FLORILEGIO TELEGRAMMAS

D. Alva Valdez

Trabalha contra a corrupção

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

Programa anual de obras governamentais

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

Trabalha contra a corrupção

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

Conservas Odeprich

Um crime horrível

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

D. Alva Valdez

Trabalha contra a corrupção

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

Programa anual de obras governamentais

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

Trabalha contra a corrupção

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

Pharmacia

Vieira

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

AGUARDEM

PRINCEZA

Cigarros de Luxo

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

Noticia horripilante

Fabrica de salame de carne humana

... 1.300.000 desam-
... em Lisboa

Fonte: Jornal *A Razão* (25/07/1929)

Na coluna “Florilégio”³⁷ do jornal *A Razão*, o professor e jornalista Euclides César publicou 190 perfis biográficos, por vezes na primeira página do jornal, outras na segunda, misturada aos “Telegramas”, propagandas e anúncios diversos, notícias

³⁷ O termo Florilégio é utilizado no século XVIII, XIX e XX como sinônimo para antologia, para seleção de coisas notáveis, vem, segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 2007), do francês *florilège*, que tem origem no latim *florilegium*.

de crimes hediondos, como ocorre com a biografia de Alba Valdez, que foi ladeada pelas notícias de “Fábrica de salames de carne humana” e “Crime Horrível”. Desse modo, percebemos que o jornal cearense das primeiras décadas do século XX manteve características de mixórdia, semelhantes aos jornais oitocentistas já caracterizados por Barbosa (2007).

Em meio ao “caos” característico do jornal, Alba Valdez foi a 38ª personalidade cearense apresentada na coluna, na edição de 25 de julho de 1929, uma quinta-feira, tendo sido mencionada na mesma coluna na biografia de Henriqueta Galeno, como uma das mulheres de destaque no Ceará no jornal de 18 de julho de 1929.

No ensaio biográfico sobre Alba Valdez, César (1929) a descreve como célebre aluna da Escola Normal, junto com outras mulheres de destaque no Ceará, como Ana Facó. Também menciona seus professores ilustres do Curso Normal: Agapito dos Santos, José de Barcelos, Rodolfo Teófilo, Padre Frota, entre outros. Acrescentamos a lista também a professora Francisca Clotilde, de quem depois tornou-se amiga³⁸; e Justiniano de Serpa, professor, jornalista e político, sendo mais tarde presidente da província. Ele quem convidou Alba Valdez para publicar no *Diário do Ceará* em 1895. A admiração e gratidão da escritora aos docentes que contribuíram com sua formação foi expressa em sua primeira produção em formato de livro.

Como no livro *Em Sonho...Fantasias* (1901), em *Dias de Luz* (1907), Alba Valdez menciona vários dos professores da Escola Normal, de quem orgulhosamente a personagem Inês de Oliveira dizia serem os mesmos do Liceu, enumerando suas qualidades, exaltando seus conhecimentos e competência. Disso podemos inferir que Alba Valdez ventilou que as mulheres teriam a possibilidade de ter uma educação que se assemelharia qualitativamente a dos homens, que eram o público exclusivo do Liceu.

Entretanto, reparamos que Alba Valdez em sua obra *Dias de Luz* (1907), apesar de ressaltar a inteligência e capacidade intelectual de seus mestres e suas colegas de Escola Normal, nunca faz isso com a personagem “Inês” que hipoteticamente a representa, e que em uma dose de modéstia, característica de Alba Valdez, se escondia. Assim, o reconhecimento de sua inteligência foi relegado aos outros. Menezes (1978), a caracterizou como “ótima aluna”; Euclides César publicou

³⁸ Informação que pode ser confirmada a partir de texto “Conversa com o Leitor” de Jose Augusto Bezerra, que abre a 2ª edição de *Em Sonho...Fantasias* (2017), numa ação que uniu as Edições Demócrito Rocha, do grupo do Jornal O Povo, e a Academia Cearense de Letras.

no jornal *A Razão* (1929, p.3): “Alba Valdez brilhou como astro de primeira grandeza”, ao referir-se ao seu desempenho escolar. Isso pode ser comprovado com as notas informativas da Escola Normal sobre a aprovação de suas alunas nos exames avaliativos:

Figura 29 - Nota que divulgava os resultados da Escola Normal do Ceará no jornal *Gazeta do Norte*, edições de abril de 1888.

GAZETA DO NORTE
PROVINCIA DO CEARÁ
ORGÃO LIBERAL
FORTALEZA-QUINTA-FEIRA 5 DE ABRIL DE 1888
N. 76

AVISO 6

RESULTADOS

Nome	Geografia	História	Português	Matemática	Francês	Inglês	Latim	Notas
Francisca do Mello e Cesar	100	100	100	100	100	100	100	100
Maria Rodrigues	100	100	100	100	100	100	100	100
Francisca do Paula Costa	100	100	100	100	100	100	100	100
Arminda de Araujo	100	100	100	100	100	100	100	100
Jacintha do Carmo e Silva	100	100	100	100	100	100	100	100
Maria da Gloria Vaz de Abreu	100	100	100	100	100	100	100	100
Julia Catunda	100	100	100	100	100	100	100	100
Maria Carolina de Faria	100	100	100	100	100	100	100	100
Olga Catunda	100	100	100	100	100	100	100	100
Iphigenia Amaral	100	100	100	100	100	100	100	100

● resultado dos exames de geographia e historia, que tiveram lugar hontem na Escola normal, foi este :

Approvadas com distincção— dd. Francisca do Mollo e Cesar, Maria Rodrigues, Francisca do Paula Costa.

Approvadas plenamente— dd. Arminda de Araujo, Jacintha do Carmo e Silva, Maria da Gloria Vaz de Abreu, Julia Catunda, Maria Carolina de Faria.

Approvadas— dd. Olga Catunda, Iphigenia Amaral.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Apuramos no cotejamento de jornais cearenses que Alba Valdez fora aprovada por distinção em vários exames (GAZETA DO NORTE, 1888), Maria Rodrigues Peixe (Alba Valdez) se destacava principalmente em geografia e história. Mesmo como uma das alunas mais jovens da Escola Normal, a escritora se destacara no meio literário e educacional, conforme ela mesma registrou logo no início da obra *Dias de Luz* (1907) a admiração das pessoas diante de sua idade:

E examinando-me da cabeça aos pés:

- Também, muito nova. Podia continuar ainda na aula primária.

Era a segunda vez que alguém aludir a minha extrema adolescência. A primeira tinha sido o Diretor que censurava o matricularem-se meninas que não possuíam um certo desenvolvimento intelectual. Baixara a cabeça envergonhada de ser tão moça (VALDEZ, 1907, p.15).

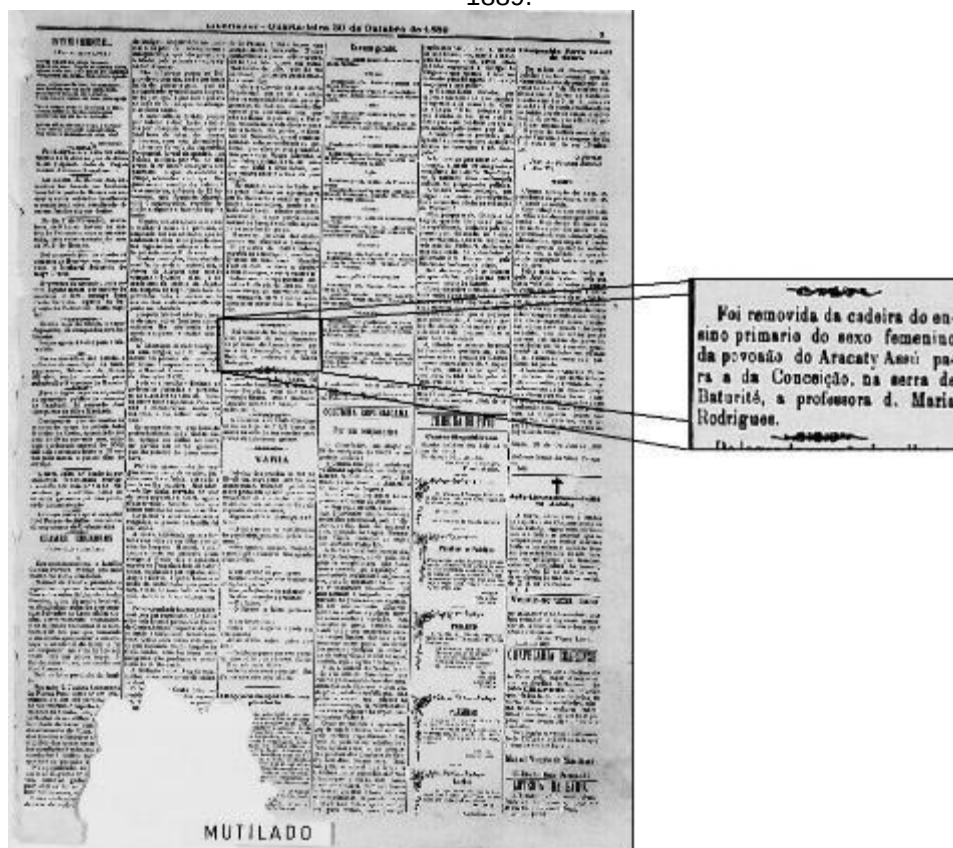
Contudo, observamos a partir dos resultados de avaliações publicados nos jornais daquele período (1886-1889) que ela provava que dispunha de capacidade intelectual desenvolvida, apesar da tenra idade.

Ao misturar suas memórias com a ficção em *Dias de Luz*, Alba Valdez construiu uma autoficção que nos revelou detalhes de sua vida de normalista de forma que a leitura da obra foi caminho imprescindível para que biógrafos e pesquisadores pudessem conhecer mais um pouco sobre a vida da escritora.

Apuramos através da pesquisa nas hemerotecas que depois de formada como professora ela lecionou primeiro no interior e depois foi transferida de volta para Fortaleza, onde, por sua dedicação ao magistério, foi efetivada em 1892.

Em Fortaleza, ela lecionou até aposentar-se em 1921, conforme afirmou Barroso (1971). O jornal *Libertador* (1889, p.3), no dia 30 de outubro, publicou uma nota que trata sobre a transferência da Professora Maria Rodrigues (Alba Valdez) entre localidades do interior do Ceará:

Figura 30 - Publicação da transferência da Professora Maria Rodrigues (Alba Valdez) de escola de Aracatiçu para escola de Conceição, na serra de Baturité, no jornal *Libertador*, de 30 de outubro de 1889.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O registro do jornal *Libertador* (1889, p.3) - “Foi removida da cadeira de ensino primário do sexo feminino da povoação de Aracatiaçu para a da Conceição, na serra de Baturité, a professora d. Maria Rodrigues” - nos confirma que logo que a escritora Alba Valdez concluiu o Curso Normal, com dezesseis anos incompletos, já iniciou sua carreira de professora primária no mesmo ano. A cadeira de magistério feminino, em Aracatiaçu, Ceará, foi criada pelo decreto de 19 de agosto de 1875, de acordo com a publicação no jornal *A Constituição*³⁹ de 27 de agosto de 1875.

A partir dos rastros da história de Alba Valdez vislumbramos várias facetas da história das mulheres no Ceará, uma vez que a história dela rememora vivências que envolvem a educação feminina no século XIX, o uso da palavra pública pela mulher, tanto impressa, quanto oral, uma luta letra a letra pelos direitos das mulheres.

Assim, julgamos necessário contextualizar a história da educação cearense para compreendermos o panorama do exercício da docência em que Alba Valdez se insere. Nesse cenário aparecem as professoras primárias, mal pagas, a maioria sem formação docente, trabalhando, à moda da época, uma proposta “caseira” de ensinar as “primeiras letras” – ler, escrever e contar – a partir de 1822 (CUNHA, 2008).

Somente a partir de 1840, é que se registra no Ceará o surgimento das primeiras escolas públicas primárias, em Fortaleza, Baturité e Aquiraz (CUNHA, 2008). Confrontando os dados de Cunha (2008) com as memórias de Alba Valdez que detalhava as atividades desenvolvidas - “A escrita era uma folha de papel almaço, contendo exercícios de caligrafia nos três tipos, bastardo, bastardinho e cursivo, questões de aritmética, de português e de outras matérias constantes do ensino primário” (VALDEZ, 1940, p.48) - temos uma noção mais clara do funcionamento da educação no Ceará, que reconhecemos como parte importante da história da escritora.

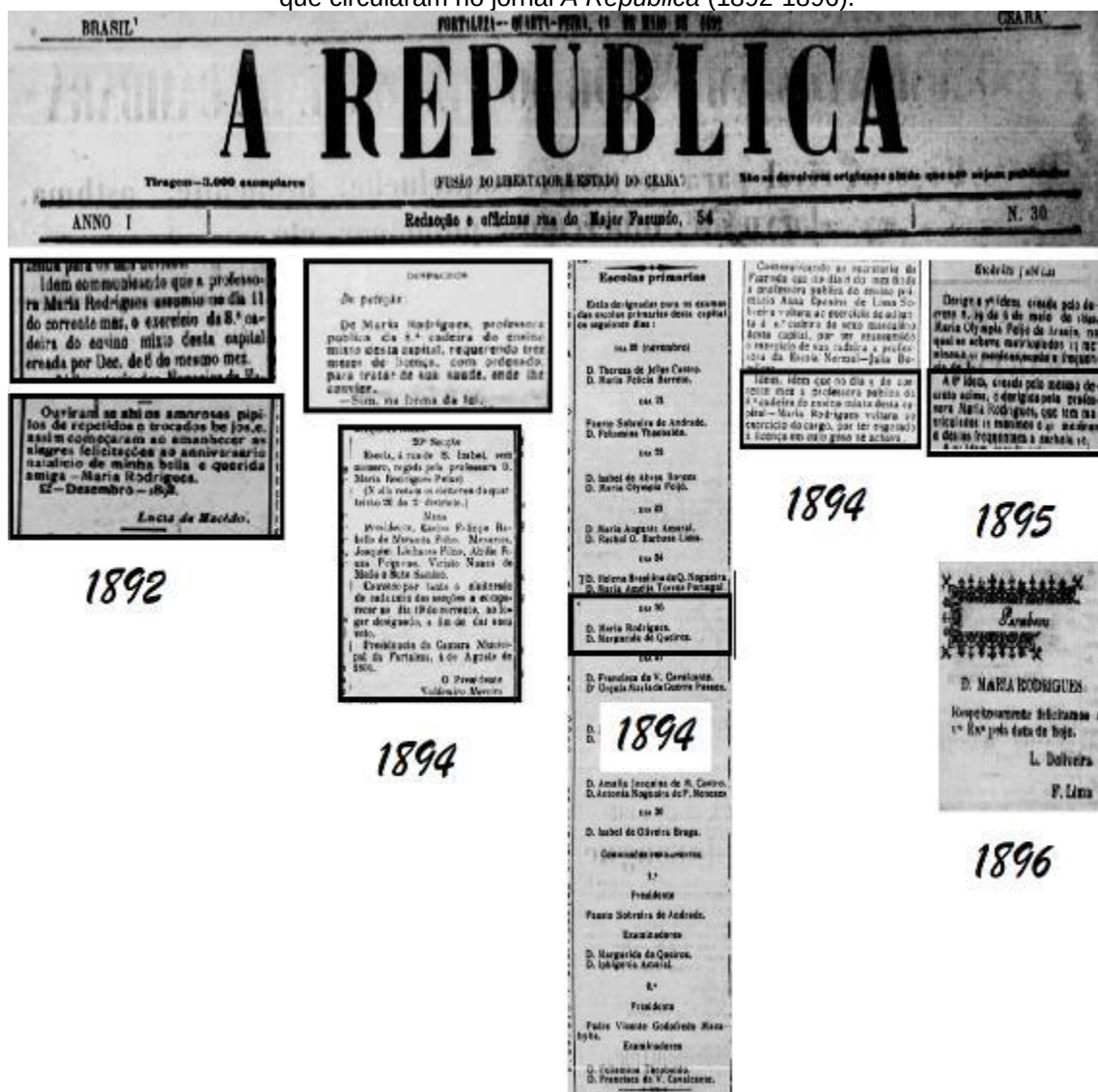
Nessa investigação realizamos vários cotejamentos dos periódicos, utilizando, primeiramente, os motores de busca para localização de Alba Valdez, mas também o fizemos por seu nome de batismo Maria Rodrigues Peixe, e ainda por Maria Rodrigues. Desse modo coletávamos indícios para realizar as buscas físicas e digitais, que exigiram a leitura completa de vários periódicos, como o jornal cearense *A República*, que possui acervos físicos e digitais.

³⁹ Jornal *A Constituição*: órgão do partido conservador do Ceará, publicado entre 1863 a 1889, defendia a monarquia. Inicialmente era publicado semanalmente, e depois passou a sair diariamente.

Encontramos no jornal *A República*, em edições da década de 1890, na coluna de comunicados oficiais, que ocorriam na primeira página desse jornal, vários despachos que deram conta de vários acontecimentos da vida de Alba Valdez: em 11 de maio de 1892 oficializou a abertura da escola pública, que funcionava no seu domicílio, e foi denominada 8ª escola mista, isto é, para crianças ambos sexos, criada a partir do decreto nº 29 de 6 maio de 1892, sob a direção da professora Maria Rodrigues; na edição 27 de julho de 1894 foi publicado o deferimento de um pedido de licença para tratamento de saúde com duração três meses, que havia sido requerido pela professora pública Maria Rodrigues; em exemplar do dia 13 de agosto de 1894, nos deparamos com um comunicado da justiça eleitoral sobre existência de uma seção para votação na escola pública da professora D. Maria Rodrigues, este nos permitiu saber que a escola funcionava na Rua Santa Isabel (atual Princesa Isabel), sem número; ainda em 1894, no dia 30 de outubro circulou um comunicado sobre as datas de realização dos exames das escolas primárias, informando as escolas que seriam avaliadas, incluindo a escola de D. Maria Rodrigues, os participantes das bancas e nomes dos examinadores; na edição de 8 de novembro de 1894 foi comunicado o retorno ao exercício da docência tendo findado o período da licença; em edição de 20 de junho de 1895 foi divulgado oficialmente a matrícula de 15 meninos e 41 meninas, com frequência de 39 alunos na escola regida pela professora Maria Rodrigues; nesse interim, também encontramos nesse periódico, duas felicitações pelo aniversário da professora - nas edições de 13 de dezembro de 1892, publicada por Lucia de Macedo e em 12 de dezembro de 1896, esta assinada por L. Doliveira e F. Lima - e ao contrário de muitas que encontramos dirigidas ao pseudônimo “Alba Valdez”, estas duas referiam-se ao nome de batismo da escritora.

Organizamos recortes que evidenciam a existência de uma identidade múltipla, Maria Rodrigues ainda coexistia com Alba Valdez em um só corpo. Portanto, nossa pesquisa não poderia se restringir na busca de Alba Valdez apenas.

Figura 31 - Mosaico com recortes de publicações sobre a Professora Maria Rodrigues (Alba Valdez) que circularam no jornal *A República* (1892-1896).



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Desse modo, pela investigação na imprensa localizamos em jornais dos últimos anos oitocentistas e da primeira metade do século XX notas e publicações que nos ajudaram a conhecer e até confirmar algumas nuances da vida de Alba Valdez: detalhes sobre suas atividades profissionais, lugares em que lecionou, transferências, licenças, até punições por ter deixado cadeiras de ensino antes de ser deferido pedido de transferência; participação em conferências e em agremiações literárias e científicas; discursos que proferiu em eventos; concursos literários em que saíra vencedora; e tantos outros registros da vida de uma mulher de letras, que escolheu estudar, escrever, fazendo diferente da maioria de seu sexo que ainda tinham o casamento e a maternidade como destino certo.

Figura 32 - Nota do *Jornal do Comércio* de Manaus que noticia vitória de Alba Valdez em um concurso da mais inteligente beletrista no Ceará.



Fontes: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Advertimos que não nos detemos na trajetória bibliográfica da autora nesse momento da pesquisa, porque a descreveremos na próxima seção deste capítulo. Por conseguinte, o caminho aqui seguiu pela reunião dos fatos que fazem parte da história de Alba Valdez, que consideramos como rastros deixados pelos periódicos, e que nos levaram a constatar que Alba Valdez é parte de um pequeno grupo de mulheres pioneiras no Ceará.

Desse modo, registramos que esse processo de busca de Alba Valdez a partir do início do século XX nos coloca diante de outras mulheres que também se destacaram no Ceará, visto que ela começa a entrada no espaço público como partícipe de uma teia intelectual e social. Ainda destacamos ser esta uma árdua empreita, mesmo sabendo que essa dificuldade ocorre em todo Brasil, igualmente, realçamos a nossa experiência devido às condições de conservação das principais fontes que documentam a presença dela em território cearense: os periódicos que

registravam o cotidiano, os costumes e os acontecimentos de seu tempo. Assim, consideramos coerente a citação de Barroso (1992, p. 61):

Quem se empenha em conhecer as mulheres de destaque do Ceará vai encontrar um bom número de senhoras mais dotadas para as artes, como uma resposta ao aspecto decisivo de uma época, quando a mulher era educada para o lar devendo ser portadora de tradições moralistas, além dos dotes de cultura e arte que deveria possuir.

Isso ocorre porque o que estamos fazendo ao revisitar a vida de Alba Valdez é uma reconstrução da história que privilegia o que Burke (2011) chamou de “relativismo cultural” e de “nova história”, capaz de desconstruir a concepção entre o que é central e o que é periférico, para que sejamos capazes de enxergar a partir de vários centros, fortalecendo a ideia de conhecer, analisar e respeitar as variadas versões e cada uma por diversos ângulos. Portanto, fazemos uma nova construção cultural que vai além da história tradicional e sua visão de cima que focava nos “grandes feitos de grandes homens”, para um olhar a partir da perspectiva de mulheres.

Para tanto, é pertinente o que Bessièrre (2011, p. 13) afirma: “há uma variedade de centros”, o que podemos relacionar, no contexto dessa pesquisa, tanto ao espaço histórico-geográfico, como no deslocamento de narradores de suas próprias histórias. Ao analisarmos a história da escritora Alba Valdez, o que e como ela narrou, de onde e em que suporte ela publicou, permite um novo olhar sobre a mulher que viveu no final século XIX e início do XX.

Nessa perspectiva, averiguamos que ocorre uma ampliação da trajetória biográfica de Alba Valdez a partir de 1895, pela experiência da escrita, ela agregou uma nova profissão. A convite de seu ex-professor Justiniano de Serpa, ela torna-se também uma jornalista. E isso a coloca na mesma linha que Francisca Clotilde, Ana Nogueira Batista, Ana Facó, entre outras.

Temos que relatar que Alba Valdez inicia o século XX selecionando entre suas publicações na imprensa produções para compor uma coletânea que se intitulou *Em Sonho...fantasias*, livro que ela publicou em 1901.

Localizamos nos jornais registros de recebimento dessa obra, elogios e críticas, assim como anúncios de venda dos exemplares do pequeno livreto. Percebemos que ocorrera o que Barbosa (2007) já descrevera, a imprensa tinha também a função de divulgar a literatura e estabelecer relações entre os donos e donas da pena.

Em vista disso, acreditamos ter sido pela imprensa que Alba Valdez teceu a maioria de suas relações literárias e intelectuais. Temos entre 1903 e 1904 inúmeras publicações de Alba Valdez em periódicos cearenses e de outros estados, dos quais destacamos a revista feminina produzida em Recife *O Lyrio*, o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-brasileiras*, este publicado em Portugal. Na revista Alba Valdez, que tinha o *status* de correspondente, entra em contato com muitas outras iguais, mulheres escritoras, divulgando ainda mais seu trabalho. Como registra a nota publicada no *Jornal do Brasil*, que circulou na segunda página do periódico carioca, exemplar de 04 de julho de 1903, um sábado:

Figura 33 - Nota sobre Alba Valdez no *Jornal do Brasil* (1903).



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (04/06/1903)

Apesar desta nota do *Jornal do Brasil* (1903) apontar a participação em várias agremiações culturais do final do século XIX, inclusive citando Alba Valdez como participante da Padaria Espiritual, nossa pesquisa não encontrou nenhuma produção da autora no *Pão*, jornal desta associação literária, talvez tenha sido este um dos motivos de sua participação no Centro Literário, agremiação dissidente da Padaria Espiritual.

Contudo, registramos que Alba Valdez participou de várias sociedades literárias que se desenvolveram entre o final do século XIX e nas primeiras décadas do XX,

como lemos em suas biografias: Centro Literário, Boemia Literária, Iracema Literária, Liga Feminista Cearense, Academia Cearense de Letras, Instituto do Ceará (BARROSO, 1992). Porém, apesar de Barreira (1962, p.183) asseverar a participação da escritora nessas sociedades de Belas Letras em seu quarto tomo de *História da Literatura Cearense*, o historiador não incluiu o nome de Alba Valdez nas listas de sócios efetivos que cita em sua obra.

Verificamos que não eram muitas as mulheres que figuravam nos quadros das agremiações literárias do Ceará e entre as que se dispuseram a lutar por um espaço nas Belas Letras a pesquisa nos mostrou que elas enfrentaram obstáculos, assim como temos que ressaltar que, das que lograram êxito, a maioria foi apagada ou teve sua participação minimizada pela indiferença dos que se propuseram a historiar a Literatura Cearense.

Entendemos que essas circunstâncias colocaram Alba Valdez diante de uma maior consciência de sua condição social como mulher, como escritora, como jornalista, e isso desencadeou o seu esforço para se juntar a outras conterrâneas na defesa da instrução das mulheres, fundando a Liga Feminista Cearense em 1904.

Elas abriram uma associação inédita, uma agremiação de mulheres em prol das letras, a qual Holanda (1990, p.71), fez referência em seu estudo sobre mulher e literatura no Brasil:

A primeira agremiação literária feminina de que se tem notícia foi a Liga Feminista Cearense, fundada em 1904 por Alba Valdez, identificada no meio literário como defensora do direito da ascensão cultural, econômica e política para as mulheres.

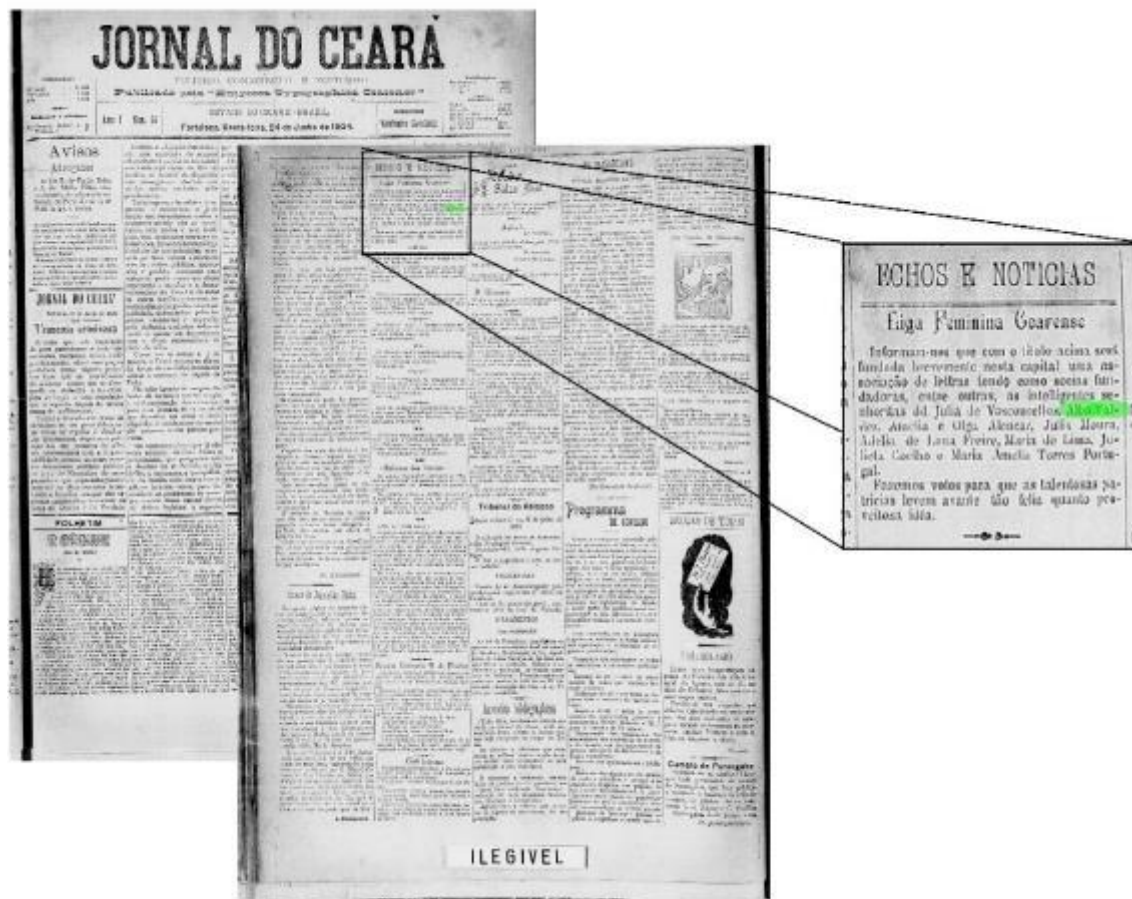
Nossas pesquisas mostram que periódicos da época documentaram a abertura dessa associação feminina, através da qual o Ceará se destacou nacionalmente. No *Jornal do Ceará*⁴⁰ - um periódico de quatro páginas, que embora não se subintitulasse literário trazia em sua primeira página folhetins, notícias e notas das organizações literárias, culturais e comerciais do período⁴¹ - encontramos na segunda página, na

⁴⁰ O *Jornal do Ceará* (1904-1911), publicado em Fortaleza, a partir de 16 de março, que tinha como Diretor Waldemiro Cavalcante, tinha vários colaboradores coordenados pelo jornalista e escritor João Brígido. O jornal se dizia Político, Comercial e Noticioso, se colocava contrário ao governo oligárquico de Nogueira Accioly e seu sucessor Dr. Pedro A. Borges (STUDART, 1924).

⁴¹ Na página 2 deste jornal encontramos a coluna que se iniciou na primeira página sobre a Fênix Caixeiral, uma associação de “moços do comércio”, esta sessão saía em todas as edições sobre essa agremiação; notícias do Grêmio Literário B. de Freitas.

coluna “Ecos e Notícias”, na edição de 24 de junho de 1904 uma nota que anunciava a organização de uma associação de mulheres cearenses:

Figura 34 - Nota sobre a formação da Liga Feminista Cearense, publicada no *Jornal do Ceará* de 24 de junho de 1904.



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

No anúncio estava clara a natureza da agremiação feminina: “brevemente nesta capital uma associação de letras”. Em 27 de junho de 1904, o *Jornal do Ceará* anunciou o evento da fundação que ocorrera de véspera:

Liga Feminina Cearense

Conforme fora anunciado, realizou-se ontem às 7 horas da noite, em casa de residência da distinta preceptora d. Maria Amélia Torres Portugal, a sessão fundadora desta sociedade, revestindo-se de maior brilhantismo.

Com a presença das inteligentes e dignas sócias Alba Valdez, Amélia Alencar, Júlia Moura, Aurilinda Simões, Olga Alencar, Branca Simões e Maria Amélia Torres Portugal, foi aberta a sessão, sendo precedida a eleição para a diretoria da Liga que ficou assim composta:

Presidente, Alba Valdez. Vice-presidente, Maria A. Torres Portugal. Primeira secretária, Olga Alencar. Segunda secretária, Aurilinda Simões. Oradora oficial, Júlia Moura. Tesoureira, Amélia Alencar.

Proferiram brilhantes alocuções Alba Valdez, Maria A. T. Portugal e Júlia Moura. Foi nomeada uma comissão das sócias Amélia Alencar, Júlia Moura e Alba Valdez para organização dos Estatutos. Consta-nos que a posse da diretoria eleita revestir-se á de grande brilhantismo (*JORNAL DO CEARÁ*, 1904, p. 2).

Notamos que ocorreu uma troca dos termos feminista por feminino, no entanto isso pode ter sido um erro mecânico ou ocasionado por questões sociais e culturais da época, porém, ratificamos que o nome da associação feminina era Liga Feminista Cearense.

Esse jornal destacou nessa segunda menção à Liga Feminista Cearense os nomes das sócias fundadoras e a composição da diretoria, enquanto fora na primeira citação que explicitou que essa associação teria uma ação em favor da Literatura feminina e da educação das mulheres. Ressaltamos que o próprio *Jornal do Ceará* tratava de outras agremiações, o que nos leva a compreender que era comum na época a organização de associações por pessoas que comungavam dos mesmos interesses, como havia a Fênix Caixeiral⁴².

No entanto, temos que reconhecer os esforços dessas astutas e corajosas mulheres que se uniram e divulgaram suas ideias através da imprensa do Ceará e também nacional. Na edição de 29 de julho de 1904, no *Jornal do Ceará*, mais uma vez, foi publicado o convite para posse da diretoria da Liga Feminista Cearense.

A posse ocorreria, conforme o convite, no dia 31 de julho de 1904, na residência das sócias Olga e Amélia Alencar, a partir desse periódico observamos que os encontros dessas agremiações aconteciam nas casas de seus sócios, pois a maioria delas não possuía sede própria. Isso colaborou para que a documentação e acervos dessas sociedades se perdessem devido às mudanças de sede ou extinção das atividades delas. O *Jornal do Ceará* ainda publicou no dia 05 de agosto de 1904 uma pequena nota sobre a posse na terceira página: “Revestida de todo brilhantismo e realce realizou-se domingo, em casa de residência das distintas sócias Amélia e Olga de Alencar, a posse da diretoria da Liga Feminista Cearense”.

Ainda localizamos notícias sobre essa agremiação literária de mulheres cearenses na imprensa do Rio de Janeiro, na *Revista da Semana*⁴³: Edição semanal ilustrada do *Jornal do Brasil*, de 02 de outubro de 1904.

⁴² Associação de comerciantes e comerciários cearenses.

⁴³ Em 1900, surgiu a *Revista da Semana*, fundada por Álvaro Tefé, sendo a primeira publicação brasileira a utilizar a fotografia para ilustrar suas reportagens. Em um momento posterior, passou à propriedade do *Jornal do Brasil*, circulando como seu suplemento literário. Quando se desvinculou do

O pequeno artigo sobre a Liga Feminista Cearense veio acompanhada de grande foto da diretoria, e relatava primeiro o objetivo principal da “sociedade literária de senhoras”: “trabalhar pelo levantamento intelectual da mulher cearense”. Como também a publicação salientou, logo no primeiro parágrafo, que algumas ações já estavam sendo implementadas: realização de sessões de letras com as associadas; criação de cursos para as “meninas desvalidas” adquirirem um pouco de instrução (REVISTA DA SEMANA, 1904, p. 17).

Inferimos, portanto, que havia a consciência da importância da educação das mulheres, para se formar um público leitor feminino no Ceará. As senhoras da Liga Feminista Cearense, como ocorreu com diversas outras agremiações literárias no Ceará, por exemplo, podemos citar o Gabinete Cearense de Leitura⁴⁴ (1875) e a Academia Cearense de Letras, desde sua fundação em 1894, empreenderam melhorar a instrução pública. Como o *Jornal do Ceará*, a *Revista da Semana* (1904) também mostrou a composição da diretoria da Liga Feminista Cearense.

Também foi explicado pela *Revista da Semana* (1904) a escolha da data da posse da diretoria da Liga no dia 31 de julho, pois naquele dia faziam 301 anos do “descobrimento do Ceará”, e finaliza afirmando que o evento foi concorrido pelo melhor da sociedade fortalezense.

Após a nota sobre a sociedade de senhoras cearenses, essa revista trouxe uma “Crônica Elegante” de Acrísio, que descrevia algumas práticas esportivas para mulheres, muito em gosto na Europa, trazendo à tona a discussão da emancipação feminina na Europa. Isso mostra que, mesmo em meio a organização caótica dos periódicos desde o século XIX, vemos aqui uma certa coerência, em que podemos apontar uma intencionalidade de fortalecer a ideia de emancipação da mulher, de modo a fazer o leitor perceber que o que acontecia no Brasil já ocorria pela Europa, referência de cultura e civilização para o “novo mundo”.

jornal, sua pauta foi ocupada por atualidades sociais, políticas e policiais, tornando-se leve, alegre e elegante, transformando-se a partir de 1915, em mais uma revista feminina (MOURA, 2013, p.5).

⁴⁴ Gabinete Cearense de Leitura (1875-1886) não foi considerado por muitos uma instituição literária, ignorando sua importância para o progresso das Belas Letras do Ceará. Mas, homens de letras como o Barão de Studart, Leonardo Mota e o próprio historiador Dolor Barreira reconheceram seu papel no progresso da província, da instrução pública, além de montarem uma sortida biblioteca com livros, muitos caros, e periódicos, todos acessíveis a quem quer que se interessasse e precisasse. Também desenvolveram cursos de conferências públicas, abriram aulas de línguas e ciências (BARREIRA, 1948).



Figura 36 - Foto da Diretoria da Liga Feminista Cearense publicada na *Revista da Semana* (02/10/1904).



Diretoria da Liga Feminista Cearense—1ª fila, sentadas, a contar da esquerda: Alba Valdez e Maria A. Torres Portugal;
2ª fila, de pé, a contar da esquerda: Aurelinda Simões, Olga e Amelia de Alencar e Julia Moura

Ressaltamos que a *Revista da Semana*, um periódico de variedades que tratava de política, de literatura, moda entre outros assuntos, privilegiava as imagens, ilustrações ou fotografias, que estavam por toda parte nesse periódico. Esta revista fazia parte dos domingos cariocas e influenciava o comportamento, os costumes e a moda daquela época (MOURA, 2013). Assim, observamos que divulgar a Liga Feminista Cearense nesse periódico de aceitação nacional mostrava o esforço das associadas para agregar valor às mulheres de letras no Ceará.

Ainda sobre essa associação de mulheres presidida por Alba Valdez, identificamos no *Jornal do Ceará* (1904, p. 2-3), na edição de 02 de setembro, um registro da participação da oradora Júlia Moura, como representante da Liga Feminista Cearense, na solenidade do segundo aniversário do Grêmio Literário Barbosa de Freitas, sendo ela a única mulher a discursar neste evento.

Ademais, mesmo que a Liga Feminista Cearense tenha tido “pequena duração e parca atuação no cenário local”, como observou Cunha (2008, p. 182), enxergamos na iniciativa dessas mulheres de vislumbrar uma sociedade de letras para mulheres, já que as existentes em seu tempo as relegavam a condição de coadjuvantes ou meras figurantes, não pode ser condenada ao ostracismo, essa peripécia precisa ser considerada e sublinhada na história das letras cearenses.

Uma versão da história da Literatura Cearense que admita a presença e a relevância da produção das mulheres tem sido alvo de estudos, no entanto, é preciso intensificar ainda mais as pesquisas e discussões, porque a pergunta que intitula a obra de Olga Monte Barroso (1992) – *Quem são elas?* – ainda ecoa nos ouvidos quando mencionamos muitas das beletristas do Ceará, como Alba Valdez, “uma ilustre desconhecida”.

Após a participação na Liga Feminista Cearense, que representa um importante fato na vida de Alba Valdez, porque registra sua luta pelos direitos das mulheres, podemos destacar na história da escritora a continuação das publicações em jornais, revistas e almanaques, como o *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905), editado em cidade homônima que localiza no interior de São Paulo.

Além do magistério, verificamos que Alba Valdez continuava escrevendo e publicando em diversos periódicos, essas portas se abriram depois que seus textos foram publicados no *Álbum da Mala da Europa*, em um jornal sueco, como também no jornal francês *Le Matin* (SOUSA, 1937).

Mais conhecida no mundo literário, Alba Valdez publicou um livro de memórias, intitulado *Dias de Luz* (1907), e utilizara da mesma estratégia com a qual divulgou o primeiro, encaminhou exemplares às redações dos jornais, revistas e almanaques, assim como às sedes das principais agremiações literárias do país. Encontramos rastros disso em vários jornais do Ceará, interior e capital e de outros estados, como Maranhão.

Registramos que, apesar de constar na contracapa da primeira edição de *Dias de Luz* (1907) o anúncio da publicação de um terceiro livro que seria intitulado de *Ondulações*, “uma coletânea de contos”, essa produção nunca saiu, também não encontramos vestígios de nenhum manuscrito de livro, tampouco de produção no prelo.

Na década de 1910, localizamos mais publicações de Alba Valdez na imprensa cearense e brasileira. Apuramos em consulta ao Arquivo Público Estado do Ceará (APEC) que em 8 de agosto de 1917 ocorreu o falecimento de sua mãe, Isabel Rodrigues Peixe. Os documentos que encontramos nesse Arquivo se referem ao inventário da mãe de Alba Valdez e neles consta a comprovação de que Alba Valdez nunca se casou e não teve filhos, pois nos documentos⁴⁵ seu estado civil aparece como solteira, o que historiciza a nossa inferência.

Consideramos que os anos 1920 trouxeram conquistas e perdas há Alba Valdez, porque em 1922 ela foi escolhida para participar da Academia Cearense de Letras, fora indicada por seu benfeitor Justiniano de Serpa, então presidente da província e da sociedade de intelectuais, que passara a se reunir no Palácio do Governo. A perda se referiu a morte de seu pai, João Rodrigues Peixe, fato que ocorrera em 1925, conforme levantamento documental realizado em Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

Isso desencadeou uma polêmica ruidosa em torno da mais antiga Academia de Letras do país, a Academia Cearense de Letras, criada em 15 de agosto de 1894, o que perpassa pela sua organização que foi marcada por três fases. A primeira definiu os objetivos⁴⁶ dessa importante associação cultural em que contavam com trinta

⁴⁵ Inventários, Partilha amigável e outros documentos arrolados entre 1945-1946 da Comarca de Itapagé, que atestam os nomes dos pais de Alba Valdez, suas datas de nascimento e falecimento. O inventário de Izabel Rodrigues Peixe, mãe de Alba Valdez, datado de 1 julho de 1921, cita Maria Rodrigues Peixe, 47 anos e solteira; no inventário de João Rodrigues Peixe (12/05/1849-12/09/1925), de 8 de setembro de 1925, consta que ela tinha 53 anos, era solteira e residia em Fortaleza.

⁴⁶ O estatuto da Academia Cearense definiu os cinco principais objetivos: a) promover exame das doutrinas ou questões literárias e científicas da atualidade, por meio de pareceres, memórias, livros,

sócios, todos homens, que tinham entre suas principais ações a realização de sessões solenes, publicação de uma Revista e fomento das letras cearenses (BARREIRA, 1948).

A partir da leitura de Barreira (1948), podemos resumir como ocorreu a reorganização da Academia em 1922: com o falecimento de alguns sócios e êxodo de muitos para outros estados, na década de 1920, apenas oito se encontravam em Fortaleza, as sessões não aconteciam e a *Revista da Academia Cearense* não estava mais circulando; entre estes oito sócios estava Justiniano de Serpa, que junto com os demais sócios presentes na capital cearense tomaram a decisão, motivados pela iniciativa do sócio efetivo Leonardo Mota⁴⁷, de reorganizar a Academia Cearense de Letras, formando um grupo com todos os antigos acadêmicos vivos e residentes em Fortaleza, e convidando outros nomes para compor a nova versão da associação que eles denominaram de Academia Cearense de Letras; este grêmio teria na nova fase 40 sócios e o objetivo geral de “animar a atividade intelectual no Ceará, e por fins particulares promover a cultura da liga nacional e a nacionalização da produção literária cearense” (BARREIRA, 1948, p. 199).

Nesse contexto, entre os nomes lembrados estava a professora, jornalista e escritora Alba Valdez, e isso implicou em uma mudança polêmica: uma mulher tomou posse de uma cadeira na Academia Cearense de Letras em 1922, e tinha como patrono Álvaro Martins, ela pioneiramente e literalmente, era uma mulher de letras em meio aos 39 sócios desta instituição como mostra a imagem:

etc. que seriam entregues à publicidade, ou por discussões, palestras e conferências, cujos resumos ficariam exarados nas atas das respectivas sessões; b)acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos, por meio de exposições escritas das principais teorias, problemas ou questões tratadas em revistas especiais ou obras nacionais e estrangeiras; esforçar-se por alargar a esfera da instrução superior e secundária do Ceará, devendo criar, manter ou auxiliar institutos profissionais e técnicos sempre que lhe fosse possível; d) procurar levantar a instrução primária, provocando pela imprensa ou oralmente a atenção dos poderes públicos para variados problemas da educação, da pedagogia, dos programas e, em geral, dos assuntos que a ela se prendem; e) fomentar o gosto artístico e literário pelos meios ao seu alcance (BARREIRA, 1948, p. 180 – 181)

⁴⁷Leonardo Mota natural de Pedra Branca, nasceu dia 10 de maio de 1891. Foi escritor, professor, advogado, promotor de justiça, secretário de governo, tabelião, jornalista e historiador. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito do Ceará em 1916. Era membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, era um nome requisitado para proferir palestras para plateias de estudiosos e folcloristas.

Figura 37 - Foto da Academia Cearense de Letras, reorganização de 1922.⁴⁸



Fonte: Arquivo Nirez/Arquivo Fortaleza Nobre.

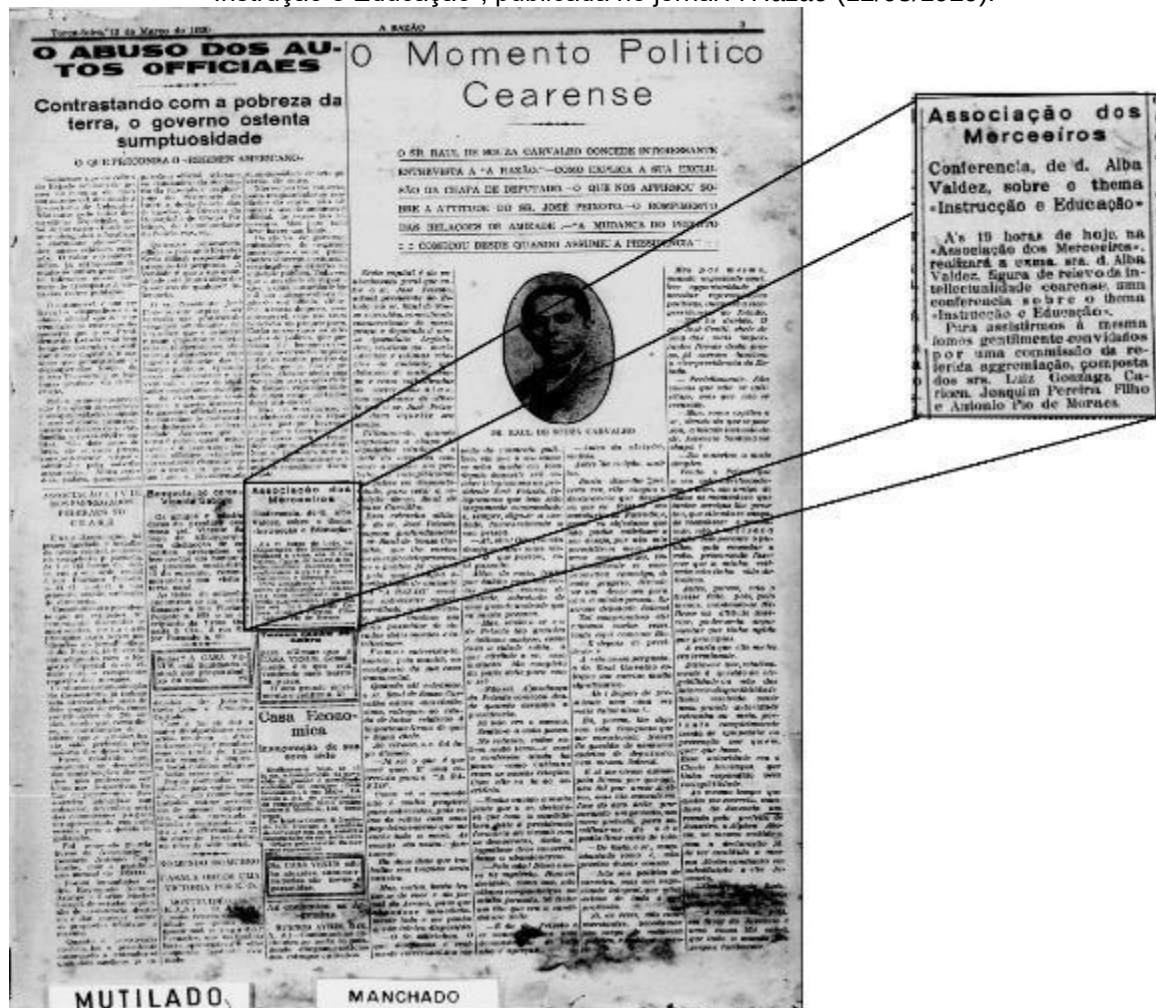
Entretanto, a segunda fase teve breve duração, podemos dizer que adoeceu e faleceu junto com Justiniano de Serpa, considerado como o “animador” dessa sociedade de letras, as reuniões que aconteciam no Palácio da Presidência do Ceará deixaram de ocorrer e a Academia Cearense Letras esfriou, apesar das produções individuais de seus novos sócios efetivos (BARREIRA, 1948). Como podemos verificar a partir da própria Alba Valdez que fazia uso da palavra pública somente nos discursos laudatórios pelos eventos sociais, utilizando a eloquência e habilidade didática que

⁴⁸ Academia Cearense de Letras em 08/09/1922, no salão nobre do Clube Iracema, no 1º andar do Palacete Ceará, na praça do Ferreira - Arquivo Nirez.

Em pé da esquerda: José Lino da Justa, Quintino Cunha, Francisco Prado, Cruz Filho, Thomaz Pompeu, Fernandes Távora, Alba Valdez, Álvaro de Alencar, Sales Campos, Antônio Fontenele, Soares Bulcão, José Sombra, Andrade Furtado, Raimundo Ribeiro, Otavio Lobo, Cursino Belém, Beni Carvalho, Carlos Câmara e Júlio Ibiapina. Sentados esquerda: Antônio Teodorico da Costa, Antônio Augusto de Vasconcelos, Raimundo de Arruda, Thomaz Pompeu, Justiniano de Serpa, Guilherme Studart (Barão), Leonardo Mota e Alf. Castro. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2009/11>. Acesso em: 12 Jan 2017.

construiu com o exercício do magistério e fazia conferências sobre instrução e educação, como registrou o anúncio no jornal *A Razão*⁴⁹ publicado em 12 de março de 1929, na terceira página:

Figura 38 - Nota divulgando Conferência de Alba Valdez na Associação dos Mercceiros, intitulada "Instrução e Educação", publicada no jornal *A Razão* (12/03/1929).



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

De acordo com a leitura da narrativa de Barreira (1948), compreendemos que a letargia dessa segunda formação da Academia Cearense de Letras e o retorno de alguns dos sócios fundadores que estavam vivendo fora do Ceará, deu origem a uma nova polêmica, que gerou outra reorganização dessa sociedade, conforme relato histórico da *Revista da Academia Cearense de Letras* (1937, p. 81):

Por ocasião da segunda reforma, em que se excluíram os antigos membros que já não residiam no Ceará e se esqueceram, pouco

⁴⁹ *A Razão* se subintitulava um jornal independente, político e noticioso, um diário matutino, sob a direção de Monte Arraes, Redator Alpheu Aboim.

justificavelmente, alguns outros, o Dr. Josafá Linhares propôs que se adotasse o nome de Academia de Letras do Ceará; mas a sua proposta não foi aceita, por ser considerada essa denominação discordante, em relação às outras academias, e contrária aos intuitos da assembleia, que era de fato remodelar a academia existente. Depois, porém, como se soubesse que certos membros excluídos não se conformavam com a exclusão, ficou resolvido que os Estatutos diriam constitui-se, e não se reconstitui como se estabelecera. Isso, sem que, de maneira alguma, fosse pensamento de qualquer dos promotores da refundição criar em verdade uma nova academia, pois todos queriam continuar as tradições existentes, já quase meio seculares.

Os relatos de Barreira (1948) explicam que a estagnação das atividades da Academia Cearense de Letras soava como uma extinção dessa instituição, isso agravou os conflitos de opinião e culminaram com a chamada terceira fase da Academia Cearense de Letras. Essa discussão, como era comum na época, era travada sobretudo nos periódicos.

Encontramos quatro artigos que foram publicados durante o mês de maio de 1930, os três primeiros na coluna “Tipos & Coisas” de autoria de Nicolau de Assis, no jornal *Diário do Ceará*, nos dias 12 (segunda-feira), 17 (sábado) e 31 (sábado), apoiando a reorganização da Academia Cearense de Letras, criticando os reclamantes das modificações propostas. No primeiro artigo, intitulado “Intellectualismo em Ação”, o jornalista dá conta do movimento em prol de nova Academia e registra seu apoio:

Chegam até nós os rumores de um movimento que hora se empreende entre os intelectuais da terra com o bem inspirado desiderado de suprir a falta (assaz chocante) de uma Academia Cearense de Letras. Tal gesto é digno de aplauso e os devemos tomar como uma reação muito justa dos intelectuais, porque a ausência de um centro de tal natureza já não quer dizer uma falta suprável com algum esforço, mas representa um facto deprimente para um meio tão bem servido de primorosos talentos como o nosso (Assis, 1930, p.3)

Em um segundo artigo, “Celeuma Auspiciosa” de Assis (1930), criticava os insatisfeitos com a reformulação da Academia Cearense de Letras, e registrava em sua coluna no jornal *Diário do Ceará* (1930): “É uma zoada infernal que reina em torno da ideia de reorganizar-se a Academia Cearense... Parece que uma banda do céu vem abaixo, mas ainda não veio, nem virá” (ASSIS, 1930, p.3). O jornalista reforçava que os empreiteiros da nova Academia devem ser indiferentes a “gritaria”, o mesmo

conteúdo motivou a escrita do terceiro artigo, “Colmeia Literária” que procurava incentivar “os corajosos” que queriam revitalizar a Academia de Letras.

Ainda no jornal *Diário do Ceará*, foi publicado em 16 de maio de 1930, na coluna “Tópicos & Notícias”, assinado pelas iniciais “L.A.” o artigo “No jardim do Akademos” também enaltece a causa da renovação do quadro de sócios. Contemporânea a discussão da renovação da Academia Cearense de Letras, percebemos também a celeuma polêmica entre a participação ou não da mulher nas Academias Brasileira de Letras pelo Brasil, como ilustra a edição de 10 de junho de 1930 do *Diário da Noite*, jornal carioca que publicou uma entrevista com a escritora Amélia de Freitas Beviláqua sobre esse tema:

Na enquete apresentada a escritora Amélia de Freitas Beviláqua⁵⁰, jornalista e fundadora da revista feminina *O Lyrío*⁵¹, publicada em Recife-PE nos primeiros anos do século XX, em que Alba Valdez era uma das correspondentes no Ceará, como já citamos, ficou claro que a participação da mulher nas Academias de Letras era discutida amplamente. Ao emitir sua opinião sobre o assunto, a escritora relatava e comentava a resposta de vários imortais da Academia Brasileira de Letras, citava a aceitação de mulheres nas academias estaduais, em que fazia referência às sócias efetivas nas agremiações de Letras do Pernambuco, Ceará e Piauí, respectivamente, Edwirges de Sá Pereira, Alba Valdez e ela mesma na Academia Piauiense.

⁵⁰ Amélia Carolina de Freitas Beviláqua nasceu na fazenda Formosa, em Jerumenha, no Piauí, no dia 7 de agosto de 1860, filha do Desembargador José Manuel de Freitas²⁴³ e de D. Teresa Carolina da Silva Freitas. Casou-se com o jurista cearense Clóvis Beviláqua no dia cinco de maio de 1883 e teve quatro filhas. Iniciou cedo sua vida literária, quando estudante em São Luís. Colaborou com o jornal do colégio, publicando contos e poesias. Em 1889, publicou trabalhos em jornais de Recife e na Revista do Brasil de São Paulo. Atuou, também, como redatora oficial da revista *Lírio*, de Recife, em 1902. Foi ocupante da cadeira 23 da Academia Piauiense de Letras²⁴⁷ e patrona da cadeira 48 da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno-Ceará. De sua obra, constam crônicas, contos e poesias e romances – todos eles publicados em diversos jornais e revistas do país. Candidatou-se a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras em 1930, mas foi rejeitada porque não se admitia mulheres na ABL.

⁵¹ *O Lírio*: Primeira Revista Feminina do Nordeste. Circulou por dois anos no alvorecer do séc. XX. Redigida e editada pela mulher do jurista Clóvis Beviláqua, Amélia de Freitas Beviláqua. Defendia a educação das mulheres e a igualdade de direitos. Eram publicados temas literários femininos de autoras estrangeiras. Surgiu em 5 de novembro de 1902 e continuou a publicação regularmente até o mês de junho de 1904, quando circulou o nº 20. Teve como corpo redacional: Amélia de Freitas Beviláqua (redatora-chefe), Cândida Duarte de Barros (redatora-secretária), Edwirges de Sá Pereira, Maria Augusta Freire, Belmira Villarim, Adalgisa Duarte Ribeiro, Luiza Cintra Ramalho e Úrsula Garcia (redadoras). Nela foram publicados poemas, contos, crônicas, críticas literárias das primeiras escritoras nordestinas e de algumas do Rio de Janeiro, além de traduções de poemas, na maioria de poetas franceses e algumas fotos de mulheres atuantes na literatura ou na ciência. Os artigos publicados tratavam de questões religiosas, a luta das mulheres da época, a criação da universidade no Brasil (no Rio de Janeiro), noticiário social, uma seção de passatempo, raros originais de músicas e anúncios nas páginas inferiores da capa. Os clichês eram confeccionados em Portugal e na Itália. Disponível em: <http://www.biblioteca.pe.gov.br/?pag=&cat=34&art=143>. Acesso em: 13 fev. 2017.

Nesse contexto, é compreensível que consideremos que os “preconceitos antifeministas” das Academias de Letras, citados por Amélia de Freitas Beviláqua, tenham influenciado na exclusão de Alba Valdez, por ocasião da concretização da terceira fase da Academia Cearense de Letras, em que muitos dos sócios da segunda fase foram excluídos, fazendo essa associação voltar a ser exclusivamente masculina.

A bem elaborada, comedida e eloquente resposta de Amélia de Freitas Beviláqua à enquete proposta pelo periódico carioca, cita e analisa o voto contrário e até “bizarro”, como adjetivou a escritora, do imortal natural do Ceará Gustavo Barroso: “a eleição é perigosa para a Academia, sobretudo porque a maioria de seus membros passa dos sessenta anos”.

As evidências eram fortes de que não desejavam mulheres na Academia Cearense de Letras, mas as mulheres insistiram, Alba Valdez publicou o artigo “De pé” em *Jornal do Comércio* em maio de 1930, que foi transcrito pela revista carioca *Nação Brasileira* em agosto do mesmo ano, denunciando a discriminação sofrida pelas mulheres.

Alba Valdez não se deu por vencida, continuou com sua trajetória literária, publicando na imprensa local e de outros estados brasileiros, a mesma pena capaz de fazer uso de uma linguagem tão terna na obra *Em Sonho... Fantasias* (1901), pode ser tão afiada e tenaz como quando trata dos direitos da mulher, por exemplo, em “De pé” e “Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana”. Esta última lida em reunião da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino em 1935, e publicada na página 22 do jornal *Diário da Manhã*, que circulou no dia 23 de junho, um domingo de 1935. Encontramos a mensagem após a publicação da ata da reunião da associação de mulheres de Pernambuco e tinha em destaque a foto de Alba Valdez.

A escritora elevou o nome de notáveis mulheres cearenses e pernambucanas para estimular a união destas em torno do desenvolvimento intelectual das mulheres e a luta pelos ideais que lhe eram comuns.

Nessa peleja pelos direitos das mulheres, Alba Valdez não esmoreceu na luta pela reconquista de uma cadeira na Academia Cearense de Letras, e foi fortalecida pela conquista do título de sócia efetiva no Instituto do Ceará, em que substituíra d. Júlia Vasconcelos.

Primeiro, entendamos o que era, e o que intencionava esta sociedade Instituto do Ceará: à moda do pioneiro e influente Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), os sócios intencionavam construir uma identidade cearense que devia ser

produto de uma concepção nacionalista, construída a partir de uma argumentação apresentada pelos intelectuais fundamentados na “história-ciência” assimilada pelos homens de letras do século XIX, com algum resquício da perspectiva romântica que a antecede, como explicou Menescal (2012).

Nesse contexto, ainda destacamos que os sócios do Instituto do Ceará assumiam um compromisso com seus objetivos e concepções, devendo suas produções históricas ou literárias contribuir para fortalecer a amálgama entre história e sociedade do Ceará. Menescal (2012) ainda sublinha que o destaque social e político da instituição no final do século XIX se devia à representatividade de seus membros, todos reconhecidos por sua inteligência e habilidade com a escrita. Eram homens de letras da sociedade cearense, alguns ligados ao ensino atuando, na Província, como professores do Liceu do Ceará, da Escola Normal ou da Escola Militar, outros eram políticos, médicos e jornalistas.

Isso posto, podemos agora tratar da inserção da mulher no Instituto do Ceará, a primeira a ser eleita, em 1930, foi a Professora Júlia Vasconcelos⁵², que segundo Girão (2001) pouco compareceu às sessões do Instituto no período de 1930 a 1936, quando se mudou com a família para o Rio de Janeiro e passou a ser sócia honorária. Com a vacância dela, foi eleita a Professora Maria Rodrigues Peixe (Alba Valdez), em 5 de abril de 1936, como podemos constatar na ata da Sessão desta data, publicada na *Revista do Instituto do Ceará* (1937)⁵³:

⁵² Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos nasceu em Granja em 07 de setembro de 1880. Descendente de família ilustre, foi eleita pelo mérito de sua produção bibliográfica na área de Geografia para substituir seu pai Professor Dr. Antonio Augusto de Vasconcelos, que era titular da cadeira nº 6 do Instituto do Ceará. Júlia Vasconcelos destacou-se por sua inteligência e cultura, falava fluentemente inglês, francês e alemão, usava o português com eloquência, o que contribuiu para ser uma jornalista e escritora de renome, dedicou-se mais de 30 anos ao magistério, que exerceu como professora de Geografia e História Geral na Escola Normal do Ceará (GIRÃO, 2001).

⁵³ A edição da *Revista do Instituto do Ceará* (1937) apresenta além das Atas das sessões de fevereiro de 1936 até a data de lançamento do Ano 51, Tomo 51, de 04 de março de 1937, da Apresentação do volume, de texto da Redação e Coletânea de Discursos em homenagem aos 50 anos da instituição, 16 produções que tratam dos mais variados assuntos dentro dos fins a que se destina esse periódico: cultura, história, etnografia, geografia, como também tem o objetivo de contribuir para as ciências e as letras do Brasil e, principalmente do Ceará. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1937/1937Apresentacao.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

Figura 39 - Ata da Sessão do dia 5 de abril, em que Alba Valdez foi introduzida como sócia efetiva no Instituto do Ceará.

Actas das sessões realizadas no anno de 1936

PRESENCIA DO EXMO. SR. BARÃO DE STUART

Sessão de 5 de Fevereiro de 1936 :

As 4 horas da tarde do mesmo ordinário, o Instituto realizou a sessão efectiva. Sr. Barão de Alencar, D. João de Sousa, Sr. Martins da Aguiar e D. Jacir M. Lúis o acta da sessão pugnante.

O Sr. 1.º secretario proferiu o seguinte :

Officio da Academia Carilino para se fazer represent. Letras e Sociedades de Cult. no Rio de Janeiro de 3 a 13

Carta do consocio Dr. A. sentando ao Instituto o resu da thesauraria, no mez de J corrente do movimento da ali

- Convide do Centro M. fazer represent. na conq. in. cathedra da Faculdade do Rio de Janeiro, realizada a bre da Faculdade do Pharnet

O Sr. 1.º secretario me publicações para a biblioteca

Passando-se á ordem do dia, a palavra, entrando em detal que o Instituto do Ceará havia seus consocios, concitando-os a firmarem não haver motivos alludidos circular, cuja leitura por linha.

Sobre o assunto manifest. do unanimidade accitadas as

O Sr. Carlos Studart, q

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ

tem a sua sede social o Instituto, para ter lugar a sessão de dita recepção, devendo realizar-se o acto pelas 10 horas.

O Sr. Barão de Stuart, ainda com a palavra, afirma que horas antes da sessão, fora procurado pela exma. Sra. D. Adilla de Albuquerque Moraes, pedindo apoio da casa á homenagem que seria, em breves dias, tribuída á Exma. Sra. D. Luis Lopes Wallace, renomada cantora cearense, com a apoio de uma placa de bronze no vestibulo do Theatro José de Alencar, não podendo o Instituto deixar de associar-se a tão justa homenagem, sobretudo reconhecendo ao merito indubitavel da distinta conterranea de quem talis eia egeundo á grandiosa nobre do arto que, ha tempos passados, lhe dedicou, em beneficio do seu futuro, o Instituto, pela unanimidade do seus socios, resolveu solidarizar-se á merecida homenagem concedendo, desta feita, o auxilio solicitado.

Sessão de 5 de Abril :

Presentes o Dr. José Demostenes Martins, representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, Padre Lauro França, representando o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, Dr. Rui de Almeida Monte, Secretario dos Negocios da Fazenda do Estado, autoridades do Ceará, o Sr. Presidente abriu a sessão, designando uma comissão composta dos Srs. Carlos Studart Filho, Thomaz Pompeu Sobrinho e Andrade Furtado para receber os novos socios effectivos a serem empossados naquella sessão, os quais se achavam num dos salões do edificio.

Introduzidos a exma. Sra. D. Maria Rodrigues, (Alba Valdez), Dr. José Waldo Ribeiro Ramos, desembargador Abner Carneiro Leão de Vasconcellos, Clodoaldo Pinto, socios effectivos, e o Sr. Francis Reginald Hull, socio correspondente, o Sr. Presidente, com a palavra, deu os motivos daquela reunião, enaltecendo o valor dos novos socios empossados, desceendendo sobre a individualidade de cada um, findo o que concedeu a palavra ao orador official, Sr. Djacir de Menezes.

Teve a palavra então o Sr. Djacir de Menezes que proferiu o discurso de recepção aos recipiendarios, seguindo-se-lhe na tribuna d. Maria Rodrigues (Alba Valdez) que, pelo espaço de trinta minutos, em erudito trabalho se occupou brilhantemente da personalidade literaria de sua antecessora Julia Carneiro Leão de Vasconcellos, cadeira que passaria a occupar no Instituto.

seus demais confrades empossados, em bem acabado discurso, agradeceu a honrosa distincção que lhes havia conferido o Instituto do Ceará, ingressando-os no seio de sua comunidade social.

Todos os oradores foram muito aplaudidos pelos exultantes orações que proferiram.

Ainda nesta sessão foi empossado o Sr. Francis Reginald Hull, vice-consul da Inglaterra, na qualidade de socio correspondente, recentemente proclamado.

O Dr. Hugo Victor Guimarães e Silva, socio effectivo,

Sessão de 5 de Abril :

Presentes o Dr. José Demostenes Martins, representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, Padre Lauro França, representando o Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, Dr. Rui de Almeida Monte, Secretario dos Negocios da Fazenda do Estado, autoridades do Ceará, o Sr. Presidente abriu a sessão, designando uma comissão composta dos Srs. Carlos Studart Filho, Thomaz Pompeu Sobrinho e Andrade Furtado para receber os novos socios effectivos a serem empossados naquella sessão, os quais se achavam num dos salões do edificio.

Introduzidos a exma. Sra. D. Maria Rodrigues, (Alba Valdez), Dr. José Waldo Ribeiro Ramos, desembargador Abner Carneiro Leão de Vasconcellos, Clodoaldo Pinto, socios effectivos, e o Sr. Francis Reginald Hull, socio correspondente, o Sr. Presidente, com a palavra, deu os motivos daquela reunião, enaltecendo o valor dos novos socios empossados, desceendendo sobre a individualidade de cada um, findo o que concedeu a palavra ao orador official, Sr. Djacir de Menezes.

Teve a palavra então o Sr. Djacir de Menezes que proferiu o discurso de recepção aos recipiendarios, seguindo-se-lhe na tribuna d. Maria Rodrigues (Alba Valdez) que, pelo espaço de trinta minutos, em erudito trabalho se occupou brilhantemente da personalidade literaria de sua antecessora Julia Carneiro Leão de Vasconcellos, cadeira que passaria a occupar no Instituto.

Fonte: Revista do Instituto do Ceará (1937).

Nas buscas por vestígios da entrada de Alba Valdez no Instituto do Ceará, deparamo-nos com a apresentação dela, que fora realizada por Girão (2001, p. 271), e desta extraímos o excerto: “Não pertencia a elite social, como sua antecessora; nem por isso podemos classificá-la como menos culta”. A eleição para o Instituto do Ceará não devia se basear em apadrinhamentos, deveriam predominar os méritos nas áreas contempladas por esta associação que importassem mais na hora de mensurar a qualidade na produção dos candidatos e candidatas ao cargo de sócio ou sócia efetivos da instituição. Porém, não podemos pensar que fora pacífica a inserção de Alba Valdez no Instituto do Ceará, as pesquisas e leituras nos mostraram que a

presença de mulheres não era aceita por todos os membros, mesmo diante do valor de suas produções.

A partir das atas das sessões de 20 de abril e 05 de junho de 1930, publicada na *Revista do Instituto do Ceará* na edição de 1931, por ocasião da candidatura e da posse, respectivamente, da Professora Júlia Vasconcelos, o sócio Dr. Antônio Teodorico da Costa registrou sua oposição à participação da mulher nos centros de cultura lítero-científicos. Este mesmo sócio ainda era parte da comissão de admissão de novos membros do Instituto do Ceará em 1936 quando a professora Alba Valdez foi eleita, sendo então, mais uma vez vencida a explícita oposição dele ao elemento feminino na instituição.

Sublinhamos os atributos que Alba Valdez possuía para ser eleita sócia do Instituto do Ceará: se consagrara professora Maria Rodrigues, fora ótima aluna de História e Geografia na Escola Normal, sempre “aprovada com distinção”, nestas disciplinas, como encontramos nos jornais de Fortaleza do século XIX.

Na obra *Dias de Luz* (1907), Alba Valdez cita o Instituto do Ceará como referência da produção de conhecimento, como também faz menção às grandes mulheres cearenses e seus feitos, conforme faz em seu discurso em homenagem aos 50 anos do Instituto do Ceará. Podemos analisar o discurso que Alba Valdez proferiu na “Sessão do dia 2”, em comemoração do jubileu do Instituto do Ceará, publicado no periódico trimestral da instituição, a *Revista do Instituto do Ceará*⁵⁴ datada de 04 de março de 1937:

[Bastava se lembrarem...Em 1817, chama-se *Bárbara Pereira de Alencar* e, auxiliada por seus filhos e parentes, proclamou a 3 de maio do mesmo ano a república do Crato, aderindo ao movimento de Pernambuco, que fracassou. Pagou a audácia patriótica com a prisão numa masmorra em Fortaleza, sendo depois transferida para uma cadeia em Recife e daí para outra da Bahia. São passados sete anos. A fogueira da revolução reacende-se com as fagulhas de 17. A Confederação do Equador tem vida efêmera, e seu presidente Tristão

⁵⁴ O Instituto do Ceará foi fundado em 4 de março de 1887, sendo a mais antiga instituição cultural do Ceará e uma das mais antigas do Brasil. A instituição tem como finalidade o estudo e a difusão da História, da Geografia, da Antropologia e ciências afins, especialmente no que se refere ao Ceará. Publica desde 1887 a *Revista do Instituto do Ceará*. Esse periódico é considerado o maior patrimônio gráfico do Ceará editado desde 1887, ano de fundação do INSTITUTO DO CEARÁ (Histórico, Geográfico e Antropológico), é entregue, anualmente, à sociedade cearense uma volumosa publicação que se convencionou intitular REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Essa Revista, publicada sem qualquer interrupção desde a fundação do Instituto, consta de trabalhos realizados preferencialmente por seus sócios efetivos no estudo dos assuntos históricos, geográficos e antropológicos voltados particularmente para o Estado do Ceará. (INSTITUTO DO CEARÁ, 2017) Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Gonçalves, morre assassinado, ao cabo de poucos meses, nas proximidades do rio Jaguaribe. Então se esparge uma glória melancólica, a de sua esposa Ana de Alencar Araripe, que o acompanhava em todas as vicissitudes da sua vida política e agora traz o nome de *Ana Triste*.

Tempo da guerra com o Paraguai. Um jovem voluntário, risonho e entusiasta, reúne-se as fileiras que rumam ao teatro das operações. Os camaradas de armas olham admirados. Por onde passa o navio em que viaja, organizam-se festas em sua honra. A população traz seu retrato. Quem é o jovem voluntário da Pátria que provoca semelhante alvoroço de alegria? É Jovita Feitosa, em cujo coração percutiu a afronta paraguaia. Inicia a aventura sonhada nos sertões piauienses, onde se encontrava, ao romper a guerra. Quer ir para lá matar paraguaios, que fizeram tantas ofensas às suas irmãs, as moças de Mato Grosso. [...] – dentre as ruínas acabrunhantes, surgiu uma ideologia alta como o céu. A ideologia abolicionista. Não há maior fator de solidariedade humana do que a desgraça coletiva. O branco sofreu [com a seca de 1877-1879] juntamente com o escravo- irmanados. E o branco apiedou-se do escravo. Houve uma revolução nas consciências. Libertar o escravo a todo transe. E a mulher era tangida por essa lufada heroica de civismo: *Maria Tomásia Figueira Lima*. Depois desses episódios marcantes na sua existência social, a mulher retorna ao lar. Os mesmos deveres, as mesmas obrigações] (VALDEZ, 1937, p. 426-427).

Essas mulheres, que Alba Valdez exalta, também foram citadas por outras escritoras como Rachel de Queiroz (Barroso, 1992). Bárbara Pereira de Alencar, Ana Triste, Jovita Feitosa e Maria Tomásia, todas têm participação em importantes acontecimentos da história cearense, cada uma em seu tempo, e assim, foram vistas por Alba Valdez como precursoras, referências que legitimaram um lugar para a mulher no mundo público na província cearense do século XIX e pela palavra da própria autora que as representou se tornaram parte da história dela.

Notamos que tanto nesse discurso como nas demais obras anteriormente mencionadas, Alba Valdez fez um trabalho de resgate e divulgação da mulher cearense do século XIX. Em uma atitude crítica e consciente de sua condição, esta autora fez um resumo da luta da mulher por equidade em vários espaços sociais, mesmo que em alguns pontos de sua fala estejam marcadas por determinadas convenções sociais de sua época.

Essas marcas do tempo da escritora que demonstram determinada compatibilidade com as ideologias vigentes na sociedade em que vivia, permitiram-lhe discursar e publicar sua palavra na imprensa. A mulher não devia escrever e publicar, seu lugar era o interior do lar, mas se ela cruzou a porta e ganhou a rua, se sua voz ecoou nos periódicos, ela tinha, certamente um discurso legitimado cultural e

socialmente. Era do lugar de professora, de mulher católica que respeitava as ideologias em voga na sociedade cearense que ela podia escrever e publicar.

O esquadramento dos periódicos, incluindo a *Revista do Instituto do Ceará*, nos mostra que Alba Valdez seguiu escrevendo contos, artigos, crônicas, ensaios, críticas literárias e publicava em jornais e outros periódicos, livros e almanaques. Podemos destacar que ela privilegiou a narração hagiográfica de importantes fatos históricos, o cotidiano de Fortaleza e suas próprias memórias em forma, principalmente, de crônicas, gênero que tão bem transita entre a imprensa e a literatura.

Escrever sobre fatos históricos e seus protagonistas era uma prática corrente dos escritores desse período, como se pode verificar na leitura da *Revista do Instituto do Ceará* e outros periódicos. No entanto, isso não desconstrói a relevância da escrita de Alba Valdez ou de outras mulheres em que se percebe um discurso próprio de suas épocas.

Assim sendo, o que Almeida (2006) afirmou, em relação à obra de Francisca Clotilde - outra escritora cearense do século XIX -, que a transgressão não está centralizada no conteúdo do que as mulheres escreveram, mas no próprio ato de escrever e publicar, pode também ser considerado com relação à escrita de outras mulheres desse tempo.

Destacamos o discurso de Alba Valdez, era coerente com sua posição de única mulher sócia efetiva do Instituto do Ceará, ela legitimou sua presença chamando atenção para capacidade da mulher cearense de pensar, de decidir, agir no espaço público, dentro do que lhe fosse possível e necessário, como também na capacidade de se expressar com eloquência.

Assim, reconhecemos também sua coragem e capacidade crítica tenham se tornado mais fortes e engajadas depois de sua exclusão da Academia Cearense de Letras, visto que perderam seu tom ameno e ganharam em uma crítica sutil, mas mordaz, como vemos nas ideias proferidas na sessão 2, no Instituto, na presença um público seleto de intelectuais e da elite do Estado, pois se tratava de reunião comemorativa dos cinquenta anos da instituição.

Ao serem publicadas no periódico do próprio Instituto, as palavras de Alba Valdez tiveram seu público ampliado - além dos ouvintes que estiveram presentes no Instituto do Ceará, ela teria um público leitor - assim como, é preciso ressaltar que essa publicação oral e impressa a imortalizou nas páginas da revista. Ainda temos

que mencionar que isso somente foi possível porque a autora fora eleita sócia efetiva do Instituto do Ceará em 1936.

Destarte, o lugar de que Alba Valdez escreve e publica esse discurso já é uma transgressão para mulheres, uma vez que ela foi a segunda mulher a ser efetivada como sócia no Instituto do Ceará - que tinha objetivo principal “tornar conhecidas a história e a geografia da província e concorrer para o desenvolvimento das letras e ciências”, conforme Art. 1º § 1º de seus estatutos (INSTITUTO DO CEARÁ, 1887, p. 9). Era um lugar da história oficial, do panegírico, uma associação de homens ricos, brancos, intelectuais de sua época, que abriu às mulheres a possibilidade de serem sócias efetivas. Alba Valdez não tinha posses, não era de uma família tradicional, contudo a notoriedade que esta escritora conquistou em seu tempo, por ter publicado no estrangeiro e por todo o Brasil seria útil ao Instituto do Ceará.

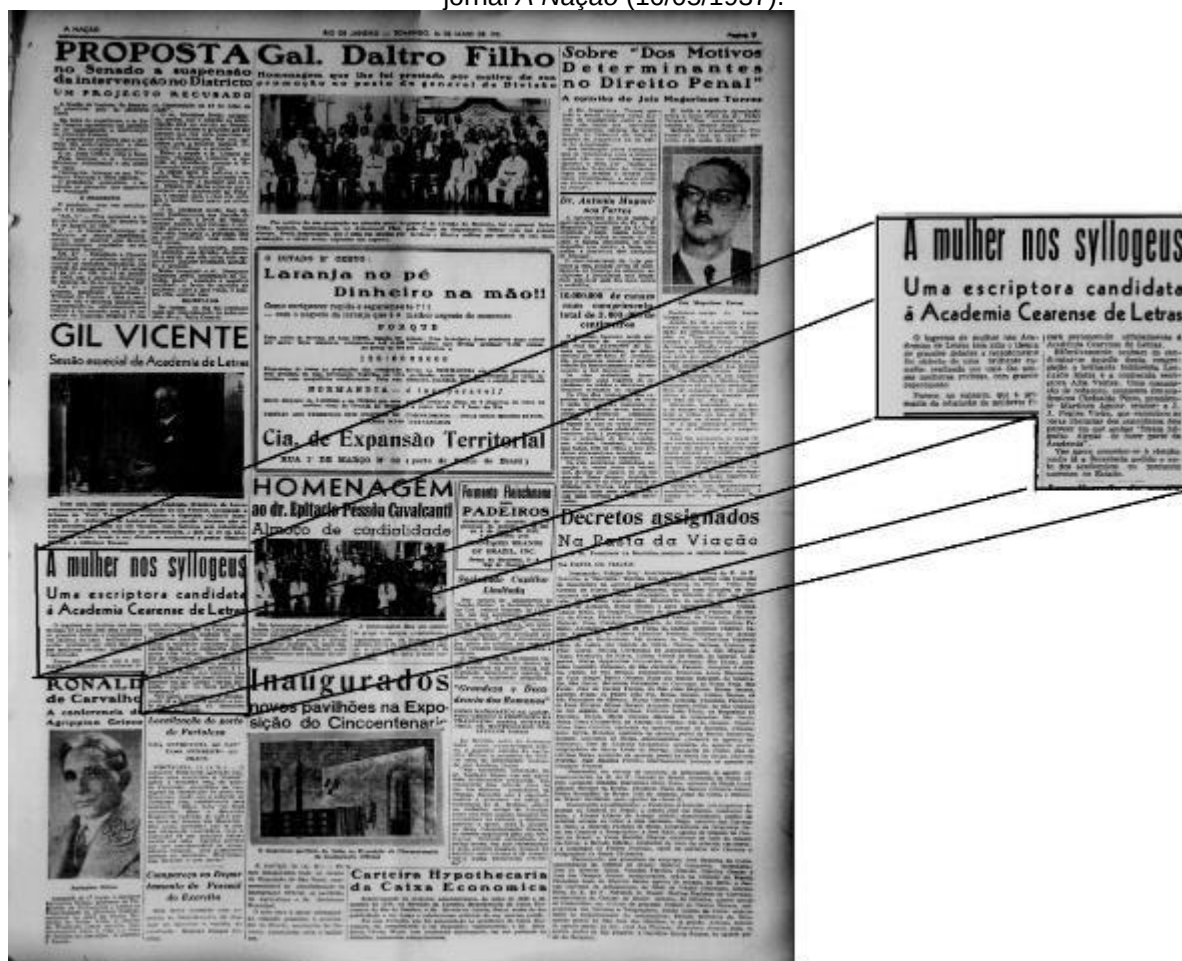
Para descrevermos Alba Valdez temos que vê-la como uma das pioneiras na publicação na imprensa e em forma de livros no Ceará, como membro de diversas associações literárias; afinal ela fora uma das sócias fundadoras da Liga Feminista Cearense. Tudo isso oportunizou a Alba Valdez colocar seu nome em evidência, ser eleita para ocupar uma cadeira no Instituto do Ceará e protagonizar uma das grandes polêmicas das Academias de Letras: ter mulheres como sócias efetivas em seus quadros, semelhante a já vivenciada no Instituto do Ceará.

Reconhecemos Alba Valdez, sobretudo, como era uma legítima representante da mulher cearense no espaço público, e com um perfil que despontava no final do século XIX e transição para o XX: ela não se casou, trabalhava fora de casa, tomava a palavra, era uma estudiosa, ousava o suficiente para ser um destaque no grupo de precursoras das beletistas no Ceará e no Brasil e atendia aos padrões sociais da época.

Essa inserção no Instituto do Ceará potencializou as forças de Alba Valdez para lutar pela recuperação de seu lugar na Academia Cearense de Letras, e ela candidatou-se logo que surgiram as vacâncias por conta do falecimento de alguns membros.

O anúncio da candidatura de Alba Valdez à Academia Cearense de Letras fez dela, mais uma vez, uma das mulheres de letras pioneiras no Ceará e no Brasil, como reconhece o jornal *A Nação*, que na capital da república destaca a importância da iniciativa dessa escritora e já dá como certa sua eleição. O jornal *A Nação*, edição de 16 de maio de 1937, fez uma publicação que vemos como reação ao artigo “De pé”:

Figura 40 - Notícia sobre a candidatura de Alba Valdez à Academia Cearense de Letras no jornal A Nação (16/05/1937).



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Fora eleita para a Academia Cearense de Letras em 1937, e conquistou oficialmente um lugar que lhe permitiria subir à tribuna de mais um centro da intelectualidade cearense. Era novamente a única e a ainda a primeira mulher daquela sociedade que lhe excluía poucos anos antes. Isso alargava seu espaço para publicar através da revista da instituição.

Pela leitura das publicações, podemos afirmar que Alba Valdez dividia seu tempo entre o Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras, participando das reuniões e escrevendo. Alba Valdez conquistara a “Cadeira 22”, não estava mais “De pé”, a conquista dela não pode ser vista como um prêmio pessoal, esta escritora cearense adentrou um espaço que honrou a luta de tantas outras escritoras anônimas, mas que também não desistiram, e que contribuíram para que ela chegasse ao mundo público. Alba Valdez não estava na Academia Cearense sozinha, sua palavra

condensava a voz de tantas mulheres, e o percurso da sua obra pelas belas letras e imprensa cearense tem muito a acrescentar às relações entre as narrativas literárias e jornalísticas.

Assim, comprovamos que os periódicos foram mais do que suportes, como ocorreu para maioria dos literatos e literatas brasileiros, para Alba Valdez os jornais, além de acolher a sua produção, contribuíram com a sua constituição, os gêneros que deram forma à sua sensibilidade, ideias e emoções, que foram modelados a partir do uso que essa beletrista fez de sua pena e estão presentes no seu processo de escritura.

Não podemos deixar de reconhecer que os periódicos foram também arma e ferramenta para Alba Valdez, que como ela mesma disse em sua produção “De pé” (1930) só soltaria a pena com a morte, um jeito poético de dizer que continuaria a escrever em quaisquer circunstâncias, foi isso que observamos acontecer, a autora escreveu até às vésperas de sua morte, e sua última publicação fora no jornal, um jeito dela de dizer adeus, modestamente agradecendo às homenagens que lhes prestaram.

A morte de Alba Valdez também pode ser contada a partir dos periódicos que, em 1962, noticiaram o fato e homenagearam esta escritora e jornalista cearense. Os recortes de jornais cearenses, *Unitário* (1962), *Correio do Ceará* (1962) e *Tribuna do Ceará* (1962), nos primeiros dias do mês de fevereiro, registraram a morte de Alba Valdez e homenagearam a escritora rememorando sua história de vida, sua trajetória bibliográfica, como também encontramos em meio aos obituários o convite da família para seu sepultamento.

Nas informações bibliográficas, detecta-se alguns equívocos em relação a datas, como o ano de publicação de seu primeiro livro, *Em Sonho...Fantasias*, pois afirmaram que a primeira edição era de 1904, mas um exemplar desta mostra ser de 1901, como já foi exposto. No jornal carioca *Correio da Manhã*, de 11 de fevereiro de 1962, trouxe o convite da família para “missa de sétimo dia”, ritual da igreja católica para com seus mortos, também esclarece equívocos dos biógrafos, quando afirmam que Alba Valdez morreu no Rio de Janeiro, visto que ela faleceu e foi sepultada no Ceará. Isso já se podia comprovar a partir do “Convite-Enterro” no jornal *Unitário*, que divulga o endereço do velório, no Bairro Benfica, Fortaleza- CE.

Figura 41 – Mosaico de recortes de jornais cearenses que noticiaram a morte e homenagens póstumas à Alba Valdez; Convite para enterro e missa de 7º dia de Alba Valdez.



Fontes: Jornais cearenses *Unitário*, *Correio do Ceará* e *Tribuna do Ceará* de fevereiro de 1962; jornal do Rio de Janeiro, *Correio da Manhã* (11/02/1962).

Localizamos também o túmulo de Alba Valdez no Cemitério São João Batista, na capital cearense, que se encontra abandonado, conforme informaram as funcionárias do cemitério, inclusive pelos poucos e já distantes familiares, uma vez que, a autora não teve filhos, sendo assim, não possui descendentes diretos.

Percebemos que informação referente a data de nascimento gravada na lápide de Alba Valdez não confere com os vários registros que encontramos em muitos jornais, em diferentes e diversos anos, em que constavam felicitações para a escritora, bem como, um registro dela própria no último texto que publicou no jornal *Unitário*

(1962), em que afirma que a data de seu sodalício foi 12 de dezembro de 1874, como pode ser verificado na transcrição desse texto (ANEXO A).

Figura 42 – Fotos do Túmulo de Alba Valdez.



Fonte: Arquivo Iconográfico da Pesquisa, fotos registradas em 25/08/2018.

Desse modo, reconhecemos que, somente juntos, as memórias e os registros dos jornais, como fontes documentais, possibilitaram, de fato, a revisitação da história e da obra de Alba Valdez, para com a reorganização de sua escrita contribuir para que possamos olhar a literatura cearense a partir de outro prisma: a partir da inserção das mulheres no “florilégio” das belas letras cearenses. Dessa maneira, após reconstruirmos a história de vida de Alba Valdez, enfatizaremos agora o percurso de sua produção na literatura e na imprensa.

2.2 Trajetória bibliográfica de Alba Valdez

Sobre a participação feminina, os periódicos abriram as portas para elas, muitas das quais ultrapassaram a mera colaboração. Sua participação, geralmente anônima, ou sob pseudônimo, se dava através da escrita de poesias, de charadas, contos e muitas vezes de traduções.
(BARBOSA, 2007, p.88)

Os jornais são o ponto de partida para a história de Alba Valdez, a imprensa é a verdadeira terra natal dessa escritora, porque quem nasceu no sítio Espírito Santo, em São Francisco de Uruburetama foi Maria Rodrigues Peixe, a menina que virou a jovem professora na Escola Normal. Elas coabitaram o mesmo corpo durante um tempo, talvez tenham lutado, ou, simplesmente, chegaram a um acordo diplomático em que decidiram quem prevaleceria e Alba Valdez tomou posse de Maria Rodrigues com o passar do tempo.

Alba Valdez rendeu-se nos estudos, depois ao magistério, se transformou em jornalista, publicando seus primeiros textos já na Escola Normal do Ceará, no jornal *O Orvalho* (1888), acreditamos nisso a partir da análise de diversas obras, o que faremos somente no terceiro capítulo.

A maioria dos registros de jornais do século XIX, notas de aprovação nas escolas primária e secundária que divulgavam seus resultados nos jornais locais, mencionam Maria Rodrigues, o sobrenome do pai, “Peixe”, não era mais utilizado, talvez por receio de chacotas. Essa hipótese pode ser reforçada a partir da revista *O Malho*⁵⁵, edição de 19 de março de 1921, em que encontramos uma referência satírica ao nome da escritora:

⁵⁵ *O Malho* era uma revista ilustrada de sátira política, que circulou no Rio de Janeiro por mais de meio século, entre os anos de 1902 e 1954 foi publicada semanalmente, recheada de charges, caricaturas, chistes que ironizavam a política nacional e a sociedade em geral. O caricaturista francês Crispim do Amaral, fundador e diretor artístico da revista, é um dos seus fundadores e seu trabalho é responsável pelo sucesso desse periódico. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MALHO,%20O.pdf>. Acesso em 12 Dez. 2016.

Figura 43 - Nota satírica sobre o sobrenome “Peixe” de Alba Valdez, publicada em *O Malho* (19/03/1921).



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em meio às charges, ilustrações, anúncios, charadas, propagandas, críticas políticas e pilhérias de *O Malho* (1921), encontramos a transcrição de um jornal cearense na coluna “Chumbo Meudo”, assinada por Antônio Silvino, em que se satirizava o último sobrenome da escritora cearense Maria Rodrigues “Peixe” (Alba Valdez):

Informa um jornal cearense que a poetisa Alba Valdez, muito conhecida em todo o Norte, chama-se simplesmente Maria Peixe. — Mas ela não gosta que se saiba disso, - informa o Carlos Vasconcelos. E adianta: _ Quando a chamam “Peixe”, ela fica... “escamada”! (SILVINO, 1921, s.p.)

Deduzimos que esse tipo de chiste deve ter acontecido muitas vezes na vida dela, e provavelmente motivou o abandono desse sobrenome reduzindo a Maria Rodrigues e depois substituindo por Alba Valdez, porque isso deu a ela a liberdade para publicar o que escrevia sem contrariar seu pai.

As biografias de Alba Valdez, publicadas após sua morte explicam a escolha de pseudônimo e relatam ter sido em um jornalzinho de Maranguape, pequeno município do Ceará, que saíram seus primeiros rabiscos literários.

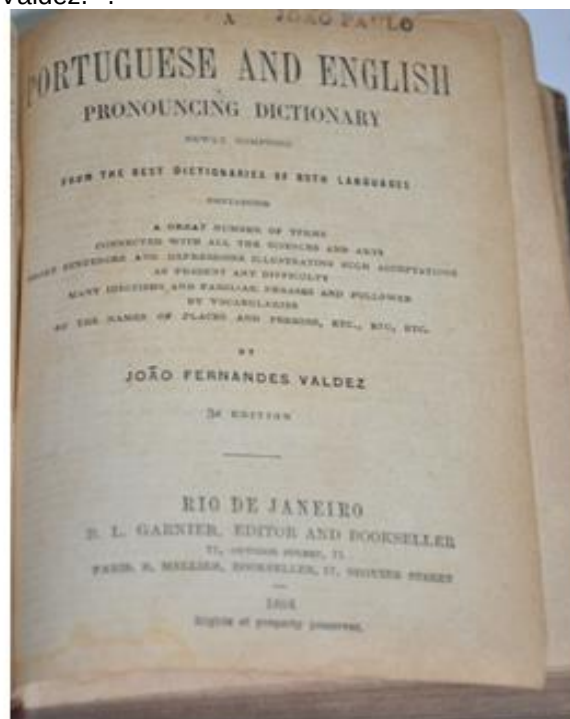
Figura 44 - Homenagem póstuma à Alba Valdez escrita por Pantaleão Damasceno, publicada pelo jornal *Unitário* (11/02/1962).



Fonte: biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel.

O jornal transcreve um fragmento de uma carta de Alba Valdez destinada ao professor João Hipólito Campos de Oliveira (*UNITÁRIO*, 1962), em que explica a origem de seu pseudônimo: a escolha do nome “Alba” foi uma homenagem à filha de seu professor de geografia e história do Brasil, Thomas Pompeu, de quem ela era amiga e admiradora, ressaltando-lhe principalmente a inteligência, reconhecimento que na época era incomum para mulheres; o sobrenome “Valdez” veio para combinar com a origem espanhola do nome “Alba”, e lhe aparecera a partir de um dicionário utilizado na década de 1880. O conjunto, “Alba Valdez”, formava também as iniciais de seu autor predileto, Antônio Vieira.

Figura 45 - Folhas de rosto dos Dicionários de Espanhol-Português (1864) de Manuel do Mascarenhas Valdez.⁵⁶ e do Dicionário de Português e Inglês (1884) de João Fernandes Canto Castro Valdez.⁵⁷



Fonte: Imagens do Google Book

Averiguamos que circulavam na segunda metade do século XIX dois dicionários de autorias diferentes, que tinham em comum o sobrenome Valdez, porém, o de João Fernandes Valdez⁵⁸ era o que circulava no Brasil, publicado pela Garnier. Dessa forma, podemos verificar que nessa época ocorreu também a escolarização dos dicionários, que para isso se tornaram mais compactos e leves, predominando a lexicografia bilíngue (VERDELHO; SILVESTRE, 2011). Muito utilizados no final do século XIX, os dicionários, obras que muito contribuíam com o uso eloquente da

⁵⁶ Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=WBUTAAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 26 Mar. 2017.

⁵⁷ João Fernandes Valdez, cidadão de origem peruana, mas naturalizado brasileiro, que assumiu a autoria de um conjunto de dicionários bilíngues (começou com o inglês-português, e depois seguiu relacionando outros idiomas ao português), impresso na França e distribuído em Portugal e, principalmente no Brasil pela casa editora Garnier (VERDELHO; SILVESTRE, 2011).

⁵⁸ VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo. **Lexicografia Bilíngue: a tradição dicionarística Português-Línguas Modernas**. Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Universidade de Aveiro, 2011. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=5vx8BAAQBAJ&pg=PA33&lpg=PA33&dq=lexicografia+bilingue+s%C3%A9culo+xix+no+brasil&source=bl&ots=K_SsQbRNjJ&sig=2W5qdVH9dfzLTSTXMIscY0yY&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwj01J_SiNFVAhXJx5AKHV_xDUMQ6AEIJzAA#v=onepage&q=lexicografia%20bilingue%20s%C3%A9culo%20xix%20no%20brasil&f=false. Acesso em: 26 Mar. 2017.

língua, visto que, ampliavam o vocabulário, faziam parte do cotidiano escolar, assim, inferimos que devem ter sido muito utilizados pelas alunas da Escola Normal do Ceará também.

Ao confrontarmos o artigo “O Centenário de Alba Valdez”, de F. Alves de Andrade, publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras* em 1976, com o artigo publicado no jornal *Unitário* (1962) acrescentando outros testemunhos sobre o pseudônimo de Alba Valdez, percebemos a corroboração das informações:

Usou sempre o pseudônimo de Alba Valdez. De início, para ocultar-se da censura dos seus venerandos pais que, acompanhando a tônica da austeridade patriarcal, julgavam que escrever não era ofício de mulher. Confessou em vida esta particularidade a Maria da Conceição Souza, biblioteconomista da Academia Cearense de Letras. Usando ainda ternura e carinho, tomou o nome de Alba de uma sua grande amiga, filha de Tomás Pompeu, e Valdez do velho dicionário da língua portuguesa. Revelou-nos esta última minudência o poeta Carlile Martins, titular da referida Academia (ANDRADE, 1976, p. 142).

Certos de que a jovem normalista se protegeu do patriarcalismo atrás dos pseudônimos, questionamos se antes de Alba Valdez ela pode ter utilizado o codinome “Mademoiselle***” na revista *A Quinzena*, em 1888, apesar de haver suposições deste ser mais um pseudônimo de Francisca Clotilde.

O alônimo de “Mademoiselle***” tem três publicações no periódico *A Quinzena*, todas do ano de 1888, “Roubo de 9 contos” de 28 de março. “O Natal” de 16 de abril, e “A saudade” de 10 de junho. Nossas suspeitas surgem a partir dessas duas últimas publicações nessa revista que pertencia ao Clube Literário. Isso ocorre porque, no número 5 do ano II, de 28 de março de 1888, há uma nota (N.B – note bem) publicado após o conto “O roubo dos 9 contos”, além da crítica a produção feminina apresenta pistas que instigam a curiosidade do leitor para descobrir a identidade de “Mademoiselle***” que detalharemos no terceiro capítulo.

Como nos alerta Barbosa (2007), é preciso desconfiar dos nomes estrangeiros que encontramos nos periódicos do século XIX, pois no Brasil o uso de pseudônimos ou do anonimato era além de um subterfúgio muito usado pelas mulheres para camuflar a sua identidade, ter maior facilidade para publicar, aceitação do público e, principalmente, driblar o preconceito com a autoria feminina, afinal, o ofício da pena não era visto como uma atividade para as mulheres.

Em 1889, já com o pseudônimo de Alba Valdez, e com apenas 15 anos, publicou um poema “Os Sonhos” no jornal *Constituição*⁵⁹, na edição de 02 de fevereiro.

Durante os anos finais do século XIX, observamos que a produção de Alba Valdez se concentrou na imprensa de Fortaleza, os biógrafos desconsideram o pouco que publicou antes de 1895, destacando este ano como estreia dela como jornalista e escritora, no jornal *Diário do Ceará*, a convite do Dr. Justiniano de Serpa, um dos redatores do periódico.

Apuramos que o *Diário do Ceará*, criado em 1894, segundo Studart (1924) era uma continuação do jornal *O Commercio*⁶⁰. O número 1 foi publicado em Fortaleza no dia 12 de novembro, em uma segunda feira, e encerrou suas publicações no ano seguinte, 1896.

Assim, reconhecemos que a condição efêmera dos periódicos é um traço da imprensa em todo país, nos anos oitocentistas, após a instalação oficial da imprensa no Brasil, o ato de abrir e fechar jornais era frequente, muitos não passavam do primeiro número, e o Ceará não fugiu a essa regra, que Zilberman (2007) já sublinhava.

Sabemos que as publicações no *Diário do Ceará* entre 1895 e 1896 deram notoriedade ao talento da jovem Alba Valdez, que contava com seus 21 e 22 anos de idade, a partir daí ela ganha espaço na imprensa da época para publicar não somente no Ceará. Essas produções que estamparam as páginas do *Diário do Ceará* foram compiladas em 1901 no livro *Em Sonho...Fantasias*, como também foram publicadas em vários periódicos dentro e fora do Brasil, como veremos com mais detalhes no terceiro capítulo.

Verificamos que Alba Valdez reconheceu em seu discurso de posse, na sua segunda entrada na Academia Cearense de Letras a relevância do convite de Justiniano de Serpa para publicação de suas composições no *Diário do Ceará*, que fora publicado na revista dessa instituição em 1953:

⁵⁹ A *Constituição* foi publicado de 1863 a 1889, em Fortaleza, durante dois anos era publicado semanalmente, depois passou a ser diário, e suprimiu o artigo “a” do seu título. Era um órgão do partido conservador, um de seus redatores foi Justiniano de Serpa. Esse periódico era representante das ideias do partido conservador, em oposição as ideias do jornal *Pedro II*, também um órgão conservador de Fortaleza. Encerrou suas atividades dois dias depois da proclamação da República.

⁶⁰ O Jornal *O Commercio* foi publicado em Fortaleza de 1893 a 1894, dizia-se “jornal para todos” e pertencia a Teodomiro de Brito & CIA, mesmo proprietário do jornal *Diário do Ceará*, que o substituiu (Studart, 1924).

Há, porém, outro fato⁶¹ que, para mim, merece especial relevância por se tratar da parte inicial da minha peregrinação nos domínios da literatura. Não fora o jornalista J. de Serpa, jamais me teria exposto aos azares da palavra impressa. Ao caderno de composições da menina que entrara na Escola Normal, aos 12 anos, possivelmente se ajuntariam outros, a sombra, fenecedora da gaveta. (VALDEZ, 1953, p.138)

Assim, podemos afirmar que a palavra de Alba Valdez escapou das gavetas para o mundo público, e mesmo depois de ficar conhecida como grande escritora no seu tempo, ela caiu no esquecimento, os jornais do século XIX e primeira metade do século XX, são evidências de sua escrita e notoriedade nessa época. Desse modo, são os periódicos que podem traçar a trajetória de Alba Valdez nessa busca arqueológica nos arquivos e hemerotecas.

Também localizamos, em 1897, no jornal *Diário de Notícias*, de Belém-Pará, na publicação de 31 de outubro, na primeira página, uma curta crônica, intitulada “Noturno”, inédita em formato de livro e não citada também em nenhuma de suas biografias. A composição tratava de fantasias, de saudade, de amor, descrevendo uma natureza exuberante e uma noite estrelada e misteriosa.

Há nessa obra umas semelhanças que consideramos como uma espécie de relação intertextual de Alba Valdez com José de Alencar, pois a autora cita esta obra alencarina em meio ao enredo de seu segundo livro *Dias de Luz* (1907), evidenciando-a como obra predileta de uma das personagens do romance de memórias da escritora, a normalista “Gracinha Macedo”:

A conversa resvalou para as belas letras, romances, poesias e dramas. Dizia Gracinha Macedo, filha de um letrado da terra e membro do Instituto do Ceará:

- O livro que adoro, que acho o mais belo de todos, é *Iracema*. José de Alencar com a luz fulgentíssima de talento genial sintetizou nesse poema de amor da pátria todas as belezas nossa terra, todas as nossas dores e o desprezo da adversidade que é uma predominante do nosso carácter (VALDEZ, 1907).

Já o “O sonho do cego” foi uma crônica bastante conhecida nos anos finais do século XIX, portanto, sempre mencionada nas incursões biográficas sobre Alba Valdez, publicada nos jornais cearenses, no *Diário do Ceará*, no jornal fortalezense *A República* em 1900, na edição de 16 de maio. Essa crônica trata da tristeza de um

⁶¹ O primeiro fato relatado no discurso diz respeito à sua primeira inserção na Academia Cearense de Letras em 1922.

homem que perdera a visão, o lar e a esperança de viver, que ao dormir sonha ou rememora que enxerga e, assim, tem sua vida de volta, passando a ser feliz dormindo e a almejar, então, dormir para sempre.

Também nos deparamos com essa crônica no jornal *Pacotilha*, jornal da tarde, do Maranhão, na terceira coluna da segunda página da edição de 30 de maio de 1900, sendo que na primeira só foi preenchida por propagandas e anúncios dos mais variados produtos e serviços. Nesse periódico que se auto identificava como “o jornal de maior circulação” na capital maranhense, o “O sonho do Cego” foi publicado ao lado do poema “Quarenta Anos” de Olavo Bilac, assim como ladeado à esquerda por transcrição de matéria publicada no jornal *A República*. Isso nos possibilita perceber o intercâmbio existente entre os jornais e o prestígio que a autora detinha.

Outra produção inédita em formato de livro, publicada apenas nos periódicos, que encontramos através do garimpo nas hemerotecas, foi “Folha de um livro: inédito”. Na revista *A Tribuna*, periódico do Congresso Literário, que quinzenalmente circulava em Natal, Rio Grande do Norte, fascículo 15, dividindo o espaço da oitava página com poemas de Celestino Wanderley, que homenageia postumamente Auta de Souza - poetisa potiguar que havia falecido naquele mesmo ano; e de Francisco Palma com um soneto intitulado “Mãe”. No final da segunda e última coluna desta página há uma convocação aos sócios da agremiação “Congresso Literário” para sua assembleia geral. Salientamos que Alba Valdez também escrevera e publicara nos periódicos, assim como no livro *Em Sonho...Fantasias* (1901) uma homenagem a poetisa potiguar que falecera.

No jornal *A Cidade* (1901) encontramos um anúncio sobre a revista *Praça do Ferreira*, no qual constava o sumário desse periódico e nele vemos a que aparece uma publicação de Alba Valdez, porém, esse consiste no único registro dessa revista, da qual não localizamos nenhum exemplar.

Logo, ficou nítido para nossa pesquisa que Alba Valdez publicava nos mais diversos jornais e revistas brasileiros, não restringindo o deleite de suas tão apreciadas descrições apenas aos leitores e leitoras cearenses. Assim, para encontrarmos mais vestígios de sua produção se faz necessário percorrer os periódicos de vários estados brasileiros, conforme orienta Eusébio de Sousa (1937) ao citá-la em sua obra antológica sobre o Instituto do Ceará, *Meio Século de Existência: subsídio para a história do Instituto do Ceará, 1887-1937*:

D. Maria Rodrigues (Alba Valdez) vem continuamente colaborando nos jornais de Fortaleza, aos quais desde o ano de 1895, primitivamente no *Diário do Ceará*, *A República*, *Unitário*, *Diário do Estado*, e depois no *Jornal do Comércio*, *A Razão* (direção de Monte Arrais), *A rua*, *Gazeta de Notícias* e *O Povo* e muitos outros desta capital vem prestando o concurso de seu peregrino talento. Com d.d. Amélia e Olga Alencar Matos, fundou em Baturité, o jornal literário *O Astro*, o qual passou depois a ser editado em Fortaleza. São sem número as publicações periódicas disseminadas pelo norte e sul do país que tem acolhido a brilhante colaboração da beletrista cearense, notadamente em Manaus, Belém, Teresina, Natal, Recife, Maceió, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. (SOUSA, 1937, p.220)

Além de nomear vários periódicos cearenses e trazer a informação da participação de Alba Valdez na fundação de *O Astro*, Sousa (1937) destacou a peregrinação das publicações de Alba Valdez pela imprensa de diversas capitais do Brasil, apontando o curso da obra da escritora que objetivamos descrever, por hora a partir de uma organização diacrônica, porque resguardaremos para o próximo capítulo a realização de uma incursão sincrônica pela sua obra.

Destarte, precisamos esclarecer esta suposta participação de Alba Valdez no jornal *O Astro*, e, logo afirmamos que os jornais cearenses dos primeiros anos do século XX, não mencionam Alba Valdez como fundadora, havia sempre um enfoque nas redatoras, as irmãs Olga e Amélia Alencar. Mas, existia grande proximidade entre essas três jornalistas, visto que elas fundaram juntas a Liga Feminista Cearense (*JORNAL DO CEARÁ*, 1904), outro indício é que Alba Valdez também lecionou em Baturité antes de conseguir retornar para Fortaleza, como citamos na primeira seção desse capítulo.

Vamos permanecer no percurso da pena de Alba Valdez pelos prelos do século XIX e XX, destacando que os jornais cariocas também abriram espaço aos textos de Alba Valdez, principalmente depois da repercussão de seu primeiro livro que teve vários de seus capítulos traduzidos para outros idiomas e apreciados em outros países.

Todos os seus biógrafos, como também Cézar (1929), no jornal *A Razão*, na coluna “Florilégio”, e Sousa (1937), como também várias notas sobre a escritora publicadas nos jornais e nas revistas destacaram o sucesso que as produções de Alba Valdez fizeram no estrangeiro:

Vários escritos seus foram transcritos em jornais d'além-mar. Publicou um trabalho: “A Carta” no “Album da Mala da Europa” que foi traduzido para o “Le Matin” de Paris. Uma fantasia intitulada “Recordações”,

extraída do “Em Sonho”, foi traduzida para o jornal sueco “Hyad Nytt” e para uma antologia adotada nas escolas da Suécia, pelo notável escritor Dr. Goran Bjorkman, eminente glotólogo (CESAR, 1929, p.3).

A notoriedade de ser reconhecida na Europa deu à beletrista cearense a legitimidade de, nas primeiras décadas do século XX, publicar em jornais de grande circulação nacional. No Rio de Janeiro, estampou na primeira página de *A Capital*, o jornal que se dizia de maior circulação naquele estado, publicado em Niterói, a crônica “Folha Solta: página cearense”, na edição de 06 de agosto de 1903. O jornal *Gazeta de Petrópolis*, publicado na cidade homônima, do estado do Rio de Janeiro, também publicou em 1908 a crônica “Folha Solta: página cearense”, em sua edição de 05 de setembro.

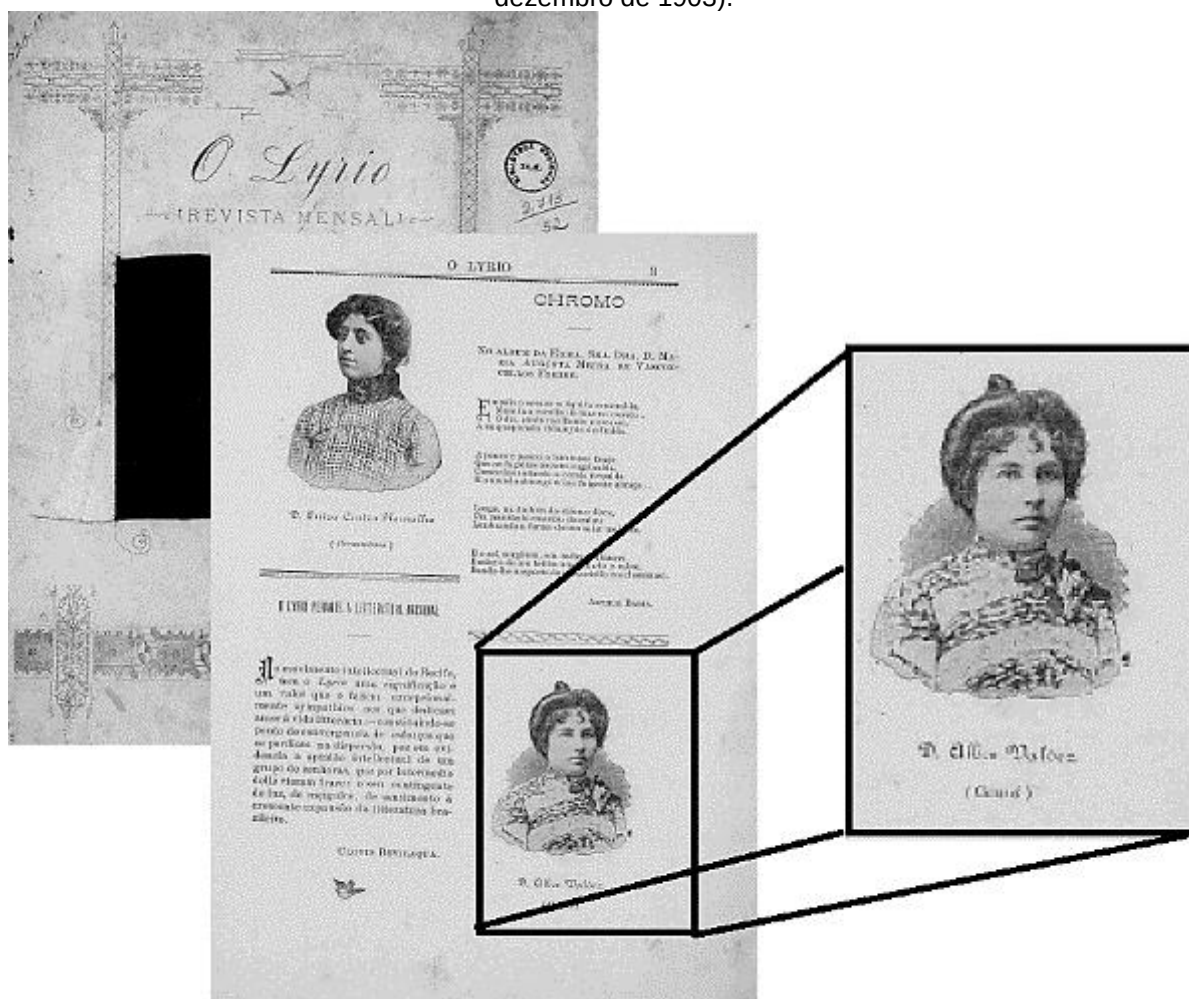
Além da evidência que vivenciou no periodismo carioca, registramos em nosso levantamento bibliográfico que Alba Valdez também publicou na imprensa pernambucana, em que se destacou pela participação na revista *O Lyrio*, o periódico de mulheres, com direção e redação de Amélia de Freitas Beviláqua. Alba Valdez foi uma das correspondentes dessa revista no Ceará. Realizamos o cotejamento dessa revista no Arquivo Público de Pernambuco, através de consulta à obra digitalizada.

Nesse contexto, *O Lyrio* privilegiava a palavra das mulheres e objetiva divulgar a autoria feminina. Segundo Mendes (2007) esse periódico foi uma relevante ligação entre as mulheres intelectuais do período, final do século XIX e XX, estabelecendo a formação de uma “rede de sororidade”.

Assim, listamos no *O Lyrio* as obras de Alba Valdez que circularam nessa revista, ela publicara várias crônicas como “A Boda” na edição de março, “Descrição Cearense” em abril, “Visão do Crepúsculo” em maio do ano de 1903, respectivamente, no quinto, sétimo e nono número.

Ademais, Alba Valdez também colaborou nos números 15 e 17 do ano de 1904 desta revista pernambucana, com as publicações “Coração” e “Beija-flor”, nas respectivas edições de janeiro e março. Nessa revista, encontramos uma plêiade de importantes mulheres brasileiras que também contribuíram: as cearenses Ana Nogueira Batista, Francisca Clotilde e Úrsula Garcia; as pernambucanas Cândida Duarte Barros, Maria Augusta Meira de Vasconcelos Freire, Lúcia Ramalho, Francisca Izidora, Edwiges de Sá Pereira; Rosália Sandoval, de Alagoas; Inês Sabino, da Bahia; Maria Clara da Cunha Santos, do Rio de Janeiro; entre muitas outras. Circulou também nos números 13 e 14 uma foto de Alba Valdez:

Figura 46 - Imagem de Alba Valdez publicada em edição da revista *O Lyrío* (novembro-dezembro de 1903).



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Nessa edição de *O Lyrío*, de novembro e dezembro de 1903, se comemorava o aniversário de um ano de publicação da revista. Ressaltamos que *O Lyrío* foi fundada e era de propriedade de um homem, o Sr. Cintra Luís, mas tinha redação e correspondentes femininas⁶². Na edição comemorativa foram publicados os retratos de várias escritoras que colaboravam com o periódico, a revista tinha correspondentes espalhadas por todo o país, como Alba Valdez, que foi retratada na oitava página, ao lado da pernambucana D. Luiza Cintra Ramalho. As imagens dessas mulheres de letras dividiam o espaço da página com o soneto “Cromo” de Arthur Bahia e pequena homenagem intitulada “O Lyrío perante a Literatura Nacional”, escrita pelo jurista cearense Clóvis Beviláqua, esposo da redatora-chefe Amélia de Freitas Beviláqua.

⁶² *O Lyrío* (1902-1904) tinha sua redação formada por um grupo de mulheres de letras: Amélia de Freitas Beviláqua (redatora-chefe), Úrsula Garcia (redatora-secretaria), Dra. Maria Augusta Freire, Edwirges Sá Pereira, Luiza Ramalho e Adalgisa Ribeiro (redadoras).

Essa breve publicação sintetiza o importante papel dessa revista feminina de Recife: “ponto de convergência da aptidão intelectual de um grupo de senhoras” (BEVILÁQUA, 1903).

Alba Valdez era parte desse grupo de mulheres que se dedicou a literatura e a imprensa, como afirmou Beviláqua (1903): as colaboradoras de *O Lyrio* eram pessoas que tinham amor à vida literária.

Além da imprensa da capital cearense e de outros estados brasileiros, verificamos que a obra de Alba Valdez também foi publicada pelo interior, como no jornal *A Cidade*, de Sobral, em 1904, saiu o ensaio “A utilidade do jornal”, em 08 de fevereiro; no espaço de rodapé da primeira página desse mesmo jornal, com algumas diferenças da publicação feita na revista *Lyrio*, “Coração” circulou no jornal sobralense, transformado em um folhetim, dividido em dois capítulos que saíram nas edições dos dias 16 e 18 de junho de 1904.

Ainda em 1904, novamente na imprensa fluminense, localizamos uma produção de Alba Valdez intitulada “Fragmentos” na *Revista da Semana* – uma publicação semanal ilustrada do *Jornal do Brasil*. Nesse mesmo exemplar havia uma matéria jornalística sobre a Liga Feminista Cearense, associação intelectual de mulheres fundada pela escritora.

Assim, conforme o levantamento bibliográfico que realizamos podemos considerar 1904 um ano fecundo para Alba Valdez, dado que inferimos devido as várias publicações da autora, e estas contribuíram para a ampliação de suas redes de sociabilidade, proporcionando-lhe maior notoriedade. Isso oportunizou a Alba Valdez publicar também em almanaques, que segundo Cruz (2018, p.113) podemos considerar como:

[...] tipo específico de publicação periódica, normalmente anual, com um formato próximo ao do livro, e uma recolha de vários gêneros textuais informativos ou literários é o que encontramos usualmente nos almanaques do século XIX, com algumas variantes e especificidades dependendo do título.

Nesse contexto, observamos que os almanaques, apesar da espessura e organização temática próxima as dos livros, essas publicações eram compostas de uma variedade de gêneros que os assemelha a miscelânea de temáticas típicas de jornais e revistas. Identificamos publicações de Alba Valdez no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-brasileiras*, editado em Portugal, nos anos de 1903 e 1905,

respectivamente, “Auta de Souza” e “Paisagem polar”. A primeira produção havia sido publicada anteriormente no livro *Em sonho...fantasias* (1901); a segunda, fora publicada postumamente por Silva (2019), em um volume sobre Alba Valdez que compõe a “Série Senhoras do Almanaque”, recentemente publicada pela Biblioteca Nacional de Portugal.

A partir da leitura de Romariz (2011) compreendemos melhor sobre a relevância dos almanaques para as mulheres de letras quando tratou dos *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* - periódico que circulou entre 1851 e as primeiras décadas do século XX - que estreitou as relações entre Brasil e Portugal, colocando em evidência as escritoras brasileiras que publicaram nessas obras. Elas enviavam para as redações dos almanaques seus escritos em variados gêneros.

Entre as mulheres de letras do Brasil que publicaram nos almanaques portugueses encontramos várias cearenses, como Francisca Clotilde e sua filha Antonieta Clotilde, e Alba Valdez. Elas mantiveram estreita relação com Guiomar Torrezão, escritora portuguesa que colaborou com o *Almanaque das Lembranças*, e criou, como afirma Romariz (2011), o *Almanaque das Senhoras*. Essa afinidade que observamos que existia entre as escritoras cearenses e portuguesas fortaleceu nossa ideia da formação de uma rede, em que as produções portuguesas eram publicadas no Ceará e os escritos das cearenses circulavam nos almanaques e periódicos.

Muitos almanaques também foram criados pelo Brasil, no Ceará, entre 1870 e o início do século XX, destaca-se o *Almanaques do Ceará*, no qual Alba Valdez colaborou com produções como “O Beija-flor”⁶³ em 1904; “O espírito popular cearense” em 1922⁶⁴ e “A Praça”, fragmento de um romance, na edição de 1928, esta não disponível nos acervos e arquivos pesquisados.

Também localizamos publicações de Alba Valdez no *Almanaque da Comarca do Amparo*, em Amparo - SP. Verificamos que nos exemplares de 1905 encontram-se as crônicas “A Esperança”, já publicada em 1901, no primeiro livro da autora, uma biografia da escritora e uma carta remetida ao editor deste Almanaque; identificamos também no *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905) uma “Carta” inédita da escritora cearense ao redator do almanaque; e, em 1914, encontra-se nas páginas

⁶³ Publicado também na revista *O Lírio*, em março de 1904.

⁶⁴ Publicado postumamente volume sobre Alba Valdez que compõe a “Série Senhoras do Almanaque”, recentemente publicada pela Biblioteca Nacional de Portugal, escrito por Odalice de Castro Silva (2019).

dessa miscelânea a “Fauce do abismo”, uma crônica que impulsiona a reflexão sobre a vida e seus valores materiais e espirituais, e não publicada em formato de livro, e nem mencionada em suas biografias, dessa forma, constitui-se em uma contribuição de nossa pesquisa para ampliar a bibliografia de Alba Valdez.

Nesse interim das publicações nos almanaques, Alba Valdez também publicava em jornais e revistas no Ceará, como na *Revista do Ceará* (1905) em que a escritora publicara no número 2, no 1º tomo o conto “Eterna história” e no 2º tomo “História”. As temáticas históricas eram comuns na escrita da autora, que era também membro de instituições que prezavam pelos estudos do passado e da sua contemporaneidade, como Instituto do Ceará e da Sociedade Cearense de Geografia e História.

Apesar de já ter mencionado muitas vezes o livro *Dias de luz*, julgamos fundamental localizá-lo nessa trajetória, porque ele fora publicado em 1907 e mostra que a autora praticara a autoficção, rememorando sua adolescência, e fazendo suas críticas sutis sobre a condição da mulher na sociedade cearense.

Outra produção que tomamos conhecimento a partir das biografias de Alba Valdez é “Impressões de um livro” no jornal *O Bandeirante* (1910), arquivo que não tivemos acesso por problemas no microfilme, porém podemos ter acesso através de Maia (2007) e Silva (2019) que apresentou sua transcrição. Esse mesmo texto foi publicado na revista fortalezense *A Atualidade*, em 1928, como foi noticiado no jornal *O Ceará*, em um domingo, dia 15 de janeiro de 1928.

As consultas que realizamos no Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel nos permitiram encontrar a revista *Ceará Intelectual: extrato de “ano escolar”*, edição de 1910, em que circulou a produção “Uma data cearense” em que a escritora tratava sobre a Data Magma do Ceará, 25 de março de 1884, que representava a libertação dos escravos. Nesse mesmo ano (1910), Alba Valdez também publicou na edição de novembro da revista do Congresso Maranhense de Letras, denominada *Os anais* a produção “O sonho de Gutemberg”.

Em 1911, encontramos cinco publicações de Alba Valdez, duas delas ocorreram na *Revista Escolar*, que era o periódico do Instituto de Humanidades: “Carta a uma poetisa” na edição de fevereiro, e “Os anos da Revista” lançada em 14 de julho, ambas inéditas, constituem também uma adição a bibliografia desta escritora. Na revista *A Jangada* (1911) foi publicado uma crítica literária a despeito da obra “Poeira: estudo sobre livro de poemas de mesmo título de Humberto Campos”. Nessa vertente, duas publicações se somam a produção de 1911, ambas

encontramos a partir de notas de jornais que registravam as publicações de Alba Valdez na revista maranhense *A Renascença*. Não conseguimos localizar esses exemplares de *A Renascença* nos arquivos disponíveis para pesquisa, encontramos apenas edições de 1910 no acervo digital da Biblioteca Pública Benedito Leite, de São Luiz Maranhão.

Nas primeiras páginas do jornal *Pacotilha*, na coluna “As Publicações”, na edição de 22 de janeiro de 1912, entre os tantos periódicos enviados a esse jornal do Maranhão, foi noticiado o recebimento da revista cearense *A Constelação: órgão do Grêmio Literário José de Alencar*, e este trazia as colaborações de Alba Valdez, Maria Sampaio, Bastos Portela, Iracema Tabajara e outros.

Nesse contexto, destacamos que a prática de uma espécie de intercâmbio, uma troca de exemplares de jornais, revistas, almanaques e livros que se mantinha entre as redações de periódicos, era comum desde o século XIX, que Barbosa (2007) caracterizou em sua pesquisa sobre a imprensa oitocentista.

Continuamos observando isso durante nossa pesquisa com os periódicos, novamente no jornal *Pacotilha* (1914, p. 1) que possuía a sessão “As publicações” e registrou na edição de 26 de dezembro a circulação da revista *Poliantea* em que no sumário havia uma produção de Alba Valdez. Isso se repete com a revista *Panóplia* em que Alba Valdez publicou “Uma definição de Gross” em edição de 1914. Acrescentamos que a revista fortalezense *Panóplia*, que surgiu em 1913 sob a direção de Beni Carvalho⁶⁵.

Desse modo, podemos afirmar que mesmo que não tenhamos encontrado todos os periódicos que buscamos para consulta, era possível através desse intercâmbio ter um registro da existência das publicações que procurávamos.

⁶⁵ Conforme Martins, Benedito Augusto Carvalho dos Santos nasceu em Aracati, Ceará, em 3 de janeiro de 1886 e faleceu no dia 22 de janeiro de 1959, aos 73 anos de idade, no Rio de Janeiro. Formou-se em Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, foi professor catedrático da Faculdade de Direito do Ceará e professor do Colégio Militar de Fortaleza, transferido posteriormente para o Rio de Janeiro, tendo chegado ao generalato. No cenário político assumiu os seguintes cargos: vice-presidente do estado, deputado federal, interventor federal no Ceará e membro do Conselho Nacional de Educação. Foi filólogo, prosador e autor de excelentes composições poéticas. São obras de Beni Carvalho: *Causas dirimentes e flagrante delito*, 1917; *Morfologia e sintaxe do substantivo português*, 1920; *Le Droit et la Sociologie*, 1920; *Na Casa de Tiradentes*, 1931; *De florete e luvas*, 1935; *Sexualidade anômala no Direito Criminal*, 1937; *Chama extinta (poesias)*, 1937; *Ação parlamentar*, 1950; e *Crime contra a religião, os costumes e a família*. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922 (primeira reorganização), ocupando a cadeira 30, cujo patrono era Alberto Nepomuceno. Na segunda reorganização, ocorrida em 1930, passou para cadeira 39 que tinha como patrono Ulisses Pennafort. Foi representante da ACL na Federação das Academias de Letras do Brasil. Disponível em: <http://www.academiacearensedelettras.org.br/membro.php?mem=79>. Acesso em: 24 abr. 2017.

As seções de “Publicações”, além de contribuir com a identificação das publicações de Alba Valdez na imprensa, também auxiliam na verificação dos periódicos nos quais esta autora publicou. Vê-la ser citada nesse tipo de publicação se configurou como indício da relevância desta autora cearense pelo Brasil, uma vez que, ao citar os autores das edições de revistas e jornais que receberam, os periódicos divulgadores enumeram os colaboradores de maior notoriedade na época, de forma a que estes representassem a qualidade da publicação e atraíssem o interesse do público leitor. Essa estratégia era válida, principalmente, para os periódicos novos, que eram lançados em grande número e com frequência no final dos anos oitocentos e nas primeiras décadas do século XX, publicar produções de autores conhecidos atrairia leitores.

Ainda nessa década de 1910, em 1917, segundo os registros de Barreira (1962): o jornal *Diário do Ceará*, em edição de 17 de abril, publicou o discurso que Alba Valdez proferira em inauguração de três escolas noturnas da Liga Cearense contra o Analfabetismo; como também, que a escritora publicara no jornal *Correio do Ceará*, em 26 de julho de 1917 uma produção intitulada “Uma frase” que Barreira (1962, p.180) descreveu como um “interessante comentário à frase que Bilac perorou em sua conferência na Academia Mineira de Letras: ‘Abençoada seja a vida , porque ela nos deu o pensamento e o amor: pensar é um supremo orgulho, e amar uma incomparável ventura’”; bem como, em 23 de agosto desse mesmo ano a autora estampou nas páginas do jornal *Correio do Ceará* a crítica literária intitulada “Musa maranhense”, que tratava do livro de poemas *Cambiantes* da poeta Leonete Oliveira.

Ademais, verificamos que Alba Valdez segue publicando, conforme Maia (2007), no jornal *Correio do Ceará* em 1919 circulou a produção “As senhoras cearenses”. No mesmo ano e jornal, na edição de 23 de agosto, também localizamos a publicação “Um livro de versos” em que a escritora cearense tratou sobre o livro *Alameda do Sonho* (1919) de Sales Campos⁶⁶.

Os anos de 1920 continuaram produtivos para autora Alba Valdez, que publicou o artigo “Ceará, terra do Brasil” na revista *Íris* (1920) de Porto Alegre (SOUSA, 1937); para revista do Rio de Janeiro *Ano Escolar* (1921) produziu “A sempre nova questão

⁶⁶ Antônio de Sales Campos, nascido em Tamboril, CE, em 24 de junho de 1894, e que se transferira para São Paulo, autor de *Alameda do Sonho* (1919) e *A poesia cearense no Centenário* (1922) e que faleceu por volta de 1970, conforme o jornal *O Povo* (2016). Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2016/04/19/noticiasjornalopiniao,3605129/um-poeta-que-eu-matei.shtml>. Acesso em 13 Dez. 2017.

do ensino” que circulou em 1921 e foi publicado novamente em julho de 1925 no Ceará, na *Revista Escolar* do Instituto de Humanidades.

Nessa mesma década, em 1922, ano em que Alba Valdez entra para Academia Cearense de Letras identificamos, a partir da leitura da biografia da autora escrita por Sousa (1937), publicações de Alba Valdez no *Almanaque do Ceará*, como já relatamos, e nos jornais *Correio do Ceará* e *A Tribuna*, nestes, respectivamente, ela publicou “Nacionalismo” e “Carta e a Rodolfo Teófilo”.

Encontramos as publicações de Alba Valdez do ano de 1923 no jornal *O Nordeste*, no cotejamento deste periódico no Instituto do Ceará, intituladas como “Os jangadeiros” na edição de 29 de junho e “A verdade histórica” no exemplar do dia 07 de julho. O primeiro foi um gatilho para uma polêmica acalorada sobre o Dragão do Mar, entre Alba Valdez e Rodolfo Teófilo, o segundo foi a resposta da autora ao seu desafiante.

Em 1925, localizamos através de buscas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em um jornal de Curitiba denominado *O Dia*, na edição de 29 de outubro de 1925, fora publicado a composição “A esperança”, que também era parte de *Em sonho...fantasias* (1901), lembremo-nos de ser este o primeiro livro de Alba Valdez.

Assim, as buscas que executamos nos arquivos físicos e digitais nos possibilita listar as produções de Alba Valdez que nos últimos anos da década de 1920, se concentraram na imprensa cearense: em 1927 ela publicou “O horrível morbus” no jornal *O Nordeste*; em 1928 publicou “A beleza errante da luz”, uma prosa poética sobre o sol no jornal *Correio do Ceará*, “Impressões de um livro” na revista *Atualidade*, bem como, “Uma praça” no *Almanaque do Ceará*, já citado; em 1929 a autora continuou a publicar no jornal *Correio do Ceará*, “Sobre cartilhariar” - uma carta de Alba Valdez e Padre Cícero, citada por Sousa (1937) -, e “O ethos brasileiro” no jornal *A Razão*.

No ano de 1930, marcado pela exclusão de Alba Valdez da Academia Cearense de Letras, ela produziu “De pé”, um protesto pelo que lhe ocorrera, que fora publicado primeiro na imprensa fortalezense, no *Jornal do Comercio*, em 22 de maio; depois na revista fluminense *Nação Brasileira*, na edição de agosto.

Para seguir os rastros de Alba Valdez, nossa pesquisa precisou ir além dos periódicos cearenses, porque também encontramos publicações da autora em outros estados: em 1935, ela publicou “A jangada abolicionista” na *Revista da sociedade Cearense*, que localizamos na biblioteca da Academia Cearense de Letras. Nesse

mesmo ano, foi publicado no jornal *Diário da Manhã* de Recife uma produção da autora, “Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana”, que localizamos na Hemeroteca digital do Acervo CEPE (Companhia Editora de Pernambuco).

O tom encomiástico dessa última publicação nos leva a reconhecer outro gênero em que Alba Valdez escreveu e fez várias publicações, o discurso, ela os escrevia, pronunciava nas tribunas e nos eventos sociais em que participava e, posteriormente, eram publicados nos periódicos, sobretudo, nos órgãos de imprensa das sociedades literárias.

Nas revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras era comum a publicação dos discursos de seus sócios, proferidos durante suas sessões, como o “Discurso”, pronunciado na sessão de recebimento de Alba Valdez como sócia efetiva do Instituto do Ceará e publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, na edição de 1936; assim como, o “Discurso em comemoração ao Quinquagenário do Instituto do Ceará”, também publicado no exemplar da *Revista do Instituto do Ceará* que circulou em 04 de março de 1937.

Este ano de 1937, foi marcado pela volta de Alba Valdez à Academia Cearense de Letras, depois de se candidatar e ser eleita para cadeira 22 ela ainda permaneceu sendo a primeira mulher na instituição, que posteriormente também elegeu Henriqueta Galeno. Assim, a *Revista da Academia Cearense de Letras* se transformou em um novo espaço de publicação da palavra da mulher no Ceará.

Logo, verificamos no acervo digital da *Revista da Academia Cearense de Letras* que Alba Valdez aproveitou o mais que pode esse periódico: localizamos o conto “Uma conversa no Café Art-Nouveau”, publicado em 1938; como também, um ensaio crítico-literário intitulado “Três poemas de Machado” que saiu na edição de 1939. Em 1939 a escritora também publicou “O Tumulto” na *Revista do Instituto do Ceará*.

Outrossim, salientamos que uma leitura das publicações do final da década de 1930 e início dos anos de 1940 pode nos levar a reconhecer uma característica da obra de Alba Valdez, que se encontra entre a literatura e o jornalismo, a partir desta análise: no final da publicação “Uma conversa no Café Art-Nouveau”, a escritora registrou “capítulo inicial de um romance em preparo”, isso nos mostra que o percurso comum da obra de Alba Valdez era do periódico para o livro, o que se pode confirmar com o processo de produção de seu primeiro livro.

Do mesmo modo, isso também se confirma na publicação que Alba Valdez fez de suas memórias na *Revista da Academia Cearense de Letras*, intitulada “Nosso lar,

nossa escola”, que circulou no exemplar de 1940, ela arremata essa produção detalhando: “do livro inédito ‘Alguns registros de minha vida’”. Mais uma vez ela publicou primeiro na imprensa para depois fazê-lo nos livros, o que esclarecemos que não se concretizou.

Identificamos na edição de 1941 da *Revista da Academia Cearense de Letras* o artigo “O Ceará na poesia de Antônio Sales”, em que analisa e louva a produção literária representativa da terra natal, ressaltando as relações entre o telurismo e a literatura como um traço das belas letras cearenses.

Ademais, em nossa incursão pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional encontramos um conto de Alba Valdez inédito, “O segredo do vaqueiro”, publicado em 1945, no jornal do Rio de Janeiro *Correio da Manhã*, na primeira página da 2ª seção, em que foram reunidas as publicações literárias, da edição domingueira de 04 de fevereiro. Mais um acréscimo nosso para a bibliografia de Alba Valdez.

Outra publicação citada por Maia (2007) que incluímos na bibliografia de Alba Valdez, por esta mostrar a autora como referência de intelectualidade e a luta pelos direitos femininos, foi uma entrevista da escritora sobre as eleições de 1946, concedida ao jornal *O Estado* de Fortaleza, em 1945, sobre o voto feminino, que foi intitulada como “Palavra da mulher cearense”.

Também localizamos no final da década de 1940 mais três publicações de Alba Valdez na *Revista do Instituto do Ceará*: em 1947 a autora publicou “João Nogueira”; em 1948 ela publicou “Uma grande figura educacional do Ceará”, que em 1949 foi republicado em separata e saiu junto com a edição da revista deste ano.

Averiguamos nestas produções o gênero do ensaio biográfico que ela utilizou para escrever sobre José de Barcelos, educador cearense que fora diretor da Escola Normal do Ceará, inclusive no período em que a escritora era uma das normalistas.

Destarte, identificamos outros ensaios biográficos escrito por Alba Valdez: em 1952 ela publicou “O centenário do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos” na *Revista do Instituto do Ceará*; em 1953 foi publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras* seu discurso de posse intitulado “Justiniano de Serpa e Leiria de Andrade”; em 1955 publicou “A bela missão de Ana Facó” no jornal *Unitário*, fazendo uma homenagem ao centenário dessa escritora, teatróloga e como ela também educadora; em 1956 publicou “Carlos Gondim, Poeta de mísero destino” na *Revista da Academia Cearense de Letras*, narrando e descrevendo a trágica existência e a exímia habilidade com os versos que possuía esse poeta cearense.

Alba Valdez, em uma postura crítica e estudiosa, ressaltou nesse ensaio bem mais que a trágica sina do poeta Carlos Gondim, que assassinou, e por este crime ficou recluso, morrendo posteriormente também assassinado. A autora faz um verdadeiro resgate deste poeta de sonetos de grande misticismo. Alba Valdez citou e analisou a produção desse artista das palavras. Inferimos dessa publicação que importava a Alba Valdez o resgate e a preservação da memória, sejam as suas ou a de outros artistas, do Ceará e de sua gente, sobretudo, das mulheres de seu tempo.

Desse modo, quando resgatamos a história de Alba Valdez e a trajetória de sua obra, conseqüentemente, recuperamos também um pouco desses beletristas que tematizaram suas publicações. Muitos dos protagonistas de Alba Valdez se tornaram como ela desconhecidos, mesmo que em suas épocas eles tenham produzido e publicado. Assim, o processo que promove o resgate dessa escritora contribui para uma reconstrução da própria história da imprensa e da literatura no Ceará, principalmente, tendo como fonte primária para isso os jornais e revistas que documentaram seu tempo e que mapeiam o caminho trilhado pela palavra de Alba Valdez.

Encontramos no jornal *Unitário* (1962) a última produção publicada por Alba Valdez, trata-se de uma mensagem de agradecimento pela homenagem prestada a ela pela passagem de seu aniversário, na sessão de 12 de dezembro de 1961, com o título “Mensagem à Academia Cearense de Letras”, publicada em janeiro de 1962.

Alba Valdez manteve sua pena ativa até sua morte, estava a muito tempo preparando um romance, que não foi concluído, pelos periódicos encontramos fragmentos de romances, obras anunciadas desde 1931 no jornal *Diário Carioca* e que não foram publicadas.



Assim, diante dos poucos livros e de tantas produções na imprensa, e da ciência da relevância de recuperá-las, a partir do garimpo nos arquivos de periódicos e hemerotecas, foi possível também somar a bibliografia de Alba Valdez produções manuscritas inéditas, que valoram ainda mais a produção desta mulher de letras.

2.2.1 Manuscritos inéditos de Alba Valdez

A leitura de Andrade (1976) nos deu conhecimento sobre o arquivo de Mozart Monteiro, sobrinho de Alba Valdez, isso gerou uma expectativa de encontrar produções inéditas da autora, pois o texto relatava sobre a existência de um álbum de recortes que podia conter informações que preencheriam as lacunas da biografia de Alba Valdez. O artigo de Andrade (1976) também nos indicou o local onde localizar o arquivo: a biblioteca da Casa Juvenal Galeno, que recebera a doação do acervo do intelectual.

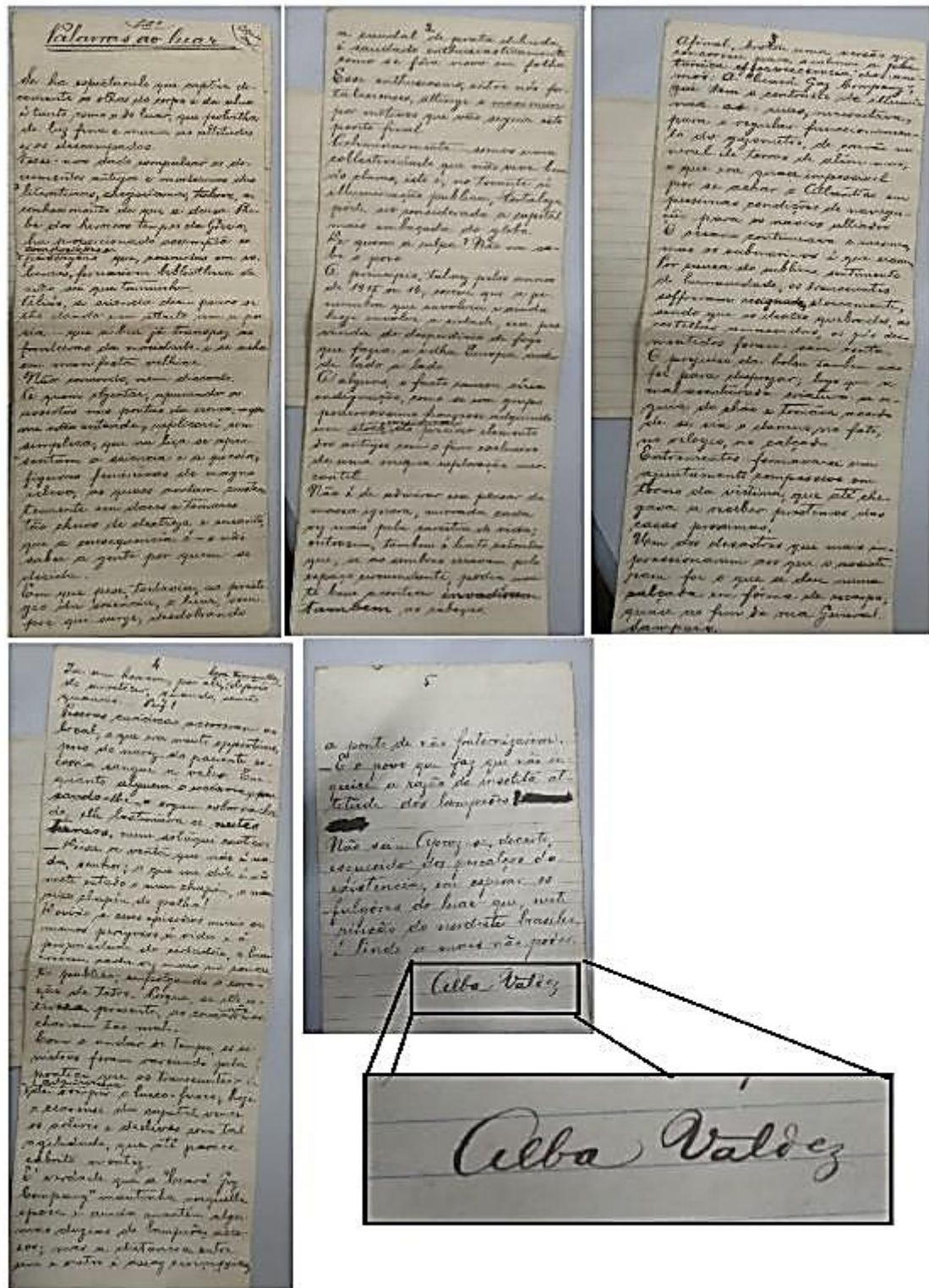
Contudo, a dificuldade de acesso ao acervo ocorreu a partir da falta de um bibliotecário no equipamento cultural, esta foi vencida após muitas tentativas que persuadiram o diretor da Casa Juvenal Galeno, o Sr. Antônio Galeno a permitir a consulta. Foram várias visitas à antiga residência da família Galeno, muitas frustrações pelos resultados negativos das buscas até conseguir descrever o que compunha o arquivo para o diretor que, por conseguinte, lembrou-se da caixa arquivo que quase fora descartada na última organização da biblioteca.

A caixa era azul e guardava mais que cartas e recortes de jornais, descobrimos dois manuscritos assinados por Alba Valdez, que apresentavam correções, anotações e, em um deles, uma nota da redação (N. R.), que trazia uma biografia resumida da escritora. Ressaltamos que a letra da nota era diferente da que grafara os manuscritos, assim deduzimos ser a nota escrita por Mozart Monteiro.

Tratavam-se de duas produções sobre temáticas que evidenciavam o cotidiano do cearense, seja sob um viés crítico e ou reflexivo, explorando recursos para causar um efeito de humor em “Palavras ao luar”, atendendo bem aquele princípio *“ridendo castigat mores”*, expressão latina que define a intenção de crítica moral a grupos sociais através de uma perspectiva cômica, muito utilizada por autores como Gil Vicente; como também, podemos identificar a tendência da prosa poética em “Fantasia do verão”.

O manuscrito intitulado “Palavras ao luar” não apresentava nenhuma anotação referente à data da escritura, mas há fragmentos que podem levar o leitor a inferência de tempo; identifica-se acréscimos assentados posteriormente à escritura, como também rasuras e, ao final a assinatura da autora:

Figura 48 - Manuscrito "Palavras ao Luar" parte do corpo 10 do Arquivo de Mozart Monteiro.



Fonte: Casa Juvenal Galeno.

Ante ao valor desse achado para nossa pesquisa e para a obra de Alba Valdez, consideramos justa a transcrição na íntegra no corpo do texto. Além disso, não localizamos essa produção de Alba Valdez em nenhuma publicação periódica, ela

também não consta em nenhum levantamento bibliográfico. Desse modo, essa pode ser a primeira exposição pública dessa produção da escritora:

Palavras ao luar

Se há espetáculo que cativa docemente os olhos do corpo e da alma é tanto como o do luar, que polvilha de luz fina e macia as altitudes e os descampados.

Fosse-nos dado compulsar os documentos antigos e modernos das literaturas, chegaríamos, talvez, ao conhecimento de que a deusa Febe dos heroicos tempos da Grécia, há proporcionado assunto a composições e passagens que reunidas em volumes, formariam biblioteca de não sei que tamanho.

Aliás, a ciência diz pouco se lhe dando um atrito com a poesia – que a lua já transpôs as fronteiras da mocidade e se acha em manifesta velhice.

Não concordo, nem discordo.

A quem objetar, aparando os assertos nas pontas da ironia – que me não entende, replicarei com simpleza, que a liça se apresentam a ciência e a poesia, figuras femininas de magno relevo, as quais andam constantemente em dares e tomares tão cheios de destreza e encanto que a consequência é – o não saber a gente por quem se decida.

Em que pese, todavia, ao prestígio da ciência, o luar sempre que surge, desdobrando a caudal de prata diluída é saudade entusiasticamente como se fora novo em folha.

Esse entusiasmo entre nós fortalezenses, atinge o máximo, por motivos que vão seguir este ponto final.

Preliminarmente somos uma coletividade que não vive bem às claras, isto é, no tocante à iluminação pública. Fortaleza pode ser considerada a capital mais embaçada do globo.

De quem é a culpa? Não na sabe o povo.

A princípio talvez pelos anos de 1915 ou 16, correu que a penumbra que envolvia e ainda hoje envolve a cidade era provinda do desperdício de fogo que fazia a velha Europa arder de lado a lado.

A alguns, o fato causou séria indignação, como se um grupo poderosíssimo houvesse adquirido um estoque considerável do precioso elemento dos antigos com o fim exclusivo de uma iníqua exploração mercantil.

Não é de admirar esse pensar da massa ignara, mirrada cada vez mais pela carestia de vida; outrossim, é lícito calcular que, se as sombras erravam pelo espaço circundante, podia muito bem acontecer invadissem também as cabeças.

Afinal, brotou uma versão que concorreu para acalmar a toda tônica efervescência dos ânimos: A “Ceará Gás Company”, que tem o contrato de iluminar as ruas, necessitava, para regular o funcionamento do gasômetro, de carvão mineral de carvão mineral de terras de além-mar, o que era quase impossível por se achar o Atlântico em péssimas condições de navegação para os navios aliados.

O oceano continuava o mesmo, mas os submarinos é que eram... Por causa do sublime sentimento de humanidade, os transportes sofreram resignadas, estoicamente, sendo que os dentes quebrados, as costelas amassadas, os pés desmentidos foram sem conta.

O prejuízo da bolsa também não foi para desprezar; logo que a mal-aventurada criatura se erguia do chão e tomava acordo de si via dano no fato, no relógio, no calçado.

Entrementes formava-se um ajuntamento compassivo em torno da vítima, que até chegava a receber préstimos das casas próximas.

Um dos desastres que mais impressionaram aos que assistiram foi o que se deu numa calçada em forma de esarpa, quase ao fim da rua general Sampaio.

la um homem, por ali, bem tranquilo, depois do anoitecer, quando, senão quando... Puf!

Pessoas caridosas acorreram ao local, o que era mais oportuno pois do nariz do paciente escorria sangue a valer. Enquanto alguém o socorria, pensando-lhe, o órgão emborrachado, ele lastimava-se nestes termos, num sotaque exótico:

- Deixe a venta que não é nada senhor; o que dói é ver neste estado o meu chapéu de palha!

Devido a esses episódios mais ou menos perigosos à vida e à propriedade do cidadão, o luar cresceu cada vez mais no conceito público, empolgando o coração de todos. Porque se ele estivera presente, as coisas não marchariam tão mal...

Com o andar do tempo os sinistros foram rareando pela prática que os transeuntes adquiriram de romper o lusco-fusco; hoje, o cearense da capital vence os aclives e declives com tal agilidade, que até parece cabrito montês.

É verdade que a "Ceará Gás Company" mantinha naquela época e ainda mantém algumas dúzias de lâmpões acesos; mas a distância entre um e outro é assaz cerimoniosa, a ponto de não fraternizarem.

E o povo que faz que não inquire a razão da insólita atitude dos lâmpões.

Não sei... Apraz-se, decerto esquecido dos percalços da existência, em esperar os fulgores do luar que, neste rincão do nordeste brasileiro, é lindo a mais não poder...

Alba Valdez. (VALDEZ, s.d., p.1-5)

A produção remete ao cotidiano de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. A escritora faz uma comparação entre a poesia e a ciência, e para tanto faz uma comparação análoga entre a luz do luar e a luz elétrica produzida pelo homem:

Aliás, a ciência diz pouco se lhe dando um atrito com a poesia – que a lua já transpôs as fronteiras da mocidade e acha em manifesta velhice. Não concordo, nem discordo. A quem objetar, aparando os assertos nas pontas da ironia, - que não entende, replicarei com simplicidade, que a liça se apresentam a ciência e a poesia, figuras femininas de magno relevo, as quais andam constantemente em dares e tomares tão cheios de destreza e encanto, que a consequência é – o não saber a gente por quem se decida (VALDEZ, s.d., p.1).

Nesse contexto, Alba Valdez trilha por duelos baseados no paradigma a lua versus a ciência: a literatura e a ciência, o antigo e o moderno. Isso acaba por desencadear uma crítica à iluminação das ruas da capital do Ceará, ironicamente

gerando um efeito de humor e ironia: “Preliminarmente: - somos uma coletividade que não vive bem às claras, isto é, no tocante à iluminação pública, Fortaleza pode ser considerada a capital mais embaçada do globo” (VALDEZ, s.d., p.2).

Essa passagem retoma o momento de uma disputa entre duas empresas, a *Ceará Gás Company*, que era responsável pela iluminação a gás carbônico para casas, comércios e ruas da Cidade. Do outro, a *Ceará Tramway Light and Power*, que desde 1914 explorava o serviço de bondes e oferecia eletricidade para iluminação residencial.

Também podemos perceber, explícita e implicitamente, referências sobre esse acontecimento da história do Ceará e do mundo: “A princípio, talvez pelos anos de 1915 e 16, ocorreu a penumbra, que envolvia e ainda hoje envolve a cidade, era provinda do desperdício de fogo que fazia a velha Europa arder de lado a lado” (VALDEZ, s.d., p.2).

Logo, entendemos que a autora escreveu sobre um período que compreende a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que abalava o mundo e promovia dificuldades operacionais as empresas que promoviam o progresso urbano, como a falta do carvão mineral que a *Ceará Gás Company* usava para iluminar as ruas, devido os perigos da navegação em tempo de guerra. Lembremos também que, paradoxalmente, esse período da história corresponde à *Belle Époque* em Fortaleza que se estendeu de 1860 a 1930, em que a cidade se urbanizava (PONTE, 2014).

Alba Valdez ainda apresentou como chiste nessa produção os acidentes sofridos com os habitantes da capital cearense, quedas causadas pela falta de iluminação adequada naquela época.

No outro manuscrito, “Fantasia do verão”, Alba Valdez apresentou uma linguagem mais eloquente, explorando também a temática da seca, e a metáfora da “folha que cai, folha peregrina”, ocorrência ordinária que todos os anos se repete com a vegetação característica do sertão ao findar o inverno e iniciar a estação da estiagem, para personificar uma reflexão que podia ser dela própria, sua solidão e início da maturidade, pois acreditamos que no momento da escrita ela já estava com mais de 40 anos.

A escritora trabalhou nessa produção acionando e provocando o imagético através da travessia de uma simples folha da vegetação característica do Ceará, a caatinga, tendo como plano de fundo o fenômeno da seca que marcara o Ceará tantas

vezes, sobretudo, porque vinculamos essa escrita ao período de 1915 a 1919, anos que o Ceará viveu grandes estiagens.

Nesse contexto, classificamos essa crônica como lírica ou poética, visto que apresenta alto nível de subjetividade, que se manifesta na escrita reveladora de sentimentos, valores e maneiras de interpretar a vida, construindo-se pelo uso de linguagem figurada, exploração da sonoridade, permeado por um clima nostálgico e sentimental que sensibiliza o leitor, tendo como *leitmotiv* a natureza, conforme definia e classificava Costa (2008).

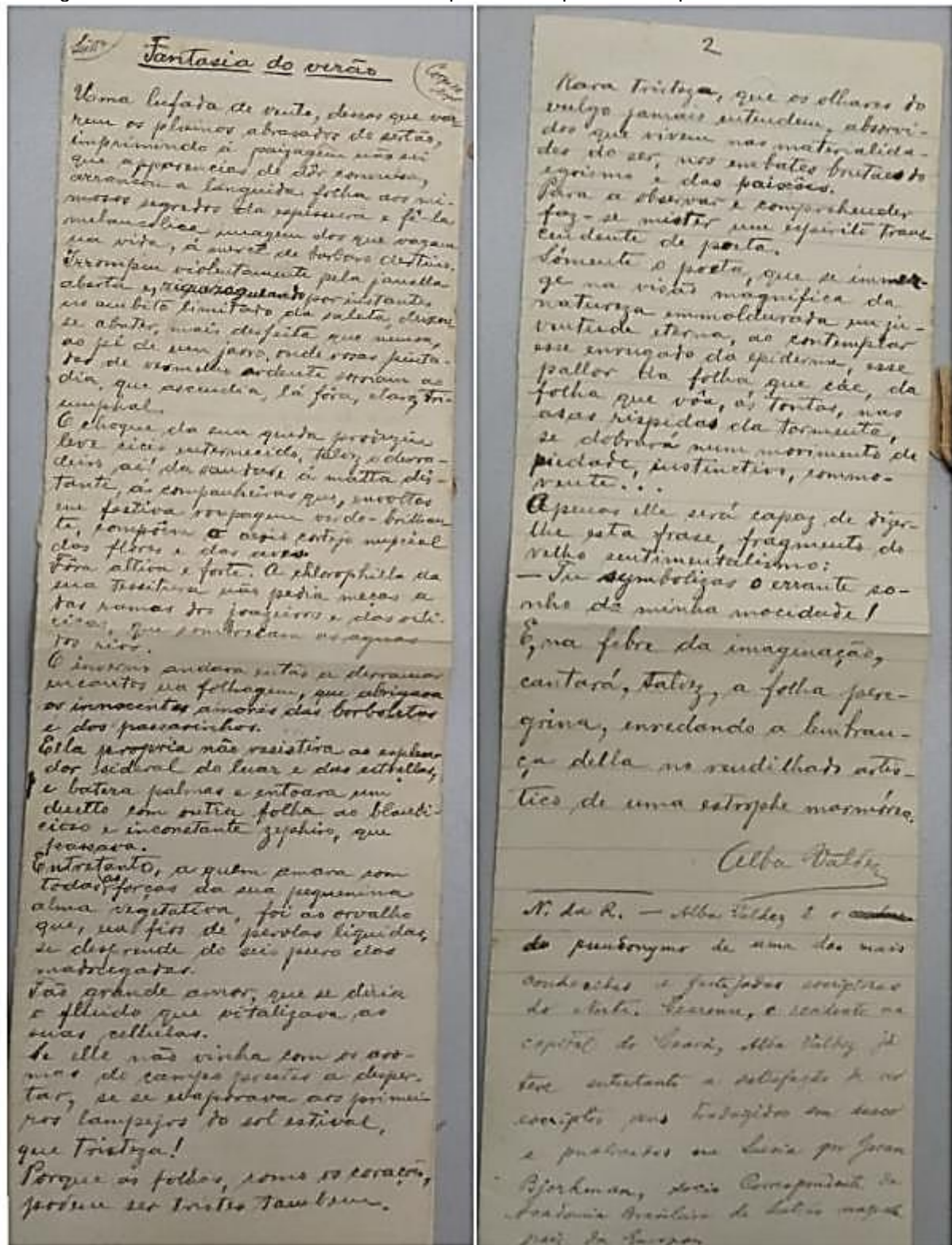
A crônica que sempre se constituiu em uma narrativa curta, que enfatizava o cotidiano, características que a vinculam à origem no jornalismo (SÁ, 2005), na escrita de Alba Valdez mantinha-se ligada ao regionalismo porque este era o seu cotidiano, como também, apresenta uma filiação ao romantismo, diferente do que Vinícius de Moraes⁶⁷ vai afirmar mais adiante para definir a crônica: desvinculando-a dos regionalismos.

Assim, compreendemos que a literatura se adequa ao tempo e as condições do produtor e do leitor, e o gênero crônica materializa isso, porque também vai se moldar conforme o suporte de publicação, o periódico. Isso vai além de uma adequação de estrutura e espaço de publicação, como também de economia de linguagem, mas se evidencia também na produção de um discurso que transita entre o literário e o jornalístico, explorando as relações entre a ficção e a realidade, como percebemos com clareza no manuscrito “Palavras ao luar” e também, embora de forma mais sutil, em “Fantasia do verão”.

O título dessa produção já evidenciava a relação entre a ficção e a realidade, uma vez que, “o verão” é a seca, a fantasia que a autora construiu trazia uma perspectiva diferente de representação dessa intempérie climática, fazendo com que o leitor a compare com a velhice, enquanto a vida e a juventude estão representados pelos tempos chuvosos de muito verde do inverno. A folha, portanto, representa o ser humano, que também podemos associar a própria autora, inserindo, de tal modo, essa escritura na categoria de autoficção da própria autora.

⁶⁷ In: SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6.ed. São Paulo: 2005.

Figura 49 - Manuscrito "Fantasia do verão" parte do corpo 10 do Arquivo de Mozart Monteiro.



Fonte: Casa Juvenal Galeno.

Destarte, na mesma perspectiva da transcrição do primeiro manuscrito de Alba Valdez, fizemos também a reprodução de "Fantasia do verão", que localizamos dentro de um conjunto grande e significativo da Literatura Cearense, em que representação

da seca, intempérie climática, é a matriz para construção do enredo. Desse modo transcrevemos na íntegra “Fantasia de verão”:

Fantasia do verão

Uma lufada de vento, dessas que varrem os plainos abrasados do sertão, imprimindo a paisagem não sei que aparências de dor convulsa, arrancou a languida folha aos mimosos segredos da espessura e fê-la melancólica imagem dos que vagam na vida à mercê de bárbaro destino.

Irrompeu violentamente pela janela aberta e, ziguezagueando por instantes no âmbito limitas da saleta, deixou-se abater, mas desfeita que nunca, ao pé de um jarro onde rosas pintadas de vermelho ardente sorriam ao dia, que ascendia lá fora, claro, triunfal.

O choque da sua queda produziu leve cicio enternecido, talvez o derradeiro ai! Da saudade à mata distante, às companheiras que, envoltas em festiva roupagem verde-brilhante, compõem o aéreo cortejo nupcial as flores e das aves.

Fora altiva e forte. A clorofila da sua tessitura não pedia meças a das ramas dos juazeiros e das oiticicas, que sombreavam as águas dos rios.

O inverno andava então a derramar encantos na folhagem que abrigava os inocentes amores das borboletas e dos passarinhos.

E ela própria não resistira ao esplendor sideral do luar e das estrelas, e batera palmas e entoava um dueto com outra folha ao blandicioso e inconstante zéfiro que passava.

Entretanto, a quem amara com todas as forças da pequenina alma vegetativa, foi ao orvalho que, em fios de pérolas líquidas, se desprende do seio puro das madrugadas.

Tão grande amor, que se diria o fluido que vitalizava as suas células. Se ele não vinha com os aromas do campo prestes a despertar, se se evaporava aos primeiros lampejos do sol estival, que tristeza!

Porque as folhas, como os corações, podem ser tristes também.

Rara tristeza, que os olhares do vulgo jamais entendem, absorvidos que vivem nas materialidades do ser, nos embates brutais do egoísmo e das paixões.

Para observar e compreender faz-se mister um espírito transcendente de poeta.

Somente o poeta, que se imerge na visão magnífica da natureza emoldurada em juventude eterna, ao contemplar esse enrugado da epiderme, esse palor da folha que cai, da folha que voa, às tontas, nas asas rápidas da tormenta, se dobrará num movimento de piedade, instintivo, comovente...

Apenas ele será capaz de dizer-lhe esta frase, fragmento do velho sentimentalismo:

- Tu simbolizas o errante sonho da minha mocidade!

E, na febre da imaginação, cantará, talvez, a folha peregrina, enredando a lembrança dela no rendilhar artístico de uma estrofe marmórea. Alba Valdez. (VALDEZ, s.d., p.1-2).

No final deste manuscrito, há uma “Nota da Redação” em que se apresenta uma breve biografia da autora, um olhar cuidadoso nos mostrou que a letra da “N da R.” não é a mesma do texto:

Figura 50 - Nota da Redação que consta no final do Manuscrito "Fantasia do verão" parte do corpo 10 do Arquivo de Mozart Monteiro.

goma, enredando a emaran-
 ça della no rendilhado artis-
 tico de uma estrophe marmórea.

Alba Valdez

N. da R. — Alba Valdez é o ~~nome~~
 do pseudonymo de uma das mais
 conhecidas e festejadas escriptoras
 do Norte. Cearense, e residente na
 capital do Ceará, Alba Valdez já
 teve entretanto a satisfação de ver
 escriptos seus traduzidos em Sueco
 e publicados na Suecia por Goran
 Bjorkman, Socio Correspondente da
 Academia Brasileira de Letras naquella
 paiz da Europa.

#

Fonte: Casa Juvenal Galeno.

A presença desta “nota da redação” permite-nos conjecturar que estes manuscritos seriam ou foram publicados em algum periódico, embora nossa busca não os tenha entrado. Inferimos também que Mozart Monteiro detinha esses manuscritos por ser redator ou diretor de vários periódicos, não somente porque era sobrinho de Alba Valdez.

A posse dos manuscritos junto de outros que pertenciam a vários autores, como, por exemplo, os do Presidente Venceslau Brás, que governou o Brasil no período entre 1914 a 1918, todos classificados como parte do corpo 10 do arquivo do sobrinho de Alba Valdez, reforçam nossa hipótese da época de produção e correção ou análise para publicação na imprensa, porém, não há indícios que nos permitam identificar o periódico em que circulariam. Isso também denota a relação que a imprensa estabelecia entre os intelectuais que se uniam para publicar suas obras e empreender o desenvolvimento das belas letras.

Por conseguinte, observamos que Alba Valdez estava sempre rodeada de intelectuais, principalmente, nas associações literárias que foram a essência da Literatura no Ceará. Atentemos que se estabeleciam a partir daí redes de contatos e periódicos eram publicados. Isso e o sucesso de seus escritos no estrangeiro possibilitavam-lhe publicar em diversos órgãos de imprensa. Contos, crônicas, críticas literárias, discursos, artigos com as mais diversas temáticas foram os gêneros que marcaram a presença de Alba Valdez nos jornais, revistas e outros suportes, como os almanaques, e proporcionaram a sociabilidade desta autora.

2.3 As redes de sociabilidade da jornalista, escritora e feminista

Dentro da pátria não há fronteiras e muito menos a frialdade dos polos. O sol vibrante resplende por cima de rios gigantes de imponentes matas virgens de serras alcantiladas, guardando todos nos seus misteriosos recessos incalculáveis riquezas. Tudo é grande e por isso o sentimento deve ser uma consequência lógica do ambiente em que se formou. Mulher pernambucana, irmã da Cearense pelos vínculos de raça, de língua, de religião e de ideal! Mulher pernambucana, síntese de todas as virtudes sociais e domésticas! A mulher Cearense depõe na sua face pura o ósculo da amizade – flor do coração (VALDEZ, 1935, p. 22).

O excerto da mensagem que Alba Valdez escreveu às mulheres pernambucanas, evidencia bem mais que a amizade entre pernambucanas e cearenses, ou a polidez e diplomacia da eloquente escritora. Temos um exemplo da teia social que as mulheres construíram para escrever e publicar, como também para defesa dos direitos femininos. Enxergamos isso ao analisar a produção escrita das

mulheres no Ceará, que descrevemos no primeiro capítulo, como também, das experiências vivenciadas por Alba Valdez. Assim, podemos afirmar que as mulheres só alcançaram o espaço público devido às redes de sociabilidade em que se inseriram ou foram inseridas e, posteriormente, também criaram.

Por conseguinte, para compreendermos a organização e os meios de sociabilidade intelectual que permitiram que as mulheres no Ceará publicassem o que escreviam, precisamos (re)conhecer primeiro a identidade dessas mulheres de letras, que desde o século XIX publicam nos periódicos. Salientamos ainda, em conformidade com Shueler (2008), que a concepção de sociabilidade é essencial para o entendimento das trajetórias de indivíduos e de grupos que envolveram a atividade intelectual em um determinado contexto histórico social.

Dessa forma, ao traçarmos um perfil das mulheres escritoras no Ceará podemos descrevê-las como: urbanas, muitas imigrantes do interior do estado para Fortaleza; tiveram uma educação diferenciada, o que lhes possibilitou ir além dos conhecimentos rudimentares de leitura e escrita; a maioria foram alunas da Escola Normal ou do Colégio da Imaculada Conceição; foram professoras; solteiras, casadas ou viúvas eram a maioria de religião católica; muitas eram abolicionistas; a maioria escreveu primeiro, e predominantemente nos periódicos; enfrentaram dificuldades para publicar suas produções devido ao preconceito social e a educação patriarcal de que provinham; apenas algumas usaram pseudônimos.

Conforme esse perfil, a mulher escritora no Ceará é inserida e ou se insere no primeiro espaço intelectual a partir do seu processo educativo, a instrução possibilita que ela se transforme em leitora nas escolas primárias que funcionavam em sua maioria nas casas das próprias professoras.

Porém, a história de algumas escritoras cearenses que esquadrihamos nessa pesquisa nos mostra que a escola secundária foi sua primeira rede de sociabilidade que ampliou a prática da leitura e que contribuiu para transformação de algumas dessas mulheres em escritoras. Desse modo, vejamos, a partir de Almeida (2012, p.77-78) um resumo histórico dessa instituição em Fortaleza:

A escola para formação de professoras (nomeada de Escola Normal Pedro II), mantida pelo órgão público, teve seu início no governo do Dr. Pedro Leão Veloso, em 1881, funcionando em sala anexa ao Liceu. O ensino era laico, contrapondo-se ao do Colégio da Imaculada Conceição, que era religioso. Em 1884 a referida escola passaria a ter sede própria, aos 22 de março, situada à Praça Marquês do Herval,

inaugurada pelo Presidente da Província, Dr. Sátiro de Oliveira Dias (21 de agosto de 1883 a 31 de maio de 1884). O prédio onde funcionava a Escola Normal não tinha uma boa estrutura física, ocasionando insatisfações a toda comunidade escolar, sendo assim, vários ofícios foram encaminhados ao Presidente da Província. Para solucionar o problema do prédio, o Presidente Ildefonso Albano inaugura (uma parte) em 23 de dezembro de 1923 a nova Escola Normal. A conclusão do prédio foi realizada no governo do interventor Roberto Carlos Vasco Carneiro de Mendonça. O edifício foi construído na Praça Figueira de Melo (iniciada a construção em 11 de agosto de 1922, sob planta do engenheiro José Gonçalves Justa, na gestão do Presidente Justiniano de Serpa). A escola passou a ser denominada de Escola Normal Justiniano de Serpa, com funcionamento nesse prédio até 1958.

No caso específico de Alba Valdez, que estudou na Escola Normal de 1886 a 1889, deduzimos que a Escola Normal foi primeiro meio de sociabilidade intelectual dela. Para entendermos o conceito de intelectual nos embasamos em Sirinelli (1996), que afirma que o termo tem uma significação ampla e sociocultural, envolvendo criadores e mediadores culturais em um processo de engajamento. Assim, podemos dizer que a Escola Normal possibilitou a Alba Valdez, além de formar-se professora, engajar-se em um mundo de sociabilidade como criadora e mediadora de cultura junto com outras mulheres que também se fizeram intelectuais.

Na Escola Normal Alba Valdez se inseriu em uma outra rede de sociabilidade intelectual, a imprensa, através do jornal *O Orvalho* (1888), publicação das alunas da Escola Normal. Como já frisamos, nesse periódico reconhecemos uma publicação anônima como de autoria de Alba Valdez. Provavelmente, tenha sido fruto do mesmo caderno de composições que ela citou em seu discurso de posse na academia Cearense de Letras:

Há, porém, outro fato que, para mim, merece especial relevância por se tratar da parte inicial da minha peregrinação nos domínios da literatura. Não fora o jornalista J. de Serpa e jamais me teria exposto aos azares da palavra impressa. Ao caderno de composições da menina que entrara na Escola Normal, aos 12 anos, possivelmente se ajuntariam outros, a sombra fenecedora da gaveta (VALDEZ, 1953, p.138).

Foi neste ambiente que Alba Valdez estabeleceu contato com Justiniano de Serpa, seu professor de História do Brasil na Escola Normal, que reconheceu seu talento para as Belas Letras, oportunizando, como já narramos, a publicação de produções de Alba Valdez em outro jornal, o *Diário do Ceará* (1895-1896). Encontramos ainda no discurso de posse dela na Academia Cearense de Letras

alguns relatos sobre o tempo da Escola Normal e suas primeiras experiências de escrita literária, ao lembrar sua prática de escrita:

Conforme a sua expressão, eu precisava reafirmar a tradição que deixara na Escola Normal, a qual – seja-me permitido enunciar – consistia em que sob a vista dos professores, eu rabiscava umas descriçõezinhas, julgadas premissas importantes. Hoje creio que a minha pouca idade, mais do que o merecimento próprio, influía no otimismo com que eram acolhidas as minhas produções literárias de então (VALDEZ, 1953, p.138-139).

Outro fato que reforçamos quanto à relevância da Escola Normal como espaço didático e social que contribuiu para a formação da escritora e o estabelecimento de uma rede de sociabilidade que tornou possível a publicação da produção de Alba Valdez na imprensa, porque, nesse mesmo local, ela conviveu com outra escritora e jornalista cearense, Francisca Clotilde, que também fora sua professora e fomentara pelo exemplo o exímio manejo da pena e a publicação nos periódicos.

Destarte, nos anos oitocentistas conseguimos identificar várias produções de Alba Valdez na Imprensa, como foram citadas na seção anterior. Assim, com relação aos meios e lugares de sociabilidade intelectual reconhecemos que foram esses jornais e revistas que se configuraram como as redes de sociabilidades da jovem autora no século XIX: jornal *O Orvalho* (1888); a revista *A Quinzena* (1888); jornal *A Constituição* (1889); jornal *Diário do Ceará* (1895-1896).

Verificamos que essas redes de sociabilidade a partir da imprensa se ampliaram para outros estados, o que comprovamos com a publicação de Alba Valdez na imprensa do Pará, no jornal *Diário de Notícias* (1897) de Belém. Nessa perspectiva, reconhecemos que a produção de Alba Valdez reflete a imprensa do século XIX como um espaço de sociabilidade intelectual, e isso ocorria porque, como afirmou Gontijo (2005, p. 263-264): “o jornalismo era a melhor opção para divulgação de ideias” dessa época. Afinal, os jornais aglutinavam um grupo de autores, atraía também leitores de muitos níveis sociais e intelectuais e, desse modo, alargava a divulgação da obra de escritoras como Alba Valdez.

Com o início do século XX, essa expansão dos meios de sociabilidade de Alba Valdez é ainda maior, atingindo mais jornais cearenses, na capital e no interior, bem como outros estados do Brasil. A trajetória bibliográfica da autora, como já descrita, nos mostra que, nos anos de 1900, havia registros de publicações de Alba Valdez no Maranhão, no jornal *Pacotilha* (1900); no Rio Grande do Norte, na revista *A Tribuna*

(1901); no Rio de Janeiro com os periódicos *A Capital* (1903), jornal de Niterói, a *Revista da Semana* (1904) e *Gazeta de Petrópolis* (1908); e em São Paulo, no *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905).

Como também, precisamos destacar que uma das maiores redes de sociabilidade que Alba Valdez se incluiu foi a revista pernambucana *O Lyrio* (1903-1904), visto que esse periódico garantiu grande visibilidade às mulheres que colaboraram com este periódico, elas se uniram na revista com o intuito de divulgar a produção de autoria feminina.

Considerando a revista *O Lyrio* e as relações que se estabeleceram entre as autoras que publicam nesse periódico, em conformidade com Teixeira (2011), averiguamos que a imprensa feminina se configura como lugar de efervescência intelectual, de vivência afetiva e espaço de sociabilidade, o que percebemos porque pelos periódicos as mulheres escritoras se manifestaram, se organizaram e se comunicaram na cidade e em outros locais de produção, divulgando o conhecimento que construíam, seus pensamentos, sentimentos e promovendo debates e interações entre elas e com a sociedade em geral.

Assim, as publicações de Alba Valdez em *O Lyrio* possibilitaram que ela se relacionasse amistosa e ideologicamente com outras mulheres, de forma que juntas adquiriram mais força para exposição de suas produções literárias no espaço público da imprensa, o que concorreu para alterar o comportamento histórico social das mulheres do final do século XIX e dos primeiros anos do XX.

Isso comprova, portanto, a existência de redes de sociabilidades, que para Sirinelli (1996, p. 246) pode ser constatada quando um “estrato intermediário dos intelectuais” exercem uma influência cultural, social e política sobre outras pessoas daquele tempo. Destarte, as escritoras que publicavam em *O Lyrio*, a partir de sua interação constante umas com as outras (redatoras, colaboradoras e correspondentes) e com as leitoras, ampliaram essa rede de sociabilidade com outras mulheres e outros periódicos.

Observamos também que Alba Valdez fazia uso das redes de sociabilidade para divulgar suas ideologias acerca da emancipação feminina, e isso se aliou a outro espaço de sociabilidade que a autora criou junto com outras mulheres: a Liga Feminista Cearense. Deduzimos que essas organizações ou sociabilidades ideológicas, segundo Schueler (2008), alimentavam o desejo e o gosto pela

convivência das mulheres com a sociedade de seu tempo, aumentando sua ânsia por visibilidade, visto que não estavam mais sozinhas.

Alba Valdez também aproveitou a teia de sociabilidade promovida pela imprensa como espaço de atuação comercial, quando divulgou seus dois livros em diversos periódicos, como no jornal *O Ceará* (1901); na revista *O Lyrio* (1903); no jornal *Pacotilha* (1900); entre outros. A leitura de Teixeira (2011) nos mostra que ao fazer uso da imprensa como um lugar de sociabilidade intelectual feminina e de atuação comercial, as mulheres extrapolavam os papéis socialmente atribuídos a elas pela sociedade da época.

Vemos que as redes de sociabilidade de Alba Valdez seguiram crescendo a partir da publicação nos periódicos que chegaram ao estrangeiro, fora do Brasil a autora publicou em Portugal, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiras* (1903; 1905), como também em jornal francês e sueco, como já citados. Essas vivências de sociabilidade deram maior notoriedade à autora e a sua produção no Brasil.

Ademais, percebemos que também no Brasil seu raio de publicação se ampliou, ela publicou no jornal *A Cidade* (1900; 1904) de Sobral, interior do Ceará, na revista *Anais - do Congresso Maranhense de Letras* (1910) e *Renascença* (1911) e no Maranhão; na revista *Íris* (1920) de Porto Alegre; no Rio de Janeiro, também encontramos publicações na revista *Nação Brasileira* (1930) e no jornal *Diário da Manhã* (1945); em Pernambuco, o jornal *Correio da Manhã* (1935) publicou uma produção de Alba Valdez.

No Ceará, verificamos publicações de Alba Valdez em muitos jornais e revistas a partir da década de 1910: *Revista do Ceará*, o jornal *O Bandeirante*, a *Revista Escolar*, como também, as revistas *Ceará Intelectual*, *Ano Escolar*, *Panóplia*, *Poliantéa*, *A Jangada*, *Atualidade*; e os jornais *Correio do Ceará*, *O Nordeste*, *Unitário*, *O Estado*, *Diário do Ceará*, *A Tribuna*, *A Razão*, *Jornal do Comércio* e outros.

Toda essa notoriedade da obra de Alba Valdez colaborou para que ela fosse inserida em mais uma rede de sociabilidade: a Academia Cearense de Letras, que além do prestígio social e político garantiu mais visibilidade a autora, que também passou a figurar nas polêmicas entre a presença da mulher nas Academias de Letras por todo o país.

As Academias eram espaços de divulgação das Letras do Ceará e, portanto, fora relevante para Alba Valdez ser convidada em 1922 para compor esse grupo, até

as mulheres escritoras cearenses, elas se correspondiam com outras escritoras do Brasil interagindo a partir das colunas e espaços nos jornais, como “Poetisas da Ala” ou o suplemento “Jornal do lar” que citamos na história da imprensa feminina no Ceará. Embora, em nenhum desses não tenhamos encontrado publicações de Alba Valdez, consta nos registros da Ala Feminina na Casa Juvenal Galeno que a escritora fez parte dessa associação. Alba Valdez documentou a relevância das redes de sociabilidade em seu texto “Um encantador serão lítero-artístico na residência de Juvenal Galeno” que fora publicado no jornal *Correio do Ceará*, na edição de 25 de fevereiro de 1921, na primeira e segunda páginas:

Apesar dos esforços e tentativas que se têm feito, o nosso tráfego intelectual não apresenta nestes últimos tempos, afora uma outra joia isolada, nada que cative admiração.
Não é por falta de engenhos, que os temos, do que há mister é de uma longa solidariedade inquebrantável que congregue os elementos dispersos, acabando com a apatia, o marasmo dissolvente, para a iniciação de uma fase de atividade e esplendor cultural (VALDEZ, 1921, p.1).

Entretanto, temos que sob um olhar crítico enxergar também essas associações de intelectuais como um processo que pode ser comparado à formação das elites coloniais no Ceará, que consistia em uma forma de diferenciar as pessoas por sua linhagem familiar e posse de bens de consumo, constituindo uma “nobreza civil⁶⁹”. Logo, com base nessa definição de “nobreza civil” (NOGUEIRA, 2017), podemos nos referir a uma espécie de “nobreza intelectual”, uma classificação intelectual que distinguia e elevava as pessoas pela sua participação nessas sociedades que legitimavam o lugar de escritor.

Assim, a entrada de Alba Valdez nessas associações não desconfigurou caráter de diferenciação social delas, mas, precisamos reconhecer que houve uma ruptura de paradigmas e um alargamento de redes de sociabilidades para a autora, que a partir do seu ingresso passou a publicar também nos órgãos de imprensa dessas sociedades, tendo sua palavra agregado mais valor social e intelectual conferido pela participação nesses grupos em seu tempo.

⁶⁹ Segundo Nogueira (2017): “Diferente da ‘nobreza de sangue’, a ‘nobreza civil’ tratava-se de um referencial de classificação social que distinguia dos plebeus (não equiparando, porém, ao estatuto da nobreza estamental) os sujeitos que, por meio do acesso a espaços de poder e governança locais (do Reino e do império) tornavam-se nobres, não por conta das origens familiares, mas pela prestação de serviços ao Estado.

A interatividade e sociabilidade que as agremiações intelectuais e, sobretudo, a imprensa proporcionava a Alba Valdez pode ser verificada ao longo de sua trajetória bibliográfica, porque nesses espaços observamos a constituição do que Teixeira (2011, p.9) chamou de “o mundo das sociabilidades”, que ela explica como sendo “uma forma de encontrar a experiência dos indivíduos em sua vida social”.

Nesse contexto, acrescentamos que a tessitura das redes de sociabilidade de Alba Valdez se desenvolve no decorrer da travessia de suas publicações, de modo que, à medida que a escritora publicava sua produção pelos jornais, revistas e almanaques se relacionava com outros pares, autores e autoras, que também interagiam com ela. Logo, conscientes do papel da imprensa para sociabilidade da beletrista Alba Valdez refaremos no próximo capítulo o caminho percorrido pela obra desta autora.

3 TRAVESSIAS DE ALBA VALDEZ NA IMPRENSA BRASILEIRA

Refazer a caminhada de Alba Valdez na imprensa brasileira retoma e consolida todas as discussões a que nos propusemos em capítulos anteriores, pois retrata sua

inserção e até seu esquecimento como sujeito do discurso que contribuiu para definição de um lugar social para a palavra feminina no Ceará em seu tempo; como também contribui para o fortalecimento de redes de sociabilidade que favoreceram à tomada de consciência da mulher como indivíduo e como partícipe das relações sociais.

Diante da trajetória de Alba Valdez é possível construirmos um parâmetro para análise de outras histórias de mulheres que se fizeram sujeitos do discurso, alterando também o sistema de lugares sociais, através do reconhecimento da mulher como locutora mediante a discursividade dominante, a voz masculina, mesmo que a mantendo, predominantemente, como matriz do que pode ser dito e censura do que não pode.

Em uma linha de raciocínio dedutiva, revisitamos algumas histórias de mulheres para contextualizar a relevância da escrita para conquista desse lugar social, que se fez a partir de uma relação entre a consciência individual como sujeito e dentro da sociedade. Nesse ponto reconhecemos a função da imprensa, que é o principal meio de circulação discursiva para as mulheres, um espaço público que elas adentram após o enfrentamento das dificuldades de alterar as posições dentro do todo social.

Para tanto, investigamos, historicizamos e relatamos a vida e a obra de Alba Valdez, procurando compreender, interpretar e representar as redes de sociabilidade que possibilitaram a ela tornar-se uma beletrista. E, desse modo podermos evidenciar a travessia da escritura desta autora, o que faz jus à analogia que construímos com um dos sentidos do termo travessia: “vento contrário à navegação”⁷⁰.

Isso porque, objetivamos evidenciar que as publicações de Alba Valdez marcam presença no cenário cearense no seu tempo, atravessaram o Brasil e chegaram ao continente europeu por meio de jornais, revistas e almanaques. Todavia, esse percurso não ocorreu de forma natural, ele exigiu esforços de muitas protagonistas, entre as quais está a própria Alba Valdez, para efetivar rupturas nos paradigmas dominantes para estabelecer, na transição dos séculos XIX e XX, uma posição social para as mulheres como produtoras do discurso e, sobretudo, condições de produção discursiva que possibilitam as mulheres escreverem e publicarem até hoje.

⁷⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Positivo, 2010.

No entanto, esse deslocamento do lugar social das mulheres é relativo, não é fixo, mas sim, mutável. Observamos que, conforme Sobral (2012) explica, a inserção e exclusão do sistema dos lugares sociais não dependem somente do sujeito discursivo, pois dependem também da soma total de suas relações sociais.

Nesse contexto, buscamos esclarecer esses movimentos de inserção e de esquecimento de Alba Valdez no sistema de lugares sociais, reconhecendo a imprensa como forma mais eficiente dela inscrever-se nesse sistema, como também, procurar compreender seu processo de ostracismo. Assim, nos propomos a refazer nesse capítulo a travessia da produção literária de Alba Valdez em jornais, revistas e almanaques, reunindo e apresentando as produções da autora e comparando-as em relação aos suportes em que foram publicados, caracterizando-os e distinguindo-os.

Para tanto, será necessário o suporte do anexo A, anexo B e anexo C, que trazem, respectivamente, as transcrições das publicações de Alba Valdez nos jornais, nas revistas e nos almanaques, sendo que no anexo D transcrevemos textos de alguns autores com referência a escritora em estudo. Lembramos que os critérios utilizados para as transcrições estão descritos na introdução deste trabalho.

3.1 A presença de Alba Valdez nos jornais

“O jornal é uma das mais belas manifestações da imprensa. (...) O jornal vai aqui e acolá narrando sucessos, declinando fisionomias; instrui porque desperta atenção do leitor pelas ideias que enuncia, pelas causas que combate, pelos lugares que descreve.”
(VALDEZ, 1904)

A participação dos jornais como suporte da escrita literária a partir do século XIX não pode ser desconsiderada pelas pesquisas sincrônicas e diacrônicas da literatura brasileira, sobretudo pela literatura de autoria de mulheres, cujas formas de produção e recepção foram construídas e definidas pela sua presença nos jornais, processo já constatado por Barbosa (2014) em seus estudos sobre a literatura nos jornais do século XIX. Esses estudos de Barbosa (2007; 2011; 2014) são fulcrais para desde o princípio considerarmos os periódicos além da ideia de simples suportes de produções literárias, mas como fator determinante para as características da escrita dos anos oitocentistas e várias décadas do século XX.

No caso da obra de Alba Valdez, o jornal é o início, o principal meio de circulação e o fim de sua obra, pois é nos jornais que ela publica seus primeiros textos, como também é neles que encontramos sua última produção, publicada poucos dias antes de sua morte.

Na seção “Florilégio” do jornal *a Razão*, de 25 de junho de 1929; no livro de Eusébio de Sousa (1937) sobre o cinquentenário do Instituto do Ceará; na obra de Henriqueta Galeno intitulada *Mulheres do Brasil*, no segundo volume publicado em 1971; no livro *Quem são elas?* de Olga Barroso (1992); na obra *Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses*, de Cunha (2008); na monografia de Maia (2007), ou nas teses de Luciana Almeida (2006) e de Gildênia Moura de A. Almeida (2012) e em dicionários sobre mulheres escritoras como Coelho (2002) e Duarte e Muzart (2004) encontramos curtos ensaios biográficos sobre Alba Valdez, que afirmam que sua estreia no mundo literário ocorreu nos jornais, primeiro no *Diário do Ceará*, atendendo ao convite de Justiniano de Serpa para publicação de produções entre 1895 e 1896.

Porém, na *Revista da Academia Cearense de Letras*, edição de 1962, na seção “Os Nossos mortos”, está posto como marco inicial da carreira literária de Alba Valdez publicações em um jornal de pequena circulação em Maranguape, cidade da zona metropolitana de Fortaleza:

Sua estreia no mundo das letras deu-se num jornalzinho de feição acanhada, que circulava na vizinha cidade de Maranguape. Logo em seguida, na imprensa desta Capital, principiou a estampar artigos e fantasias, subscrevendo-os, não mais com seu nome verdadeiro – Maria Rodrigues – mas com o pseudônimo Alba Valdez, pelo qual, durante sua existência, ficou conhecida no Ceará, no Brasil e no estrangeiro (p.153).

Na busca por esse jornal de Maranguape em que Alba Valdez estreou na literatura, consideramos a inferência de que esta publicação primogênita foi assinada com seu nome de batismo: Maria Rodrigues. Também partimos da análise da catalogação dos jornais cearenses publicados nos primeiros cem anos da imprensa no estado, realizada pelo Barão de Studart (1924). Desse modo, reduzimos essa busca pelos jornais de Maranguape publicados entre 1886 a 1889, visto que, deduzimos que Alba Valdez se descobriu escritora na Escola Normal, por conseguinte o início da busca partiu do ano de entrada da escritora nessa instituição; e findamos este intervalo no ano de 1889, porque neste identificamos a primeira publicação que

se tem conhecimento assinada com o pseudônimo Alba Valdez, como trataremos à frente.

Com o auxílio de Studart (1924), localizamos os seguintes periódicos publicados em Maranguape neste interstício: *Bemtevi* (1886), de periodicidade mensal, que segundo, se dizia “jornal do espião”; *O Globo* (1887), descrito por Studart (1924) como crítico, literário e charadístico, de periodicidade semanal, impresso na tipografia Constituição de Fortaleza. No entanto, não encontramos exemplares destes jornais para consultas e pesquisas, nem em Hemerotecas Digitais, nem nas bibliotecas estaduais ou nacional. Na cidade de Maranguape também não foi localizado arquivos de periódicos. Assim, não houve como recuperarmos o que Alba Valdez supostamente publicou nesse periódico maranguapense citado pela *Revista do Instituto do Ceará*.

Isso denuncia um problema, muitos periódicos não foram preservados no Ceará, situação que dificulta ou até impede o acesso a muitas produções literárias do século XIX e primeiros anos do século XX. A dimensão dessa lacuna é ainda maior diante da constatação de que nessa época havia inúmeras publicações de periódicos, visto que eles supriam a falta de livros, e até de escolas no Brasil (BARBOSA, 2007).

Por conta disso, o jornal já era reconhecido desde o século XIX como “o livro do povo” por Bezerra (1935), este escritor cearense também afirmava em sua obra *Notas de viagem*, escrito a partir de viagem que fez em comissão pelo sertão cearense, que “uma cidade sem jornal era uma fonte sem água”.

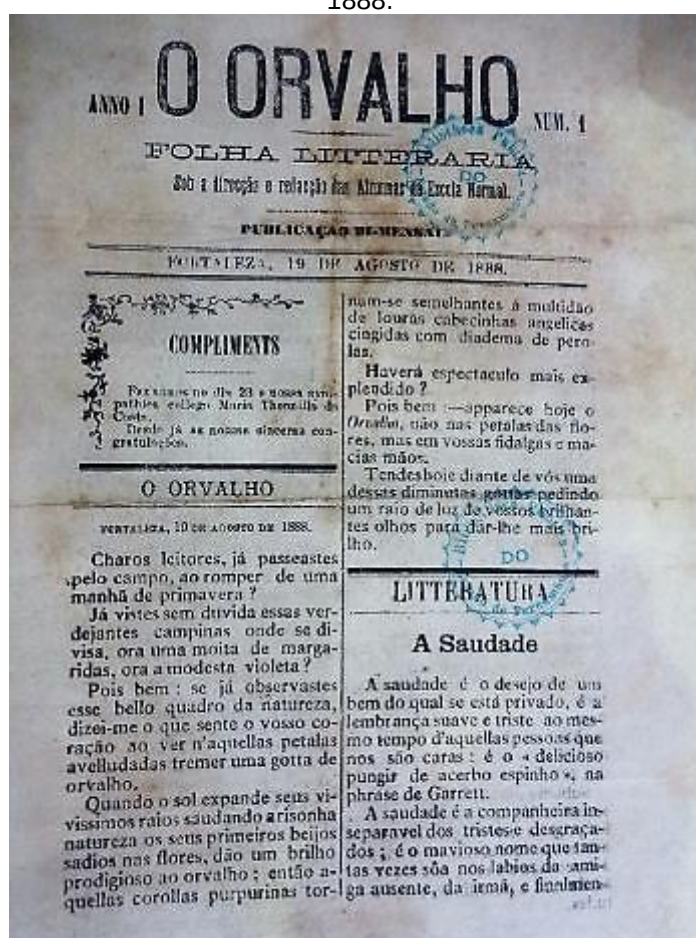
Nesse contexto, os jornais se tornaram grandes veículos de literatura (DUARTE, 2016), o que explica sua relevância para a revisão da história, sobretudo quando nosso objetivo é resgatar a vida e a obra de uma autoria feminina que se inscreveu e depois foi apagada do sistema de lugares sociais, como ocorreu com Alba Valdez. Ela não fugiu ao padrão de sua época, ocupou seu lugar social público a partir da docência e foi reconhecida a partir da escrita que publicou nos jornais antes que nos livros.

Apesar da afirmação de que a estreia literária de Alba Valdez no mundo das letras ocorreu no *Diário do Ceará* (1895-1896), levantamos ainda uma nova hipótese: atribuímos a Alba Valdez algumas das publicações, as do pseudônimo Mademoiselle***, cujas produções datam de março, abril e junho de 1888 na revista *A Quinzena*, que apresentaremos na segunda seção; e as anônimas no jornal *O Orvalho*, periódico bimestral publicado pelas alunas da Escola Normal. O primeiro

número desse jornal saiu em 19 de agosto de 1888, portanto, no período em que Alba Valdez ainda era aluna da instituição.

Nossa hipótese da autoria de Alba Valdez, ou pelo menos uma participação ativa na escrita desse jornal, fundamenta-se na análise do primeiro número publicado, único disponível do período em que Alba Valdez pertencia ao corpo discente desta escola de formação de professores, que localizamos no Arquivo Público de Pernambuco, em Recife.

Figura 51 - Jornal das alunas da Escola Normal, *O Orvalho*, nº 1, ano 1, edição de 19 de agosto de 1888.



Fonte: Arquivo Público de Pernambuco.

A primeira edição de *O Orvalho* tinha quatro páginas, mas o conteúdo não foi suficiente para preencher todo o espaço, na última coluna da quarta página foi publicado um poema assinado pelo revisor da tipografia Constitucional, onde fora impresso o jornal, em que ele ironiza e denuncia o espaço em branco após a diagramação do material, a revisão de última hora e a ordem de ocupar o espaço em branco.

No mais, tudo seguia os padrões do final do século XIX nesse jornal, as seções eram: “Compliments”⁷¹ (termo que em francês significa elogios, saudações) em que parabenizavam uma das normalistas; um editorial em que apresentam o jornal; “Literatura”, com duas publicações “A saudade”, que aparece sem assinatura, e “Caridade”, assinado por suposto pseudônimo Odette d’Orleans⁷²; seguida pela seção “Variedades” composta por duas publicações em prosa, “A gramática das mulheres”, também anônimo, e “A última prova de amor”, assinado por outro provável pseudônimo, Mary d’Évora⁷³; “Novo Rei” que continha três pequenas narrativas em que se empregou o efeito de humor; a penúltima seção era denominada “Quadras populares”, composta por duas estrofes; e a última era a seção “Charadas”, assinada também pelo que acreditamos ser outro pseudônimo, Ofélia, que supomos ser referente a personagem da obra de Hamlet de William Shakespeare.

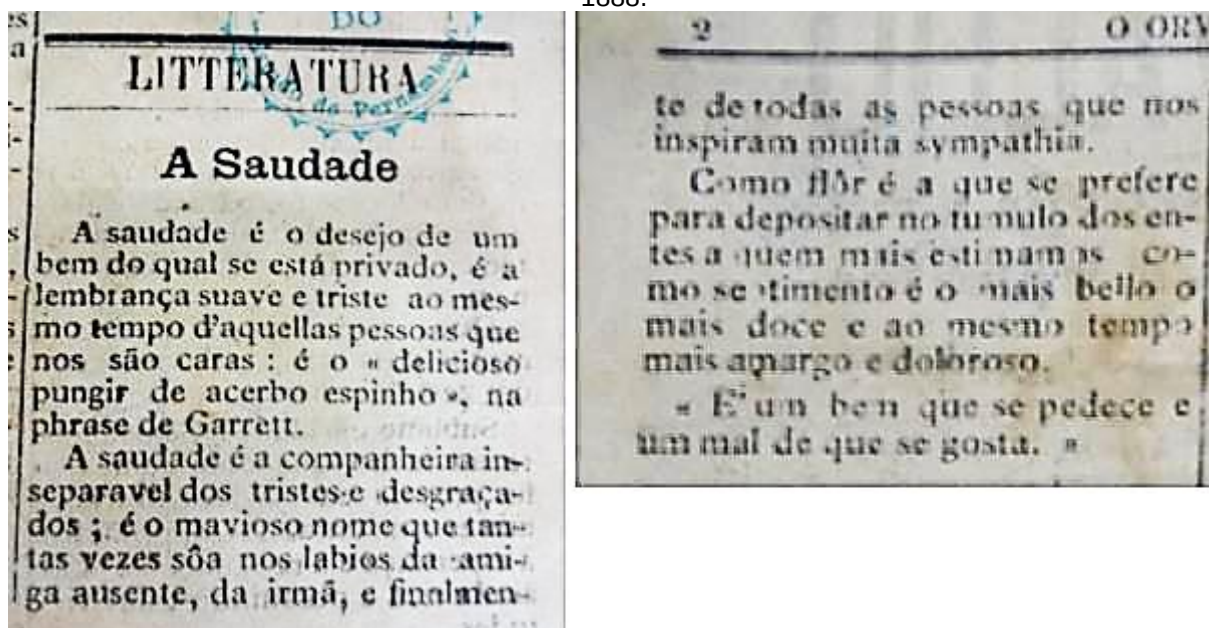
Contudo, uma produção desse jornal chamou nossa atenção: “A saudade”. Porque nela identificamos traços que posteriormente aparecem na obra de Alba Valdez, além do estilo de linguagem, vocabulário e filiação à literatura romântica, destacamos o uso de citação comum a outra obra da escritora, como analisamos em “A saudade” (ANEXO A):

⁷¹ Registramos que no jornal *Constituição*, na segunda página da edição de 21 de março de 1888, há uma publicação da Escola Normal que informa as alunas “aprovadas com distinção” nos exames de francês, entre elas identificamos Maria Rodrigues (Alba Valdez), o que consideramos como mais um indício da participação efetiva dela na escrita do jornal *O Orvalho* (1888).

⁷² Pressupomos tratar-se de uma referência a Amélia de Orleães, filha do Conde de Paris, que se casou na década de 80 do século XIX com o Príncipe Real de Portugal, D. Carlos de Bragança, que se tornou rei D. Carlos I.

⁷³ Pode tratar-se de uma alusão a Évora, uma cidade portuguesa das mais antigas da Europa, em que se tem uma importante universidade de Portugal.

Figura 52 - “A Saudade”, publicação na primeira edição do jornal *O Orvalho*, de 19 de agosto de 1888.



Fonte: Arquivo Público de Pernambuco.

Nossa hipótese de que autoria desta publicação é de Alba Valdez se reforça por conta da citação de Garrett para conceituar saudade: “A saudade é o desejo de um bem do qual se está privado, é a lembrança suave e triste ao mesmo tempo d’aquelas pessoas que nos são caras: é o ‘delicioso pungir de acerbo espinho’ na frase de Garrett” (O ORVALHO, 1888, p. 1, grifo nosso). A mesma referência que a escritora utilizou no livro *Dias de Luz* (1907), obra que ela subintitulou de “memórias de adolescência”. Ao narrar uma discussão sobre as belas letras que ocorrera entre as alunas da Escola Normal, o espaço físico que predominou no romance, esta autora fez a mesma citação:

Estou me afastando, sem querer do assunto de que pretendia tratar; a Gracinha Macedo falou eloquentemente de seu autor predileto: agora vou falar do meu...

- Espera, Orminda, atalhou Nenê Rayol, quero também dizer qual o meu favorito – Almeida Garrett quando escreveu isto:

“Saudade! Gosto amargo de infelizes. Delicioso pungir de acerbo espinho” (VALDEZ, 1907, p.50-51, grifo nosso)

A partir dessa primeira publicação de Alba Valdez no jornal, percebemos que a escrita dela segue os paradigmas românticos que estão marcados pelo estilo fluente, de linguagem simples, fácil, delicada, polida, culta e com esmerada correção gramatical. Há também subjetivismo, sentimentalismo, concepções dualistas, em que

ela estabelece oposições para desenvolver as temáticas que aborda, como a saudade, o sonho, o culto à natureza, as reflexões e descrições sobre cotidiano, a família, o telurismo e a religiosidade. Essas são características próprias da filiação ao romantismo, sempre presente na escrita da mulher no Ceará.

Nesse contexto, reconhecemos que o anonimato do texto publicado fora uma estratégia necessária para a expressão pública das mulheres, assim como também o uso dos pseudônimos e a sutileza da crítica e da reivindicação de direitos, táticas que percebemos que foram utilizadas por Alba Valdez desde suas primeiras publicações. Ademais, ocorre-nos mais uma pressuposição possível que a camuflagem da autoria reduzia o medo, a insegurança que, naturalmente, envolviam as primeiras publicações das mulheres, sobretudo tão jovens quanto as normalistas. As escritoras, temendo a rejeição, a crítica cruel ao gênero e até a repressão familiar e social, se escondiam para se expor.

Nessa conjuntura, compreendemos como em 1889, no jornal *Constituição*, do qual Justiniano de Serpa também era redator, encontramos o poema intitulado “Os sonhos” assinado por Alba Valdez. Esse periódico era um órgão do partido conservador, defensor da monarquia desde sua fundação em 1863, com periodicidade semanal, e que encerrou suas atividades nesse mesmo ano, dois dias após a Proclamação da República (STUDART, 1924).

O poema “Os sonhos” é a única publicação em versos conhecida da autoria de Alba Valdez, escrita quando ela tinha apenas quinze anos. Não obstante, percebemos a presença da poesia em suas produções em prosa, uma das características comuns aos filiados à escola do Romantismo, bons seguidores, leitores e admiradores de José de Alencar, como inferimos que era Alba Valdez. Este estilo era também o que devia modelar a escrita de mulheres naquela época e lugar, conforme constatamos no discurso de homenagem ao centenário do nascimento de Alba Valdez, publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras*, em que Andrade (1976, p. 142-143) sintetiza:

Naquela Fortaleza romântica, crescendo de costas para os sertões e de frente para o mar, abrigavam-se os que desertavam dos campos “incertos e mal seguros.” Uns fugiam espantados da vida rústica, outros iam à procura de novos e melhores ganhos, ou de *status* pela educação. Embevecida no sonho das letras ou da elegância, tocada de gosto francês, assimilando cultura europeia, uma sociedade patriarcal confundia-se em um mundo renascente, entre as asperezas da terra mártir, a dentro esquecida, e a ingenuidade de certa sabedoria erudita,

em que mergulhavam os seus pupilos, espalhando-se em clubes, salões literários, em agremiações, cafés para conversa e jornalismo inquieto, motivados de polêmicas literárias ou políticas.

Em tal ambivalência, medrou e cresceu o talento da Alba Valdez.

Dessarte, além de confirmar os ares românticos que ainda envolviam Fortaleza no final do século XIX e primeiros anos do XX, este fragmento mostra-nos que eram nos jornais que se materializavam as “polêmicas literárias e políticas”. Cada jornal tinha suas posições definidas nas contendas e nos debates que Barbosa (2007) considera uma característica da época.

Assim, nesse contexto, é notório desde o título que o jornal *Constituição* era um veículo de imprensa do Conservadorismo e da Monarquia. Em sua edição de 02 de fevereiro de 1889, na terceira coluna da segunda página, publicou o poema de Alba Valdez, em meio a notícias sobre chuvas, artigos sobre indústria e política, obituários e uns versos de tom satírico na quinta coluna da mesma página, denominada “Dois *trioletes*⁷⁴ por dia”. A primeira e a terceira páginas deste periódico foram reservadas às publicações oficiais do governo imperial, em âmbitos nacional e local, também há um breve noticiário sobre a corte brasileira, sendo a quarta página preenchida pelos anúncios, seguindo o modelo da maioria dos jornais dos últimos anos oitocentistas.

⁷⁴ Estrofe de oito versos na qual o primeiro verso rima com o terceiro, quarto, quinto e oitavo, e o segundo verso rima com o sexto e o sétimo.

Figura 53 - Poema "Os Sonhos", publicação no jornal *Constituição*, edição de 02 de fevereiro de 1889.

CONSTITUIÇÃO ANNO XXVI N.º 58

SESSÃO CONSERVADORA

SEXTA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO DE 1889

PARTE OFFICIAL

POEMA

OS SONHOS

I

Era sonho. Que sonho venturoso
Eu tivera outro dia!
Foi num jardim florido, esplendoroso...
Sonhava que te via!

II

Era sonho. O palácio era encantado,
Luzento como o dia!
Num divã molemente reclinada
Sonhava que te via.

III

Era sonho. De lúcida avenida
Caminho eu seguia...
E lá, do céu olhava, emboscada,
Sonhava que te via.

IV

Era sonho. Te olhando da janela
Eu ad te distinguia...
No azul do mar em gondola singela,
Sonhava que te via.

V

E nunca mais eu tive esses meus sonhos
Os meus sonhos d'outro dia...
Amo-te! E são ainda mais sonhos
Os meus sonhos d'agora!...

ALDA VALDEZ

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Os Sonhos

I

Era sonho. Que sonho venturoso
Eu tivera outro dia!
Foi num jardim florido esplendoroso...
Sonhava que te via!

II

Era sonho. O palácio era encantado,
Luzento como o dia!
Num divã molemente reclinada
Sonhava que te via.

III

Era sonho. De lúcida avenida.
Caminho eu seguia...

E lá, do céu olhando, embevecida,
Sonhava que te via.

IV

Era sonho. Te olhando da janela
Eu só te distinguia...
No azul do mar em gondola singela,
Sonhava que te via.

.....

V

E nunca mais eu tive esses meus sonhos
Os meus sonhos d'outrora...
Amo-te! E são ainda mais risonhos
Os meus sonhos d'agora! (VALDEZ, 1889, p.2)

O poema de construção simples e temática onírica caracterizava as primeiras tentativas literárias de uma jovem de quinze anos, que se manteve fiel às temáticas do Romantismo, mas não encontramos outros poemas em sua bibliografia, Alba Valdez privilegiou a escrita de contos, crônicas e artigos, talvez por isso essa publicação não seja considerada pela maioria dos pesquisadores, com exceção de Cunha (2008) que citou e transcreveu essa produção.

Observamos que após essa publicação no jornal *Constituição* não há registros de outras produções da escritora nos periódicos até 1895, e atribuímos isso ao fato de que Alba Valdez ao concluir o curso Normal foi exercer o magistério em localidades do interior cearense até conseguir uma vaga para transferir-se de volta para Fortaleza.

Entre 1895 e 1896, Alba Valdez publicou suas produções no jornal *Diário do Ceará*, atendendo ao convite de seu ex-professor da Escola Normal, Justiniano de Serpa. Porém, nos acervos de periódicos não localizamos exemplares desse jornal referentes a essa data que constem publicações de Alba Valdez, nem nos arquivos de Fortaleza, tampouco de Recife. Nem mesmo nos acervos da Biblioteca Nacional obtivemos sucesso em nossas buscas, pois, apesar de encontrarmos dois exemplares desse jornal - a primeira edição que data de 12 de dezembro de 1894 (nº 1); e outro exemplar de 04 de junho de 1896 (nº 158) , e este último pertencer ao período de publicação de Alba Valdez nesse órgão de imprensa - não há produções de nenhuma mulher publicadas em nenhum desses dois exemplares, que também já se encontram digitalizados e disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 54 - Jornal *Diário do Ceará*, edição de 04 de junho de 1896.

A análise dessas duas publicações, número 1 e número 158 do *Diário do Ceará*, permitem-nos perceber que este jornal abria mais espaço para literatura, se comparado ao jornal *Constituição*, apresentando composições em verso e prosa, uma miscelânea que mistura o discurso jornalístico e seus gêneros com o literário. A edição de 1896 disponível dedica-se quase que inteiramente a homenagens ao Dr. José Carlos da Costa Ribeiro Junior⁷⁵ e não consta nessa edição nenhum vestígio de autoria de Alba Valdez. Dessa forma, os únicos registros das publicações da autora no *Diário do Ceará* estão no livro *Em sonhos...fantasias* (1901), o que afirmamos mediante publicação na seção “Os nossos mortos” da *Revista da Academia Cearense de Letras* (1962, p.154):

Entusiasmado com a cintilação da pena da jovem beletrista de então, Justiniano de Serpa, que foi eminente parlamentar, presidente do nosso Estado e Presidente da nossa Academia, convidou-a a colaborar no *Diário do Ceará*, por ele dirigido, o que de certo modo descerrou os pórticos da notoriedade.
Mediante rigorosa seleção, esses trabalhos foram reunidos no livro *Em sonho*, que veio a lume em dezembro de 1901.

Essa afirmação de que Alba Valdez realizara uma seleção de suas publicações no jornal *Diário do Ceará* (1895-1896), somada a nossa constatação de que a autora publicava uma mesma produção em diferentes jornais - como ocorre com “O sonho do cego” que localizamos no jornal *A República*, edição de 16 de maio de 1900, e no número 127 do jornal maranhense *Pacotilha*, publicado em 30 de maio desse mesmo ano – leva-nos a levantar a hipótese de que uma publicação em outro jornal de Belém do Pará, o *Diário de Notícias*, também possa ter sido publicada no jornal *Diário do Ceará*.

Estamos nos referindo à produção literária “Noturno”, inédita em formato de livro e nunca citada nas bibliografias ou levantamentos da obra de Alba Valdez que se encontra espalhada por diversos periódicos do Brasil e que intentamos reunir. “Noturno” foi publicada na edição de 31 de outubro de 1897, considerando esta data, podemos inferir que esta pequena composição não foi selecionada pela autora para compor seu primeiro livro.

Publicado no rodapé da primeira página do *Diário de Notícias* (1897), espaço que em outras edições desse periódico era ocupado pelo folhetim, junto com três

⁷⁵ Segundo o editorial do *Diário do Ceará* (1896), José Carlos era um homem erudito, que desistira da magistratura, depois de desempenhar vários cargos nessa área, para tornar-se professor e jornalista.

outras publicações: “Sóror Marta”, um conto de Arthur Azevedo⁷⁶; “Fantasia”, uma composição de prosa poética de C. Menezes⁷⁷, muito semelhante ao escrito de Alba Valdez publicado na mesma seção; e um soneto de Octavio Rosas⁷⁸, intitulado “Noiva”.

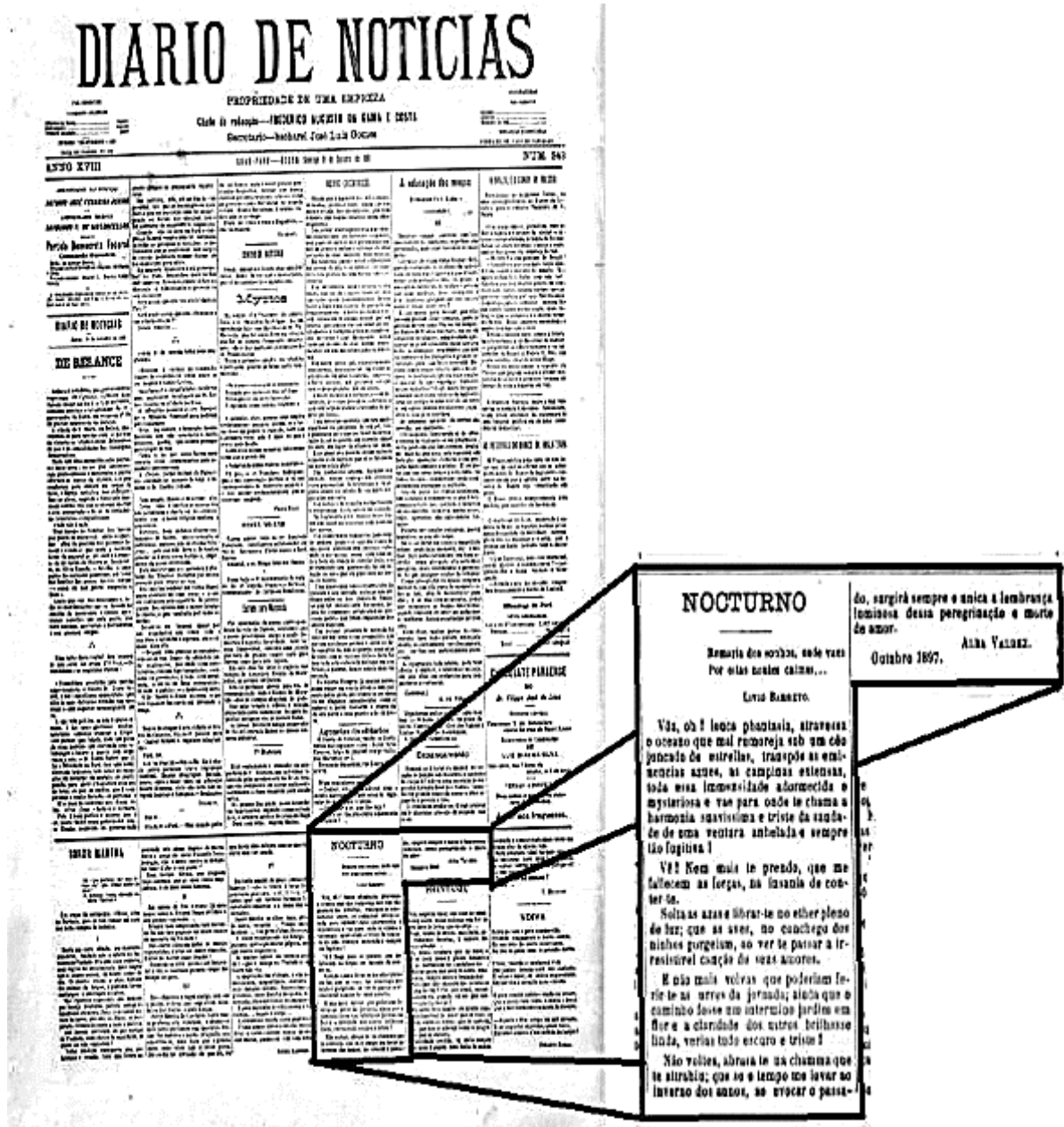
Todas essas publicações tinham temas românticos, o predomínio do sentimentalismo e até da morte, que marca o conto que abre a seção. Ainda destacamos um artigo que trata da educação das moças e está também na primeira página do *Diário de Notícias* (1897), mostrando que foi permitido as mulheres ocupar o espaço público, através da educação e de postos no mercado de trabalho. Este jornal do Pará tem um formato comum aos periódicos cearenses do final do século XIX, quatro páginas que hospedavam notícias, anúncios, artigos e literatura.

⁷⁶ Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855. Foi, ao lado do irmão Aluísio, um dos fundadores da ABL, na qual criou a cadeira 29, que tem como patrono Martins Pena. Arthur Azevedo foi jornalista, poeta, contista e teatrólogo. Entre seus companheiros figuravam Olavo Bilac e Coelho Neto. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n1/0101-3289-rbce-37-01-0011.pdf>. Acesso e: 8 mar.2019.

⁷⁷ Acreditamos que C. Menezes tratava-se de Álvaro Sá de Castro Menezes (1883-1920), nascido em Niterói-RJ foi poeta, escritor, jornalista, promotor público, juiz e lente (professor catedrático) de Economia Rural e Estatística da antiga Escola Superior de Agricultura (atualmente Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/066559/per066559_1942_00009.pdf. Acesso e: 8 mar.2019.

⁷⁸ Não encontramos nenhuma referência sobre o poeta Octavio Rosas.

Figura 55 - "Noturno", publicação no jornal do Pará *Diário de Notícias*, edição de 31 de outubro de 1897.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Além das temáticas de caráter literário romântico (amor, morte, comunhão entre a natureza e os sentimentos), esta composição de Alva Valdez, semelhante a outros autores da mesma época, mostra que no final do século XIX ainda havia forte adesão aos paradigmas do Romantismo na escritura das belas letras no Brasil, como: o idealismo, exotismo, a ironia, a imaginação como autêntica “potencialidade criadora”, os sonhos como elementos de extrema importância na estrutura e concepção da alma romântica, a natureza contraditória, a liberdade de criação de formas e estilos,

descritas por Silva (2011). No prefácio da segunda edição de *Em sonho...fantasias* (2017) Ângela Gutiérrez⁷⁹, também reconhece esse traço na escrita de Alba Valdez e, ainda, aponta-a como leitora de José de Alencar:

Sem dúvida, nos textos dessa coletânea, a íntima relação que estabelecem entre a natureza e os sentimentos das personagens remete à característica romântica desenvolvida com extremo talento por Alencar em sua novelística, e muito, especialmente em *Iracema*, romance em que o autor, como forma de valorizar o Brasil e de criar um romance de fundação, ressalta nossa natureza como uma das marcas de brasilidade que identificam a nova terra como nação. Além dessa ligação primordial, muitas expressões de Alba Valdez, em suas fantasias, revelam a leitura de Alencar: Cito, como exemplo: “Três vezes a autora coria o céu de rosa, quando avistamos uma alta serra...”, em “O Frade de Pedra”; “Saudades torturavam-me porque, além, muito além, tinham ficado minha mãe e meus irmãos, a quem talvez não abraçaria tão cedo”, em “Recordações” (GUTIÉRREZ, 2017, p. 20-21).

Podemos destacar, também, no estilo de Alba Valdez, a abundância de interjeições e exclamações, o que cria um tom de exaltação retórica, assim como, o subjetivismo e a emoção ampliam na expressão de intimismo, fazendo uma escrita enfática e declamatória, apesar de em prosa. Ressaltamos que essas características são também associadas ao romantismo por Silva (2011, p. 560) quando descreve a língua e o estilo da arte romântica:

A língua e o estilo transformaram-se profundamente, enriquecendo-se em particular no domínio do adjetivo e da metáfora. A linguagem literária abandonou os artifícios expressivos de origem mitológica, verdadeiros tópicos da tradição literária dos séculos anteriores, já surrados e desprovidos de qualquer capacidade poética, ao mesmo tempo que se aproximava da realidade e da vida (...), mais rica.

Conservando esses mesmos tons românticos, encontramos no jornal fluminense *A Capital*, publicado em Niterói, outra produção de Alba Valdez. Na edição de 06 de agosto de 1903, estampada na primeira página, na terceira e quarta coluna, podemos ler a composição “Folha solta (página cearense)” (ANEXO A). Assim, evidenciamos como a escrita desta cearense atravessava o Brasil, o que nos impõe sublinhar o reconhecimento de que são os periódicos que possibilitaram que a obra

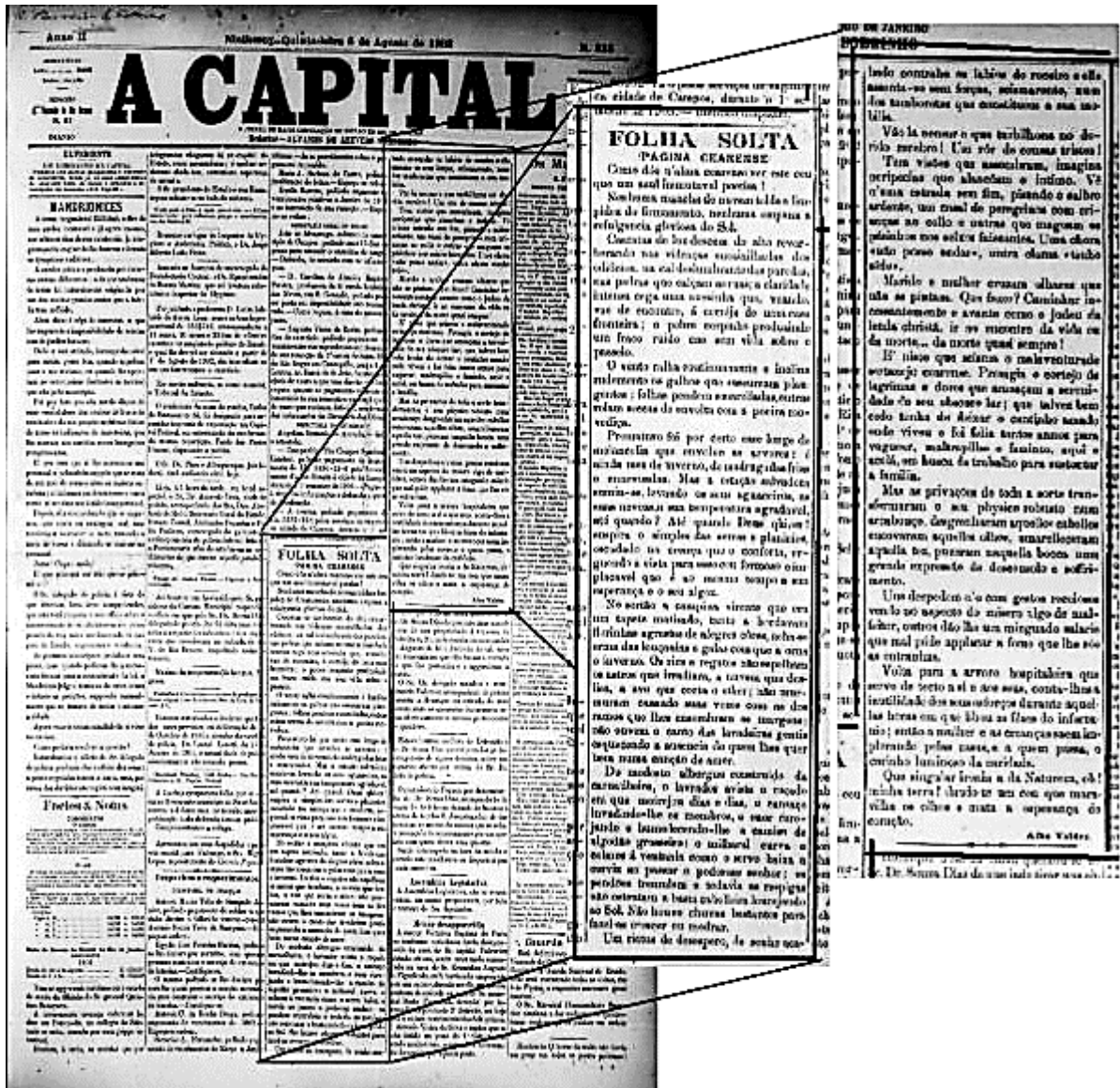
⁷⁹ Escritora cearense, ocupante da cadeira 18 da Academia Cearense de Letras, professora doutora do Departamento de Literatura, fundadora e primeira coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFC, romancista, ensaísta, conferencista e poetisa, é autora de inúmeros trabalhos literários publicados em revistas especializadas.

de Alba Valdez tenha circulação em diversos lugares no país e fora dele, fortalecendo sua notoriedade.

Essa notoriedade de Alba Valdez em seu tempo também podemos demonstrar pelo destaque dado as suas publicações, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, que geralmente ocupam a primeira página dos jornais, como a produção “Folha solta (página cearense)” que divide espaço com publicações oficiais, dos poderes executivo e legislativo no jornal *A Capital*, funcionando como um atrativo para o folhetim e as demais publicações literárias que ocorrem na segunda página, tanto em prosa como em verso.

A publicação de Alba Valdez no jornal *A Capital* (1903) corroborou com mais uma característica romântica que compõe o seu estilo, a valorização da cor local, idealizando sua própria terra natal, o Ceará. Isso se evidenciou desde suas primeiras publicações, como observamos na obra *Em Sonho...fantasias* (1901), que ressaltamos consistia em uma coletânea de produções publicadas no jornal *Diário do Ceará* (1895 -1896) nos últimos anos do século XIX. Assim, em *A Capital* (1903, p.1) Alba Valdez explorou a temática da seca, não muito comum no conjunto de sua obra, que optou por descrever o Ceará por uma perspectiva romantizada.

Figura 56 - "Folha Solta: página cearense", publicação no jornal A Capital, edição de 6 de agosto de 1903.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Esta publicação de Alba Valdez remete a sensações do povo cearense ao se deparar com os sinais de ocorrência de seca. A perspectiva da escritora apresentou aos leitores do Rio de Janeiro um diferencial de obras que remontam a “grande seca”⁸⁰, não se tratava de um simples relato de um narrador onisciente, temos na leitura a percepção do nítido pertencimento da autora, como também, o que ela enfatizou foi o terror que invade os sertanejos antes mesmo da confirmação da seca, é a percepção dos sinais dessa intempérie climática e a memória e rastros de suas agruras que iniciam o sofrimento. O anúncio de que a seca chegaria era profetizado

⁸⁰ Termo utilizado para referir-se a seca de 1877-1879.

pela leitura da natureza, e era essa antecipação do penar dos cearenses, em uma espécie de lamento, que foi exposta por Alba Valdez:

Como dói n'alma cearense ver este céu que um azul imutável poetisa!
Nenhuma mancha de nuvem tolda a limpidez do firmamento, nenhuma empana a refulgência gloriosa do Sol.

Cascatas de luz descem do alto reverberando nas vidraças encaixilhadas dos edifícios, na cal deslumbrante das paredes, nas pedras que calçam as ruas; a claridade intensa e cega uma avezinha que, voando, vai de encontro, à cornija de uma casa fronteira; o pobre corpinho produzindo um fraco ruído cai em vida sobre o passeio.

O vento ralha continuamente e inclina rudemente os galhos que sussurram plangentes; folhas pendem amareladas, outras rolam secas de envolta com a poeira movediça.

Prematuro foi por certo esse longe de melancolia que envolve as árvores: é ainda mês de inverno, de madrugadas frias e enevoadas. Mas a estação salvadora sumiu-se, levando os seus aguaceiros, as suas nevoas, a sua temperatura agradável, até quando? Até quando Deus quiser! Suspira o simples das serras e planícies, escudado na crença que o conforta, erguendo a vista para esse céu formoso e implacável que é ao mesmo tempo a sua esperança e o seu algoz.

No sertão a campina virente que era um tapete matizado, tanto a bordavam florinhas agrestes de alegres cores, acha-se erma das louçanias e galas com que a orna o inverno. Os rios e regatos não espelham os astros que irradiam, a nuvem que desliza, a ave que corta o éter; não murmuram casando suas vozes com as dos ramos que lhes assombram as margens; não ouvem o canto das lavadeiras gentis esquecendo a ausência de quem lhes quer bem numa canção de amor. (...)

Vão lá pensar o que turbilhona no dorido cérebro! Um horror de coisas tristes!

Tem visões que assombram, imagina peripécias que alcancem o íntimo. Vê numa estrada sem fim, pisando o saibro ardente, um casal de peregrinos com crianças ao colo e outras que magoam os pezinhos nos seixos faiscantes. Uma chora “não posso andar”, outra clama “tenho sede”. (...)

Que singular ironia a da Natureza, oh! Minha terra! Dando-te um céu que maravilha os olhos e mata a esperança do coração (Valdez, 1903, p.1).

Compreendemos essa representação da seca como uma influência do Realismo/Naturalismo que convive concomitantemente com o Romantismo, que possivelmente foi absorvida por Alba Valdez através de leituras de outros autores, além de Alencar, que exploravam o tema. A escritora foi contemporânea de Rodolfo Teófilo, que explorou o extremo dessa temática por um viés naturalista.

Porém, encontramos muito mais semelhança da escrita dessa publicação de Alba Valdez com o estilo de Francisco Gil Castelo Branco, autor piauiense, mais especificamente com uma publicação de 1878, um folhetim no *Diário de Notícias* do

Rio de Janeiro. Referimo-nos à obra “Ataliba, o vaqueiro: episódio da seca do Norte”, que em 1880 foi publicado em forma de livro pelo autor com o título *Ataliba, o vaqueiro*. Esse romance, uma espécie de “Romeu e Julieta do Sertão do Nordeste” acaba por se tornar uma denúncia sobre a miséria e sofrimentos do povo nordestino, como relata Magalhães (2011, p. 17-18), ao prefaciá-lo a 10ª edição da obra:

A publicação de *Ataliba, o vaqueiro*, inicialmente como folhetim, ancestral das atuais telenovelas, indica que o tema da seca se tornara de interesse popular. Havia uma certa curiosidade pela vida dessa gente, embora fosse brasileira, sobrevivendo em condições tão precárias, a ponto de chocar o cidadão carioca, que só então começara a perceber a existência de um outro país na região norte do Brasil. A força da realidade nordestina, contudo irromperia com a revolta de Canudos, registrada fielmente n’*Os Sertões* de Euclides da Cunha.

O ensaio de Magalhães sobre a obra de Francisco Gil Castelo Branco⁸¹ nos revela o interesse das pessoas daquele início de século pela realidade dos nordestinos e o enfrentamento da seca, isso pode explicar e justificar porque a publicação de Alba Valdez ganhou um lugar na primeira página do jornal *A Capital* (1903). Esclarecemos que semelhanças entre a escrita de Francisco Gil Castelo Branco e Alba Valdez vão além da temática da seca, ambos idealizam o sertão de seus estados, Piauí e Ceará, respectivamente; como também, utilizaram-se de uma linguagem rebuscada para construir os textos, com um descritivismo que se apoiava em criações de imagens visuais, em uma espécie de pintura da paisagem, com intensa cromatização.

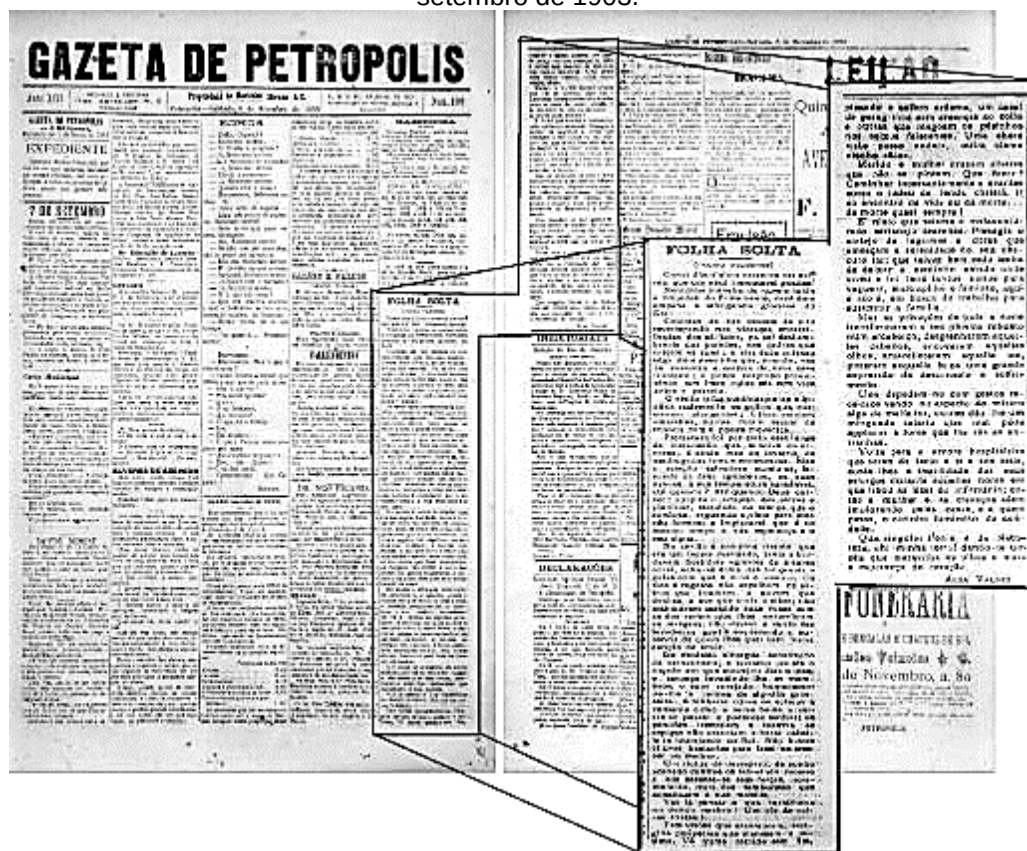
Outro romance que supomos ser precursor desta produção de Alba Valdez foi *Os Retirantes* (1878), cujo autor, José do Patrocínio, passou por Fortaleza na famigerada seca de 1877-1879, e embasado nessa viagem escreveu para o jornal carioca *Diário da Manhã*, cartas que foram o embrião desse romance. Lembramos que a “grande seca” marca profundamente a história de Alba Valdez, que de certa forma pode ser considerada como uma retirante também, pois migrou com sua família para Fortaleza para fugir das adversidades dessa intempérie.

⁸¹ Francisco Gil Castelo Branco nasceu em Livramento (localidade de José de Freitas, município brasileiro do estado do Piauí) no ano de 1848. Foi diplomata, romancista e contista. Formado em Letras na França, residiu no Rio de Janeiro, onde foi colaborador de vários periódicos como a Revista Luz, Gazeta Universal e Diário de Notícias. Foi ainda cônsul-geral do Brasil em Assunção (Paraguai) e Marselha (França), onde faleceu em 1874. (MAGALHÃES, 1998).

Nesse contexto, podemos também considerar que essa produção de Alba Valdez compõe o conjunto de obras que pode ter inspirado romances da década de 1930, que tinham como temática principal a seca no Nordeste: *A Bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida; *O Quinze* (1930) de Rachel de Queiroz; *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos. Mesmo que estas não tenham o mesmo viés da idealização do espaço que se fez a partir de uma linguagem descritiva e floreada, estilo que Silva (2011) caracterizou como romântica.

Vale ressaltar que encontramos no jornal *Gazeta de Petrópolis*, também do estado do Rio de Janeiro, na edição 5 de setembro de 1903, mais uma publicação de “Folha Solta (página cearense)” em uma edição de sábado, na quinta coluna da primeira página, finalizando na segunda lauda. A produção de Alba Valdez, um mês depois de ser publicado em *A Capital* (1903), figurou nessa outra miscelânea, em meio a uma mistura de gêneros literários e não literários que compõe esse jornal do interior fluminense.

Figura 57 - “Folha Solta: página cearense”, publicação no jornal *Gazeta de Petrópolis*, edição de 5 de setembro de 1903.



A reprodução de uma mesma publicação em vários periódicos é fato constante na trajetória bibliográfica de Alba Valdez, como comprovamos em levantamento de publicações desta autora cearense que realizamos ao longo de nossa pesquisa. A leitura e análise das duas publicações nos leva a constatar que eles são idênticos, não houve nenhuma mudança de um jornal para o outro. Percebemos que essa prática de um jornal publicar produções de outros periódicos era fato corriqueiro.

Desse modo, essa linguagem romântica usada pela autora em “Folha solta (página cearense)”, presente em ambos os jornais, estava também nos artigos que Alba Valdez continuou a publicar pelos periódicos, nos jornais que analisamos nesta primeira seção, nas revistas que apresentaremos na próxima seção desse capítulo e nos almanaques que protagonizarão a terceira parte da travessia das publicações de Alba Valdez.

Nesse paradigma, mantemo-nos nos jornais e, buscando evitar anacronismos, seguimos uma ordem temporal das publicações que localizamos em nossas pesquisas documentais. Assim, identificamos no jornal *A Cidade*, publicado em Sobral, que se localiza na região norte do Ceará, várias ocorrências da presença de Alba Valdez no mundo da imprensa e das Belas Letras.

Realizamos as buscas pelos vestígios de Alba Valdez no jornal *A Cidade* na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional porque essa instituição disponibiliza a maior coleção desse periódico, que circulou desde 1899 (STUDART, 1924). Este acervo possui digitalizações do jornal sobralense a partir do número 2, que data de 11 de fevereiro de 1899, até a edição 135, datada de 18 de janeiro de 1905.

A leitura desse periódico mostrou-nos que ele seguia o padrão da maioria dos jornais no Ceará: quatro páginas de uma miscelânea de temas e gêneros jornalísticos e literários, reservando uma média de duas páginas para anúncios e propagandas, em geral as últimas.

Nos arquivos do jornal *A Cidade*, apesar das mutilações, localizamos em 1901, no jornal de 16 de março, uma nota sobre a revista *Praça do Ferreira*, publicada em Fortaleza, que trazia em meio a produções de outros autores uma de Alba Valdez, intitulada “Epístola”, porém, não conseguimos encontrar esse periódico em nenhum arquivo físico ou digital, sendo essa nota jornalística o único registro dessa publicação de Alba Valdez.

Em relação as belas letras, no século XIX e início do XX, os jornais acumularam mais que a função de publicar as produções de beletristas, eles faziam a divulgação

e promoviam a venda dos livros, como também se tornavam veículo da fortuna crítica de muitos autores e também das poucas escritoras que adentraram o espaço público.

Citamos como um exemplo dessa situação, uma crítica ao livro *Em sonho...fantasias* (1901) de autoria de Alba Valdez na seção “Cartas sem selo”, na primeira página da edição de 3 de maio de 1902 do jornal *A Cidade*, em que temos em forma de carta assinada por Tertuliano Felix, cujo vocativo utilizado foi “Excelente amigo, Frivolino”, que sugerimos ser uma maneira fictícia e sarcástica para dirigir-se ao leitor do jornal de forma indireta.

Este periódico ainda publicou duas produções de Alba Valdez. A primeira composição estava estampada na edição de 8 de fevereiro de 1904, um número comemorativo do aniversário de cinco anos de *A Cidade*, que contava com dez páginas. Esta publicação especial foi anunciada na primeira página do número anterior, de 6 de fevereiro de 1904, em que se adiantavam os autores que publicariam na edição de aniversário, estando entre eles apenas duas mulheres: Alba Valdez e Izabel Onfale Gondim.

Por conseguinte, na quinta coluna da segunda página e na primeira coluna da terceira página deste jornal sobralense, do dia 8 de fevereiro de 1904, encontramos o artigo intitulado “A utilidade do Jornal” (ANEXO A), assinado por Alba Valdez, inédito em publicação em formato de livro e nunca citado nos ensaios biobibliográficos sobre desta escritora:

Figura 58 – “A utilidade do jornal”, publicação no jornal A Cidade, edição de 8 de fevereiro de 1904.

A CIDADE

Redator-chefe: ALVARO CUNHA
Publicação: TERÇA-FEIRA E SÁBADO
ANO VI CUBA-SOCIAL-Segunda-feira, 8 de Fevereiro de 1904 Nº. 1

EDIÇÃO DE NOITE
10 PAGINAS
POLYPTICUM
ALVARO CUNHA
LUPE

FIJICO
Muito tempo se passou desde a primeira vez que o Fijico se apresentou ao público. Desde então, o Fijico tem sido um dos mais populares e interessantes dos nossos jornais. O Fijico tem sido um dos mais populares e interessantes dos nossos jornais. O Fijico tem sido um dos mais populares e interessantes dos nossos jornais.

HOMENAGEM A A CIDADE
O jornal A CIDADE é um dos mais importantes e interessantes dos nossos jornais. O jornal A CIDADE é um dos mais importantes e interessantes dos nossos jornais. O jornal A CIDADE é um dos mais importantes e interessantes dos nossos jornais.

A CIDADE

VIGILIA
A vigilância é uma das mais importantes das nossas atividades. A vigilância é uma das mais importantes das nossas atividades. A vigilância é uma das mais importantes das nossas atividades.

ALVARO CUNHA
O jornal A CIDADE é um dos mais importantes e interessantes dos nossos jornais. O jornal A CIDADE é um dos mais importantes e interessantes dos nossos jornais. O jornal A CIDADE é um dos mais importantes e interessantes dos nossos jornais.

A utilidade do jornal

O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades.

O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades.

A utilidade do jornal

O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades.

O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades.

A utilidade do jornal

O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades.

O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades. O jornal é uma das mais importantes das nossas atividades.

Alba Valdez principia o artigo justificando o título, apresentando a relevância do jornal para instrução e cultura do povo, todavia ela ressalva que isso é função dos periódicos bem escritos:

O jornal é uma das mais belas manifestações da imprensa. Traz à lembrança o paladino de longínquas eras que revestidos de piedosas insígnias, sem temer a extensão da viagem, as intempéries da travessia, os perigos dos reencontros, ia mundo em fora pelejar por uma causa santa, ajudado somente pelo imenso amor que lhe estuava na alma e a fé venturosa que lhe vinham de Deus.

Seu objetivo principal e grandioso consiste em pugnar pelo melhoramento das sociedades; evangeliza como um missionário cristão, educa e moraliza como um mestre e adormece dores como um apóstolo da ciência.

Quem dentre os que se interessam realmente pelo progresso em sua ação benéfica não tem recorrido as colunas do jornal? E há por aí alguém que sabendo ler não acolha com satisfação uma folha criteriosa e bem escrita, deliciando-se desde o bem lançado artigo de fundo até o ligeiro e cintilante folhetim?

Pode haver, mas duvido, porque tenho a incrível audácia de tirar toda gente por mim, como se diz em linguagem vulgar. Acho deveras feio que um homem de mais ou menos espírito não procure saber o que vai de notável por aí além por intermédio da imprensa de sua terra (VALDEZ, 1904, p. 2).

Apesar de ser uma produção para o aniversário do jornal, a leitura do artigo nos mostra que não era o tom laudatório que predominava nesta composição. Reconhecemos que o propósito comunicativo era reflexivo e ganhava força no desenvolvimento do artigo ao passo que a escritora levantava a questão da exclusão da mulher do universo intelectual e defendia a importância da instrução feminina de qualidade.

Falei só no homem e talvez nem notaste a exclusão ofensiva, raríssima patrícia que me lês; mas, que fazer? Nosso horizonte intelectual é ainda tão acanhado e tão descurada a instrução da mulher que uma que pende para as letras passa como singularidade, um exotismo a provocar murmúrios nem sempre repassados de lisonja e admiração.

Oh! Isso entristece e é sumamente desconsolador!

A moça deve ser esmeradamente educada para preencher com dignidade o papel de futura mãe de família; devem sê-lhe como facultar todos os conhecimentos uteis que possa comportar seu intelecto para proveito das gerações porvindouras.

Não se trata desse verniz de instrução de efeitos negativos aplicado pela maior parte de nossos colégios: estudos incompletos do idioma materno, umas frases em francês para o romance e umas notas de música gaguejadas ao piano; mas uma instrução sólida que sirva para a luta da vida prática, que faça da mulher um dos esteios do lar e não uma boneca (VALDEZ, 1904, p. 2).

Alba Valdez não travava um enfrentamento direto dos valores da época, ela construiu seus argumentos de defesa da função didática e cultural do jornal e da importância da educação das mulheres, com base nos princípios sociais em vigor. Enxergamos isso como uma manobra para driblar a censura: mostrando a mulher como leitora do jornal; destacando que a moça precisava ser bem-educada para ser boa mãe de família; evidenciando que em países europeus, referências culturais desse tempo, havia obrigatoriedade para instrução feminina; como também, citando pesquisa científica norte americana que afirmava que os melhores alunos eram crianças que liam jornais, que favoreciam a aprendizagem e as atualizavam com os feitos e descobertas de seu tempo.

Que consoladora é a vida espiritual! A imaginação desata as asas para os voos altaneiros em busca dos sonhos gloriosos que esquecem as urzes da realidade fria e implacável e a alegria como um passarinho ao amanhecer canta mais recôndito da alma (VALDEZ, 1904, p.3).

Na conclusão do artigo, percebemos que Alba Valdez retomou um traço do Romantismo, a prosa poética, permitida pela liberdade de forma e estilo, que também pode ser vista como mais uma influência de José de Alencar na escrita da autora. Ela ainda reforça, de forma elegante, a relevância do saber, “o mundo espiritual”, para uma vida feliz e cheia de realizações. Desta forma, percebemos que ela, além de valorizar a função pedagógica dos jornais, também avulta o jornal como lugar de publicação dos voos da imaginação, ou seja, das belas letras.

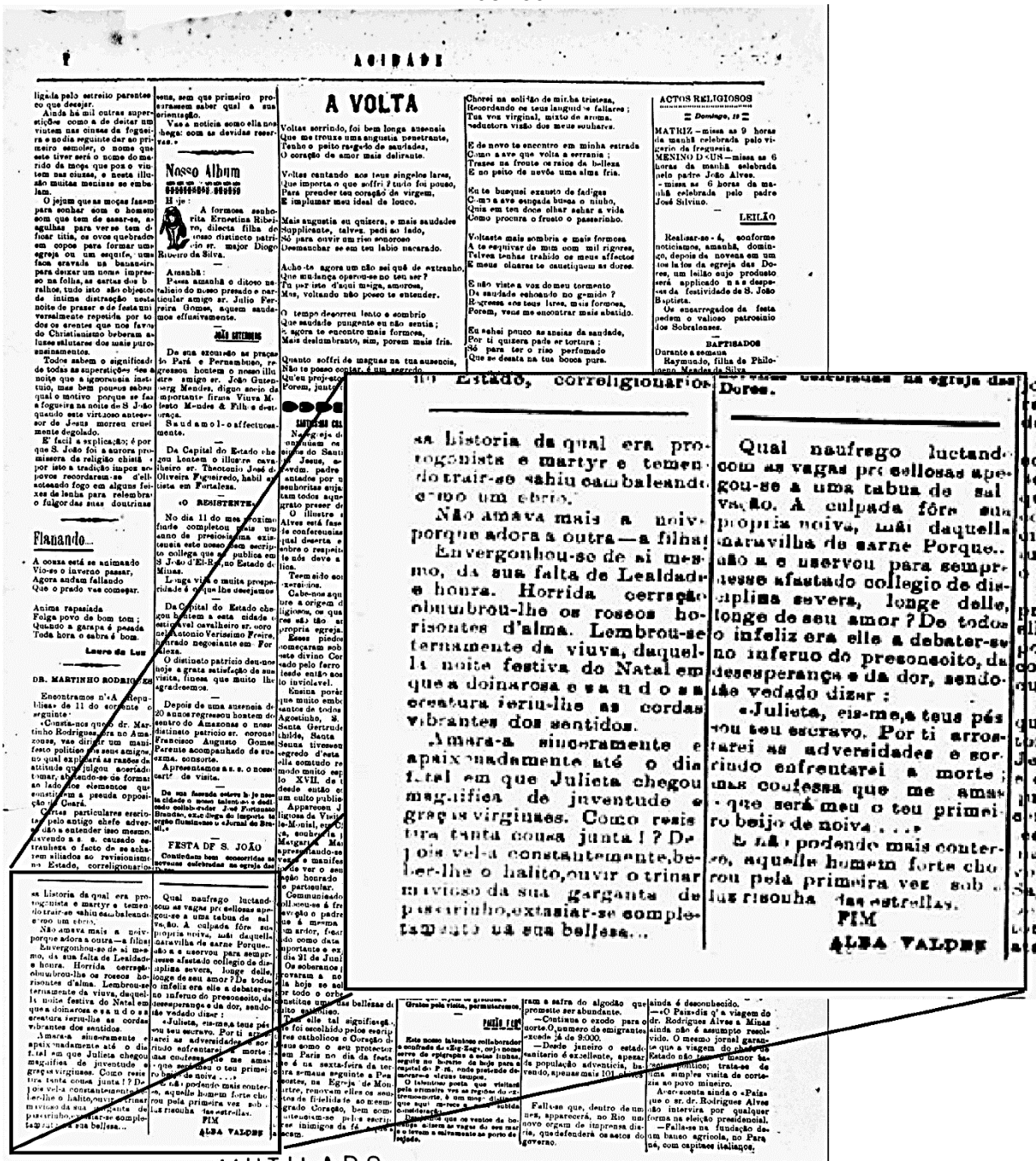
Outras ocorrências da escritora estão nas edições de 16 e 18 de junho de 1904 do jornal *A Cidade*, a beletrista Alba Valdez publicou uma das produções de seu “desatar das asas da imaginação”, com o título de “Coração”, no rodapé das primeiras páginas dos exemplares desse jornal, com continuação e finalização na segunda página do *A Cidade* do dia 18, assim, consideramos esta publicação como um pequeno folhetim.

Salientamos que a produção “Coração” havia sido publicada em janeiro do mesmo ano na revista *O Lyrio*, que trataremos na próxima seção em que nos reportaremos às publicações nesse tipo de periódico, em que não apresenta o formato de folhetim como aparece no jornal. Contudo, se faz necessário aludirmos que constatamos que há diferenças entre as publicações: modificações na paragrafação, notável reescrita, trocas, acréscimo e supressão de palavras, frases e até parágrafos

[illegible]



Figura 61 - Continuação de “Coração” (parte 2), publicação no jornal *A Cidade*, edição de 18 de junho de 1904.



A publicação de “Coração” em forma de pequeno folhetim de apenas dois capítulos, nos números 56 e 57 do jornal *A Cidade* (1904), edições de quinta-feira e sábado do periódico que saía três dias por semana (terças, quintas e sábados), tratava de um triângulo amoroso platônico entre os personagens Jorge Pinheiro, a jovem viúva Júlia Menezes e a filha dela, Julieta. O enredo se desenrola a partir do encontro e posterior noivado de Jorge com a jovem e bonita viúva, e se complica com a chegada

da filha de Júlia, pois Julieta desperta em Jorge um amor intenso que desbanca o sentimento que nutria pela noiva.

Para ponderarmos sobre essa produção de Alba Valdez no jornal *A Cidade* (1904), é fulcral considerarmos o aspecto formal de sua apresentação, o romance-folhetim, revisitando o conceito desse gênero, o que fazemos a partir de Hohlfeldt (2018, p. 3-4) que explica a dinamicidade formal e temática deste tipo de produção e a situa no tempo e no espaço de publicação:

[...] o conceito de folhetim tem variadas acepções: quanto ao aspecto formal, é um lugar físico específico do jornal, a parte mais inferior da folha, comumente na primeira das quatro páginas da edição standard de então, o chamado rodapé; quanto ao conteúdo, eminentemente literário, albergava comentários - diríamos hoje resenhas - de lançamentos literários, espetáculos teatrais ou operísticos, além de servir para comentários políticos ou até mesmo de costumes, constituindo, com o passar dos tempos, um gênero específico que, atualmente, no Brasil, denominamos de crônica; a partir de 1836, sem perder esta variante, passa a assumir cada vez mais a publicação sequenciada de relatos ficcionais que, por sua extensão, combinada com a estrutura adotada, passa a denominar-se romance-folhetim, "forma específica de narrar, articulada a uma forma específica de publicar, num veículo específico, o jornal": a forma específica de narrar inclui uma série de estratégias de comunicabilidade, como o suspense contínuo, os enredos multiplicados que se imbricam gradualmente, os sinais de reconhecimento entre as personagens, os segredos revelados em desenlaces marcados pelo deus ex-machina, a infinidade de personagens que cruzam pelo enredo com ações muitas vezes apenas esporádicas, etc. A forma específica de publicar é que o texto deve ser montado de tal forma a esgotar um determinado episódio naquele espaço materialmente disponível do jornal, de forma que a continuação, na edição seguinte, sirva como chamariz ao leitor, levando-o a ler aquela próxima edição, e assim por diante. Por fim, o veículo específico, o jornal, antecipa-se ao livro, ainda relativamente caro nestas primeiras décadas do século XIX, [...].

Conforme esse paradigma de Hohlfeldt (2018), sugerimos que “Coração”, romance-folhetim de Alba Valdez, agregue uma nova categoria ao gênero, de mais curta extensão, como este que se constituiu de apenas dois episódios, mas, que de forma tradicional fez uso das estratégias de comunicação, como o suspense em que a primeira parte é finalizada, deixando o público leitor do jornal *A Cidade* (1904) ávido pela continuação do baile e, sobretudo, pelo desfecho do romance que se ensaiara nesse evento e que agora alimentava as rodas de conversa da pequena vila que abrigava este enredo.

Outro mecanismo do folhetim usado por Alba Valdez fora a introdução da narração do encontro de Jorge e Júlia através do burburinho das fofocas que

tipicamente corre nas pequenas cidades, o que possibilitou rememorar o baile na casa da alegre prima de Jorge:

No adro, a banda de música atacava com bravura velhas marchas entusiásticas de compasso incompreensível, um amalgama de notas que invadiam o espaço, as casas, os ouvidos, atroando, arrastando os fiéis retardatários e morosos. O zum-zum crescia dentro e fora do templo, espalhando-se na rua qual imensa colmeia em atividade. As pessoas que visitavam as fazendas contavam novidades, entre outras a do próximo casamento da viúva do tabelião Menezes com o Jorge Pinheiro, dono do mais gabado sítio da serra, o Cantagalo (VALDEZ, 1904, p.1).

Essa estratégia alimenta a curiosidade do leitor e da leitora que continua a ler para confirmar a veracidade dos comentários que se espalhavam pelas ruas. Além dessa, observamos outras estratégias de comunicabilidade usadas pela autora no folhetim: os suspenses contínuos do romance da viúva com o melhor partido da região; da chegada da filha de Júlia e sua doença repentina e desconhecida; e, principalmente, a revelação da paixão não concretizada do padrasto pela enteada.

Dias depois espalhou-se a nova do afeto correspondido do Jorge Pinheiro.

A boda foi marcada para fins d'águas, após a chegada de Julieta. Muitas vezes a mocinha constituía o assunto preferido da conversação dos noivos: ele afirmava convicto de que havia de estimá-la como um pai e ela agradecia-lhe comovida essa ternura antecipada, referindo infantilidades da filha, seus brinquedos prediletos, sua inteligência precoce.

Esse fragmento revela-nos também mais um artifício que prendia a atenção do leitor, a quebra da expectativa de Jorge, que imaginava a enteada como uma menina, e depara-se com a beleza de uma jovem mulher, ainda mais bela que a mãe. E esse amor que caminha junto à fronteira tênue de um possível incesto anuncia-se como um segredo que por sua vez potencializa o suspense entre a revelação do amor de Jorge pela filha de sua noiva, a continuação da relação entre o casal que estimula a leitura.

Em relação ao lugar físico de publicação no jornal, “Coração” de Alba Valdez ocupa justamente o rodapé, e podemos classificá-lo como um romance de alcova, se considerarmos o quadro genérico dos folhetins organizado por Hohlfeldt (2018).

Alba Valdez finaliza seu folhetim deixando seu leitor ávido de continuar a ler outros episódios, que infelizmente não foram publicados, o recurso utilizado pela escritora nos conduz à percepção do controle da consciência, da moral e dos

costumes sociais que impedem e censuram Jorge e seu amor por Julieta, e ele se contém com um monólogo interior.

Entretanto, o que mais nos chama atenção é a astúcia de Alba Valdez que finalizou o folhetim com a imagem de Jorge chorando, porque isso denota a estratégia da autora de equiparar homens e mulheres, de fazer uma crítica forte ao estereótipo machista de que “homem não chora”, fazendo, dessa maneira, um nivelamento dos gêneros, mostrando um homem que chora por amor, fragilidade e sensibilidade atribuída ao feminino.

Nessa conjectura, inferimos que Alba Valdez fez das palavras instrumentos de luta pelos direitos das mulheres, mesmo que de forma sutil e elegante, sem enfrentamentos diretos e conflituosos, mas privilegiando a inteligência de introduzir sua defesa das mulheres dentro de suas publicações. Porém, ela empreendeu ir além e fundou, junto com outras escritoras, a Liga Feminista Cearense. Como já descrevemos anteriormente essa associação foi pioneira, por conseguinte, sua fundação foi noticiada em vários periódicos pelo Brasil.

Essa defesa de direitos das mulheres operacionalizada dentro da produção literária, foi reconhecida por Muzart (2003) como uma das necessidades que motivaram a escrita e publicação de periódicos por mulheres. Contudo, nós enxergamos que havia além da defesa de direitos, da luta por educação e sufrágio feminino, uma necessidade de expressão de pensamento e sentimento, de escrever sobre si, libertando-se através da publicização da escrita.

Alba Valdez rememorava, expressava-se pela ficção que povoava sua imaginação, ela queria escrever e queria ser lida. Assim, podemos realçar que ela fora importante colaboradora nas lutas feministas, através do exercício da docência, da escrita e da organização de uma associação feminista que tinha como principal bandeira a instrução das mulheres.

Destarte, na edição de 16 de agosto de 1904, o jornal *A Cidade* registrou a notícia sobre a fundação da Liga pela região norte do Ceará, enaltecendo suas participantes e em relevo sua presidente Alba Valdez.

Após essa notícia, mais uma vez, nos damos conta de uma nova lacuna na produção da autora com publicação em jornais, entretanto, encontramos suas publicações em revistas e almanaques, e estas serão apresentadas nas próximas seções.

Assim, não acreditamos que Alba Valdez tenha deixado de publicar nos jornais, esta lacuna nos leva a considerar que isso pode ser consequência da conservação inadequada do acervo de periódicos, visto que, muitos periódicos cearenses não existem mais nos arquivos. Por conseguinte, estudos como os do Barão de Studart e pesquisas como as de Dollor Barreira são valiosos registros da existência de muitas produções de autores e, sobretudo, autoras que não podem mais ser encontrados.

Desse modo, localizamos um dos registros de suas publicações em um jornal publicado em Fortaleza em 15 setembro 1910, denominado *O Bandeirante*, no setor de microfilmagem da Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel. Tratava-se da publicação de Alba Valdez que se intitulava “Impressões d’um livro” que fora citada por Maia (2007).

A autora expôs nessa produção as sensações dela posteriores a leitura de uma obra que ela não revela o título, tampouco o autor, porém, mostrou que desencadeou nela reflexões sobre a condição humana: “Quanta amargura a filosofia infiltrou nessas páginas! O espírito angustiado debate-se num ambiente de palude⁸² sem poder livrar-se no infinito azul e ouvir o segredo milenário das esferas” (VALDEZ, 1910, p.1). Podemos perceber que as reflexões sobre a humanidade levam Alba Valdez a afirmar que “por vezes surge um desgosto de viver” (VALDEZ, 1910, p.1).

Além das ponderações filosóficas sobre a essência humana, Alba Valdez também tratou sobre as relações entre o real e a ficção, explorando a influência das vivências do autor em sua obra: “no estilo reflete-se a alma do escritor com os seus amores e os seus ódios, com os seus sonhos e desesperanças. Esse, de certo, deve ter sofrido, visto muita decepção barrar-lhe a estreiteza do caminho” (VALDEZ, 1910, p.1).

Outro fator que se destaca nessa publicação é relevância da leitura para mulher, impostar-se como leitora que faz reflexões a partir da obra literária, era mais que um convite às mulheres a vivenciarem a experiência de ler e refletir além do enredo narrado, era realçar ainda mais a principal bandeira de Alba Valdez em defesa da instrução das mulheres, aproximando-as da literatura, a partir de uma ação reflexiva que as conscientizassem sobre seu lugar social.

Em vista disso, é relevante evidenciarmos o contexto histórico dessa publicação, porque o lugar social das mulheres nesse período ainda é o lar, assim

⁸² Pântano, brejo, lamaçal.

como, prioritariamente, o matrimônio e a maternidade e todas as tarefas domésticas que estes acarretam eram as vocações e obrigações femininas. Considerando isso, e também o fato de que o jornal *O Bandeirante* (1910) se denominava um “órgão literário, moral e noticioso”, na publicação de “Impressões d’um livro”, Alba Valdez faz, com sutileza, uma crítica à falsa moral que permeia as relações sociais:

Como que um véu se abate e feixes de luz crua incidem sobre o desfile meio fantástico das multidões. Não é a virtude que as move nem o bem fazer incondicional que as dirige na estrada acidentada da vida. As ações têm por timoneiro a ambição e a vaidade resguardadas cuidadosamente na enganadora capa da hipocrisia (Valdez, 1910, p.).

A partir do exposto, inferimos que Alba Valdez questiona como uma sociedade que se dizia moderna e em evolução, mantinha as mulheres presas às condições medievais de viver para servir aos homens, inferiorizada como ser incapaz de refletir.

Podemos, portanto, classificar essa produção de Alba Valdez um ensaio, gênero que permitiu a autora expor suas ideias e fazer suas reflexões filosóficas sobre a humanidade, a leitura e a relação entre sociedade e literatura, em uma perspectiva descontínua como salientou Adorno (1994, p.180) quando caracterizou esse gênero.

Esse traço da descontinuidade também foi reconhecido por Moisés (2005): “quando se assume a postura ensaística, torna-se praticamente impossível fixar a atenção em um só assunto; sem perceber, a mãe se desloca para outros lados” (p.82). Verificamos que Alba Valdez inicia sua escrita sobre o livro lido e emenda com a vaidade e a ambição, presentes nas ações humanas. A abordagem de temáticas diferentes promove rupturas que o pensamento da autora e suas bandeiras feministas interligam costurando as ideias e gerando a continuidade e fluidez de sua escrita no ensaio literário que publicou no jornal *O Bandeirante* (1910).

Fazemos a classificação do ensaio de Alba Valdez como literário a partir de Moisés (2005), que elenca três tipos de ensaio, em meio aos quais inferimos que “Impressões d’um livro”, encaixa-se como ensaio poético, descritivo, lírico, categoria que privilegia o emocional e o impressionismo. Esses aspectos são nítidos no ensaio de Alba Valdez em questão, sendo possível alistarmos características como descrições, a emoção e impressões da autora entranhados em toda obra:

Sugestionado pela inspiração grandiosa, mas sombria de força inteligente e investigadora, segue a humanidade no seu evoluir lento ou precipitado, assistindo autopsias que interrompem a alegria,

desvendando realidades que confrangem as fibras sensíveis do coração (VALDEZ, 1910, p.).

Assim, a sutileza da crítica e a mensagem erudita que podemos ver nesse escrito de Alba Valdez configuravam-se como estratégias que permitiram a publicação no jornal da escrita de uma mulher ainda em tempos tão patriarcais e misóginos, enquanto o sentimentalismo que também aparece no ensaio, embora em menor quantidade, eram características aceitáveis e até desejáveis para a palavra pública feminina.

Posterior a publicação desse ensaio, os espaçamentos entre as publicações em jornais continuam a ser constatados na década de 1910. Assim, nesse período Barreira (1962) aponta para a publicação de um discurso de Alba Valdez que fora proferido no Palacete da associação da Fênix Caixeiral por conta de inauguração de três escolas noturnas sob a responsabilidade da Liga Cearense contra o Analfabetismo. Esse discurso fora publicado no jornal *Diário do Ceará* em abril de 1917, reforça o engajamento de Alba Valdez na luta pela instrução feminina.

Figura 62 - Publicação no jornal *Diário do Ceará*, edição de 03 de abril de 1924.



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel.

Entretanto, registramos uma inconsistência sobre essa informação de Barreira (1962), pois conforme Studart (1924), somente em 1920 foi lançado o jornal *Diário do Ceará*. Desse modo, ou houve um erro de data nessa publicação ou ela foi feita em outro periódico e, não obstante, nossas buscas em diversos arquivos pelas fontes

primárias - os jornais, revistas e almanaques - não lograram êxito, não encontramos essa publicação.

Quanto ao *Diário do Ceará*, apesar do título semelhante, esclarecemos que este jornal não é o mesmo em que Alba Valdez publicou entre 1895 - 1896 a partir do convite de Justiniano de Serpa. Esse novo *Diário do Ceará* pertencia e era dirigido por Pedro Firmeza, e se denominava como “órgão do governo do Estado”, que resultou segundo Studart (1924) da fusão entre dois jornais, *Folha do Povo* e *Estado do Ceará*, respectivamente, órgãos de imprensa Rabelista⁸³ e Acciolino⁸⁴. Encontramos na Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel seu arquivo extremamente mutilado, em difícil situação de manipulação e disponível apenas a partir de 1924. Em várias edições desse periódico desse mesmo ano circulam publicações sobre o centenário da imprensa cearense.

O equívoco de Barreira (1962) não foi o único fator que impossibilitou a localização e a digitalização da publicação do discurso de Alba Valdez na Fênix Caixeiral, em 1917, visto que, a nossa persistência nos levou a confirmar a abertura das três escolas noturnas na mesma época no Ceará, como vemos em nota, na quarta e última página do jornal *A Ordem*, na edição de 19 de abril de 1917:

⁸³ Governo de Franco Rabelo findou com a Oligarquia dos Acciolis, Marcos Franco Rabelo protagonizou um episódio histórico-político no Ceará: A sedição de Juazeiro (conflito e invasão da cidade causado pela deposição de Pe. Cícero do cargo de Prefeito de Juazeiro do Norte, o que promoveu o fim do governo rabelista com sua deposição) (GIRÃO, 1953).

⁸⁴ Governo Acciolino, que durou de 1896 a 1912, fora uma oligarquia que privilegiava parentes e correligionários de Nogueira Accioli, ignorando grandes necessidades do povo cearense durante os períodos de seca, como a que ocorreu entre 1898-1900. O descaso gerou grande revolta popular e surgiram muitos movimentos para derrubar Accioli do poder, sendo que o mais relevante deles foi a Passeata das Crianças: liderada por mulheres cearenses, cerca de seiscentas crianças, todas vestidas de branco, com laços verdes-amarelos e ostentando no pescoço um medalhão do coronel Marcos Franco Rabelo, desfilaram pelas ruas de Fortaleza, cantando e sendo olhadas por, mais ou menos, oito mil pessoas. Isso causou forte reação de Accioli, que ordenou represália violenta da polícia, ocasionando muitas mortes, o que resultou em uma revolta maior da sociedade que se armou e depôs o “Babaquara”, alcunha dada pelo povo a Nogueira Accioli.

Figura 63 - Nota publicada no jornal *A Ordem*, edição de 19 de abril de 1917.

Pio, 18.—O governo Suíço re-
sistemilismo o nome governa
para torpedos do "Albatroz"
e pelas mortes ocorridas a bor-
de daquele navio mercante.
O encargado d'os negócios
do Brasil na Alemanha, há se
encontra em Berão, capital da
Suíça.

FORÇA DO BRASIL

Fortaleza, 18.—Telegramas do
Rio dizem que a Argentina Soli-
daria com a causa do Brasil con-
tra os rebeldes, tem a Alemanha.

Pio, 18.—Telegramas de prece-
dência argentina dizem que o
governo disculpa não recebera
comunicação oficial de haver
sido impellido o seu navio "Re-
leito" "Monte Protegido", na
procedência de ilha Selby, Brita-
na grande agitação na Argentina,
então havia fugir um conflito
entre os soldados a alienos re-
sultando ali se possam lesar.
Espera-se compimento da
Argentina.

Fortaleza, 18.—Em virtude da
guerra tem sido inúmeras con-
venções nos Estados Unidos. En-
tre os Estados Unidos e a França
país acolheram as mulheres in-
fermeiras e enfermeiras do exército
do serviço militar.

Wlani, presidente república
americana, reconhece a guerra
no momento de delegação socialista,
junto ao seu governo.

Atenes residente em Amé-
rica, telegraphar ao Brasil clas-
sificando de saldações os gover-
no sulatlântico.

Telegrama de precedência tem-
po de guerra, porém não im-
pedidos os navios hospiares
"Olimpo" e "Albatroz", torpe-
dado e os seguintes infor-
mações: As galas portuguesas co-
municaram a chegada do navio
de linha de frente e as fran-
ciza e forças armadas do go-
vernamento de Lusa tendo ocupado
a ilha de Santa Helena.

As informações de precedência
francesa afirmam: propõem
entre Barrios e Grimsmanoff.
Segunda oficial de flutuante
economia e praxistas na fábri-
cas inimigas também se apre-
sentam, indicando grandes perdas.

**A liga contra o analfabe-
tismo**

Fortaleza, 18.—Foram Inaugu-
radas nesta capital mais tres es-
colas noturnas a cuja solenidade
de compareceram o sr. Presi-
dente do Estado e altas autoridades.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A liqa contra o analfabetismo

Fortaleza, 18 – Foram inauguradas nesta capital mais três escolas noturnas, cuja solenidade compareceram o sr. Presidente do Estado e altas autoridades (*A ORDEM*, 1917, p.4).

Conforme essa nota, a inauguração das escolas ocorreu, todavia, nossa procura por outros jornais que noticiaram o fato e publicaram o discurso não obteve sucesso, nem em arquivos físicos, tampouco nos digitais. Levantamos a hipótese de a publicação ter se dado no jornal *Diário do Estado*, porém, não conseguimos confirmação, porque o acervo desse período, desse periódico, também não está em condições de manuseio.

Ademais, continuando nossa pesquisa pelo Setor de Periódicos da Biblioteca Pública Estado do Ceará Menezes Pimentel foi possível mergulhar no acervo de outro jornal em que Alba Valdez publicou a partir de 1917, o *Correio do Ceará*. Segundo Studart (1924) esse jornal servia aos interesses do Estado e começara a circular a partir de dois de março de 1915.

Apesar do viés conservador desse periódico, havia espaço para as publicações literárias, artigos e ensaios que desencadeavam discussões, como o voto feminino, que variavam de lugar no periódico, também percebemos a forte presença das imagens que dialogam com as publicações. Consideramos que essa dinamicidade manteve durante tanto tempo o jornal em circulação, registrando importantes fatos da história e do cotidiano do Ceará até 1982.

Também precisamos evidenciar a incompletude dos acervos nos arquivos públicos e privados procurados: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel, Associação Cearense de Imprensa – ACI, Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras e Casa Juvenal Galeno, sendo que somente foram encontrados arquivos do jornal *Correio do Ceará* nos três primeiros equipamentos culturais, e estes em péssimas condições de conservação.

Dessa forma, consideramos o inventário de publicações de Alba Valdez no *Correio do Ceará*, realizado por Souza (1937) e por Barreira (1962): “Musa maranhense”, na edição de 4 de julho de 1917, abordando a obra *Cambiantes* da poetiza maranhense Leonete Oliveira; “Uma frase”, que circulou em 26 de julho de 1917, tratando sobre uma frase dita por Olavo Bilac em um discurso na Academia Mineira de Letras; “Um livro de versos”, produção sobre o poema de Sales Campos em 23 de agosto de 1919; “Um grande poeta do norte”, uma referência a Antônio Sales, que havia publicado a obra *Minha Terra*, no jornal do dia 13 de janeiro de 1920; “Escritor benemérito”, sobre Rodolfo Teófilo, publicado em 13 de março de 1920; “Discurso”, uma homenagem ao aniversário de Henriqueta Galeno, que Alba Valdez proferiu na Casa Juvenal Galeno durante evento comemorativo, foi publicado no dia 25 de fevereiro de 1922; “Carta a B. Ponte”, tratando sobre o poema de autoria deste poeta intitulado “Torturado”, saiu no jornal de 9 de julho de 1922; “Nacionalismo”, na edição de 11 de dezembro de 1922.

Percebemos que estas publicações de Alba Valdez no jornal *Correio do Ceará* (1917-1922) mantém uma linha de crítica literária, ressaltando escritores e escritoras cearenses e nordestinos, “do Norte”, como se classificava naquela época. O acervo

deste período não apresenta condições de pesquisa, assim este alistamento dos pesquisadores tem a relevância de serem os únicos registros de parte da obra de Alba Valdez, e salienta-se inédita em livro e com estética bem diferente do que a autora publicara anteriormente.

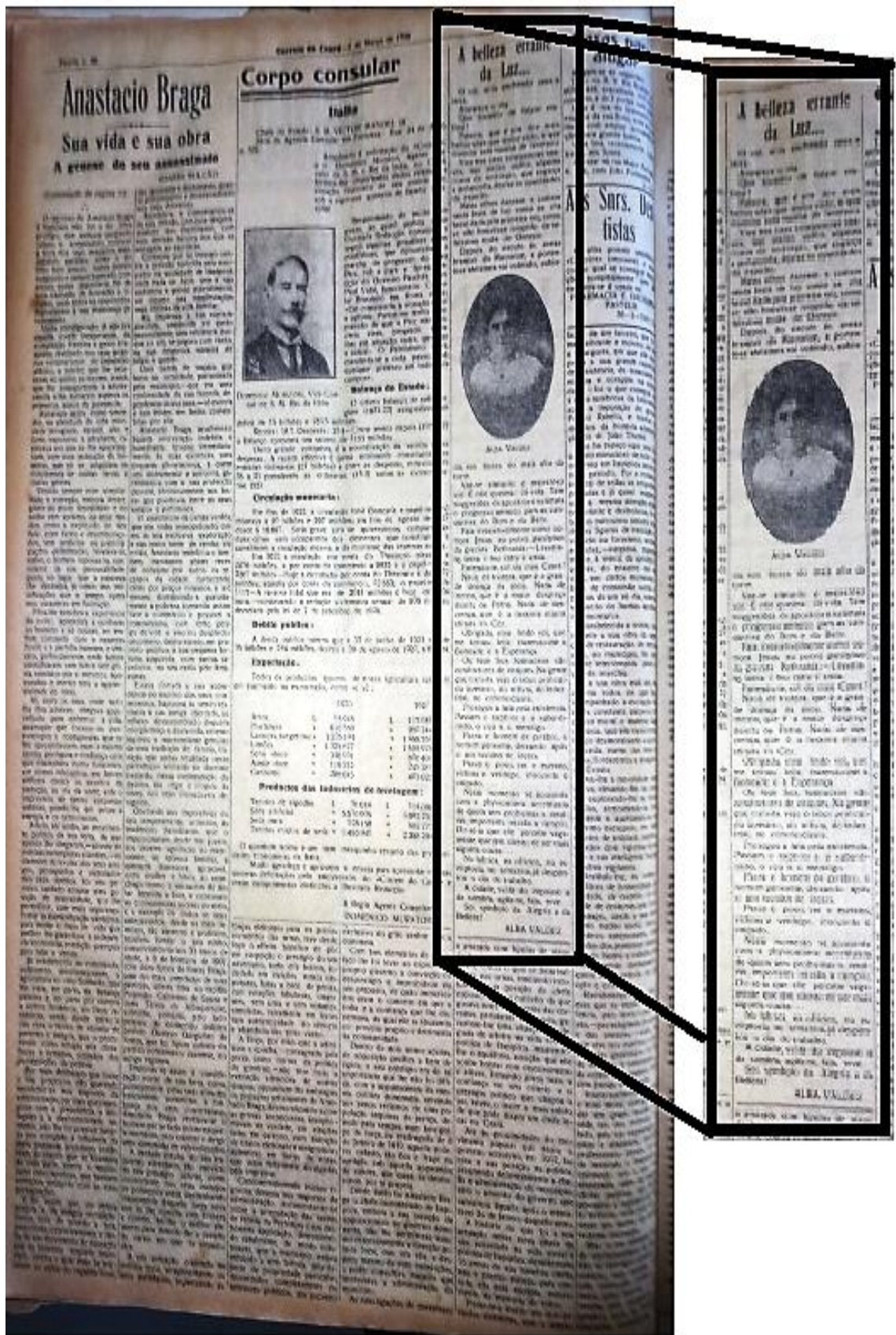
No entanto, é possível acrescentarmos, como também fez Maia (2007), em sua monografia sobre o discurso de Alba Valdez na imprensa cearense, duas produções da autora publicada no *Correio do Ceará*, “As Senhoras cearenses” (1919) e a outra na edição de aniversário do jornal, no dia 2 de março de 1928, intitulada “A beleza errante da luz” (ANEXO A).

Figura 64 - Mosaico de páginas da publicação no jornal *Correio do Ceará*, edição de 02 de março de 1928.



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel.

Figura 65 - Publicação de “A beleza errante da luz” no jornal *Correio do Ceará*, edição de 02 de março de 1928.



Nessa produção Alba Valdez explora a beleza e o poder do sol, que é essencial à vida, que nasce todos os dias para toda humanidade não importando sua condição social, econômica ou política, assemelhando-se ao provérbio popular que afirma “o sol nasce para todos”, tendo aqui a analogia de que o sol é a oportunidade, o lugar no mundo.

Atentamo-nos que Alba Valdez constrói outra relação em que o sol é comparado a palavra, a literatura: “Palavra, que é um dos mais belos sóis que tenho visto, o que ilumina esta manhã de fevereiro” (VALDEZ, 1928, p. 36). Nesse entendimento, a produção se transforma, sai do lugar comum, porque Alba Valdez desencadeia um jogo de sentido:

Vive nas suas refulgências suaves, nas ondas subteis, alguma coisa de sortilégio, que esgarça a melancolia, desfaz as opacidades do espírito. Meus olhos dançam e cantam nesta festa de luz, como se ela fosse dada pela primeira vez, como se não houvesse rompido da velhíssima noite do Gênesis (VALDEZ, 1928, p. 36).

Nessa perspectiva, em que as Belas Letras são o sol, elas iluminam, dão vida, alegram, dão esperança e servem para todos, homens e mulheres, sejam populares ou eruditas, para pobres ou ricos, empregados ou patrões, em qualquer lugar a literatura é virtuosa e inunda de tudo com sua beleza. Constatamos mais uma vez a prosa poética que predomina na escrita de Alba Valdez, assim como a autora deixa claro sua concepção de literatura. Ainda temos que destacar que Alba Valdez pôs o sol do Ceará em evidência, o que metaforicamente remetemos à Literatura Cearense:

Entendo-te sol do meu Ceará!
Nada de tristeza, que é grande doença da alma. Nada de inercia, que é a maior desgraça diante da Pátria. Nada de descrença, que é a máxima injúria atirada ao Céu.
Obrigada meu lindo sol, que me tornas feliz, trazendo-me a bondade e a esperança.
Os teus fios luminosos são condutores de virtudes. Na gente que transita, vejo o labor profícuo do operário, do artista, do industrial, do comerciante.
Prossegue a luta pela existência (VALDEZ, 1928, p. 36).

Na defesa da Literatura Cearense, Alba Valdez exalta a luta travada pela sua existência, sobretudo diante da tristeza, das doenças da alma, a autora também convida todos os literatos, “fios luminosos e condutores de virtudes”, a escrever, pois ela esclarece que o maior mal as Belas Letras é a inércia. Averiguamos, outrossim,

que Alba Valdez faz um agradecimento à literatura, que para ela a faz bondosa e renova suas esperanças.

A defesa da terra e a exaltação da história do Ceará são traços da escrita de Alba Valdez que verificamos na maioria das publicações dela, tanto nos periódicos quanto nos livros e que detalharemos no quarto capítulo deste estudo.

Segundo Barreira (1962), Alba Valdez publicou uma “Carta a Rodolfo Teófilo” no jornal *A Tribuna* (1922), mas foi no jornal *O Nordeste*⁸⁵, um periódico “de orientação genuinamente católica” (STUDART, 1924), que identificamos várias publicações da escritora no período de 1923 a 1927, e estas levaram Alba Valdez a protagonizar uma polêmica com Rodolfo Teófilo sobre a história da Abolição da escravidão no Ceará.

Depois que Alba Valdez publicou “Os jangadeiros” em 29 de junho de 1923, na edição comemorativa⁸⁶ de aniversário de um ano do jornal *O Nordeste*, exaltando os feitos do Dragão do Mar e outros jangadeiros na luta abolicionista, Rodolfo Teófilo desencadeou uma contestação à produção da escritora. Mais uma vez a falta de conservação do acervo impediu nosso acesso a esta publicação na fonte primária, tanto no arquivo do Instituto do Ceará, como nos arquivos históricos da Cúria da Arquidiocese de Fortaleza, quanto no setor de periódicos da Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel:

⁸⁵ *O Nordeste*, jornal publicado em Fortaleza, que conforme Studart (1924) era produzido por Andrade Furtado, José Martins Rodrigues e A. Ildefonso de Araújo, os dois primeiros eram os redatores e o último era o administrador. O primeiro número circulou em 29 de junho de 1922.

⁸⁶ A edição de 29/06/1923 não está disponível nos arquivos físicos, nem mesmo no material digitalizado disponibilizado pelo Instituto do Ceará, que disponibiliza o maior acervo do jornal *O Nordeste*, que tem as edições de 1922 a 1927, inclusive o número 1, mas não há uma sequência completa das publicações. Desse modo, as edições de junho de 1923 estão incompletas, indo somente até o dia 27.

Figura 66 - Jornal *O Nordeste*, edição de 7 de julho de 1923.



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel.

Essa imagem nos dá uma dimensão das difíceis condições de pesquisa em que o acervo do jornal *O Nordeste* se encontra, e isso nos leva a buscar outras maneiras de ter acesso ao número do dia 29 de junho de 1923 ou pelo menos ao conteúdo da produção de Alba Valdez que disparou a polêmica com Rodolfo Teófilo. Assim, a leitura da dissertação de Xavier (2010) sobre o Dragão do Mar e sua construção como herói, que aborda a contenda e traz vários fragmentos desta produção de Alba Valdez, nos permite o contato com a publicação de 29 de junho 1923:

Neste porto não embarcam mais escravos! Bradou com voz de estetas o principal dos jangadeiros, Francisco José do Nascimento, que posteriormente teve o apelido de Dragão do Mar. Não embarcam! – repetiam os demais jangadeiros, repetiu a multidão ansiosa expectativa, apinhada na praia. Os mercadores de homens não esperavam por esta e, diante do que acontecia, resolveram contemporizar. O episódio aliás, era o golpe final vibrado na escravatura. Esse dia que os trabalhadores do mar ditaram a sua palavra passou a história. Consoante o imperativo brado nunca mais no porto da capital cearense houve embarque de cativos (VALDEZ, 1923, p.1)⁸⁷.

Percebemos que, nesse fragmento, Alba Valdez fez alusão aos fatos ocorridos nos dias 27, 30 e 31 de janeiro de 1881, que localizamos registros no jornal *O*

⁸⁷ Publicação de Valdez (1923) no jornal *O Nordeste* citada por Xavier (2010).

*Libertador*⁸⁸, órgão do movimento abolicionista no Ceará, que relatou as manifestações com ativa participação dos jangadeiros que se recusaram a partir dessas datas a transportar escravos dos navios à terra e vice-versa. A liderança era exercida segundo Alba Valdez pelo Dragão do Mar, protagonista histórico que ela apresentou como um herói. E seguiu o texto narrando os feitos heroicos dos jangadeiros, sempre ressaltando o líder dessa categoria de trabalhadores do mar:

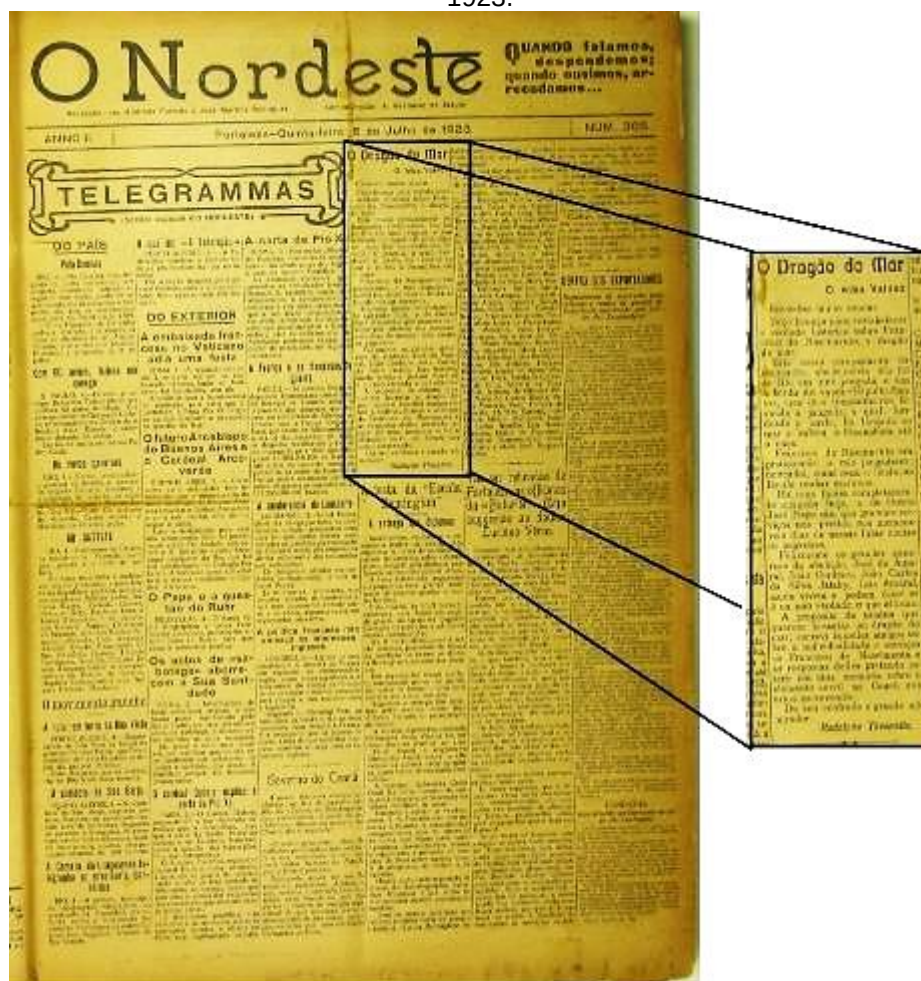
Tempos depois (não se haviam extinguido de todo os rumores festivos da abolição da província) as equipagens e passageiros das embarcações que perlustravam águas litorâneas do Rio, vislumbraram a distância uma forma branca... Dir-se-ia asa de enorme pássaro, que fatigado de cortar o éter, baixasse sobre a trêmula ventosa, a deslizar. Ela vencida a extensão oceânica que vai aquelas alturas a ampla curva da incomparável baía da Guanabara – Uma jangada! – Exclamaram os das embarcações, entre duvidosos e surpreendidos. Era de fato a jangada cearense, levando a seu bordo o Dragão do Mar e dois companheiros. Afrontando os obstáculos da travessia desconhecida para eles, aventureira, sem precedentes nos anais da navegação brasileira, iam os impávidos mareantes, epígonos de combate heroico, reafirmar além das fronteiras da praia nativa, o valor adamantino de uma têmpera e inserir mais um motivo de glória na tradição de uma raça (VALDEZ, 1923, p.1)⁸⁹.

A narrativa da chegada dos jangadeiros ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil, que deu prosseguimento a produção “Os jangadeiros” no jornal *O Nordeste* (1923), ao realçar a figura de Dragão do Mar incomoda o escritor Rodolfo Teófilo que publica uma carta (ANEXO D) no mesmo periódico, na edição de 05 de julho de 1923, em que apresenta uma versão diversa da contada por Alba Valdez.

⁸⁸ Segundo *O Libertador* (1881, p. 1-3), no dia 27 iniciou-se um protesto de jangadeiros que se recusaram a transportar escravos para os navios negreiros que estavam na costa cearense, e foram apoiados por toda a sociedade cearense, que tomou parte na manifestação em que o povo bradava: “- No porto do Ceará não se embarcam mais escravos!” Jangadeiros e demais manifestantes enfrentaram os negreiros e o próprio governo que determinou intervenção da polícia, mas, a resistência dos protestantes venceu, impedindo o embarque de escravos no porto cearense, como também desembarcando os negros que já haviam sido embarcados antes da manifestação, como a escrava Luzia, e pessoas negras de outros estados que nos navios se encontravam cativos e seriam vendidos na região, como uma mãe e suas quatro filhas, que embora livres foram capturadas no Maranhão por um negreiro sem índole e seriam postas à venda (*O LIBERTADOR*, 1881).

⁸⁹ Publicação de Valdez (1923) no jornal *O Nordeste* citada por Xavier (2010).

Figura 67 - Carta de Rodolfo Teófilo a Alba Valdez no jornal *O Nordeste*, edição de 5 de julho de 1923.



Fonte: Instituto do Ceará.

Para deflagrar o debate Rodolfo Teófilo utilizou-se de técnica comum desde o século XIX, recorrendo ao gênero da carta aberta, que, escapava da retórica formal dos artigos e ensaios que circulavam nos jornais, pois usava uma linguagem menos tensa, que podemos analisar como uma estratégia de persuasão dos leitores a tomar partido na discussão.

Apesar de ocupar um espaço público, o jornal, o gênero epistolar conservava uma atmosfera de camaradagem, uma vez que, mesmo formal, a carta simulava o diálogo particular entre o remetente e o destinatário. Percebemos que, dessa forma, se facilitava o convencimento do leitor, que ocorria através de um jogo de sedução e não pela argumentação agressiva, que caracterizava o libelo ou panfleto, gênero que já circulava no século XIX.

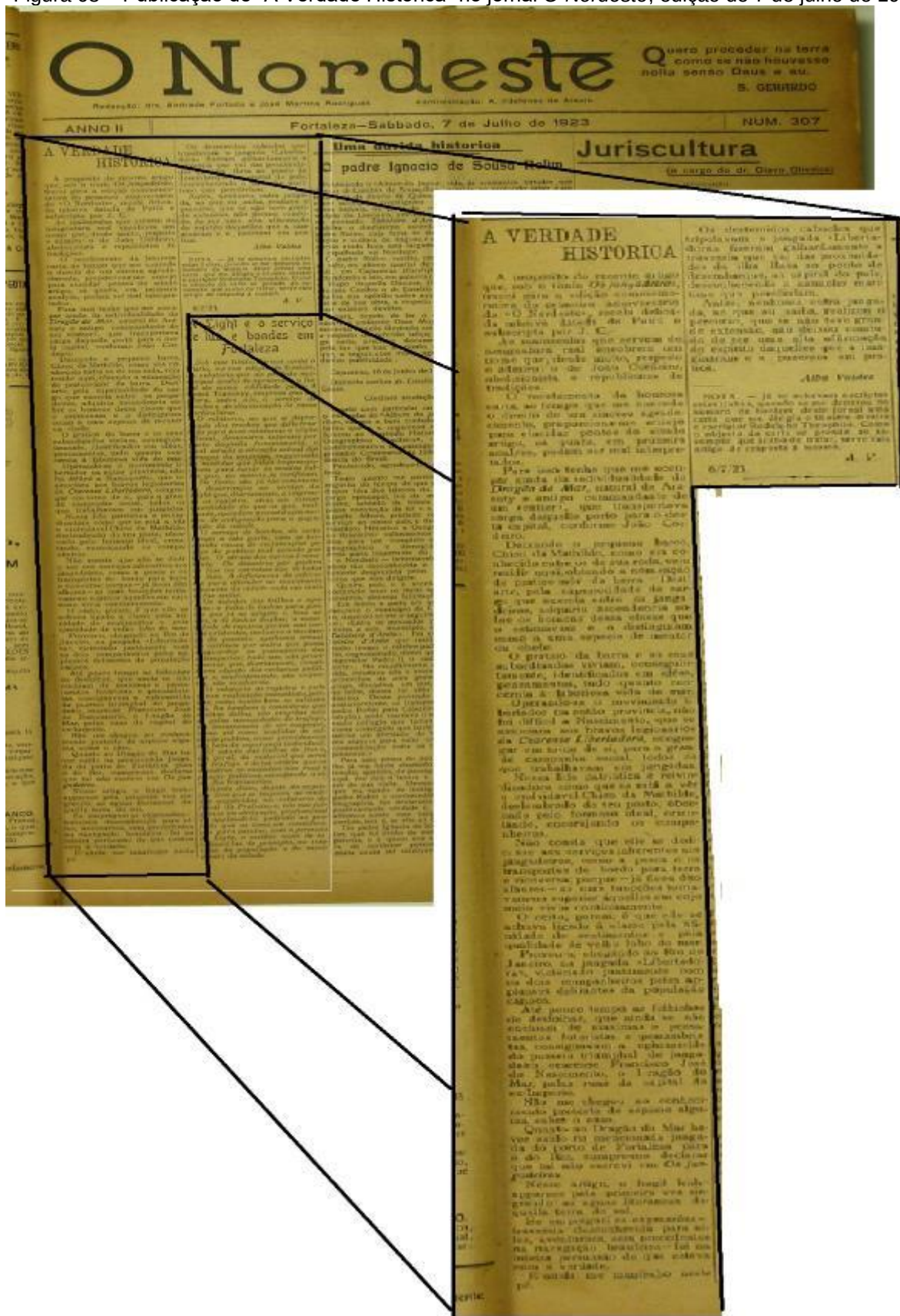
Geralmente, as missivas publicadas nos jornais eram assinadas por pseudônimos, o que, em certa maneira, intensificava os debates, porque essa

camuflagem possibilitava mais liberdade de expressão. Porém, nesse embate entre Alba Valdez e Rodolfo Teófilo não consideramos o uso desse mecanismo de disfarce, pois ela sempre assumiu publicamente seu pseudônimo, e ele assinou a carta com seu próprio nome. Destarte, por isso encontramos na carta tanta polidez e elegância no vocativo – uso de pronome de tratamento formal - “Dona Alba Valdez”-, e na escrita, como também, fecho de cortesia, lembrando a relação social entre os escritores – “Do seu confrade e grande admirador”.

Ambos eram membros da Academia Cearense de Letras no ano de 1923, por isso Rodolfo Teófilo se disse confrade de Alba Valdez, todavia, nem essa relação, nem a admiração que dizia nutrir pela escritora, o impediu de contradizê-la, ou apresentar uma nova versão que falseia a versão histórica mais conhecida utilizando para tanto de eufemismo: “Peço licença para reestabelecer a verdade histórica sobre Francisco do Nascimento, o dragão do mar”. Outro recurso argumentativo do remetente que identificamos foi a escrita da alcunha “Dragão do Mar” na carta, sempre com letra minúscula, o que nos leva a supor uma intenção de inferiorizar a participação dele na libertação dos escravos no Ceará. Para se contrapor as ideias do artigo de Alba Valdez, Rodolfo Teófilo menciona também depoimentos de outros abolicionistas que corroboram com sua versão da história: “José do Amaral, João Cordeiro, João Carlos da Silva Jataí, Izac Amaral (TEÓFILO, 1923, p. 1).

Assim, se era comum aos periódicos do século XIX serem palcos de polêmicas, como constatou Barbosa (2007) e como podemos verificar quando buscamos as contendas literárias e políticas protagonizadas por José de Alencar, seja como crítico ou alvo da crítica, observamos que os jornais continuaram a ser espaço de debates na década de 1920, pois, na edição de 7 de julho de 1923, na primeira página do jornal *O Nordeste*, Alba Valdez responde a Rodolfo Teófilo com o texto “A verdade histórica” (ANEXO A):

Figura 68 – Publicação de “A Verdade Histórica” no jornal O Nordeste, edição de 7 de julho de 1923.



Fonte: Instituto do Ceará.

A resposta de Alba Valdez à missiva de Rodolfo Teófilo foi instantânea, dois dias depois, no entanto remeteu seu artigo a João Cardoso, um abolicionista que também enviara uma carta sobre o artigo “Os jangadeiros”. Contudo, ao reafirmar de forma laudatória, e até épica, a participação do Dragão do Mar na abolição da escravidão no Ceará, era a carta de Teófilo que estava sendo respondida. Apesar de só referir-se a Rodolfo Teófilo em uma nota no final do artigo, há várias marcas intertextuais com a correspondência de Rodolfo Teófilo, desde o título: “A verdade histórica”. Entendemos que a escolha do título do seu segundo artigo rebatia a proposta de Rodolfo Teófilo de reestabelecimento da verdade histórica.

Relevante acrescentarmos que essa temática foi utilizada em várias produções de Alba Valdez, como “Uma data cearense” publicado em um compêndio didático *Ano Escolar* (1910), que usa como mote o dia 25 de março de 1884, data da libertação dos escravos no Ceará, que antecedeu a Lei Áurea em quatro anos.

Nessa perspectiva, ressaltamos que a contenda entre os escritores deflagrada pela carta de Rodolfo Teófilo se acirra com a resposta de Alba Valdez, que utiliza uma nota no final de sua produção para esclarecer que o artigo “A Verdade Histórica” já estava escrito quando tomou conhecimento da carta de Rodolfo Teófilo, “ilustre mestre”, porém a escritora afirma que a produção servia como resposta à carta.

A partir da firmeza e sutileza com que Alba Valdez enfrentou no espaço público do jornal um notável intelectual, escritor reconhecido, deduzimos que ela era dona de forte a opinião, logo, porque a autora não recuou diante da palavra masculina que publicamente empreitou contradizê-la e até insinua que ela ignora a versão que ele elege como verdadeira.

Todavia, no título escolhido, Alba Valdez também defende sua versão, e legitima sua narrativa com a referência a um terceiro elemento que participa desse duelo nas primeiras fases do jornal católico *O Nordeste* (1923). A polêmica sobre o “Dragão do Mar” rendeu ainda mais uma publicação, além dos artigos de Alba Valdez e da carta de Rodolfo Teófilo, a carta ao editor do jornal *O Nordeste*, assinada por J. Neto, que seria, segundo a própria Alba Valdez (1938) pseudônimo de um parente do Dragão do Mar. Eis a publicação de J. Neto no jornal *O Nordeste*, na edição de 24 de julho de 1923, “O jangadeiro Nascimento” (Anexo D):

redator do periódico, difere da carta aberta que Rodolfo Teófilo publicou, destinada a Alba Valdez e demais leitores, porque, mesmo atingindo também ao público do jornal, dirigindo-se ao redator ele foge do conflito direto com os principais debatedores, homem e mulher de letras. Assim, inferimos que “J. Neto”, não se tratava de um literato, a própria Alba Valdez afirmou em 1938 que este seria um parente do Dragão do Mar, que fizera uso de um pseudônimo.

O uso da escrita epistolar se configura como uma estratégia de convencimento, pois a carta nos jornais é, conforme Barbosa (2011), utilizada como uma ferramenta de persuasão, visto que, este gênero é dialógico e didático, o que facilita a comunicação, apresentação de argumentos e convencimento do leitor.

A elaboração da carta veiculada no jornal não foge a sua elaboração como prática de escrita regrada, respeitando os critérios estabelecidos para o gênero, entre os quais: considerar o leitor e a intencionalidade da argumentação da epístola (BARBOSA, 2011). Se Barbosa (2011) nos adverte que a carta nos periódicos pode ser inclusive ficção, nós acrescentamos a potencialização de sua função argumentativa quando esta é utilizada como artifício para discussão de ideias.

Entretanto, ressaltamos, que esse tipo de polêmica legitima o jornal, o qual continuou a ser “o lugar por excelência da multiplicidade discursiva” nas primeiras décadas do século XX, tanto quanto o foi nos anos oitocentistas, conforme verificou Barbosa (2007, p. 40): “nele revelam-se mesmo que de forma incipiente as vozes de uma ‘opinião pública’, da qual participavam vários segmentos da sociedade, entre os quais as mulheres”.

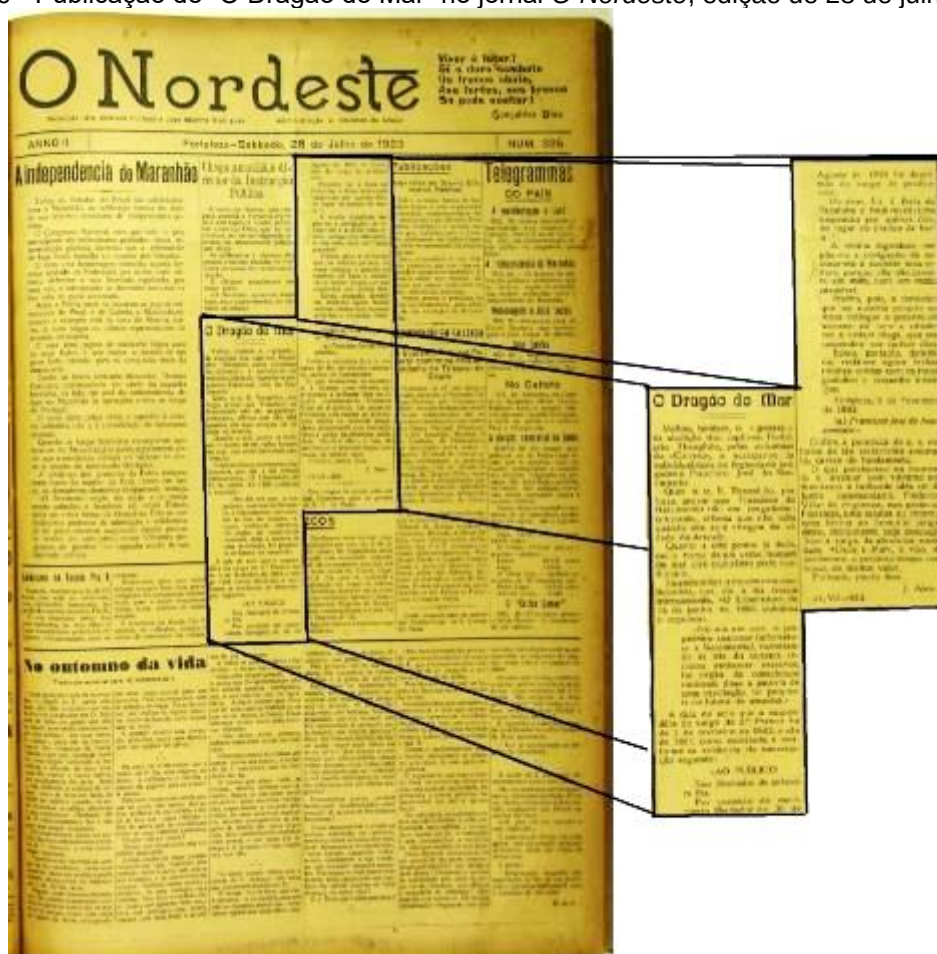
Alba Valdez não tomou mais parte na pugna intelectual de 1923, cuja principal arena foi o jornal *O Nordeste*, mas reconhecemos que a sua participação e sua firmeza na resposta aos “generais da abolição” Rodolfo Teófilo e João Cordeiro, reafirmando sua versão, que é a mais conhecida, foi um marco pela questão do gênero. Um combate intelectual acirrado, travado nas primeiras páginas de um jornal de orientação conservadora, religiosa, faz-nos reconhecer que ela transgrediu o lugar social da palavra da mulher.

Apesar do posicionamento de Alba Valdez sobre o Dragão do Mar acompanhar a versão histórica oficial e até excludente, por centralizar em Francisco Nascimento a responsabilidade pela abolição, deixando no ostracismo tantos outros que participaram, consideramos o mérito dela de discutir e defender seu posicionamento. Não é nosso objetivo discutir quem venceu, ou julgar quem estava certo, ou qual a

melhor versão, o que buscamos é realçar a sua participação na contenda e o enfrentamento da

A contenda ainda rendeu uma publicação de Rodolfo Teófilo no jornal *Correio do Ceará*⁹⁰ (1923) e um artigo de “J. Neto” no jornal *O Nordeste*, na edição de 28 de julho de 1923, intitulada “O Dragão do Mar”, em que reforça que Francisco Nascimento fora jangadeiro e acrescenta um registro do próprio Dragão do Mar de sua participação no movimento abolicionista no Ceará, inclusive relatando o rebaixamento dos cargos que ocupou e a demissão que resultou de suas ações pela liberdade dos negros.

Figura 70 - Publicação de “O Dragão do Mar” no jornal *O Nordeste*, edição de 28 de julho de 1923.



Fonte: Instituto do Ceará.

Considerando essa polêmica, não encontramos mais indícios de manifestações de Alba Valdez, somente em 1938, ela retomou a temática da polêmica na *Revista da*

⁹⁰ O único exemplar de o *Correio do Ceará* em que este artigo de Teófilo foi publicado está no Instituto do Ceará, que não permite o acesso, porque o periódico está em péssimas condições de conservação o que impossibilita a consulta.

Sociedade Cearense de Geografia e História, quando publicou o artigo “A jangada abolicionista”, em que ela aborda a contenda e tratou de “J. Neto”, que funcionou como um aliado na defesa de sua versão sobre o heroísmo do Dragão do Mar. Ela menciona nessa produção:

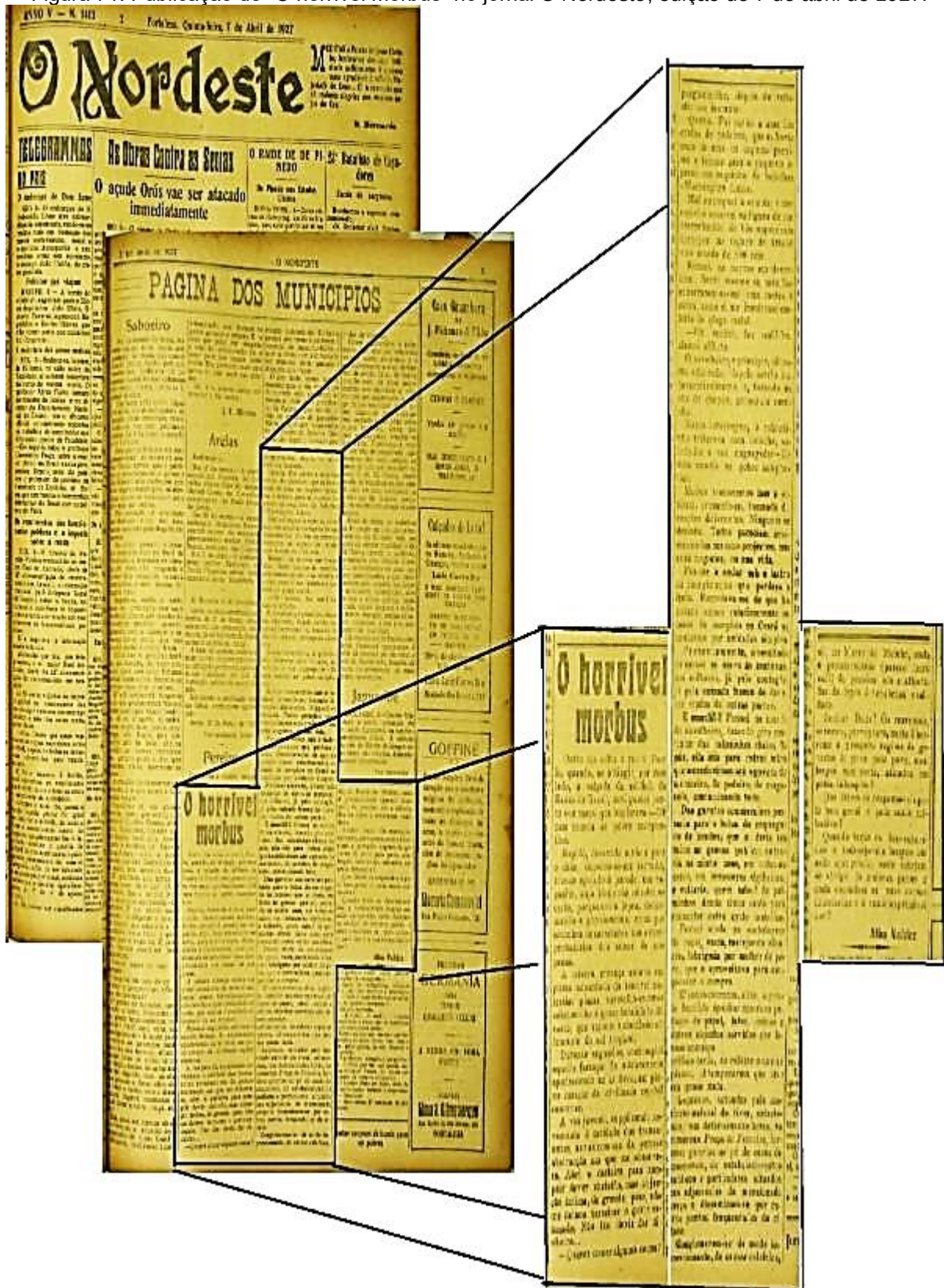
- O Dragão do Mar não era jangadeiro. – Era jangadeiro. Questão de lana caprina. Diz-me com quem andas... O interessante, porém, é que ao tempo dessa contenda, honrosa para mim por todos os fáceis, surgiu nas colunas de *O Nordeste*, a arena em que se desenvolveu a pugna intelectual, um trabalho assinado por J. Neto e intitulado “O jangadeiro Nascimento” (V. *O Nordeste* de 24 de julho de 1923), em que o autor provou com dados suficientes a razão de ser da minha expressão. Depois soube que J. Neto era pseudônimo de um parente do Dragão do Mar (VALDEZ, 1938, s. p.).

A participação de J. Neto na “polêmica do Dragão do Mar” mostrou que o jornal *O Nordeste*, além de se configurar em um espaço de debate para os autores/jornalistas que já publicavam na imprensa, como Rodolfo Teófilo e Alba Valdez, deu lugar também a voz de um anônimo, através do uso de seu pseudônimo, de participar do embate. Essa descentralização da palavra pública, que favoreceu as mulheres e pessoas do povo, sem experiência literária, constituindo uma relação dialógica com o público leitor. Isso corrobora com a afirmação de Barbosa (2007, p. 91), que reconhece: “O que o jornal possibilita é uma das fontes pelas quais podemos trazer à cena os leitores anônimos e as maneiras com que se apropriam de certos textos”.

Finda a polêmica, ainda localizamos no jornal *O Nordeste*, nas edições de 07 e 12 de abril de 1927, na terceira e na quarta página, respectivamente, uma crônica intitulada “O horrível morbus” (ANEXO A), de autoria de Alba Valdez, cujo temática era a *lepra*⁹¹, hoje denominada hanseníase, mas que a escritora escolheu chamar de “*morbus*” termo que em latim significa doença, enfermidade, mal, sendo este último o sentido empregado pela autora, como podemos verificar a partir da concordância nominal. Essa opção de Alba Valdez corrobora com um costume daquela época que observamos até hoje na fala de pessoas mais velhas e menos instruídas, elas temiam pronunciar os nomes de determinadas doenças, usavam eufemismos para não atrair tais males.

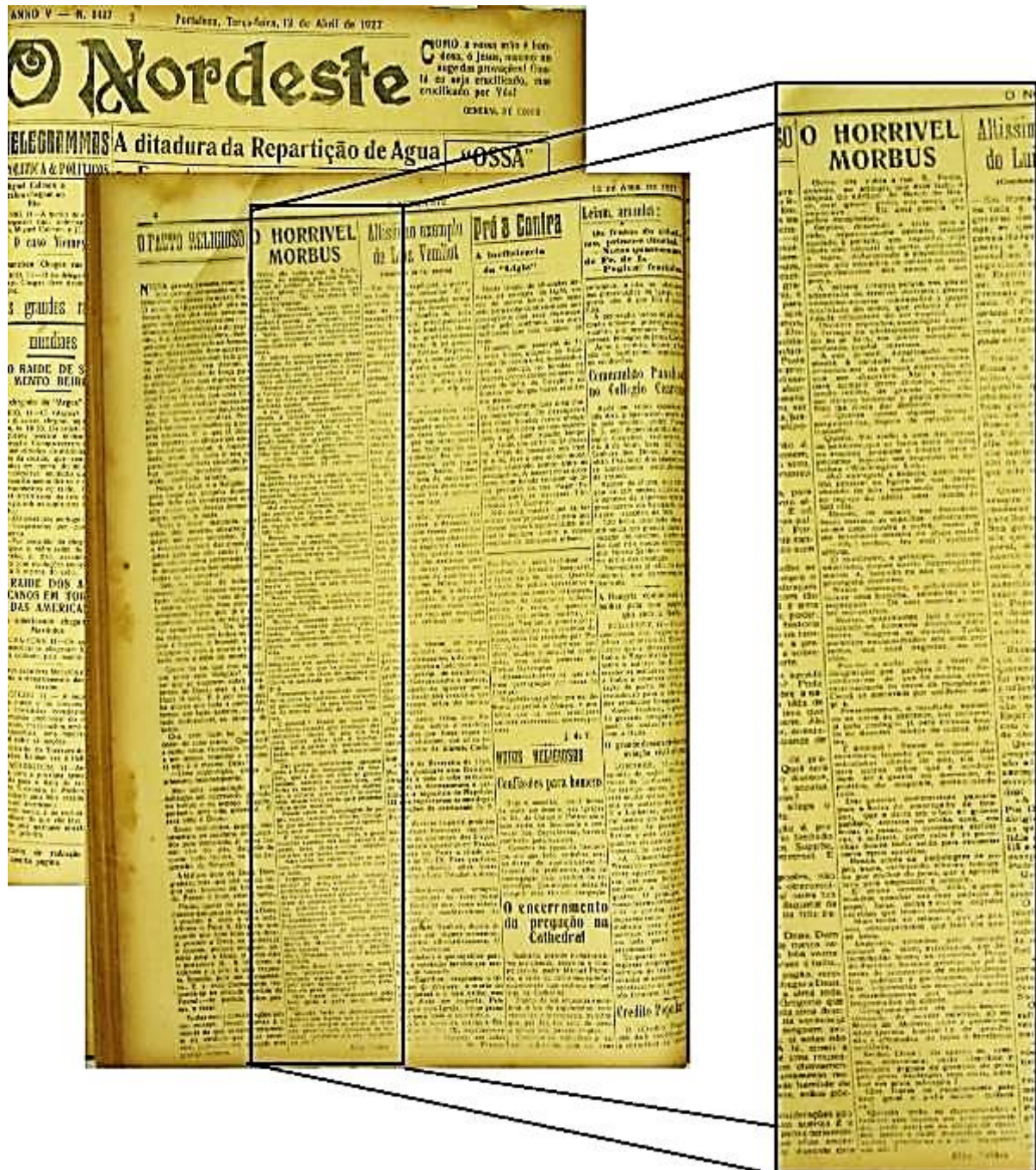
⁹¹ Optamos por usar o termo *lepra* para não criar anacronismos, como também fez Pinheiro. Mas, sempre que usarmos o termo *lepra*, estará em itálico para estabelecer que conhecemos o uso da nova terminologia: hanseníase.

Figura 71: Publicação de “O horrível morbus” no jornal O Nordeste, edição de 7 de abril de 1927.



Fonte: Instituto do Ceará.

Figura 72 - Publicação de “O horrível morbus” no jornal O Nordeste, edição de 12 de abril de 1927.



Fonte: Instituto do Ceará.

A leitura de exemplares desse mesmo jornal que circularam durante fevereiro e março de 1927 nos levam a deduzir que havia um surto dessa doença em Fortaleza, a moléstia vinha sendo recorrente assunto em artigos e notícias do jornal *O Nordeste* em números anteriores, todavia, Alba Valdez tratara o tema a partir de um discurso literário-jornalístico, escrevera uma crônica, que estava de acordo com os interesses daquele periódico católico.

O jornal *O Nordeste*, realmente, reproduzia os interesses da Igreja Católica, tanto que a direção do órgão foi entregue aos intelectuais católicos. Durante suas décadas de funcionamento, o jornal encetou muitas campanhas de caráter caritativo, de denúncia e de preservação da moral na cidade, bem como de cobranças acerca da necessidade de higienização da cidade. Nesse sentido, uma temática recorrente no jornal (...) é o caso do imenso espaço dedicado aos casos de *lepra* na capital cearense (PINHEIRO⁹², 2012, p.3).

Como também observamos que nas edições de 1927 d'*O Nordeste*, o jornal passou a ter formato diverso, trazendo junto aos artigos religiosos, anúncios e notícias, seções semanais: “página rural” às segundas-feiras; “página jurídica” às terças-feiras; “página feminina” às quartas-feiras; páginas dos municípios” às quintas-feiras; “página desportiva” às sextas-feiras; “página literária” aos sábados; e a seção “jornal da praça” em que se tratava de economia e comércio todos os dias. Apesar do jornal possuir um espaço destinado à mulher e a literatura, as publicações de Alba Valdez não ocupavam essas seções, em que circulavam receitas culinárias, artigos de moda e outras temáticas impostas de forma estereotipada como interesses das mulheres.

A crônica “O horrível morbus” apareceu a primeira vez na “Página dos Municípios”, em sua segunda publicação estava fora dessas seções, ladeado por artigos de cunho religiosos e históricos. Inferimos que a republicação ocorreu para chamar atenção das autoridades para a proliferação da *lepra*, não somente para criticar a indiferença da sociedade e do governo, mas, sobretudo, da necessidade de isolamento dos doentes, para evitar a transmissão da enfermidade.

Senhor Deus! Os cearenses, seremos, porventura, neste liberalismo e próspero regime de governo do povo pelo povo, náufragos sem sorte, atirados em praia inóspita?
Que fazem os responsáveis pelo bem geral e pela saúde coletiva?
Quando terão os desventurados e indesejáveis lázaros um asilo apropriado, onde estejam ao abrigo de maiores penas e onde escondam as suas carnes tumefactas e a sua inexprimível dor?
(VALDEZ, 1927, p.3)

Os questionamentos de Alba Valdez no final de sua produção partiram do acontecimento corriqueiro de encontrar um jovem leproso a pedir esmolas em uma calçada, e das reflexões que desencadearam do medo do contágio da doença,

⁹² O artigo de Pinheiro (2012) chama nossa atenção para os objetivos higienistas que se aliavam aos religiosos do jornal *O Nordeste*.

caracterizando o gênero da crônica, que nasceu nos jornais e transita entre a literatura e a imprensa, com uma intencionalidade, que a autora confirma nos últimos parágrafos citados acima: alertar a sociedade sobre o perigo da contaminação, assim como, cobrar do governo da necessidade de providências, o isolamento, dos doentes que se espalhavam pelas ruas.

Reforçamos essa ideia de intencionalidade da crônica a partir da contribuição de Roncari (1985, p.14), quando este afirma: “a crônica retrata o tempo, traz a imagem do turbilhão, remexe a ordem do mundo e não deixa nada fixo no lugar, assim não se pode pensar nesse gênero como um texto desinteressado”. Alba Valdez aciona o poder imagético do leitor, interage com ele, argumenta sobre o perigo de dar esmolas, princípio cristão, e o ciclo maléfico da transmissão da morfeia.

O Nordeste noticiou com muita frequência um conjunto de informações a respeito da moléstia e, principalmente, cobrava das autoridades competentes a edificação de um leprosário para isolamento dos enfermos. Porém, examinando as notícias mais atentamente, verificamos que o intuito central na prática das denúncias frequentes da situação dos leprosos, consistia em “afastá-los da convivência com os sãos” a partir do isolamento compulsório, considerada a única medida profilática para o combate à doença naquele período (PINHEIRO, 2012, p.1).

As publicações de Alba Valdez no jornal *O Nordeste* podem nos dizer muito sobre ela, uma vez que somente intelectuais católicos escreviam para esse periódico que fora fundado pela Arquidiocese de Fortaleza, que tinha como objetivo divulgar os valores e princípios do catolicismo.

Assim, podemos reforçar a ideia de que esta autora servia a esta ideologia religiosa, e como uma mulher parte de uma sociedade conservadora, que fora professora, escritora de livros cujos contos foram traduzidos para publicações fora do país, ela adquirira um lugar social que lhe permitia expor seu pensamento, pois este estava, na maioria das vezes, alinhado com os valores sociais da sua época. A transgressão era justamente ela ser uma mulher, uma estudiosa que fugira ao destino do matrimônio e da maternidade, pois nem sempre, nem para todas fora possível aliar instrução feminina com a constituição de família.

Seguindo os rastros de Alba Valdez pelos jornais percebemos que há mais uma lacuna na publicação dos jornais, porém, conforme Barreira (1962) e Maia (2007) a escritora publicou o artigo “O horrível brasileiro” em 1929 no jornal *A Razão*, que era publicado em Fortaleza. O acervo desse periódico não se encontra disponível para

consulta em nenhum arquivo físico, entretanto encontramos na Biblioteca Nacional um acervo digitalizado dos anos de 1929 a 1938, apresentando 243 edições de 1929. Localizamos a partir da leitura dos arquivos várias ocorrências de matérias que citam Alba Valdez, mas não achamos a referida produção.

Nossa procura nos arquivos do jornal *A Razão* (1929), pelo ensaio citado anteriormente, assim como guiados pela indicação bibliográfica feita por Sousa (1937), nos colocou diante de outra produção de Alba Valdez, “O *ethos* brasileiro”, publicado na edição que circulou em 12 de maio de 1929, um domingo. Agora, inserida na página literária deste periódico que sempre abria espaço as mulheres escritoras, em uma edição que fazia parte das comemorações do centenário de José de Alencar.

Figura 73 - Publicação de “O *ethos* brasileiro” no jornal *A Razão*, edição de 12 de maio de 1929.



Fonte: Instituto do Ceará.

Podemos averiguar a partir da imagem acima que esta publicação de Alba Valdez ocupava um espaço considerável na seção que se intitulava “A ‘a Razão’ Literária”, que se subscrevia nessa edição como “A intelectualidade feminina no centenário de José de Alencar”. Alba Valdez publicara ao lado de um relato de memórias de Adília de Albuquerque de Moraes, que narra uma visita ao Mosteiro de Nossa Senhora da Penha no Espírito Santo realizada pela autora que publicava frequentemente nesse jornal; junto ao poema “Átomos” de Maria Sampaio; e um ensaio biográfico escrito por Judith Amaral, sobre uma escritora chamada Iracema Guimarães Vilela.

Classificamos a publicação de Alba Valdez como um ensaio, gênero já caracterizado em análise anterior. Nesse a escritora filosofa sobre o comportamento do povo brasileiro, em uma firme defesa de que o brasileiro era, apesar das origens e agruras, uma gente feliz. A autora trazia no título o termo que vem do grego “ethos”, que remete, considerando uma referência sociológica, ao conjunto de características e condutas que moldam o caráter ou a identidade de uma coletividade, uma síntese dos costumes de um povo.

No entanto, ao buscarmos a fundamentação filosófica podemos analisar este ensaio de Alba Valdez a partir dos conceitos aristotélicos na obra *Retórica* (2011): *ethos*, *pathos* e *logos*⁹³. Como ela utilizava-se frequentemente das tribunas sabia fazer uso da arte/técnica da retórica⁹⁴ e desses estratégias para argumentar em favor de sua tese: o brasileiro é feliz. Ela se coloca como brasileira, cearense, faz um jogo entre a linguagem culta e popular, comunicando-se, desse modo, com os mais variados tipos de leitores do jornal, configurando o *ethos*.

Então a saudade, face da tristeza, assoberba-o, crava-lhe o ferrão de tiranabóia de tal jeito, que o exilado sertanejo desenha um gesto de defesa:

Saudade, doida saudade.

Me deixa pru caridade! (VALDEZ, 1929, p. 3).

⁹³ *Ethos*: é a forma de persuasão do público a partir da qualificação do locutor que vai sobre o assunto, como o seu caráter, credibilidade e ou autoridade que o legitimam para influenciar a audiência. *Pathos*: utilização de estratégias emocionais para o convencimento da audiência. Pode ser realizado a partir de metáforas e outras figuras de retórica, da amplificação, ao narrar uma história ou apresentar o tema de uma forma que evoca fortes emoções do público. *Logos*: uso da razão e da lógica, quer de raciocínio indutivo ou dedutivo, para a construção e validação de um argumento, evitando falácias (ARISTÓTELES, 2011).

⁹⁴ Retórica é arte/técnica de falar bem, usando a linguagem para comunicar -se de forma eficaz e persuasiva (ARISTÓTELES, 2011).

A autora cita os *Lusíadas* de Camões para se referir ao povo português, e cantigas populares para tratar do negro e do índio, elementos formadores da identidade do brasileiro.

Quem foi a antiga gente portuguesa?
 Ressoe a epopeia de Luis de Camões – os *Lusíadas*.
 Respondam os fastos marítimos dos séculos XV e XVI.
 Atestem os diversos monumentos de arte histórica encontradiços em terras da antiga Lusitânia.
 Talvez que o português de hoje seja triste; o de antanho, não.
 O seu traço visível era o gênio aventureiro, inflamado do fogo do heroísmo e das conquistas. Festas e mais festas precediam as suas longínquas.
 E o africano? O africano, arrancado ao torrão nativo, ora pela cobiça dos seus irmãos de raça, ora pelos estratagemas capciosos e violentos dos traficantes negreiros cedia, em regra geral, à prepotência, à força.

 Resta o caboclo das selvas. Até os que gaguejam a história pátria sabem que a raça indígena deu muito que fazer aos colonizadores. Insubmissos, ferozes, na sua maior parte, os selvícolas lutavam com todas as energias pela sua liberdade ameaçada. Vendiam-na caro. (VALDEZ, 1929, p. 3).

Alba Valdez também explorou o uso do *pathos* através de memórias, origens, lutas por liberdade, exílios, êxodo dos sertanejos, reminiscências da cultura e comportamentos do povo nordestino. O apelo emocional se fortalece ao referir-se ao sertão, ao Ceará, as festas juninas, farinhadas, costumes religiosos, lugares que sensibilizam o público leitor que se sente representado na produção da autora cearense.

As citações de autores e obras renomadas, como Antônio Vieira, Olavo Bilac, Napoleão Menezes configuram o *logos* na argumentação de Alba Valdez em “O ethos do brasileiro”, como também, na citação de fatos históricos, isso demonstrava conhecimento étnico, cultural, socio-filosófico e literário.

Nesse jogo de poder, de convencimento e sedução entre o autor e o leitor, que é travado nas publicações dos mais diversos gêneros, isso caracteriza a essência dos periódicos desde a gênese da imprensa, como salienta Sodré (1983): o controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e desejos.

Outra publicação de Alba Valdez em que se verifica a defesa e difusão de ideias - que não localizamos nos jornais por impossibilidade de consulta do arquivo, por conta das péssimas condições dos periódicos nos acervos físicos⁹⁵ - foi “De pé”, que circulou na edição de 22 de maio de 1930 do *Jornal do Comércio*, em Fortaleza. A relevância dessa produção deve-se ao fato dela se reportar a exclusão da própria Alba Valdez da Academia Cearense Letras em 1930, na qual ela ingressou atendendo ao convite de Justiniano de Serpa em 1922, episódio que já relatamos em capítulo anterior.

Por conta da repercussão dessa produção, a revista *Nação Brasileira*, na edição de agosto de 1930, reproduziu o artigo “De pé”, o que nos permitiu contato com essa produção de Alba Valdez. Destarte, esta publicação aparecerá na seção reservada as publicações em revistas.

Ainda seguindo a perspectiva de pesquisa diacrônica nos jornais, encontramos na Hemeroteca da Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), uma publicação de Alba Valdez, em que circulara “Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana”, na edição de 23 de junho de 1935, do jornal *Diário da Manhã*, que circulava em Recife, intitulado “Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana”.

Essa produção exemplifica a rede de comunicação que se estabeleceu entre as mulheres no Brasil, em que a imprensa foi o principal espaço público para esse diálogo, que devemos destacar não ocorria somente em periódicos produzidos por e para mulheres, como também ocupava lugar em periódicos de grande circulação, como o *Diário da Manhã* (1927 – 1985).

A publicação de Alba Valdez vinha acompanhada por uma foto da autora, inferimos que ela, nesse período, havia um papel simbólico para as mulheres, especialmente as nordestinas, visto que, ela escrevia, publicava e, havia alcançado um lugar público de reconhecimento, a Academia Cearense de Letras, embora excluída, a autora e sua vida passa a significar para suas patrícias a transgressão do espaço privado para o público e, a opressão da sociedade à mulher que precisava ser combatida. Alba Valdez era vista também como empreendedora na luta pela instrução da mulher, portanto, ela tinha legitimidade para falar as suas iguais.

⁹⁵ Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel; Instituto do Ceará; Sala de História da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Fortaleza; Biblioteca da Academia Cearense de Letras; Biblioteca Mozart Monteiro da Casa Juvenal Galeno.

Figura 74 - Publicação de “Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana” no jornal de Recife *Diário da Manhã*, edição de 23 de junho de 1935.

Fonte: Hemeroteca CEPE.

Esta mensagem escrita por Alba Valdez e destinada às mulheres pernambucanas foi publicada no espaço da Associação da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, no *Diário da Manhã*. Após a publicação de um resumo da

reunião da instituição, que neste encontro escolheu e empossou sua diretoria, que tinha como presidente Edwirges de Sá Pereira, escritora pernambucana que publicava na revista *O Lírio*, organizada por Amélia Beviláqua e da qual Alba Valdez era uma das correspondentes cearenses.

No encerramento da sessão foi realizada a leitura da “Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana” ambas representadas pelas escritoras Alba Valdez e Edwirges de Sá Pereira, respectivamente remetente e destinatária. O portador fora Nery Camello, um jornalista cearense que viajava pela região Nordeste.

Alba Valdez saúda as mulheres pernambucanas em nome das cearenses, e relembra a importância histórica de Pernambuco na Revolução de 1817, realçando a participação das mulheres cearenses nesse movimento, assim como, das heroínas pernambucanas do Tejucupapo⁹⁶:

Nessas convulsões que definem a sociedade a fibra de um povo, gravam-se respectivamente em água forte, se bem por isso menos empolgante, os perfis de Bárbara de Alencar e Ana Triste está a infortunada esposa de Tristão Gonçalves, o presidente da malograda República do Equador, assassinado covardemente pelas tropas legalistas, às margens do Jaguaribe. Aliás a coragem varonil da brasileira destas plagas não constituía até então um fato ímpar. Lenda ou não, - apesar de a tradição popular consignar como uma verdade – o episódio das heroínas de Tejucupapo ilumina os fastos das refregas pernambucanas contra o estrangeiro invasor como lampadário fantástico de reflexos imortais (VALDEZ, 1935, p.22).

⁹⁶ Tejucupapo: pequena localidade de Pernambuco que remonta do século XVII, que foi, em 1646, palco de uma batalha epopeica contra a invasão holandesa, a luta foi travada pela própria população do local. Naquele ano os holandeses já haviam praticamente perdido o domínio que durante algum tempo mantiveram sobre quase todo o território pernambucano, e como se encontravam cercados e necessitando desesperadamente de alimentos, cerca de 600 deles, saídos por mar do forte Orange, na Ilha de Itamaracá, sob o comando do almirante Lichthant, tentaram ocupar Tejucupapo, onde esperavam encontrar a farinha de mandioca e o cajú que as circunstâncias do momento haviam transformado em produtos pelo qual valia a pena arriscar-se em combate. Segundo os historiadores, eles escolheram justamente o domingo para realizar a investida porque era nesse dia que os homens do vilarejo costumavam ir ao Recife, a cavalo, para vender nas feiras da capital os produtos da pesca. Sendo assim, a localidade estaria menos protegida, acreditavam os holandeses. Mas foram frustrados em sua intenção porque, segundo alguns relatos, a informação de que se aproximavam iniciou a reação da pequena e valente população local, que tendo à frente quatro mulheres - Maria Camarão, Maria Quitéria, Maria Clara e Joaquina - lutou bravamente contra os invasores, enquanto os poucos homens que haviam permanecido na localidade ocupavam-se em emboscar os assaltantes, atacando-os à bala e não lhes dando sossego. Os registros informam que elas ferveram água em tachos e panelas de barro, acrescentaram pimenta, e escondidas nas trincheiras que haviam cavado, atacavam os holandeses com a mistura jamais esperada por eles. Seus olhos eram os principais alvos, e a surpresa o melhor ataque. Como saldo da escaramuça, mais de 300 cadáveres ficaram espalhados pelo vilarejo, sobretudo flamengos. A batalha durou horas, mas naquele 23 de abril de 1646 as mulheres guerreiras do Tejucupapo saíram vitoriosas. Disponível em: <https://maniadehistoria.wordpress.com/mulheres-de-tejucupapo/>. Acesso em 20 dez 2018.

Após a exaltação do protagonismo dessas mulheres cearenses - as quais ela acrescentou na continuação da publicação Maria Jovita Feitosa, que era cearense, apesar de sua façanha de apresentar-se ao exército ter ocorrido em solo piauiense; e dona Maria Tomázia, relevante figura da abolição dos escravos no Ceará - e pernambucanas, Alba Valdez finalizou sua mensagem comprovando a sororidade entre as mulheres:

Mulher Pernambucana, irmã da Cearense pelos vínculos de raça, de língua, de religião e de ideal!
Mulher Pernambucana, síntese de todas as virtudes sociais e domésticas! A mulher Cearense depõe na sua face pura o ósculo da amizade – flor do coração.

Também, confirmamos que os ideais da luta pelo progresso feminino que Alba Valdez defendia não confrontavam radicalmente os valores da sociedade da década de 1930, mais uma vez, ela continuava na luta pela instrução das mulheres, não igual à educação oferecida aos dos homens, mas a que era permitida: formação com princípios religiosos e sociais, que as preparassem para a funções que lhe eram impostas na vida social e no lar que deveria formar e zelar.

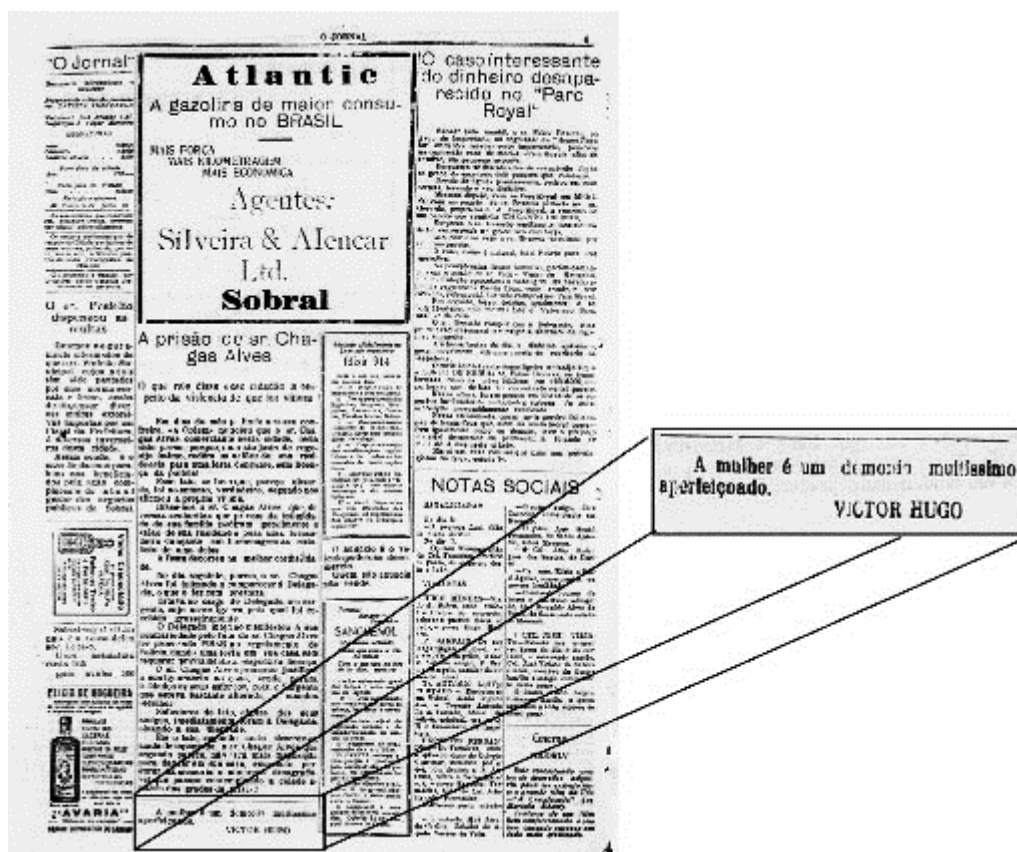
A imprensa fez das mulheres leitoras, escritoras, foi um dos principais suportes para sua palavra pública, porém ela também a controlou e moldou, definindo e divulgando em larga escala, a cada época, o conceito de mulher que a sociedade defendia, disseminando este perfil em âmbito nacional e local.

Na década de 1930 podemos elencar inúmeros periódicos que ditavam o papel moral e social da mulher, as roupas que devia vestir, como seriam seus cabelos e determinavam o comportamento ideal para uma “moça de família”, uma “boa esposa e mãe zelosa”. Rago (2011) enumera e cita diversos periódicos em um artigo⁹⁷ que objetivou descrever a mulher trabalhadora, a sexualidade das mulheres, a moral social que influenciava nas primeiras décadas do século XX. Neste artigo de Rago (2011) percebemos que várias ideias remetem à publicação de Alba Valdez: a construção masculina da identidade das mulheres; a redefinição do lugar das mulheres na sociedade do início do século XX pelas elites intelectuais e políticas desse momento histórico, a partir de influências europeias, dos pensamentos filosóficos (Rousseau) e médico vitoriano e das concepções religiosas. Podemos verificar em inúmeras

⁹⁷ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2011. (578 – 606).

ocorrências nos periódicos exclusivamente femininos ou não, através de anúncios, notas, frases de efeito, artigos ou ensaios, e os mais diversos gêneros literários, sejam de anônimos ou de homens renomados, concepções de mulher, como esta nota no jornal cearense *O Jornal* (1932, p.4) no rodapé da quarta página:

Figura 75 - Nota" no jornal *O Jornal* (1932).



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Embora essas concepções religiosas fossem comuns, contribuindo para demonização da figura da mulher, numa analogia de “Eva pecadora”, não identificamos essa característica na obra de Alba Valdez. Entretanto, outro ponto em que estabelecemos uma intersecção entre o estudo de Rago (2011) e as publicações dessa escritora na imprensa foi o conceito de “mãe cívica” e o fortalecimento da raça. Essas concepções revigoravam a ideologia da maternidade como função natural das mulheres, como também enrijeciam as fronteiras da transposição entre os espaços privados e públicos para elas. Assim, mulheres como Alba Valdez, que transgrediram esse lugar imposto a elas, muitas vezes, reproduziam as ideologias nas quais foram criadas e educadas fortalecendo os paradigmas sociais e culturais de seu tempo.

Portanto, nem sempre eram os conteúdos de sua escrita que representava a transgressão feminina, mas o próprio ato da escrita e sobretudo da publicação, principalmente nos periódicos, suportes essencialmente públicos.

Destarte, conforme Rago (2011) a maternidade foi associada à formação de uma identidade nacional: “Nos anos 20 e 30, a figura da ‘mãe cívica’ passa a ser exaltada como exemplo daquela que preparava física, intelectual e moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação” (RAGO, 2011, p. 592).

Isso nos leva a compreender como a cultura nacionalista tornou-se uma característica forte da escrita de Alba Valdez, ela era fruto disso, como não se casou, vivenciou a “maternidade cívica” através do magistério e da escrita literária e jornalística que prestigiava muitas vezes temas e eventos importantes da história do Ceará. No jornal *O Estado*, em 1945, foi publicado uma entrevista concedida por Alba Valdez sobre o voto feminino nas eleições de 1946, cuja incompletude do acervo não nos permitiu localizar.

Todavia, há uma análise desta produção na pesquisa de Maia (2007, p. 108-112), em que a pesquisadora destaca que antes da entrevista é descrito o momento político ditatorial:

Neste ano, quando Alba Valdez concede a entrevista para o jornalista Alencar Monteiro, as mulheres brasileiras se preparavam para exercer no próximo ano, de fato, o direito assegurado pela Constituição Federal de 1934, mas prorrogado por conta do Estado Novo instalado em 1937, que outorga uma nova Constituição a “polaca”, assegurando uma ditadura no Brasil (MAIA, 2007, p. 109).

Importante que ressaltemos que as publicações na imprensa feitas por Alba Valdez, ocorreram porque ela não afrontava o projeto de governo ditatorial, integralista que se instaurava, como acontecia com todos os outros escritores. A posição conservadora da autora, principalmente política e religiosa são aspectos permitiram suas publicações desse período da história brasileira, sobretudo, no gênero entrevista, que Maia (2007) já considerava como um diálogo possível. Segundo Maia (2007), durante a entrevista Alba Valdez defende o voto feminino e a participação direta das mulheres nas eleições:

Não deve ser negado à mulher o direito de votar e de ser votada. E nesse ponto a atual legislação eleitoral satisfaz a medida das aspirações femininas. É um ato de justiça. A cooperação da mulher na

guerra que terminou, em parte, foi deveras notável. A sua tarefa se multiplicou nas fábricas e nas oficinas; nos hospitais, e nos campos de batalha. Nas defesas antiaéreas das cidades, nos navios de guerra e nos aviões de combate (VALDEZ, 1955 n.p.).

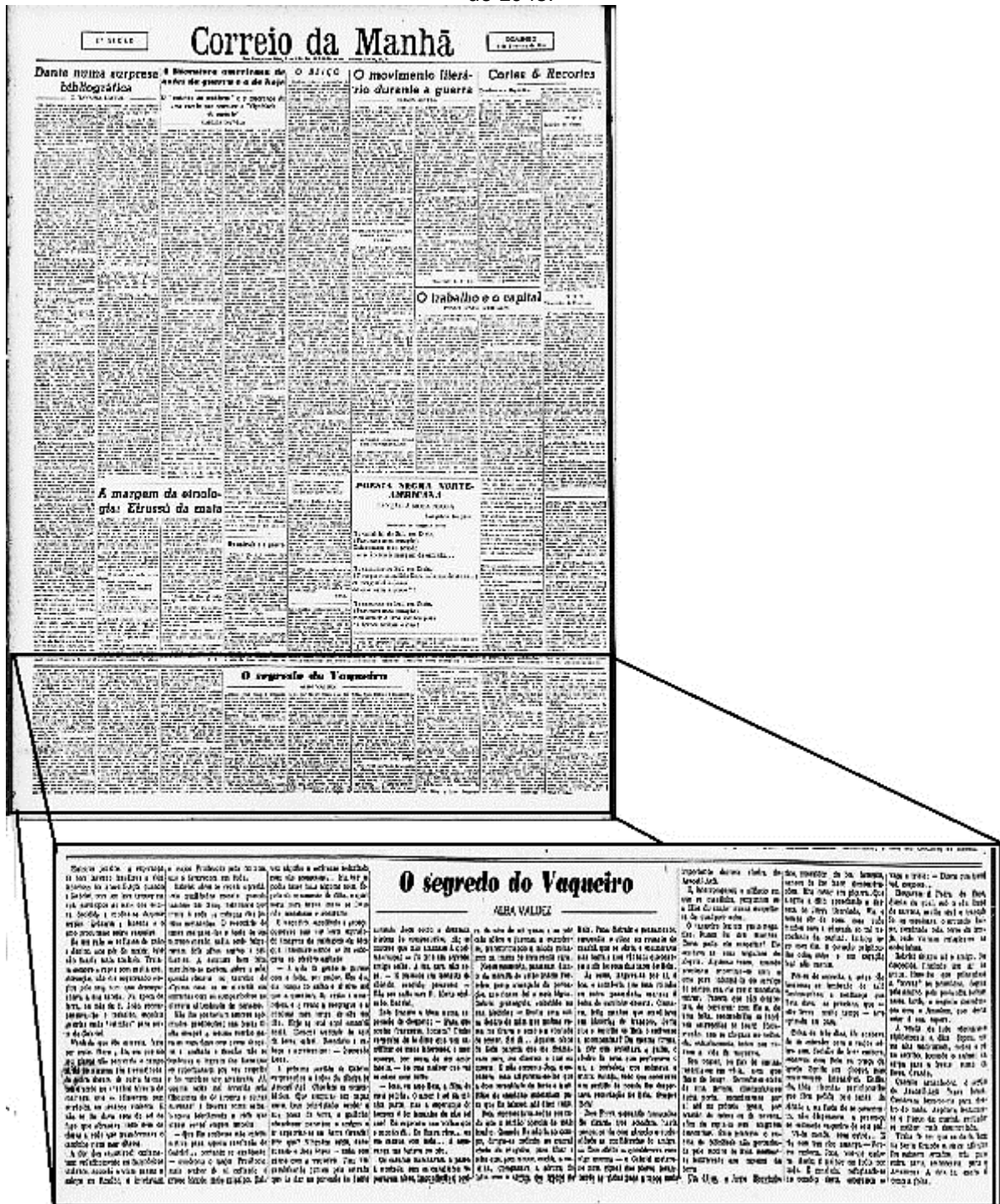
O discurso de Alba Valdez pelo direito ao voto feminino, conforme Maia (2007), acha que a mulher pode assumir mais responsabilidades. Esse projeto feminista junta-se com o as ideologias nacionalistas e regionalistas, que favoreciam a construção de uma identidade feminina. O patriotismo que compunha sua identidade feminina favorecia a defesa e exaltação de sua “cearensidade⁹⁸” e dos ícones culturais de sua terra como observamos em várias de suas publicações, como “O segredo do Vaqueiro”, publicado no jornal carioca *Correio da Manhã*, na edição do dia 4 de fevereiro de 1945.

Ressaltamos que a localização dessa publicação de Alba Valdez é uma contribuição de nossa pesquisa para a trajetória bibliográfica da escritora, uma vez que ela é inédita, não constando nos levantamentos bibliográficos já realizados anteriormente.

No rodapé da última página da edição de domingo, dia em que o jornal *Correio da Manhã* (1945) publicava uma 2ª seção, esta era priorizava as produções literárias de diversos autores, em variados gêneros: ensaios, críticas, artigos, poemas e contos como o de Alba Valdez. Ainda, salientamos que as temáticas regionais eram o mote das principais publicações de Alba Valdez nos jornais do Rio de Janeiro, assim asseveramos o interesse do público carioca pelas temáticas nordestinas. Em “O segredo do Vaqueiro” (ANEXO A):

⁹⁸ Fazemos aqui referência a uma identidade cearense, geográfica, cultural, histórica.

Figura 76 - Conto publicado no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, na edição 4 de fevereiro de 1945.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O segredo guardado pelo vaqueiro, que o levava a deixar a fazenda em que era estimado pelo patrão era o amor por Bela, a filha do major Prudêncio, dono da fazenda. É possível estabelecer uma relação intertextual entre essa narrativa de Alba Valdez publicada nos jornais em 1945 e a obra *O Sertanejo* de José de Alencar, que

fora publicada a primeira vez em 1875, visto a semelhança das temáticas e escolhas e desfechos dos protagonistas de ambas as obras. Observemos a descrição do vaqueiro Gabriel de Valdez, e do sertanejo Arnaldo composto por Alencar:

Gabriel além de reunir apreciáveis qualidades morais possuía também um físico insinuante que trazia a roda as cabeças das jovens sertanejas. O vestuário de couro lhe realçava o rosto de um moreno corado, sadio, onde fulguravam dois olhos negros e brilhantes. A estatura bem-feita mantinha-se garbosa sobre a sela, quando riscava no terreiro de alguma casa ou se divertia em correrias com os companheiros na planura alfombrada de panasco (VALDEZ, 1945, p.12).

Era o viajante moço de vinte anos, de estatura regular, ágil, e delgado do talhe. Sombreava-lhe o rosto, queimado pelo sol, um buço negro como os compridos cabelos que anelavam-se pelo pescoço. Seus olhos, rasgados e vívidos, dardejavam as veemências de um coração indomável.

Nesse instante o constrangimento a que a espreita o forçava, tolhia-lhe os movimentos e embotava a habitual impetuosidade; mas ainda assim, nesses agachos de caçador a esgueirar-se pelo mato, percebia-se a flexibilidade do tigre, que roja para arremessar o bote. Vestia o moço um traje completo de couro de veado, curtido à feição de camurça. Compunha-se de véstia e gibão com lavores de estampa e botões de prata; calções estreitos, bolas compridas e chapéu à espanhola com uma aba revirada à banda e também pregada por um botão de prata (ALENCAR, 2010, p. 5).

Os pares Arnaldo/Flor de Alencar e Gabriel/Bela de Alba Valdez tem relações de amor servil e idealizado, isso nos leva a reconhecer outras características do Romantismo no conto da autora cearense, como o contato com a natureza e a valorização da cor local.

Bela representava-se lhe em tudo que o sertão possuía de mais bonito. Quando ele não ia ao campo, dirigia-se cedinho ao curral cheio de mugidos, para tirar leite que, com pouco, enchia a vasilha. Comparava a alvura do leite com a alvura dos braços de Bela. Para distrair o pensamento suspendia o olhar no encanto da manhã que se abria e encontrava nas barras que vinham quebrando a cor de rosa das faces de Bela (VALDEZ, 1945, p. 12).

Todas essas congruidades entre as obras “O segredo do vaqueiro” e *O Sertanejo* são indícios que reforçam a inferência de Gutiérrez (2017), quando afirmara que Alba Valdez fora uma leitora de Alencar. A publicação de Alba Valdez no jornal *Correio da Manhã* (1945), nos remete também a uma intertextualidade formal com os folhetins que deram Alencar o reconhecimento literário, o conto ocupava o famoso

rodapé da seção literária, que em outras edições domingueiras desse periódico fora ocupado por grandes nomes da literatura, como Otto Lara Resende⁹⁹ e Rachel de Queiroz.

Considerando as vozes e olhares regionalistas de Alencar e Alba Valdez, faz-se necessário refletirmos sobre o que Albuquerque Júnior (2011) denomina de invenção do Nordeste, ao analisar os discursos que constroem uma representação dessa região brasileira, que se opõe histórica, geográfica e culturalmente ao Sudeste onde circulava o jornal *Correio da Manhã* (1945), em que o conto de Alba Valdez fora publicado.

As dimensões continentais do Brasil faziam com que a maioria da população do sudeste da década de 1930 só conhecesse a região pela imprensa, o que alimentava a curiosidade dessa região que centralizava o poder e o desenvolvimento. Albuquerque Júnior (2011, p.54) reconhece a importância da imprensa e da literatura para construção da imagem do Nordeste pelo restante do Brasil: “O próprio desenvolvimento da imprensa e a curiosidade nacionalista de conhecer ‘realmente’ o país fazem com que os jornais se encham de notas de viagem a uma outra área do país, desde a década de vinte até a de quarenta”.

Nesse contexto, é precípua compreendermos que Alba Valdez teve sua formação como leitora e escritora forjada na temática do sertão, sendo assim fulcral reconhecemos que o regionalismo é uma constante na obra de Alba Valdez, que está entranhada de memórias, de escritas de si e de telurismo, que se materializa nas representações do Ceará pela autora. São estes fundamentos da escrita de Alba Valdez, que tematizarão o quarto capítulo de nosso estudo. Por conseguinte, entendemos que Alba Valdez buscava representar suas raízes, do mesmo modo como outros autores de origem nordestina, que foram analisados por Albuquerque Júnior (2011, p. 67), trabalhando “o tema do sertão serve para os intelectuais nacionalistas lançarem sua crítica a toda cultura de importação, à subserviência litorânea, aos padrões culturais externos.”

A partir disso, tomamos consciência que o *leitmotiv* da obra de Alba Valdez foi um ponto substancial para seu nítido gosto pelo estudo da história coletiva e individual,

⁹⁹ Era escritor e jornalista de notável capacidade de expressão colaborou em "O Globo", "Zero Hora" e na "Folha de São Paulo", além de outros periódicos de menor expressão. Sexto ocupante da Cadeira 39, eleito em 3 de julho de 1979. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/otto-lara-resende/biografia>. Acesso em: 15 dez. 2019.

o que também gerou muitas produções como “A bela missão de Ana Facó” no jornal *Unitário*, em 1955. Essa publicação se trata de uma homenagem ao centenário de nascimento da professora, escritora, teatróloga Ana Facó.

O acervo desse periódico está disponível na Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel, porém está incompleto. Entre as edições indisponíveis para pesquisa, faltam as coleções de 1955, inviabilizando a localização dessa produção biográfica de Alba Valdez.

A última publicação de Alba Valdez foi uma mensagem de agradecimento a homenagem prestada a ela pelos membros da Academia Cearense de Letras por conta de seu aniversário na sessão de 12 de dezembro de 1961, data que coincide com o aniversário da escritora. Esta produção de Alba Valdez foi publicada em janeiro de 1962, no jornal *Unitário*, na edição do dia 24, na página 3.

Alba Valdez completara 87 anos de idade, encontrava-se lúcida, e mantivera o estilo que reconhecemos que caracterizara sua escrita ao longo de sua vida: descritiva, linguagem polida, a gentileza e a sutileza com que apresenta as ideias, as referências históricas e as construções que associavam a vida e os conceitos gramaticais, o vocabulário culto e, principalmente, a modéstia que baliza a sua escrita de si.

Isso reforça a posição que a sociedade impusera a formação dessas mulheres, que mesmo tornando-se visíveis pela escrita e publicações na imprensa, tinham que manter-se dentro do padrão permitido. Se elas romperam a fronteira da invisibilidade do espaço privado, haviam de moldar-se a imagem possível, a discrição desejada às mulheres, como advertiu Mendes (2004, p. 24) ao analisar a imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua: “A escrita feminina era refreada e dominada, privada das propriedades que normalmente qualificavam a escrita masculina”.

Essas duas escritoras foram contemporâneas, Alba Valdez publicara na revista *O Lírio*, da qual Amélia Beviláqua era redatora-chefe. Ambas foram protagonistas importantes na conquista do espaço público para a literatura feminina, elas eram citadas nas contendas polêmicas sobre a inserção da mulher nas Academias de Letras, como também lutaram e defenderam a instrução feminina.

Ainda reforçamos as limitações impostas à escrita das mulheres, a partir de fragmento de “Páginas de Literatura” de Amélia Beviláqua, também citado por Falci (2011) e Mendes (2004), em que a escritora realçou que era dever dos que escreviam “guardar o seu modo de vida especial, possuir paciência, reserva, saber suportar, ter

com clareza e pormenores a sessão em que fora homenageada, os participantes e suas funções naquele encontro de intelectuais.

Ao listar os membros que ativamente promoveram ou foram parte do ato de congratulação pelo seu aniversário, destaca a presença da também literata Cândida Galeno, que secretariava a reunião, função já desenvolvida por Alba Valdez: “[...] secretariou-a Cândida Galeno, amplamente perceptível no panorama da literatura feminina entre nós” (VALDEZ, 1962, p.1).

O uso do termo “literatura feminina” nos permite inferir que Alba Valdez considerava a existência de uma voz especificamente feminina, podendo significar que havia a consciência da necessidade de agrupar as produções escritas das mulheres para reafirmar a sua presença na literatura brasileira, adjetivando, relacionando os conceitos de gênero e literatura, embora nem sempre isso se fazia de forma combativa.

Na obra de Alba Valdez, verificamos que a criação literária se fundamenta em um discurso mais reflexivo, que respondia e se identificava com a cultura na qual estava imersa, um modelo de conduta que se considerava ideal para a mulher, que Coelho (1993, p. 14) já definia como: “sendo sensível, frágil, psicologicamente sutil, afetiva, ingênua e etc.”.

Conforme Coelho (1993), esse modelo de comportamento feminino, gerador de uma arte mais delicada e frágil, de um discurso com traços femininos: a fragmentação da palavra; a forte presença de recursos da oralidade; um discurso focado no emissor; uso de linguagem simbólica; explicativo; detalhista; aproximando-se do relato popular.

Percebemos essas características nas produções de Alba Valdez, entretanto, nós também reconhecemos que as diferenciações estilísticas do discurso literário não são suficientes para definir ou distinguir o feminino do masculino. Por isso, nos valem Scott (2017, p. 5) para compreendermos que considerar a literatura feminina não significa elencar traços de distinção estrutural, mas implica em:

Tornar visível a experiência de um grupo diferente, expõe a existência de mecanismos repressores, mas não seu funcionamento interno e sua lógica; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída relacionalmente. Para tanto, precisamos dar conta de processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência.

Desse modo, considerar a literatura feminina dá visibilidade ao grupo de mulheres a que Alba Valdez pertence, mulheres que foram reprimidas durante os séculos XIX e início do XX. Portanto, por terem sido postas à margem, essas autoras demandam esforços para resgatá-las e historicizá-las, para legitimar suas experiências como leitoras e escritoras, o que ocorreu principalmente pela imprensa.

Precisamos admitir que a participação de Alba Valdez na Academia Cearense de Letras legitimou um lugar social a palavra da mulher, um reconhecimento da literatura feminina. A escritora descreve seu pertencimento essa associação intelectual com uma referência a um conceito gramatical de composição: “Reconheço-me elemento humilde dessa nobre companhia de figuras de projeção intelectual, integrando-a como um grão de argila na formação da montanha por simples processo de justaposição” (VALDEZ, 1962, p.1).

A justaposição faz referência ao processo linguístico de composição para formação de uma nova palavra, em que se unem dois radicais sem perdas sonoras, como ocorre na aglutinação. Assim, entendemos que Alba Valdez defende que a entrada da mulher na Academia Cearense de Letras agregou valor tanto à associação quanto às mulheres escritoras, sem danos a nenhuma das partes.

Sabemos, como foi descrito anteriormente, que essa filiação de Alba Valdez à Academia Cearense de Letras não foi pacífica, tampouco fácil, porém é preciso que asseveremos sua relevância para a autora. Como também, se faz necessário que acentuemos o papel da imprensa nesse feito, visto que, foram pelas publicações nos jornais, revistas e almanaques que a obra de Alba Valdez se constituiu escritora, podendo ser lida e reconhecida.

Isso nos conduz a outro ponto que se destaca na última publicação de Alba Valdez, em que ela retratou a relevância da imprensa para circulação das informações naquela época: “(...) não e tem sido possível participar desses festivais de inteligência, cujos ecos me chegam através de noticiários da imprensa.”

A imprensa tinha vários papéis na sociedade dos séculos XIX e XX, informar, instruir, deleite a partir de publicações literárias; para os escritores, a imprensa foi a possibilidade de ser lido, para muitos, como Alba Valdez. Foi o maior meio de circulação de suas produções.

Nesse contexto, ainda é fundamental reconhecermos que a imprensa também influenciou a escrita de Alba Valdez, como fez com outros escritores e escritoras. A transcrição dos textos da autora comprova a prevalência de construção de frases e

parágrafos curtos, que favorecem uma interação rápida com o variado e o diverso público leitor, assim como, era fundamental pela estrutura e espaço disponível dos jornais e outros suportes de imprensa, cada um com suas características próprias.

3.2 Alba Valdez em Revista

[...] pode-se dizer que a definição do objeto revista só é possível se comparado ao jornal e ao livro. A primeira distinção, portanto, refere-se à sua relação com o tempo. O jornal, cotidiano, factual, tem seu raio de informação restrito ao tempo de mais ou menos 24 horas; a revista, por seu turno, meio de sociabilidade por excelência é, a priori, um espaço de confrontação de autores, de homens, de um pensador com seu tempo. O artigo de revista procura apreender a atualidade para fazer dela um objeto de reflexão e também de ação. Do outro lado está o livro, expressão da personalidade de seu autor e que relata, em geral uma trajetória singular. (CAMARGO, 2014, P. 152-153).

Para subsidiar nossa análise da produção de Alba Valdez em revistas nos amparamos na concepção sobre esse suporte a partir do artigo de Camargo (2014) que apresenta um estudo etimológico do termo revista, assim como, confronta as ideias de vários autores e obras de referência para construção de uma definição completa desse objeto.

Mas o que é exatamente uma revista? O termo *revue*, derivado da palavra inglesa *review*, aparece na França em 1804, com a *Revue philosophique*, e faz sua aparição lexicográfica em 1835, na sexta edição do *Dictionnaire français de l'Académie*. Desde então, cada dicionarista adota uma definição diferente do termo. Eugène Hatin vê as revistas como um periódico apolítico ao qual pertence o estudo aprofundado das questões políticas e econômicas, a crítica literária e artística, as viagens o retrato dos costumes e do governo dos diversos povos. A Grande *Encyclopédie* afirma que a revista se distingue do jornal principalmente por sua relação com o tempo longo do estudo, do aprofundamento, de certo recuo face aos acontecimentos, o jornal se situa no tempo curto da novela. [...] a revista é uma intermediária intelectual e também material entre o jornal e o livro (CAMARGO, 2014, p.151-152).

Consideramos que essas concepções mostram a evolução deste tipo de periódico, de forma que se complementam, mostrando que esse periódico vai

agregando novos elementos. A partir desse panorama encontramos um padrão para o estudo das publicações que Alba Valdez fez nessa categoria da imprensa.

Foram muitas as revistas em que a escritora publicou, e semelhante aos jornais estão espalhadas pelo país todo, portanto, optamos pela apresentação em uma ordem diacrônica, procurando trabalhar, conforme orienta Camargo (2014), investigando primeiro seu veículo de difusão, uma vez que, este influencia na significação das produções nele inseridos. Salientamos que grande parte das revistas que investigamos¹⁰⁰ foram editadas por associações de intelectuais cearenses.

Porém, iniciamos nossa exposição reivindicando a autoria de algumas publicações realizadas na revista *A Quinzena* (1888) - órgão de imprensa do Clube Literário Cearense, que foi fundado em 15 de novembro de 1886 – que estão assinadas pelo pseudônimo Mademoiselle***.

Assim, a leitura do acervo da revista e sua análise se fez necessária pesquisas sobre o periódico também, nestas identificamos, a partir de Barreira (1948), quem eram os sócios do Clube Literário: Antônio Bezerra, Antônio Martins, Oliveira Paiva, José Olímpio, Abel Garcia, José de Barcelos, Francisca Clotilde, Augusto Xavier de Castro, Manoel Pereira, Juvenal Galeno, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Rodolfo Teófilo e Álvaro Bomílcar. Todos eram intelectuais e escritores cearenses.

Nesse contexto, ainda destacamos que o Clube Literário foi a primeira associação intelectual que se organizou em torno de uma publicação impressa (RAMOS, 2015), criando a revista *A Quinzena* que circulou entre 1887 e 1888. Acrescentamos que, segundo Barreira (1948, p. 119): “Marcou *A Quinzena*, nas nossas letras, período de contestável animação e florescimento”. Ainda de acordo com Barreira (1948, p.117) essa agremiação tinha como objetivo “ativar o progresso intelectual de seus associados, só podendo, por isso, enfileirar-se nele homens realmente dados as letras”.

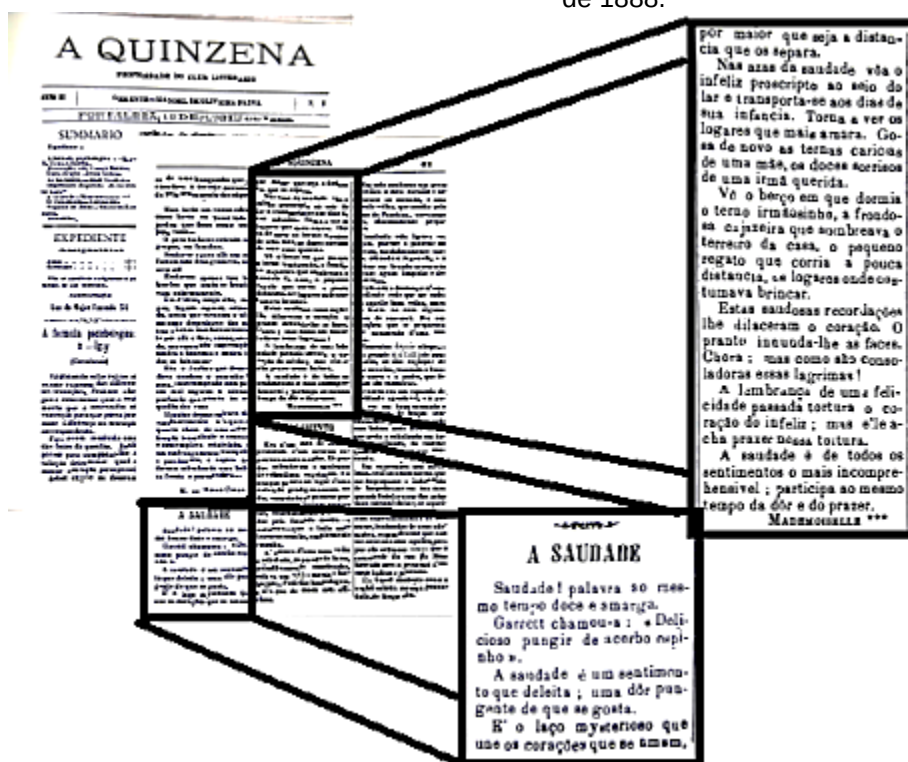
No entanto, percebemos que o próprio Barreira (1948) ao historiar sobre o Clube Literário e sua Revista cita entre os membros uma única mulher, a professora, escritora e jornalista Francisca Clotilde, mas entre as publicações da revista

¹⁰⁰ Nossas pesquisas nas revistas ocorreram simultaneamente aos jornais, considerando as consultas aos equipamentos culturais que disponibilizam acervos físicos e digitalizados de periódicos, como a Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel, o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, o Arquivo Público do Pernambuco e a Biblioteca Nacional.

encontramos também produções de Ana Nogueira, Iza e Jane Davy¹⁰¹, assim como de Mademoiselle***, e isso mostra que haviam no Ceará outras mulheres de letras.

Assim, localizamos três publicações assinadas pelo pseudônimo “Mademoiselle***” em edições de 1888 da revista *A Quinzena*, nas edições de 28 de março, 10 de abril e 10 de junho, respectivamente intituladas “O Natal”, “O roubo de 9 contos” e “A saudade”. Chamou nossa atenção esta última publicação do pseudônimo, intitulada a “A Saudade”, ela tinha o mesmo título da produção do jornal *O Orvalho* que circulou em agosto de 1888, que anteriormente, também atribuímos a autoria a Alba Valdez. Porque, a publicação de “A saudade” (ANEXO B), que está presente no último número da revista *A Quinzena* (1888) agregou mais indícios da autoria de Alba Valdez, que vai além da referência ao concito de saudade do poeta Almeida Garret:

Figura 78 – “A saudade”, publicação na revista *A Quinzena*, de Fortaleza, na edição de 10 de junho de 1888.



Fonte: Academia Cearense de Letras.

Embasamos nossa reivindicação de autoria para Alba Valdez a partir da publicação “A Saudade”, não somente pela coincidência dos títulos, mas pelo uso do mesmo fragmento de Garret, que Alba Valdez utilizou nas produções que já citamos

¹⁰¹ Pseudônimo atribuído a Francisca Clotilde.

na seção anterior: “A saudade” no jornal *O Orvalho* (1888) e *Dias de Luz* (1907). As oposições dor-prazer, amargura-doçura, são também fortes elementos para construção do sentido em todos os escritos da autora em que a temática é saudade. Percebemos um esforço da autora para mostrar que a saudade é um sentimento controverso, pode ser sofrimento, mas também uma doce recordação de infância: “A saudade é um sentimento que deleita: uma dor pungente de que se gosta. É um laço misterioso que une os corações que se amam, por maior que seja a distância que os separa” (MADEMOISELLE***, 1888, p. 5).

Logo, reconhecemos os traços comuns com outras publicações de Alba Valdez - vocabulário, descrições, linguagem culta e polida, antíteses basilares para estrutura da produção, temática explorada, descrições detalhadas – que já comparamos em análises a textos anteriores. Ressaltamos, ainda que essas características que elencamos são comuns também nas publicações de outros periódicos.

Ressaltamos que, não intencionamos fazer disso uma disputa de autoria, mas apenas a constatação de circunstâncias que ligam o pseudônimo Mademoiselle*** a Alba Valdez. Apesar de outras pesquisadoras terem imputado as produções do pseudônimo “Mademoiselle***” a Francisca Clotilde, alegando semelhança de estilo, vocabulário e feito inferências ao uso dos três asteriscos na composição do pseudônimo, como também fazendo referência a nota que é publicada pela revista abaixo de uma das publicações, nós questionamos essa autoria e levantamos a hipótese de que os textos tenham sido produzidos por Alba Valdez, considerando que ela ainda não havia assumido este pseudônimo.

As características destacadas nas produções - palavras no diminutivo, celebração da natureza - são comuns a maioria das produções das autoras do final do século XIX, inclusive são assíduas na escrita de Alba Valdez. Outro contra-argumento que refuta a hipótese do pseudônimo “Mademoiselle***” ser de Francisca Clotilde, é que *mademoiselle* é uma palavra de origem francesa usada, nessa época, para tratamento de mulheres solteiras, “moças de família”¹⁰², sendo assim, Francisca Clotilde, que já era casada, dificilmente usaria esse termo.

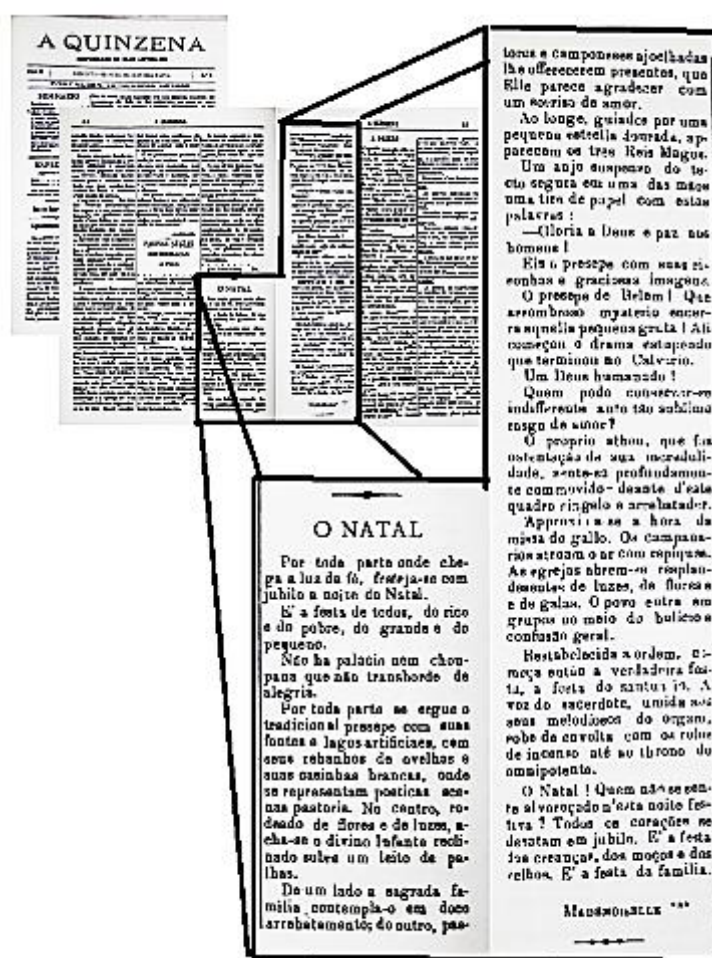
Nenhuma escritora assumiu esse pseudônimo, porém, não acreditamos que possa ser coincidência o uso de uma mesma citação de Garret em três textos com a

¹⁰² Etimologia, significado e uso da palavra *mademoiselle*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/mademoiselle/>. Acesso em: 24 set. 2018.

mesma temática em publicações impressas diferentes e em épocas distintas, porque isso concorre para alterar a biografia e bibliografia da autora.

Nesse contexto, arrogamos a identidade de “Mademoiselle***” a Alba Valdez, e exibiremos nossos argumentos considerando as outras publicações realizadas na revista *A Quinzena* (1888), de forma a sustentar nossa hipótese. De tal modo, vamos conhecer o primeiro, intitulado “O Natal” (ANEXO B):

Figura 79 – “O natal”, publicação na revista *A Quinzena*, de Fortaleza, na edição de 28 de março de 1988.



Fonte: Academia Cearense de Letras.

Esta publicação trata de uma festa de natal, embora fora da época, a autora rememora a festa familiar, explora os dogmas e rituais da religião católica e celebra a natureza, como se constatará uma das características de Alba Valdez, que descreverá também as festas de casamento, e dos santos padroeiros. A prevalência do noturno, as descrições detalhadas, as frases exclamativas e interrogativas, e as antíteses são

roubo de 9 contos”, em que a palavra “contos” chamou a atenção do leitor que pensa tratar-se de um roubo de dinheiro, porém, a leitura revela-nos que o termo tem o significado de produções literárias que estão sendo “surrupiadadas”.

Temos uma produção carregada de ironia que denuncia uma possível apropriação indevida da autoria das composições dessa jovem escritora, que se autodenomina “gentil menina”:

Acaba de ser perpetrada uma surrupiação de vários contos de subido valor, a uma gentil menina. Temos para nós que se trata de um furto: como, porém, os senhores leitores são naturalmente exagerados, pusemos na epígrafe a palavra *roubo*. Outrossim, não garantimos que sejam somente nove contos; é provável que venham a ser inúmeros; dos quais, entretanto, o gerente que é uma espécie de inspetor deste quartirão literário está de posse de quatro. Um deles vem em seguida a esta notícia de efeito (MADEMOISELLE***, 1888, p.3).

O gerente era o escritor Manoel de Oliveira Paiva, autor dos romances *A afilhada* e *Dona Guidinha do Poço*, um dos sócios fundadores do Clube Literário, por conseguinte, o “quartirão literário” era a revista *A Quinzena*. Acrescentemos mais um detalhe, Justiniano de Serpa, que fora um importante incentivador de Alba Valdez, também era sócio fundador da agremiação literária em questão. Desse modo, acentuamos, a presença de Justiniano de Serpa em todos os órgãos de imprensa em que Alba Valdez publicou suas primeiras produções.

Quanto ao conto identificamos inúmeras convergências com outras obras que foram assinadas pela autora como Alba Valdez: a descrição, o ambiente noturno, a celebração da natureza, o uso de determinadas palavras comuns em muitos de seus textos. Logo, é através de comparações entre as publicações assinadas por Alba Valdez e as do pseudônimo Mademoiselle*** que desenvolveremos nossa argumentação para provar ser este um outro alônimo de Maria Rodrigues Peixe.

É o caso do superlativo do adjetivo “suave”, em “Roubo de 9 contos: Em uma noite de luar” em que Mademoiselle*** (1888, p. 3) escreveu: “Que suavíssimas sensações despertavam em minha alma aquele espetáculo arrebatador”. Já na obra *Em sonho...fantasias* (1901, p. 19): “E uma suavíssima quietude nas folhas adormecidas, até nas ondas marulhosas que se ateiam devagar, devagar, sob o luar magoado do novilúnio...”.

Nessas duas produções citadas no parágrafo anterior, observamos muitas semelhanças, em ambas há descrições da “noite”, uma noite de luar e uma noite

cearense, nas duas publicações as noites relatadas remetiam a recordações/memórias do narrador, também destacamos a presença do sentimento de saudade que é recorrente na escrita de Alba Valdez:

Hoje, que a mão implacável da morte já tem me roubado alguns daqueles seres estremecidos, conservo ainda daquela noite uma recordação inextinguível, e de cada vez que ouço soprar o vento frio da meia noite, sinto invadir-me o coração uma pungente saudade do passado e um vago receio do futuro (MADEMOISELLE***, 1888, p.3).

É a hora misteriosa da saudade. [...]

.....

Quem será que canta?

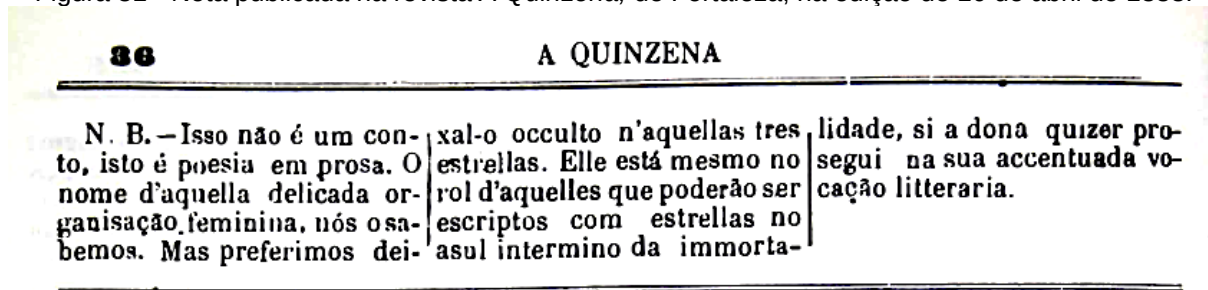
Ah! Um triste bando coberto de pó da estrada chegou uma manhã dessas, abrigou-se sob a fronde murmurante do cajueiro, que demora uns vinte passos. É o chefe da mísera caravana que distrai pungitivas lembranças, dedilhando a viola.

Para longe me levas – para passado remoto – doce saudade! (VALDEZ, 1901, 18- 19).

A família cognata de pungir, que significa ferir, são utilizadas duas formas nas produções - “pungente” e “pungitivas” - com referência a saudade e a lembranças. Isso retoma mais uma vez a citação de Garret que define saudade como “delicioso pungir de acerbo espinho”, que também estava presente na publicação “A saudade” de Mademoiselle***, na revista *A Quinzena*, como também, na produção homônima do jornal das alunas da Escola Normal, *O Orvalho*, de 19 de agosto de 1888, que na sessão anterior já imputamos a Alba Valdez, e em seu livro *Dias de luz* (1907) também é utilizada a mesma alusão.

Ademais, posterior ao “Roubo de 9 contos” a revista *A Quinzena* publica uma nota sobre a produção e sua autora, confirmando alguns pontos sobre a identidade de Mademoiselle***:

Figura 81 - Nota publicada na revista *A Quinzena*, de Fortaleza, na edição de 10 de abril de 1888.



N.B. – Isso não é um conto, isto é poesia em prosa. O nome daquela delicada organização feminina, nós o sabemos. Mas preferimos deixá-lo oculto naquelas três estrelas. Ele está mesmo no rol daqueles que poderão ser escritos com estrelas no azul intermínio da imortalidade, si a dona quiser prosseguir na sua acentuada vocação literária (A QUINZENA, 1888, p. 4)

A nota acima reforça a identidade feminina do pseudônimo que assina a publicação, contudo, há um esclarecimento que reforça a outorga dessa autoria a Alba Valdez. Após o elogio à autora, o jornal publica uma nota que classifica a produção como uma prosa poética - modelo derivado da obra de José de Alencar -, esclarecemos que a expressão “organização feminina” não se refere a nenhuma instituição, porque a palavra também podia ser usada em 1888 como sinônimo de organismo, corpo, pessoa¹⁰³. Esse entendimento permite-nos supor que os três asteriscos/estrelas faziam referência ao nome da escritora e não a uma instituição. Dessa forma, para nós os três asteriscos representam Maria Rodrigues Peixe, que ainda não assumira o pseudônimo Alba Valdez.

Precisamos esclarecer também que algumas das publicações de Alba Valdez nas revistas não são possíveis de ser consultadas, devido a inexistência de determinados periódicos, dessas tomamos conhecimento apenas pelas notas de jornais que recebiam estes periódicos em suas redações e divulgavam, circunstância comum na imprensa do século XIX e XX. Nesse contexto, encontramos uma nota no jornal *A Cidade*, edição de 16 de março de 1901, sobre a revista *Praça do Ferreira* que continha uma produção de Alba Valdez:

Praça do Ferreira

Recebemos o nº 5 desta interessante revista literária que se publica em Fortaleza. Traz o seguinte sumário: “Tomaz Ribeiro” – Francisco Gonçalves, “No Álbum” – Feliciano Viana Pinheiro, “Quadros” – Telles de Souza, **“Epístola” – Alba Valdez**, “Considerações sobre o Regime Republicano no Brasil” – Achilles Beviláqua, “Estudos de Gramática” – Silvio, “Reconciliação” – Frivolino Catavento, “Visões do mar” – Redação, [...] (A CIDADE, 1901, p.4, *grifo nosso*)

¹⁰³ Comprovamos o uso desse significado de organização como organismo, corpo, pessoa, em diversos dicionários físicos e online, como também observamos o uso com esse sentido em uma publicação da Revista do Instituto do Ceará, de periodicidade trimestral no ano de 1888, na terceira edição do ano, em um artigo intitulado “Padre Ibiapina” escreveu-se: “A sua organização era fraca, por isso os colegas o chamavam-no Pereirinha, em contraposição de outros mais corpulentos e robustos” (REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, 1888, p.164). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144843&PagFis=593&Pesq=organiza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 22 set.2018.

Em 1901, ainda registramos a publicação de “Folha de um livro” na revista *A Tribuna*, periódico potiguar de circulação quinzenal. Essa composição de Alba Valdez foi selecionada pela autora para a coletânea que publicou em formato de livro intitulado *Em sonho...fantasias*, nesse mesmo ano. Não nos deteremos em sua apreciação, uma vez que a produção não atende ao critério que estabelecemos para nossa pesquisa de buscar publicações da autora na imprensa, inéditas em formato de livro.

Outrossim, seguiremos com a apresentação das publicações de Alba Valdez priorizando o suporte revista, e pela ordem cronológica é chegada a vez de nos debruçarmos sobre a revista *O Lyrio*, publicada em Recife, que tinha Amélia de Freitas Beviláqua como redatora-chefe e da qual Alba Valdez era correspondente do Ceará, junto a outras mulheres que também colaboravam com esse periódico que adquire grande notoriedade no início do século XX.

Nossa pesquisa sobre a revista *O Lyrio*, ocorreu no Arquivo Público de Pernambuco, sendo este o equipamento cultural em que localizamos o maior acervo desse periódico de grande relevância para a escrita de autoria feminina no Brasil, sobretudo no Nordeste.

A revista *O Lyrio* foi fundada em 1902 pelos senhores Alcebíades Lima e Cintra Luiz, que consideravam a revista como uma mensageira do talento da mulher pernambucana que também amava o belo e sabia elevar-se a partir dele. Em um artigo que abriu o primeiro número da revista com o título “Duas Palavras” eles esclareceram seu objetivo com tal periódico:

O nosso intuito, o que felizmente conseguimos, fora derruir os terríveis castelos onde se abrigavam a modéstia de nossas patrícias, e apresentar ao público mimosos rebentos de cérebros femininos, que têm a melodia divina de uma harpa eólia (LIMA; CINTRA, 1902, p.1).

Esse fragmento ilustra a consciência de que a imprensa possibilitava a mulher romper a redoma do privado e adentrar no espaço público a partir da escrita e da publicação de seus pensamentos e emoções. De propriedade de homens que enxergaram o promissor mercado do público de leitoras, a revista *O Lyrio* era feita por mulheres e assim apresentou-se a sociedade:

Não é político, não tem pretensões literárias, nem é vaidoso. É um seduzido pela arte, que, em homenagem aos vossos encantos adoráveis, vem brindar-vos com sua modesta presença.

Cavalheiros ilustres, não olheis de sobranceiras carregadas para esta florzinha que desponta. Acolhei-a nas vossas secretarias, com devoção benevolente, que se tributa a um filho. Protegeí-a, animai-a! Não a desencorajeis, porque ela é o símbolo da fé, a verdade concentrada na alma da mulher brasileira, que é vossa mãe, vossa irmã e vossa esposa (LÍRIO, 1902, p.2).

Apesar desse discurso ameno, a equipe de redação formada apenas por mulheres - Amélia Beviláqua¹⁰⁴ (Redatora-chefe), Cândia Duarte de Barros¹⁰⁵ (Redatora-secretária) e as redadoras Maria Augusta Freire¹⁰⁶, Edwirges Sá Pereira¹⁰⁷, Belmira Villarim¹⁰⁸, Adalgisa Duarte Ribeiro¹⁰⁹, Luiza Ramalho¹¹⁰ e Úrsula Garcia¹¹¹ – também deixa claro seu viés ideológico no artigo “Laboremos”:

Rompendo com todos os preconceitos, arcando com todas as dificuldades, com que os míopes da inteligência, em todos os tempos têm impedido o progresso feminino, surge hoje, nesta capital, um periódico escrito pela Mulher, o elemento mais estável da sociedade. Com a mágoa que dilacera o meu peito, vejo que ainda se acham arraigados entre nós os preconceitos que nos tempos da barbaria escravizavam a Mulher. Há ainda quem pense, no alvorecer do século XX, que a mulher deve ser a eterna escrava do Homem, e que não deve ter a pretensão de libertar-se das peias que, há tanto tempo, a martirizam.

¹⁰⁴ Amélia Beviláqua (1860-1946) era escritora e jornalista, nascida no Piauí, nome de relevância na literatura brasileira de autoria feminina (MENDES, 2009).

¹⁰⁵ Cândia Duarte de Barros era pernambucana, filha do Comendador J. Abílio de Barros, e fora a redatora secretária da revista *O Lírio*, colaborou também com várias produções em prosa e verso nessa revista, residiu em Recife até seu casamento com Mr. James Chalmers, quando mudou-se e foi substituída na secretaria da redação de *O Lírio* por Úrsula Garcia em julho de 1903 (O LÍRIO, 1902;1904).

¹⁰⁶ Maria Augusta Meira de Vasconcellos Freire era da redação de *O Lírio*, ela que obtivera o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Recife (com dezessete anos era a terceira mulher a obter este título no país), e, estando de posse do seu diploma, pensa em exercer a profissão para a qual se preparara, mas não consegue, pelo fato de ser mulher. Foi também a primeira mulher a se candidatar a deputada, em 1890 (MÍCCOLIS, 2010). Disponível em: http://literaciareteses.blogspot.com/2010_07_04_archive.html. Acesso em: 1 mar. 2019.

¹⁰⁷ Edwirgens de Sá Pereira nasceu em Barreiros, dia 25 de outubro de 1884 e faleceu em Recife, dia 14 de agosto de 1958, foi uma educadora, jornalista, poetisa e ativista feminista brasileira. Foi também presidente de honra da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, publicou vários livros e foi colaboradora assídua da revista *O Lírio* (CORREIO DA MANHÃ, 1935).

¹⁰⁸ Belmira Villarim era poetisa pernambucana, presidente do Grêmio Literário Feminil de Pernambuco, redatora e colaboradora da revista *O Lírio* (O LÍRIO, 1902;1904).

¹⁰⁹ Adalgisa Duarte Ribeiro secretária do Grêmio Literário Feminil de Pernambuco, redatora e colaboradora da revista *O Lírio* (O LÍRIO, 1902;1904).

¹¹⁰ Luiza Cintra Ramalho era pernambucana e fora redatora e colaboradora da revista *O Lírio* (O LÍRIO, 1902;1904).

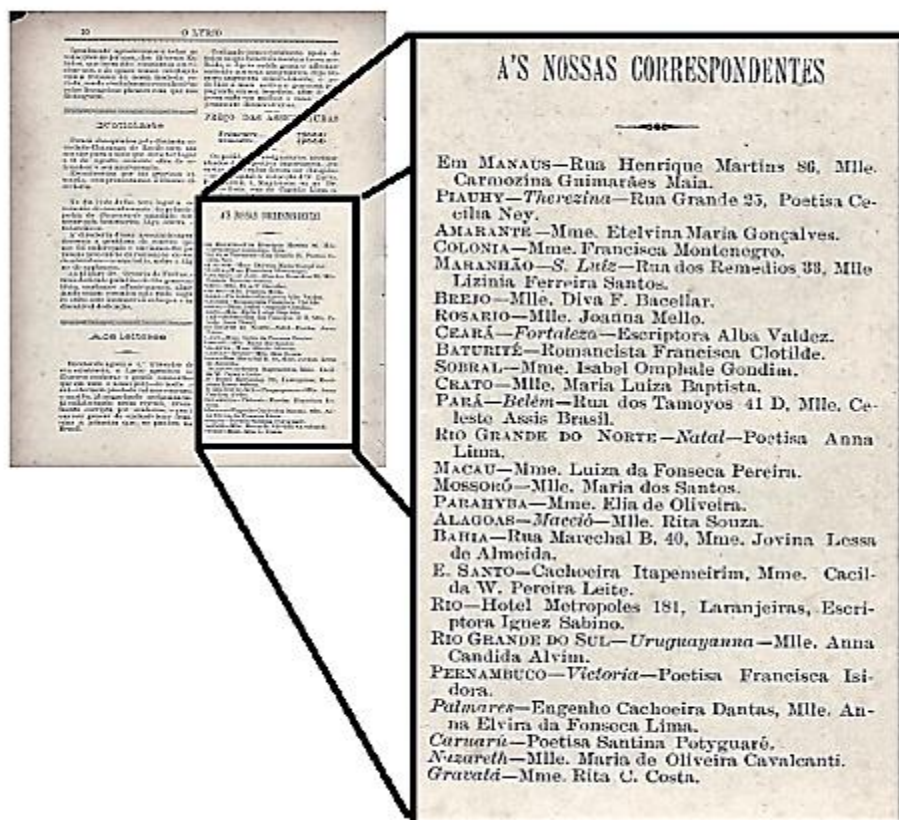
¹¹¹ Úrsula da Costa Barros Amorim Garcia nasceu em Aracati-Ce, em 1864 e faleceu em 1905 em Recife. Morou em Natal e Recife. Era filha do juiz Francisco A. Costa Barros e casou-se com seu primo Dr. José Alexandre Amorim Garcia e ficou viúva em 1890. Era uma mulher de notável cultura e fora sócia ativa da Liga Feminista Cearense. Colaborou com produções em verso e prosa com vários órgãos da imprensa nordestina, principalmente, com a revista *O Lírio*, em que também fora redatora secretária. Era amiga próxima de Amélia de Freitas Beviláqua. Também publicou um livro de poemas, *Livro de Bella* (1901) e um romance, *O romance de Áurea* (1904).

Citar nomes de mulheres que se têm salientado, não digo agora, mas há muito tempo, no nosso país, é ocioso, porque não há brasileiro, que de contínuo, não esteja vendo em jornais, revistas, almanaques, livros, nomes de diversas patricias nossas, firmando trabalhos [...] (*O LYRIO*, 1902, p. 2).

O foco da revista na mulher estabelece uma grande e forte rede de sociabilidade, além de muitas temáticas significativas para época, início do século XX, como a instrução da mulher, a revista se configura como um suporte de divulgação das mulheres de letras.

Nessa conjuntura que a revista *O Lyrio* (1902) se apresenta, percebemos a relevância que esse órgão de imprensa assumira para a literatura de autoria feminina no âmbito nacional. Quando estendemos o espaço de atuação da revista para o país o fazemos porque essa miscelânea de produções femininas, nos mais variados gêneros literários, não publicou apenas autoras pernambucanas, tampouco as leitoras se restringiram as mulheres do Pernambuco, há produções de mulheres de variados estados do Brasil, de norte a sul, sobretudo das nordestinas. Isso podemos averiguar a partir da lista de correspondentes de *O Lyrio*:

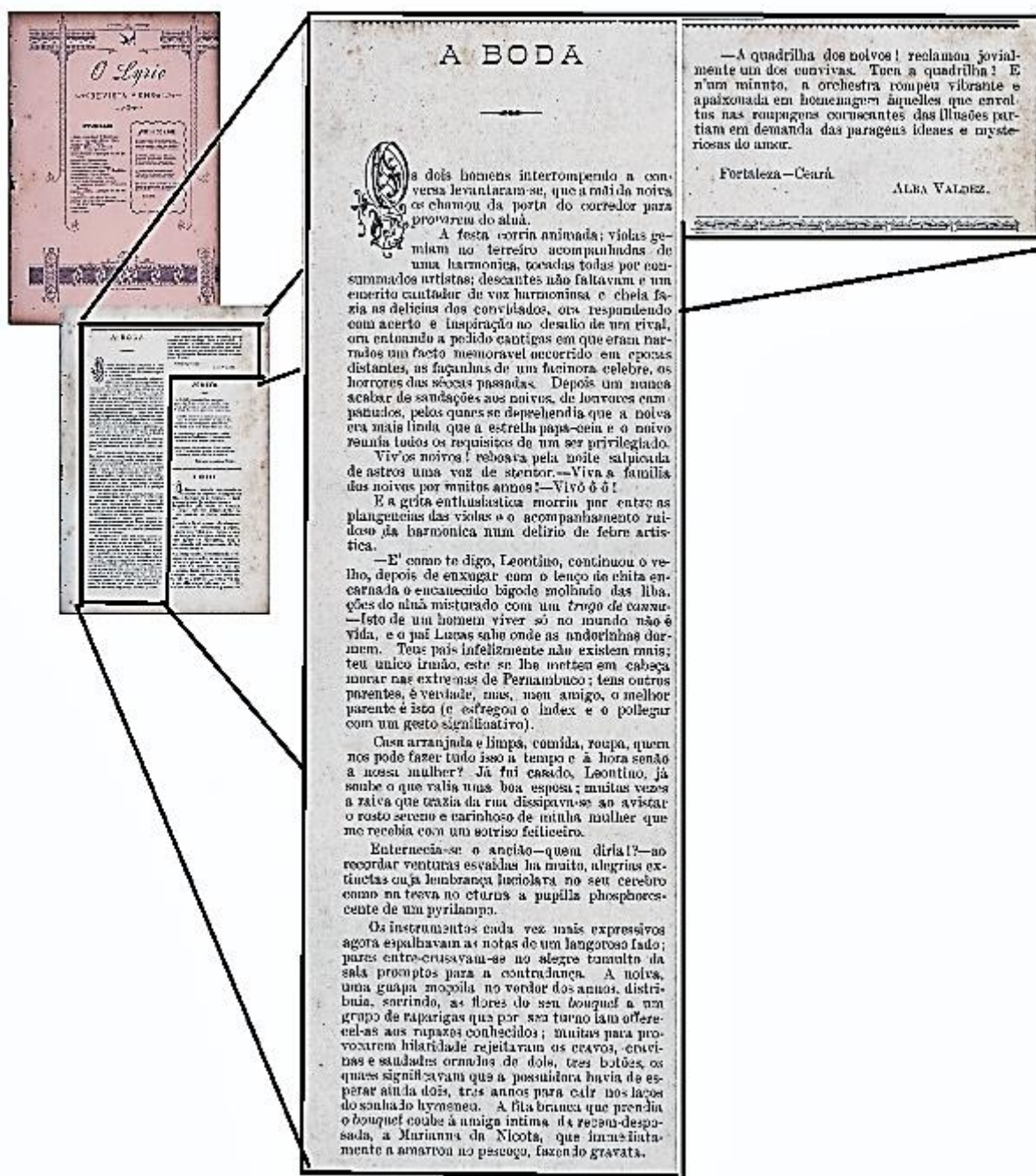
Figura 82: Lista de correspondentes da revista *O Lyrio*, de Recife, na edição de 5 de junho de 1903.



Fonte: Arquivo público de Pernambuco.

Entre as correspondentes confirmamos a participação de Alba Valdez, já reconhecida como escritora cearense. Ao cotejarmos os arquivos dessa revista vamos nos deparando com algumas publicações dessa escritora a partir de 1903. A primeira delas, na edição de 1 de março de 1903, é “A boda” (ANEXO B), que descreve na terceira página da revista uma festa de casamento no sertão do Ceará:

Figura 83- “A boda”, publicação na revista *O Lyrio*, de Recife, na edição de 1 de março de 1903.



A produção “A boda” não foge ao estilo de Alba Valdez, descrevendo minúcias de um casamento no sertão cearense, a comida e bebida, a conversa entre os convidados, a música típica dos violeiros e cantadores, as danças, os rituais de jogar o buquê e a doação da fita que prendia as flores para a melhor amiga da noiva, que como toda moça queria se casar.

Contudo, é a conversa entre um ancião e outro convidado, Leontino, jovem cujos pais morreram, é o ápice dessa composição que podemos filiar ao gênero crônica, pois configura-se como uma “narrativa circunstancial” (SÁ, 2005) e provoca uma reflexão sobre a função da mulher no casamento:

- É como te digo, Leontino, continuou o velho, depois de enxugar com o lenço de chita encarnada o encanecido bigode molhado das libações do aluá misturado com um trago de cana. – Isso de um homem viver só no mundo não é vida, e o pai Lucas sabe onde as andorinhas dormem. Teus pais infelizmente não existem mais; teu único irmão, este se lhe meteu em cabeça morar nas extremas de Pernambuco; tens outros parentes, é verdade, mas, meu amigo, o melhor parente é isto (e esfregou o index e o polegar com um gesto significativo). Casa arranjada e limpa, comida, roupa, quem nos pode fazer tudo isso a tempo e a hora senão a nossa mulher? Já fui casado, Leontino, já soube o que valia uma boa esposa; muitas vezes a raiva que trazia da rua dissipava-se ao avistar o rosto sereno e carinhoso de minha mulher que me recebia com um sorriso feiticeiro (VALDEZ, 1903, p.3).

Apesar do título da publicação já anunciar a temática da composição de Alba Valdez, a festa de casamento é apenas o cenário da narrativa, porque a sagacidade da autora propôs com isso uma provocação a partir da conversa dos dois convidados: o ancião e Leontino. O ancião se legitima como pessoa sábia, vivida e experiente, falando de si na terceira pessoa “pai Lucas sabe onde as andorinhas dormem”. Alba Valdez utilizou essa expressão, porque o velho queria dizer ao jovem sem família, que a solução de seus problemas era o casamento. O velho ainda reforça sua tese afirmando que nenhum parente resolverá seus problemas, e, também ressaltou que o melhor parente é o dinheiro, ideia que a autora constrói a partir do ato de esfregar os dedos indicador e polegar.

O uso dessa linguagem cotidiana pela autora contribuiu para classificarmos o texto como uma crônica, visto que, conforme Arriguicci Jr. (1987, p. 55), a crônica “escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre amigos, para tratar pequenas coisas que formam a vida diária onde às vezes encontra a mais alta poesia”. Dessa forma, Alba Valdez desencadeia em meio uma festa de

casamento uma reflexão sobre o papel da mulher nessa instituição, contrapondo várias mulheres, a noiva feliz, as outras moças que querem casar, e o relato do ancião que expõe a mulher como uma serva do homem, devendo lavar, passar, limpar, cozinhar e cuidar do marido, recebendo-o sempre com um sorriso, ser calma, gentil e dócil.

Em outra publicação de Alba Valdez na revista *O Lyrio* (1903), identificamos a recorrência das descrições, através do relato de memórias de tempos de fartura que as estiagens constantes destruíram. A autora narra as lembranças de um Ceará de outrora, de povo feliz e festeiro, que via a alegria ir embora junto com as chuvas, dando lugar a tristeza da seca e do sofrimento. A autora reitera que, somente com retorno do inverno, a felicidade do povo sertanejo renascia, do mesmo modo que ocorria com a vegetação, que se enfolha e ressurgue com as primeiras chuvas.

Alba Valdez nos guia através de seu texto por um reconhecimento do clima, da flora e fauna, da hidrografia e da cultura cearense, citando os problemas do êxodo rural que transformavam pequenas vilas em lugarejos fantasmas, fazendo com que o seu leitor ou leitora tomasse consciência da realidade do interior do Ceará. Isso posto, constatamos que a memória e o telurismo são traços recorrentes na escrita da autora, como vemos nesta publicação na revista *O Lyrio*, intitulada “Descrição cearense” (ANEXO B), na edição de 5 de maio de 1903:

Figura 84 – Descrição cearense”, publicação na revista *O Lyrio*, de Recife, na edição de 5 de maio de 1903.

O LYRIO
9

Descrição cearense

Perdida no mais bello sertão do norte a povoação de S. Antonio—outrora villa florescente muito fulada pelos festejos que se faziam ao seu milagroso padroeiro e cuja fama retumbava vinte leguas em redor—é actualmente, pode-se dizer, um mesquinho logarejo em via de aniquilamento. A irregularidade dos invernos, o exodo da população nos annos calamitosos alterou profundamente a riqueza e o adiantamento daquelle centro agricola e sobretudo creador, o modo de viver dos seus naturaes que amavam a alegria e os divertimentos.

Não era rara a noite de lua em que um instrumento de musica soava em algum terreiro que logo se enchia de gente sem que para isso fosse mysterio os danos da casa, porém os pés fóra do batente. Chegava o tocador sobraçando a harmonica ou conduzindo a viola a tiracollo e dali a pouco—olha função animada! rapazes e moças sapateavam ao compasso frenetico do baile ou executavam as marcas de uma quadrilha, applaudidos, ricos de paz e de ventura sem lhes importar o dia d'amanhã.

Na dispensa de quasi todos alvejava dentro de grandes caixões a farinha de mandioca, atulhavam-se barriles repletos da colheita dos roçados e em prateleiras suspensas via-se arrumada uma quantidade de queijos de coalha e de manteiga.

Bons tempos aquellos em que todos os annos as chuvas principiavam a cair em janeiro e só escasseavam em junho trazendo abundancia e fartura ao activo sertanejo.

Hoje o povoado vive de saudades, de lembranças gratissimas d'outrora como um velho que sonha com os prazeres mortos da longinqua mocidade; mas é ainda de deleitosa vista assentado numa eminencia suavissima donde o olhar extasiado abraça um horizonte sem limites.

Além estende-se o juremal de folhagem minúscula e transparente através da qual divisa-se de vez em quando o vulto escuro de um vaqueiro que anda na faina de juntar o gado; e longe, muito longe, as attitudes azues das montanhas que coam nos devaneios in-

fantis legiões de chiméras qual a mais extravagante e louca.

Ardentes desejos que têm de galgar essas moles gigantes, dominar o mais alto ponto desfraldando a bandeira rutila do sonho, ver de mais perto o céu e as nuvens brancas que parecem enormes pastas de algodão fluctuando no ar sereno; descobrir (sublime ignorancia!) o caminho do sol quando á tarde elle se occulta por traz das cortinas de granito.

O rio serpeia tão proximo que no inverno se escuta distinctamente o rugido surdo e incessante das aguas correntes; por esse tempo as oiticeiras mostram unicamente as comas luxuriantes—ilhotas verdes, esparsas na extensão undosa. Delicadas flores agrestes de variados matizes embellezam as suas margens, mórmente uma de petalas azues que meninas e moças ao andarem em passeio por aquelles sitios que insinuam o amor da solidão enfeitam com ella os cabellos e os vestidos.

E em grupos (no campo, no seio livre e perfumado da natureza parece todos constituirem uma só familia, tão solido é o elo de cordialidade que prende aquellas almas bondosas e simples) correm gracios e descuidosas na areia humida á cata de um ninho de rolinhas, de uma borboleta, de uma flor, sorrindo argentinamente, lembrando as hamadryades dos bosques da mythologia hellenica.

Depois, a estação calmosa—o estio ou verão principia propriamente em julho—é a epoca dos ventos indomaveis e temidos, das correntes de ar movendo-se em furia louca, dançando em rede coíno, ventos desastrosos que os sertanejos chamam—aracaty. É horrivel de ver! Destelham casas e desarraigam arbustos que são levados como frageis ramos decepados do tronco.

O rio secca, ficando no leito descoberto a diversas alturas poços de que se utiliza a população; a oiticeira frondosa offerece fresca pousada aos viajantes e comboeiros que atravessam essas paragens.

E as vezes, em noites brancas, evocadoras de scismas, em que a lua solitaria divaga no espaço, similhando noiva saudosa daquelle que se foi, envolve-se envolta com o brando carpir das ra-

maria e o som de uma modinha em voga ou de uma trova popular.

Distanciados do progresso do requinte da civilização, essas toadas singelas imperando no ermo e na majestade nocturna têm um encanto irresistivel que leva o espirito ao esquecimento da realidade de que não fora capaz nenhuma outra.

Caminheiro da vida, que sentir te asseberba o intimo do peito? E's, porventura, esposo ou amante? feliz ou sem ventura? Quem sabe?!

Longe lhe fica a companheira ou a promettida, a nesga do céu claro que cobre o telhado da sua morada, a amizade, o affecto dos parentes, dos conhecidos; a terra que lhe bebeu a primeira lagrima e recebeu o seu primeiro sorriso... então cantam para desabafar o coração harmonias languidas, suggestivas e sentimentaes que vão através dos descampados acordando os recantos tranquilllos.

No outro dia, quando a luz do sol reaparece na immensidade, dos forasteiros que alli descansaram resta sómente a cinza da fogueira que atiraram—fugaz vestigio de sua passagem que, num momento, lufadas de vento dispersam e consomem.

Fortaleza.

ALBA VALDEZ.

Percebemos nessa produção o contato com a natureza, as meditações, saudades, as descrições dos crepúsculos e das noites estreladas no Ceará e o luar, elementos que dão um tom melancólico à escrita de Alba Valdez: “E as vezes, em noites brancas, evocadoras de cismas, em que a lua solitária divaga no espaço, semelhando noiva saudosa daquele que se foi, [...]” (VALDEZ, 1903, p. 9).

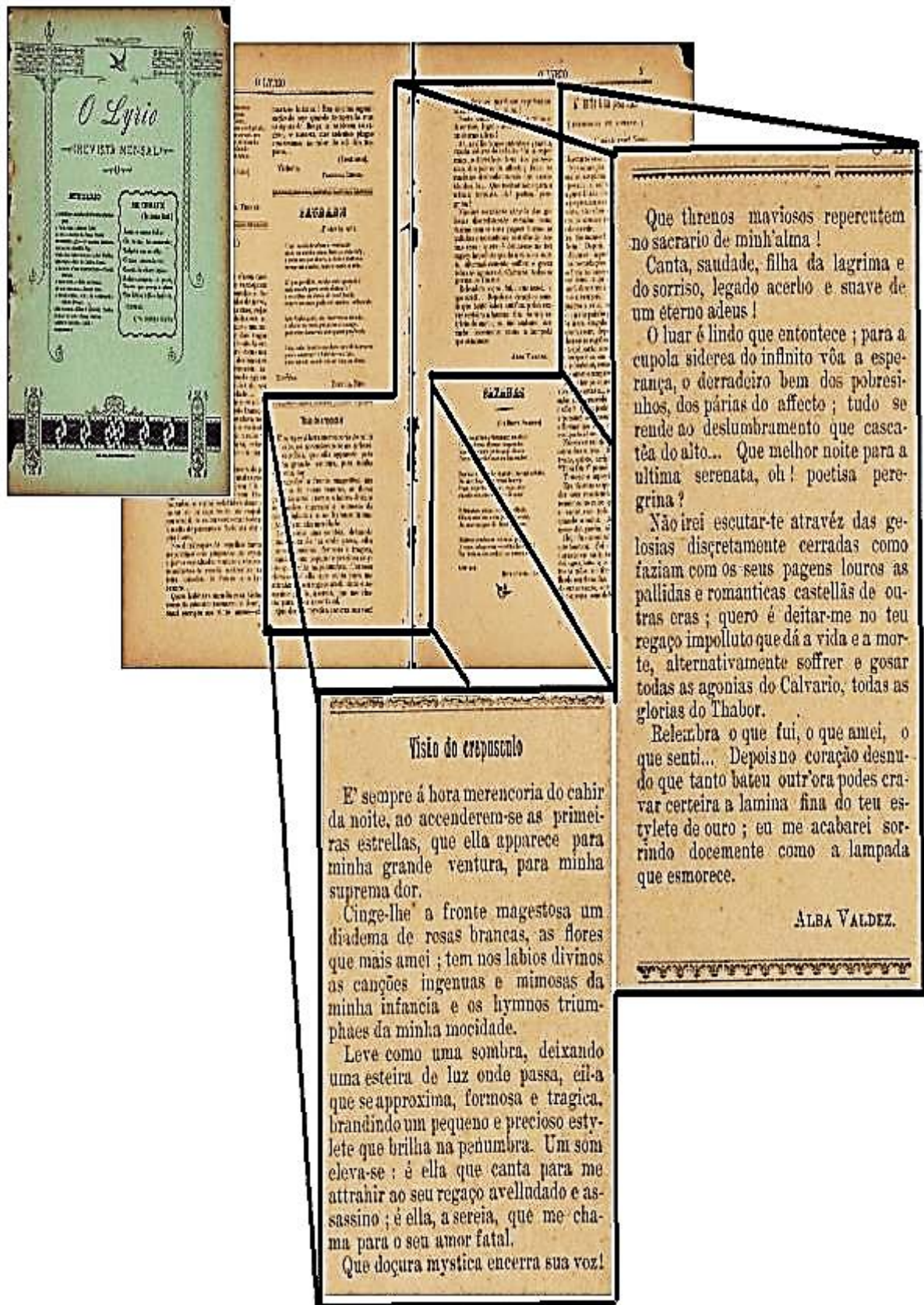
Isso também ocorre na publicação “Visão do crepúsculo” (ANEXO B), na edição de 5 de julho de 1903, também na revista *O Lyrio*. Essa produção de Alba Valdez estava ladeada pela “Carta” na qual a cearense Adília de Luna Freire indica a leitura de um livro¹¹²; pelos poemas “Saudades” e “Satanás”, respectivamente de autoria da piauiense Cecília Ney e da cearense Rita Cintra Costa; como também pelos contos “Predestinação” de Francisca Izidora, e “A morte d’um passarinho: impressões de um momento” da também escritora cearense, Úrsula Garcia.

As produções dessas mulheres dialogam entre si pelas temáticas, gêneros e estilos ainda filiados ao Romantismo do século XIX, próprios da época, início do século XX, adequadas também ao periódico, que tinha nome de flor e priorizava a recepção feminina, atendendo, assim as expectativas da sociedade para a escrita de mulheres.

A colaboração de Alba Valdez para essa edição de julho de 1903, na quarta e quinta página de *O Lyrio*, tratava-se de uma descrição do crepúsculo, referência de tempo recorrente na obra da escritora, como muitas de suas produções, podemos classificar esta descrição como uma prosa poética. Na leitura de “Visão do crepúsculo” (ANEXO B) encontramos uma exaltação à lua:

¹¹² Livro de poemas de Álvaro Martins, intitulado *Casa mal-assombrada* (1903).

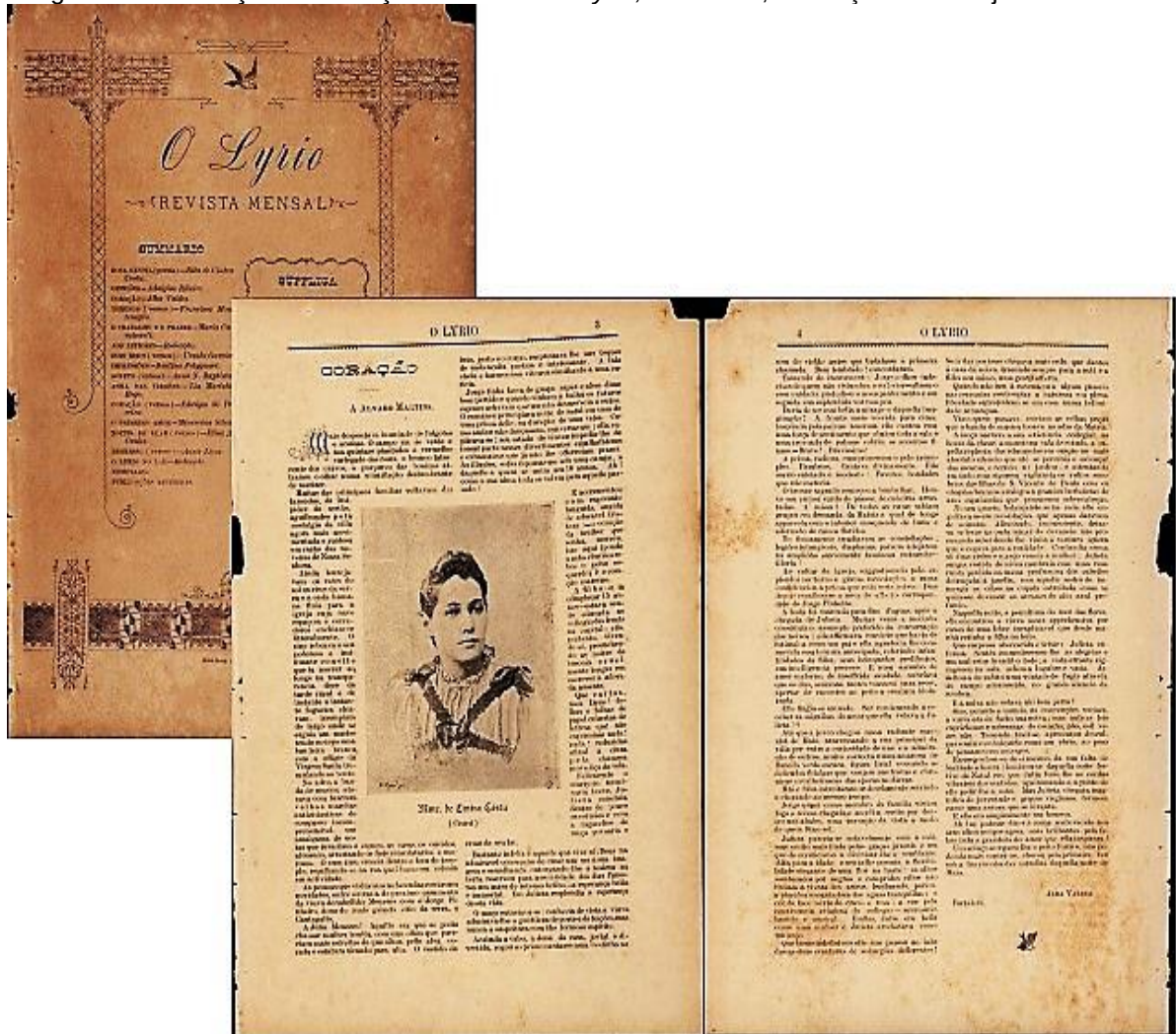
Figura 85 – “Visão do crepúsculo”, publicação na revista *O Lyrio*, de Recife, na edição de 5 de julho de 1903.



Para Alba Valdez (1903), o crepúsculo era favorável a meditação, este era um momento de melancolia, de dor, de recordações e de saudade, “o cair da noite”, quando surgem as estrelas e a lua, que autora personificou na sua escrita de “Visão do crepúsculo”.

Após “Visão do crepúsculo” (1903), Alba Valdez volta a publicar na revista *O Lyrio* apenas em 1904, na edição de 3 de janeiro, encontramos o conto “Coração” (ANEXO B), na terceira e quarta página deste periódico.

Figura 86 – “Coração” Publicação na revista *O Lyrio*, de Recife, na edição de 3 de janeiro de 1904.



Fonte: Arquivo público de Pernambuco.

Essa publicação de Alba Valdez traz ao centro a foto de Mme. de Cintra Costa, poetisa cearense, colaboradora da revista, que publica nessa edição, na segunda página o poema “Rosa Gentil”. Além de sua imagem, na primeira página há também a imagem da pernambucana Mlle. Almeida Cunha. *O Lyrio* foi um importante

espaço público para a palavra das mulheres, dando visibilidade a escrita de autoria feminina pelo tempo e alcance dessa revista.

Alba Valdez dedicou essa publicação do conto “Coração” a Álvaro Martins, um poeta cearense, que como ela tivera grande notoriedade no final do século XIX e início do XX e depois caíra no ostracismo¹¹³.

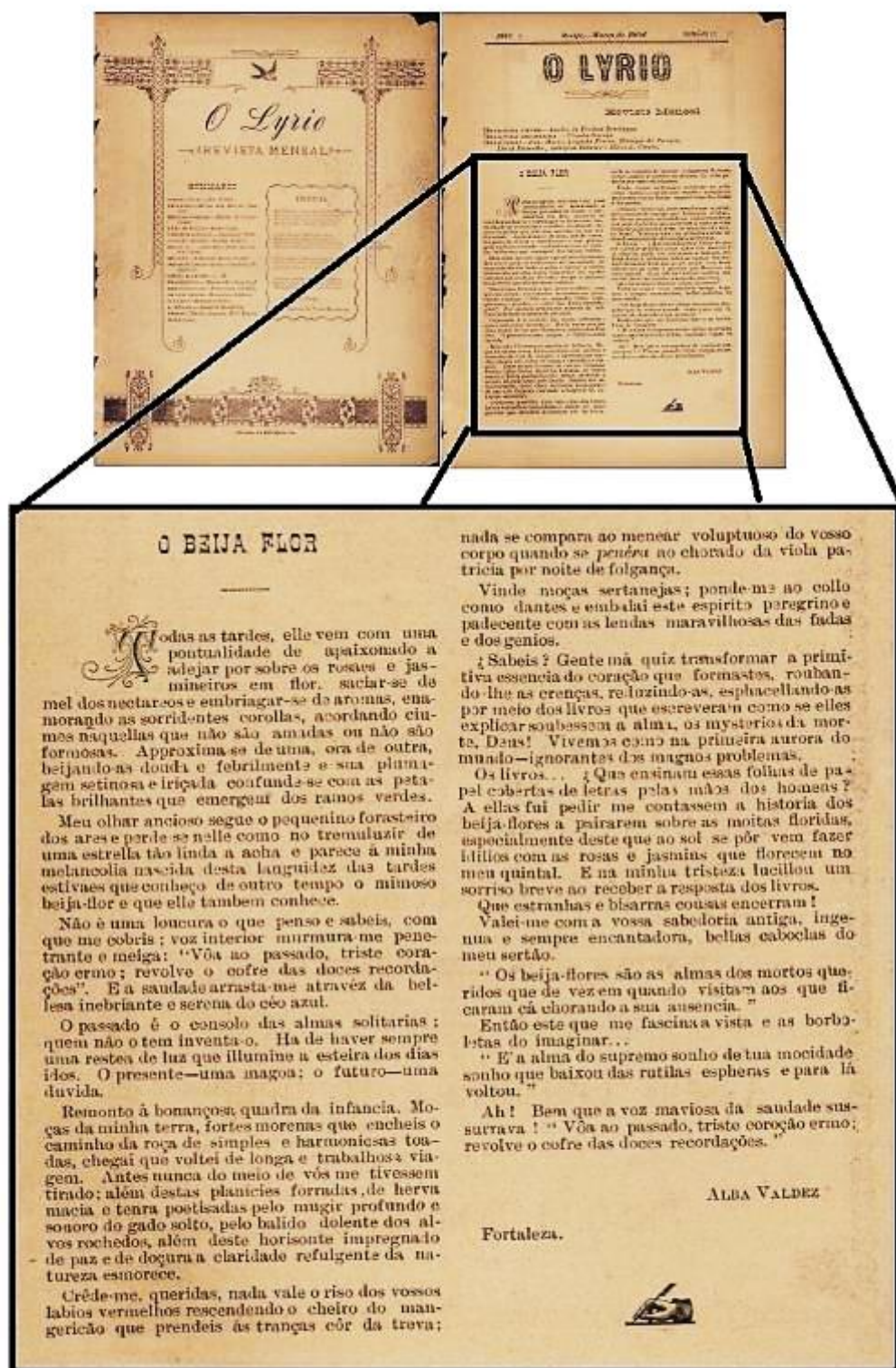
Essa produção foi, seis meses mais tarde, publicada novamente em um jornal, intitulado *A Cidade*, que era publicado em Sobral, interior do Ceará. Neste jornal assumiu o formato de folhetim, saindo em duas edições, e passara por algumas modificações na paragrafação, como também percebemos a reescrita dos parágrafos finais, o enredo não sofrera alterações, mas temos supressões e inserções de frases, conforme podemos constatar ao compararmos as transcrições dessas publicações que se encontram nos anexos A e B desta pesquisa.

Encontramos nesse conto um enredo de um amor impossível, e podendo ser, pelas circunstâncias dos fatos narrados considerado incestuoso, uma vez que o personagem Jorge Pinheiro, julga-se torna-se noivo da viúva Júlia Menezes, e ao conhecer Julieta, filha da noiva, se apaixona pela jovem. A autora explora as incoerências do coração, expondo que a razão não domina os sentimentos, o que filia esta obra ao Romantismo que já transita para o Realismo, tal qual observa-se em romances de Alencar, como *Senhora* e *Lucíola*.

A celebração da natureza, da religiosidade e do ambiente bucólico de pequena vila do interior permanecem como marcas do estilo da autora também nessa produção. Observamos a manutenção dessas características também em “O beija-flor” (ANEXO B), publicação que abre a edição de 3 de março de 1904 da revista *O Lyrio*. Uma crônica leve em que a ligação com a natureza e a narradora aciona lembranças que trazem a saudade e tudo ocorrendo no fim de tarde, hora melancólica, propícia a meditação. Os devaneios de Alba Valdez se misturam a sabedoria popular das moças do interior que ainda habitam suas recordações de infância para narrar a rotina do seu final do dia, através do voo da pequenina ave.

¹¹³ A *Revista da Academia Cearense de Letras* de 1975, na seção Poetas esquecidos, contempla a trajetória biobibliográfica de Álvaro Martins.

Figura 87 - “O beija-flor”, publicação na revista *O Lyrio*, de Recife, na edição de 3 de março de 1904.



Fonte: Arquivo público de Pernambuco.

Essa produção foi novamente publicada no Almanaque do Ceará, na edição do ano de 1904, suporte da imprensa que abordaremos na próxima seção dessa pesquisa. Além de ser comum que uma produção circulasse em vários órgãos de

imprensa diferentes, essa repetição também atesta a qualidade e a aprovação do público leitor e dos que produziam essas publicações, redatores dos periódicos, que na maioria das vezes eram também escritores e jornalistas.

Alba Valdez revela-nos em “O beija-flor” o motivo da devoção dela ao passado, o apego às memórias e recordações: “O passado é o consolo das almas solitárias”. A opção pelo estudo, até pela docência, levou-a ao celibato, e isso tinha suas consequências em uma sociedade que educava as mulheres para o matrimônio e a maternidade. Inferimos, portanto, que a autora amenizava sua solidão escrevendo sobre a nostalgia de seu passado.

O voo do pássaro constitui uma ilustração desse deslocamento no tempo: passado-presente-futuro; momentos com os quais ela associa as ideias de consolo-mágoa-dúvida, respectivamente. Outras alegorias do beija-flor que Alba Valdez construiu foram o coração solitário e a própria saudade: “Voa ao passado, triste coração ermo; revolve o cofre das doces recordações. E a saudade arrasta-me através da beleza inebriante e serena do céu azul.”. Bem como, há também em “O beija-flor” uma representação popular para o pequenino pássaro: “a alma dos entes queridos que de vez em quando visitam aos que ficaram cá chorando a sua ausência”.

Além dessa crônica, outras produções nos levam a reconhecer a escrita de Alba Valdez como ilustrativa, como em “Fragmentos” (ANEXO B) que fora publicada na *Revista da Semana*, edição de 2 de outubro de 1904, na quinquagésima primeira página desse periódico carioca que circulava em todo Brasil, abaixo de uma “Crônica” de Jacques Bonhomme¹¹⁴.

Ao localizar a produção de “Fragmentos” publicamos uma produção que não havia sido incluída em nenhum levantamento bibliográfico da obra de Alba Valdez.

Na mesma edição da *Revista da Semana*, havia também um artigo sobre a Liga Feminina Cearense, fundada naquele ano por Alba Valdez e um grupo de escritoras, acompanhada com foto da diretoria dessa associação, que já expomos no capítulo sobre a biografia dessa escritora.

¹¹⁴ Jacques Bonhomme foi o nome atribuído por Jean Froissart a Guillaume Caillet ou Callet. Também encontramos Guillaume Carle, Cale ou Karle. Na realidade, por trás da expressão “Jacques Bonhomme”, as fontes da época designam todos os rebeldes da Grande Jacquerie. Vem do antigo francês “jacques”, que significa camponês, sinédoque, por causa do uso de uma jaqueta curta de mesmo nome, o “jacque”. A crônica de Jean de Venette especifica que esse apelido de “Jacques Bonhomme” foi atribuído pelos nobres aos camponeses, para torná-los ridículos. Disponível em: <https://www.dictionnaire.com/browse/jacques-bonhomme>.

Como ocorreu em outras publicações de Alba Valdez em periódicos do Rio de Janeiro, na *Revista da Semana* (1904) a temática se repetiu, a produção tratava do Ceará, da vegetação do sertão:

Figura 88 – “Fragmentos”, publicação na *Revista da Semana*, de Recife, na edição de 2 de outubro de 1904.



A escritora descreve a vegetação do sertão cearense em tempos de seca e a “mágica” que ocorre a partir das primeiras chuvas:

[...] o viajante que percorrer os vastos sertões do Ceará notará a profunda desolação que reina na mata reduzida ao esqueleto; as árvores despidas de sua túnica esmeraldina [...]. Mas à chuva regue esses campos dez, vinte dias e ver-se-á, como por encanto ressurgir a vegetação opulentíssima, que alcatifa o solo, antes nu e áspero; as árvores vão pouco a pouco perdendo o aspecto sombrio para se tornarem, com as galas vicejantes que lhes envia o inverno (VALDEZ, 1904, p.51).

Nessa paisagem dos tempos de estiagem, Alba Valdez elege uma árvore que permanece verde em meio a caatinga cinza como alegoria do sertão: “É o juazeiro um símbolo da esperança” (VALDEZ, 1904, p.51). Percebemos que já se anunciava a ideia que se disseminou dois anos depois no romance *Os Sertões* (1906) de Euclides da Cunha: “O sertanejo é antes de tudo um forte”. Para Alba Valdez, o cearense era como o juazeiro, que mesmo diante da seca mais severa continua verde como a esperança do povo do sertão.

Ilustra-se nessa produção de Alba Valdez o que Albuquerque Jr (2011) caracterizou como um regionalismo anterior ao modernismo, em que as obras eram compostas a partir de descrições detalhadas dos diferentes meios e tipos regionais, em que ela reforça seu telurismo, que abordaremos no último capítulo dessa pesquisa como um dos pontos de intersecção na obra dessa escritora cearense.

Precisamos reconhecer que o telurismo como um aspecto qualitativo que distingue e especifica a literatura brasileira desde suas origens (FÉLIX, 2016). Na obra de Alba Valdez o telurismo está arraigado, de forma que a relação afetiva da autora, como também dos personagens com a terra está sempre presente, configurando-se como parte de sua identidade: uma autora cearense, que escreve sobre o Ceará.

O telurismo também se sugere em títulos de outras publicações de Alba Valdez em revistas, como na *Revista do Ceará* (1905), em que, segundo Barreira (1962), havia duas publicações: um conto intitulado “Eterna História” e “História”. Porém, essa revista não existe mais nos arquivos dos equipamentos de cultura consultados¹¹⁵.

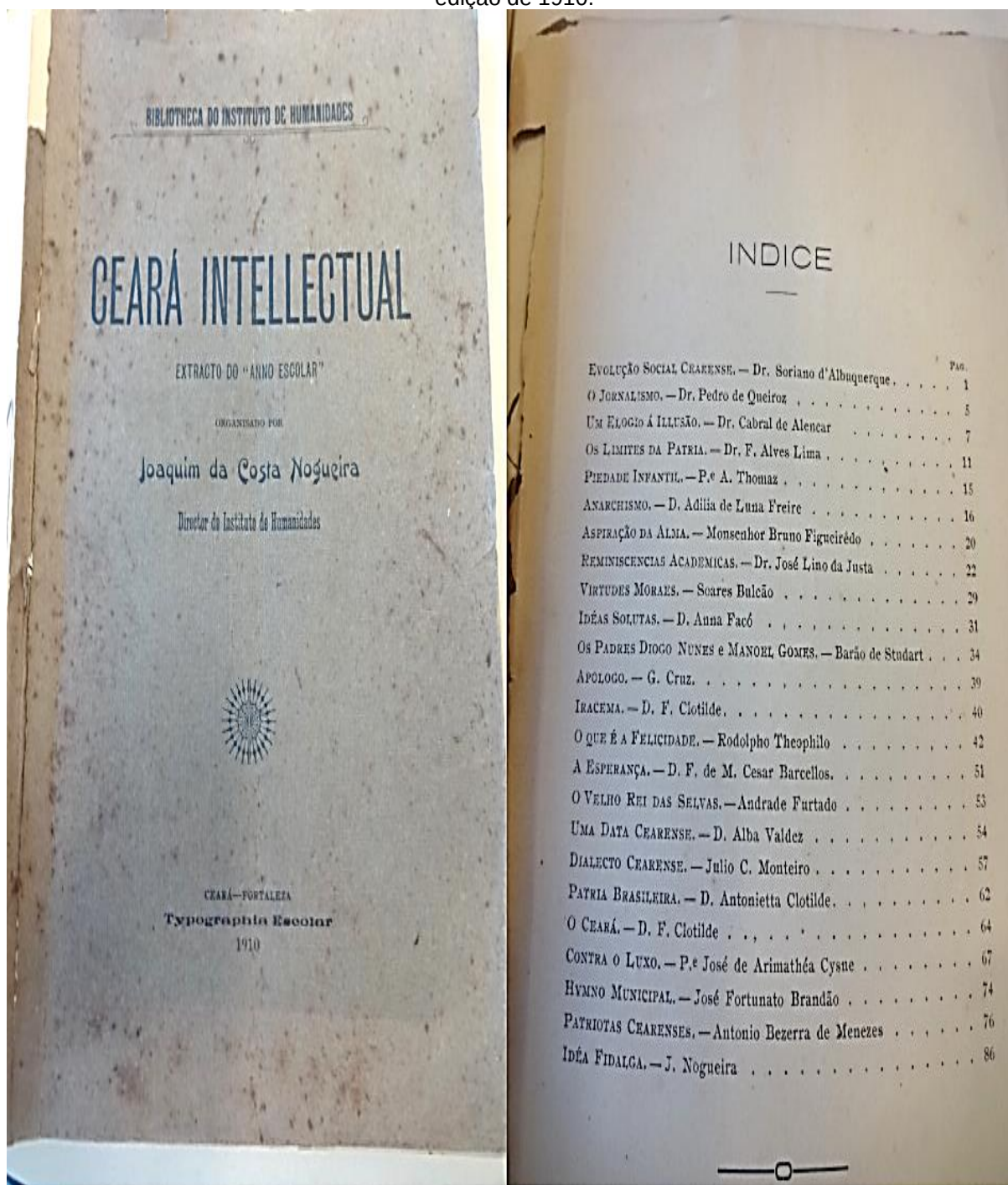
¹¹⁵ Ressaltamos que as buscas persistentes nas bibliotecas e hemerotecas foram frustradas, porque, muitos periódicos, principalmente os exemplares das revistas perderam-se ou foram danificados nas inúmeras mudanças de prédios que abrigaram a Academia Cearense de Letras, uma vez que, segundo a bibliotecária da Academia Cearense de Letras, que também é a responsável pelo Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel no turno vespertino, a Sra. Madalena Maria Monteiro Figueiredo, a Academia mudou várias vezes de endereço, porque passou muito tempo sem sede própria. As reformas das instalações que se arrastam por anos também têm

Não obstante, no Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel, localizamos a revista *Ceará Intelectual: extrato de ano escolar* (1910), produzida pelo Instituto de Humanidades cuja “A Guisa de prólogo” desta revista, escrita pelo diretor dessa instituição e organizador do periódico, o Sr. Joaquim da Costa Nogueira, nos revela os objetivos e intenções da publicação: prestar homenagem aos que zelavam pelas tradições do Ceará e fornecer aos jovens leitores o conhecimento de especificidades cearenses, reunindo trabalhos que merecem ser conhecidos, como também destacar nomes das letras cearenses através de uma coletânea de produções de caráter sociológico, filosófico, histórico, literário, etc.

A revista *Ceará Intelectual* (1910) configura-se dentro do conceito intermediário entre o jornal e o livro, assumindo desde seu primeiro número a consciência de sua função educativa, um “suplemento didático”, coletânea intelectuais do Ceará, e entre os quais identificamos as escritoras: Adília de Luna freire, Ana Facó, Francisca Clotilde, Francisca de M. Cesar Barcelos, Alba Valdez e Antonieta Clotilde, como verificamos na imagem do índice:

causado a perda do acervo e dificultado muito as pesquisas, como é o caso do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel, que está dividido em espaços diferentes e, muitos arquivados inadequadamente, sem a climatização necessária à conservação, como acompanhei nesses anos de pesquisa.

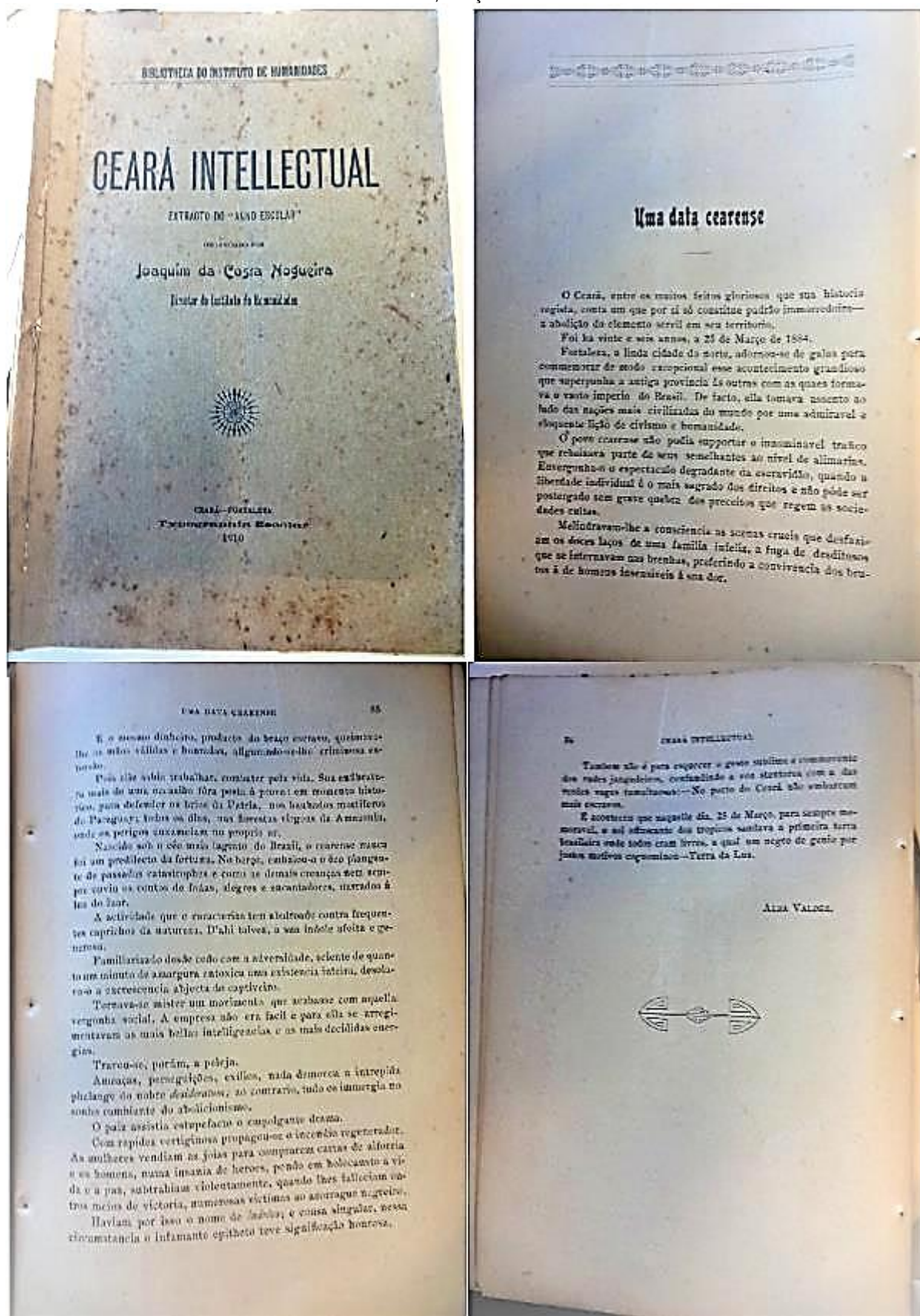
Figura 89 - Capa e índice da revista *Ceará Intellectual*: extrato do *Ano Escolar*, Fortaleza, edição de 1910.



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel/Setor de Obras Raras.

O artigo de Alba Valdez nessa edição da revista *Ceará Intellectual* (1910, p.54-56) retoma a data de 25 de março de 1884, dia da abolição dos escravos no Ceará, hoje legalmente reconhecida como "Data Magna do Ceará" (ANEXO B):

Figura 90 - Publicação "Uma data cearense" na revista *Ceará Intellectual*: extrato do *Ano Escolar*, Fortaleza, edição de 1910.



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel/Setor de Obras Raras.

Nessa publicação Alba Valdez reforça sua posição conservadora em relação aos valores sociais, como também considerando as versões da história. O telurismo, o patriotismo dela é claro nessa produção em que exalta o Ceará como “Terra da Luz”.

Alba Valdez, narra essa parte da história do Ceará sem citar nomes, atribuindo os feitos a coletividade, aos grupos de mulheres e homens que criaram as estratégias possíveis aos seus gêneros, poder econômico e *status* social pela causa da abolição. Muito embora, haja no artigo claras inferências a Maria Tomázia, ao Dragão do Mar e a José do Patrocínio, jornalista e escritor que atribuíra o título de “Terra da Luz” ao Ceará.

Contudo, como os historiadores tradicionais Alba Valdez não cita o elemento negro como sujeito nessa luta, tampouco apresenta uma visão crítica em relação as condições que tornavam viável a libertação dos negros no Ceará antes do restante do país, como esclareceu Farias (1997, p.101):

Além da brava resistência negra, fatores outros contribuíram para o “pioneirismo” cearense na abolição. O primeiro destes fatores – o principal talvez – seria o pouco peso do negro na economia local. A estrutura produtiva local não era absorvedora de mão-de-obra escrava em grande escala. A pecuária. Com sua intensa mobilidade, facilitava a fuga dos cativos, não necessitando, por outro lado, de grande quantidade de trabalhadores nas fazendas. Com respeito à cotonicultura, não era lucrativamente compensador usar a “preciosa mercadoria” em uma atividade praticada em certo período do ano. Optava-se pelo meeiro, pelo agregado, semi-servos, destinando os cativos, principalmente para os serviços domésticos.

Entretanto, temos que realçar que a posição de Alba Valdez e sua forma de narrar a história pela perspectiva tradicional¹¹⁶, em que se estabelecia, porém, não escravocrata, de forma epopeica, estavam de acordo com os moldes da primeira década do século XX, que pouco se modificara dos anos oitocentistas.

Ademais, é positivo reconhecermos que a organização das mulheres na Sociedade Libertadora Cearense possibilitou a formação das redes de sociabilidades, que constituíram a base para a movimentação literária das mulheres no Ceará.

¹¹⁶ Segundo Burke (2011, p.10) o paradigma tradicional da história restringe-se a visão do senso comum, “não para enaltece-lo, mas para assinalar que ele tem sido com frequência – com muita frequência – considerado a maneira de fazer história, em vez de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado”, em que se pensa essencialmente na narrativa dos acontecimentos, observando-os de cima, concentrando nos grandes feitos de grandes homens, assim, valorizando uma versão única, geralmente a dos vencedores, sendo indiferente as versões dos vencidos.

Esse texto foi embrião para outras produções que originaram as celeumas históricas entre Alba Valdez e Rodolfo Teófilo, no jornal *O Nordeste* (1923), sobre o Dragão do Mar e sua função no processo de libertação dos negros no território cearense.

Assim, nessa empresa de garimpar as publicações de Alba Valdez¹¹⁷ identificamos nas pesquisas nos periódicos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional uma ocorrência no jornal *Pacotilha* (1910) do Maranhão, um anúncio da revista *Os Anais: revista mensal do Congresso Maranhense de Letras*¹¹⁸, que publicara em sua edição de novembro de 1910 uma produção de Alba Valdez: “O sonho de Gutemberg”.

Figura 91 - Revista *Os Anais: revista mensal do Congresso Maranhense de Letras*, São Luís, edição de setembro de 1911.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Benedito Leite.

Aliás, o jornal maranhense *Pacotilha*, noticiou a colaboração de Alba Valdez em outras revistas no Maranhão e no Ceará: como na primeira edição de *A Renascença*, revista do Maranhão, que circulou em 1 de janeiro de 1911, como também destacou a colaboração da escritora no número 2 desta revista e em uma edição especial desse periódico em 1912; na nota sobre a circulação da revista cearense *A Constelação*, órgão de imprensa do grêmio literário José Alencar, foi citada a contribuição de Alba Valdez; e em 26 de dezembro de 1914, o referido jornal ainda noticiou a circulação da revista *Poliantea*, organizada pelo grupo dramático João

¹¹⁷ Faz-se necessário lembrar que a obra de Alba Valdez, apesar de estar concentrada em sua maioria em órgãos de imprensa cearense, como a revista *Ceará Intellectual* e outras que serão ainda mencionadas, que há produções da autora pulverizadas em periódicos de vários lugares do Brasil. Dessa maneira, registramos o desafio e as dificuldades de reunir a maior número possível de publicações dela, sobretudo com a prioridade de ampliar a bibliografia dessa escritora cearense.

¹¹⁸ As buscas por essa revista nos levaram a encontrar no Acervo Digital da Biblioteca Benedito Leite um arquivo de 66 páginas, entretanto, todos exemplares são de 1911, não possuindo nessas edições nenhuma publicação de Alba Valdez.

Caetano, de Fortaleza, e destacou a colaboração da autora de *Em sonho...fantasias* (1901) e *Dias de luz* (1907).

Acrescentamos à bibliografia de Alba Valdez as publicações que fez na *Revista Escolar*, periódico mensal do Instituto de Humanidades sob a direção de Joaquim da Costa Nogueira, como também era a revista que tratamos anteriormente, *Ceará Intelectual*.

A *Revista Escolar* - funcionava como um complemento didático que tinha como redatores os professores da instituição educacional (lições didáticas, pedagogia e etc.), era impressa na Tipografia Escolar e contava com a colaboração dos alunos como “composições, descrições, invenções e jogos de espírito” (*REVISTA ESCOLAR*, 1911) - tinha correspondentes nas cidades mais importantes do Ceará, assim como, nos estados do Nordeste, Norte e também em São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, e até em Portugal.

Essa revista cumpre a função dos periódicos de ampliar o público leitor, conforme realçou Duarte (2016) ao tratar da relevância da redescoberta de periódicos. Acentua-se também em periódicos como a *Revista Escolar*¹¹⁹ o papel educativo da imprensa, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, ainda mais em estados pobres como era o Ceará, distantes da capital, em que livros eram difíceis e caros.

Na edição de fevereiro de 1911, que se encontra com o *status* de obra rara na Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel, localizamos na primeira página da *Revista Escolar* a produção de Alba Valdez intitulada “Carta a uma poetisa”, acompanhada de uma foto também inédita da escritora:

¹¹⁹ Apesar de não ser um periódico exclusivo para mulheres, nessa revista havia publicações de várias mulheres, como as cearenses Ana Facó, que publicou um poema “assinado pelo pseudônimo Nítio-Abá, bem como também havia publicações de autoria feminina de outros estados como o poema “Crepúsculo no Paraíba” de Julinda Alvim, poeta mineira, de filiação romântica como Alba Valdez, autora do livro *Saudades*, publicado pela Imprensa Oficial de Belo Horizonte, em 1917. As informações biográficas e bibliográficas sobre Julinda Alvim foram extraídas do Dicionário Bibliográfico de escritores mineiros de Constância Lima Duarte. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=jNdVDwAAQBAJ&pg=PT212&lpg=PT212&dq=Julinda+alvim&source=bl&ots=4P_01TeRww&sig=ACfU3U06owyp_UjlfSfDEiDdw3UxHINDGQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjb47PbpL_gAhVIDrkGHVhkCfUQ6AEwA3oECAMQAO#v=onepage&q=Julinda%20alvim&f=false. Acesso em 24 nov. 2018.

Figura 92 - Publicação "Carta a uma poetisa" na *Revista Escolar*, Fortaleza, edição de fevereiro de 1911.



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel/Setor de Obras Raras.

Consideramos essa epístola mais uma descrição poética do sertão cearense que, em que se tem por parte da produção e recepção da escrita a consciência de seu caráter ficcional, apesar de ser fiel a estrutura retórica do gênero.

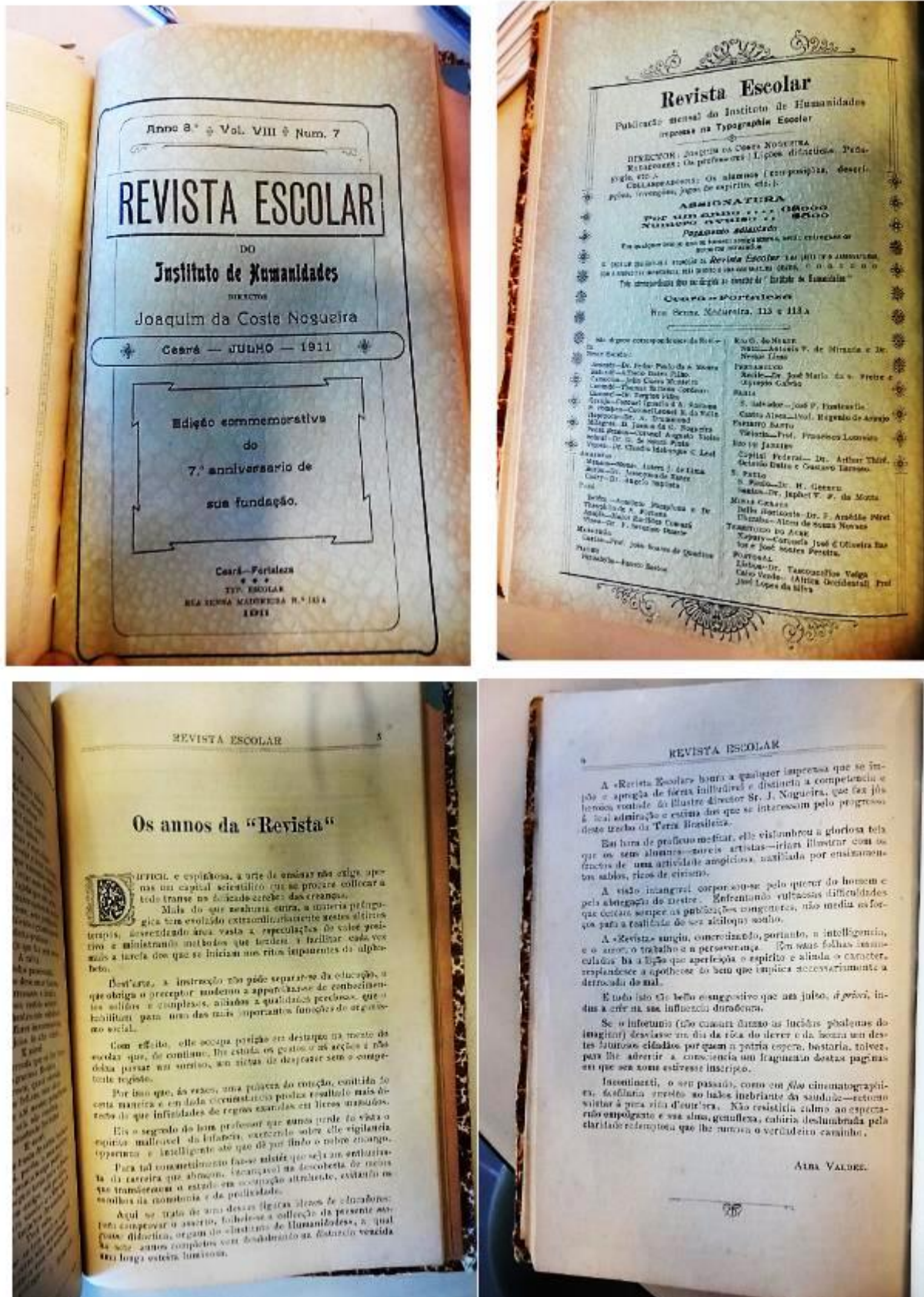
Inferimos que a publicação remete às reminiscências da própria Alba Valdez, a sua nostalgia do campo, do passado, temas que são caros à autora, conforme verificamos ao longo desse estudo.

Vemos que Alba Valdez adapta as temáticas que privilegia em sua obra em diferentes gêneros e suportes textuais que ela usa para se expressar e publicar seus sentimentos e pensamentos. Mais uma vez observamos uma representação do Ceará, distinta da estereotipada, naturalista e apelativa da seca, na carta explicita-se que era início da estação chuvosa: “O inverno pompeia com desusado esplendor.” (VALDEZ, 1911, p.1).

Assentimos que, conforme já preconizado por Barbosa (2011) sobre a escrita epistolar nos periódicos, essa carta de Alba Valdez na *Revista Escolar* não é privativa como como uma carta a um destinatário específico, configurou-se como uma prática social. Reparamos que a escritora tem consciência disso, porque destina a missiva aos “Amigos do Instituto”.

Ainda na nossa incursão pelos exemplares gastos pelo tempo da *Revista Escolar*, deparamo-nos com outra publicação inédita para expandir a trajetória bibliográfica de Alba Valdez. Na edição de 14 de julho de 1911 dessa revista do Instituto de Humanidades, na quinta e sexta página, encontramos “Os anos da Revista” (ANEXO B):

Figura 93 - Publicação “Os anos da Revista” na *Revista Escolar*, Fortaleza, edição 14 de julho de 1911.



Fonte: Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel/Setor de Obras Raras.

Nessa publicação Alba Valdez (1911, p. 5) inicia seu artigo sobre a *Revista Escolar* com uma reflexão pedagógica: “Difícil e espinhosa, a arte de ensinar não exige apenas um capital científico que procure colocar a todo transe no delicado cérebro das crianças”. Nesse contexto ela realça a importância do professor e a boa prática pedagógica que considera o aluno no processo educativo.

Esse artigo incita uma reflexão sobre o papel da imprensa na educação do Ceará, atribuindo a esse periódico o título de “magazine didático” e ressaltando a relevância da *Revista Escolar* para educação no Ceará, bem como enaltece os esforços de Joaquim da Costa Nogueira.

Destacamos ainda a importante ponderação da autora sobre a relação entre instrução de educação: “[...] a instrução não pode separar-se da educação, o que obriga ao preceptor moderno a aparelhar-se de conhecimentos sólidos e complexos, aliados a qualidades preciosas, que o habitam para uma das mais importantes funções do organismo social (VALDEZ, 1911, p.5).

Seguindo nossa investigação sobre a trajetória bibliográfica de Alba Valdez nas revistas, citamos as notas explicativas de Barreira (1962) que listam as obras da autora que registram a publicação de uma crítica literária sob a obra *Poeira*, um livro de poemas de Humberto de Campos, na revista *A Jangada* um tema recorrente na imprensa brasileira¹²⁰.

Outra revista que circulou em Fortaleza que também publicou uma produção de Alba Valdez foi *Panóplia*, segundo Sousa (1937, p.219), circulou no nº 4 dessa revista (janeiro e fevereiro – 1914) a obra “Uma definição de Gross”. Destacamos que nenhum dos acervos pesquisados possuem exemplar desse periódico, sendo a citação de Sousa um registro dessa publicação, assim como, também, atesta a publicação de “Ceará – Terra do Brasil”, no nº 5 da revista *Iris*, de Porto Alegre, edição de abril de 1920.

No levantamento bibliográfico de Alba Valdez que Sousa (1937) publicou por ocasião do cinquentenário do Instituto do Ceará, no qual a escritora havia recentemente ingressado, ele lista como oitava produção da autora “A sempre nova questão do ensino”, que saía na publicação *Ano Escolar* (1921), de Fortaleza. Souza

¹²⁰ Durante nossas pesquisas em periódicos do Maranhão encontramos na revista *Anais do Congresso Maranhense de Letras* (1911), um artigo sobre a mesma obra de Humberto de Campos, na seção “Canhenho Bibliográfico”, na edição de setembro (p.8), disponível no Acervo digital da Biblioteca Benedito Leite.

(1937, p.219) assim descreve essa obra: “livro de leitura adotado nas escolas públicas do ensino primário do Ceará, organizado pelo professor Joaquim da Costa Nogueira e prefaciado pelo Dr. Clóvis Beviláqua – editores Leite Ribeiro & Maurílio – Rio de Janeiro -1921”.

Nossas consultas nos acervos de Obras Raras cearenses na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, nos colocaram diante dessa produção de Alba Valdez, um artigo sobre as condições da educação no Ceará que encaminha para uma reflexão sobre as dificuldades do processo de educação e instrução. A crítica é o tom impresso em “A sempre nova questão do ensino” (ANEXO 2), desde as políticas de governo para o ensino até a ação das famílias dos alunos.

Embora com o *status* de “livro” *Ano Escolar* permaneceu com o mesmo formato de revista, supostamente tendo mudado a nomenclatura para obter maior valorização e justificar sua adoção nas escolas públicas no Ceará, o que ocorreu a partir do Decreto 1682, de 30 de setembro de 1919 que, em conformidade com o exposto no decreto que fora reproduzido na própria publicação: “mandando adotar nas escolas públicas do Estado o livro ANO ESCOLAR¹²¹, do prof. Joaquim da Costa Nogueira”.

O índice desse periódico mostra a variação das temáticas, e de autores, não sendo possível estabelecer nenhuma ordem lógica ou classificação categórica entre as publicações desta edição. Realçamos que “A sempre nova questão do ensino” (ANEXO B) de Alba Valdez, é antecedida por publicação “A triste poesia do povo” de Gregoriano Cruz, e posteriormente temos a publicação “Jornalismo” de Antônio Drummond.

¹²¹ Ao analisarmos *Ano Escolar* (1921), considerando o que Frade (2010) afirma sobre a produção dos livros para aprender a ler e escrever no Brasil do início do século XX, em que expõe a preocupação destes impressos em apresentar unidades de sentido mais amplas, fortalecemos o argumento do formato de revista de *Ano Escolar* (1921), em que observamos a variedade e miscelânea de temas, na mesma distribuição, até caótica, que ocorria nos periódicos desde o século XIX, como caracterizou Barbosa (2007). Nesse contexto, verificamos no exemplo de *Ano Escolar* (1921) na prática o desejo de arrumar, organizar a revista para transformá-la em livro, uma tendência apontada por Barbosa (2007) ao referir-se aos estudos dos jornais pelos historiadores. Entendemos que as revistas já constituem essa tentativa de transformação de periódicos em livros, pela ampliação das produções e aprofundamento das temáticas abordadas.



Acompanhada de uma foto também inédita da autora, uma das raras imagens divulgadas de Alba Valdez, a publicação “A sempre nova questão do ensino” nos coloca diante de uma escrita marcada pela criticidade e reflexão sobre as difíceis condições da educação no Ceará diante da desvalorização do governo e da sociedade:

De ordinário, nas mensagens presidenciais as notícias relativas ao problema educativo dão que imaginar sobre o destino da nação em geral e do indivíduo em particular. Só os egoístas, os indiferentes, tipos moral e socialmente criminosos, ficarão imperturbáveis, ao lerem no documento oficial de afirmativas como estas: - A instrução primária vai em decadência. – Os resultados do ensino primário não compensam os sacrifícios pecuniários que com esse departamento do serviço público tem feito o Estado.

Bradam alhures os pais de família que o menino, aliás sem ocupação útil em casa, não se adiantou nada na escola, nem sequer prestou exame. E se passou pelo exame desembrulhado de nota distinta, os ares do lar alvoroçam-se com os pródromos da tempestade. [...] O preceptor, pelo impulso dos acontecimentos, entala-se entre dois fogos acesos: o governo que o censura e o pai de família que não o gaba (VALDEZ, 1921, p. 305).

Alba Valdez em seguida nos apresenta os descasos do governo da época com as escolas e a desvalorização dos professores, tal como descreve a omissão das famílias, questionando as ações pró-educação que essas instituições sociais têm realizado.

Esse artigo, agrega um valor documental e histórico sobre a educação pública cearense, logo é um bom exemplo das temáticas de engajamento da imprensa e das Belas Letras de autoria feminina, que não se restringiram portando as temáticas sentimentais e fúteis, como apontavam os estereótipos preconceituosos que atribuem à escrita das mulheres. Reconhecemos também que as afirmações de Alba Valdez podem ainda ser observadas em tempos atuais, principalmente no que se refere a depreciação da docência e do pouco valor conferido à educação escolar pela sociedade.

Continuando nosso estudo diacrônico dos periódicos encontramos no jornal *O Ceará*, no exemplar de 05 de janeiro de 1928, um domingo, uma nota sobre a circulação do primeiro número da revista *Atualidade*, em que se destacou a publicação de “Impressões de um livro”, já publicado no jornal *O Bandeirante* em 15 de setembro 1910.

Atualidade – Foi-nos enviado o primeiro número, Ano I, da revista *Atualidade* sob a direção de Jayme Silva, que tem como auxiliares de redação os inteligentes moços Max Monteiro, Humberto Costa e Halley Castelo Branco. *Atualidade* abre com palavras de Max Monteiro, e cabeçadas pelo título ****... Logo depois, lê-se: “Pobre Pátria” – de Humberto Costa; “Impressões de um livro” da laureada escritora cearense Alba Valdez; “Primeiro Milagre” de Max Monteiro e “Nas águas do Paraná”, bem elaborado soneto do mavioso poeta patricio, dr. Júlio Maciel. *Atualidade*, além de várias outras produções que agradam, traz diversos clichês de aspectos local e regional. Está destinada a vencer (O CEARÁ, 1928, p.12, *grifo nosso*).

A sequência diacrônica das publicações de Alba Valdez em revistas nos encaminhou para uma revista carioca de alcance nacional, este periódico já tem características das chamadas revistas ilustradas. Sobre esse tipo de publicação impressa Luca (2014, p.209) considerou: “Sem dúvida, a associação entre imagem e a pena representou um ponto de inflexão na trajetória dos impressos periódicos que, no decorrer do século citado [século XIX], tornaram-se ilustrados”.

Segundo essa pesquisadora a designação de ilustrada/ilustração aparecia desde o título, e significava mais do que uso de linguagem imagética, remetendo também à dissipação da ignorância, perspectiva que seria uma herança da filosofia iluminista. Destarte, a imagem era, portanto, uma arma poderosa para ampliar o alcance e estimular o consumo das revistas, o que só foi possível por conta do desenvolvimento da indústria gráfica (LUCA, 2014).

Nesse enquadramento a revista *Nação Brasileira*, subintitulada “Revista Mensal Ilustrada”, que circulou de 1923 a 1947, editada no Rio de Janeiro usufruiu bem da linguagem imagética para atrair o público, sobretudo o feminino. Assim sendo, a publicação do artigo “De pé” (ANEXO B) de Alba Valdez nesta revista ganha ainda mais visibilidade, para denunciar a o constrangimento que por sua condição de ser mulher lhe foi imposto.

A partir das capas, como também das publicações e publicidade realizada na revista *Nação Brasileira*, constatamos o foco no público feminino, mesmo que não o determine em sua apresentação, em que ela se diz eclética e de conteúdo abrangente, não pretendendo excluir ou se especificar em um único assunto. A revista afirma-se patriótica, procurando ser a expressão sincera e modesta da espiritualidade do povo brasileiro nas suas diversas faces (NAÇÃO BRASILEIRA, 1923).

Na edição de agosto de 1930, que localizamos nos arquivos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontramos o artigo “De pé” (ANEXO B), que confirma

a exclusão da mulher da instituição mais importante da Literatura Cearense. Na capa da revista há uma reificação da mulher, como ocorre na maioria dos periódicos femininos em que verificamos que a mulher é exposta como mercadoria ou vitrine para vender produtos:

Figura 95 - Capa da revista *Nação Brasileira* em que foi publicado “De pé”, edição de agosto de 1930.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Diante da produção, temos a clara convicção que Alba Valdez escreveu esta publicação com o objetivo de denunciar aos seus leitores sua exclusão da Academia Cearense de Letras. As polêmicas sobre a presença da mulher em Academias a muito ocupavam as páginas dos periódicos, sobretudo, isso seguia acontecendo nas Academias de Letras que se localizavam fora do eixo do Rio de Janeiro, na Bahia, no Ceará entre outros estados nordestinos as mulheres estavam conquistando um lugar social a partir de suas produções escritas, especialmente, publicadas nos periódicos, demandando um verdadeiro garimpo para retirar do ostracismo as obras de autoria feminina. Alba Valdez constrói uma analogia entre sua situação e agricultores:

Planta o lavrador a semente após haver preparado a terra; que jamais deixa de reclamar cuidados especiais para o êxito da futura messe. Surge o vegetal. Alteia-se lhe o caule. Avoluma-se lhe a fronde. Desata-se lhe a flor. Debuxa-se lhe o fruto. O cultivador contempla enlevado o formoso quadro. Vê a realidade de um sonho na qual se cristaliza a melhor de sua energia e atividade. Enfim, vai ter o prêmio que merece a inteligência, o esforço incoercível. Lá está a beleza do fruto! São sempre belas as manifestações do trabalho. Feliz, o cultivador ergue o braço para colhê-lo, já pensando em mostra-lo aos amigos e conhecidos. Crê com isso valorizar a gleba, incentivar virtudes. Ele ama a pátria, o ingênuo sonhador. Nisto, um empuxão brutal o arremessa para longe. E ele cai, o coração a sangrar (VALDEZ, 1930, p. 8).

A autora deixa de lado sua modéstia e descrição e assume que lutou e mereceu sua cadeira na Academia Cearense de Letras, associando a preparação do solo para o plantio de vegetais às leituras e esforços que fez para escrever e publicar. Alba Valdez compara a situação que está vivendo ao furto, ao roubo, usurpação de um prêmio, de um lugar, uma cadeira que conquistara para ser a primeira mulher a fazer parte daquela instituição anteriormente exclusiva para homens, assim estava de pé: “Pobre raça combatida, achincalhada por filhos ingratos e aproveitadores desalmados que, no negror da noite, se acocoram, seguros da impunidade, em desprezíveis tocaias” (VALDEZ, 1930, p. 8).

A expressão “de pé” que intitula o artigo pode ter duplo sentido, não somente o mencionado anteriormente, que remonta a perda do assento na Academia, mas também, a ideia de que não a derrubaram, ela não caiu com o golpe que deferiram contra ela, segundo ela em uma “tocaia”. Alba Valdez, reclama a punição de quem a lesou, buscando, por conseguinte, arrebanhar apoio:

E para não ficar atrás da sua congénere do Rio de Janeiro, mulher já não forma. Ao fim, não sou eu a única envergonhada pela descortesia do gesto. São vocês também minhas inteligentes e virtuosas patrícias, especialmente vocês, mulheres que, como eu, mourejam na seara das letras. Sois também vós, meus ilustres confrades, que sofrestes o desejo de serem postos em dúvida o vosso caráter e o vosso discernimento (VALDEZ, 1930, p.9).

A imprensa e a literatura servem, portanto, nessa situação, como suporte para denúncia de uma ocorrência de injustiça que seria abafada pela Academia Cearense de Letras, que justificava a reorganização e exclusão de Alba Valdez pela letargia da instituição. A produção de Alba Valdez e sua publicação em diversos periódicos é que vão desnudar o preconceito com a autoria feminina que ela era e representava.

A exclusão de Alba Valdez da Academia Cearense de Letras funcionou às avessas do supostamente esperado pelos “homens de letras” que intentaram destituir as mulheres das condições de sujeito, retirando-lhe o lugar social que havia conquistado no meio literário, porque isso deu à escritora mais notoriedade, legitimando sua luta pela reconquista do que lhe foi usurpado, como uma luta de todas as mulheres.

Por conseguinte, os anos de 1930 foram muito relevantes para trajetória biobibliográfica de Alba Valdez, marcados por seu ingresso no Instituto do Ceará e na Sociedade Cearense de Geografia e História, como também, seu retorno a Academia Cearense de Letras, isso tem impacto direto na publicação de suas produções nos órgãos de imprensa dessas associações de intelectuais.

Em outubro de 1935, ela publicou “A jangada abolicionista” na *Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História*. Esse artigo que retoma a temática histórica da abolição da escravidão no Ceará não foi localizado, em virtude de não existirem mais exemplares desse periódico nos arquivos e hemerotecas, entretanto, há notas de imprensa que tratavam desse texto.

A partir de 1936 as publicações de Alba Valdez circulam sobretudo na *Revista do Instituto do Ceará* e de 1938 na *Revista da Academia Cearense de Letras*, concentrando-se em artigos de crítica literária, ou em publicações de discursos proferidos nas tribunas dessas instituições. Essas duas revistas caracterizavam-se pela publicação de produções mais aprofundadas que visavam colaborar com os fins das instituições das quais eram propriedade. Assim reconhecemos que conforme os fins do Instituto do Ceará, explicitados no Art. 1º do seu Estatuto, publicado nas páginas de abertura das publicações da sua *Revista do Instituto do Ceará*: cultura da

História, Geografia, Etnografia, desenvolvimento geral das ciências e das letras do Ceará.

A *Revista do Instituto do Ceará* tinha formato próximo ao dos livros, mas em relação ao conteúdo mantinha-se fiel a miscelânea de assuntos que, na maioria das vezes, não dialogavam entre si. Com periodicidade anual, foi publicado desde 1887, ano da fundação da instituição, e seus exemplares se encontram disponíveis para consulta física em diversos equipamentos de cultura do Ceará, como nas bibliotecas do próprio Instituto, da Casa Juvenal Galeno, da Academia Cearense de Letras. Também é possível a consulta online, pois, todo o acervo encontra-se digitalizado e disponível para consulta na página da web do Instituto do Ceará¹²².

No seu periódico, o Instituto do Ceará, além dos artigos escritos por seus sócios, também disponibiliza o registro das atas das reuniões, entre outras seções como “Nossos Mortos”, em que registram o falecimento de seus membros e resumo biobibliográficos destes, ainda apresenta o registro de publicações impressas recebidas de outras organizações intelectuais.

Quanto a publicação dos discursos, observamos ser também uma prática dos periódicos do interim que compreende o entre séculos XIX e XX, verificamos isso em jornais e revistas, conforme tratamos em seção sobre a imprensa feminina cearense em capítulo anterior. Inferimos publicação dos discursos proferidos pelos membros dessas instituições, afinal esse gênero, desde sua origem tem prática exígua, como afirmou Cícero (55 a.C.): o domínio da eloquência sempre foi algo raro e provoca admiração.

Alba Valdez estreou na *Revista do Instituto do Ceará* com a publicação do “Discurso por ocasião de ser recebida sócia efetiva” (1936), e na edição do ano seguinte também foi publicado outro de seus pronunciamentos, o “Discurso em comemoração ao Quinquagenário do Instituto do Ceará” (1937). Nesses discursos de Alba Valdez podemos reconhecer as regras de composição da oratória, gênero antigo descrito por Cícero (55 a.C., p. 64)¹²³ como arte da eloquência, que se faz eficientemente se aliada a escrita em cinco partes: encontrar o que dizer; arranjar e dispor o assunto conforme uma ordem, grau de importância e discernimento; vesti-lo e orná-lo com o discurso; guarda-lo na memória; e atuar com graça e dignidade. Aos

¹²² <https://www.institutodoceara.org.br/revista.php>.

¹²³ In: SOUZA, Roberto Acízelo de. (org.). *Do Mito das Musas à razão das Letras: textos seminais para os estudos literários (século VIII a.C. – século XVIII)*. Chapecó-SC: Argos, 2014.

acadêmicos ou sócios de associações de intelectuais era exigido ter boa oratória, e Alba Valdez possuía essa qualidade, como averiguamos em seus discursos:

Figura 97 - Publicação de “Discurso”, por ocasião de ser recebida sócia efetiva na *Revista do Instituto do Ceará*, edição de 1936.

Discurso (*)

ALBA VALDEZ

Exmo. Sr. Barão de Studart, dignissimo presidente do Instituto do Ceará.

Ilustres consocios.

Um dia—faz muitos anos—, quando me entregava á emoção ingenua de escrever um livro, onde procurava esquisar quadros e figuras da Escola Normal do meu tempo, da Escola Normal que cursei, concedi ao pai de uma das minhas heroínas, no intuito de evidenciar os seus meritos intellectuais, o titulo de socio desta agremiação.

Documento o asserto, indicando a pagina 48 do *Dias de Luz*, o livro em apreço.

O fato, com o seu tanto ou quanto de imponderavel, não é imperceptivel e dispensaria ser evocado em ocasião tão solene, se não abrisse caminho a considerações, a meu ver, oportunas.

Do Instituto não é licito dizer-se em tempo algum que tivesse passado «em branca nuvem» ou adormecido «em placido repouso», expressões que, em versos ditos e reditos, o poeta exarou como o sentimento melancolico da ausencia de movimento e de ação.

Do Instituto o que se averba é que—estando nas vesperras de completar 50 anos,—triste conjuntura na vida de uma mulher! triunfante paragrafo na crónica de uma associação! — jamais sofreu desfalecimentos nos passos para atingir a sua alta finalidade. Não

(*)—Pronunciado em sessão do INSTITUTO, por ocasião de ser recebida sócia efetiva.

Fonte: Instituto do Ceará.

Alba Valdez, consciente do modelo retórico e do conteúdo que tinha que compor seu pronunciamento ao ser recebida como sócia efetiva do Instituto do Ceará,

logo encontrou o que dizer: ressaltar a relevância do Instituto do Ceará no meio intelectual, artístico e social, assim como mostrar conhecimento sobre sua antecessora Júlia Vasconcelos e ilustrar gratidão e honra de fazer parte de tal instituição.

Ela dispôs e organizou as informações respeitando a lógica e o grau de importância: reconheceu a grandeza do Instituto e sua função fundamental para produção e divulgação do conhecimento; narrou a trajetória de Júlia Vasconcelos, sua antecessora, preocupando-se em legitimar as informações a partir dos depoimentos de ex-alunas e colegas de profissão.

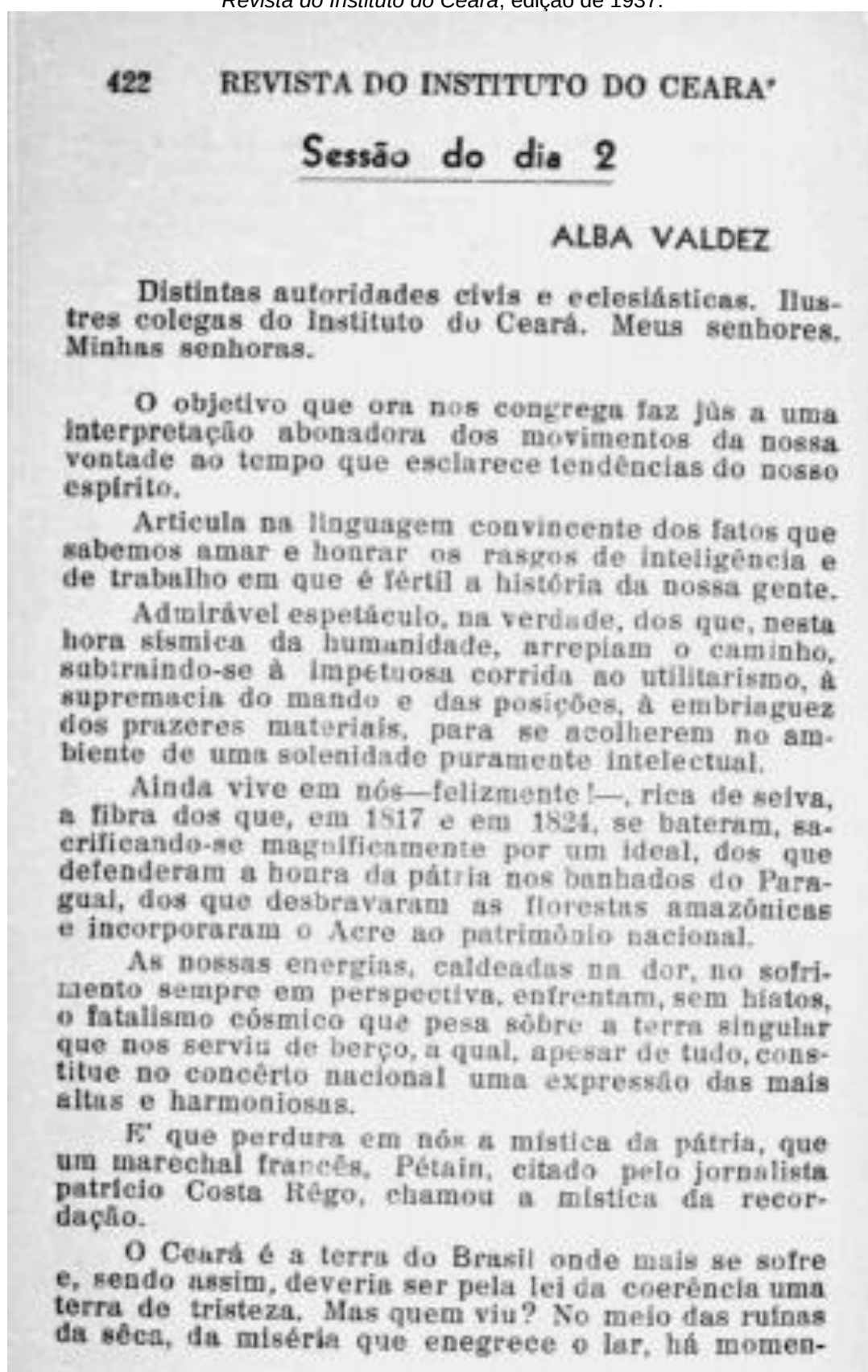
Para ornamentação linguística ela procurou ser formal, utilizar linguagem culta, mas de fácil entendimento, fez referências a sua admiração pelo Instituto do Ceará, citando-o em um de seus romances, demonstrando que 19 anos antes a associação já era reconhecida como símbolo da produção do conhecimento e guardiã da história do Ceará e do Brasil. Assim, ela abriu sua fala na clara tentativa de cativar seu público.

Associando o Instituto do Ceará as suas memórias e história ela ressignificou o discurso que iria proferir, estratégia que com certeza foi fundamental para facilitar a memorização do discurso elaborado. Ela também respeitou as recomendações de descrever e refutar as controvérsias ao seu discurso, fortalecendo a tese da relevância dessa associação para divulgar e manter o patrimônio histórico e cultural do Ceará, amplificando os argumentos que defendeu. Ainda usou um gracejo para interagir com a audiência:

Do Instituto o que se averba é que – estando nas vésperas de completar 50 anos, - triste conjuntura na vida de uma mulher! Triunfante parágrafo na crônica de uma associação! – jamais sofreu desfalecimentos nos passos para atingir a sua alta finalidade (VALDEZ, 1936, p.197, *grifo nosso*).

Na *Revista do Instituto do Ceará* de 1937 circulava outra publicação de Alba Valdez, mais um discurso, um pronunciamento em homenagem ao cinquentenário do Instituto do Ceará, em que escolhera como mote o progresso intelectual das mulheres. Introduzira o assunto com destreza, após homenagear os feitos e a perenidade da instituição e reconhecer a relevância do Barão de Studart, presidente daquela casa de intelectuais.

Figura 98 - Publicação de "Discurso em homenagem ao Quinquagenário do Instituto do Ceará" na *Revista do Instituto do Ceará*, edição de 1937.



Elegemos esse como o melhor discurso que Alba Valdez publicara, pela coragem e astúcia com que defendeu sua tese, um registro completo que não pode ser ignorado por quem pretende tratar da escrita das mulheres no Ceará. Destarte, observamos ser essa produção a mais citada de Alba Valdez em vários trabalhos Acadêmicos que versam sobre as mulheres cearenses.

Alba Valdez nesse discurso procura atingir o público através da vinculação de fatos históricos heroicos a identidade do povo cearense, como a Confederação do Equador, a Guerra do Paraguai e a colaboração da ocupação da Amazônia e incorporação do Acre ao território brasileiro. A autora também resume a história do Instituto do Ceará fazendo uma analogia com a intempérie climática da seca:

Qual há sido a regra geral, o destino dos nossos grêmios culturais? Vegetações que morrem na primeira fase de crescimento. [...] quanto ao Instituto, até dá vontade de comparar a essas árvores gloriosas do sertão, que perfilam, as bravas raízes enterradas na areia ardente, o juazeiro, a oiticica – verdes que fazem gosto! – resistindo a seca. Porque o Instituto passou pelo crisol da seca (VALDEZ, 1937, p. 423).

Ela esclarece que a seca a que se refere é uma seca moral que procura desestimular a atividade intelectual, que ela vai citar novamente depois que introduzir sua temática: a atividade intelectual das mulheres no Ceará, fazendo um resumo da história das mulheres nas terras cearenses, não apenas elencando fatos, mas apresentando uma perspectiva crítica sobre instrução feminina, o lugar social das mulheres, o protagonismo feminino na história do Ceará, citando nomes de patricias que se destacaram.

Essa produção de Alba Valdez narra a história da escrita das mulheres, e mostra a consciência que ela tinha da importância da imprensa para o desenvolvimento intelectual das mulheres e do Ceará. Observamos que todo o discurso a tese da oradora é fundamentado em fatos históricos, exemplos, citações de obras de autores renomados, como o Barão de Studart e Antônio Bezerra, o que legitima sua fala. No fecho de seu discurso ela salienta que mesmo em condições adversas houve mulheres que transgrediram a imposição social:

Pesados, *ultima ratio*, os motivos de ordem geral, o meio ambiente com os seus prejuízos e mentalidade estática, a falta de convívio espiritual, onde tivessem notícias do progresso que civiliza, todas as circunstâncias, enfim, oriundas do clima social, que enlanguescia qualquer floração estranha – essas mulheres projetaram-se para o

alto. Excederam do tempo e do espaço. Bem merecem que se as relembre com admiração e simpatia (VALDEZ, 1937, p. 430).

Alba Valdez citou ao longo dessa produção as seguintes mulheres: Bárbara Pereira de Alencar, Ana Triste, Jovita Feitosa, maria Tomásia Figueira Lima, Emília de Freitas, Francisca Clotilde, as irmãs Amélia e Olga Alencar, Antonieta Clotilde, D. Maria Felismina, Ana Facó, “e outros espíritos femininos que, no jornalismo, exerceram atuação didática, literária ou doutrinária” (VALDEZ, 1937, p. 430). Ela também enriqueceu seu discurso com referências a vários periódicos que abrigaram ou foram criados para dar lugar a palavra das mulheres.

A escritora, modestamente como recomendava a retórica da época, citou-se com discrição e elegância nesse meio intelectual feminino, mas, justiça seja feita, Alba Valdez foi uma das mulheres que mais produziu no Ceará entre o final do século XIX e meados do século XX. Nossa pesquisa comprova isso, sem a sensação de esgotamento, pelo contrário, estimula-nos saber que ainda há muito a ser descoberto sobre a obra dessa autora.

Em busca de outros rastros literários de Alba Valdez pela imprensa, seguindo pela bússola diacrônica nos vemos diante do retorno à Academia Cearense de Letras, o que nos leva a consulta da *Revista da Academia cearense de Letras*¹²⁴. Na edição 1938 desse periódico nos deparamos com a publicação de “Uma conversa no Café Art-Nouveau”.

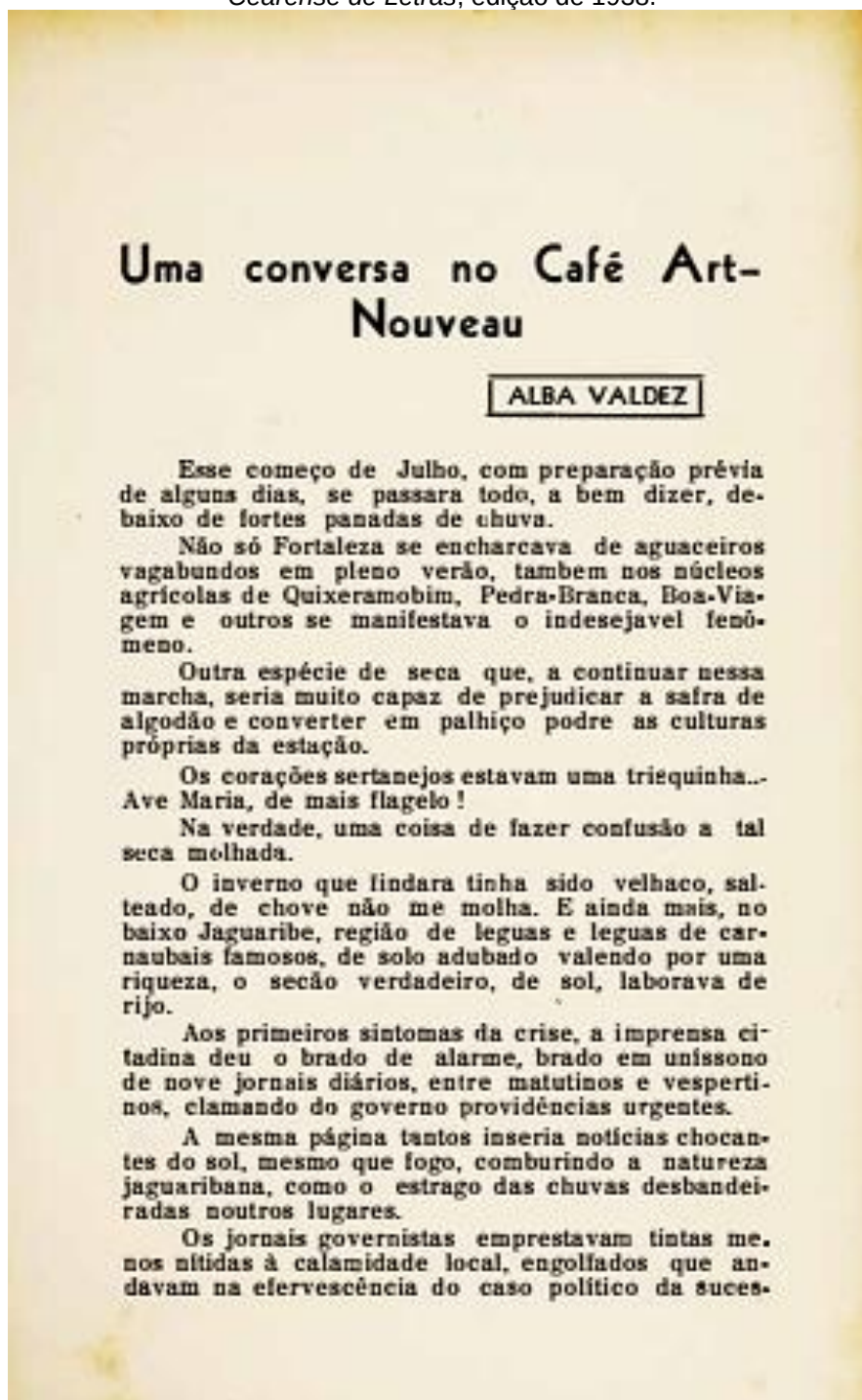
Tratava-se de um conto que tinha como personagem um jornalista, que vivia as agruras da inconstância da profissão, causada pelo abrir e fechar dos periódicos, característica da imprensa dos anos oitocentistas e início do século XX. Tratava-se de Fábio Lelis, diretor de um jornal denominado *Trincheira*, que desde a infância já criava e distribuía seus jornaizinhos manuscritos, o que é revelado a partir de um narrador onisciente que expõe a infância, o presente e as aspirações do jornalista.

O título é justificado na conversa entre Fábio Lelis e um outro jornalista, o José Maria Braga, como os dois já haviam trabalhado juntos em outro empreendimento jornalístico que também fechou, dialogavam sobre amenidades, “contação de causos”.

¹²⁴ A pesquisa no acervo desse periódico pode ser realizada na página da Web da Academia Cearense de Letras, ou ainda através da consulta física, em alguns exemplares, na biblioteca da instituição.

O espaço físico em que se desenrola a conversa é o Café Art-Nouveau, que se localizava conforme o narrador do conto na Praça do Ferreira, lugar mais movimentado da cidade de Fortaleza, ideal para quem quer saber as novidades do dia a dia.

Figura 99 - Publicação de “Uma Conversa no Café Art-Nouveau” na *Revista da Academia Cearense de Letras*, edição de 1938.



Fonte: Academia Cearense de Letras.

O conto apresenta a vivência do jornalista que ama a profissão e convive rotineiramente com a frustração, o enredo é introduzido a partir de uma narrativa que se centra numa crítica a intencionalidade da imprensa, mostrando que a notícia depende mais da forma como ela é narrada do que do fato que motiva a escrita. Alba Valdez nos conduz a perceber que a imprensa pode ser seletiva e tendenciosa, como também nos alerta para o perigo disso, ao constatar a partir de seu personagem que “a imprensa era uma arma poderosa, pelo tempo adiante, convenceu-se de que ela há feito mais revoluções que as outras” (VALDEZ, 1938, p. 33).

Em contraponto a autora mostra através de seu personagem também que existem os que pretendem fazer da imprensa órgãos dedicados aos interesses da coletividade, como almejava Lelis: “Desligados de partidos políticos, por decepções sofridas, Fábio Lelis, diretor, baixo, rosto vermelho, [...] fundador de três jornais com esse, queria que Trincheira fosse, antes de tudo, um órgão dedicado ao bem público (VALDEZ, 1938, p. 33).

Ao finalizar a publicação, entre parêntese Alba Valdez sinaliza que este seria o “capítulo inicial de um romance em preparo” (VALDEZ, 1938, p. 35). Porém, constatamos que esse romance nunca foi publicado. Embora houvesse indícios de que Alba Valdez estaria escrevendo um romance de costumes, que em breve publicaria nova obra em formato de livro, isso nunca ocorreu, ficando apenas esses embriões que aguçavam as expectativas de seus leitores.

Ademais, no ano de 1938, identificamos em um tomo especial da *Revista do Instituto do Ceará* uma publicação de Alba Valdez sobre o Barão de Studart, que falecera neste ano. Tratava-se de uma homenagem póstuma da associação que ele fora sócio fundador e presidente, “Barão de Studart: a sua operosidade intelectual” (ANEXO B).

Figura 100 - Publicação de "Barão de Studart: a sua operosidade intelectual" na *Revista do Instituto do Ceará*, edição de 1938.

Era impossível, a quem, como eu, não estava acostumado, copiar atentamente e ler as incríveis caligrafias setecentistas, com o continuo deflagrar de dinamites demolindo o Morro do Castelo.

HUGO VICTOR

BARÃO DE STUDART

A sua operosidade intelectual

Como um firme e vigoroso traço a sublinhar os diversos aspectos da personalidade do Barão de Studart, médico, católico e historiador, manifesta-se a sua operosidade intelectual, que, pode-se dizer, se exerceu até à última fase da sua notável existência.

Trabalhou sempre e jamais cansou.

Trabalhou tanto, que a pequena estatura, contrastando com o grande espírito, vergava mais pelo longo sedentarismo da vida de gabinete do que pelo lastro dos anos.

Dedicou-se tanto às pesquisas e aos estudos, para a construção da sua vultosa e substancial obra histórica, que se lhe apagou a luz das pupilas.

Trôpego e cego! Outro se mergulharia na inatividade, que é o aniquilamento. Nele, porém, o homem intelectual estava acima do homem físico. Aquele sobrepujava, anulava este.

Era a célula mais dinâmica do Instituto do Ceará. Durante anos a fio, foi o sustentáculo da sociedade, à qual faltava o calor das sessões, a seiva gregária.

Os companheiros de luta, uns haviam tombado para sempre, outros rumado novos horizontes, outros fraquejado, porventura, no caminho de aclives e declives fatigantes.

As agremiações literárias e científicas, entre nós, tinham, em regra geral, a durabilidade dos fogos de palha.

Mas os observadores da evolução mental ficavam como que traspassados de surpresa com uma coisa que se estava passando no meio ambiente, uma

A composição exalta a força intelectual do Barão de Studart, na qualidade de uma homenagem póstuma, o viés laudatório de exaltação dos feitos do falecido presidente do Instituto do Ceará já era previsto, principalmente que outras produções anteriores mostravam a admiração da escritora por esse intelectual.

Essas revistas de associações intelectuais tinham seu público seletivo, pessoas com instrução e/ou interesses em história, ciências e belas letras. Elas eram parte importante de uma rede de sociabilidade que se estabelecia entre as organizações do mesmo tipo que existiam em âmbito nacional e internacional, portanto, as revistas eram enviadas às outras entidades de fins intelectuais, culturais e artísticos.

Observamos que elas tinham a relevante função de divulgar e valorizar as produções de seus sócios, como também, cumpria a missão de garantir os registros para posteridade dos sócios e suas obras, visto que, elas possibilitam o resgate daqueles que foram esquecidos, como Alba Valdez.

Em vista disso, a persistência que empreendemos nas consultas ao acervo da *Revista do Instituto do Ceará* permitiu-nos o recolhimento, na edição de 1939, de mais uma produção de Alba Valdez: “Um Tumulto (excerto)”. Este texto foi citado no levantamento bibliográfico que Barreira (1962) realizou sobre Alba Valdez, em notas de rodapé, como também, foi publicado, postumamente, na recente publicação do livro de Odalice Silva (2019).

Figura 101 - Publicação de "Um tumulto (excerto)" na *Revista do Instituto do Ceará*, edição de 1939.

UM TUMULTO

(EXCERTO)

ALBA VALDEZ

Esse movimento reacionário, todos o sabem, estalou de repente na capital, degenerando em revolução. Pelo menos, a população fortalezense não a esperava por aqueles dias.

A fuzilaria reboou, sacudiu a cidade pelo espaço de trinta-e-três longas horas. A princípio (tantas eram as angústias!) não se pensou na falta de viveres que se sentia em um número considerável de casas de família e só muito tarde se avallou a situação precária.

Foi quando mais me cresceu o amor pela paz e o ódio por tudo que exala guerra.

Não nutro esses extremos pela vida, também por nonada não a sacrifico, não anelo morrer. Mormente de fome. A nossa casa estava desprevenida. Na dispensa havia uma escassa provisão de cereais, mas quem sabia até onde iria aquele silvar de balas que já vitimara algumas pessoas?

O céu escuro peneirava uma neblina fria e constante. Ainda mais aquela neblina...

O disparo de rifles, por umas centenas de populares, prosseguia em diversos pontos da capital, dia a fora, noite a dentro, com intermitências.

Quando findaria o tétrico espoucar?

O pequeno estoque alimentício carecia de suprimento e o instinto de conservação iniciara já o seu toque de rebute.

A *chance* manifestou-se então sob a forma do merceiro do quarteirão, fornecendo, por preço elevado, uma carne-do-sul velha e má.

Esta narrativa de Alba Valdez construiu-se sobre o alicerce da relação entre a história e a ficção. Temos consciência, a partir de Ricoeur (2010) e Certeau (2011), que as narrativas históricas e ficcionais possuem fronteiras tênues. Por conseguinte, nossa leitura logo considerou que há nessa produção de Alba Valdez a clara referência aos acontecimentos que marcaram o final do governo da oligarquia dos Aciloli no Ceará, mais especificamente ao período em que ocorrera ao momento da revolta popular armada contra os desmandos e desigualdades que caracterizavam a oligarquia Aciolina (FARIAS, 1997). O “tumulto” o que intitula a crônica teria ocorrido no dia da fuga de Nogueira Acioli e sua família depois de uma negociação entre o governo federal com os líderes da Revolução. Ressaltemos que estes pormenores das causas do tumulto não são mencionados na publicação, são inferências que fazemos com base nos relatos da história do Ceará (FARIAS, 1997).

No entanto, não foram os fatos histórico-políticos que mais atraíram a atenção nessa produção de Alba Valdez, mas, foi sua reflexão sobre a escrita da história, a deturpação do fato pela ignorância ou qualquer outra motivação. Assim, a narradora ao perceber a correria busca entender o que está havendo, e perguntando a um homem que parecia indiferente ao alvoroço, este responde:

- Foi um tal de Muniz que mandou o home toma conta. [...] Desapontei, a resposta não primava pela clareza. Fazia-se mister uma exegese do enunciado. Olvidei por instantes as apreensões tristes e atirei-me a tarefa, começando pela parte mais fácil, o fim: - *o home toma conta*. O *home* – Doutor Nogueira Acioli, ex-presidente do Estado, que estava refugiado no quartel-general. *Tomá conta* – reassumir o governo do Estado. Restava saber quem fosse *o tal Muniz que mandou*. [...] Sim, era isso, o nome fora ouvido mal ou corrompido de maneira assombrosa, incrível, pelo analfabeto. *Muniz* traduzia-se por *ministro*. [...] O ministro... E o homenzinho a propalar que era um *tal de Muniz*. Assim é que muitas vezes se escreve a história (VALDEZ, 1939, p.61-62).

Ao ler o relato de Alba Valdez e buscar as referências históricas em periódicos da época, como o *Pátria* (1912), *Jornal do Ceará* (1910-1912) e *O Rebate* (1912), como também manuais de história do Ceará (FARIAS, 1997) fomos conduzidos a outras reflexões para compreensão da narrativa. Precisamos considerar estes fatores: a censura e intencionalidade da imprensa; o critério de seleção dos acontecimentos; e o cuidado com a construção textual tanto no texto historiográfico quanto ficcional e literário, como adverte Lima (2006) em suas análises sobre história, ficção e literatura, uma vez que, isso interfere na produção e recepção do texto.

comentários cada uma dessas pequenas obras primas.)” (*REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS*, 1939, p.13).

Esse comentário, espécie de epígrafe da publicação nos informa que a escritora declamou esses poemas e fez sua crítica literária na tribuna da Academia Cearense de Letras. A leitura da revista na íntegra nos leva a constatação de que esta edição é uma homenagem ao centenário de nascimento de Machado de Assis. Todas as publicações exploram temáticas ligadas ao escritor e sua obra, e estas foram, primeiro, apresentadas em sessão solene destinada a exaltar o autor, considerado, junto a José de Alencar, as duas maiores expressões da literatura brasileira.

Enfatizamos, portanto, que os periódicos brasileiros são o berço da crítica literária, como nos historiciza Barbosa (2007, p.71): “primeiramente, a partir das notícias biobibliográficas, do lançamento de livros, muitas vezes retirada de outros jornais, alguns estrangeiros”. Isso ocorreu várias vezes com a obra de Alba Valdez que tem seus dois livros divulgados e apreciados pelos jornais da primeira década do século XX. Inclusive, neste mesmo periódico, em edição de 1902, encontramos na seção “Resenha Bibliográfica do ano” uma crítica negativa a obra *Em sonho...fantasias* (1901).

A crítica literária breve enunciada por Alba Valdez caracteriza a obra de Machado de Assis como marcada pela “filosofia cuja essência é a dúvida, quiçá a negação”; que fizeram desse autor um analista amargo com relação a humanidade. Ela vê sua escrita marcada pelo humor e pelo sarcasmo, por um desencantamento contínuo, uma insatisfação, ceticismo, intelectual introvertido, mas que o soneto dedicado à sua esposa Carolina, mostra também ser afetuoso e sensível (VALDEZ, 1939, p. 13-17). Acrescentamos que essa produção de Alba Valdez circulou ao lado de homenagens também de Antônio Sales, Dolor Barreira, Demócrito Rocha entre outros.

Na *Revista da Academia Cearense de Letras* identificamos na edição de 1940 uma narrativa de memória “Nosso lar, nossa escola”, em que Alba Valdez narra parte de sua infância, descrevendo sua vida em família e na escola das primária.

Figura 103 - Publicação de "Nosso lar, nossa escola" na Revista da Academia Cearense de Letras, edição de 1940.

Nosso lar, nossa escola

ALBA VALDEZ

Eu e meus irmãos (eram quatro, um menino e três meninas) fomos nascidos e criados sob um regime patril-
eal severo.

Parte da infância e da adolescência passaram nos
ângulo da rua Santa-Isabel, escondido pelo rodar do bonde
que fazia alternativamente a linha da "Fábrica de Fiação e
Tecidos Pomapeu" e do antigo matadouro, e onde meu pai
possuía uma loja de secos e molhados, que, com algumas
pequenas propriedades de aluguel, nos proporcionava regu-
lar existência.

Por essa época, a rua de Santa-Isabel apresentava
um aspecto muito mais modesto do que hoje.

O maior número das suas construções constava de
casuchas de taipa com lajeiras, que, por ocasião das chu-
vas, formavam cachoeiras em miniatura e deixava as quais
se vinham banhar os filhos pequenos dos moradores, soltan-
do exclamações e gritos de alegria.

Im, às vezes, até o meio da rua, despidos como es-
tavam, dando pinotes, e voltavam do mesmo modo, aos
chamados irritados das mães, que, entre mimos e tapas, os
botavam para dentro.

As casuchas, habitadas por trabalhadores e operários,
como que envergando-se do seu pauperismo, retratavam-se
atrás das casas maiores, de tijolo, que se erguiam, altaneira-
das, dentro do alinhamento. Na frente das outras, estas as-
sumiam o ar de donas da rua.

Aí, nesse trecho de arrabalde de Fortaleza, a existên-
cia decorria sossegada, tão sossegada, que realmente se tor-
nava monótona. Principalmente para nós, eu e meus ir-
mãos, filhos do maior negociante da redondeza, o qual nu-
tria idéias especiais sobre a educação doméstica.

47

Nosso lar, nossa escola

Uma dessas idéias era que a família devia viver den-
tro de casa, afastada quanto possível do bulício exterior,
de certas vizinhanças em que ele assinalava desgostos e peri-
ços. Boa razão faz quem em sua casa está em paz.

Como se vê, meu pai era um produto típico dessa
civilização que filósofos e sociólogos modernos incluem no
ciclo que denominam de — ciclo agrícola.

Homem do campo, apesar de longa permanência, ma-
nifestou-se sempre um desambientado na metrópole da sua
provincia, apertando a noção de 77, que o tempo para
fora do ar livre e oxigenado das suas lavras e da sua fa-
zenda de gado em São-Francisco do Uruburetama.

E se para lá não regressou, ao cair das chuvas do
ano de 1880, foi porque pensou inteligentemente nos filhos
a educar.

Jamais deixou, porém, a rígida influência da tradição
do conservantismo rural, porventura a linha mais nítida
do seu caráter.

O nosso tempo de meninos repartia-se entre a escola e
o lar. Brincar? Brincávamos, conforme as instruções pater-
nas, dentro de casa, com as nossas bonecas, lendo livros de
história, depois de estudadas as lições do dia seguinte.

Para o nosso irmão, meu pai mandou armar no quin-
tal, num cajoteiro frondoso, de galhos que varriam o chão
arroz, um trapézio, de que nós, as meninas, nos utilizá-
vamos, às escondidas, dando cada balanço que faria medo.

De tardinha, era mais que certo, bem banhados e
penteados, roupa mudada, sentamo-nos à calçada, muito
quiéticos nas cadeiras, com madeira de gente grande.

Dai a pouco surgia e a meninada das casinhas de
taipa começava a ajuntar-se para o outro lado, no quartei-
rão sem calçamento, e colocando-se em círculo, aos pulos,
tocava a cantar, dançando, as cantigas de roda.

Que animação! E que vontade que nós tínhamos de
abandonar as cadeiras, saltar para a areia, misturá-nos
com o pessoalinho que se divertia, rodar com ele, cantar
com ele a cantiga da "Senhora Dona Cida":

Senhora dona Cida,
Coberta de ouro e prata,
Descubra o seu rosto,
Que queremos ver-lhe a cara.

Mas não experimentávamos essa delícia e às 8 horas,
pois mais ou menos, quer tivéssemos sono, quer não, re-

Revista da Academia Cearense de Letras

48

coltávamos para dormir. Era a lei. Dormir cedo e amor-
dar cedo, condições preceituadas de saúde, de vigor.

O horário escolar começava às 9 horas da manhã e
terminava às 2 da tarde. Antes da saída, cada um de nós
recebia de minha mãe dois vinténs, destinados à merenda
na escola.

Disserão naquele tem, de câmbio a 27! O Brasil
comprava então, a preço vil, comparado com o atual, a li-
bra esterlina. Com 40 réis enchíamos de bananas e laran-
jas as nossas cestas, que esbarrotavam. Por consideração
alguma, queríamos perdê-las, esforçando-nos porque as nos-
sas sacrisas não fossem desvalorizadas nem por M nem por
P (Mau, Péssimo).

A escrita era uma folha de papel almaço, contendo
exercícios de caligrafia nos três tipos, bastardo, bastardinho
e cursivo, questões de aritmética, de português e de outras
matérias constantes do ensino primário. No espaço em
branco, à semelhança do que se observa em ofícios e pe-
tições, a professora, com a pena, rasgava as notas, designa-
das pelas iniciais dos nomes das mesmas: O, ótimo; B,
bom; E, satisfatório; M, mau; P, péssimo.

Ainda me lembro — e como havia de o esquecer? —
que a grafia do M e do P se representava por um desenho
espelaculoso, berrante, porque traçado com a potencialidade
da pena molhada, como que um sublinhado afim de chamar
a atenção do aluno preguiçoso e sem gosto.

Um dia, em que não houve aula, meu pai mandou-
nos chamar à loja e, assim que nos apresentamos, expli-
cou-nos que desejava saber qual de nós lia mais correntemente.

Lamos voltar nas mesmas pisadas para trazer os nos-
sos livros, mas avisou-nos que se tornava desnecessário, ali
havia coisas que os substituíam perfeitamente. E foi-nos in-
dicando os livros de gramática, caixas, latas, menus, pa-
cotes.

Era um processo original de examinar leitura, tanto
mais que os dissera das embalagens e envoltórios das mer-
cadorias estrangeiras se exprimiam nos idiomas dos lugares
de origem.

Percebendo o nosso atarantamento, sorriu gostosa-
mente. Pronunciávamos as palavras como se achavam es-
critas. Procedendo assim, obedecia a um critério muito
seu de julgar o nosso adiantamento. Critério absolutamen-
te inédito.

A prova, realizada nos intervalos em que não apare-
ciam freqüentes, decorria divertida. Que complexão no de-

49

Nosso lar, nossa escola

letrar os rótulos das caixas de fósforos, que eram importa-
das da Noruega ou da Suécia! Ou desta ou daquela, não
era. Naquele tempo, dando-se a lição de países da Euro-
pa, ensinava-se: "Reino da Suécia e Noruega, capitais
Estocolmo e Cristiana." As palavras que víamos nos ro-
tulos eram abundantes de grupos consonantais e muitas se
pontilhavam de tremas. John's Kipling's... Sei lá... Sei
lá... Conhecer de cor o latim, pronunciando, entretan-
to, as palavras a meu modo, mas só para mim. Esse fato,
na aparência irrelevante, incutiu-me mais tarde o desejo de
aprender línguas.

O singular exame de leitura a que acabávamos de
submeter-nos enlou bem no espírito de meu pai. Conversa-
ndo com minha mãe, após o jantar, ele fez boas referên-
cias à nova agulha intelectual. Virgem! Replacendi-
mos de alegres!

Já era tempo de dizermos qual a nossa voca-
ção — incinosa meu pai, deitando significativo olhar para
minha mãe.

O primeiro a ser consultado foi o menino, que ficou
indeciso, olhar parado, sem responder. Acabá-lo-in o
presentimento de que desaparecerá cedo? Ele respondeu
logo que desejava ser professor. Meu pai aprovou entor-
tadamente a idéia.

— Sim, embora! Ótima ocupação para mulher. Não
vin outra que se lhe avantajasse. E você?

Minhas irmãs, sorrindo mansamente, baixaram os
olhos.

Muitos anos depois, evocando esse, entre outros fatos
da nossa infância, elas explicaram o seu silêncio naquele
momento. Se não temessem falar com o respeito a meu
pai, ter-lhe-iam respondido que a sua vocação era o casa-
mento... E não brincavam. Eu também falava sério, tan-
to que, terminado o curso primário, entrei para a Escola
Normal. Era um chuveiro dia do principio de Março.

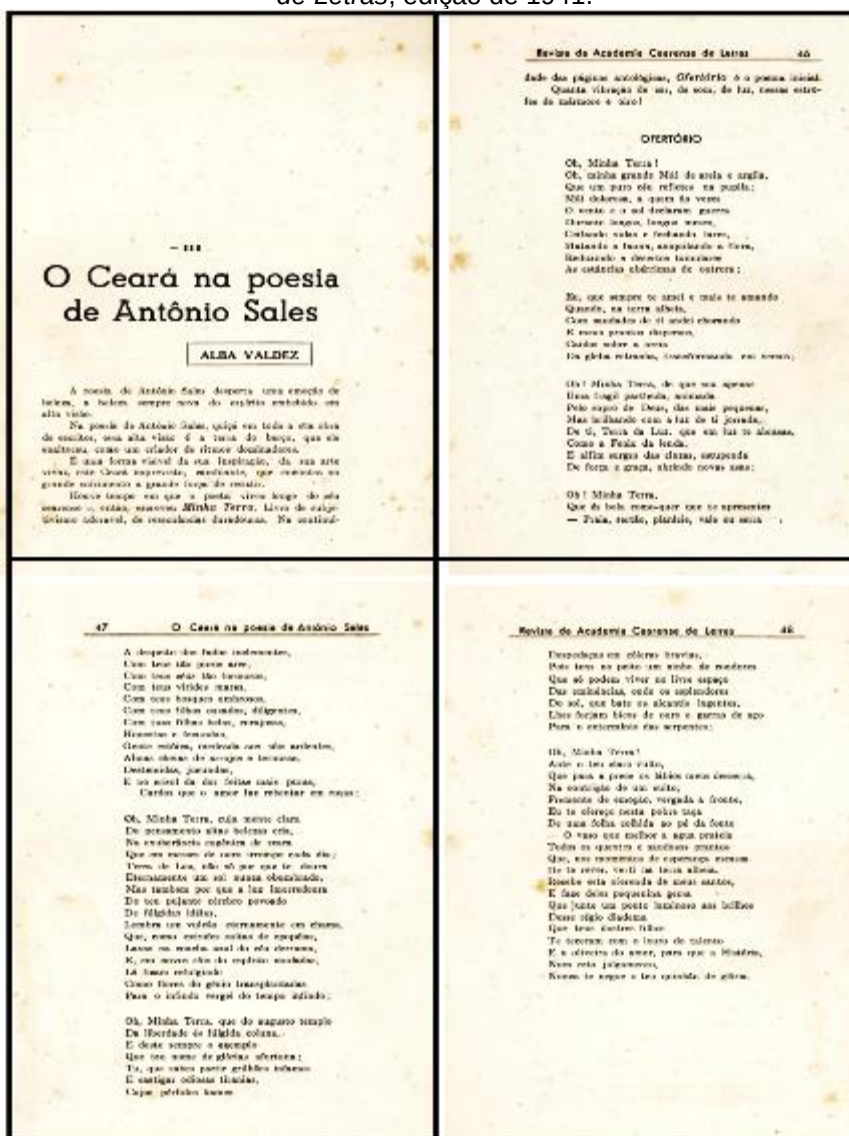
(Do livro inédito "Alguns resgatos da minha
vida")

Não nos deteremos nessa publicação para evitarmos redundâncias, uma vez que ela foi bastante explorada no segundo capítulo, para registrar a trajetória biográfica de Alba Valdez, e ainda será examinado no tocante das análises de memória e escrita de si no quarto capítulo.

Contudo, queremos destacar que após o desfecho dessa publicação a autora renova as expectativas de seus leitores para um novo romance que ela denominou “Alguns registros da minha vida”, mas que nunca foi publicado.

Ao invés dos romances anunciados, o que Alba Valdez publicou em 1941 foi outra crítica literária, à semelhança da análise dos poemas de Machado de Assis, a apreciação de “O Ceará na poesia de Antônio Sales” foi ainda mais concisa.

Figura 104 - Publicação de “O Ceará na poesia de Antônio Sales” na *Revista da Academia Cearense de Letras*, edição de 1941.



Fonte: Academia Cearense de Letras.

Alba Valdez escolheu o poema intitulado “Ofertório” poema para ilustrar seu parecer sobre a poesia de Antônio Sales, renomado escritor e jornalista cearense. A escritora ressalta a “emoção de beleza” que as produções poéticas do autor de *Aves de Arribação* eram capazes de despertar: “uma beleza sempre nova”. Como homem de alta visão, o poeta Antônio Sales foi exilado e escreveu *Minha Terra*, que Alba Valdez assim descreveu: “Livro de subjetivismo adorável, de ressonância duradouras” (VALDEZ, 1941, p. 45).

Escrever sobre seus consórcios da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará, ou de qualquer outra agremiação de intelectuais fazia parte das competências de todos os membros, afinal eles discursavam na sua posse, como também eram recebidos com um discurso, e quando a morte definia sua saída, sua substituição era legitimada também por uma série de discursos. Observamos a partir das atas das sessões da Academia Cearense de Letras que eram publicadas no periódico anual da instituição que rotina dos sócios dessas instituições consistia em rituais de eloquência, em que fazer uso da tribuna era uma formalidade comum.

Quem melhor conseguiu definir a relevância da publicação dos discursos das agremiações de intelectuais foi Afrânio Peixoto (1934), que ao introduzir a coletânea dos discursos dos membros da Academia Brasileira de Letras, denominou esse gênero de “literatura formal dos discursos”, “literatura protocolar”, “páginas de mestres”, ressaltando ser esta a primeira produção acadêmica, “a essência da precária ‘imortalidade’ das academias”... Peixoto (1934, p.15) ainda acrescenta: “Que é de fato um acadêmico? Dois discursos: um, de corpo presente, no dia da posse, e outro, - ai de nós! – já ausentes na posse do sucessor...”.

Nessa proposição, de acordo com a afirmação de Peixoto (1934), quem souber ler os discursos acadêmicos terá acesso a história e a crítica literária, como também a história das próprias instituições, que conferimos a importância devida aos discursos de Alba Valdez no Instituto do Ceará e na Academia Cearense de Letras dentro de sua bibliografia.

Assim, na *Revista do Instituto do Ceará*, na edição de 1947, identificamos outro discurso de Alba Valdez intitulado “João Nogueira¹²⁵”, proferido em sessão especial de homenagem póstuma, que ocorreu no trigésimo dia de falecimento desse sócio da casa de intelectuais proprietária de tal periódico.

¹²⁵ Sócio do Instituto do Ceará que assumira a presidência da associação após o falecimento do Barão de Studart.

Figura 105 - Publicação de “João Nogueira” na *Revista do Instituto do Ceará*, edição de 1947.

JOÃO NOGUEIRA

O “INSTITUTO DO CEARÁ” se reuniu, em sessão especial, dedicada ao seu extinto consócio João Nogueira, no trigesimo dia de seu falecimento.

Nela falou a consócia Alba Valdez em nome do Instituto, e o seu substancioso discurso vai em seguida transcrito na íntegra.

Os sentimentos da família do saudoso morto foram interpretados pelo Dr. Raimundo Alencar Araripe que em frases brilhantes agradeceu a homenagem prestada ao grande cearense.

Discurso de ALBA VALDEZ

Ilustre Sr. Presidente do Instituto do Ceará.

Dignos consócios.

Exmo. Sr. Dr. Raimundo Alencar Araripe.

Meus senhores.

Minhas senhoras.

Reune-se nesta hora, em pública sessão magna, o Instituto do Ceará para reverenciar e exaltar a memória do ilustre consócio Dr. João Franklin de Alencar Nogueira, que a morte abateu na segunda madrugada de dezembro, que há pouco findou.

Palavras mais seguras e ressoantes, exuberando em extensão e profundidade, é que deveriam concretizar aqui a grandeza dos conceitos sobre essa figura de homem, que foi alta expressão da sociedade e das letras históricas cearenses.

Fora de esperar que, indicada para ocupar a posição em

Fonte: Instituto do Ceará.

A escritora apresentou o homenageado, suas origens, religiosidade, telurismo, sua carreira de engenheiro, sua obra, pseudônimos, enfim, exaltou seu caráter a partir do relato de acontecimentos simples e honrosos da biografia deste notável. Esse discurso era um texto longo, de onze páginas que se assemelha a um ensaio

biográfico que não poderia ser publicado em um jornal por sua extensão, cabendo seu formato as revistas.

Assim, a publicação do pronunciamento da autora cearense contribui para história do Instituto do Ceará, tanto quanto do próprio Estado, através da narração de pormenores que envolveram fatos políticos. Conquanto, ainda sublinhamos como relevante no discurso Alba Valdez a referência que faz à eloquência e à retórica, relacionando a primeira à emoção e a segunda à razão: “O sentimento é uma poderosa fonte de eloquência. Eu, nesse extremo, poderia falar. Falar, empregando a linguagem espontânea, sem retórica, da minha emoção” (VALDEZ, 1947, p.237). Isso revela a consciente adesão às tradições da retórica, como método do discurso, e da arte da oratória como arma poderosa para persuasão e convencimento de seu público.

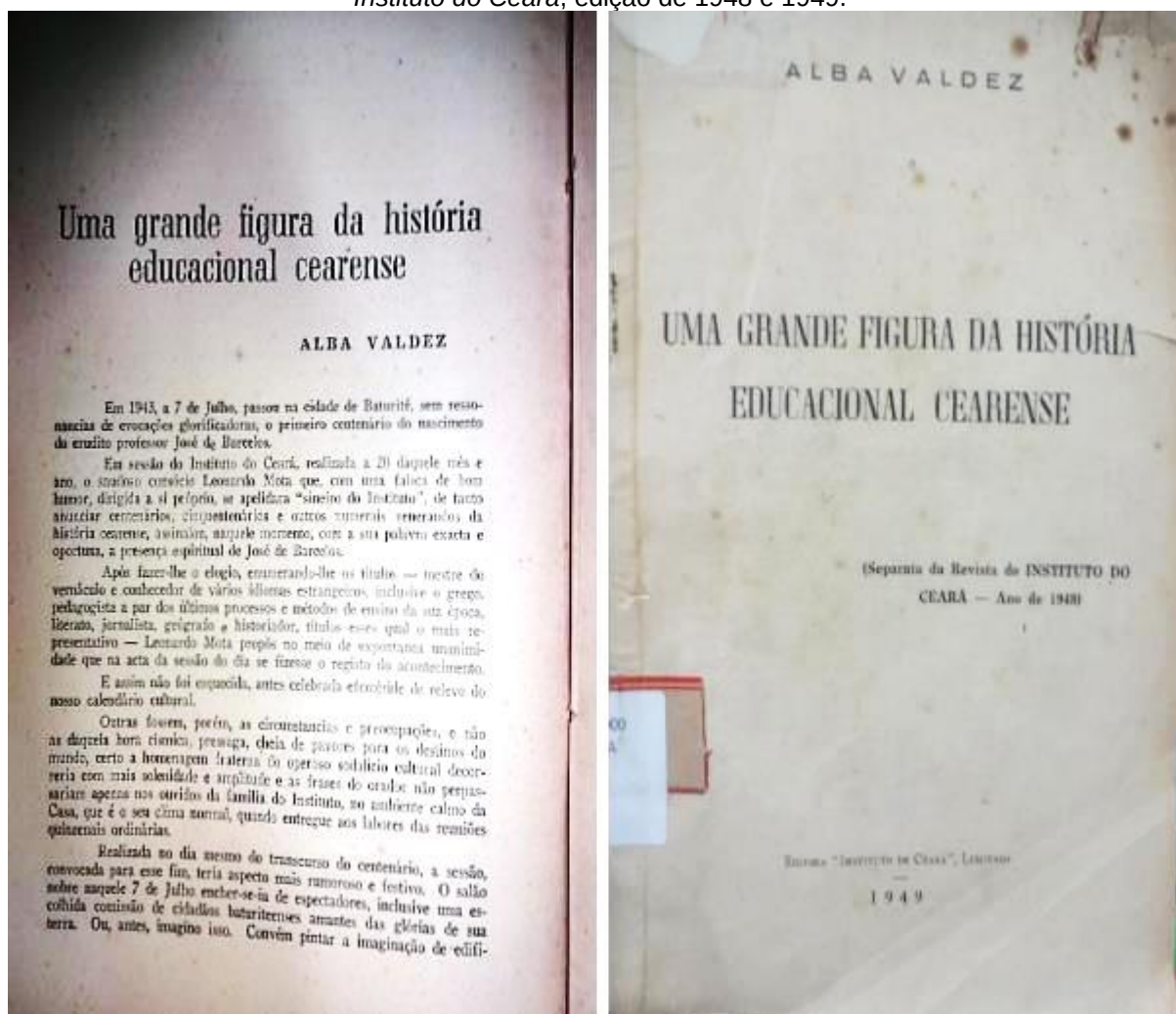
Alba Valdez, como mulher de letras, sócia efetiva das duas mais importantes instituições de intelectuais tinha ainda mais responsabilidade ao proferir seus discursos, pois como única mulher nesses grupos, acumulava a representatividade do gênero feminino e maior esforço para fazer respeitar seu pensamento.

Além de João Nogueira, Alba Valdez também escrevera um ensaio biográfico sobre José Barcelos, homem que fora importante para a educação do Ceará, sobretudo para abertura da Escola Normal, e por conta disso também era parte das memórias da autora que fora normalista, que recorre por vezes as suas reminiscências para exemplificar a dedicação e rigor com que ele desempenhava o magistério, que considerava bem mais que uma profissão, referindo-se ao trabalho como “a santa missão do professorado”.

Há também na obra *Dias de Luz* (1907) várias referências da escritora ao diretor da Escola Normal. Na publicação sobre José Barcelos, Alba Valdez criticou o esquecimento dessa figura que devia contar com as mais solenes reverências, porém ela salienta que seu centenário de nascimento só não passara em branco, porque consócio Leonardo Mota¹²⁶ fizera um discurso em homenagem a esse “mestre do vernáculo”, poliglota, pedagogo, literato, jornalista, geógrafo, historiador. Desse modo, Alba Valdez escreveu e publicou na *Revista do Instituto do Ceará*, edição de 1948, a produção “Uma grande figura da história educacional cearense”.

¹²⁶ Leonardo Mota (1891-1948), cearense, foi um escritor, professor, advogado, promotor de justiça, secretário de governo, tabelião, jornalista e historiador. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito do Ceará no ano de 1916. Pertenceu ao Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras.

Figura 106 - Publicação de “Uma grande figura da história educacional cearense” na *Revista do Instituto do Ceará*, edição de 1948 e 1949.



Fonte: Academia Cearense de Letras.

Alba Valdez também publicou este ensaio “Uma grande figura da história educacional cearense” em 1949, em Separata da *Revista do Instituto do Ceará*. Encontramos esta Separata na Biblioteca Mozart Monteiro, na Casa Juvenal Galeno, com registro de catalogação datado de 6 de junho de 1974, o que nos leva a deduzir que este foi um dos volumes doados pelo professor, escritor e jornalista Mozart Monteiro, sobrinho de Alba Valdez, que lembramos: doou, por ocasião do centenário de nascimento da escritora, todo acervo e arquivo dele, que continha as obras da Tia, correspondências, cartas, documentos e manuscritos de grande valor histórico.

Nossa leitura desta produção na *Revista do Instituto do Ceará* (1948) e da Separata - impresso que contém, à parte, os artigos publicados em um jornal ou revista, possuindo a mesma configuração tipográfica – que fora publicada em 1949,

verificou que não houve alterações no texto, tendo ambas publicações conteúdo idêntico, embora em formatos diferentes.

Logo no início deste ensaio ela justificou a singeleza da homenagem feita apenas no discurso de Leonardo Mota de 7 de julho de 1943, e não com realização, merecida, de uma sessão especial para homenagear José Barcelos, por conta dos tempos bélicos que abalam o mundo. Porém adiante ela volta a temática do ostracismo:

Em verdade, tal período, todo ele, se salienta pela ação educativa do professor José Barcelos, nome que, hoje em dia, poucos guardam e muitos desconhecem. Quem era José Barcelos? É presumível que esta pergunta, endereçada aos estudantes dos nossos estabelecimentos de instrução, seja respondida apenas por desconsoladora minoria. E a culpa de semelhante omissão quase que não cabe a mocidade estudantil, cuja formação de caráter deve correr parrelhas com cultivo do espírito. Entre nós nos ambientes escolares, inclusive, não é praticado, como fora de esperar, o culto dos obreiros do nosso bem-estar material, moral, mormente daqueles que, à maneira do professor José Barcelos, trabalharam silenciosamente, sem espalhafato, mais pelo patriotismo e pela força dominadora de suas inclinações e tendências do que por ambições pessoais e sede de renome (VALDEZ, 1948;1949, p. 4).

A escritora cearense resumira o processo que mais tarde também a vitimaria, o esquecimento de sua obra e colaboração, tal qual ela observara que ocorrera com José Barcelos. A notoriedade que ela vivenciara em vida fora esquecida, não há nem mesmo nos cursos de Letras um número significativo de estudantes que saibam quem foi Alba Valdez.

Detectamos alguns esforços pontuais para o resgate de sua obra, a reedição do livro *Em sonho...fantasias* em 2017, pela Fundação Demócrito Rocha, alguns pesquisadores do campo da Pedagogia e das Letras, que como nós quer ressignificar sua existência e obra. No entanto isso é muito restrito, o resgate da palavra das mulheres tem que chegar as escolas, como sugeriu Alba Valdez é no ambiente escolar que devemos cultuar nossos autores e autoras cearenses, seguir exemplos como o do Estado do Piauí, que inseriu em seu currículo escolar de Educação Básica a disciplina de Literatura Piauiense.

Prosseguindo nos esforços de publicarmos a produção de Alba Valdez, localizamos nos acervos da *Revista da Academia Cearense de Letras*, nas edições de 1952 e 1953 mais dois exemplos da “literatura formal dos discursos”, denominação dada por Afrânio Peixoto as falas acadêmicas dos membros das Academias de Letras.

Na edição de 1952, Alba Valdez publicou nesse periódico o discurso que proferira na sessão de 20 de dezembro em homenagem ao centenário de nascimento do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, um dos sócios fundadores do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, juiz, professor, jornalista, membro de muitas agremiações literárias e fundador de escolas noturnas e gabinetes de literatura, era pai da professora Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos, que o sucedera no Instituto do Ceará, sendo a primeira mulher nessa associação, a quem Alba Valdez sucedera em 1936.

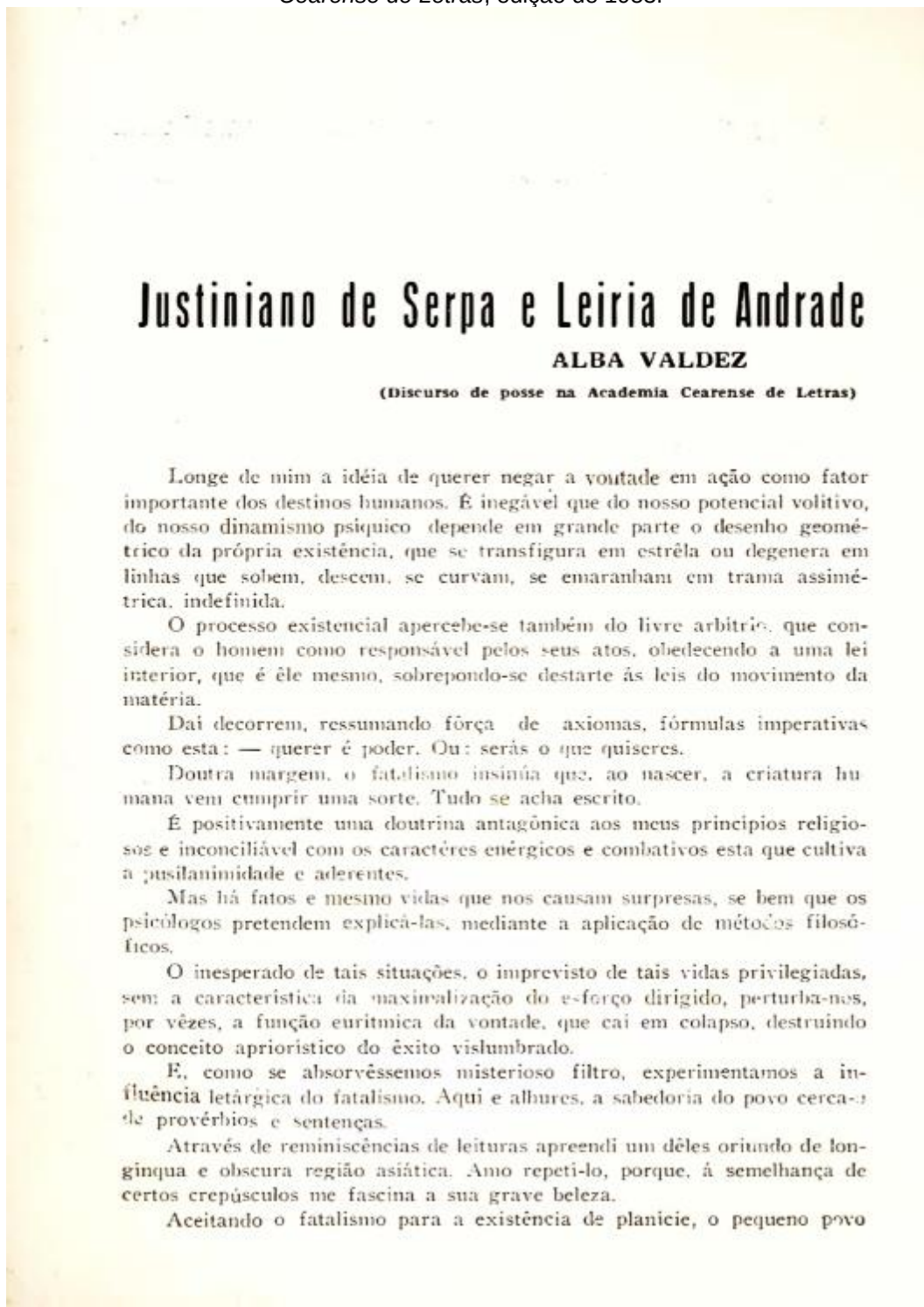
Esta publicação de Alba Valdez registrou e garantiu que esse educador fosse lembrado na história e na literatura cearense pela audiência da sessão no Instituto do Ceará naquele dia 20 de dezembro de 1952, e pelos leitores da revista dessa instituição, na qual a escritora o descreve como “[...] expressão fluente, cantante, harmoniosa, como um verso, na qual muitos percebiam tintas românticas era, porventura, o mais aplaudido orador do seu tempo” (VALDEZ, 1952, p.319).

Também encontramos publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras*, na edição de 1953, o discurso de sua posse nesta sociedade literária. Em uma explanação clara e inteligível e composição polida Alba Valdez seguiu os protocolos para recebimento da cadeira, tratando em seu discurso sobre os que já haviam ocupado a cadeira que ela estava a tomar posse. Assim, a escritora depois de refletir sobre o fatalismo do destino e a determinação humana, relatou sua primeira estada na Academia, sua exclusão e seu retorno, para depois apresentar sua trajetória bibliográfica, justificando o lugar de relevância que Justiniano de Serpa tinha em sua constituição como literata, exaltando o fato de Leiria de Andrade tê-lo escolhido como patrono da cadeira 22 que ela ocuparia.

No discurso de posse Alba Valdez também faz síntese histórica de fatos que marcaram a história do Ceará, inclusive o episódio da jangada Libertadora que conduziu o Dragão do Mar pela Bahia de Guanabara, no Rio de Janeiro, e que fizera dela na década de 1920 protagonista de polêmica no jornal *O Nordeste*. A escritora também dedica linhas de seu discurso para reafirmar sua exclusão da Academia Cearense de Letras e a luta que travara pelo seu direito usurpado de ocupar um assento naquela agremiação.

Alba Valdez fora eleita em 4 de outubro de 1937, seu discurso de posse foi publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras* em 1953, sendo republicado no volume 4, intitulado *Falas Acadêmicas*, da coleção de Antônio Sales, em 1976.

Figura 107 - Publicação de “Justiniano de Serpa e Leiria de Andrade” na *Revista da Academia Cearense de Letras*, edição de 1953.

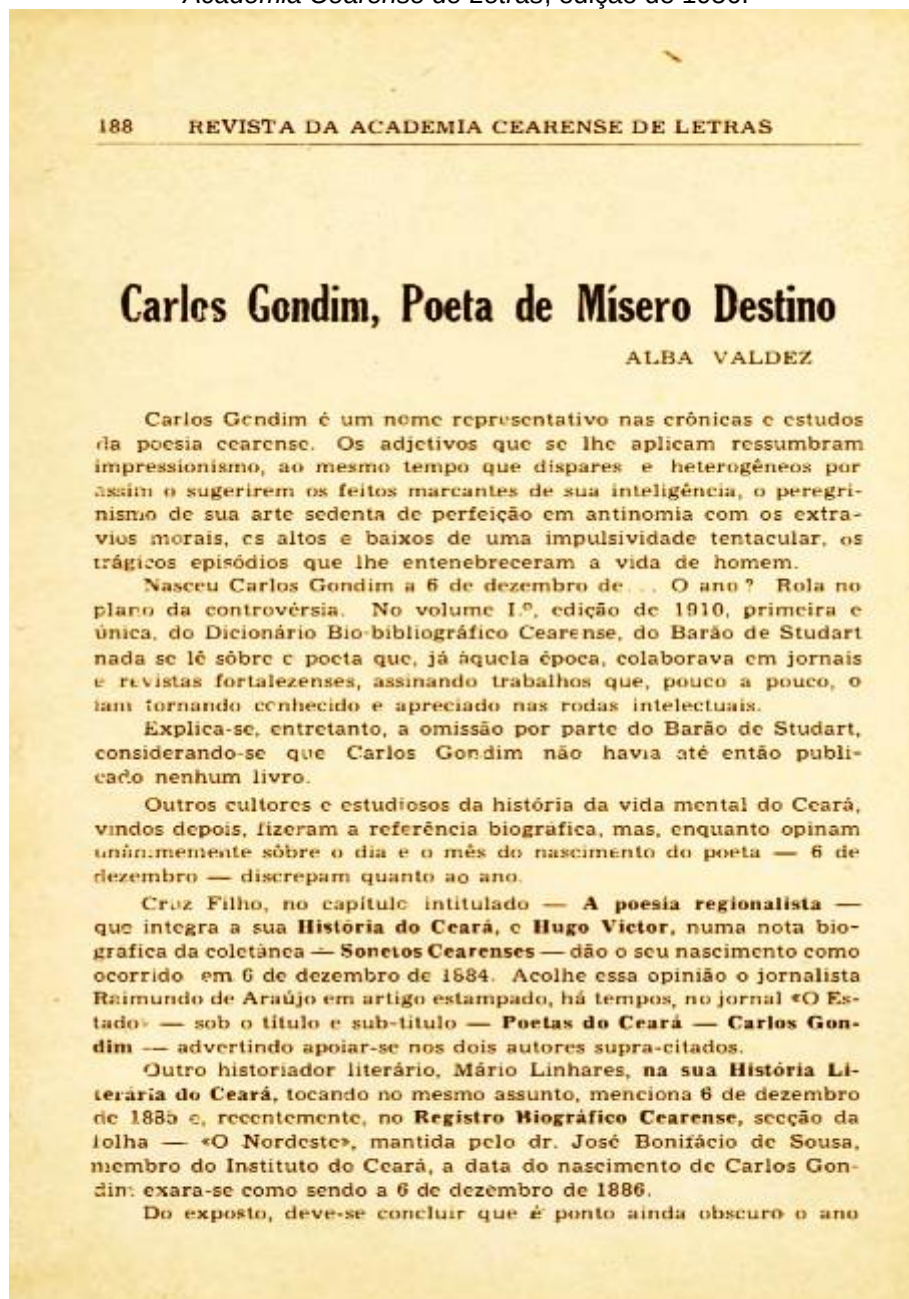


Fonte: Academia Cearense de Letras.

As publicações de Alba Valdez vão ficando mais escassas, e supomos que a doença que causara sua morte em 1962 tenha sido o principal motivo, suposição porque há poucos registros da vida pessoal da escritora. Ademais, a continuação de nossa perscrutação pelas revistas ainda nos revela uma produção de Alba Valdez, um

ensaio biográfico sobre Carlos Gondim um poeta marginalizado socialmente, mas, segundo a autora, detentor de grande talento: “[...] um nome representativo nas crônicas e estudos da poesia cearense” (VALDEZ, 1956, p. 188).

Figura 108 - Publicação de “Carlos Gondim, poeta de mísero destino” na *Revista da Academia Cearense de Letras*, edição de 1956.



Fonte: Academia Cearense de Letras.

O ensaio intitulado “Carlos Gondim, poeta de mísero destino” foi publicado na edição de 1956 da *Revista da Academia Cearense de Letras*, reúne as parcas informações sobre esse poeta boêmio, que em briga de boteco assassinara um

homem que lhe ofendera e fora condenado. Na cadeia escrevera *Poemas do cárcere* (1923), que fora antecedido por *Tortura do Artista* (1915). Alba Valdez relata que depois que ele pagou sua pena entregara-se a produção literária do volume de poesia *Ânsia de Ravel* (1929), sua última obra, pois fora assassinado no dia 11 de março de 1930.

Observamos nessa produção que a autora manteve seu viés de crítica sutil para tratar da exclusão desse poeta pela sociedade literária, apesar de seus livros e inúmeras publicações em periódicos. Destarte esse ensaio tem um valor de resgate, de obras desse poeta de vida trágica, para quem arte representava um lado menos sofrido da vida, uma fuga, e que proporcionava um desabafo da alma. “A Arte, em síntese, é uma evasão, abrindo perspectivas de novos horizontes, uma terapêutica para a conservação da saúde do espírito” (VALDEZ, 1956, p. 191).

Findando o levantamento que realizamos das publicações de Alba Valdez nas revistas ressaltamos que elas foram muito mais que suportes de produções literárias, elas abriram um espaço para autoras como Alba Valdez também publicassem suas produções críticas, artigos e ensaios que resultaram de suas leituras e estudos, que compõem sua obra e testemunham seu alto grau de intelectualidade e capacidade de reflexão. Também salientamos que as revistas publicadas no século XIX e até boa parte do século XX, são imprescindíveis para contar a história da literatura de autoria feminina, fim este que também exige a investigação de jornais e almanaques.

Portanto, prosseguimos a apuração de outra categoria de periódicos, os almanaques, em que verificaremos mais publicações dessa autora que merece ser lida e ter sua obra reunida e analisada além de seus dois livros publicados.

3.3 A obra de Alba Valdez nos Almanagues

“O Almanaque contém essas verdades iniciais que a humanidade necessita saber e constantemente rememorar, para que sua existência entre uma natureza que não favorece e a não ensina, se mantenha, se regularize e se perpetue. A essas verdades, chamam os franceses, finos classificadores, *verdades d’Almanaque*. São as altas verdades vitais” (QUEIROZ, 1905, p. 356).

Além de jornais e revistas, no final do século XIX e primeiras décadas do XX, destacamos o consumo de outro impresso, o almanaque, que serviu de suporte para publicação de textos literários e de outros gêneros textuais. Os almanaques têm origem oriental, segundo Romariz (2011, p.11), o próprio termo tem raízes no árabe “*almanakh*”, em que significava “lugar onde a gente manda ajoelhar camelos”.

A leitura de Romariz (2011) nos mostra que há indícios de publicação de almanaques desde o século XV, em Portugal, o *Almanach Perpetuum* (1496) de Abraão Zacuto; como também nos permite sintetizar que a maioria dos almanaques tinha periodicidade anual; objetivava oferecer praticidade para realização de pesquisa permanente; estrutura variada com referência no calendário para o realce de eventos, festas e fenômenos meteorológicos do ano; como também, veiculavam conhecimentos de natureza bem variada nos mais diversos gêneros. Para Chartier (2011, p. 41) os almanaques são uma marca da cultura impressa no Brasil nos séculos XIX e XX:

[...] no Brasil a imensa difusão e a força cultural dos almanaques, especialmente daqueles editados pelas empresas farmacêuticas, ou o ingresso na escrita das mulheres que descobrem em suas leituras s modelos que lhes possibilitam organizar a narrativa de suas existências.

Apesar de alguns autores considerarem os almanaques como espécies de livros, como fez Eça de Queiroz¹²⁷ (1980), em *Notas Contemporâneas*, não podemos ignorar que muitas características desse tipo de publicação a aproximam dos jornais e revistas: como diversidade de temáticas e gêneros acoplados em uma mesma seção, a publicidade, o horóscopo, lunários, anuários, calendários, entre outros. Destarte, reconhecemos, como também fez Romariz (2011, p. 13) que:

Sendo um impresso múltiplo em vários aspectos, o Almanaque realiza, como refere Ernesto Rodrigues, a fusão do jornal, da revista e do livro, pois reúne notícias do presente, memórias do passado e reflexões prospectivas relacionadas com o ano vindouro, além de passatempos e criações literárias.

Assim, apresentaremos em seguida as publicações de Alba Valdez em diversos almanaques, tanto no Brasil quanto no estrangeiro. Dessa forma, seguiremos o

¹²⁷ “O Almanaque com efeito é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quais circula, com precisão, toda a nossa vida social” (Prefácio do *Almanaque Enciclopédico* para 1996, publicado no *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiras* para 1905, (p.356-357).

mesmo paradigma utilizado para os jornais e revistas, descrevendo o suporte, exibindo os textos inéditos, que serão transcritos nos anexos.

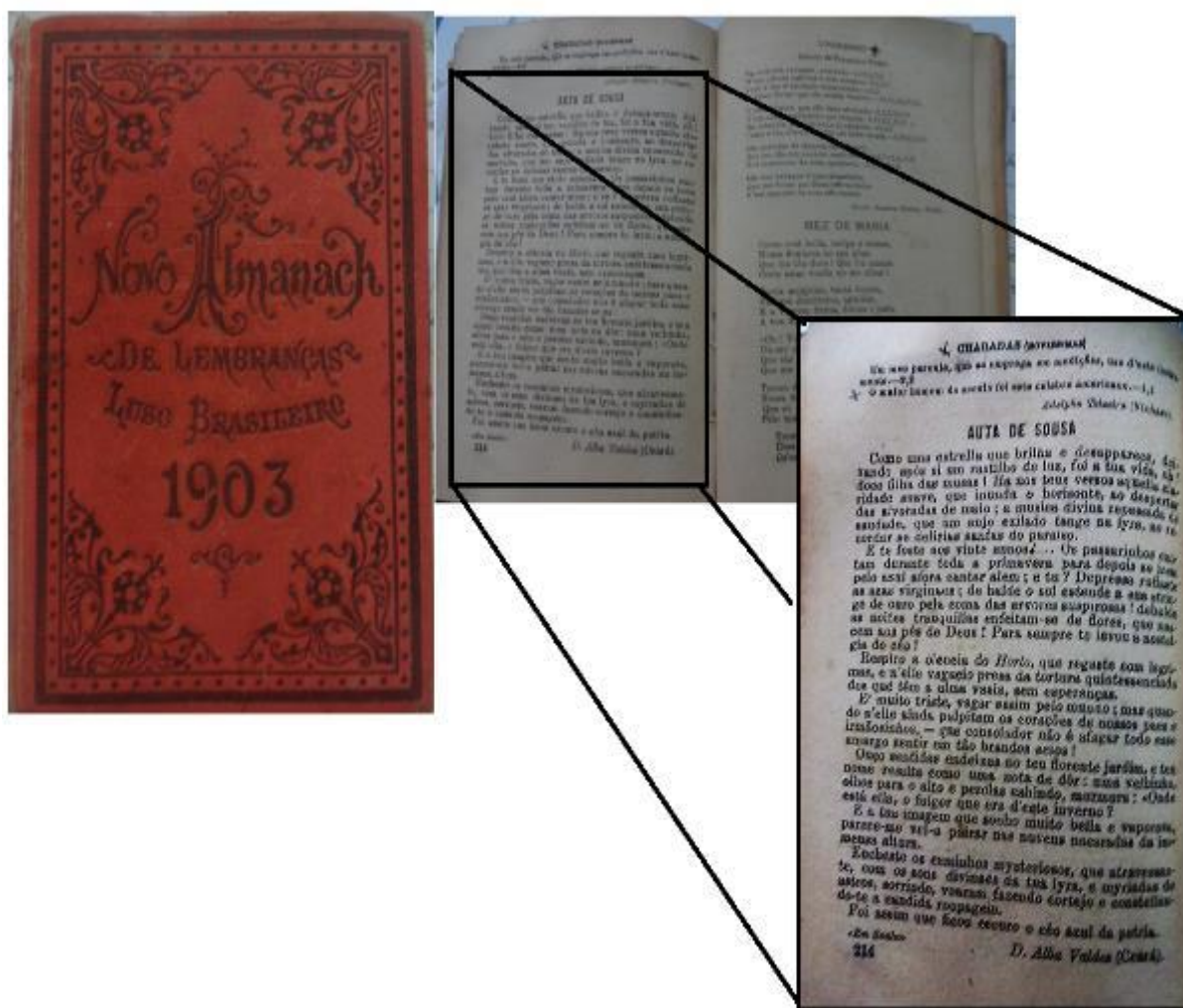
Os rastros literários de Alba Valdez nos almanaques nos conduziram ao *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, foi fundado em Paris em 1850 para o ano de 1851, por Alexandre Magno de Castilho. O título “Lembranças” devido a série de apontamentos que o compunham uma espécie de agenda, em que o público leitor podia escrever notas na margem inferior de cada folha. A partir de 1853 o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* passou a ser produzido e impresso em Lisboa (PIMENTEL, 1904).

Observamos nas consultas aos exemplares do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* contou com a colaboração dos leitores desde as primeiras edições, publicando as produções das mulheres portuguesas e brasileiras na seção intitulada “Senhoras”, enquanto as contribuições dos homens eram intituladas “Autores”.

Na seção das “Senhoras que colaboram no presente Almanaque,” localizamos, na edição de 1903, na página 214, uma publicação de Alba Valdez, um ensaio intitulado “Auta de Sousa”. Esta produção era uma homenagem a poetiza do Rio Grande do Norte, Auta de Sousa, que havia falecido em 07 de fevereiro de 1901, ano em que Alba Valdez publicara *Em Sonho...fantasias* (1901), não sendo, portanto, inédita em formato de livro.

Desse modo, podemos reconhecer Alba Valdez como uma das “Senhoras do Novo almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras”, o que revela que estas mulheres que viveram entre o final do século XIX e século XX buscaram estratégias para publicar sua palavra, unindo-se em redes de sociabilidade que materializa nos mais diversos impressos, como jornais revistas e almanaques.

Figura 109 - Publicação de “Auta de Sousa” no *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro* (1903).

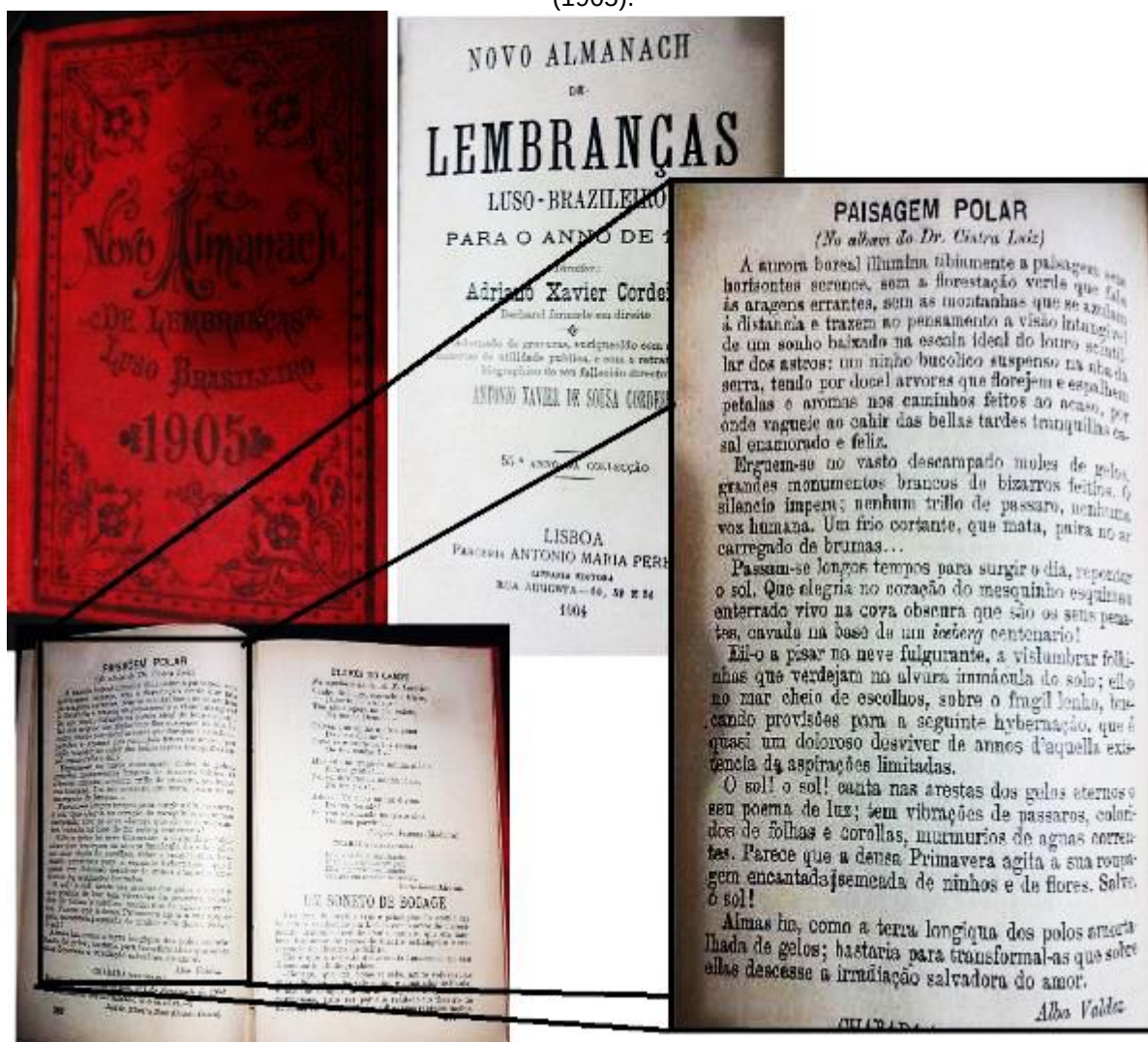


Fonte: Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiras

Reiteramos que não nos ateremos a essa produção da autora porque ela foi publicada no formato de livro, e isso extrapola o nosso objetivo de reunir obras que foram publicadas somente na imprensa, no entanto, a ilustramos pelo papel de divulgar a escrita das mulheres brasileiras no Brasil e na Europa.

Por conseguinte, na edição de 1904 para o ano 1905 deste almanaque, identificamos uma produção de Alba Valdez, “Paisagem Polar” (ANEXO C), antecedida por uma charada de Adolfo Teixeira (Vinhais), seguido de uma charada de um cearense de Coité, chamado José da Silveira Zozá, por um poema de Joaquim Pestana, português da ilha da Madeira, uma charada de Mário Gama de Lisboa. Esta produção também foi publicada no livro de Silva (2019).

Figura 110 - Publicação de “Paisagem Polar” no *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro* (1905).



Fonte: Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiras.

A autora fez uma descrição fiel ao título “Paisagem polar”: o gelo, o esquimó, o frio cortante, a vida ressurgindo na infinita brancura da neve com a volta do sol, depois de um longo inverno (VALDEZ, 1905). A anotação entre parênteses, logo abaixo do título nos revela que aquele texto já havia sido publicado em outra obra, “o *Álbum do Dr. Cintra Luiz*”. Não há nessa publicação nenhum tipo de referências, portanto não encontramos nenhuma informação sobre esse suposto álbum. A única informação que conseguimos levantar sobre Cintra Luiz é que este era proprietário da revista feminina publicada em Recife *O Lyrio*.

A descrição de uma paisagem que supostamente Alba Valdez nunca tinha visitado fisicamente, uma vez que não entramos nenhum registro de viagem, relembra o caso da crítica feita a José de Alencar pela escrita do Romance *O gaúcho*.

Ainda precisamos ressaltar que a leitura do *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro*, edições da primeira década do século XX, nos mostrou muitas equivalências, no tocante a circulação da produção literária de mulheres, entre este tipo de publicação e as revistas que circulavam nesse mesmo período, a presença de publicidade, charadas, poemas, contos, descrições, entre outros gêneros que versavam sobre uma variação grande de assuntos, e eram publicados na “Parte Literária”.

Também averiguamos nos almanaques a presença de anúncios que divulgavam os livros de autoria feminina e masculina, que colaborava com a divulgação da produção literária da época, como Barbosa (2007) observara nos jornais do século XIX. Semelhante as revistas e jornais, os almanaques, também possuíam a seção “Publicações Recebidas”, que contavam com mais espaço que os periódicos citados para divulgar autores e obras.

Além disso, havia nos almanaques fotos e biografias dos autores e de espaços de edição e circulação distribuídos no decorrer da publicação, como podemos verificar no *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro* e em outras publicações desse mesmo gênero editorial que apresentaremos adiante. Nessas publicações anuais, atribuímos a essas imagens a função significativa de registros documentais, cada um de sua época.

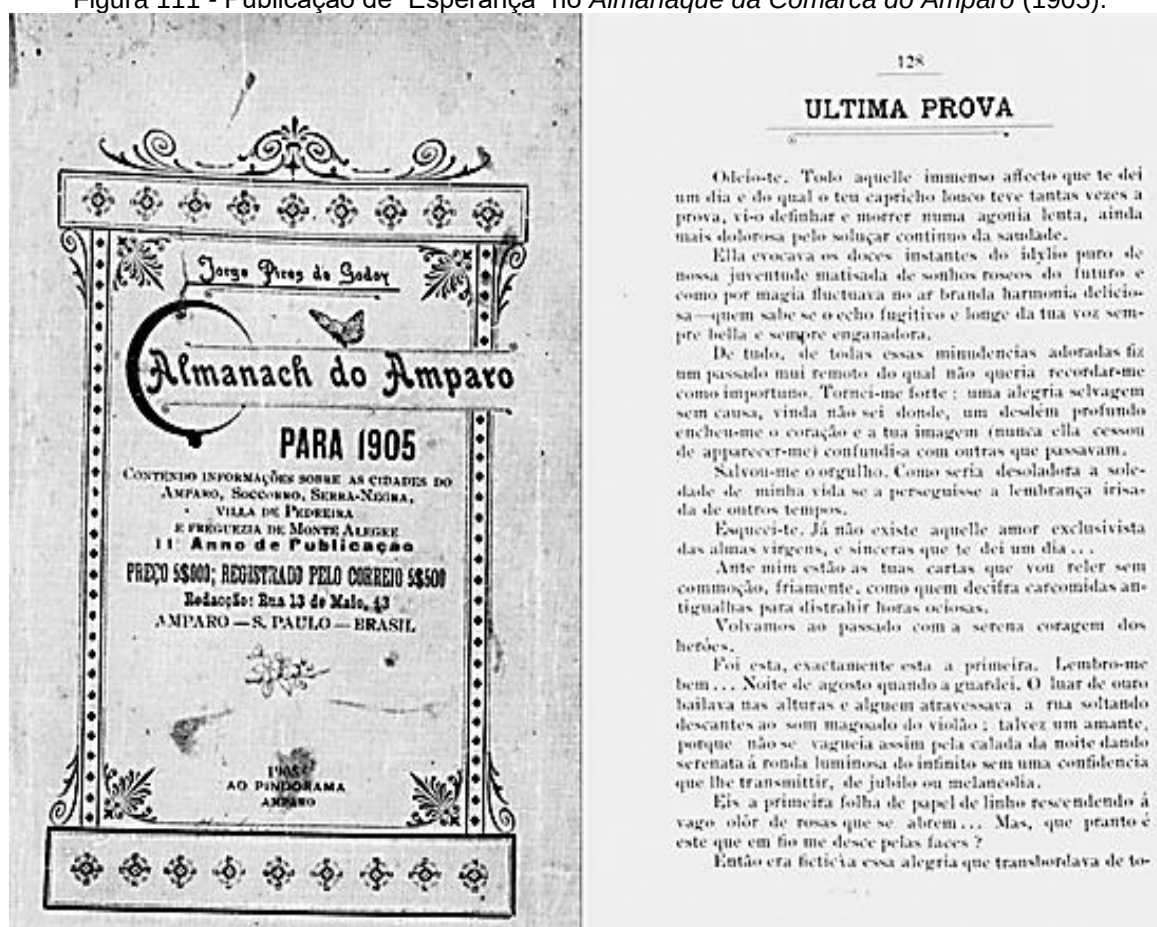
Outrossim, apesar dos almanaques se caracterizarem pela publicação de produções literárias de homens e mulheres, realçamos que, quantitativamente, as publicações femininas eram bem inferiores. De forma nítida, verificamos isso em ambas edições do *Novo Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro* (1903-1905).

Essa mesma similaridade identificamos no *Almanaque do Ceará*, que podemos classificar, conforme artigo de Ferreira, Lima e Silverira (2013), como um almanaque de cidade, publicações periódicas comuns em todos os estados do país no final dos anos oitocentistas e início do século XX. Desse modo, entendemos que esse tipo de almanaque privilegiava à vida de seus respectivos estados, apresentando “os municípios e suas características mais positivas, também valorizavam muito as instituições, dados oficiais e personalidades da época como políticos, médicos e escritores da região na qual o almanaque era produzido” (FERREIRA, LIMA E SILVERIRA, 2013). Nesse contexto, encontramos algumas publicações de Alba Valdez.

Na edição para 1904 do *Almanaque do Ceará* em que encontramos a publicação “O Beija-flor” que já havia sido publicada na revista *O Lírio*, em março deste mesmo ano, e que nossa comparação atesta serem ambas publicações de conteúdo idêntico. Assim, essa circunstância advoga a favor da afinidade entre almanaques e periódicos, muito mais do que entre almanaques e livros.

Como também observamos os traços comuns em outro almanaque de cidades em que Alba Valdez teve suas produções publicadas, o *Almanaque da Comarca do Amparo* (1889-1918), edição para 1905, originário da cidade do interior paulista que deu nome ao impresso. Nesse almanaque, localizamos a composição “Última prova” (ANEXO C) de Alba Valdez, inédita em livro e não citada em sua bibliografia por nenhum crítico ou pesquisador, sendo mérito de nossa pesquisa a sua inclusão, o implica em um acréscimo na obra dessa escritora cearense.

Figura 111 - Publicação de “Esperança” no *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905).



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A composição “Última prova” publicada nesse almanaque amparense traz os matizes característicos da escrita de Alba Valdez, a desilusão, a saudade, a solidão o

ambiente noturno, as cartas de amor de um relacionamento que não se concretizou eram a prova da tristeza que alimentava o ódio da narradora. Essa produção ia de encontro a outras mulheres de alma romântica que viviam situação similar.

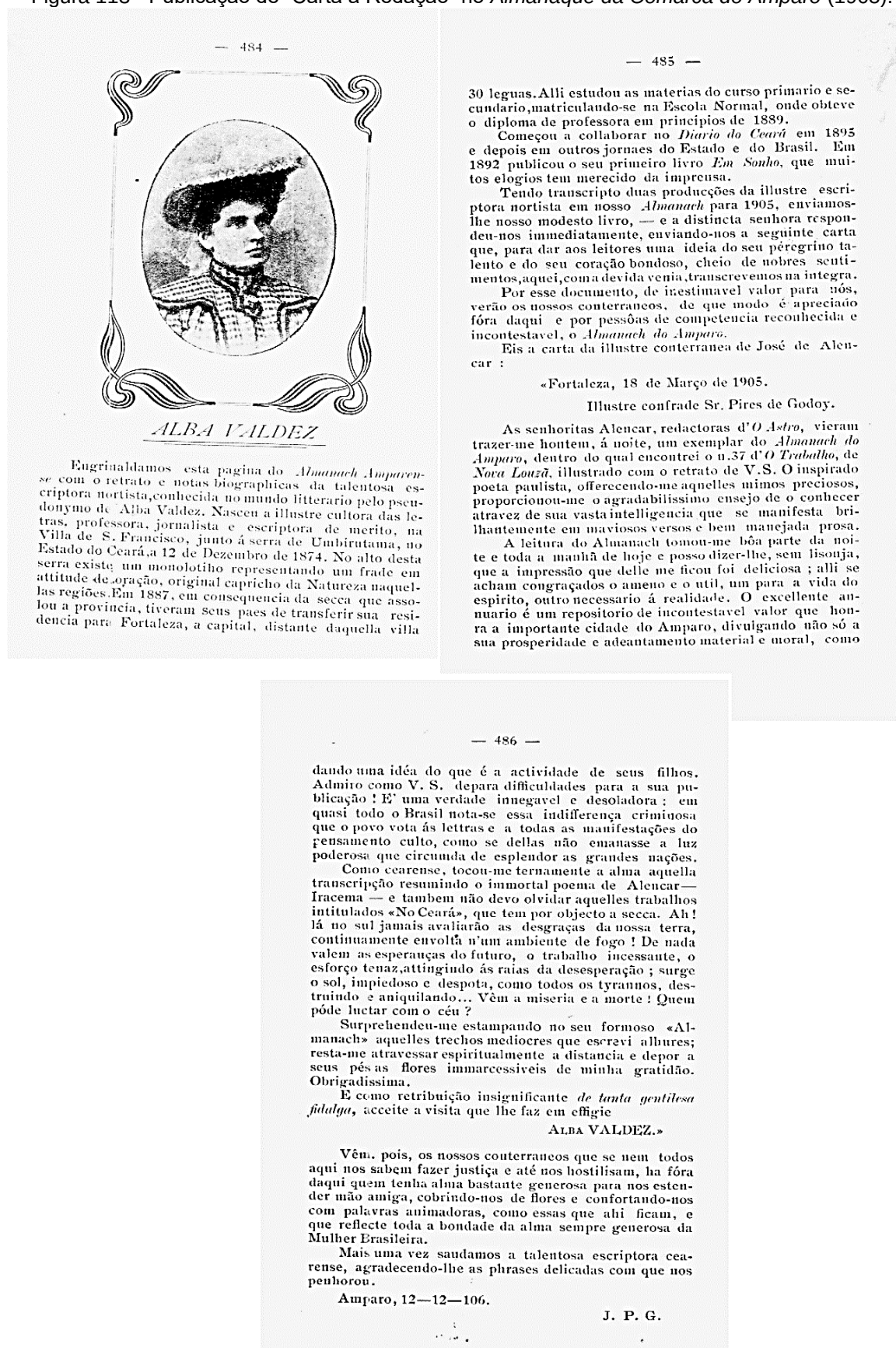
A leitura dessa edição do *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905) nos conduz ao encontro da publicação de “A Esperança”, que já havia sido publicada no livro *Em sonho...fantasias* que a autora lançara em 1901.

Figura 112 - Publicação de “Esperança” no *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905).



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na edição para 1906 do *Almanaque da Comarca do Amparo* também registramos a publicação de foto de Alba Valdez seguida de nota biográfica sobre a autora, como também de uma carta (ANEXO C) da escritora à redação do almanaque amparense.

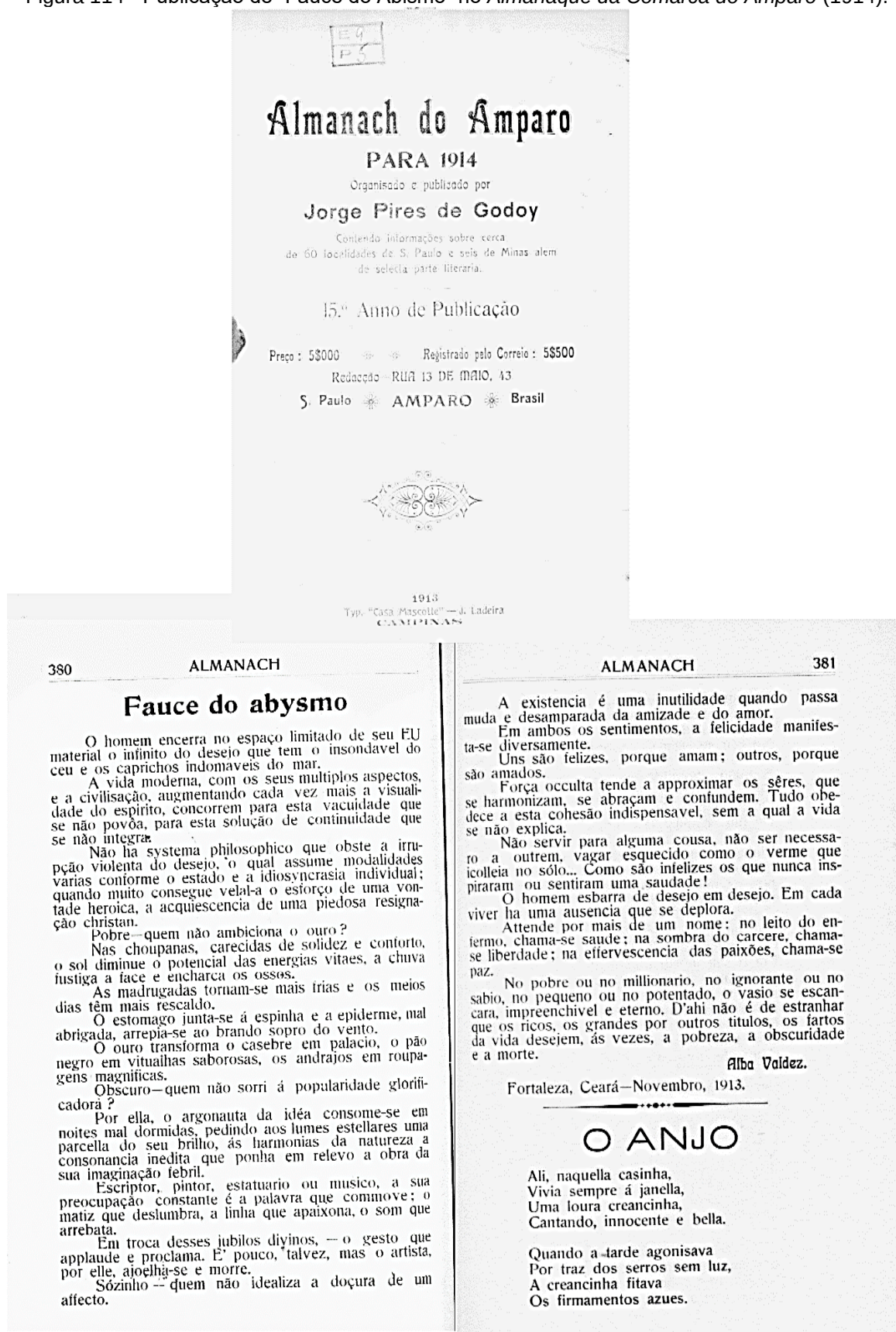
Figura 113 - Publicação de "Carta à Redação" no *Almanaque da Comarca do Amparo* (1905).

A carta de Alba Valdez confirma novamente a sua afinidade com a leitura de José de Alencar, a amizade com as irmãs proprietárias do periódico *O Astro*, Olga e Amélia Alencar, suas companheiras de Liga Feminina Cearense, associação literária de mulheres contemporânea a escrita dessas publicações. Outro ponto que salientamos na epístola é a temática cara à escritora: o telurismo, o amor pelo Ceará. Também destacamos nessa escrita o protesto da autora a desvalorização social das Belas Letras, em conformidade com a percepção de Abreu (2003) quando aborda a história da Literatura.

Ainda no *Almanaque da Comarca do Amparo*, na edição para 1914, encontramos outra publicação inédita de Alba Valdez, o artigo “Fauce do Abismo” (ANEXO C), que no índice já vinha adjetivado como “esplêndido artigo de Alba Valdez”.

Essa publicação de Alba Valdez, um artigo filosófico que provoca de uma reflexão sobre a existência humana, o materialismo e a espiritualidade, questionando a felicidade por diversas perspectivas e necessidades. A autora insiste em seu apego ao passado e exalta a saudade como algo valioso: “Como são infelizes os que nunca inspiraram ou sentiram saudade!” (VALDEZ, 1914, p. 381).

A autora construiu sua argumentação a partir de comparações que exploram paradoxos e antíteses: materialismo e espiritualidade; pobreza e riqueza; casebre e palácio; obscuridade e popularidade. Ela arquiteta esses opostos para mostrar que cada um possui seus desejos conforme suas necessidades, mas reforça sua tese que todos necessitam de amizade e afeto para alcançar a sonhada felicidade: “A existência é uma inutilidade quando passa muda e desamparada da amizade e do amor” (VALDEZ, 1914, 381). O tempo bélico no mundo encaminhava, naturalmente, a escritora a introspecção, uma ensimesmação que impactou a arte.

Figura 114 - Publicação de "Fauce do Abismo" no *Almanaque da Comarca do Amparo* (1914).

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

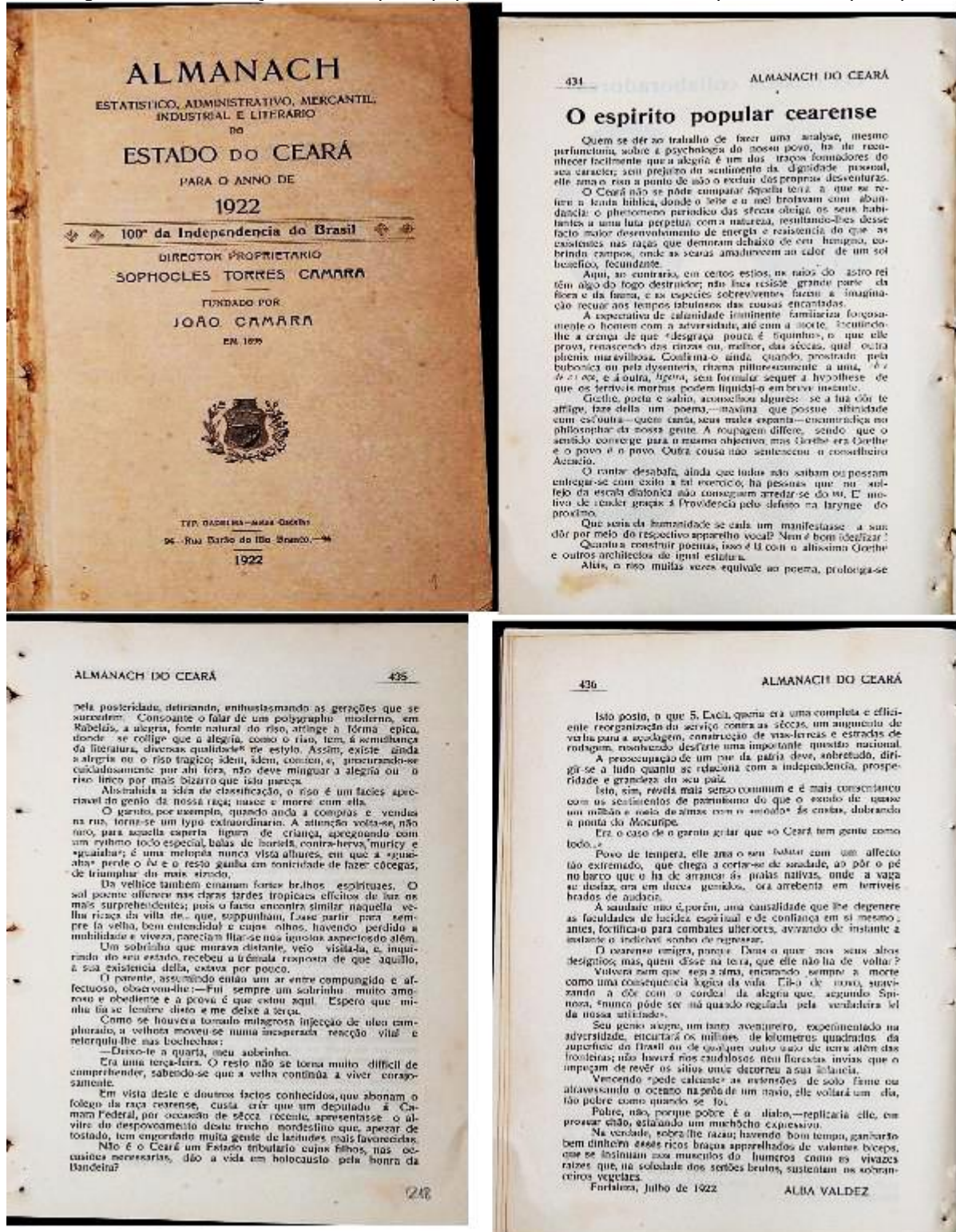
Nesse mesmo prisma reflexivo, Alba Valdez publicou em 1922, no *Almanaque do Ceará*, outro ensaio de viés filosófico intitulado “O espírito popular cearense”. Este anuário que sempre contou com muito prestígio no Ceará, de extensão considerável, este anuário era composto por várias “partes”, como se denominavam as seções que compunham esse impresso que se configurou como um “repositório de informações¹²⁸”.

O *Almanaque do Ceará*, para 1922, apresentava na primeira parte as informações oficiais do governo do Ceará, que era seguida por uma seção também informativa sobre diversas agremiações sociais, intelectuais e culturais. Ainda com o foco informativo este almanaque oferece aos seus leitores dados sobre os municípios cearenses, históricos, religiosos, econômicos (comércio e indústria) toponímicos, geográficos e socioculturais.

Também compunha as edições do *Almanaque do Ceará* um calendário com as festas e datas importantes para o Ceará, sobretudo, com destaque para as religiosas e cívicas. A capa do ano de 1922 traz em realce a comemoração do centenário da Independência do Brasil. A última parte dedicava-se às Letras, às Ciências e às Artes, em que encontramos artigos, ensaios, poemas, contos e muitas ilustrações de personalidades e espaços cearenses.

¹²⁸ Título atribuído ao *Almanaque do Ceará* pelo jornal *O Povo*, edição de 13 de dezembro de 2014, que anunciava uma nova edição do anuário. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/opovoehistoria/2014/12/13/noticiasjornalopovoehistoria,3362509/almanaque-do-ceara.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Figura 115 - Publicação de “O espírito popular cearense” no *Almanaque do Ceará* (1922).



Fonte: Instituto do Ceará.

Nessa publicação, “O espírito popular cearense”, Albi Valdez enfatizou a alegria da gente do Ceará, que enfrentava as intempéries climáticas sem amargura,

mas com fé e resiliência. A autora fez uma analogia entre o riso do cearense e a literatura:

Consoante ao falar de um polígrafo moderno em Rabelais, a alegria, fonte natural do riso, atinge a forma épica, donde se colige que a alegria, como o riso, tem, à semelhança da literatura, diversas qualidades de estilo. Assim, existe ainda a alegria ou o riso trágico, idem, idem, cômico, e, procurando-se cuidadosamente por aí fora, não deve minguar a alegria ou o riso lírico por mais bizarro que isso pareça (VALDEZ, 1922, p.435).

O jogo de palavras e ideias entre o riso e a literatura se faz a partir dos gêneros literários que passaram a categorizar o riso do povo cearense, que tira do sofrimento que enfrenta a alegria e motivo para o riso.

Todo o ensaio se estrutura na exploração desse esquema de antítese, mas também exaltando o povo do Ceará. Dessa forma, observamos que Alba manteve nos almanaques a estrutura básica de sua obra, publicando no seu tempo em periódicos de grande circulação no Ceará, no Brasil e em Portugal, quiçá por toda Europa.

Além dessa edição de 1922 do *Almanaque do Ceará*, o número 5 do jornal *A Esquerda*, de 31 de janeiro de 1928, na terceira página, publicou uma nota sobre o *Almanaque do Ceará* para 1928, em que anunciava o sumário deste periódico, em constava uma produção de Alba Valdez, intitulada “Uma Praça”. Contudo, não localizamos esse exemplar do almanaque em nenhum dos acervos, ou arquivos, nem mesmo no Instituto do Ceará, equipamento cultural que possui uma coleção numerosa e em melhor estado para consulta.

Esclarecemos, pois, que não identificamos, depois desta, nenhum indício ou rastro de outras publicações de Alba Valdez em almanaques. Todavia, estamos convictos que as produções dessa escritora, que circularam predominantemente na imprensa, não se esgotaram nesse levantamento que realizamos, havendo ainda margem para dar continuidade a missão de encontrar, reunir e dar ciência à sociedade de outras obras da escritora.

Certos do não esgotamento da obra de Alba Valdez, insistimos na busca, enfrentamos dificuldades, perseveramos abrimos as caixas de memórias, correspondências, fotos e recortes de jornais e encontramos mais do que procurávamos, os manuscritos inéditos já apresentados no capítulo anterior quando tratamos da trajetória bibliográfica da autora.

Ademais, a partir desse levantamento que realizamos e das leituras da obra da escritora que esse trabalho nos possibilitou surge a necessidade de compreendermos como todas essas obras de Alba Valdez dialogavam em seu tempo, mesmo circulando em suportes tão diversos que interferiram nas características de produção e recepção da escrita. Destarte, esta missão de compreender a costura que conectou as produções dessa escritora cearense motivará novas pesquisas sobre as congruidades da escrita de Alba Valdez.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela escritora esquecida, Alba Valdez, nos permitiu entender o processo de inserção da palavra da mulher no Ceará na Literatura e na Imprensa. Assim, cientes de que os periódicos deram lugar à palavra da mulher no final do século XIX e no decorrer do XX, como também já sinalizava Perrot (1998;2005), delineamos o caminho a ser trilhado pela contextualização da conquista do espaço público pela mulher através da escrita literária e jornalística no Ceará. O que comprovou que foram pelos jornais, revistas e almanaques que as mulheres publicaram seus pensamentos, reflexões, sentimentos, memórias, ficções e histórias.

Desse modo, uma revisitação da história da imprensa feminina no Ceará demonstrou que a palavra da mulher ocupava um lugar nos periódicos desde o primeiro jornal editado nesse Estado, *O Diário do Governo do Ceará*, publicado em 1824, com as cartas das “patricias de Quixeramobim” e das “Senhoras de Icó”. Porém, percebemos que é no final dos anos oitocentistas que as mulheres cearenses ampliaram e intensificaram suas publicações. Poucos livros e muitos periódicos são a fórmula que resume a escrita das mulheres no Ceará.

Descobrimos que nessa história da imprensa feminina, nos poucos registros que encontramos, havia lacunas e ausências, a maioria dos estudos sobre as mulheres na imprensa era superficial e tinha como foco apenas a listagem de jornais, exclusivamente, femininos e se concentrava em pesquisas com objetivo de conectar a educação à imprensa.

Logo, prestamo-nos a fazer algo com foco na escrita da própria imprensa e da veiculação da literatura nesse suporte, ficando de imediato nítido que não poderíamos nos restringir à imprensa feita por mulheres e somente para o público feminino, porque as “patricias” não desperdiçaram espaço e não mediram esforços para publicar nas mais variadas formas possíveis, assinando com seus nomes ou com pseudônimos como era prática da época.

Desse modo, logo, percebemos que as mulheres escritoras no Ceará também não se mantiveram presas à imprensa local, além de publicarem pelo interior e nos periódicos da capital do Estado, elas estabeleceram contatos com suas iguais de outros estados brasileiros, e estamparam suas produções em jornais, revistas e almanaques por todo o Brasil e até no exterior. Percorremos esse caminho de

reconhecer esse grupo de mulheres que sustentaram a pena como ferramenta para se projetar no espaço público para compreendermos as práticas de escrita de Alba Valdez, escritora cearense.

Descobrimos que nessa história da imprensa feminina, nos poucos registros que encontramos, havia lacunas e ausências, a maioria dos estudos sobre as mulheres na imprensa era superficial e tinha como foco apenas a listagem de jornais, exclusivamente, femininos e se concentrava em pesquisas com objetivo de conectar a educação à imprensa.

Logo, prestamo-nos a fazer algo com foco na escrita da própria imprensa e da veiculação da literatura nesse suporte, ficando de imediato nítido que não poderíamos nos restringir à imprensa feita por mulheres e somente para o público feminino, porque as “patrícias” não desperdiçaram espaço e não mediram esforços para publicar nas mais variadas formas possíveis, assinando com seus nomes ou com pseudônimos como era prática da época.

Desse modo, logo, percebemos que as mulheres escritoras no Ceará também não se mantiveram presas à imprensa local, além de publicarem pelo interior e nos periódicos da capital do Estado, elas estabeleceram contatos com suas iguais de outros estados brasileiros, e estamparam suas produções em jornais, revistas e almanaques por todo o Brasil e até no exterior. Percorremos esse caminho de reconhecer esse grupo de mulheres que sustentaram a pena como ferramenta para se projetar no espaço público para compreendermos as práticas de escrita de Alba Valdez, escritora cearense.

Foi preciso (re)contar sua história, preencher os vazios com os quais os dicionários de escritoras - de tantos apenas dois citavam Alba Valdez, o de Muzart (1999) e o de Coelho (2002) - incitaram nossa curiosidade. Confirmamos também que a leitura nos periódicos e nas narrativas de memórias, são as alternativas mais viáveis para pesquisar sobre a palavra de autoria feminina.

Logo, salientamos que o que fizemos foi reconstruir uma “mulher de papel” (LACERDA, 2003). Apesar do valor das informações de Sousa (1937), Barreira (1948; 1962), Andrade (1976), Barroso (1992), Cunha (2008), Maia (2006), Almeida (2012), e mesmo o recente estudo de Silva (2019), não nos satisfizemos, objetivávamos mais, e encontramos nas fontes primárias, principalmente nos periódicos e documentos, as evidências e os indícios para nos guiar pelo garimpo da obra de Alba Valdez.

Juntamos recortes, organizamos, procurando evitar anacronismos, preenchendo as fissuras através da pesquisa documental, e restauramos como disse Chartier (1990), considerando a representação do real que as memórias e produções de Alba Valdez nos permitiram apreender, sem nos desligarmos da realidade do texto construído, relembando que este estava pautado em regras próprias de produção do seu tempo, inerentes ao gênero de escrita a que pertenciam, configurando-se para nós como testemunhos que recriaram a realidade e a historicidade da própria autora.

Ressaltamos que as redes de sociabilidades (TEIXEIRA, 2011) foram fundamentais para a inserção de Alba Valdez nas sociedades de intelectuais que facilitaram o acesso dela à Literatura e à Imprensa no Ceará. Além da Escola Normal, O Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras e a Casa Juvenal Galeno contribuíram significativamente para ampliar os espaços de sociabilidade da escritora. Contudo, a partir da trajetória e travessias da obra de Alba Valdez, entendemos que o principal meio de sociabilidade intelectual para a escrita das mulheres, foi a imprensa, que ampliou a inserção da autora, no seu tempo, na Literatura brasileira.

Aliás, enfatizamos que o cotejamento de jornais, revistas e almanaques, e arquivos nos possibilitaram recontar a história dessa escritora, encontrando seus rastros, escritas de menina de 14 anos, que a modéstia, imposta às mulheres pelos padrões sociais da época e, ou sua própria censura, por se tratarem de textos imaturos ainda, fruto da adolescência, não almejou sujeitar a crítica, estando protegidos pelo anonimato, mas que, a comparação com outras obras da autora a denunciaram. Ademais, pudemos também inserir no levantamento bibliográfico de Alba Valdez 13 produções assinadas pela escritora e nunca mencionadas pelos poucos estudos biobibliográficos realizados sobre ela: “Noturno” (1897); “Folha solta - página cearense” (1901; 1908); Coração (1904); “A utilidade do jornal” (1904); “Fragmentos” (1904); “Carta a uma poetisa” (1911); “Os anos da Revista” (1911); “Fauce Abismo” (1914); “O segredo do vaqueiro” (1945); “Fantasia do verão” (s.d.); e “Palavras ao luar” (s.d.).

Dentre essas publicações, as duas últimas são manuscritos que localizamos no Arquivo de Mozart Monteiro. Trata-se de duas produções grafadas e assinadas pela própria autora, sem datas, ou referências ao periódico a que se destinariam. Há apenas no primeiro uma evidência de que seu destino era a imprensa, uma nota da redação em que se lê um resumo biográfico da autora.

A letra da nota da redação difere da que grafou e assinou as duas crônicas. Mas, a falta das referências não diminui o valor desse achado, há tanto tempo perdido no arquivo de Mozart Monteiro, e com seu imensurável valor ignorado. Sabemos que este arquivo guarda ainda outros tesouros literários e históricos que validarão outras tantas pesquisas.

A partir desses manuscritos, percebemos que a obra de Alba Valdez não se esgota em nosso levantamento, sabemos que ainda há possibilidade de encontrarmos e, ou outrem localizarem produções inéditas. No entanto, nossa pesquisa já possibilita olhar esta escritora por outro prisma, retirando-a do esquecimento, oferecendo parte de sua obra para leitura e análise. Nessa perspectiva, colaboramos com a ampliação bibliográfica, reunião e reorganização diacrônica da produção lítero-jornalística de Alba Valdez.

Afinal, conforme constatamos a obra de Alba Valdez se encontrava espalhada pelos jornais, revistas e almanaques, com exceção do que foi publicado em sua coletânea de “contos” que compõe o livreto *Em Sonhos...fantasias* (1901) e suas reminiscências do tempo de normalista que formaram o romance *Dias de luz* (1907). Podemos afirmar, a partir deste trabalho, que foram anos de escrita que se iniciaram no século XIX e continuaram no XX até 1962, ano da morte da autora, que resultaram nos dois livros supracitados e mais setenta e duas publicações nos periódicos. Também destacamos que muitas dessas produções foram publicadas mais de uma vez, em diversos órgãos de imprensa, no Ceará, em outros estados brasileiros e em outros países.

Portanto, acreditamos que reside nessa pulverização das obras nos periódicos uma das possíveis razões do apagamento de Alba Valdez, mesmo depois dela ter conseguido conquistar sua inserção no universo literário, participar de associações literárias e de intelectuais reconhecidas.

É controverso, mas também provável que os periódicos que lhe garantiram notoriedade em seu tempo, por todo território brasileiro e até no estrangeiro, devido sua efemeridade também podem ser responsáveis pelo seu ostracismo. Em vista disso, nosso trabalho, ao reorganizar os escritos perdidos e espalhados de Alba Valdez, contribui tanto para construir uma nova biografia para escritora, quanto para estabelecer o perfil literário dessa beletrista cearense.

Ainda salientamos que, encontramos na obra de Alba Valdez publicações de diversos gêneros, sobretudo contos, crônicas, ensaios, cartas, discursos e artigos,

que autora publicou na imprensa de vários lugares do Brasil, sendo que o maior foco está nos periódicos cearenses. Encontramos entre essas publicações pontos de convergência na obra de Alba Valdez, de forma a estabelecer uma ligação entre o que ela produziu e publicou na imprensa.

Desse modo, identificamos três intersecções na obra de Alba Valdez, as memórias, as representações do Ceará e a escrita de si, que consideramos como três faces da obra da escritora cearense. A leitura da produção que essa pesquisa reuniu nos colocou diante da relevância da memória, como também do uso que a autora fez da escrita de si em suas produções autobiográficas, autoficcionais e memorialistas.

Há também presente na escrita de Alba Valdez representações do Ceará e dos cearenses, bem como resquícios de suas experiências com leitora, que funcionaram como mecanismos que a escritora utilizou para persuasão de seus leitores. Assim como, evidenciamos a partir dessas representações a intencionalidade da autora de valorizar o seu torrão natal, conjecturando os efeitos que essas representações podem causar no processo de recepção da obra da escritora.

Isto posto, afirmamos que ao seguirmos os rastros de Alba Valdez constatamos que a pesquisa nos periódicos guarda muitas facetas da literatura, obras não conhecidas de diversos autores e autoras lembradas ou esquecidas, como também informações que podem reconfigurar a história da literatura.

Conquanto, além de reforçamos a concepção de que os periódicos são mais que meros suportes, reconhecemos a importância deles na história da literatura, visto que também averiguamos a influência deles na produção da escrita literária nos séculos XIX e XX, como já haviam advertido Barbosa (2007) e Luca (2015). Além disso, agregamos aos periódicos a condição de serem meios e espaços de sociabilidades que alargaram possibilidades de escrita, publicação e recepção da palavra das mulheres escritoras. Por conseguinte, reiteramos nossa pesquisa, apenas reiniciou essa conversa sobre Alba Valdez, nesse diálogo infindo entre a Literatura e a Imprensa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DA AUTORA:

Livros:

_____. **Em Sonho... Fantasia**s. Fortaleza: Tipografia Moderna a vapor, Ateliê Louis, 1901.

_____. **Dias de Luz**: Recordações da Adolescência. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1907.

_____. **Em Sonho... Fantasia**s. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2017.

Publicações em Periódicos:

_____. Os Sonhos. *A Constituição*, Fortaleza, 2 fev. 1889, p.2.

_____. Noturno. *Diário de Notícias*, Belém, 31 out. 1897, p.1.

_____. O sonho do cego. *A República*, 16 mai. 1900, p.2.

_____. O sonho do cego. *A Pacotilha: jornal da tarde*, 30 mai. 1900, p.2.

_____. Folha de um livro. *A Tribuna*, Natal, 31 mar. 1901, p.8.

_____. Folha Solta: página cearense. *A Capital*, Niteroi-RJ, 06 ago.1903, p. 1

_____. Auta de Sousa. *Novo Almanaque de Lembranças luso-brasileiro*, Lisboa-PT, 1903, p. 214.

_____. A Boda. *O Lyrio*, Recife, março, 1903.

_____. Descrição Cearense. *O Lyrio*, Recife, abril, 1903.

_____. Visão do Crepúsculo. *O Lyrio*, Recife, maio, 1903.

_____. Coração. *O Lyrio*, Recife, janeiro, 1904.

_____. O Beija-flor. *O Lyrio*, Recife, março de 1904.

_____. A utilidade do jornal. *A Cidade*, Sobral-CE, 08 de fev. 1904, p.2.

_____. Coração. *A Cidade*, Sobral-CE, 16 de jun. 1904, p.1-2.

_____. Coração. *A Cidade*, Sobral-CE, 18 de jun. 1904, p.1-2.

_____. Fragmentos. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 02 de out. 1904, p.51.

_____. O Beija-flor. *Almanaque do Ceará*, Fortaleza, 1904, p.180.

_____. A Esperança. *Almanaque da Comarca do Amparo*, Amparo- SP, 1905, p. 173.

_____. Paisagem Polar. *Novo Almanaque de Lembranças luso-brasileiro*, Lisboa-PT, 1904, p. 262.

_____. Carta de Alba Valdez ao Almanaque do Amparo, *Almanaque da Comarca do Amparo*, Amparo- SP, 1905, p. 485-486.

_____. Eterna História. *Revista do Ceará*, Fortaleza, 1905.

_____. História. *Revista do Ceará*, Fortaleza, 1905, p. 210.

_____. Folha solta: página cearense. *Gazeta de Petrópolis*, Petrópolis-RJ, 05 set. 1908, p.1.

_____. Impressões d'um livro. *O Bandeirante*, Fortaleza, set. 1910.

_____. Uma data Cearense. *Ano Escolar*, Fortaleza, 1910.

_____. O sonho de Gutemberg. *Os anais: Congresso Maranhense de Letras*. São Luiz, nov. 1910.

_____. Carta a uma poetisa. *Revista Escolar*, Fortaleza, 1911, p. 1-2.

_____. Poeira: estudo sobre livro de poemas de mesmo título de Humberto de Campos. *A Jangada*, Fortaleza, mar. 1911.

_____. Os anos da Revista. *Revista Escolar*, Fortaleza, 14 jul.1911, p. 5-6.

_____. Fauce do abismo. *Almanaque da Comarca do Amparo*, Amparo- SP, 1914, p. 380-381.

_____. Uma definição de Gross. *Panóplia*, Fortaleza, jan-fev. 1914.

_____. Discurso (inauguração de três escolas noturnas sob a responsabilidade da Liga Cearense contra o analfabetismo, no Palacete da Fênix Caixeiral. *Diário do Ceará*, Fortaleza, 17 abr. 1917.

_____. Uma frase. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 26 jul. 1917.

_____. Musa Maranhense. *Correio do Ceará*, Fortaleza, jul. 1917.

_____. As Senhoras Cearenses. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 1919.

_____. Um livro de versos. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 23 ago. 1919.

_____. Ceará, terra do Brasil. *Íris*, Porto Alegre, 1920.

_____. A sempre nova questão do ensino. *Ano Escolar*, Rio de Janeiro, 1921, p. 304-307.

_____. Um encantador serão lítero-artístico na residência de Juvenal Galeno. *Correio do Ceará*. 25 fev. 1921, p.1-2.

_____. O espírito popular cearense. *Almanaque do Ceará*, Fortaleza, 1922.

_____. Nacionalismo. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 1922.

_____. Carta a Rodolfo Teófilo. *A Tribuna*, Fortaleza, 1922.

_____. Os Jangadeiros. *O Nordeste*, Fortaleza, 29 jun. 1923.

_____. A verdade histórica. *O Nordeste*, Fortaleza, 7 jul. 1923.

_____. O horrível Morbus. *O Nordeste*, Fortaleza, 1927.

_____. A beleza errante da luz. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 2 mar. 1928.

_____. Impressões de um livro. *Atualidade*, Fortaleza, 1928.

_____. Uma Praça. *Almanaque do Ceará*, Fortaleza, 1922.

_____. Sobre Cartilharias. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 2 mar. 1929.

_____. O ethos brasileiro. *A Razão*, Fortaleza, 1929.

_____. De pé. *Jornal do Comércio*, Fortaleza, mai. 1930.

_____. De pé. *Nação Brasileira*, Rio de Janeiro, ago. 1930.

_____. Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana. *Diário da Manhã*, Recife, 23 jun. 1935, p. 22.

_____. A Jangada abolicionista. *Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História*, Fortaleza, out. 1935.

_____. Discurso: posse do Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1936, p. 197-202.

_____. Seção 2: Discurso em comemoração ao Quinquagenário do Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 04 mai. 1937, p. 422-430.

_____. Uma conversa no Café Art-Nouveau. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 04 mai. 1938, p.30-35.

_____. Barão de Studart e operosidade intelectual. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1938, p. 117-118.

_____. Três poemas de Machado de Assis. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1939, p.13-17.

_____. O Tumulto. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 04 mai. 1939, p. 59-62.

_____. Nosso lar, nossa escola. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1940, p.46-49.

_____. O Ceará na poesia de Antônio Sales. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1941, p.45-48.

_____. João Nogueira (Necrológio). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1947, p.236-246.

_____. Palavra da mulher cearense: entrevista concedida por alba Valdez sobre o voto feminino nas eleições de 1946. *O Estado*, Fortaleza, 1945.

_____. O segredo do vaqueiro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 fev. 1945, p.1.

_____. Uma grande figura educacional do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1948, p.166-172.

_____. Fragmentos. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 2 out. 1952, p.51.

_____. O centenário do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1953, p. 315- 320.

_____. Justiniano de Serpa e Leiria de Andrade. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1953, p.133-152.

_____. A bela missão de Ana Facó. *Unitário*, Fortaleza, 04 mai. 1955.

_____. Carlos Gondim, poeta de mísero destino. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1956, p.188-191.

_____. Mensagem à Academia Cearense de Letras. *Unitário*, Fortaleza, 1962.

OBRAS SOBRE A AUTORA:

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. Alba Valdez. In: _____. **Mulheres Beletristas e educadora:** Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935. Tese. Fortaleza: UFC, 2012.

ANDRADE, F. Alves de. O centenário de Alba Valdez. In: REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. **Revista da Academia Cearense de Letras**, Fortaleza, 1976, (p. 141-148).

BARROSO, Olga Monte. Alba Valdez. In: _____. **Quem são elas?** Fortaleza: IOCE, 1992. (p. 55-57).

_____. Alba Valdez. In: GALENO, Henriqueta. **Mulheres do Brasil: pensamento e ação.** V.II. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1971.

COELHO, Nelly Novaes. Alba Valdez. In: _____. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001).** São Paulo: Escrituras Editora, 2002. (p.29-30).

CUNHA, Cecília Maria. Alba Valdez: miragens de viajora. In: _____. **Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008. (p. 180-193).

DUARTE, Constância Lima. Alba Valdez. In: MUZART, Zahidê Lupinacci (org.). **Escritoras Brasileiras do século XIX.** v. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

GUTIÉRREZ, Ângela. Em sonho: a escrita terna da libertária Alba Valdez (Prefácio). In: VALDEZ, Alba. **Em Sonho... Fantasias.** 2.ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2017. (p.11-25).

MAIA, Janine Caracas de Souza. **O Discurso de Alba Valdez na Imprensa Cearense dos séculos XIX e XX.** Monografia. Fortaleza: UNIFOR, 2007.

SILVA, Odalice Castro e. **Alba Valdez: 1874-1962.** Lisboa: BNP, CLEPUL, CICS-NOVA, 2019.

SOUSA, Eusébio de. Maria Rodrigues (Alba Valdez). In: _____. **Meio século de existência: subsídio para a história do Instituto do Ceará, 1887-1937.** Fortaleza: Tipografia Minerva, 1937. (p.219-224).

BIBLIOGRAFIA GERAL:

ABREU, Márcia. Letras, Belas-Letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, Carmem Zink (org.). **História da Literatura: o discurso fundador.** Campina, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ABL): São Paulo: Fapesp, 2003.

ADORNO, T. W. **O ensaio como forma.** São Paulo: Ática, 1994.

ALBUQUERQUE, JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALENCAR, José de. **O Sertanejo.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2010.

ALMEIDA, Luciana Andrade de. **A Estrela: Francisca Clotilde e Literatura Feminina em revista no Ceará (1906-1921).** Fortaleza: Museu do Ceará/ SECULT, 2006.

ARISTÓTELES. *Retórica.* Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura:** a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

_____. Ler e escrever cartas nos periódicos luso-brasileiros dos séculos XVIII e XIX. In: _____ (org.). **Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

BARBOSA LIMA SOBRINHO. **Os precursores do conto no Brasil.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1960.

BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense.** 1º tomo. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

_____. Dolor. **História da literatura cearense.** 2º tomo. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1951.

_____. Dolor. **História da literatura cearense.** 3º tomo. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1954.

_____. Dolor. **História da literatura cearense.** 4º tomo. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962.

BESSIÈRE, Jean. Centro, Centros: novos modelos literários. IN: WEINHARDT, Marilene; CARDOZO, Maurício Mendonça (orgs.). **Centro, Centros:** Literatura e Literatura Comparada em discussão. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

BEVILÁQUA, Amélia de Freitas. Palavras de Literatura. In: _____. **Alma Universal.** Rio de Janeiro: Borsoi & CIA, 1935.

BEZERRA, Antônio. **O Ceará e os Cearenses.** 2.ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

_____. **Notas de viagem.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1935.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 15.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BITONI, Dulcília H. Schroeder. **Imprensa Feminina.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1990.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CAMARGO, Kátia Aily Franco de. A revista como fonte de pesquisa. In: _____. (org.). **Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTE, Alcilene. **Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília de Freitas**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. As revoluções da Leitura no Ocidente. In: ABREU, Marcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

_____. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn (Org.). **A Nova História Cultural**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (p.211-238)

CUNHA, Cecília Maria. **Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

CÍCERO, Marco Túlio. Do orador. In: SOUZA, Roberto Acízelo de. (org.). **Do Mito das Musas à razão das Letras: textos seminais para os estudos literários (século VIII a.C. – século XVIII)**. Chapecó-SC: Argos, 2014.

COSTA, Marta Morais da. A Estrutura Narrativa: Crônica e Ensaio. In: _____. **Teoria da Literatura II**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008. (p.175-188).

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil (Século XIX)**: Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: autêntica, 2016.

_____. Eis que ressurgue uma escritora. In: CAVALCANTE, Alcilene. **Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília de Freitas**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2008.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará: dos índios à geração Cambeba**. Fortaleza: Tropical Editora, 1997.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordeste. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi;

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Livros para ensinar a ler e escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia. (orgs.).

Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres:** o século XIX. Ed. 528. Porto: Edições Afrontamento Ltda., 1991.5 v.v.4.

_____. Produção das mulheres, imaginárias e reais: introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres:** o século XIX. Ed. 528. Porto: Edições Afrontamento Ltda., 1991.5 v.v.4.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de si. In: _____. **Ética, Sexualidade, Política.** 3 ed. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 141-157, (Col. Ditos e escritos).

_____. **A ordem do discurso:** aula inaugural no College de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GIROLA, Maristela Kirst de Lima. A representação do Espaço e da Mulher e Ausência da Voz Feminina. In: _____. **Entre a casa e a rua:** o espaço ficcional e a personagem feminina no romance português da segunda metade do século XX. Curitiba: Juruá, 2013.

HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho.** São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Companhia das Letras, 1989.

_____. **Instituição retórica, técnica retórica, discurso.** Matraga, Rio de Janeiro, v.20, n.33, jul/dez. 2013.

HOBBSAWN, Eric J. **A era dos impérios:** 1875 – 1914. 22. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz na Terra, 2016.

KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres:** o século XIX. Ed. 528. Porto: Edições Afrontamento Ltda., 1991.5 v. v.4.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura:** memória de vida, histórias de leitores. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAKOFF, Robin. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMAN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. **Linguagem, gênero e sexualidade.** São Paulo: Parábola, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão [et.all.]. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à Internet. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIMA, Batista de. A Mulher na Literatura Cearense. In: FIÚZA, Regina Pamplona (org.). **A Mulher na Literatura**: criadora e criatura. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **O historiador e suas fontes**. São Paulo Contexto, 2015.

MACLAREN, Margaret A. **Foucault, feminismo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura Piauiense**: horizontes se leitura & crítica literária (1900-1930). Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1998.

MENDES, Algemira de Macêdo. **A imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua**. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

MEYER, Marlysse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: companhia das Letras, 1996.

MOREIRA, Nazilda Martins de Barros. Escrita, crítica, gênero: uma trajetória feminina, feminista. In: _____. **A condição feminina revisitada**: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. João Pessoa: Universitária, 2003.

MOISÉS, Massaud. A criação literária - prosa II. 19 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Santa Catarina: Mulheres (EDUNISC), 1999.

_____. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. 2ª ed. Santa Catarina: Mulheres (EDUNISC), 2000.

NÓBREGA, Gabriel Parente. **Viver à lei da nobreza**: elites locais e o processo de nobilitação da capitania do Siará Grande (1748 – 1804). Curitiba: Appris, 2017.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução a História do Jornalismo Cearense**: edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC-UFC, 2006.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de gênero**. São Paulo: Edusp, 2001.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Vivian Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Mulheres Públicas**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PIMENTEL, Alberto. Antônio Xavier de Sousa Cordeiro: esboço biográfico. In: NOVO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO BRASILEIRO, Lisboa, 1905.

PONTES, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)**. 5.ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2014.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI: Ou carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (orgs.). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2011. (578 – 606).

_____. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.

RONCARI, Luiz. **A estampa da rotativa na crônica literária**. In: BOLETIM BIBLIOGRÁFICO BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE. v. 46, n.1/4, jan. – dez. 1985.

SIMMEL, Georg. Cultura feminina (1902). In: _____. **Filosofia do Amor**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SIRINELLI, J.F. Os intelectuais. In: RÈMOND, R. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996. (p. 231-269).

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SORJ, Bila. Trabalho remunerado e trabalho não remunerado. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (orgs.). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Ábramo, 2004.

STUDART, Guilherme. **Para a História do Jornalismo Cearense: 1824 -1924**. Fortaleza: Tip. Moderna, 1924.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

TIN, Emerson (org.). **A arte de escrever cartas**. Campinas, SP: Unicamp. 2005.

ZILBERMAN, Regina. O jornal e a vida literária brasileira. In: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BIBLIOGRAFIA RETIRADA DA INTERNET:

ARAÚJO, Sérgio Xavier Gomes de. **O problema do *ethos* da escrita de si em Montaigne e em Petrarca: do ensaio à epístola**. Revista Kriterion: revista de filosofia. v. 53, n. 126. Belo Horizonte: UFMG, 2012. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2012000200014. Acesso em 12 out. 2018.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Revista de Estudos Históricos. v.11, n.21, p. 9-34. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em 15 nov. 2016.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **A escrita epistolar como prosa de ficção: as cartas do jornalista Miguel Lopes do Sacramento Gama**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. v. 7, n. 2, p. 331-344. 2011. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/viewFile/2406/1559>. Acesso em 06 jul. 2017.

Cruz, Eduardo da. **Palavras de luxúria e de deboche**: homoerotismo no Almanak Carahal. Via Atlântica, n.33, p.113-133. São Paulo: USP, 2018 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/118841>. Acesso em 9 nov. 2018.

DURAN, Maria Renata da Cruz. **Retórica e eloquência no Rio de Janeiro (1759 – 1834)**. Tese. Franca-SP: UNESP, 2009. Disponível em: <http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/mariarenata.pdf>. Acesso em 3 jul. 2017.

FÉLIX, Roseane Oliveira de Araújo; CARDOSO, João Batista. **Essa Terra**: mito e telurismo no universo ficcional de Antônio Torres. Revista Linguagem – Estudos e pesquisas. Catalão-GO, 2016. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/44852/22286>. Acesso em: 12 jan.2017.

FERREIRA, Vinícius Ribeiro Cordão; LIMA, Crisélides Ferreira. SILVERIRA, Thiago Coelho. **A produção cultural do Almanaque do Ceará**: a contribuição de Antônio Sales. In: 9º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. *Anais*. Ouro Preto, MG:UFOP, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/qt-historia-da-midia-impressa/a-producao-cultural-do-almanach-do-ceara-a-contribuicao-de-antonio-sales>. Acesso em: 23 jan.2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira abordagem**. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/os-estudos-sobre-mulher-e-literatura-no-brasil-uma-primeira-abordagem-9/>. Acesso em 29 abr. 2017.

HOHLFELDT, Antônio. **O Romance-folhetim na Imprensa Porto-alegrense no século XIX**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/dfa4efff2f47775b53da36114f6ccb71.pdf>. Acesso em 12 nov. 2018.

JUNQUEIRA, Ivan, Apresentação. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discursos Acadêmicos (1897-1919)**. Tomo 1, v. I, II, III < IV, Rio de Janeiro: ABL, 2005. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/Tomo%20I%20-%201897%20a%201919.pdf>. Acesso em 2 jan. 2018.

KETTERER, Valérie. **Mulheres de Letras no Ceará (1880-1925):** dos escritos à cena pública. Revista de Letras, Fortaleza: UFC, 1996. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl18Art16.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2017.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro:** autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Tese. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Disponível em: <http://www.poscritica.uneb.br/wp-content/uploads/2014/08/DIANA-KLINGER-ESCRITAS-DE-SI.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2018.

LIMA, Rafaela Gomes. **Os tipos em Fortaleza:** uma pequena história da impressão cearense no século XIX. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, 29 maio 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/18968>. Acesso em 10 maio 2016.

MACEDO, Dimas. **Literatura Cearense Feminina:** Introdução. Disponível em <http://dimasmacedo.blogspot.com/2012/08/literatura-feminina-cearense-introducao.html>. Acesso em 13 jul 2015.

MACKENZIE, D. F. Bibliography and the sociology of texts. In: **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. Disponível em: <http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam032/98031000.pdf>. Acesso em 02 jul. 2017.

MARTINS, Eduardo Vieira. **A fonte subterrânea:** O Pensamento Crítico de José de Alencar e a Retórica Oitocentista. Tese. Campinas-SP: UNICAMP, 2003. Disponível em: repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270275/1/Martins_EduardoVieira_D.pdf. Acesso em 4 set. 2017.

MENESCAL, Ana Alice Miranda. **A história trazida à luz:** o Instituto do Ceará e as análises acerca dos povos indígenas. Tarairiú. Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB. Campina Grande, Ano III, v. 1, n. 4, abril/maio de 2012, p. 47-63. Disponível em: <http://revistatarairiu.blogspot.com.br/2012/06/historia-trazida-luz-o-instituto-do.html>. Acesso em 13 mai. 2017.

MOURA, Raniele Leal. **História das Revistas Brasileiras – informação e entretenimento.** 2013. Disponível em: [file:///C:/Downloads/Historia%20das%20Revistas%20brasileiras%202013%20informacao%20e%20entretenimento%20\(1\).pdf](file:///C:/Downloads/Historia%20das%20Revistas%20brasileiras%202013%20informacao%20e%20entretenimento%20(1).pdf). Acesso em 06 mai. 2017.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX.** Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/keyle/Downloads/9494-28301-1-PB.pdf>. Acesso em 14 jul. 2017.

PEIXOTO, Afrânio. Introdução. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discursos Acadêmicos (1897-1919).** Tomo 1, v. I, II, III < IV, Rio de Janeiro: ABL, 2005. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/Tomo%20I%20-%201897%20a%201919.pdf>. Acesso em 2 jan. 2018.

PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.9, nº18, p.09-18, ago.89/set.89. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3846 . Acesso em 12 out. 2018.

PINHEIRO, Francisca Gabriela Bandeira. **A lepra em Fortaleza através das páginas do jornal O Nordeste na década de 1920**. In: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA, MEMÓRIAS, ORALIDADES E CULTURAS – UECE, 2012, Fortaleza. *Anais*. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos_completos/52-9412-03102012-152206.pdf. Acesso em 13 nov. 2018.

RAMOS, Gabriela. **A Quinzena e O Pão como formadores da imprensa literária no Ceará**. In: 10º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA – UFRGS, 03-05 jun. 2015. Porto Alegre. *Anais*. Disponível em: file:///C:/Users/keyle/Downloads/GTMIDIMP_RAMOS-%20Gabriela.pdf, Acesso em 16 nov. 2018.

ROMARIZ, Andrea Germano de Oliveira. **O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: Um ensaio para um Projeto maior?** Dissertação. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2011. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5145/6/ulfl106395_tm.pdf. Acesso em 22 dez. 2016.

SCHUELER, A.F.M.de. **Práticas de escrita e sociabilidades intelectuais da cidade: professores autores na corte imperial (1860 – 1890)**. Disponível em: http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe_2008/pdf/111.pdf. Acesso em 14 jan. 2018.

SCOTT, Joan W. **Experiência**. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf. Acesso em: 22 dez. 2017.

SILVA, Régia Agostinho da. **Entre mulheres, história e literatura: a escrita feita por mulheres em Fortaleza do século XIX**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. *Anais*. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resoucers/anais/14/1300906599_ARQUIVO_ENTRE_MULHERES31.pdf. Acesso em: 12 jul. 2016.

SILVA, Maria Goretti Lopes Pereira. **A Escola Normal do Ceará nos Anos de 1930 a 1950: Palco de Debates Políticos e Pedagógicos no Calor das Reformas**. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/5894>. Acesso em 23 nov. 2016.

TEIXEIRA, Roberta Guimarães. **Os lugares e meios de sociabilidade intelectual do jornal O Sexo Feminino: algumas considerações**. Disponível em: https://www.google.com/search?q=os+lugares+e+os+meios+de+sociabilidade+intelectual+do+jornal+o+sexo+feminino&rlz=1C1CHZL_ptBRBR797BR798&oq=os+lugares+e+os+meios+de+&aqs=chrome.1.69i57j69i59l3j69i60.9506j1j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em 14 jan. 2018.

VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo. **Lexicografia Bilíngue**: a tradição dicionarística Português-Línguas Modernas. Aveiro: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/ Universidade de Aveiro, 2011. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Lxicografia_bilingue.html?id=5vx8BAAQBAJ&redir_esc=y. Acesso em 20 set. 2016.

XAVIER, Patrícia Pereira. **O Dragão do Mar na “Terra da Luz”: a construção do herói jangadeiro (1934 -1958)**. Mestrado. São Paulo: PUC, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13206>. Acesso em 23 mar. 2018.

ARTIGOS DE PERIÓDICOS:

A ESTRELLA. Entre risos e flores. *A Estrela*. Aracati-CE, out. 1910. (p. 2)

ALVARINS. Curvas e Retas. *Libertador*: Órgão do Centro Republicano. Fortaleza, 1891.

A NAÇÃO. A mulher nos silogeus: uma escritora candidata à Academia Cearense de Letras. *A Nação*, Rio de Janeiro, 16 mai. 1937.

ANDRADE, F. Alves de. O Centenário de Alba Valdez. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1976. (p.141-148).

A RAZÃO. Despedidas. *A Razão*, Fortaleza, 20 jul. 1937. (p.2).

A REPÚBLICA. Em que pensam as mulheres? *A República*, Fortaleza, 9 nov. 1898, p.1.

_____. Discurso. *A República*, Fortaleza, 19 nov. 1898a, p.2.

ASSIZ, Nicolau. Tipos & Coisas: Intelectualismo em ação. *Diário do Ceará*, Fortaleza, 12 mai.1930.

_____. Tipos & Coisas: Celeuma auspiciosa. *Diário do Ceará*, Fortaleza, 16 mai.1930.

_____. Tipos & Coisas: Colmeia Literária. *Diário do Ceará*, Fortaleza, 17 mai.1930.

AZEVEDO, Sânzio. Uma poetiza cearense. *O Povo*, Fortaleza, 26 jul. 2016.

BEVILÁQUA, Clóvis. O Lírio perante a Literatura Nacional. *O Lyrio*, Recife, nov./dez. 1903.

CÉSAR, Euclides. Florilégio: D. Alba Valdez. *A Razão*, Fortaleza, 25 jun. 1929. (p.3)

CORREIO DA MANHÃ. Convite Missa de sétimo dia de Alba Valdez. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 fev.1962.

CORREIO DO CEARÁ. Faleceu a Escritora Alba Valdez. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 5 fev. 1962. (p.11).

DAMASCENO, Pantaleão. Alba Valdez foi a primeira escritora e jornalista que apareceu no Ceará em 1890. *Unitário*, 11 fev. 1962. (p.5).

DIÁRIO DA NOITE. Ad. Imortalitatem, Deve ou pode a mulher pertencer à Academia Brasileira de Letras? Como a Sra. Amélia de Freitas Beviláqua respondeu a nossa enquete. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 10 jun. 1930.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. Academias de Letras geram reflexão e crítica. *Diário do Comércio*, Belo Horizonte, 30 mar. 2018.

DIÁRIO DO GOVERNO DO CEARÁ. Carta das mulheres de Quixeramobim ao redator do jornal. *Diário do Governo do Ceará*, Fortaleza, 22 mai. 1824.

_____. Carta das senhoras de Icó ao redator do jornal. *Diário do Governo do Ceará*, Fortaleza, 30 jun. 1824.

FREITAS, Emília. De volta da Fortaleza. *A República*, Fortaleza, 19 nov. 1898, p. 4.

GARCIA, Abel. A mulher cearense. *A Quinzena*, Fortaleza, 1887, p.1-2.

GAZETA DO NORTE. Resultados da Escola Normal do Ceará. *Gazeta do Norte*, Fortaleza, 05 e 11 de abr. 1888.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. A mulher no Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 2001, (p. 267-282).

INSTITUTO DO CEARÁ. Estatutos. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1887.

JORNAL DO BRASIL. Uma Escritora Brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1903.

JORNAL DO CEARÁ. Nota sobre a fundação da Liga Feminista Cearense. *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 27 jun. 1904.

_____. Convite para posse da Liga Feminista Cearense. *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 29 jul. 1904.

L.A. Tópicos & Notícias: No Jardim do Akademos. *Diário do Ceará*, Fortaleza, 31 mai. 1930.

LIBERTADOR. Resultado dos exames de ensino primário de Alba Valdez. *Libertador*, Fortaleza, 03 dez. 1883.

_____. Nota oficial informando remoção da Professora Maria Rodrigues (Alba Valdez) de Aracatiaçu para Baturité. *Libertador*, Fortaleza, 30 out. 1889.

LYCURGO. As senhoras cearenses. *Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora*. Fortaleza, 1881.

MADemoiselle***. O Natal. *A Quinzena*, Fortaleza, 16 abr. 1888.

_____. Roubo de 9 Contos. *A Quinzena*, Fortaleza, 28 mar. 1888.

_____. A Saudade. *A Quinzena*, Fortaleza, 10 jun. 1888.

NOGUEIRA, Joaquim da Costa. À Guisa do Prólogo. In: *CEARÁ INTELLECTUAL: extrato do Ano Escolar*. Fortaleza: Instituto de Humanidades, 1910

OLIVEIRA, João Baptista Perdigão de. A imprensa no Ceará (Parte I). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1897.

_____. A Imprensa no Ceará: A primeira typographia do Ceará. – A Imprensa Nacional. Typographias e litographias e seu desenvolvimento. – O primeiro livro impresso no Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1907.

O ORVALHO. O Orvalho. *O Orvalho*, Fortaleza, 19 ago. 1888. (p.1).

_____. A gramática das mulheres. *O Orvalho*, Fortaleza, 19 ago. 1888. (p.2)

_____. A saudade. *O Orvalho*, Fortaleza, 19 ago. 1888. (p.1-2)

PEDRO II. Recreio e Instrução. *Pedro II*, Fortaleza, 28 nov. 1849.

POMPEU, Tomaz. *População do Ceará*. Fortaleza, 1889. (p.100-101).

REVISTA DA SEMANA. Liga Feminista Cearense. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 2 out. 1904. (p.17-18).

SILVINO, Antônio. Nota sobre o nome de sobrenome “Peixe” de Alba Valdez. *O Malho*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1921.

SOBREIRA, Isabel. Discurso. *A República*, Fortaleza, 19 nov. 1898, p. 2.

STUDART, Guilherme. Catálogo dos Jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1898.

_____. Catálogo dos Jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1904.

TRIBUNA DO CEARÁ. Alba Valdez. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 9 fev. 1962. (p.3)

UNITÁRIO. Convite-Enterro de Alba Valdez. *Unitário*, Fortaleza, 1962.

VASCONCELOS, Arnaldo. Conversa de Livraria: Alba Valdez. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 8 fev. 1962.

APÊNDICES

LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DE ALBA VALDEZ

PUBLICAÇÃO	PERIÓDICO	ANO	DATA	LOCAL
Os sonhos (poema)	Jornal: Constituição	1889	02 de fev. (sábado)	Fortaleza
	Jornal: Diário do Ceará	1895		
	Jornal: Diário do Ceará	1896		
Noturno (crônica)	Jornal: Diário de Notícias	1897	31 de out. (domingo)	Gram-Para - Belém
O sonho do Cego	Jornal: A República	1900	16 de maio	Fortaleza
O sonho do Cego	Jornal: A Pacotilha (jornal da Tarde)		30 de maio (quarta)	Maranhão
Folha de um livro	Revista: A Tribuna	1901	31 de mar.	Natal - RN
	Revista: Praça do Ferreira	1901		Fortaleza
Auta de Sousa	Almanach de Lembranças luso-brasileiro	1903		Lisboa - Portugal
Folha Solta (página cearense)	Jornal: A Capital	1903	06 de ago.	Niteroi - RJ
A Boda	Revista: O Lyrio	1903	março	Recife-PE
Descrição Cearense	Revista: O Lyrio	1903	abril	Recife-PE
Visão do Crepúsculo	Revista: O Lyrio	1903	maio	Recife-PE
Coração	Revista: O Lyrio	1904	janeiro	Recife-PE
O Beija-flor	Revista: O Lyrio	1904	março	Recife-PE
A utilidade do Jornal	Jornal: A Cidade	1904	08 de fev.	Sobral- CE
Coração	Jornal: A Cidade	1904	16 de jun. (quinta)	Sobral- CE
Fragmentos	Revista da Semana – Edição semanal ilustrada do Jornal do Brasil	1904	02 de out.	Rio de Janeiro
O Beija-flor	Almanach do Ceará	1904		Fortaleza
A Esperança	Almanach da Comarca do Amparo	1905		Amparo -SP
Paisagem Polar	Almanach de Lembranças Luso-brasileiro	1905		Lisboa - Portugal
Carta a Alba ao Almanaque	Almanach da Comarca do Amparo	1905		Amparo -SP
Última Prova	Almanach da Comarca do Amparo	1905		Amparo -SP
Eterna História	Revista do Ceará (ano 1, nº 2)	1905	-----	-----
História	Revista do Ceará	1905	-----	-----
Folha Solta (página cearense)	Jornal: Gazeta de Petrópolis	1908	05 de set. (sábado)	Petrópolis- RJ
Impressões d'um livro	Jornal: O Bandeirante	1910	setembro	Fortaleza
Uma data cearense	Ceará Intelectual: extrato de “Ano escolar”	1910	-----	Fortaleza
O sonho de Gutemberg	Revista: Os Anais – Congresso Maranhense de Letras	1910	novembro	Maranhão
	Revista: A Renascença (nº 1)	1911	01 de jan	Maranhão
	Revista: A Renascença (nº 2)	1911		Maranhão
Carta a uma poetisa	Revista Escolar	1911	fevereiro	Fortaleza
Poeira (crítica) Estudo sobre livro de poemas, de mesmo título, de Humberto de Campos	Revista A Jangada	1911	março	Fortaleza
Os anos da “Revista”	Revista Escolar	1911	julho	Fortaleza

Fauce do abysmo	Almanach da Comarca do Amparo	1914		Amparo -SP
Uma definição de Gross	Revista Panóplia	1914	Jan-fev	Fortaleza
Discurso (no Palacete – Fênix Caixeiral por conta de inauguração de três escolas noturnas sob a responsabilidade da Liga Cearense contra o Analfabetismo)	Diário do Ceará	1917	17 de abril	Fortaleza
Uma frase (interessante comentário à frase de Bilac perorou em sua conferência na Academia Mineira de Letras: “Abençoada seja a vida, porque ela nos deu o pensamento e o amor: pensar é um supremo orgulho, e amar uma incomparável ventura)	Jornal: Correio do Ceará	1917	26 de julho	Fortaleza
Musa Maranhense (crítica literária ao livro de versos Cambiantes da poetisa maranhense Leonete Oliveira)	Jornal: Correio do Ceará	1917	julho	Fortaleza
As Senhoras Cearenses	Jornal: Correio do Ceará	1919		Fortaleza
Um livro de versos (a propósito do aparecimento de Alamêda do Sonho, de Sales Campos	Jornal: Correio do Ceará	1919	23 de agos	
Ceará, terra do Brasil	Iris	1920		Porto Alegre
A sempre nova questão do ensino	Ano Escolar	1921		Rio de Janeiro
O Espírito popular Cearense	Almanaque do Ceará	1922		Fortaleza
Nacionalismo	Jornal: Correio do Ceará	1922		Fortaleza
Carta a Rodolpho Teófilo	Jornal: A Tribuna	1922		Fortaleza
Os Jangadeiros	Jornal: O Nordeste	1923	29 de jun	Fortaleza
A verdade histórica (resposta à carta de Rodolfo Teófilo)	Jornal: O Nordeste	1923	07 de jul	
O horrível <i>morbus</i>	Jornal: O Nordeste	1927		Fortaleza
A beleza errante da luz (poesia sobre o sol)	Jornal: Correio do Ceará	1928		Fortaleza
Impressões de um livro	Revista: Atualidade	1928		Fortaleza
	Almanach do Ceará	1928		Fortaleza
Sobre Cartilharias (carta de Alba Valdez e Padre Cícero)	Jornal: Correio do Ceará	1929		Fortaleza
O “ <i>ethos</i> ” brasileiro	Jornal: A Razão	1929		Fortaleza
De pé	Jornal do Comércio	1930	maio	Fortaleza
De pé	Jornal: A Nação	1930	agosto	Rio de Janeiro
Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana	Jornal: Diário da Manhã	1935	23 de jun. (domingo)	Recife
A Jangada Abolicionista	Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História	1935	outubro	Fortaleza

Discurso (pronunciado em sessão do instituto por ocasião de ser recebida sócia efetiva)	Revista do Instituto do Ceará	1936		Fortaleza
Discurso em comemoração ao Quinquagenário do Instituto do Ceará	Revista do Instituto do Ceará	1937	04 de mar	Fortaleza
Uma Conversa no Café Art-Nouveau (capítulo inicial de um romance em preparo)	Revista da Academia Cearense de Letras	1938		Fortaleza
Barão de Studart e operosidade intelectual p.117-118	Revista do Instituto do Ceará (tomo especial)	1938		Fortaleza
Tumulto (Excerto)	Revista do Instituto do Ceará	1939		Fortaleza
Três poemas de Machado de Assis	Revista da Academia Cearense de Letras	1939		Fortaleza
Nosso lar, nossa escola	Revista da Academia Cearense de Letras	1940		Fortaleza
O Ceará na poesia de Antônio Sales	Revista da Academia Cearense de Letras	1941		Fortaleza
Palavra da mulher cearense (entrevista concedida sobre as eleições de 1946, o voto feminino)	Jornal: O Estado	1945		Fortaleza
O segredo do Vaqueiro	Jornal: Correio da Manhã	1945	04 de fev. (domingo)	Rio de Janeiro
João Nogueira	Revista do Instituto do Ceará	1947		Fortaleza
Uma Grande figura educacional do Ceará (esboço da biografia de José de Barcelos)	Revista do Instituto do Ceará Separata da Revista do Instituto do Ceará	1948 1949		Fortaleza
Justiniano de Serpa e Leiria de Andrade (Discurso da Posse de Alba na Academia)	Revista da Academia Cearense de Letras	1953		Fortaleza
O Centenário do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos	Revista do Instituto do Ceará	1953		Fortaleza
A bela missão de Ana Facó (discurso em homenagem ao centenário de nascimento da romancista e teatróloga cearense em 20/04/1955 no Instituto do Ceará)	Jornal: O Unitário	1955		Fortaleza
Carlos Gondim, Poeta de Mísero Destino p.188-191	Revista da Academia Cearense de Letras	1956		Fortaleza
Palavras ao luar	Manuscrito inédito – Arquivo Mozart Monteiro			
Fantasia do verão	Manuscrito inédito – Arquivo Mozart Monteiro			

ANEXOS

ANEXO A – TRANSCRIÇÕES DAS PUBLICAÇÕES DE ALBA VALDEZ EM JORNAIS

A Saudade¹²⁹

A saudade é o desejo de um bem do qual se está privado, é a lembrança suave e triste ao mesmo tempo d'aquelas pessoas que nos são caras: é o "delicioso pungir de acerbo espinho" na frase de Garrett".

A saudade é a companhia inseparável dos tristes desgraçados; é o mavioso nome que tantas vezes soa nos lábios da amiga ausente, da irmã, e finalmente de todas as pessoas que nos inspiram simpatia.

Como flor é a que se prefere para depositar no túmulo dos entes a quem mais estimamos, como sentimento é o mais belo, o mais doce e, ao mesmo tempo, mais amargo e doloroso.

"É um bem que se padece e um mal de que se gosta".

Noturno¹³⁰

Vós, Oh! louca fantasia, atravessa o oceano que mal rumoreja sob um céu juncado de estrelas, transpõe as eminências azuis, as campinas extensas, toda essa imensidade adormecida e misteriosa e para onde te chama a harmonia suavíssima e triste da saudade de uma ventura anelada e sempre fugitiva!

Vê! Nem mais te prendo, que me falecem as forças, na insânia de conter-te.

Solta as asas e livra-te no éter pleno de luz; que as aves, no conchego dos ninhos gorjeiam, ao ver-te passar a irresistível canção de seus amores.

E não mais volvas que poderiam ferir-te as urres da jornada; ainda que o caminho fosse intérmino jardim em flor e a claridade dos astros brilhasse linda, verias tudo escuro e triste!

Não voltes, abrasa-te na chama que te atraiu; que se o tempo me levar ao inverno dos anos, ao evocar o passado, surgirá sempre e única a lembrança luminosa dessa peregrinação e morte de amor.

Folha Solta¹³¹ 'Página Cearense'

Como dói n'alma cearense ver este céu que um azul imutável poetisa!

Nenhuma mancha de nuvem tolda a limpidez do firmamento, nenhuma empana a refulgência gloriosa do Sol.

Cascatas de luz descem do alto reverberando nas vidraças encaixilhadas dos edifícios, na cal deslumbrante das paredes, nas pedras que calçam as ruas; a claridade intensa e cega uma avezinha que, voando, vai de encontro, à cornija de uma casa fronteira; o pobre corpinho produzindo um fraco ruído cai em vida sobre o passeio.

O vento ralha continuamente e inclina rudemente os galhos que sussurram plangentes; folhas pendem amareladas, outras rolam secas de envolta com a poeira movediça.

Prematuro foi por certo esse longe de melancolia que envolve as árvores: é ainda mês de inverno, de madrugadas frias e enevoadas. Mas a estação salvadora sumiu-se, levando os seus aguaceiros, as suas nevoas, a sua temperatura agradável, até quando? Até quando Deus quiser! Suspira o simples das serras e planícies, escudado na crença que o conforta, erguendo a vista para esse céu formoso e implacável que é ao mesmo tempo a sua esperança e o seu algoz.

¹²⁹ Publicado no jornal *O Orvalho* (1888), na edição de 19 de agosto (p. 1-2).

¹³⁰ Publicado no jornal *Diário de Notícias* de Belém do Pará, na edição de 31 de outubro de 1897 (p.1).

¹³¹ Publicação no jornal *A Capital*, edição de 6 de agosto de 1903 (p. 1)

No sertão a campina virente que era um tapete matizado, tanto a bordavam florinhas agrestes de alegres cores, acha-se erma das louçanias e galas com que a orna o inverno. Os rios e regatos não espelham os astros que irradiam, a nuvem que desliza, a ave que corta o éter; não murmuram casando suas vozes com as dos ramos que lhes assombram as margens; não ouvem o canto das lavadeiras gentis esquecendo a ausência de quem lhes quer bem numa canção de amor.

Do modesto albergue construído da carnaubeira, o lavrador avista o roçado em que moirejou dias e dias, o cansaço invadindo-lhe os membros, o suor rorejando e humedecendo lhe a camisa de algodão grosseiro: o milharal curva o colmos à ventania como o servo baixa a cerviz ao passar o poderoso senhor; os pendões tremulam e todavia as respigas não ostentam a basta cabeleira lourejando ao Sol. Não houve chuvas bastantes para faze-las crescer ou medrar.

Um rito de desespero, de sonho acabado contrai os lábios do roceiro e ele assenta-se sem forças, acismarento, num dos tamboretos que constituem a sua mobília.

Vão lá pensar o que turbilhona no dorido cérebro! Um horror de coisas tristes!

Tem visões que assombram, imagina peripécias que alcancem o íntimo. Vê numa estrada sem fim, pisando o saibro ardente, um casal de peregrinos com crianças ao colo e outras que magoam os pezinhos nos seixos faiscantes. Uma chora “não posso andar”, outra clama “tenho sede”.

Marido e mulher cruzam olhares que não se pintam. Que fazer? Caminhar incessantemente e avante como o judeu da lenda cristã, ir ao encontro da vida ou da morte... da morte quase sempre!

É nisto que cisma o mal-aventurado sertanejo cearense. Pressagia o cortejo de lágrimas e dores que ameaçam a serenidade do seu obscuro lar; que talvez bem cedo tenha de deixar o cantinho amado onde viveu e foi feliz tantos anos para vaguear, maltrapilho e faminto, aqui e acolá, em busca de trabalho para sustentar a família.

Mas as privações de toda a sorte transformaram o seu físico robusto num arcabouço, desgrenharam aqueles cabelos encovaram aqueles olhos, amareleceram aquela tez, puseram naquela boca uma grande expressão de desconsolo e sofrimento.

Uns despedem-no com gestos receosos vendo no aspecto do mísero algo de malfeitor, outros dão-lhe um minguado salário que mal pode aplacar a fome que lhe rói as entranhas.

Volta para a árvore hospitaleira que serve de teto a si e aos seus, conta-lhes a inutilidade dos seus esforços durante aquelas horas em que libou as fezes do infortúnio; então a mulher e as crianças saem implorando pelas casas, e a quem passa, o carinho luminoso da caridade.

Que singular ironia a da Natureza, oh! minha terra! Dando-te um céu que maravilha os olhos e mata a esperança do coração (VALDEZ, 1903, p.1).

A utilidade do jornal¹³²

(Para o aniversário d'A Cidade)

O jornal é uma das mais belas manifestações da imprensa. Traz à lembrança o paladino de longínquas eras que revestidos de piedosas insígnias, sem temer a extensão da viagem, as intempéries da travessia, os perigos dos reencontros, ia mundo em fora pelejar por uma causa santa, ajudado somente pelo imenso amor que lhe estuava na alma e a fé venturosa que lhe vinham de Deus.

Seu objetivo principal e grandioso consiste em pugnar pelo melhoramento das sociedades; evangeliza como um missionário cristão, educa e moraliza como um mestre e adormece dores como um apóstolo da ciência.

Quem dentre os que se interessam realmente pelo progresso em sua ação benéfica não tem recorrido as colunas do jornal? E há por aí alguém que sabendo ler não acolha com satisfação uma folha criteriosa e bem escrita, deliciando-se desde o bem lançado artigo de fundo até o ligeiro e cintilante folhetim?

¹³² Publicação no jornal de Sobral-CE, *A Cidade*, na edição de 8 de fevereiro de 1904 (p.2-3).

Pode haver, mas duvido, porque tenho a incrível audácia de tirar toda gente por mim, como se diz em linguagem vulgar. Acho deveras feio que um homem de mais ou menos espírito não procure saber o que vai de notável por aí além por intermédio da imprensa de sua terra.

Egoísta, pessimista ou misantropo, eis como deve ele ser classificado e estas espécies humanas são mais daninhas que animais bravios.

Falei só no homem e talvez nem notaste a exclusão ofensiva, raríssima patrícia que me lês; mas, que fazer? Nosso horizonte intelectual é ainda tão acanhado e tão descurada a instrução da mulher que uma que pende para as letras passa como singularidade, um exotismo a provocar murmúrios nem sempre repassados de lisonja e admiração.

Oh! Isso entristece e é sumamente desconsolador!

A moça deve ser esmeradamente educada para preencher com dignidade o papel de futura mãe de família; devem sê-lhe como facultar todos os conhecimentos uteis que possa comportar seu intelecto para proveito das gerações porvindouras.

Não se trata desse verniz de instrução de efeitos negativos aplicado pela maior parte de nossos colégios: estudos incompletos do idioma materno, umas frases em francês para o romance e umas notas de música gaguejadas ao piano; mas uma instrução sólida que sirva para a luta da vida prática, que faça da mulher um dos esteios do lar e não uma boneca.

Na Noruega existe uma lei adorável que obriga as raparigas a tirarem o diploma de boa dona de casa; é como conquistar com aplausos esse honroso galardão se não auxiliada por um cérebro bem dirigido e cultivado?

Que sublime cousa ver uma mulher fora da rotina, isto é, aquela que cercada dos jovens filhos, tenta incutir-lhes no espírito as lições do mais nobre civismo tendo em mira essa parcela de terra querida, - a mais encantadora – que se chama- Pátria!

Tem-se repetido centenas de vezes que o indivíduo é o produto do meio em que vive e não há contestar desta asserção. O que se deixa ficar na retaguarda, não acompanhando o evoluir e a marcha da civilização onde um mentecapto ou então um cadáver moral do qual todos devem afastar-se com receio.

O jornal vai aqui e acolá narrando sucessos, declinando fisionomias; instrue porque desperta atenção do leitor pelas ideias que enuncia, pelas causas que combate, pelos lugares que descreve. Tanto assim que há pouco um professor dos Estados Unidos num bem elaborado relatório observava que os mais distintos alunos da sua aula eram exatamente os meninos que liam jornais.

Doura as horas monótonas ora com leitura de um verso artístico, ora com a de um trecho de prosa laborada que a gente a força de reler acaba por decorar. Familiariza-nos com Santos Dumont que disputa com as águias do céu a soberania dos campos etéreos: - com essa prodigiosa e genial criança Oswaldo de Faria – que tem pasmado os veteranos da ciência da culta Europa com suas importantes descobertas no domínio da eletricidade.

Que consoladora é a vida espiritual! A imaginação desata as asas para os voos altaneiros em busca dos sonhos gloriosos que esquecem as urzes da realidade fria e implacável e a alegria como um passarinho ao amanhecer canta mais recôndito da alma.

Alba Valdez.

Coração¹³³

Maio despontava inundando de fulgores e aromas. O campo ria de verde e nos quintais plantados o vermelho variegado das rosas, o branco latescente dos cravos, o purpúreo das boninas atraía o olhar numa cintilação deslumbrante de matizes.

Muitas das principais famílias voltavam das fazendas da insipidez do sertão, agrilhoados pela nostalgia da vila agora mais movimentada e ruidosa em razão das novenas de Nossa Senhora.

Ainda lourejavam os raios do sol, os risos da serra fluíam para a igreja cuja nave espaçosa e corredores enchiam-se literalmente. O sino reboava o seu poderoso e insinuante

¹³³ Publicado no jornal *A Cidade* em 16 de junho de 1904 (p.1).

convite que ia morrer ao longe na transparência doce da tarde rural e de instante a instante foguetes chiavam, irrompiam do largo onde se erguia um mastro tendo no topo uma bandeira branca com a efígie da Virgem Santa tremulando ao vento.

No adro, a banda de música atacava com bravura velhas marchas entusiásticas de compasso incompreensível, um amalgama de notas que invadiam o espaço, as casas, os ouvidos, atroando, arrastando os fieis retardatários e morosos. O zum-zum crescia dentro e fora do templo, espalhando-se na rua qual imensa colmeia em atividade.

As pessoas que visitavam as fazendas contavam novidades, entre outras a do próximo casamento da viúva do tabelião Menezes com o Jorge Pinheiro, dono do mais gabado sítio da serra, o Cantagalo.

A Júlia Menezes! Aquilo era que se podia chamar mulher bonita, com uns olhos que pareciam mais estrelas do que olhos, pele alva, corada e estatura tirando para alta. O vestido de luto, justo no corpo, emprestava-lhe uns toques de melancolia poética e interessante. A fala cheia e harmoniosa vibrava semelhante a uma carícia.

Jorge tinha fama de guapo, rapaz, e além disso bom partido e quando vinham à balha os futuros esposos achavam que um não desmerecia o outro. O romance principiara a noite de natal em casa de uma prima dele, na duração de uma valsa. Como ambos não dançassem, conversavam; ela explicava-se: seu estado de viuvez impedia-lhe de tomar parte nesses divertimentos espalhafatosos e exaustivos que não lhe ofereciam prazer. As ilusões, estas repousavam sob uma campã, a daquele a quem se unira aos 16 anos. Ah! Como a sua alma toda se voltava para aquele passado!

E acrescentou com expressão languida ungida de adorável tristeza: - o coração da mulher que sonha, morreu, isto aqui (pondo a mão ebúrnea sobre o peito esquerdo) é o coração materno.

A filha - ia completar 15 anos – estava sendo educada no colégio das Irmãs na capital: ela, portanto, vivendo só, preenchendo as noites de insônia cruelmente longas em escrever a adorada ausente.

Que cartas, meu Deus! Folhas e folhas de papel cobertas de letras que não exprimiam nada! Nada! Reduzidas afinal à cinza pela chama movediça da vela.

Felizmente o martírio terminaria breve, Julieta concluía dentro de pouco os estudos e com a tagarelice de moça povoaria o ermo de seu lar.

Bastante infeliz é aquele que vive só; Deus na admirável concepção de criar um ser à sua imagem e semelhança, outorgando-lhe a realeza na terra, reservou para escuridade dos dias funestos um astro de intenso brilho – a esperança de sua vida.

O moço extasiava-se: conhecia de vista a viúva, admirava-lhe a gentileza de porte e de feições, mas nunca a suspeitara com tão famoso espírito.

Acabava a valsa, a dona da casa, jovial e divertida, rogou ao primo cantasse uma modinha ao som do violão antes que badalasse a primeira chamada. Bem lembrado! concordaram.

Tomando do instrumento, Jorge – olhos indecisos de quem não vislumbra o exterior – afinou-o com cuidado, preludiou o acompanhamento e em seguida sua esplendida voz rompeu.

Devia de ser mui bela a miragem daquela imaginação! A fronte meio volvida para cima, inspirada pela paixão amorosa ele cantou com uma força de sentimento que abalou toda a sala e uma trovoadade de palmas cobriu os acentos finais – Bravo! Bravíssimo!

A prima, radiosa, cumprimentou-o pelo triunfo. Parabéns! Cantava divinamente. Ele sorriu enleado e modesto: Favores, bondades que não merecia.

(cont.¹³⁴)

Alba Valdez.

¹³⁴ Indicação de que a publicação teria uma continuidade na edição seguinte.

Coração¹³⁵

O bronze sagrado começou a bimbalar. Houve um rumor surdo de passos, de cadeiras arrastadas. A missa! De todas as casas saíam grupos em demanda da Matriz a qual de longe aparecia com o interior mosqueado de luzes e adornado de ramos floridos.

No firmamento irradiavam as constelações; legiões intangíveis, diáfanas, parecia adejarem na amplidão suavemente luminosa entoando – Glória!

Ao voltar da igreja, sugestionado pelo esplendor noturno e gratas recordações, o rapaz confidenciou a prima que cedo seria noivo.

Dias depois espalhou-se a nova do afeto correspondido do Jorge Pinheiro.

A boda foi marcada para fins d'águas, após a chegada de Julieta. Muitas vezes a mocinha constituía o assunto preferido da conversação dos noivos: ele afirmava convicto de que havia de estima-la como um pai e ela agradecia-lhe comovida essa ternura antecipada, referindo infantilidades da filha, seus brinquedos prediletos, sua inteligência precoce.

E num arroubo de amor materno, de insofrida saudade, anelava que os dias, semanas, meses voassem para rever, apertar de encontro ao peito a criatura idolatrada. Ele fingia-se amuado. Ser condenado a receber as migalhas do amor que ela votava a Julieta!?

Até que a jovem chegou nessa radiante manhã de maio, atravessando a rua principal da vila por entre a curiosidade de uns e a admiração de outros, muito correta numa amazona de flanela verde-escura, figura líria evocando as delicadas fidalgas que voejam nas trovas e crônicas cavalheirescas das épocas medievais.

Mãe e filha estreitaram-se doidamente sorrindo e chorando ao mesmo tempo. Jorge quase como membro da família visitou logo a recém-chegada e ao vê-la sentiu por dentro uns abalos, uma turvação da vista a modo de quem fita o sol.

Julieta parecia-se notavelmente com a mãe, mas muito mais linda pelas graças juvenis e um que de misticismo a divinizar lhe o semblante. Alta para a idade, o seu talhe possuía a flexibilidade elegante de uma flor na haste: os olhos sombreados por negros e compridos cílios não tinham a viveza dos astros, lembrando, porém, a placidez encantadora das águas tranquilas: a cor da face misto de cravo e rosa: a voz pela convivência religiosa do colégio – murmúrio brando e musical. Enfim, Júlia era bela como uma mulher e Julieta arrebatava como um anjo.

Que horas indefiníveis ele não passou no lado dessas duas criaturas de seduções diferentes! Sem dar por isso, chegava mais cedo que dantes a casa da noiva, trazendo sempre para a mãe e a filha um mimo, uma gentil oferta.

Quando não iam a novena ou a algum passeio nas cercanias contemplar a natureza em plena liberdade entretinham-se em casa numa intimidade remansosa. Viam quem passava, ouviam as velhas peças que a banda de música tocava no adro da Matriz.

A moça narrava a sua existência colegial, as horas da classe, a monótona sala de estudo, a capela repleta das educandas em oração no mais absoluto silêncio que até se percebia o esvoaçar das moscas, o recreio no jardim; e atentando em tudo com rigorosa vigilância os vultos sombrios das filhas de S. Vicente de Paulo com os chapéus brancos análogos a grandes borboletas de asas espalmadas que pousassem sobre cabeças.

No seu quarto, balançando-se na rede, ele engolfava-se em recordações que apenas datavam de minutos. Alucinado, inconsciente, deixava-se levar na onda minaz do devaneio não procurando saber donde lhe vinha a ventura ignota que o cegava para a realidade. Confundia numa só, duas visões, e o anjo vencia a mulher: Julieta surgia vestida de nívea cambráia com uma rosa rubra perdida na massa perfumosa dos cabelos debruçada à janela, com aquele sestro de imergir os olhos na cúpula estrelada como se quisesse devassar os arcanos do alto azul profundo.

Naquela noite, a penúltima do mês das flores, ele encontrou a viúva assaz apreensiva por causa de uma febre inexplicável que desde manhã retinha a filha no leito.

¹³⁵ Continuação de "Coração" na edição de *A Cidade* de 18 de junho de 1904 (p. 1-2)

Julietta enferma!? Sentiu como que uma pontada lancinante no coração e enorme angustia invadi-lo todo; a vista errante ziguezagueou na sala, achou-a lúgubre e vazia. E a noiva não estava aí bem perto?

Agora há claro no seu íntimo desconhecida e dolorosa história da qual era protagonista e mártir e temendo trair-se saiu cambaleando como um ébrio.

Não amava mais a noiva porque adora a outra – a filha!

Envergonhou-se de si mesmo, da sua falta de lealdade e honra. Hórrida cerração chumbou-lhe os róseos horizontes d'alma. Lembrou-se ternamente da viúva, daquela noite festiva de Natal em que a donairosa e saudosa criatura feriu-lhe as cordas vibrantes dos sentidos.

Amara-a sinceramente e apaixonadamente até o dia fatal em que Julieta chegou magnífica de juventude e graças virginais. Como resistira tanta coisa junta!? Depois vê-la constantemente, beber-lhe o hálito, ouvir o trinar mavioso da sua garganta de passarinho, extasiar-se completamente na sua beleza...

Qual náufrago lutando com as vagas, procelosa apegou-se a uma tábua de salvação. A culpada fora sua própria noiva, mãe daquela maravilha de carne. Porque... não a conservou para sempre nesse afastado colégio de disciplina severa, longe dele, longe de seu amor? De todos o infeliz era ele a debater-se no infero do preconceito, da desesperança da dor, sendo – [****] vedado dizer:

“Julietta, eis-me, a teus pés, sou teu escravo. Por ti arrostarei as adversidades e sorrindo enfrentarei a morte; mas confessa que me amas, que será meu o teu primeiro beijo de noiva...”

E não podendo mais conter-se, aquele homem forte chorou pela primeira vez sob a luz risonha das estrelas.

FIM

Alba Valdez.

Impressões de um livro¹³⁶

Quanta amargura a filosofia infiltrou nessas páginas! O espírito angustiado debate-se num ambiente de pálade sem poder livrar-se no infinito azul e ouvir o segredo milenário das esferas.

Estranho mal corroe-lhe a essência, tira-lhe os altos voos – fonte de vida – e a poesia que ele divisava por toda parte, na folhagem rasteira, à calada da noite, na estrela que canta, emergindo da planura interminado firmamento.

Sugestionado pela inspiração grandiosa, mas sombria de força inteligente e investigadora, segue a humanidade no seu evoluir lento e precipitado, assistindo autopsias que interrompem a alegria, desvendando realidades que confrangem as fibras sensíveis do coração.

Como que um véu se abate e feixes de luz crus incidem sobre o desfile meio fantástico das multidões. Não é a virtude que os move nem o bem fazer incondicional que as dirige na estrada acidentada da vida.

As ações têm por timoneiro a ambição e a vaidade resguardada cuidadosamente na enganadora capa da hipocrisia.

A análise fria e implacável atinge as tramas mais delicadas, desfazendo a harmonia da forma, alterando a beleza simples ou complicada da concepção. Por vezes surge o desgosto de viver.

Naqueles recontros encarniçados do fraco que procura defender-se, do forte que porfia em vencer, há qualquer coisa de sinistro, que assombra e acovarda, que brilha como a lâmina de ação ou é escuro como o recesso d'um coval.

A ilusão e a realidade, ambas têm o escabroso dos despenhadeiros concentram em si a ameaça silenciosa dos abismos.

¹³⁶ Publicado no jornal *O Bandeirante*, na edição de 15 de setembro de 1910; publicado também na revista *Atualidade* (1928); Citado por Maia (2007) e publicado no livro de Silva (2019).

Ver a existência através de um prisma consolador deve ser o afã de cada um quando a visão espiritual se sentir melindrada com o arraiar forte da realidade fazer como o providente dos climas adustos: interpor entre a retina e a claridade nociva a vidraça enfumaçada que suaviza a orgia estonteante da luz e sopita o despotismo causticante do sol.

No estilo reflete-se a alma do escritor com seus amores e os seus ódios, com os seus sonhos e desesperanças. Esse, de certo, deve ter sofrido, visto muita decepção barrar-lhe a estreiteza do caminho. Assim se explica a sua filosofia impressionista é pungente, áspera e sincera.

O perigo está em que ele, às vezes, é sublime de eloquência e argumentos, apoderando-se da retentiva do leitor e obrigando-o a pensar como ele, a experimentar aquelas indizíveis torturas, aquelas fundas revoltas.

Ah! Os livros! Não há negar que muitos se assemelham aos belos lagos cor de safra em cujas ondas cariciosas se embala não raro o gérmen fala da morte.

Alba Valdez.

Um encantador serão lítero-artístico na residência de Juvenal Galeno¹³⁷

Henriqueta:

A delicadeza, que é apanágio da sua boníssima alma de mulher, revelará, por certo, o apresentar-me nesta atitude própria dos talentos de eleição, os quais, semelhantes às esferas de ouro das alturas siderais, têm o mágico poder de arrastar o espírito às mais belas e absorventes abstrações.

[...]

A sua pena não escreve contos, nem romances, nem poemas; não vai para a imprensa discutir pró ou contra o voto feminino, nem se intromete ousadamente em questões que o egoísmo do homem considera como privativas dele.

Todavia não é menor o seu merecimento. Direi por quê.

Apesar dos esforços e das tentativas que se têm feito, o nosso tráfego intelectual não apresenta nestes últimos tempos, afora uma outra joia isolada, nada que cativa admiração.

Não é por falta de engenhos, que os temos; do que há mister é uma longa solidariedade inquebrantável que congregue os elementos dispersos, acabando com a apatia, o marasmo dissolvente, para a iniciação de uma fase de atividade e esplendor cultural.

Este lindo sonho, a sua paixão pelo progresso espiritual vai realizando heroicamente com a fundação do “Salão Literário Juvenal Galeno”, onde em suaves blandícias paira o influxo do seu coração aberto aos sentimentos excelsos.

E eu comento: Quanto tato, devotamento e amor são precisos para organizar festas de arte num meio em que ela vive como proscrita, num meio, repito, em que o dinheiro é a mais deliciosa música que soa ao ouvido?!

Se cronista fiel houver um dia, que narre episódios do nosso viver literário, evocando estes serões que encantaram uma sociedade, certo, colocará num pedestal de frases rendilhadas a gentilíssima filha do glorioso poeta das “Lendas e canções populares”.

Alba Valdez.

A beleza errante da luz¹³⁸

O sol, ei-lo enchendo céus e terra.

Aparece o dia

Que encanto de fulgor matinal!

Palavra, que é um dos mais belos sóis que tenho visto, o que ilumina esta manhã de fevereiro.

Vive nas suas refulgências suaves, nas ondas subtis, alguma coisa de sortilégio, que esgarça a melancolia, desfaz as opacidades do espírito.

¹³⁷ Publicado no jornal *Correio do Ceará*, na edição de 25 de fevereiro de 1921.

¹³⁸ Publicado no jornal *Correio Cearense*, na edição de 2 de março de 1928. (p.36).

Meus olhos dançam e cantam nesta festa de luz, como se ela fosse dada pela primeira vez, como se não houvesse rompido da velhíssima noite do Gênesis.

Depois do ósculo das areias brancas do Mucuripe, a portentosa Almenara vai subindo, subindo em busca do mais alto da torre.

Vai-se alterando o majestoso sol. E não queima: dá vida. Tem sugestões de apóstolo e estimula o progresso anímico para as conquistas do Bem e do Belo.

Fala irresistivelmente como outrora Jesus ao pobre paralítico da piscina Bethesda: - Levanta-te, toma o teu catre e anda.

Entendo-te sol do meu Ceará!

Nada de tristeza, que é grande doença da alma. Nada de inercia, que é a maior desgraça diante da Pátria. Nada de descrença, que é a máxima injúria atirada ao Céu.

Obrigada meu lindo sol, que me tornas feliz, trazendo-me a bondade e a esperança.

Os teus fios luminosos são condutores de virtudes. Na gente que transita, vejo o labor profícuo do operário, do artista, do industrial, do comerciante.

Prossegue a luta pela existência.

Passam o superior e o subordinado, o rico e o mendigo.

Passa o homem de cérebro, o homem pensante, deixando após si um rastilho de ideais.

Passa o povo, rei e escravo, vítima e verdugo, inocente e culpado.

Neste momento se apresenta com a fisionomia acentuada de quem tem problemas a resolver, importante missão a cumprir. Dir-se-ia que ele percebe vagamente quem tem direito de ser mais alguma coisa...

Na fábrica, na oficina, no escritório, no armazém, já despontou o dia de trabalho.

A cidade, saída do repouso e da sombra, agita-se, fala e vive.

Sol, símbolo da Alegria e da Beleza!

Alba Valdez.

A Verdade Histórica ¹³⁹

A propósito do recente artigo que, sob o título “Os jangadeiros”, tracei para a edição comemorativa do primeiro aniversário do *O Nordeste*, recebi delicada missiva datada de Putiú e subscrita por J. C.

As maiúsculas que servem de assinatura mal encobrem um nome que, desde muito, respeito e admiro: o de João Cordeiro, abolicionista e republicano de tradições.

O recebimento da honrosa carta ao tempo que me concede o direito de um sincero agradecimento, proporciona-me ensejo para elucidar pontos do citado artigo, os quais, em primeira análise, podem ser mal interpretados.

Para isso tenho que me ocupar ainda da individualidade do *Dragão do Mar*, natural de Aracati e antigo comandante de um “cutter”, que transportava carga daquele porto para o desta capital, conforme João Cordeiro.

Deixando o pequeno barco, Chico de Matilde, como era conhecido entre os da sua roda, veio residir aqui, obtendo a nomeação de prático mor da barra. Destarte, pela superioridade do cargo que exercia entre os jangadeiros, adquiriu ascendência sobre os homens dessa classe que o estimavam e o distinguiam como uma espécie de mentor ou chefe.

O prático da barra e os seus subordinados viviam, conseqüentemente, identificamos em ideias e pensamentos, tudo quanto concernia a laboriosa vida do mar.

Operando-se o movimento libertador na então província, não foi difícil a Nascimento, que se associara aos bravos legionários da Cearense Libertadora, congregar em torno de si, para a grande campanha social, todos os que trabalhavam em jangadas.

Nessa lide patriótica e reivindicadora como que se está a ver o inolvidável Chico de Matilde, deslembado do seu posto, obcecado pelo formoso ideal, orientando os companheiros.

¹³⁹ Publicado no jornal *O Nordeste*, na edição de 7 de julho de 1923.

Não consta que ele se dedicasse aos serviços inerentes aos jangadeiros, como a pesca e os transportes de bordo para terra e vice-versa; porque – já ficou dito alhures – as suas funções tornavam-no superior aqueles em cujo meio vivia continuamente.

O certo, porém, é que ele se achava ligado à classe pela afinidade de sentimentos e pela qualidade de velho lobo do mar.

Provou-o, chegando ao Rio de Janeiro, na jangada “Libertadora”, vitoriado juntamente com os dois companheiros pelos aplausos delirantes da população carioca.

Até pouco tempo as folhinhas de desfolhar, que ainda se não enchiam de máximas e pensamentos futuristas e penumbistas, consignavam a efemeridade do passeio triunfal do jangadeiro cearense Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, pelas ruas da capital do ex-Império.

Não me chegou ao conhecimento protesto de espécie alguma sobre o caso.

Quanto ao Dragão de Mar haver saído na mencionada jangada do porto de Fortaleza para o Rio, cumpre-me declarar que tal não escrevi em “Os jangadeiros”.

Nesse artigo, o frágil lenho aparece pela primeira vez singrando as águas litorâneas daquela terra do sul.

Se empreguei as expressões – travessia desconhecida para eles, aventureira, sem precedentes na navegação brasileira – foi na inteira persuasão de que estava com a verdade.

E ainda me mantenho neste pé.

Os destemidos caboclos que tripulavam a jangada “Libertadora” fizeram galhardamente a travessia que vai das proximidades da ilha Rasa ao ponto de desembarque, na capital do país, desconhecendo o caminho marítimo que percorriam.

Antes, nenhuma outra jangada, ao que eu saiba, realizou o percurso, que se não teve grande extensão, não deixou, contudo, de ser uma alta afirmação do espírito daqueles que imaginaram e a puseram em prática.

Alba Valdez

Nota - Já se achavam escritas essas linhas, quando se me deparou no número de ontem deste jornal uma carta que me dirigiu o ilustre mestre e escritor Rodolfo Teófilo. Como o objeto da carta se prende ao assunto que acabo de tratar, serve este artigo de resposta a mesma.

A.V.
6/7/23.

O horrível morbus¹⁴⁰

Outro dia subia a rua S. Paulo, quando, ao atingir, por esse lado, a calçada do edifício do Banco do Brasil, ouvi gemer, perto, voz moça, que implorava: - Dê uma esmola ao pobre morfético.

Rápido, descendo a vista para o chão, deparei-me sentado, tronco apoiado à parede, um rapazito, cuja idade não calculei ao certo, porquanto a lepra, deformando a fisionomia, como que obumbra os caracteres mais comprobatórios dos anos da surpresa.

A mísera criança estava em fase adiantada da temível moléstia: placas vermelho-escuras cobrindo-lhe quase totalidade do rosto do rosto, que reluzia à claridade ofuscante do sol tropical.

Durante segundos, contemplei aquele farrapo de adolescência apodrecendo ao ar livre, em pleno coração da civilizada capital cearense.

A voz juvenil, suplicando novamente caridade dos transeuntes, arrancou-me da penosa abstração em que me absorvera. Abri a carteira para cumprir dever cristão, mas objeção íntima, de grande peso, não me deixou terminar o gesto esboçado. Não lhe devia dar dinheiro...

- Queres comer alguma coisa? Perguntei-lhe, depois de refletir um instante.

¹⁴⁰ Publicada no jornal *O Nordeste*, nas edições de 7 e 12 de abril de 1927, respectivamente na terceira e quarta página de cada edição.

Queria. Fui então a uma das cestas de padeiros, que as havia mais de uma na esquina próxima e trouxe para o pequeno leproso um saquinho de bolachas “Washington Luís”.

Mal entreguei a esmola, outro espírito sensível na figura de um desconhecido de boa aparência despejou no regaço do infeliz uma moeda de 500 reis.

Recuei, os nervos em desordem. Senti mesmo as maxilas esbarrarem-se uma contra a outra, como se me insultasse maleita de plaga malsã.

- Oh! O senhor, fez mal! Exclamei aflita.

O cavaleiro, a princípio, olhou-me admirado, depois sorria imperceptivelmente e, tocando na aba do chapéu, prosseguiu o caminho.

Nesse interregno, o pobrezinho triturava uma bolacha, saindo-lhe a voz engasgada: - Dê uma esmola ao pobre morfético.

Muitos transeuntes iam e vinham, cruzando-se, tomando direções diferentes. Ninguém se detinha. Todos pareciam ensimesmados nos seus projetos, nos seus negócios, na sua vida.

Pôs-me a andar sob o lastro da imaginação que perdera o freio. Recordava-me de que há poucos anos relativamente os casos de morfeia no Ceará se contavam por unidades simples.

Presentemente, o resultado numérico se eleva às centenas, aos milhares, já pelo contágio, já pela entrada franca de doentes vindos de outras partes.

E amanhã? Pensei na moeda do cavaleiro, fazendo giro contínuo: das mãozinhas cheias de pus, ela iria para outras mãos que a conduziram até a gaveta do merceeiro, do padeiro, do magarefe, contaminando tudo.

Das gavetas comerciais passaria para a bolsa do empregado de bondes, que a daria em troca ao grosso público; entraria na minha casa, em todas as casas, em inúmeras algibeiras, e voltaria, quem sabe? às palminhas donde tinha saído para reencetar outro ciclo maléfico.

Pensei ainda na embalagem de papel, vazia, rastejando alhures, lobrigada por mulher do povo, que a aproveitava para empacotar a compra.

É coisa comum, aliás. A gente humilde apanhar nas ruas pedaços de papel, latas, caixas e outros objetos servidos que levam consigo.

Mais tarde, ao relatar o que se passou, obtemperaram que isso era quase nada.

Leprosos, atuados pelo instinto natural de viver, estacionam, em determinadas horas, na rumorosa Praça do Ferreira, formam galerias ao pé de casas de comércio, de estabelecimentos públicos e particulares situados nas adjacências da mencionada praça e disseminam-se por outros pontos frequentados da cidade.

Conglomeram-se de modo impressionante, de causar calafrios, ali, no Morro do Moinho, onde a promiscuidade (parece incrível!) de pessoas sãs e afetadas da lepra é tenebrosa realidade.

Senhor Deus! Os cearenses, seremos, porventura, neste liberalismo e próspero regime de governo do povo pelo povo, náufragos sem sorte, atirados em praia inóspita?

Que fazem os responsáveis pelo bem geral e pela saúde coletiva?

Quando terão os desventurados e indesejáveis lázaros um asilo apropriado, onde estejam ao abrigo de maiores penas e onde escondam as suas carnes tumefactas e a sua inexprimível dor?

Alba Valdez

O “ethos” brasileiro¹⁴¹.

Começa a formar-se ou já se formou uma superstição que, em bem da dignidade nacional, cumpre seja combatida até o seu total desaparecimento.

Refiro-me a esta coisa denominada “a tristeza brasileira” de que mais de uma pessoa – dessas que criam correntes na esfera em que vivem – se tem ocupado.

¹⁴¹ Artigo publicado no jornal *A Razão*, na edição de 12 de maio de 1929.

Sem preocupações cronológicas, recordo-me de ter lido há tempos, em jornal do sul, uma crônica de autor, cujo nome me escapa, na qual estilizou impressões a respeito.

Um dia deu-lhe na veneta, - esses jornalistas inventam cada uma! – dedicar uma hora a contemplação das fisionomias dos transeuntes que lhe passavam ao alcance dos olhos.

Para isso, acomodou-se na janela de casa, em posto de observação.

A sua curiosidade satisfeita apurou o seguinte resultado: da massa circulante a minoria, pequena, por sinal, apresentava a máscara fisionômica mais ou menos calma.

A parte restante, porém, a grande maioria, caracterizava-se por expressão concentrada, preocupada e sombria.

De outra, feito Olavo Bilac tangencia o assunto no célebre soneto – *A música brasileira*.
“Beijo de três saudades, flor amorosa de três moças tristes”.

Também a distinta senhora inglesa, que esteve recentemente em visita ao Rio de Janeiro, não passou despercebida a torva feição nacional.

Ao sair do êxtase de admiração à beleza panorâmica do Brasil, a ilustre dama, dirigindo o olhar para a multidão, teve um gesto de surpresa.

Falou, que foi o jeito: Que povo triste o brasileiro!

De vez em quando a mesma lêlê. Vai subindo a diapasão.

Haverá – pergunto eu – razões de ordem etnológica que comprovem o dito dessa estrangeira e daqueles nacionais, apesar dos méritos que os distinguem?

Não me parece. A sub-raça brasileira é formada dos elementos étnicos do português, do africano e do caboclo autóctone, sem incluir contingentes notáveis, como sejam o italiano, o alemão, o francês, etc.

Quem foi a antiga gente portuguesa?

Ressoe a epopeia de Luis de Camões – os *Lusíadas*.

Respondam os fastos marítimos dos séculos XV e XVI.

Atestem os diversos monumentos de arte histórica encontrados em terras da antiga Lusitânia.

Talvez que o português de hoje seja triste; o de antanho, não.

O seu traço visível era o gênio aventureiro, inflamado do fogo do heroísmo e das conquistas. Festas e mais festas precediam as suas longínquas.

E o africano? O africano, arrancado ao torrão nativo, ora pela cobiça dos seus irmãos de raça, ora pelos estratagemas capciosos e violentos dos traficantes negreiros cedia, em regra geral, à prepotência, à força.

Impossibilitado de rever a paisagem natal, além disso, habituado ao regime da obediência do chefe da tribo, nos sertões africanos, aceitava com relativa facilidade a troca de jugo, adotando-se as condições de sua nova existência.

O papel do escravo no ambiente doméstico brasileiro destacava-se em cenas comovedoras de dedicação e afeto. Tanto é isto verdade, que por aí correu um boato da criação, na metrópole, de um monumento representativo da gratidão coletiva à Mãe Negra.

Resta o caboclo das selvas. Até os que gaguejam a história pátria sabem que a raça indígena deu muito que fazer aos colonizadores. Insubmissos, ferozes, na sua maior parte, os selvícolas lutavam com todas as energias pela sua liberdade ameaçada. Vendiam-na caro.

Foi um trabalho o aldeamento de índios.

A catequese dos jesuítas entre os quais sobe a figura de José de Anchieta, deve-se o mais belo triunfo obtido no sentido de integrar o selvagem na obra da civilização.

Se ficava aí, porque era isto do seu gosto. Quando não, retornava ao mato, atirava-se à vida de outrora e, muitas vezes, vingava-se das perseguições do branco, arremessando-lhe flechada certa.

Saudade ou tristeza de selvagem, só é largamente conhecida a daquela cunhã velha que, às portas da morte, pedia lhe dessem a chupar um ossinho mole de curumim. E, entretimentos, lambia os beiços a boa da índia.

Dos remanescentes é ainda típica esta tirada filosófica:

*Pai e mãe é muito bom
Barriga cheia é melhor.*

Ou então esta outra, prova de dinamismo em situações mais do que críticas:

*Quando eu morrer
Que for lá pr'o cemitério
Eu boto os pés de banda
Não vou lá porque não quero.*

O povo, aquele que vive fora dos núcleos civilizados, alheio aos convencionalismos sociais, jamais exalta na tristeza penetrante, corrosiva, própria da classe culta.

Antes procura conformar-se com a sorte precária, expulsando as sombras importunas que, por ventura lhe salteiam o espírito.

O que não tem remédio, remediado está.

Napoleão Menezes, formosa inteligência, que há pouco surgiu galhardamente de braço dado com a musa popular, vem em abono deste prolóquio em interessante poesia – *Saudades do Ceará*.

No barracão amazonense, o *brabo* conta pitorescamente a um camarada a existência feliz que levou no sertão distante. É um visionamento de coisas excelentes, belas.

As noites de São João. As farinhadas.

Os pinicados da vida que animavam o samba. As vacas no curral. O bom cavalo de sela. O rodar do João-galamarte¹⁴², onde brincava a meninada nas tardes serenas e nas noites de lua. Por último, a imagem da velha mãe lacrimosa e da noiva gentil, que ia rezar na igrejinha do povoado.

Então a saudade, face da tristeza, assoberba-o, crava-lhe o ferrão de tiranabóia¹⁴³ de tal jeito, que o exilado sertanejo desenha um gesto de defesa:

Saudade, doida saudade.

Me deixa pru caridade!

Os simples compreendem por intuição que as tristezas não pagam dívida, não levam ninguém para diante. São, ao contrário, um estorvo, uma doença perigosa.

Um cadáver vivo, chamou o grande Antonio Vieira ao triste.

Se um indivíduo a qualidade de ser triste acarreta transtornos a si e à família, que dizer de uma nação assinalada pelo deprimente estigma psíquico?

Quanto mais que o brasileiro não é triste.

Deus, dando saúde e bom tempo, não existe povo mais alegre. Que tenha mais desopilantes facécias.

Que chegue a maior longitude a elasticidade da troça.

Mestiço, comunicando-se lhe no sangue o rescaldo do sol dos trópicos, ele o que possui, isto sim! É uma alma cheia de languidez lírica, susceptibilizada pelos estos¹⁴⁴ da paixão.

Alba Valdez

Mensagem da mulher cearense à mulher pernambucana¹⁴⁵

Para você, mulher pernambucana, representada na figura expressiva de Edwirges de Sá Pereira, nome glorioso na poesia feminina do Norte, a saudação afetuosa, o abraço fraterno da Mulher Cearense.

¹⁴² João-galamarte: termo utilizado no Nordeste brasileiro na época (1929), que significava gangorra. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/joao-galamarte/>. Acesso em 2 jan. 2019.

¹⁴³ Tiranabóia: variação de jaquitiranabóia, um tipo de borboleta homóptera de aspecto feio, tida como venenosa, mas que é inofensiva. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tiranaboia-2/>; <https://www.dicio.com.br/jaquiranaboia/>. Acesso em 2 jan. 2019.

¹⁴⁴ Estos é o plural de esto. O mesmo que: ardores, calores, paixões. Ruído, movimento ondulatório e ruidoso. Grande calor, ardor. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=estos>. Acesso em 2 jan. 2019.

¹⁴⁵ Publicação no jornal *Diário da Manhã* de Recife, na edição de 23 de junho de 1935,

A ocasião é bela. Neste momento em que o espírito dinâmico e aventureiro da raça realiza, através de rincões nacionais um empreendimento de civilização e conagração quicá de patriotismo, torna-se imprescindível esta demonstração de fervorosa simpatia e admiração às eminentes qualidades morais e intelectuais das gentis filhas do Leão do Norte.

Pernambuco ocupa um lugar notabilíssimo nas páginas da nossa história. É um vanguardeiro dos grandes movimentos sócio-políticos arrastando, fascinados, os seus irmãos do Nordeste, que sempre combateram ao seu lado, à sombra da mesma bandeira.

Que foi a revolução de 1817, a proclamação da República do Equador em 1824 senão a solidariedade, a comunhão de sentimentos e de interesses colimando o bem coletivo, a grandeza do Brasil?

Nessas convulsões que definem a sociedade a fibra de um povo, gravam-se respectivamente em água forte, se bem por isso menos empolgante, os perfis de Bárbara de Alencar e Ana Triste está a infortunada esposa de Tristão Gonçalves, o presidente da malograda República do Equador, assassinado covardemente pelas tropas legalistas, às margens do Jaguaribe.

Aliás a coragem varonil da brasileira destas plagas não constituía até então um fato ímpar. Lenda ou não, - apesar de a tradição popular consignar como uma verdade – o episódio das heroínas de Tejucupapo ilumina os fastos das refregas pernambucanas contra o estrangeiro invasor como lampadário fantástico de reflexos imortais.

O sol candente da seca que, de vez em quando, vergasta o habitat nordestino, familiariza as almas com os dramas em grande estilo. Opera-se no indivíduo um como processo de química psíquica que os impele a imprevistos e a lances verdadeiramente emocionantes. Daí as heroínas de Tetucupapo em Pernambuco. Bárbara de Alencar e Ana Triste no Ceará e Maria Jovita Feitosa, no Piauí.

Por outro lado, o sol ardente lhe aquece o coração para a ação social quase sempre, de fins redentores, e exige o vulto – padrão de Maria Tomázia Filgueira Lima, apóstolo feminino da abolição dos escravos cearenses.

Ainda lhe aumenta a chama da inteligência, forjando essa plêiade de nomes ilustres nas belas letras entre os quais fulgura o seu Mulher Pernambucana, representada na individualidade inconfundível de Edwirges de Sá Pereira, cuja poesia entra no nosso coração como um ritmo inesquecível.

Dentro da pátria não há fronteiras e muito menos a frialdade dos polos.

O sol vibrante resplende por cima de rios gigantes de imponentes matas virgens de serras alcantiladas, guardando todos nos seus misteriosos recessos incalculáveis riquezas. Tudo é grande e por isso o sentimento deve ser uma consequência lógica do ambiente em que se formou.

Mulher Pernambucana, irmã da Cearense pelos vínculos de raça, de língua, de religião e de ideal!

Mulher Pernambucana, síntese de todas as virtudes sociais e domésticas! A mulher Cearense depõe na sua face pura o ósculo da amizade – flor do coração.

Alba Valdez.

Fortaleza, 17 de fevereiro de 1935.

O segredo do vaqueiro¹⁴⁶

Entrava janeiro. A esperança de bom inverno insultava a vida laboriosa do Aracati-Açu, quando o Gabriel, com um leve tremor na voz, participou ao amo que estava decidido a mudar-se daquele sertão. Deixaria a fazenda e o amo procurasse outro vaqueiro.

Se um raio enfiasse de chão a dentro, aos pés do major, este não ficaria mais abalado. Tratara sempre o rapaz com muita consideração, não lhe regateando elogios pelo zelo com

¹⁴⁶ Conto publicado no jornal *Correio da Manhã* no dia 4 de fevereiro de 1945. Texto inédito que acrescentamos a bibliografia de Alba Valdez.

que desempenhava a sua tarefa. Na época da ferra, no mês de São João, recompensava-lhe o trabalho, escolhia as crias mais “lutridas”¹⁴⁷ – para sorte do Gabriel.

Verdade que ele merecia, fazia por onde. Raro o dia em que no seu ginete não percorria o campo atrás de alguma rês tresmalhada da outra doente de outra fujona penetrando no **** hirsuto da caatinga, que se dilacerava com estrépito, ao arranco violento. E não se lhe dava nem do sol de fogo que abrasava tudo nem da chuva a rodo que transformava o caminho num mar d’água.

A flor dos vaqueiros! Exclamavam enfaticamente os fazendeiros vizinhos, quando viam passar a galope no Rosilho, e invejavam o major Prudêncio pela fortuna, que o favorecera em tudo.

Gabriel além de reunir apreciáveis qualidades morais possuía também um físico insinuante que trazia a roda as cabeças das jovens sertanejas. O vestuário de couro realçava-lhe o rosto de um moreno corado, sadio, onde fulguravam dois olhos negros e brilhantes. A estatura bem-feita mantinha-se garbosa sobre a sela, quando riscava no terreiro de alguma casa ou se divertia em correrias com os companheiros na planura alfombrada¹⁴⁸ de panasco¹⁴⁹.

Não lhe conheciam amores acochados predileções; nas festas tinha sempre o mesmo sorriso para as raparigas com quem dançava e acabada a função não se lembrava o ingrato das faces que se ruborizavam por seu respeito e dos suspiros que arrancava. Ai, quanta noite mal dormida pela Chiquinha do 44 Aroeira e outras morenas! As dez horas como se balava febrilmente a rede que algum corpo virgem impelia:

- Que ele soubesse não existia motivo para aquela resolução do Gabriel... portanto, se explicasse – ponderou o major Prudêncio mais senhor de si, confiando o grosso bigode, meio grisalho. Talvez alguém o estivesse seduzindo com vãs promessas... iria ver se podia fazer mais alguma coisa depois do casamento da filha, o qual seria para breve, maio se Deus não mandasse o contrário.

O vaqueiro sacudindo a cabeça observou com voz lenta extraindo imagens da paisagem da seca que insensivelmente se lhe esboçava no cérebro agitado:

- A vida da gente se parece com a folha, seu major. Um dia, ela rompe do galho e aí vive até que a quentura do verão a amareleça e o vento a despregue e a conduza para longe de déu em déu. Hoje se está aqui, amanhã acolá. Deu-me de sair da terra, sairei. Descobriu a cabeça e acrescentou: Querendo Deus.

A próxima partida de Gabriel surpreendeu a todos da ribeira de Aracatiaçu. Choviam os comentários. Que loucura, um rapaz novo, bem principiado vender a sua posse de terra, o gadinho, abandonar parentes e amigos e ir expatriar-se na Serra Grande! Por que? Ninguém sabia, excetuando o Joca Pires – unha com carne com o vaqueiro. Uma vez caminhando juntos pela estrada que ia dar ao povoado de Santo Antônio, Joca notou a desusada tristeza do companheiro; não se conteve que não atacasse a queima-roupa: - Tu tens um segredo, amigo velho. A tua cara não nega.

- E passado um instante de silêncio, concluiu pesaroso: - Não sou nada para ti. Muito obrigado, Gabriel.

Este franziu a boca numa pressão de desgosto: - Para que contar fraquezas, homem? Tenho vergonha de te dizer que vou sacrificar os meus interesses, o meu sossego, por causa de um amor infeliz, - de uma mulher que vai se casar com outro.

- Joca, eu amo Bela, a filha do meu patrão. O amor é só da minha parte, mas a esperança de homem é do tamanho de não si que! Eu esperava nas voltas que o mundo dá. Eu ficava rico... eu me casava com Bela... A esperança me botava no céu.

Os cavalos marchavam a passo à vontade, sem os cavaleiros repararem nisso. Imponderável poeira de oiro do sol quase a se pôr caía sobre o juremal a estender-se, transformando a miúda folhagem na trama de uma renda rara.

¹⁴⁷ “lutridas” – forma popular, regional da palavra “nutridas”.

¹⁴⁸ Alfombrada: Coberta, atapetada.

¹⁴⁹ Panasco: vegetação que serve de pasto.

Nesse momento, passavam diante da morada do velho Inácio Ferreiro, posto avançado da povoação, que ficava daí a meia légua. Gabriel prosseguia, embebido na sua história: - Sentia uma coisa dentro de mim que muitas vezes me tirava o sono e a vontade de comer. Sei lá... Aqueles olhos de Bela parecia que me chamavam para me dizerem o que eu queria. E não somente Joca o escutava, mas afigurava-se lhe que a doce serenidade da tarde e a solidão do caminho subsistiam para que ele falasse, até dizer tudo.

Bela representava-se lhe em tudo que o sertão possuía de mais bonito. Quando ele não ia ao campo, dirigia-se cedinho ao curral cheio de mugidos, para tirar leite que, com pouco, enchia a vasilha. Comparava a alvura do leite com a alvura dos braços de Bela. Para distrair o pensamento suspendia o olhar no encanto da manhã que se abria e encontrava nas barras que vinham quebrando a cor de rosa das faces de Bela.

Às vezes, largava-se por aí à toa, e acontecia que uma rolinha ou outro passarinho cantava à beira do caminho deserto. Cismava, feito menino que acreditava em histórias de trancoso¹⁵⁰. Será que o espírito de Bela o estivesse a acompanhar? Da mesma forma, a flor que enfeitava o galho, o cheiro da erva que perfumava o ar, a borboleta que animava a moita isolada, tudo que encerrava um sentido de poesia lhe despertava recordação de Bela. Sempre Bela!

Joca Pires, soprando fumaçadas do cigarro que acendera havia pouco, ouvia com atenção e curiosidade as confidências do amigo. - Com efeito - consigo mesmo - Gabriel metera-se num cipoal dos piores, levantando as vistas para a moça mais importante daquela ribeira do Aracati-Açu.

E, interrompendo o silêncio em que se mantinha, perguntou se a filha do major nunca suspeitara de qualquer coisa.

O vaqueiro fez gesto negativo. Nunca ele deu mostras. Como podia ela suspeitar? Ele ocultava as suas migalhas de alegria. Algumas vezes, quando precisava encontrar-se com o amo para informa-lo do serviço do campo, era ela que mandava entrar. Parecia que não desgostava de conversar com ele e, de uma feita, contando-lhe as incríveis estripulias do touro Redemunho¹⁵¹, que se chegara ao velho, ela, entusiasmada, botou nas nuvens a vida de vaqueiro.

Seu prazer no fim de contas, resumia-se em vê-la, nem que fosse de longe. Escondia-se atrás de uma árvore, dissimulava-se numa porta, encantoava-se por aí, até na própria igreja, por ocasião da missa ou da novena, afim de espiá-la sem ninguém desconfiar. Este mistério o enchia de felicidade não perturbada pelo motivo de Bela mostrar-se indiferente aos rapazes da terra.

Um deles, o Jorge Benvindo, rico, possuidor de boa fazenda, cansou de lhe fazer demonstrações. Era cavar em piçarra. Que alegria a dele, apreciando a derrota do Jorge Benvindo. Via o tempo cor de rosa, mas tudo mudou com a chegada do tal negociante da capital. Intricou logo com ele. O coração palpitou-lhe coisa ruim e um coração leal não mente.

Pôs-se de espreita e, antes não houvesse se lembrado de tal! Testemunhou a confiança que Bela dava ao pracião¹⁵², que - não levou muito tempo - teve entrada na casa.

Coisa de três dias, ele acabava de se entender com o major sobre essa decisão de ir-se embora, esbarrou com Bela na praça da igreja. Sentiu um choque, mas conservou-se impassível. Então, ela, toda risonha, participou-lhe que fora pedida pelo rapaz da cidade e, na festa do seu casamento, não dispensava a presença do estimado vaqueiro de seu pai.

Vê-la casada com outro... E riu com um riso amargo, - Vou-me embora, Joca, vou-me embora. Assim é melhor em tudo por tudo. E concluiu, refugiando-se no consolo desta esperança vaga e triste: - Dizem que quem vai, esquece...

Chegaram a Pedra do Sapo, diante da qual, sob o céu limpo de nuvens, muito azul e tranquilo, se espairava o arruado baixo, dominado pela torre da igreja, onde vinham refugiar-se as andorinhas.

¹⁵⁰ Histórias de trancoso significam lendas, histórias populares e fantasiosas.

¹⁵¹ Regionalismo, que na norma culta equivale a "Redemoinho".

¹⁵² Pessoa que residia na cidade

Gabriel deixou ali o amigo. Na despedida, fingindo um ar de graça, disse-lhe que principiara a “torrar” os possuídos. Seguia pelo atalho, pois pretendia fechar, nessa tarde, o negócio das miunças com o Anselmo, que devia está a sua espera.

A venda de tudo efetuara-se rapidamente e, dias depois, numa alta madrugada, meteu o pé no estribo, tocando o animal da carga para a frente, rumo da Serra Grande.

Quando amanheceu, o sertão do Aracati-Açu ficava longe. Cantavam bem-te-vis para dentro do mato. Aspirava lentamente o fresco, da manhã, sentindo-se melhor, mais desanuviado.

Tinha fé em que se daria bem na Serra Grande e, se os cálculos lhe saíssem errados, iria para outra, embarcaria para o Amazonas. A vida da gente é como a folha.

Alba Valdez.

Mensagem à Academia Cearense de Letras¹⁵³

Sou obrigada a escrever esta mensagem à Academia Cearense de Letras. A isso, leva-me o imperativo do cumprimento do dever. O amável dever de agradecer.

O meu coração encontra-se cheio de alegria - força é confessar - pelo gesto fidalgo da Academia prestando-me uma homenagem com a qual estava longe de sonhar.

Aconteceu na sessão de 12 de dezembro último a que não assisti. Presidiu-a Cruz Filho, expoente das letras cearenses e artífice maiúsculo no artesanato do verso e secretariou-a Cândida Galeno, amplamente perceptível no panorama da literatura feminina entre nós. Essa sessão coincidiria com a decorrência do meu aniversário natalício e os trabalhos se realizavam sob uma atmosfera de grande animação pela importância dos assuntos que nela dominaram.

E tudo terminaria normalmente, se, naquele instante, um membro do ilustre sodalício, o poeta Sidney Neto, lembrando-se da coincidência, não desse o remate com a proposta de um voto de congratulações à consócia ausente.

Ao gesto do poeta Sidney Neto, seguiu-se o da escritora Cândida Galeno, sugerindo nomeasse uma comissão para apresentar os cumprimentos, a qual ficou composta com brilhantismo do presidente Cruz Filho, dos poetas Gastão Justa, Sidney Neto, Albano Amora e da secretária Cândida Galeno.

Ante a superior demonstração de estima e apreço tributada à minha pessoa de pequenos méritos, senti o pauperismo da própria palavra no significar o que me ia no íntimo. Resolvi calar-me.

Presas, há tempos, na ilha selvagem de padecimentos físicos que o destino implacável me reservou, não me tem sido possível participar desses festivais de inteligência cujos ecos me chegam através de noticiários da imprensa.

Mas, daí a pouco qualquer coisa começou a sacudir-me, a incitar-me, a despertar-me os brios, com veemência, com rudeza mesmo. Não sei porque acrobacia estranha do pensamento, recordei-me de José do Patrocínio quando perante assembleia numerosa e heterogênea, ao quebrar-se o fio do discurso que pronunciava, reboou o epíteto depreciativo de sua origem racial, doendo-lhe na pele escura como uma chicotada. Então a reação do gênio explodiu e houve o fantástico, o indizível: a noite transfigurando-se em rolos de fulgores aurorais. Mas José do Patrocínio era José do Patrocínio.

Todavia, nessa conjuntura urge ressaltar a distinção de que fui alvo, fato que denota a vivência do espírito acadêmico da agremiação de letras, fundada em 1894 pelo Barão de Studart. Também não sou bastante ingênua para acreditar que a minha data íntima constitua acontecimento de porte que a Academia Cearense de Letras deva comemorar.

Reconheço-me elemento humilde dessa nobre companhia de figuras de projeção intelectual, integrando-a como um grão de argila na formação de montanha por simples processo de justaposição.

¹⁵³ Produção publicada no jornal *Unitário*, edição janeiro de 1962. Publicada também no livro de Silva (2019).

O que, afinal, precisa ficar claro, bem claro, é o sentido que transparece na linha de ação da Academia Cearense de Letras, alcançando-se ao alto plano da cordialidade, da simpatia, da amizade, que tanto mingua no preocupado e atormentado o mundo de hoje.

E assim compreendendo e agindo, o lúcido cenáculo de cultura - novo cosmonauta - vai trilhando o seu itinerário de ascensões, que é marchar para o Sol.

Fortaleza, janeiro de 1962.

Alba Valdez

ANEXO B: PUBLICAÇÕES DE ALBA VALDEZ NAS REVISTAS

A saudade¹⁵⁴

Saudade! Palavra ao mesmo tempo doce e amarga.

Garrett chamou-a: “Delicioso pungir de acerbo espinhoso”.

A saudade é um sentimento que deleita: uma dor pungente de que se gosta.

É o lado misterioso que une os corações que se amam, por maior que seja a distância que os separa.

Nas asas da saudade voa o infeliz proscrito ao seio do lar e transporta-se aos dias de sua infância. Torna a ver os lugares que mais amara. Goza de novo as ternas carícias de uma mãe, os doces sorrisos de uma irmã querida.

Ver o berço em que dormia o terno irmãozinho, a frondosa cajazeira que sombreava o terreiro da casa, o pequeno regato que corria a pouca distância, os lugares onde costumava brincar.

Estas saudosas recordações lhe dilaceram o coração. O pranto inunda-lhe as faces. Chora: mas como são consoladoras essas lágrimas!

A lembrança de uma felicidade passada tortura o coração do infeliz; mas ele acha prazer nessa tortura.

A saudade é de todos os sentimentos o mais incompreensível; participa ao mesmo tempo da dor e do prazer.

Mademoiselle***

O natal¹⁵⁵

Por toda parte onde chega a luz da fé, festeja-se com júbilo a noite do Natal.

É a festa de todos, do rico e do pobre, do grande e do pequeno.

Não há palácio nem choupana que não transborde de alegria.

Por toda parte se ergue o tradicional presépio com suas fontes e lagos artificiais, com seus rebanhos de ovelhas e suas casinhas brancas, onde se representam poéticas cenas pastoris. No centro, rodeado de flores e de luzes, acha-se o divino Infante reclinado sobre um leito de palhas.

De um lado a sagrada família contempla-o em doce arrebatamento; do outro, pastores e camponeses ajoelhados lhe oferecem presentes, que Ele parece agradecer com um sorriso de amor.

Ao longe, guiados por uma pequena estrela dourada, aparecem os três Reis Magos.

Um anjo suspenso do teto segura em uma das mãos uma tira de papel com estas palavras:

-Glória a Deus e paz aos homens!

Eis o presépio com suas risonhas e graciosas imagens.

O presépio de Belém! Que assombroso mistério encerra aquela pequena gruta! Ali começou o drama estupendo que terminou no Calvário.

Um Deus humanado!

Quem pode conservar-se indiferente ante tão sublime rasgo de amor?

Um próprio ateu, que faz ostentação de sua incredulidade, sente-se profundamente comovido diante deste quadro singelo e arrebatador.

Aproxima-se a hora da missa do galo. Os campanários atroam o ar com repiques. As igrejas abrem-se resplandecentes de luzes, de flores e de galas. O povo entra em grupos no meio bulício e confusão geral.

¹⁵⁴ Publicação na revista *A Quinzena* (1888).

¹⁵⁵ Publicação na revista *A Quinzena* (1888).

Restabelecida a ordem, começa então a verdadeira festa, a festa do santuário. A voz do sacerdote, úmida aos seus melodiosos do órgão, sobe de envolta com os rolos de incenso até o trono do onipotente.

O Natal! Quem não se sente alvoroçado nesta noite festiva? Todos os corações se desatam em júbilo. É a festa das crenças, dos moços e dos velhos. É a festa da família.

Mademoiselle***¹⁵⁶

Roubo de 9 contos¹⁵⁷

Acaba de ser perpetrada uma surrupiação¹⁵⁸ de vários contos de subido valor, a uma gentil menina. Temos para nós que se trata de um furto, como, porém, os Sres. leitores são naturalmente exagerados, pusemos na epigrafe a palavra roubo.

Outros sim, não garantimos que sejam somente nove contos; é provável que venham a ser inúmeros; dos quais, entretanto, o gerente que é uma espécie de inspetor deste quarteirão literário está de posse de quatro. Um deles vai em seguida a esta notícia de efeito.

Os Sres. tenham a bondade de folheá-lo, de lê-lo, de interpretá-lo, e estamos certos de que quem possui uns contos de tanta verdade, de tanta doçura, de tanta espontaneidade e pureza, não precisa de mais nada neste mundo.

Os referidos contos foram furtados da própria autora, o ladrão nós não diremos e ela se quiser que dê queixa; pois qualquer que seja a sentença nós apelaremos para tribunal da posteridade.

O primeiro é o seguinte:

Em uma noite de luar

Estávamos no sítio denominado S. uma légua distante da capital.

No relógio próximo acabara de soar meia noite.

Recostada à janela do meu quarto, eu contemplava embevecida o formoso quadro que se ofereceu a minha vista.

A lua, que estava então no seu apogeu, estendia sobre a terra um vastíssimo lençol de luz. As estrelas como ofuscadas por tanta beleza, escondiam-se trêmulas por trás das nuvenzinhas brancas que passavam. Alguns raios de luar vinham dispersar-se por sobre a superfície crespada de um pequeno laço que ficava pouco distante da janela.

As laranjeiras plantadas na frente da casa alastravam o terreiro de flores que embalsamavam o ar. O silêncio da noite era apenas interrompido por um murmúrio confuso de pequeninos insetos.

Que suavíssimas sensações despertavam em minha alma aquele espetáculo arrebatador!

Já se passaram anos e eu me lembro ainda como se fosse hoje.

E como eu era feliz então!

Minha existência deslizava-se até ali plácida e risonha, ao lado dos entes que mais amava no mundo, rodeado de carinhos e das mais puras afeições.

Naquela ocasião não me passava na mente a mais ligeira nuvem de tristeza. Mas de súbito o vento da meia noite, soprando com violência por entre a folhagem dos coqueiros, soou-me lugubrememente aos ouvidos. Estremeci involuntariamente. Aquele incidente produziu em mim a sensação de um gemido angustioso no meio de um festim.

Pela primeira vez senti o coração oprimido por um sentimento estranho, inexplicável. Seria um pressentimento?

Hoje, que a mão implacável da morte já tem me roubado alguns daqueles seres estremecidos, conservo ainda daquela noite uma recordação inextinguível, e de cada vez que ouço soprar o vento frio da meia noite, sinto invadir-me o coração uma pungente saudade do passado e um vago receio do futuro.

¹⁵⁶ Pseudônimo que atribuímos a identidade à Alba Valdez.

¹⁵⁷ Publicação na revista *A Quinzena* (1888).

¹⁵⁸ Surrupiação (regionalismo) significa roubo ou furto.

A boda¹⁵⁹

Os dois homens interrompendo a conversa levantaram-se, que a mãe da noiva os chamou para provarem do aluá.

A festa corria animada: violas gemiam no terreiro acompanhadas de uma harmônica, tocadas todas por consumados artistas: descantes não faltavam e um emérito cantador de voz harmoniosa e cheia fazia as delicias dos convidados, ora respondendo com acerto e inspiração ao desafio de um rival, ora entoando a pedido cantigas em que eram narrados um fato memorável ocorrido em épocas distantes, as façanhas de um facínora celebre, os horrores das secas passadas. Depois um nunca acabar de saudações aos noivos, de louvores campanudos, pelos quais se desprendia que a noiva era mais linda que a estrela papa-ceia e o noivo reunia todos os requisitos de um ser privilegiado.

Viva os noivos! Reboava pela noite salpicada de astros uma voz de stentor¹⁶⁰.

- Viva a família dos noivos por muitos anos! – Vivô ô ô¹⁶¹!

E a grita entusiástica morria por entre as plangências das violas e o acompanhamento ruidoso da harmônica num delírio de febre artística.

- É como te digo, Leontino, continuou o velho, depois de enxugar com o lenço de chita encarnada o encanecido bigode molhado das libações do aluá misturado com um trago de cana.

- Isto de um homem viver só no mundo não é vida, e o pai Lucas sabe onde as andorinhas dormem. Teus pais infelizmente não existem mais; teu único irmão, este se lhe meteu em cabeça morar nas extremas de Pernambuco; tens outros parentes, é verdade, mas, meu amigo, o melhor parente é isto (e esfregou o index e o polegar com um gesto significativo).

Casa arranjada e limpa, comida, roupa, quem nos pode fazer tudo isso a tempo e a hora senão a nossa mulher: - Já fui casado, Leontino, já soube o que valia uma boa esposa; muitas vezes a raiva que trazia da rua dissipava-se ao avistar o rosto sereno e carinhoso de minha mulher que me recebia com um sorriso feiteiro.

Enternecia-se o ancião – quem diria?! – ao recordar venturas esvaídas há muito, alegrias extintas cuja lembrança lucirolava¹⁶² no seu cérebro como na treva no eturna¹⁶³ [noturna] a pupila fosforescente de um pirilampo.

Os instrumentos cada vez mais expressivos agora espalhavam as notas de um langoroso fado: pares entrecruzavam-se no alegre tumulto da sala prontos para contradança. A noiva, uma linda moça no verdor dos anos, distribuía sorrindo, as flores do seu buquê a um grupo de raparigas que por seu turno iam oferece-las aos rapazes conhecidos: muitos para provocarem hilaridade rejeitavam os cravos, cravinas e saudades ornados de dois, três botões, os quais significavam que a possuidora havia de esperar ainda dois, três anos para cair nos laços do sonhado himeneu. A fita branca que prendia o *bouquet* coube à amiga íntima da recém-desposada, a Mariana de Nicota, que imediatamente a amarrou no pescoço, fazendo gravata.

- A quadrilha dos noivos! Reclamou jovialmente um dos convivas. Toca a quadrilha! E num minuto, a orquestra rompeu vibrante e apaixonada em homenagem aqueles que envoltos nas roupagens coruscantes das ilusões partiam em demanda das paragens ideais e misteriosas do amor.

Fortaleza – Ceará

¹⁵⁹ Publicação na revista *O Lírio* (1903), edição de março (p. 3). Também publicada no livro de Silva (2019).

¹⁶⁰ Expressão popular "ter uma voz stentor" que, da antiguidade, significa ter uma voz muito poderosa, ressonante e perfeitamente audível.

¹⁶¹ A autora utiliza aqui uma transcrição da oralidade.

¹⁶² "Lucirolava": flexão de lucirolar, que significa luzir ou brilhar escassamente.

¹⁶³ Erro mecânico "no eturna": a grafia correta é "noturna".

Discrição cearense¹⁶⁴

Perdida do mais belo sertão do norte a povoação de S. Antônio – outrora vila florescente muito falada pelos festejos que se faziam ao seu milagroso padroeiro e cuja fama retumbava vinte léguas em redor – é atualmente, pode-se dizer, um mesquinho lugarejo em via de aniquilamento. A irregularidade dos invernos, o êxodo das populações nos anos calamitosos alterou profundamente a riqueza e o adiantamento daquele centro agrícola e sobretudo criador, o modo de viver dos seus naturais que amavam a alegria e os divertimentos.

Não era rara a noite de lua em que um instrumento de música soava em algum terreiro que logo se enchia de gente sem que para isso fosse mistérios donos da casa porem os pés fora do batente. Chegava o tocador sobraçando a harmônica ou conduzindo a viola a tiracolo e daqui a pouco – olha função animada! Rapazes e moças sapateavam ao compasso frenético do baião ou executavam as marcas as marcas de uma quadrilha, aplaudidos, ricos de paz e de ventura sem lhes importar o dia d’amanhã.

Na dispensa de quase todos alvejava dentro de grandes caixões a farinha de mandioca, atulhavam-se surrões repletos da colheita dos roçados e em prateleiras suspensas via-se arrumada uma quantidade de queijos de coalha e de manteiga.

Bons tempos aqueles em que todos os anos as chuvas principiavam a cair em janeiro e só escasseavam em junho trazendo abundância e fartura ao ativo sertanejo.

Hoje o povoado vive de saudade, de lembranças gratíssimas de outrora como um velho que sonha com os prazeres mortos da longínqua mocidade; mas é ainda de deleitosa vista assentado numa eminência suavíssima donde o olhar extasiado abraça um horizonte sem limites.

Além estende-se o juremal de folhagem minúscula e transparente através da qual divisa-se de vez em quando o vulto escuro de um vaqueiro que anda na faina de juntar o gado; e longe, muito longe, as atitudes azuis das montanhas que coam nos devaneios infantis legiões de quimeras qual a mais extravagante e louca.

Ardentes desejos que têm de galgar essas moles giganteas, dominar o mais alto ponto desfraldando a bandeira rutila do sonho, ver de mais perto o céu e as nuvens brancas que parecem enormes pastas de algodão flutuando no ar sereno: descobrir (sublime ignorância!) o caminho do sol quando a tarde ele se oculta por traz das cortinas de granito.

O rio serpeia tão próximo que no inverno se escuta distintamente o rugido surdo e incessante das águas correntes; por esse tempo as oiticas mostram unicamente as com as luxuriantes – ilhotas verdes, esparsas na extensão undosa. Delicadas flores agrestes de variados matizes embelezam as suas margens, mormente uma de pétalas azuis que meninas e moças ao andarem em passeio por aqueles sítios que insinuam o amor da solidão enfeitam com ela os cabelos e os vestidos.

E em grupos (no campo, no seio livre e perfumado da natureza parece todos constituírem uma só família, tão solido é o elo de cordialidade que prende aquelas almas bondosas e simples) correm gracios¹⁶⁵ e descuidosas na areia úmida à cata de um ninho de rolinhas de uma borboleta, de uma flor, sorrindo argentinamente, lembrando as hamadriades¹⁶⁶ dos bosques da mitologia helênica.

Depois, a estação calmosa – o estilo ou verão principia propriamente em julho – é a época dos ventos indomáveis e temidos, das correntes de ar movendo-se em fúria louca, dançando em redemoinho, ventos desastrosos que os sertanejos chamam – aracati. É horrível

¹⁶⁴ Publicada na revista *O Lírio* (1903), edição de abril (9-10). Também publicada no livro de Silva (2019).

¹⁶⁵ Gracis: uma redução de graciosa.

¹⁶⁶ Hamadriades: plural de hamadriade, que na mitologia significa Ninfa dos bosques, que nascia e morria com a árvore em que se acreditava estivesse encerrada e que a ela era destinada. Na botânica. Gênero de plantas ranunculáceas da América do Sul.

de ver! Destelham casas e desarraigam arbustos que são levados como frágeis ramos decepados do tronco.

O rio seca, ficando no leito descoberto a diversas alturas poços de que se utiliza a população; a oitica frondosa oferece fresca pousada aos viajantes e comboeiros¹⁶⁷ que atravessam essas paragens.

E as vezes, em noites brancas, evocadoras de cismas, em que a lua solitária divaga no espaço, simulando¹⁶⁸ noiva saudosa daquele que se foi, ouve-se envolta com o brando carpir das ramarias o som de uma modinha em voga ou de uma trova popular.

Distanciados do progresso do seguinte da civilização, essas toadas singelas imperando no ermo e na majestade noturna têm um encanto irresistível que leva o espirito ao esquecimento da realidade de que não fora capaz nenhuma outra.

Caminhoneiro da vida, que sentir te assoberba o íntimo do peito? És, por ventura, esposo ou amante? Feliz ou sem ventura? Quem sabe?!

Longe lhe fica a companheira ou a prometida, a nesga do céu claro que cobre o telhado da sua morada, a amizade, o afeto dos parentes, dos conhecidos; a terra que lhe bebeu a primeira lágrima e recebeu o seu primeiro sorriso... então cantam para desabafar o coração harmonias languidas, sugestivas e sentimentais que voam através dos descampados acordando os recantos tranquilos.

No outro dia, quando a luz do sol reaparece na imensidade, dos forasteiros que ali descansaram resta somente a cinza da fogueira que atearam – fugaz vestígio de sua passagem que, num momento, lufadas de vento dispersam e consomem.

Fortaleza.
Alba Valdez.

Visão do Crepúsculo¹⁶⁹

É sempre a hora merencória do cair da noite, ao acenderem-se as primeiras estrelas, que ela aparece para minha grande ventura, para minha suprema dor.

Cinge-lhe a fronte majestosa um dilema de rosas brancas, as flores que mais amei; tem nos lábios divinos as canções ingênuas e mimosas da minha infância e os hinos triunfais da minha mocidade.

Leve como uma sombra, deixando uma esteira de luz onde passa, ei-la que se aproxima, formosa e trágica, brandindo um pequeno e precioso estilete que brilha na penumbra. Um som eleva-se: é ela que canta para me atrair ao seu regaço aveludado e assassino; é ela, a sereia, que me chama para o seu amor fatal.

Que doçura mística encerra sua voz!

Que trenos maviosos repercutem no sacrário de minha alma!

Canta, saudade, filha da lágrima e do sorriso, legado acerbo e suave de um eterno adeus!

O luar é lindo que entontece; para a cúpula sidérea do infinito voa a esperança, o derradeiro bem dos pobrezinhos, dos párias do afeto; tudo se rende ao deslumbramento que cascadeia do alto...que melhor noite para a última serenata, oh! poesia peregrina?

Não irei escutar-te através das gelosias discretamente cerradas como faziam com os pajens louros as pálidas românticas castelãs de outras eras; quero é deitar-me no teu regaço impoluto que dá a vida e a morte, alternativamente sofrer e gozar as agonias do Calvário, todas as glórias do Tabor¹⁷⁰.

Relembra o que fui, o que amei, o que senti... Depois no coração desnudo que tanto bateu outrora podes cravar certa a lâmina fina do teu estilete de ouro; eu me acabarei sorrindo docemente como a lâmpada que esmorece.

Alba Valdez.

¹⁶⁷ Comboeiro: guia que escolta os condutores de mercadorias.

¹⁶⁸ Mesmo sentido de assimilar e assemelhar.

¹⁶⁹ Publicação na revista *O Lírio* (1903), edição de maio (p. 5-6).

¹⁷⁰ Referência ao [Monte Tabor](#), tido como o local da [Transfiguração de Cristo](#).

Coração¹⁷¹

Maio despontava inundando de fulgores e aromas. O campo ria de verde e nos quintais plantados o vermelho variegado das rosas, o branco latescente dos cravos, o purpúreo das boninas atraía o olhar numa cintilação deslumbrante de matizes.

Muitas das principais famílias voltavam das fazendas da insipidez do sertão, agrilhoados pela nostalgia da vila agora mais movimentada e ruidosa em razão das novenas de Nossa Senhora.

Ainda lourejavam os raios do sol, os risos da serra fluíam para a igreja cuja nave espaçosa e corredores enchiam-se literalmente. O sino reboava o seu poderoso e insinuante convite que ia morrer ao longe na transparência doce da tarde rural e de instante a instante foguetes chiavam, irrompiam do largo onde se erguia um mastro tendo no topo uma bandeira branca com a efígie da Virgem Santa tremulando ao vento.

No adro, a banda de música atacava com bravura velhas marchas entusiásticas de compasso incompreensível, um amalgama de notas que invadiam o espaço, as casas, os ouvidos, atroando, arrastando os fiéis retardatários e morosos. O zum-zum crescia dentro e fora do templo, espalhando-se na rua qual imensa colmeia em atividade.

As pessoas que visitavam as fazendas contavam novidades, entre outras a do próximo casamento da viúva do tabelião Menezes com o Jorge Pinheiro, dono do mais gabado sítio da serra, o Cantagalo.

A Júlia Menezes! Aquilo era que se podia chamar mulher bonita, com uns olhos que pareciam mais estrelas do que olhos, pele alva, corada e estatura tirando para alta. O vestido de luto, justo no corpo, emprestava-lhe uns toques de melancolia poética e interessante. A fala cheia e harmoniosa vibrava semelhante a uma carícia.

Jorge tinha fama de guapo, rapaz, e além disso bom partido e quando vinham à balha¹⁷² os futuros esposos achavam que um não desmerecia o outro. O romance principiara a noite de natal em casa de uma prima dele, na duração de uma valsa. Como ambos não dançassem, conversavam; ela explicava-se: seu estado de viuvez impedia-lhe de tomar parte nesses divertimentos espalhafatosos e exaustivos que não lhe ofereciam prazer. As ilusões, estas repousavam sob uma campã, a daquele a quem se unira aos 16 anos. Ah! Como a sua alma toda se volvia para aquele passado!

E acrescentou com expressão languida ungida de adorável tristeza: - o coração da mulher que sonha, morreu, isto aqui (pondo a mão ebúrnea sobre o peito esquerdo) é o coração materno.

A filha - ia completar 15 anos – estava sendo educada no colégio das Irmãs na capital: ela, portanto, vivendo só, preenchendo as noites de insônia cruelmente longas em escrever a adorada ausente.

Que cartas, meu Deus! Folhas e folhas de papel cobertas de letras que não exprimiam nada! Nada! Reduzidas afinal à cinza pela chama movediça da vela.

Felizmente o martírio terminaria breve, Julieta concluíra dentro de pouco os estudos e com a tagarelice de moça povoaria o ermo de seu lar.

Bastante infeliz é aquele que vive só; Deus na admirável concepção de criar um ser à sua imagem e semelhança, outorgando-lhe a realeza na terra, reservou para escuridade dos dias funestos um astro de intenso brilho – a esperança de sua vida.

O moço extasiava-se: conhecia de vista a viúva, admirava-lhe a gentileza de porte e de feições, mas nunca a suspeitara com tão formoso espírito.

Acabava a valsa, a dona da casa, jovial e divertida, rogou ao primo cantasse uma modinha ao som do violão antes que badalasse a primeira chamada. Bem lembrado! concordaram.

¹⁷¹ Publicação na revista *O Lírrio*, na edição de 03 janeiro de 1904 (p.3-4).

¹⁷² Compõem a locução “vinham à balha” que significa serem citados, serem falados.

Tomando do instrumento, Jorge – olhos indecisos de quem não vislumbra o exterior – afinou-o com cuidado, preludiou o acompanhamento e em seguida sua esplendida voz rompeu.

Devia de ser mui bela a miragem daquela imaginação! A fronte meio volvida para cima, inspirada pela paixão amorosa ele cantou com uma força de sentimento que abalou toda a sala e uma trovoada de palmas cobriu os acentos finais – Bravo! Bravíssimo!

A prima, radiosa, cumprimentou-o pelo triunfo. Parabéns! Cantava divinamente. Ele sorriu enleado e modesto: Favores, bondades que não merecia.

O bronze sagrado começou a bimbalar. Houve um rumor surdo de passos, de cadeiras arrastadas. A missa! De todas as casas saíam grupos em demanda da Matriz a qual de longe aparecia com o interior mosqueado de luzes e adornado de ramos floridos.

No firmamento irradiavam as constelações; legiões intangíveis, diáfanas, parecia adajarem na amplidão suavemente luminosa entoando – Glória!

Ao voltar da igreja, sugestionado pelo esplendor noturno e gratas recordações, o rapaz confidenciou a prima que cedo seria noivo. Dias depois espalhou se a nova do afeto correspondido do Jorge Pinheiro.

A boda foi marcada para fins d'águas, após a chegada de Julieta. Muitas vezes a mocinha constituía o assunto preferido da conversação dos noivos: ele afirmava convicto de que havia de estima-la como um pai e ela agradecia-lhe comovida essa ternura antecipada, referindo infantilidades da filha, seus brinquedos prediletos, sua inteligência precoce. E num arroubo de amor materno, de insofrida saudade, anhelava¹⁷³ que os dias, semanas, meses voassem para rever, apertar de encontro ao peito a criatura idolatrada.

Ele fingia-se amuado. Ser condenado a receber as migalhas do amor que ela votava a Julieta!?

Até que a jovem chegou nessa radiante manhã de maio, atravessando a rua principal da vila por entre a curiosidade de uns e a admiração de outros, muito correta numa amazona de flanela verde-escura, figura lírial evocando as delicadas fidalgas que voejam nas trovas e crônicas cavaleheirescas das épocas medievais.

Mãe e filha estreitaram-se doidamente sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

Jorge quase como membro da família visitou logo a recém-chegada e ao vê-la sentiu por dentro uns abalos, uma turvação da vista a modo de quem fita o sol.

Julieta parecia-se notavelmente com a mãe, mas muito mais linda pelas graças juvenis e um que de misticismo a divinizar lhe o semblante. Alta para a idade, o seu talhe possuía a flexibilidade elegante de uma flor na haste: os olhos sombreados por negros e compridos cílios não tinham a viveza dos astros, lembrando, porém, a placidez encantadora das águas tranquilas: a cor da face misto de cravo e rosa: a voz pela convivência religiosa do colégio – murmúrio brando e musical. Enfim, Júlia era bela como uma mulher e Julieta arrebatava como um anjo.

Que horas indefiníveis ele não passou no lado dessas duas criaturas de seduições diferentes! Sem dar por isso, chegava mais cedo que dantes a casa da noiva, trazendo sempre para a mãe e a filha um mimo, uma gentil oferta.

Quando não iam a novena ou a algum passeio nas cercanias contemplar a natureza em plena liberdade entretinham-se em casa numa intimidade remansosa.

Viam quem passava, ouviam as velhas peças que a banda de música tocava no adro da Matriz.

A moça narrava a sua existência colegial, as horas da classe, a monótona sala de estudo, a capela repleta das educandas em oração no mais absoluto silêncio que até se percebia o esvoaçar das moscas, o recreio no jardim; e atentando em tudo com rigorosa vigilância os vultos sombrios das filhas de S. Vicente de Paulo com os chapéus brancos análogos a grandes borboletas de asas espalmadas que pousassem sobre cabeças.

173 Anhelava significa ansiava, conforme tradução e definição "anhejar", do catalão-português dicionário on-line. Disponível em: <https://pt.glosbe.com/ca/pt/anhejar>. Acesso em 27 dez 2018.

No seu quarto, balançando-se na rede, ele engolfava-se em recordações que apenas datavam de minutos. Alucinado, inconsciente, deixava se levar na onda minaz do devaneio não procurando saber donde lhe vinha a ventura ignota que o cegava para a realidade. Confundia numa só duas visões e o anjo vencida a mulher: Julieta surgia vestida de nívea cambráia com uma rosa rubra perdida na massa perfumosa dos cabelos debruçada à janela, com aquele sestro de imergir os olhos na cúpula estrelada como se quisesse devassar os arcanos do alto azul profundo.

Naquela noite, a penúltima do mês das flores, ele encontrou a viúva assaz apreensiva por causa de uma febre inexplicável que desde manhã retinha a filha no leito.

Que surpresa aborrecida e triste: Julieta enferma. Sentiu emudecerem-lhe as alegrias e um mal-estar invadi-lo todo; a vista errante ziguezagueou na sala, achou-a lúgubre e vazia. Assaltou-a de súbito uma vontade de fugir através do campo adormecido, no grande silêncio da sombra.

E a noiva não estava aí bem perto?

Sim, perante o mundo, as convenções sociais, a viúva era de fato sua noiva; mas ante as leis caprichosas e soberanas do coração, não, mil vezes não. Temendo trair-se, apresentou desculpas e saiu cambaleando como um ébrio, ao peso de pensamentos amargos.

Envergonhou-se de si mesmo, da sua falta de lealdade e honra: lembrou-se daquela noite festiva de Natal em que Julia lhe feriu as cordas vibráteis dos sentidos, apaixonando-o, a ponto de ele pedir-lhe a mão. Mas Julieta chegara magnífica de juventude e graças virginais, formosa como uma aurora que se levanta.

E ele era simplesmente um homem.

Ah! se pudesse dizer a moça embevecido nos seus olhos meigos agora mais brilhantes pela febre toda a grandeza do amor que ela inspirara!

Um soluço soergueu-lhe o peito forte e, não podendo mais conter-se, chorou pela primeira vez sob a luz risonha das estrelas daquela noite de maio.

Alba Valdez.

O beija-flor¹⁷⁴

Todas as tardes, ele vem com uma pontualidade de apaixonado a adejar por sobre os rosais e jasmineiros em flor, saciar-se de mel dos nectários e embriagar-se de aromas, enamorando as sorridentes corolas, acordando ciúmes naquelas que não são amadas ou não são formosas. Aproxima-se de uma, ora de outra, beijando-as doida e febrilmente e sua plumagem cetinosa e eriçada confunde-se com as pétalas brilhantes que emergem dos ramos verdes.

Meu olhar ansioso segue o pequenino forasteiro dos ares e perde-se nele como no tremeluzir de uma estrela tão linda a acha e parece a minha melancolia nascida desta languidez das tardes estivais que conheço de outro tempo o mimoso beija-flor e que ele também conhece.

O passado é o consolo das almas solitárias; quem não tem inventa-o. Há de haver sempre uma réstea de luz que ilumine a esteira dos dias idos. O presente – uma mágoa; o futuro – uma dúvida.

Remonto a bonançosa quadra da infância. Moças de minha terra, fortes morenas que encheis o caminho da roça de simples e harmoniosas toadas, chegai que voltei de longa e trabalhosa viagem. Antes nunca do meio de vós me tivessem tirado; além destas planícies forradas de erva macia e tenra poetizadas pelo mugir profundo e sonoro do gado solto, pelo balido dolente dos alvos rochedos, além deste horizonte impregnado de paz e de doçura, a claridade refulgente da natureza esmorece.

Crede-me queridas, nada vale o riso dos vossos lábios vermelhos rescendendo o cheiro do manjerição que prendeis às tranças cor da treva; nada se compara ao menear

¹⁷⁴ Publicado na revista *O Lírio* (1904), edição de março; bem como, no *Almanaque do Ceará* (1904); e também no livro de Silva (2019).

voluptuoso do vosso corpo quando se peneira ao chorado da viola patrícia por noite de folgança.

Vinde moças sertanejas; ponde-me ao colo como dantes e embalai este espírito peregrino e padecente com as lendas maravilhosas das fadas e dos gênios.

Sabeis? Gente má quis transformar a primitiva essência do coração que formastes roubando-lhe as crenças, reduzindo-as, esfacelando-as por meio dos livros que escreveram como se eles explicar soubessem a alma, os mistérios d morte, Deus! Vivemos como na primeira aurora do mundo – ignorantes dos magnos problemas.

Os livros... Que ensinam essas folhas de papel cobertas de letras pelas mãos dos homens? A elas fui pedir me contassem a história dos beija-flores a pairarem sobre as moitas floridas, especialmente deste que ao sol se por vem fazer idílios com as rosas e jasmins que florescem no meu quintal. E na minha tristeza lucilou um sorriso breve ao receber a resposta dos livros.

Que estranhas e bizarras coisas encerram!

Valei-me com a vossa sabedoria antiga, ingênua e sempre encantadora, belas caboclas do meu sertão.

“Os beija-flores são as almas dos mortos queridos que de vez em quando visitam aos que ficaram cá chorando a sua ausência.”

Então este que me fascina a vista e as borboletas do imaginar...

“É a alma do supremo sonho de tua mocidade, sonho que baixou das rutilas esferas e para lá voltou.”

Ah! Bem que a voz maviosa da saudade sussurrava! “Voa ao passado, triste coração ermo; revolve o cofre das doces recordações.”

Alba Valdez.
Fortaleza.

Fragmentos¹⁷⁵

O juazeiro é um símbolo da esperança.

No mais intenso verão – lá para os últimos meses do ano – o viajante que percorrer os vastos sertões do Ceará notará a profunda desolação que reina na mata reduzida ao esqueleto; as árvores despidas de sua túnica esmeraldina com gradações de tons, a corrente aérea que passa, inclinam os ramos esfolhados sem vibrarem a inimitável e augusta sinfonia que a natureza entoia.

Folhas secas voam aos bandos levadas pelo vento, modulando uma triste e incompreensível canção que é como a saudade da olorosa estação que findou, saudade dos segredos da espessura, de idílios de passarinhos, que só sabem amar cantando... quem vos protege os [*****].

“Colibris mimosos, belas flores aladas, quem vos protege os ninhos feitos de macio e alvo algodão?”

Dir-se-ia que exala perfumes as folhas caídas quando as arrasta a ventania... nessa altivez que o sol espalha em torrentes de luz cáustica, nessa morte aparente das plantas ressequidas, o juazeiro com o verde-alegre de sua folhagem surge como a concretização de um formoso ideal: a alegria incansada repousa com uma espécie de volutuosidade que irradia e acalenta, e o corpo exausto das grandes caminhadas anseia pela sombra salvadora que lhe oferece descanso e frescura. Dali pode-se contemplar à vontade este céu cearense, de uma azul sem manchas, incomparavelmente lindo, tão alto, tão longe da terra adusta que se estende, se estende...

Mas, a chuva regue esses campos dez, vinte dias e ver-se-á, como por encanto, ressurgir vegetação opulentíssima que alcatifa o solo, antes nu e áspero; as árvores vão pouco a pouco perdendo o aspecto sombrio para se tornarem com as galas vicejantes que lhes envia o inverno. Então, pássaros trinam alegremente nos ramos, insetos multicores

¹⁷⁵ Publicado na *Revista da Semana*, edição semanal ilustrada do *Jornal do Brasil*, de 2 de outubro de 1904. Texto inédito que essa pesquisa acrescenta a bibliografia de Alba Valdez.

borboleteiam inquietos e os leitos estanques dos rios ocultam-se sob ondas mansas que rumorejam...

Alba Valdez.

Uma data cearense¹⁷⁶

O Ceará, entre os muitos feitos gloriosos que sua história regista, conta um que por si só constitui padrão imorredouro – a abolição do elemento servil em seu território.

Foi há vinte e seis anos, a 25 de março de 1884.

Fortaleza, a linda cidade do norte, adornou-se de galas para comemorar de modo excepcional esse acontecimento grandioso que superpunha a antiga província às outras com as quais formava o vasto império do Brasil. De fato, ela tomava assento ao lado das nações mais civilizadas do mundo por uma admirável e eloquente lição de civismo e humanidade.

O povo cearense não podia suportar o inominável tráfico que rebaixava parte de seus semelhantes ao nível de alimárias. Envergonha-o o espetáculo degradante da escravidão, quando a liberdade individual é o mais sagrado dos direitos e não pode ser postergado sem grave quebra dos preceitos que regem as sociedades cultas.

Melindravam-lhe a consciência as cenas cruéis que desfaziam os doces laços de uma família infeliz, a fuga de desditosos que se internavam nas brenhas, preferindo a convivência dos brutos à de homens insensíveis à sua dor.

E o mesmo dinheiro, produto do braço escravo, queimava-lhe as mãos validas e honradas, afigurando-se-lhe criminosa extorsão.

Pois ele sabia trabalhar, combater pela vida. Sua enfibratura mais de uma ocasião fora posta à prova: em momento histórico, para defender os brios da Pátria, nos banhados mortíferos do Paraguai; todos os dias, nas florestas virgens da Amazônia, onde os perigos enxameiam no próprio ar.

Nascido sob o céu mais ingrato do Brasil, o cearense nunca foi um predileto da fortuna. No berço, embalou-o o eco plangente de passadas catástrofes e como as demais crenças sem sempre ouviu os contos de fadas, alegres e encantadores, narrados à luz do luar.

A atividade que o caracteriza tem abalroado contra frequentes caprichos da natureza. Daí talvez, a vez índole afoita e generosa.

Familiarizado desde cedo com a adversidade, ciente de quanto um minuto de amargura intoxica uma existência inteira, desolava-o excrescência abjeta do cativeiro.

Tornava-se mister um movimento que acabasse com aquela vergonha social. A empresa não era fácil e para ela se arregimentavam as mais belas inteligências e as mais decididas energias.

Travou-se, por fim, a peleja.

Ameaças, perseguições, exílios, nada moveu a intrépida falange do nobre *desideratum*; ao contrário, tudo os imergia no sonho cambiante do abolicionismo.

O país assistia estupefato o empolgante drama.

Com rapidez vertiginosa propagou-se o incêndio regenerador. As mulheres vendiam as joias para comprarem cartas de alforria e os homens, numa insônia de heróis, pondo em holocausto a vida e a paz, subtraíam violentamente, quando lhes faleciam outros meios de vitória, numerosas vítimas ao azorrague negreiro.

Haviam por isso o nome de ladrões; e cousa singular, nessa circunstância o infante epíteto teve significação honrosa.

Também não é para esquecer o gesto sublime e comovente dos rudes jangadeiros, confundindo a voz estentórea com a das verdes vagas tumultuosas: - No porto do Ceará não embarcam mais escravos.

E aconteceu que naquele dia, 25 de março, para sempre memorável, o sol ofuscante dos trópicos sandava a primeira terra brasileira onde todos eram livres, a qual um negro de gênio por justos motivos cognominou – Terra da Lua.

¹⁷⁶ Publicado na revista *Ceará Intellectual: extrato de ano escolar* (1910).

Alba Valdez.

Carta a uma poetisa¹⁷⁷

Ei-la no campo. Sua epístola, recendendo ao agreste aroma das matas, chega a propósito para dizer- [*****].

Leio e releio as perfumadas linhas.

O inverno pompeia com desusado esplendor.

A natureza atavia-se de galas. No céu azul as auroras e pores de sol magníficos: na terra o verde cromático estrelado de flores.

Manhãs formosas, tardes esplêndidas; e, cobrindo tudo, a paz comunicativa que emana das estâncias felizes.

Não tão longe, o passaredo canta melodias inéditas, semelhante à esperança que alegra o ermo da existência.

A sua frase de um colorido quente, estonteante, exprime a ideia com arte e inspiração.

As paisagens, as cenas típicas encantam.

Ali, no trabalho umbroso, a moça que volta da fonte, pote à cabeça, sobre a rodilha de algodão, musculatura rija, graciosa na natural¹⁷⁸ simplicidade da sua maneira e do seu trajar.

Além, o destemido vaqueiro montado em veloz ginete, parecendo um centauro, a correr, levantando nuvens de poeira, em pós de rês tresmalhada que o leva através de silvas e trepadeiras bravas.

E em noites de folia, enquanto os pirilampos em enxames luminosos, bailam no descampado, a languida viola, em terreiro batido do luar, traduz a alma do povo, ora meiga e sentimental, ora impetuosa e ardente.

Para alguém que vai da cidade, esse aspecto é novo e sobretudo interessante de originalidade. Belo, porque é verdadeiro.

É preferível o cardo eriçado de espinhos como a dizer: - não me toques! ao abrigo traidor de certas árvores frondosas que adormecem e matam.

Ainda bem que no seio virgem da natureza a sua sentimentalidade requintada se expande em novas e mimosas flores. Chega mesmo a fantasiar uma casita muito branca, perdida no meio do arvoredado sussurrante e onde de bom grado, confessa, acabaria a vida.

Mas tem de volver à agitação da cidade, reentrar nos velhos hábitos e sentir, talvez, as antigas dores. Então presente a sombra de insidiosa saudade que há de vir enchê-la, evocando tenazmente a radiosa esperança de um dia que não volta.

De certo, nada há que valha a ilusão que sorri, a doce recordação.

Alba Valdez.

Os anos da Revista¹⁷⁹

Difícil e espinhosa, a arte de ensinar não exige apenas um capital científico que se procure colocar a todo transe no delicado cérebro das crianças.

Mais do que nenhuma outra a matéria pedagógica tem evoluído extraordinariamente nesses últimos tempos, desvendando área vasta de especulações de valor positivo e ministrando métodos que tendem a facilitar cada vez mais a tarefa dos que iniciam nos ritos imponentes do alfabeto.

Destarte, a instrução não pode separar-se da educação, o que obriga o preceptor moderno a aparelhar-se de conhecimentos sólidos e complexos, aliados a qualidades preciosas, que o habilitam para uma das mais importantes funções do organismo social.

¹⁷⁷ Publicada na *Revista Escolar*, Fortaleza, 14 jul. 1911. Texto inédito que nossa pesquisa acrescenta a bibliografia de Alba Valdez.

¹⁷⁸ Erro mecânico, deduzimos que essa palavra se trata de “natural”.

¹⁷⁹ Publicado na *Revista Escolar*, na edição de 14 de julho de 1911. Trata-se de um texto inédito, mais uma contribuição de nosso trabalho que amplia a trajetória bibliográfica de Alba Valdez.

Com efeito, ele ocupa posição em destaque na mente do escolar que, de continuo, lhe estuda os gestos e as ações e não deixa passar um sorriso, um ricto de desprazer sem o competente registro.

Por isso que, às vezes, uma palavra do coração, emitida de certa maneira e em dada circunstância produz resultado mais direto do que infinidade de regras exaradas em livros massudos.

Eis o segredo do bom professor que nunca perde de vista o espírito maleável da infância, exercendo sobre ele vigilância oportuna e inteligente até que dê por fiado o nobre encargo.

Para tal cometimento faz-se mister que seja um entusiasta da carreira que abraçou, incansável na descoberta de meios que transformem o estudo em ocupação atraente, evitando os escolhos da monotonia e da prolixidade.

Aqui se trata de uma dessas figuras ideais de educadores; para comprovar o asserto, folheie-se a coleção da presente *magazine* didática, órgão do “Instituto de Humanidades”, a qual há sete anos completos vem desdobrando na distância vencida uma longa esteira luminosa.

A *Revista Escolar* honra a qualquer imprensa que se impõe e apregoa de forma iniludível e distinta a competência e heroica vontade do ilustre diretor Sr. J. Nogueira, que faz jus à leal admiração e estima dos que se interessam pelo progresso deste trecho da Terra Brasileira.

Em hora de profícuo meditar, ele vislumbra a gloriosa tela que os seus alunos - noveis artistas – iriam ilustrar com os frutos de uma atividade auspiciosa, auxiliada por ensinamentos sábios, ricos de civismo.

A visão intangível corporizou-se pelo querer do homem e pela abnegação do mestre. Enfrentando vultuosas dificuldades que cercam sempre as publicações congêneres, não mediu esforços para realidade do seu altíloquo sonho.

A *Revista Escolar* surgiu, concretizando, portanto, a inteligência, e o amor, o trabalho e a perseverança. Em suas folhas imaculadas há a lição que aperfeiçoa o espírito que alinda o caráter, resplandece a apoteose do bem que implica necessariamente a derrocada do mal.

E tudo isto tão belo e sugestivo que um juízo, *à priori*, induz a crer na sua influência duradoura.

Se o infortúnio (não causam dano as lúcidas falenas do imaginar) desviasse um dia da rota do dever e da honra um destes futuros cidadãos por quem a pátria espera, bastaria, talvez, para lhe advertir a consciência um fragmento destas páginas em que seu nome estivesse inscrito.

Incontinente, o seu passado, como em filme cinematográfico, desfilaria envolto no halos inebriante da saudade – retorno salutar à pura vida de outrora. Não resistiria calmo ao espetáculo empolgante e sua alma, genuflexa, cairia deslumbrada pela claridade redentora que lhe rumava o verdadeiro caminho.

Alba Valdez

A sempre nova questão do ensino¹⁸⁰

É fora de dúvida que o ensino deve harmonizar-se integralmente com a natureza, com o meio ambiente. Por experiências e exercício de observação direta dos objetos e dos fatos, a criança vai a pouco habituando-se ao mister de raciocinar, analisar e criticar, desenvolvendo-se destarte seus sentidos e sua inteligência que, norteadas, se internará vitoriosa e perseverante nos largos domínios da verdadeira ciência.

Porque ciência não abrange apenas aquisição de conhecimentos ministrados por um diagnóstico e puramente literário. É mais alguma coisa: - aquela em virtude da qual se aprende a viver qualquer que seja a especialidade das circunstâncias que se apresentem.

¹⁸⁰ Publicada na revista *Ano Escolar*, Rio de Janeiro, 1921, e na *Revista Escolar*, Fortaleza, 1925. Embora citado por todos seus biógrafos é inédita no formato de livro.

Pode-se dizer que há para mais de dois séculos pedagogistas e filósofos se têm insurgido contra a abstração do ensino elementar. Já Michel Montaigne, notável autor dos *Ensaíos*, o qual viveu de 1532 a 1592, por conseguinte, em pleno século XVI, considerava o estudo das coisas mais importante que o das palavras.

Ainda hoje pensa-se e escreve-se do mesmo modo, mas isto não significa que a teoria do precursor do ensino intuitivo se vulgarizasse de maneira a não ser mais oportuna sua repetição.

Evidencia-se que o livro, o verbalismo, continha em vigor na maioria das nossas escolas, caçando a memória, eximindo o aluno de compreender e de pensar por si mesmo.

Ao professor não cabe, porém, inteira culpa do delito. Existem cúmplices que folgam à sombra de suas altas imunidades.

No Brasil, máxime no Ceará, o mestre primário, ou antes a mestra, é vítima de quanta história mal contada corre a respeito de instrução. A acusação generaliza-se, desde a Secretaria competente até aos pais que, para se livrarem das travessuras dos filhos, os remetem à aula.

A propósito, adverte um adágio que a corda estala do lado mais fraco.

De ordinário, nas mensagens dos presidenciais as notícias relativas ao problema educativo dão que imaginar sobre o destino da nação em geral e do indivíduo em particular. Só os egoístas, os indiferentes, tipos moral e socialmente criminosos, ficarão imperturbáveis, ao lerem no documento oficial afirmativas como estas: - A instrução primária vai em decadência. – os resultados do ensino primário não compensam os sacrifícios pecuniários que com esse departamento do serviço público tem feito o Estado.

Bradam alhures aos pais de família que o menino, aliás sem ocupação útil em casa, não se adiantou nada na escola, nem sequer prestou exame. E se passou pelo exame desembrilhado de nota distinta, os ares do lar alvoroçam-se com os prodromos da tempestade. Nunca olvidar que os pais se embalam na fascinadora persuasão de que os frutos de seu amor possuem as mais completas qualidades de corpo e de espírito.

O preceptor, pelo impulso dos acontecimentos, entala-se entre dois fogos acesos: o governo que censura e a família que não o gaba.

Isto posto, de que forma tem agido o governo na velha questão do ensino primário? Curou o Estado de formar bons professores? Assegurou-lhes vantagens profissionais e meios suficientes de subsistência, quer em serviço ativo, fora dele, invalidado, nesta conjuntura pela idade ou pela doença?

A prevalecer o falso preconceito de que o magistério primário cearense, por numeroso, não tem obtido os favores concedidos aos demais funcionários públicos, dir-se-á então, que o Brasil em vez de ser um país essencialmente agrícola – que antes o fosse -, é a terra por excelência do patronato.

Por outro lado, a maior parte das escolas, quase sempre mal localizadas, não merecem esse nome. Tudo aí desanima e entristece; o acanhamento e a impropriedade do prédio, a escassez dos móveis, a ausência de objetos e utensílios escolares concorrem para seu abandono e descrédito.

Desde que não se opera milagre, a educação mental há de ser forçosamente imperfeita, pouco adstrita aos novos métodos e processos pedagógicos. As lições intuitivas passam por um óculo; o aluno, sequestrado da natureza, não a ama, e chegando a idade adulta quer ser doutor ou empregado público, industrial, agricultor, comerciante, de modo nenhum.

Como as ideias descambam para vida prática, convém registrar o seguinte fato típico que informa muito bem acerca da educação nacional.

Faz poucos anos, a diretoria do mais antigo grupo escolar de Fortaleza, no intuito de proporcionar as alunas uma instrução mais consentânea com as necessidades prementes da existência moderna, lembrou-se de cultivar pequeno trato de terreno baldio, anexo ao estabelecimento.

Levantou canteiros, plantou-os, determinando que uma turma de meninas, tiradas diariamente das classes, cuidasse por alguns minutos, sem prejuízos de outras disciplinas, dos ditos canteiros. O quadro, sobre ser lindo, despertava grandes esperanças.

Entretanto, a hermenêutica de alguns pais emprestou ao caso sentido diferente: as reclamações, apoiadas na saúde das filhas, no argumento da despesa com vestuário e calçado e em outros motivos de igual jaz, não se fizeram esperar.

Uma senhora revestida da autoridade materna, declarou com ênfase que a filha ia ali para aprender gramática, geografia, etc.. e jamais se incitar nos trabalhos de criada de servir.

Depois disto, resta copiar com alteração de breve passo uns traços do belo e patriótico livro – *Casa de pais – Escola de filhos* - do criterioso escritor lusitanos Agostinho de Campos: *A mãe brasileira* (portuguesa, escreve ele) ensina o filho a ler. Por ela começa, na nossa educação, o império do livro.

... E nunca mais acabas.

Alba Valdez

De pé¹⁸¹

O direito de propriedade classifica-se no rol daqueles que se chamam sagrados. Mesmo entre as sociedades rudimentares que vivem à lei da natureza. Mais. Descendo-se a escala zoológica, observa-se que ele não é desconhecido entre os irracionais.

Nos países policiados que servem de paradigmas a outros no tocante ao progresso cultural, um atentado ao direito de propriedade sofre a sanção de penas severas.

O réu pode até acabar os dias na célula de uma penitenciária, como pode ser absolvido unanimemente, coberto de elogios, o prejudicado que usou de recursos extremos para não perder aquilo que adquiriu honestamente em longos anos de labuta.

Planta o lavrador a semente após haver preparado a terra; que jamais deixa de reclamar cuidados especiais para o êxito da futura messe.

Surge o vegetal. Alteia-se lhe o caule. Avoluma-se lhe a fronde. Desata-se lhe a flor. Debuxa-se lhe o fruto.

O cultivador contempla enlevado o formoso quadro. Vê a realidade de um sonho na qual se cristaliza a melhor de sua energia e atividade. Enfim, vai ter o prêmio que merece a inteligência, o esforço incoercível.

Lá está a beleza do fruto! São sempre belas as manifestações do trabalho.

Feliz, o cultivador ergue o braço para colhê-lo, já pensando em mostra-lo aos amigos e conhecidos. Crê com isso valorizar a gleba, incentivar virtudes. Ele ama a pátria, o ingênuo sonhador.

Nisto, um empuxão brutal o arremessa para longe.

E ele cai, o coração a sangrar.

Nasci e criei-me nesta terra. A minha existência se há passado no convívio dos livros e nas agruras do magistério. Professora primária, no entrar da adolescência, contudo a minha atuação no ensino público e particular ultrapassou o limite que me estava traçado. Espraiou-se além. Jamais encarei distâncias e obstáculos para levar uma réstea de luz aos que Tateavam na escuridão. Fui um espírito ávido de perfeição. Sedento de glórias e grandezas para a minha raça.

Pobre raça combatida, achincalhada por filhos ingratos e aproveitadores desalmados que, no negror da noite, se acocoram, seguros da impunidade, em desprezíveis tocaias.

O amor da terra natal entalou-me a pena entre os dedos. Ocupação esta que nunca me desviou de outros deveres, do respeito devido ao meu nome e à sociedade.

Proclamo isto com orgulho.

Escrevi.

Oh! a via-crúcis! O ar desfeito. Os trovões! Os raios! A água a jorrar, dando-me pancadas na cabeça. A lama a crescer, ameaçando tragar-me. Lama nojenta! Lama pútrida!

Eu chorava abraçada a minha mãe, que rezava.

¹⁸¹ Artigo publicado na revista *Nação Brasileira*, do Rio de Janeiro, na edição de agosto de 1930 (p.8-9).

A pena agarrava-se me nos dedos inteiriçados. Não caiu. Não cairá! Morrerá comigo a fiel companheira. Força invencível a do amor.

Vivi. Louvei a ideia que alimenta e purifica. A obra que salva. Associei-me, por meio do pensamento escrito, a tudo que denotava cunho de utilidade e interesse coletivo dentro da órbita em que me agitava.

Obreiro humilde que era, mas cheio de boa intenção e pertinácia, conquistei, por isso, a diferença de grandes arquitetos das letras indígenas.

Altos e generosos corações que me designaram um assento na Academia Cearense de Letras, quando da sua reorganização em 1922, nesse tempo o mais ambicionado posto da hierarquia literária do meio.

Alguém há de lembrar-se do motivo por que eram disputadas as cadeiras daquele importante congresso. A tábua é pequena e os caboclos conhecidos.

A cerimônia da inauguração constituiu uma das partes mais brilhantes dos programas oficiais comemorativos do centenário da independência nacional.

Acorreu ao suntuoso palacete do “Clube Iracema”, o que esta capital possui de mais refinado na sociedade. As flores confundiam-se com os lindos rostos femininos, que lá se viam em profusão. Os discursos dos oradores rivalizavam com as harmonias dos instrumentos musicais, que vibravam.

Tiraram-se fotografias. Estamparam-se “clichês”. De tudo os jornais cientificaram o público, enchendo colunas.

Sucederam-se os anos até chegar ocorrente mês de maio de 1930.

Agora a imprensa fortalezense divulga a nova sensacional de que literatos da terra vão fundar uma Academia Cearense de Letras.

É sério. Quem se recorda mais do que ocorreu na remotíssima era de 1922?

Pois os mencionados literatos vão fundar a mencionada Academia.

Pelos termos parece que foi coisa que nunca existiu no Ceará.

E para não ficar atrás da sua congénere do Rio de Janeiro, mulher já não forma.

Ao fim, não sou eu a única envergonhada pela descortesia do gesto.

São vocês também minhas inteligentes e virtuosas patrícias, especialmente vocês, mulheres que, como eu, mourejam na seara das letras.

Sois também vós, meus ilustres confrades, que sofrestes o desejar de serem postos em dúvida o vosso caráter e o vosso discernimento.

São ainda os senhores, respeitáveis conterrâneos, os senhores que assistiram a festa inaugural da Academia Cearense de Letras.

Os senhores que fazem parte do público que lê e julga, o público que constrói e destrói reputações, o público amado e temido, para quem, “*última ratio*”, apela o torturado artista.

Alba Valdez

Discurso¹⁸²

Exmo. Sr. Barão de Studart, digníssimo presidente do Instituto do Ceará.
Ilustres consócios.

Um dia – faz muitos anos -, quando me entregava à emoção ingênua de escrever um livro, onde procurava esquisar quadros e figuras da Escola Normal que cursei, concedi ao pai de uma das minhas heroínas, no intuito de evidenciar os seus méritos intelectuais, o título de sócio desta agremiação.

Documento o aseto, indicando a página 48 do *Dias de luz*, o livro em apreço.

O fato, com o seu tanto ou quanto de imponderável, não é imperceptível e dispensaria ser evocado em ocasião tão solene, se não abrisse caminho a considerações, ao meu ver, oportunas.

¹⁸² Publicado na *Revista do Instituto do Ceará* (1936). Discurso proferido na posse de Alba Valdez por ocasião da posse da escritora no Instituto do Ceará.

Do Instituto não é lícito dizer-se em tempo algum que tivesse passado “em branca nuvem” ou adormecido “em plácido repouso”, expressões que, em versos ditos e reditos, o poeta exarou como o sentido melancólico da ausência de movimento e de ação.

Do Instituto o que se averba é que – estando nas vésperas de completar 50 anos, - triste conjuntura na vida de uma mulher! triunfante parágrafo na crônica de uma associação! – jamais sofreu desfalecimentos nos passos para atingir a sua alta finalidade. Não deixar que se percam as nossas tradições e se deprecie o ouro do nosso patrimônio histórico!

Parece que se está a ver o combate que travou, desde os primórdios, contra os vapores carregados da incredulidade e da indiferença que, nessa circunstância, surgem como aspetos adversos e inevitáveis do nosso clima social.

A despeito disso, venceu. E venceu lindamente, tanto que a ressonância do acontecimento penetrou o alvoroçado ambiente estudantino das meninas da Escola Normal daquele tempo.

Uma amizade – velha amizade de cabelos brancos – tem, pois, acompanhado em parte a existência do Instituto, tão brilhante quanto fecunda em trabalhos de vasta cultura. E também de vero patriotismo.

É fulgurante o sentimento de brasilidade dessas páginas em que se espelham os nossos hábitos e costumes briosos. Vibram as energias da nossa raça, o nosso coração, a nossa alma. Puro Brasil.

Não inspira, por ventura, esse idealismo ativo e construtor uma sugestão na hora de decadência em que vivemos?

Agora, associando ideias, estou me lembrando de certas palavras do importante discurso que o dr. Epitácio Pessoa pronunciou por ocasião da comemoração do 2º aniversário da Liga de Defesa Nacional.

Não se verificaram mais, comenta o ilustre nortista, os entusiasmos de outrora pelos nossos grandes homens, pelos nossos grandes acontecimentos históricos, pelas nossas datas, pelos feitos de nossa gente.

Apesar de decorridos anos, essas palavras conservam o cunho de atualidade.

Festas cívicas, pouquíssimas, escoadas ordinariamente entre o severo protocolo oficial e carecidas, portanto, de vibração popular.

Haja vista, por exemplo, a festa da Proclamação da República, se cabe chamar-se de festa à execução do decreto que feriu o dia, obrigado ao cumprimento de meras formalidades.

Pode ser um pensamento primário o que se segue, mas é por essas e outras deficiências no cumprimento dos deveres cívico-políticos que a República Brasileira tem passado por maus bocados, retardando destarte a hora maior da sua existência de nação-paradigma de outras nações.

- O voto excelso desta assembleia intelectual, com uma benevolência que me atordoa, designou-se uma das suas ambicionadas cadeiras de sócio efetivo.

Ocupou-a Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos, que, por inapagável atuação nos quefazeres gloriosos da casa, foi elevada ao sólio dos sócios honorários.

Com esta atitude, O Instituto criou para nós, mulheres que escrevemos, uma situação de positivo destaque.

Não sei explicar bem, mas parecia que a gente andava sozinha dentro de uma paisagem sem contornos, de uma planície batida pela seca da dúvida, do desconforto.

Converteram, porém, os lúcidos espíritos que animam o Instituto o isolamento de ontem na solidariedade de hoje, o que considero, falando por mim, uma democracia em letras.

Na verdade, os meus títulos literários estão muito aquém da importância do posto que venho ocupar, quanto mais que a minha antecessora é figura grandemente visível no cenário educacional patrício.

Para construir o seu elogio, bastava me servisse da qualidade de sua contemporânea, que acompanhou com os olhos do espírito o ciclo da sua vida profissional, e reler os trabalhos que, sobre Geografia, matéria a seu cargo na Escola Normal, estampou em publicações daqui e do Rio de Janeiro.[...]

Filha de um professor ilustre, o dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, antigo lente da extinta Escola Militar deste Estado, do Liceu e da Faculdade de Direito, herdou-lhe as tendências para os estudos sérios e profundos. Não se contentou com o que já sabia.

Assim, era paralisar-se. Bateu a mão aos livros. [...]

Srs. Membros do Instituto:

Foi excessiva a benevolência que me mandou participar do vosso convívio espiritual.

Agradeço-vos a glória em que nunca pensei, com que nem sequer sonhei, de ter entrada nesta casa, que representa o mais alto potencial científico e literário do Ceará.

Alba Valdez.

Discurso Sessão do dia 2 (Quinquagenário do Instituto do Ceará)¹⁸³

Distintas autoridades civis e eclesiásticas. Ilustres colegas do Instituto do Ceará. Meus senhores. Minhas senhoras.

O objetivo que ora nos congrega faz jus a uma interpretação abonadora dos movimentos da nossa vontade ao tempo que esclarece tendências do nosso espírito.

Articula na linguagem convincente dos fatos sabemos amar e honrar os rasgos de inteligência e de trabalho em que é fértil a história da nossa gente.

Admirável sísica do espetáculo, humanidade, na verdade, arrepiam do que, caminho nesta subtraindo-se à impetuosa corrida ao utilitarismo a supremacia do mando e das posições, à embriaguez dos prazeres materiais, para se acolherem no ambiente de uma solenidade puramente intelectual.

Ainda vive em nós — felizmente! —, rica de seiva a fibra dos que, em 1817 e em 1824, se bateram, sacrificando-se magnificamente por um ideal, dos que defenderam a honra da pátria nos banhados do Paraguai, dos que desbravaram as florestas amazônicas e incorporaram o Acre ao patrimônio nacional.

As nossas energias, caldeadas na dor, no sofrimento sempre em perspectiva, enfrentam, sem hiatos, o fatalismo cósmico que pesa sobre a terra singular que nos no serviu de berço, a qual, apesar de tudo, constitui no concerto nacional uma expressão das mais altas e harmoniosas.

É que perdura em nós a mística da pátria, que um marechal francês, Pétain, citado pelo, jornalista patricio Costa Rego, chamou a mística da recordação.

O Ceará é a terra do Brasil onde mais se sofre e, sendo assim, deveria ser pela lei da coerência uma terra de tristeza. Mas quem viu? No meio das ruínas da seca, da miséria que enegrece o lar, há momentos em que o homem exclama com ar decidido: “Desgraça pouca é tiquinho!”

A alegria, considerada por Michelet a quarta virtude divina, participa do seu substrato, insufla-lhe novas forças para a missão de viver.

Em 1887, uma elite de homens das nossas letras, atuada por uma exaltação de brasilidade, fundou o Instituto do Ceará, audaz empreendimento num meio onde ao sentido gregário dessa ordem se opõem fortes agentes destruidores.

Qual há sido, em regra geral, o destino dos nossos grêmios culturais?

Vegetações que morrem na primeira fase do crescimento. Algumas nem chegam a ter tamanhinho, perecem no embrião.

Quanto ao Instituto, até dá vontade de o comparar a essas árvores gloriosas do sertão, que se perfilam, as bravas raízes enterradas na areia ardente, o juazeiro, a oiticica – verdes que fazem gosto! —, resistindo a seca.

Não me refiro aqui à seca fenômeno físico, mas ao fenômeno moral. O desestímulo, a conspiração do silêncio, a crítica derrotista das igrejinhas, não será uma seca que abate e define o espírito?

¹⁸³ Publicado na Revista do Instituto do Ceará na edição de 1937.

Mas a pertinácia dos fundadores do Instituto e a dos seus continuadores anularam os efeitos maléficos. Sem um cérebro, entretanto, que se impusesse à tarefa social, a mais árdua de todas, de atrair, recompor, coordenar elementos, não ocorreria tão belo resultado.

Quero referir-me ao nosso venerando presidente, Sr. Barão de Studart.

Diz-se — suponho não irei enunciar nenhuma novidade — diz-se que o Instituto do Ceará é o Barão de Studart.

Que riqueza de expressão para ser aproveitada na biografia desse sábio, que não é somente um sábio. Mais do que isso. Um homem de tempera que, para atingir o seu ideal de progresso coletivo, luta até vencer.

O Barão de Studart é um símbolo. Sem ele o Instituto não existiria. Ao seu influxo, porém, cresceu, prosperou, projetou-se. Através das páginas do seu órgão oficial, a *Revista do Instituto*, comunica, aos centros culturais do mundo, na Europa, Ásia América, os seus trabalhos, que ferem a atenção de obreiros especializados.

Do expediente das sessões constam jornais e revistas que fazem permuta, escritos em idiomas exóticos, como o russo, o japonês e o árabe.

Não resisto à tentação de trazer à balha o seguinte passo, sucedido comigo numa dessas reuniões em que eu mirava e remirava um jornal árabe, folheando-o vagarosamente.

Na ocasião, tinha lugar vizinho ao meu ilustre confrade que, vendo aquilo, me perguntou curioso, olhar a reluzir contra os vidros dos óculos, - se eu sabia o árabe.

Respondi pela negativa, contrariando certa tática indivíduo modernista, que considera de pensamento primário o indivíduo que confessa a sua ignorância.

- Sabe isto? - Sei.

Mas, com franqueza, não sei para onde vai a língua árabe, sabendo, sim, que o seu país de origem fica muito longe. O avião e o rádio, é certo, tornaram o mundo menor, encurtando as distâncias; nem por isso, eu deixava de me admirar daquela visita do outro hemisfério.

Os 50 anos do Instituto alvoroçaram de alegria os trabalhadores desta casa. A festa decorre luminosa como sói acontecer com as festas da inteligência. Há palavra, o ritmo feiticeiro das ideias, criado por artistas da palavra, que já se fizeram ouvir.

Que fazer? Tudo em mim é fraqueza. A mulher é um ser fraco, propalam. Pois, da própria fraqueza, construirei a força necessária para comunicar as minhas emoções.

O panorama social cearense, no que concerne ao progresso intelectual da mulher, foi, até pouco tempo, de alcance mínimo.

Muito mais carecido de importância do que em qualquer outro trecho do território brasileiro.

A evolução, nesse sentido, se processou lentamente, aos milímetros, e nem podia deixar de acontecer assim, desde que é mister considerar o complexo de receios que comprimia a família de anos atrás num circuito erigido de preconceitos e superstições.

Estreitamente ligada ao lar por efeito do rigorismo educacional, sem maiores responsabilidades que as decorrentes dos afazeres domésticos, dos estudos feitos com certa limitação, a mulher visionava a vida menos pelo que possuía de real do que pelas aparências. O preparo intelectual ressentia-se do senso das realidades, convindo-lhe bem a terminologia de abstrato que os gramáticos conferem a determinados nomes.

Se tinha posses, estudava como interna no Colégio da Imaculada Conceição ou noutro estabelecimento particular de ensino secundário de Fortaleza. Não se compreendia uma menina rica, da sociedade, a instruir-se gratuitamente, nivelando-se com as pobres das areias e dos subúrbios. Naquele tempo era assim. Hoje, o *chic* é estudar fora, cursar o Colégio do *Sacré-Creur* ou de *Sion*, no Rio.

Na Escola Normal, estudavam as pobres, que se habilitavam para o cargo de professora, indo depois lecionar honestamente o que aprenderam durante o curso. Muita vez, estratificavam-se-lhes nos cérebros os conhecimentos adquiridos em virtude do isolamento da terra, distanciada da corrente civilizadora.

As ex-alunas dos colégios, essas, após a conclusão do curso, retornavam à casa paterna, e, sem o imperativo da necessidade, esqueciam aos poucos, pela ausência da ação de continuidade, boa soma do cabedal de instrução.

Ainda tinham horas de leitura, que reservavam aos romances de Escrich e George Ohnet e as poesias de Casemiro de Abreu, Castro Alves e Olavo Bilac, que surgira com a sua musa cálida, - poesias que decoravam e recitavam ao som da Dalila.

O viver social entretecia-se-lhes das distrações do Passeio Público, afamado em todo o Brasil, das aristocráticas festas dos clubes ou de casas de família, onde compareciam, acompanhadas dos pais ou de parentes,

O mundo, o verdadeiro mundo, contemplavam de longe. Os rumores do espetáculo extra-muros chegavam-lhes em notas confusas, desfalcadas em acento e quantidade.

As ideias que começavam a penetrar no seio das massas, trabalhadas por um pensamento renovador de velhas fórmulas sociais, tendentes a erguer o padrão da vida nacional, dar maior significação à raça, não conseguiam senão, por instantes, atravessar-se-lhes na imaginação cheia de quimeras e fantasias.

A filha deste céu não amava a pátria? Amava. Ora se não havia de amar o seu Brasil, um dos maiores e mais privilegiados países do globo, conforme aprendera nos compêndios de geografia nos tempos do colégio e da Escola Normal! Riqueza na flora, riqueza na fauna, riqueza nos minérios, riqueza nas reservas hidráulicas...

E clima a escolher – para todos os gostos. E terra à vontade – oito milhões e muitos milhares de quilômetros quadrados para todas as culturas.

Amava muito o seu Brasil. Intimamente nutria veleidades de ser homem para proporcionar-lhe um grande destino.

Bastava se lembrarem...

Em 1817, chava-se Bárbara Pereira de Alencar e, auxiliada por seus filhos e parentes, proclamou a 3 de maio do mesmo ano a república no Crato, aderindo ao movimento de Pernambuco, que fracassou.

Pagou a audácia patriótica com a prisão numa masmorra de Fortaleza, sendo depois transferida para uma cadeia de Recife e daí para outra na Bahia.

São passad sete anos. A fogueira da revolução reacende-se com as fagulhas de 17. A Confederação do Equador tem vida efêmera, seu presidente, Tristão Gonçalves, morre assassinado, ao cabo de poucos meses, nas proximidades do rio Jaguaribe. Então se esparge uma glória melancólica, a de sua esposa Ana de Alencar Araripe, que o acompanhava em todas as vicissitudes da sua vida política e agora traz o nome de Ana Triste.

Tempo da guerra com o Paraguai. Um jovem voluntário, risonho e entusiasta, reúne-se às fileiras que rumam ao teatro das operações. Os camaradas de armas olham-no admirados. Por onde passa o navio em que viaja, organizam-se em sua honra. A população traz o seu retrato.

Quem é o jovem voluntário da Pátria que provoca semelhante alvoroço de alegria?

É Jovita Feitosa, em cujo coração percutiu a afronta paraguaia.

Inicia a aventura sonhada nos sertões piauienses, onde se encontrava ao romper a guerra. Quer ir para lá matar paraguaios fizeram tantas ofensas às suas irmãs, as moças de Mato-Grosso.

Dentre as ruínas da seca, de 1877, que abrangeu este ano e os subsequentes, 1878 e 1879, seca tremenda, que o fúlgido gênio escachoante de Guerra Junqueiro gravou em alexandrinos imortais, - dentre as ruínas acabrunhantes, surgiu uma ideologia alta como o céu. A ideologia abolicionista. Não há maior fator de solidariedade humana do que a desgraça coletiva. O branco sofreu que a desgraça juntamente com o escravo – irmanados. E o branco apiedou-se do escravo. Houve uma revolução nas consciências. Libertar o escravo a todo transe.

E uma mulher era tangida por essa lufada heroica de civismo: Maria Tomásia Figueira Lima.

Depois desses episódios marcantes na sua existência social, a mulher retorna ao lar. Os mesmos deveres, as mesmas obrigações.

Antônio Bezerra, na sua obra *O Ceará e os Cearenses*, na página que dedica à mulher patrícia, desvenda nitidamente, apesar do tom apologético do enunciado, a cerca de arame farpado em que se encerrava a família de antes da guerra. Na verdade, a jovem recebe a luz

do sol e da instrução, mas veja lá como se utiliza da liberdade e da quota de conhecimentos adquiridos!

Enquanto isso, abusa-se do prestígio da modéstia. A cada passo emprega-se o termo – pedantismo. Se se imprime à palestra um aspecto mais elevado; se se destaca por maneiras mais polidas e elegantes, procura criar nova mentalidade em contraste com a existente, atribui-se tudo ao pedantismo, ao desejo de se salientar.

Nessa época, falava-se tanto em pedantismo, como, há pouco, não se deixavam em sossego certos vocábulos, tais como *dinâmico*, *trepidante*, *setor*, etc. Aliás, a crítica deprimente também atingia em parte os homens intelectuais.

- Olá, poeta! – cumprimentavam-no em sentido pejorativo, como se fosse um boêmio ou um desocupado.

A história tem analogias ou termos de comparação interessantes. René Pichon, na sua *Histoire de la Litterature Latine*, observa que para o povo latino, preparado para as conquistas políticas e militares, ler, escrever e pensar era nada fazer.

Conquanto já esteja modificado, o meio cearense ainda se ressentia das cogitações que colimem soluções mais práticas.

Pensando-se no Ceará, vem logo a ideada seca, da eterna luta do homem contra a natureza. Não se pode prescindir do meio biológico nas manifestações do espírito. A inteligência carece de um clima propício, de uma agradável tranquilidade, de uma liberdade criadora, para se entregar com eficiência às suas tendências literárias e artísticas. E a prova está em que a maioria dos nossos grandes homens se fez longe da terra natal. A mulher de letras do Ceará teve princípios ásprios, concorrendo para isso, como já foi dito, o isolamento da terra, sem o contato direto da civilização, a rigorosa educação familiar e os conceitos desairosos, que sobre o cérebro feminino atiraram certos filósofos.

Entre estes, o que mais se notabilizou na campanha inglória foi Schopenhauer, cujas teorias, condensadas em pessimismo vesânico, fizeram a volta do globo e, como era fatal, aportaram às nossas plagas. Fazia gosto ouvi-las repetidas até pelos rapazinhos imberbes.

Mas mudam-se os tempos e mudam-se os costumes. E certas filosofias também. O dito foi envelhecendo, até que envelheceu de todo, caindo no obsoletismo.

Nesse ínterim, a mulher trabalhava pelo aperfeiçoamento do seu eu, interessando-se pelo pelos problemas sociais.

No volume *Para a História do Jornalismo Cearense, 1824-1924*, um século, por conseguinte, o ilustre Barão de Studart registra 17 periódicos, entre impressos e manuscritos, dirigidos por senhoras.

O primeiro surgiu em 1875, numa sequência apreciável província de anos prósperos, que colocavam a antiga província do Império em situação excelente, advinda de continuados invernos.

Chamava-se O Lírio e era manuscrito. Para começar, um nome bem achado. Nome de flor bela e perfumosa. Para que que chamar-se, por exemplo, *O Combate*, *A Reação*, que ressumam truculência?

Dois anos mais, aí vem a seca de 77, que é como quem diz doença gravíssima e convalescença prolongada, que absorvem a mulher em incessantes misteres, preocupações e cuidados domésticos.

Não obstante, percebera-se os pródromos do movimento abolicionista, que despertam os estros de Emília de Freitas e Francisca Clotilde. Elas estreiam as colunas dos jornais com a comovente música humanitária das suas estrofes.

Em 1888, no cenário do periodismo indígena, assinala-se o aparecimento de *Evolução*, redatoredada por Francisca Clotilde, Antônio Duarte Bezerra e Joaquim Fabrício de Barros, e daí por diante mais de uma dezena de revistas literárias, fundadas em Fortaleza e em diversas cidades do interior.

Algumas atingiram anos de idade, circulando não só dentro do Estado, como fora dele, mantendo larga permuta; exemplo: *O Astro*, fundado em Baturité pelas irmãs Amélia e Olga de Alencar com a que a pessoa que dirige a palavra a esta assembleia ilustre, fundaram a 26 de julho de 1904 a Liga Feminista Cearense, a primeira agremiação feminina, de fins culturais, que o meio possuiu.

Outra publicação feminina nas mesmas condições é *A Estrela*, surgida também em Baturité pela ação progressista de Antonieta Clotilde, filha dessa mulher de talento que se chamou Francisca Clotilde, jornalista, poetisa, dramaturga e romancista.

Observa-se ainda na vida jornalística cearense um caso, que é o do hebdomadário católico *O Rosário*, de Aracati, fundado em 1908 por D. Maria Felismina, com tiragem de 300 exemplares, o qual, no número comemorativo do primeiro aniversário, constou de 12 páginas, espalhando uma edição de 1.200 exemplares. Citam-se ainda individualidades femininas que, se não fundaram jornais, pelo menos deram às suas colunas o lustre de uma inteligência engrandecida pelo estudo e pelo móvel que as arrastou ao torvelinho da publicidade.

Estão nesse caso Ana Facó, modelar figura de educadora, e outros espíritos femininos que, no jornalismo, exerceram atuação didática, literária ou doutrinária.

É pouco, é quase nada! – opinarão alguns. E eu replicarei: - É movimento. É vibração.

Pesados, *ultima ratio*, os motivos de ordem geral, o meio ambiente com os seus prejuízos e mentalidade estática, a falta de convívio espiritual, onde tivessem notícias do progresso que civiliza, todas as circunstâncias, enfim, oriundas do clima social, que enlanguescia qualquer floração estranha – essas mulheres projetaram-se para o alto. Excederam do tempo e do espaço. Bem merecem que se as relembre com admiração e simpatia.

Alba Valdez.

Uma conversa no Café Art-Nouveau¹⁸⁴

Esse começo de julho, com a preparação prévia de alguns dias se passara todo o bem dizer, de baixo de fortes panadas de chuva.

Não só Fortaleza se encharcava de aguaceiros vagabundos em pleno verão, também nos núcleos agrícolas de Quixeramobim, Pedra Branca, Boa Viagem e outros se manifestava o indesejável fenômeno

Outra espécie de seca que, a continuar nessa marcha seria muito capaz de prejudicar a safra de algodão e converter em palhiço podre as culturas próprias da estação.

Os corações sertanejos estavam uma trisquinha... Ave Maria, de mais flagelo!

Na verdade, uma coisa de fazer confusão a tal seca molhada.

O inverno que findara tinha sido velhaco, salteado, de chove e não me molha. E ainda mais, no baixo Jaguaribe, região de léguas e léguas de carnaubais famosos, de solo adubado valendo por uma riqueza, o secão verdadeiro, de sol, laborava de rijo.

Aos primeiros sintomas da crise, a imprensa citadina deu o brado de alarme, brado em unísono de nove jornais diários, entre matutinos e vespertinos, clamando do governo providências urgentes.

A mesma página tantos inseria notícias chocantes do sol, mesmo que fogo, comburindo a natureza jaguaribana, como o estrago das chuvas desbandeiras noutros lugares. Os jornais governistas emprestavam tintas menos nítidas à calamidade local engolfados que andavam na efervescência do caso político da sucessão presidencial da república, caracterizado na luta de Princesa e na agitação latente que lavrava no resto do país.

Por outro lado, distinguiam-se os órgãos oposicionistas e independentes no arfã de minorar os males dos jaguaribanos, males que, possivelmente, se refletiriam na economia geral.

Um diário novato, *Trincheira*, independente e noticioso surgia dentre os colegas como o que mais amiúdo se referia ao assunto, ministrando-lhe doses de interesse progressivo.

Desligado de partidos políticos, por decepções sofridas Fábio Lelis, diretor, baixo, rosto vermelho (parecia que o sangue vivia espirrando através da pele), fundador de três jornais com esse, queria que o *Trincheira*, fosse antes de tudo, um órgão dedicado ao bem público.

¹⁸⁴ Publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras*, edição de 1938. Também foi publicado por Silva (2019).

- O país—conforme a sua exuberante expressão – carecia era de homens, de forças organizadas, dinâmicas, patrióticas, que o levassem para a frente.

Até pensou em batizar a nova folha com o nome de *Brasilidade*, palavra da moda. Não sabia como pegara o de *Trincheira*, com ressaibos de peleja, batalha.

Não estava mau, não; ao contrário, muito expressivo, muito significativo, muito coerente com a época, cumprindo esplêndido programa.

A prática e a experiência adquiridas no seu passado de imprensa, concorriam imenso para a robusta viabilidade de *Trincheira*.

Foi na fluência do mês de abril – nem abril parecia de seca e quente – que abancado no Café Art-Nouveau, o mais popular da Praça do Ferreira, o acicatou a ideia, melhor, se lhe fortaleceu a terceira tentativa.

A ideia, essa vinha de longe. Todo indivíduo tem um “fraco”. O dele era ser jornalista. Desde pequeno que o assaltou essa mania, garatujava bandas de papel e ia ufano, mostrava-as aos colegas da classe, dizendo-lhes que era o seu jornal. A princípio, não traziam nomes.

Embaraçou-o, por algum tempo, a escolha do título, até que um dia, ouvindo a criada queixar-se em casa, à sua mãe, de que o quarto dela estava empestado de cafute de galinha, a ponto de não poder dormir direito, achou o termo engraçado e aproveitou-o.

Não tardou que enjoasse a denominação. O *Cafute!* Queria o que! E toca a botar nomes nas folhas garatujadas. A inibição manifestara-se apenas no começar.

E lá se veio *O Garoto*, e lá se veio *O Binóculo*, e lá se veio *A Inúbia*. Este, sim, era um nome *daclí!* Deparou-se-lhe por ocasião de estudar a lição de história, referente aos primeiros habitantes do Brasil, com quem simpatizou.

“Eles usavam a inúbia, terrível buzina, que soava no meio dos combates.”

Achou o nome bonito como o diabo. Meteu os pés, deu quatro pulos e meio com toda força, enchendo a sala de gritos estridentes.

A mãe, desembocando do compartimento próximo, onde conferia com a lavadeira o rol da roupa, interpelou o filho, agastada: - Que doidisse é essa, Fábio? O povo da rua era capaz de estar espiando as janelas afim de ver que absurdo seria aquele na casa deles.

- Espera cabrito! E trompasso para criar lei de gente.

Foi o primeiro percalço da carreira do jornalismo, mas Fábio não ligou ao trompasso materno que tinha sido coisinha de nada.

Doido de alegre estava ele pela descoberta. Eita, negrada! Tinha nome para o jornal, que se chamaria definitivamente *A Inúbia*.

Com *A Inúbia*, excedeu-se em carinhos; com paciência e pertinácia, arranjava-lhe cabeçalhos em letras garrafais, cortadas de vários jornais e pregadas com espesso grude de goma.

Em tipo menor, no meio da linha seguinte lia-se a indicação:

Redator-chefe – Fábio Lelis

A garotado do colégio num fecha-fecha medonho, distribuía ombradas entre si debaixo de uma frondosa castanholeira do Parque da Liberdade, para onde, depois das aulas se escapulia iludindo a vigilância do professor Castelo, curiosa por verificar se o respectivo nome constava da lista de aniversários ou se servia de pretexto a alguma pilhéria, porque o jornal também praticava o humorismo.

Através desses ensaios, bem cedo, Fábio Lelis teve a intuição de que a imprensa era uma arma poderosa e, pelo tempo adiante, convenceu-se de que ela há feito mais revoluções que as outras.

Tal convicção foi vinte anos depois a gênese da *folha Moderna* e da *Voz do Povo*.

Estirou o lábio inferior, traindo a displicência que o dominava.

Não era sem pronunciado travo que, nesse instante, apoiado à banca do Art-Nouveau, ele, que não possuía nada de meditativo, de concentrado, volvia um olhar retrospectivo para a *Folha Moderna*, que se delira, para *A Voz do Povo*, que emudecera.

Surgindo como veículos de propaganda política, os vespertinos desapareceram após existência precária, de um ano ou pouco mais. Os seus incentivadores, políticos profissionais, uma vez alcançadas as posições ambicionadas, acabaram roendo a corda, atirando ao rol do esquecimento as fascinantes promessas e os compromissos assumidos.

E agora, fora do seu clima – a sala da redação, onde entrava muitas vezes no decorrer das 24 horas, levando notícias, catadas aqui e acolá, as oficinas, os companheiros, o pessoal operário -, Fábio Lelis, que tinha a mística do seu jornal, sentia a acre sensação do isolamento.

Achou-se insignificante, inerte, inofensivo. Que coisa deprimente! Um vinco cavou-se-lhe entre as sobrancelhas largas e falhadas. Ficou imóvel, jururu.

E talvez continuasse, por mais algum tempo, mergulhado na depressão moral que lhe relaxava a libra, não obstante o ruído em torno, de falas, o tinir de copos e xícaras, o estourar de rolhas, a agitação, lá fora da massa popular que formigava na Praça afogueada, se não fosse uma palmada amigável, estalada no ombro.

Desenrolou-se no mesmo instante, voz grossa conhecida:

- Oh! companheiro velho de lutas! Como vai essa força?

A prega de entre as sobrancelhas desfez-se-lhe. Era o José Maria Braga, ex-secretário da *Folha Moderna*, da *Voz do Povo*, o Zé Maria que, com ele mais o Paulo Estevão, o Abdoral Pinto e Melo Cruz, formaram há dois anos a “quíntupla aliança”, de grata recordação.

A ela se deveu a existência intelectual dos dois jornais que apesar de obedecerem a um programa político – e isto constituía motivo de orgulho a “quíntupla” -, nunca desceram à lama das retaliações pessoais, no mais aceso da pugna.

Zé maria, bom elemento, uma fera no desempenho das suas funções, amando o idioma pátrio como amava a mulher e os filhos, fora proclamado “secretário perpétuo”.

Mas, os diários morreram como uma vaga morre após outra e dá “quíntupla aliança” só restavam eles dois ali, porque os outros companheiros, desiludidos e determinados, pouco depois resolveram abandonar o meio e ir cavar a vida no Rio e em S. Paulo.

Zé Maria chegava mesmo em boa hora. Arrastou uma cadeira metida debaixo da banca, sentou-se com todo o peso da figura meio repolhuda, dirigindo-se novamente a Lelis que, já desanuviado, pediu dois cafés.

Um sorriso que reservava apenas para os íntimos, expandia-se na face larga do recém-chegado, à qual os frequentes derrames de bÍlis imprimiam um colorido de limão maduro:

- Então! Resistindo aos sacolejos do fadário, hem, Lelis velho?

Este concordou no mesmo diapasão, como se nunca sentisse por dentro outra coisa que não uma constante, uma incoercível coragem.

- Resistindo sempre, meu caboclo, sempre resistindo, embora esteja, perceptivelmente, nitidamente, plagiando o Cipriano. Que não é plágio neste mundo?

Respirou com força o pesado ar da sala, onde se espalhava um fartum de bebidas, prosseguindo sem prestar atenção ao que ia perguntar ao camarada:

- Conheceste o Cipriano?

Zé Maria abanou a cabeça de certo jeito. Era o mesmo que lhe interrogassem se assistira em pessoa ao descobrimento do Brasil.

Respondeu por isso, vivamente:

- Eu, não.

- Nem eu. Mas o velho Felício Marvila, pai do Reinaldo Marvila – explicou Lelis -, o conheceu e disse-me alguma coisa. O velho farejou o meu gosto pela história da cidade, a antiga e a moderna, e quer representar de sucursal do Banco o histórico Banco, a fenomenal instituição da Praça do Ferreira, a qual não escapam os menores acontecimentos da urbs, pretéritos, presentes e porvindouros.

- Cipriano era um amalucado alto e magro, que divertia os malandros da Praça do Ferreira atravessando inopinadamente na frente de um transeunte desprevenido para dizer-lhe (uns olhos pretos, parados, deste tamanho!), com voz e sotaque esquisitos, puxando pelos rrr:

- Churando sempre e sempre churando, hem?

O velho Marvila que nesse tempo era novo e nação gostava de deitar água a pinto, referiu-me que uma tarde, passando na Praça, cujos bancos se achavam repletos de frequentadores, estes gozando a doce claridade vespéral, esses lendo os jornais que saíam, aqueles palestrando animadamente, percebeu um vagabundo indica-lo ao maluco:

- Olha, Cipriano, aquele que vem ali!

- Espetáculo por espetáculo, tudo, menos servir de risota num local tão público como aquele – pensou.

Quase que ia havendo um rolo bruto, ele metendo o braço no vagabundo.

- Zé Maria gaiteou um riso incrédulo, derrotista:

- Fumaças! O de que ele toda a vida gostou foi pegar no bico da chaleira, como o filho que anda agora metido com os governistas.

(Capítulo inicial de um romance em preparo).

Alba Valdez.

Barão de Studart: a sua operosidade intelectual¹⁸⁵

Como um firme e vigoroso traço a sublinhar os diversos aspectos da personalidade do Barão de Studart, médico, católico e historiador, manifesta-se a sua operosidade intelectual, que, pode-se dizer, se exerceu até a última fase da sua notável existência.

Trabalhou sempre, jamais cansou.

Trabalhou tanto, que a pequena estatura, contrastando com o grande espírito vergava mais pelo longo sedentarismo da vida de gabinete do que pelo lastro dos anos.

Dedicou-se tanto às pesquisas e aos estudos, para a construção da sua vultosa e substancial obra histórica que se lhe apagou a luz das pupilas.

Trôpego e cego! Outro se mergulharia na inatividade que é o aniquilamento. Nele, porém, o homem intelectual estava acima do homem físico. Aquele sobrepujava, anulava este.

Era a célula mais dinâmica do Instituto do Ceará. Durante anos a fio, foi o sustentáculo da sociedade, a qual faltava o calor das sessões, a seiva gregária.

Os companheiros de luta, uns haviam tombado para sempre, outros rumado novos horizontes, outros fraquejado, porventura, no caminho de aclives e declives fatigantes.

As agremiações literárias e científicas, entre nós, tinham, em regra geral, a durabilidade dos fogos de palha.

Mas, os observadores da evolução mental ficavam como que traspassados de surpresa com uma coisa que se estava passando no meio ambiente, [*****].

Alba Valdez.

Três poemas de Machado de Assis¹⁸⁶

(A ilustre escritora alba Valdez recitou “A mosca azul”. O “Círculo Vicioso” e “A Carolina”, antecedendo de rápidos e judiciosos comentários cada uma dessas pequenas obras-primas.)

Na sua invulgar construção literária, de arte sutil, Machado de Assis se caracteriza por uma filosofia cuja essência é a dúvida, quiçá a negação.

Pesaram sobre a sua existência determinismos que fizeram dele o analista profundamente amargo das intenções e dos atos humanos.

O bem e o mal se confundem, e não há distingui-los nas figuras que o seu gênio delineou com a tinta do humor e do sarcasmo.

Na filosofia machadiana, a vida instila um desencantamento contínuo, não apresenta um conteúdo de compensações, e o sonho que ilumina, pela instantaneidade e brilho fugaz, é a “mosca azul” destas estrofes admiráveis:

(POEMA “A MOSCA AZUL”)

¹⁸⁵ Publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, edição especial de 1938, em homenagem póstuma ao Barão de Studart. Texto inédito encontrado por esta pesquisa que amplia a bibliografia de Alba Valdez.

¹⁸⁶ Publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras*, edição de 1939. Texto inédito que inserimos na bibliografia de Alba Valdez.

Ninguém está contente com a própria sorte. O homem vive atormentado pelo desejo, e o desejo que é tonel das Danaídes, do mito grego.

A objetiva psicológica de Machado de Assis surpreende-o vacilante, sem orientação para se elevar ao seu destino.

O vagalume, ai!, quem lhe dera ser a estrela! A estrela aspira ser a lua. A lua deseja ser o sol. E o sol, ai! O sol quisera ter nascido um simples vagalume...

(POEMA "CÍRCULO VICIOSO")

Machado de Assis, pelas contingências da sua vida, foi cético e distante. Um forrado de puro intelectualismo.

Amou intensamente o mundo que lhe envenenou a natural alegria de viver. Era lógico que fugisse ao seu contato, vingando-se impiedosamente dele com a lâmina da inteligência, embebida em ironia e em sarcasmo.

No entanto, permaneceu um afetivo, apesar da sua atitude intelectual, traindo-se-lhe o coração transbordante de sensibilidade neste soneto.

(POEMA "A CAROLINA").

Alba Valdez.

ANEXO C: PUBLICAÇÕES DE ALBA VALDEZ EM ALMANAQUES

Paisagem polar¹⁸⁷

A aurora boreal ilumina tibiamente a paisagem sem horizontes serenos, sem a florestação verde que fala as aragens errantes, sem as montanhas que se azulam à distância e trazem ao pensamento a visão intangível de um sonho baixado na escala ideal do louro cintilar dos astros: um ninho bucólico suspenso na aba da serra, tendo por docel árvores que florejem e espalhem pétalas e aromas nos caminhos feitos ao acaso, por onde vaguei ao cair das belas tardes tranquilas casal enamorado e feliz.

Erguem-se no vasto descampado moles de gelos, grandes monumentos brancos de bizarros feitios. O silêncio impera; nenhum trilho de pássaro, nenhuma voz humana. Um frio cortante que mata paira no ar carregado de brumas...

Passam-se longos tempos para surgir o dia, repontar o sol. Que alegria no coração do mesquinho esquimó enterrado vivo na cova obscura que são os seus penates cavada na base de um *iceberg* centenário!

Ei-lo a pisar na neve fulgurante, a vislumbrar folhinhas que verdejam na alvura imácula do solo; ei-lo no mar cheio de escolhos, sobre o frágil lenho, buscando provisões para a seguinte hibernação, que é quase um doloroso desviver de anos daquela existência de aspirações limitadas.

O sol! O sol! Canta nas arestas dos gelos eternos o seu poema de luz; tem vibrações de pássaros coloridos de folhas e corolas, murmúrios de águas correntes. Parece que a deusa Primavera agita a sua roupagem encantada [*****] semeada de ninhos e de flores. Salve, ó sol!

Almas há como a terra longínqua dos polos amortalhada de gelos; bastaria para transforma-las que sobre elas descesse a irradiação salvadora do amor.

Alba Valdez.

Última prova¹⁸⁸

Odeio-te. Todo aquele imenso afeto que te dei um dia e do qual o teu capricho louco teve tantas vezes a prova, vi-o definhar e morrer numa agonia lenta, ainda mais dolorosa pelo soluçar contínuo da saudade.

Ela evoca os doces instantes do idílio puro de nossa juventude matizada de sonhos róseos do futuro e como por magia flutuava no ar branda harmonia deliciosa – quem sabe o eco fugitivo e longe da tua voz sempre bela e sempre enganadora.

De tudo, de todas essas minudências adoradas fiz um passado mui remoto do qual não queria recordar-me como importuno. Tornei-me forte: uma alegria selvagem sem causa, vinda não sei donde, um desdém profundo encheu-me o coração e a tua imagem (nunca ela cessou de aparecer-me) confundi-a com outras que passavam.

Salvou-me o orgulho. Como seria desoladora a soledade de minha vida se a perseguisse a lembrança irizada de outros tempos.

Esqueci-te. Já não existe aquele amor exclusivista das almas virgens, e sinceras que te dei um dia...

Ante mim estão as tuas cartas que vou reler sem comoção, friamente, como quem decifra carcomidas antigualhas para distrair horas ociosas.

Volvamos ao passado com a serena coragem dos heróis.

¹⁸⁷ Publicado no *Álbum do Dr. Cintra Luis*, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras*, para 1905. Também publicado por Silva (2019).

¹⁸⁸ Publicado no *Almanaque da comarca do Amparo*, edição de 1905. Texto inédito que acrescentamos a bibliografia de Alba Valdez.

Foi esta, exatamente esta a primeira. Lembro-me bem... noite de agosto quando a guardei. O luar de ouro bailava nas alturas e alguém atravessava a rua soltando descantes ao som magoado do violão; talvez um amante, porque não se vagueia assim pela calada da noite dando serenata `ronda luminosa do infinito sem uma confiança que lhe transmite, de júbilo ou melancolia.

Eis a primeira folha de papel de linho rescendendo à vago olor de rosas que se abrem... mas, que pranto é este que em fio me desces pelas faces?

Então era fictícia essa alegria que transbordava de todo o meu ser; não passava de uma mentira esse ódio que me nutria e o que julgava extinto, simplesmente chama que crepitava sob cinzas.

Ah! coração covarde!

Fortaleza.
Alba Valdez.

Carta de Alba Valdez ao redator do Almanaque da Comarca do Amparo¹⁸⁹

Fortaleza, 18 de março de 1905.

Ilustre confrade Sr. Pires de Godoy.

As senhoritas Alencar, redatoras d'O *Astro*, vieram trazer-me ontem, à noite, um exemplar do *Almanaque do Amparo*, dentro do qual encontrei o n. 37 d'O *Trabalho*, de Nova Louzã, ilustrado com o retrato de V. S. O inspirado poeta paulista, oferecendo-me aqueles mimos preciosos, proporcionou-me o agradabilíssimo ensejo de o conhecer através de sua vasta inteligência que se manifesta brilhantemente em maviosos versos e bem manejada prosa.

A leitura do Almanaque tomou-me boa parte da noite e toda a manhã de hoje e posso dizer-lhe, sem lisonja, que a impressão que dele me ficou foi deliciosa; ali se acham consagrados o ameno e o útil, um para vida do espírito, outro necessário à realidade. O excelente anuário é um repositório de incontestável valor que honra a importante cidade do Amparo, divulgando não só sua prosperidade e adiantamento material e moral, como dando uma ideia do que é a atividade dos seus filhos. Admiro como V. S. depara dificuldades para a sua publicação! É uma verdade inegável e desoladora: em quase todo o Brasil nota-se essa indiferença criminosa que o povo vota às letras e a todas as manifestações do pensamento culto, como se delas não emanasse a luz poderosa que circunda de esplendor as grandes nações.

Como cearense, tocou-me ternamente a alma aquela transcrição resumindo o imortal poema de Alencar – *Iracema* – e também não devo olvidar aqueles trabalhos intitulados “No Ceará”, que tem por objeto a seca. Ah! lá no Sul jamais avaliarão as desgraças de nossa terra, continuamente envolta num ambiente de fogo! De nada valem as esperanças do futuro, o trabalho incessante, o esforço tenaz, atingindo as raias da desesperação; surge o sol, impiedoso déspota, como todos os tiranos, destruindo e aniquilando... Vem a miséria e a morte! Quem pode lutar com o céu?

Surpreendeu-me estampando no seu formoso *Almanaque* aqueles trechos medíocres que escrevi alhures; resta-me atravessar espiritualmente a distância e depor aos seus pés as flores imarcescíveis de minha gratidão. Obrigadíssima.

E como retribuição e insignificante de tanta gentileza fidalga, aceite a visita que lhe faz em efígie.

Alba Valdez.

¹⁸⁹ Carta publicada no *Almanaque da Comarca do Amparo*, edição de 1905. Texto inédito que inserimos na bibliografia de Alba Valdez.

Fauce do abismo¹⁹⁰

O homem encerra no espaço limitado de seu Eu material o infinito do desejo que tem o insondável do céu e os caprichos indomáveis do mar.

A vida moderna, com os seus múltiplos aspectos e a civilização argumentando cada vez mais a visualidade do espírito, concorrem para esta vacuidade que se não povoa, para esta solução de continuidade que se não integra.

Não há sistema filosófico que obste a irrupção violenta do desejo, o qual assume modalidades várias conforme o estado e a idiossincrasia individual; quando muito consegue vê-la o esforço de uma vontade heroica, a aquiescência de uma piedosa resignação cristã.

Pobre – quem não ambiciona o ouro?

Nas choupanas, carecidas de solidez e conforto, o sol diminui o potencial das energias vitais, a chuva fustiga a face e encharca os ossos.

As madrugadas tornam-se mais frias e os meios dias têm mais rescaldo.

O estômago junta-se à espinha e a epiderme, mal abrigada, arrepiada-se ao brando sopro do vento.

O ouro transforma o casebre em palácio, o pão negro em vitualhas saborosas, os andrajos em roupagens magníficas.

Obscuro – quem não sorri à popularidade glorificadora?

Por ela o argonauta da ideia consome-se em noites mal dormidas, pedindo aos lumes estelares uma parcela do seu brilho, às harmonias da natureza a consonância inédita que ponha em relevo a obra da sua imaginação febril.

Escritor, pintor, estatuário ou músico, a sua preocupação constante é a palavra que comove: o matiz que deslumbra, a linha que apaixona, o som que arrebatava.

Em troca desses júbilos divinos, - o gesto que aplaude e proclama. É pouco, talvez, mas o artista, por ele, ajoelha-se e morre.

Sozinho – quem não idealiza a doçura de um afeto.

A existência é uma inutilidade quando passa muda e desamparada da amizade e do amor.

Em ambos os sentimentos, a felicidade manifesta-se diversamente.

Uns são felizes, porque amam; outros, porque são amados.

Força oculta tende a aproximar os seres, que se harmonizam, se abraçam e confundem. Tudo obedece a esta coesão indispensável, sem a qual a vida se não explica.

Não servir para alguma coisa, não ser necessário a outrem, vagar esquecido como o verme que icoleia no solo... Como são infelizes os que nunca inspiraram ou sentiram uma saudade!

O homem esbarra de desejo em desejo. Em cada viver há uma ausência que se deplora.

Atende por mais de um nome: no leito do enfermo, chama-se saúde; na sombra do cárcere, chama-se liberdade; na efervescência das paixões, chama-se paz.

No pobre ou no milionário, no ignorante ou no sábio, no pequeno ou no potentado, o vazio se escancara, impenetrável e eterno. Daí não é de estranhar que os ricos, os grandes por outros títulos, os fartos da vida desejem, às vezes, a pobreza, a obscuridade e a morte.

Fortaleza, Ceará – novembro, 1913.

Alba Valdez.

¹⁹⁰ Publicado no *Almanaque da Comarca do Amparo*, na edição de 1914. Produção inédita que nossa pesquisa soma a bibliografia de Alba Valdez.

ANEXO D: PUBLICAÇÕES DE ALGUNS AUTORES COM REFERÊNCIA A ALBA VALDEZ

O Dragão do Mar**D. Alba Valdez**

Envio-lhe muito saudar.

Peço licença para reestabelecer a verdade histórica sobre Francisco do Nascimento, o dragão do mar.

Este nosso companheiro da campanha abolicionista não foi ao Rio em uma jangada e sim a bordo do vapor “Espírito Santo”, com dois companheiros, levando a jangada, a qual, fundeado o navio foi lançada ao mar e sulcou a Guanabara até o cais.

Francisco do Nascimento era prático-mor, e não jangadeiro; nunca foi, como reza a lenda ao Recife roubar escravos.

Há uma figura completamente apagada hoje, a do liberto José Napoleão, que grandes serviços nos prestou nos memoráveis dias de nossas lutas contra os negreiros.

Felizmente os grandes generais da abolição, José do Amaral, João Cordeiro, João Carlos da Silva Jataí, Izac Amaral, ainda vivem e podem dizer se é ou não verdade o que afirmo.

A propósito da estátua que querem levantar ao dragão do mar, escrevi àqueles amigos sobre a individualidade e serviços de Francisco do Nascimento e as respostas deles pretendo inserir uma memória sobre o elemento servil no Ceará, que estou escrevendo.

Do seu confrade e grande admirador.

Rodolfo Teófilo.

O jangadeiro Nascimento¹⁹¹

Sr. Redator d “O Nordeste”,

Lendo um dos últimos números do vosso conceituado jornal, deparei-me interessante “carta-bilhete” do sr. Rodolfo Teófilo, dirigida à escritora cearense d. Alba Valdez, em a qual ele afirma que Francisco do Nascimento, não era jangadeiro e sim prático-mor.

Bem sabemos em que se funda a asserção de ***; mas, contudo, faz-se preciso esclarecermos o caso em apreço.

Francisco Nascimento quando em 1863, mais ou menos, chegou à Fortaleza, era um modesto jangadeiro, trabalhando em pequenos “cuters” e jangadas, conforme testemunho do velhinho pescador Francisco Costa e outros contemporâneos que ainda hoje residem na cidade de Aracati.

A sua primeira nomeação foi para o lugar de 2º prático do Porto de Fortaleza, por ato de 8 de junho de 1874, do sr. Conselheiro João Joaquim Rodrigues Pinto.

Mais tarde, isso em 1880, assumia, então, o exercício do cargo de prático-mor, do qual fora suspenso em 3 de fevereiro do ano seguinte, por ter tomado parte nas festas abolicionistas que se realizaram em Pacatuba. Devido a valiosa intervenção de seu grande amigo, ficou sem efeito o ato arbitrário que suspendera.

Reconhecendo os relevantes serviços prestados pelo legendário “Dragão do Mar”, o Governo Provisório, por Carta Patente de 4 de dezembro de 1800, nomeou-o para o posto de Major Ajudante d’Ordens, Secretário Geral do Comando Superior da Guarda Nacional da capital do Estado do Ceará.

Foram estes os cargos mais importantes ocupados por Nascimento.

Aqui fica, portanto, retificada a afirmativa do sr. Rodolfo Teófilo, podendo estes dados servirem para a Memória que está escrevendo sobre o elemento servil do Ceará.

Com os meus agradecimentos pela publicação desta, sou vosso amo. atto. grto.

J. Neto

Fort. 21/VII/1923.

¹⁹¹ Publicado no jornal *O Nordeste*, na edição de 24 de julho de 1923.

